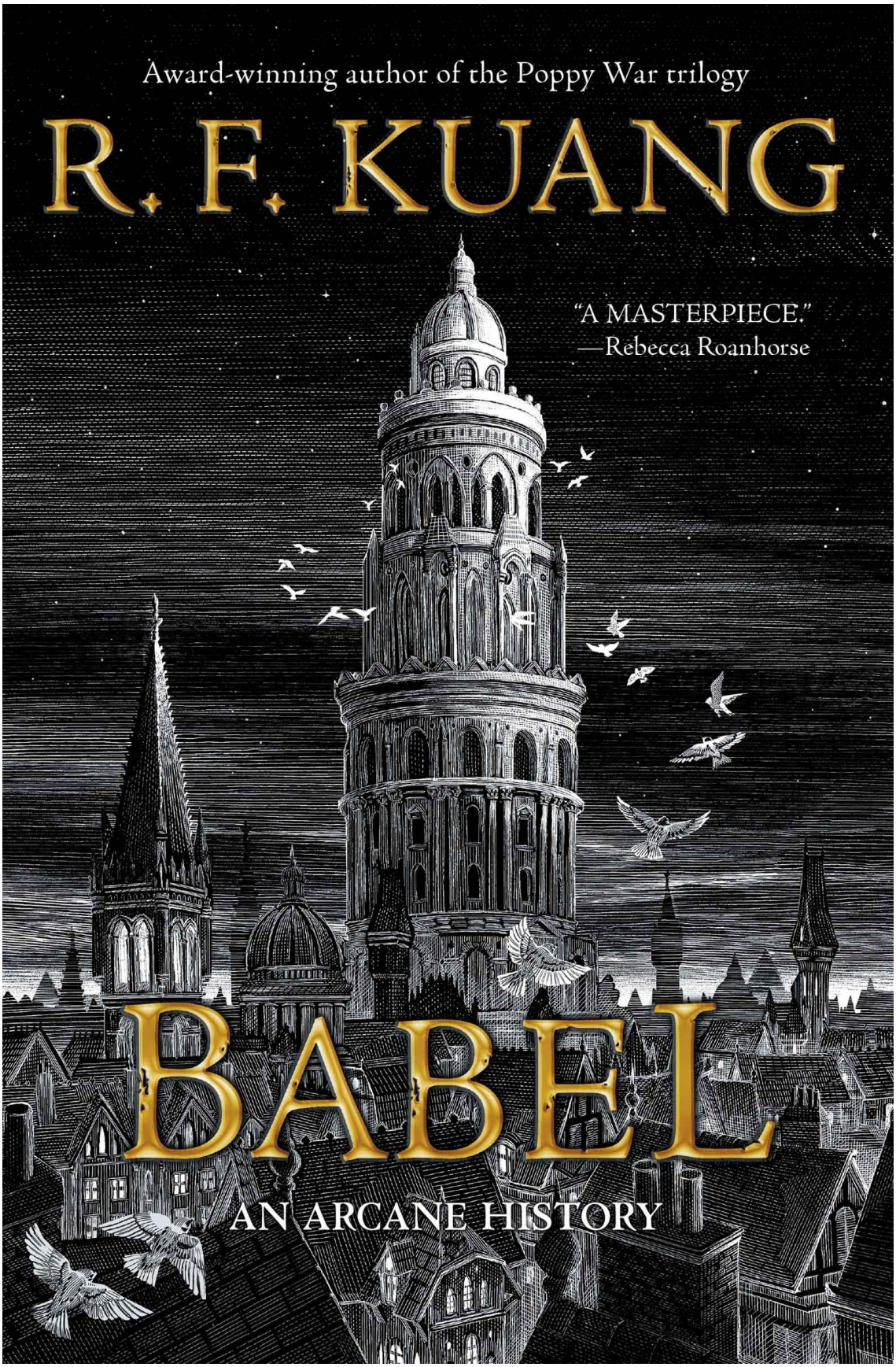

Award-winning author of the Poppy War trilogy
R. F. KUANG
"A MASTERPIECE."
—Rebecca Roanhorse
BABEL
AN ARCANE HISTORY

Índice

Folha de rosto

Cidade de Oxford

Mapa Babel

Dedicação

Conteúdo

Nota da autora sobre suas representações da Inglaterra histórica e da Universidade de

Oxford em particular

Livro eu

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Livro II

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Livro III

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Interlúdio

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Livro IV

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Livro V

Interlúdio

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois

Capítulo Trinta e Três

Epílogo

Reconhecimentos

Sobre o autor

Também por RF Kuang

direito autoral

Sobre a editora

BABEL

OR

THE NECESSITY OF VIOLENCE

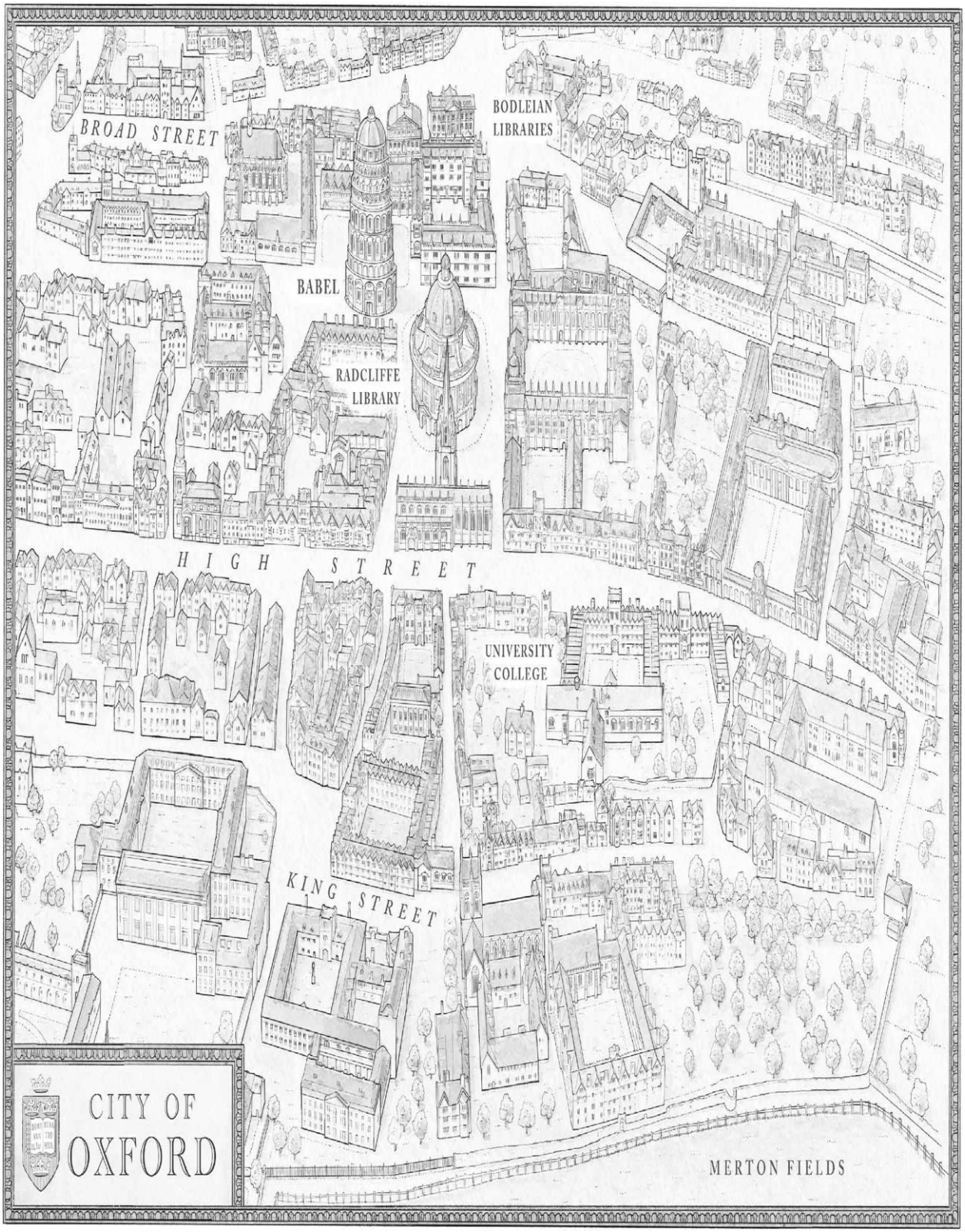
An Arcane History of the Oxford Translators' Revolution



R.F. KUANG

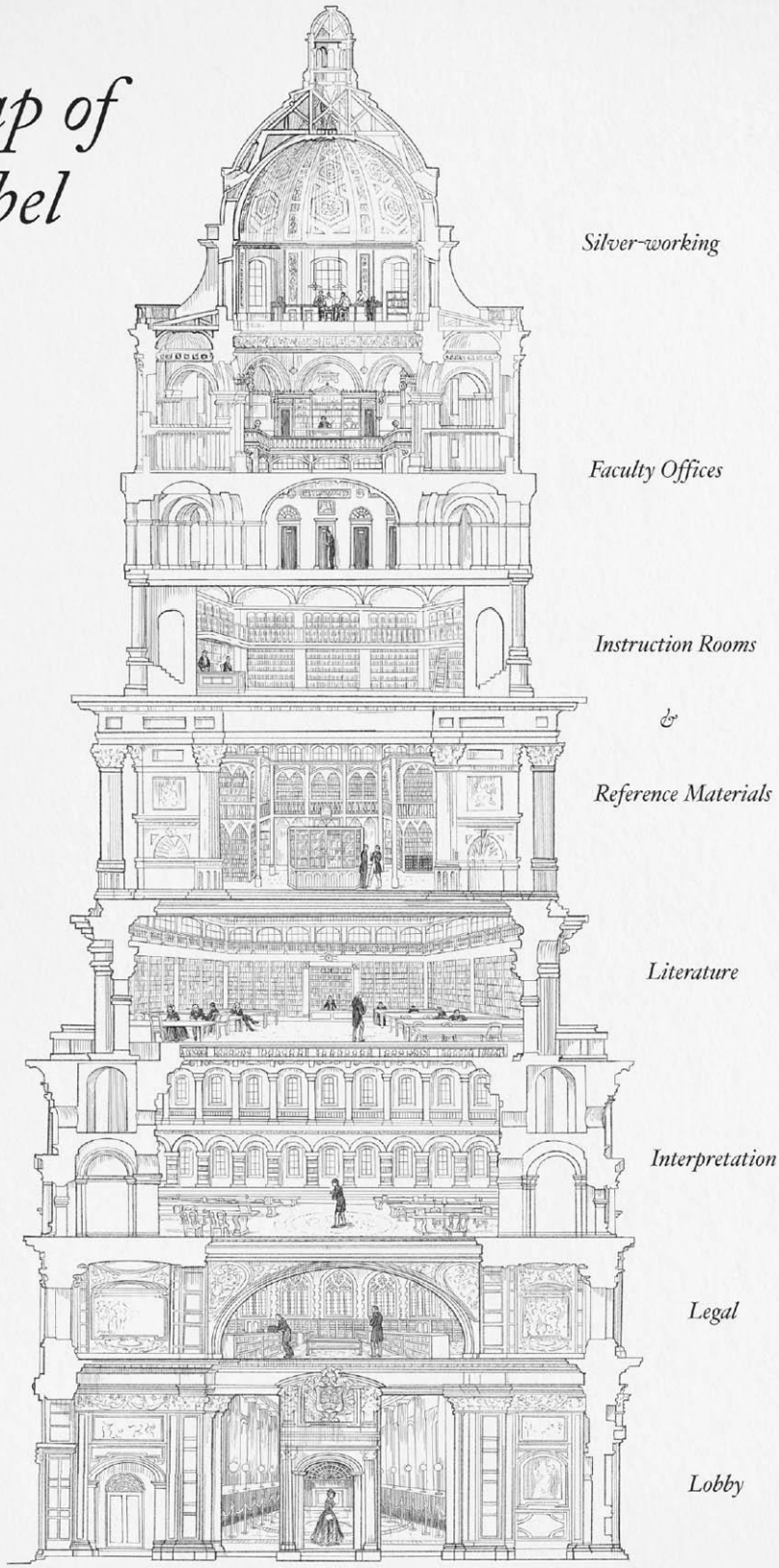
HARPER
Voyager

Cidade de Oxford


BROAD STREET
BODLEIAN
LIBRARIES
BABEL
RADCLIFFE
LIBRARY
HIGH STREET
UNIVERSITY
COLLEGE
KING STREET
CITY OF
OXFORD
MERTON FIELDS

[Mapa Babel]

Map of Babel


Silver-working
Faculty Offices
Instruction Rooms
&
Reference Materials
Literature
Interpretation
Legal
Lobby

Dedicação

Para Bennett,

quem é toda luz e riso do mundo.

Conteúdo

Cobrir

Folha de rosto

Cidade de Oxford

Mapa Babel

Dedicação

Nota da autora sobre suas representações da Inglaterra histórica e da Universidade de

Oxford em particular

Livro eu

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Livro II

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Livro III

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Interlúdio

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Livro IV

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Livro V

Interlúdio

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois

Capítulo Trinta e Três

Epílogo

Reconhecimentos

Sobre o autor

Também por RF Kuang

direito autoral

Sobre a editora

Nota da autora sobre suas representações da Inglaterra histórica

e da Universidade de Oxford em particular

O problema de escrever um romance de Oxford é que qualquer pessoa que tenha passado algum tempo em Oxford examinará seu texto para determinar se sua representação de Oxford está alinhada com suas próprias memórias do lugar. Pior se você for um americano escrevendo sobre Oxford, pois o que os americanos sabem sobre alguma coisa? Ofereço minha defesa aqui:

Babel é uma obra de ficção especulativa e, portanto, ocorre numa versão fantástica de Oxford na década de 1830, cuja história foi completamente alterada pelo trabalho em prata (mais sobre isso em breve). Ainda assim, tentei permanecer o mais fiel possível ao registro histórico da vida no início da Oxford vitoriana e introduzir falsidades apenas quando elas servem à narrativa. Para referências sobre Oxford do início do século XIX, confiei no altamente divertido *The Historical Handbook and Guide to Oxford* (1878) de James J. Moore, bem como *na História da Universidade de Oxford,* volumes VI e VII, editados por MG Brock e MC Curthoys (1997 e 2000, respectivamente), entre outros.

Para a retórica e a textura geral da vida (como a gíria de Oxford do início do século XIX, que difere bastante da gíria contemporânea de Oxford), * fiz uso de fontes primárias, como *A History of the Colleges, Halls, e de Alex Chalmers. Edifícios públicos anexados à Universidade de Oxford, incluindo as vidas dos fundadores* (1810), as *lembranças de Oxford de GV Cox* (1868), *as reminiscências de Thomas Mozley: principalmente do Oriel College e do movimento de Oxford* (1882) e as reminiscências de W. Tuckwell *de Oxford* (1908). Visto que a ficção também pode nos dizer muito sobre a vida tal como ela foi vivida, ou pelo menos da forma como foi percebido, também citei detalhes de romances como *The Adventures of Mr.*

Verdant Green (1857), de Cuthbert M. Bede, *Tom Brown at Oxford* (1861), de Thomas Hughes, e *The History of Pendennis* (1850). Para todo o resto, confiei nas minhas memórias e na minha imaginação.

Para aqueles familiarizados com Oxford e ansiosos por gritar: 'Não, as coisas não são assim!', explicarei agora algumas peculiaridades. A União de Oxford só foi criada em 1856, por isso neste romance é referida pelo nome da sua antecessora, a United Debating Society (fundada em 1823). Meu querido café Vaults & Garden não existia até 2003, mas eu passava tanto tempo lá (e comi tantos scones lá) que não pude negar a Robin e sua companhia esses mesmos prazeres. O Twisted Root conforme descrito não existe e, até onde sei, não existe nenhum pub com esse nome em Oxford. Também não há Taylor's na Winchester Road, embora eu goste muito dos Taylors na High Street. O Monumento aos Mártires de Oxford existe, mas não foi concluído até 1843, três anos após a conclusão deste romance. Mudei um pouco a data de sua construção, tudo por uma questão de referência fofa. A coroação da Rainha Vitória aconteceu em junho de 1838, e não em 1839. A linha ferroviária Oxford-Paddington só foi construída em 1844, mas aqui foi construída vários anos antes por duas

razões: primeiro, porque faz sentido dada a história alterada; e segundo, porque eu precisava levar meus personagens para Londres um pouco mais rápido.

Tomei muitas liberdades artísticas com o baile comemorativo, que se parece muito mais com um Oxbridge May/Commemoration Ball contemporâneo do que qualquer tipo de evento social do início da era vitoriana. Por exemplo, estou ciente de que as ostras eram um alimento básico para os pobres do início da era vitoriana, mas optei por torná-las uma iguaria porque essa foi minha primeira impressão do baile de maio de 2019 no Magdalene College, Cambridge - montes e mais montes de ostras em gelo (eu não tinha trazido uma bolsa e estava fazendo malabarismos com meu telefone, taça de champanhe e ostra em uma das mãos e, como resultado, derramei champanhe nos lindos sapatos de um velho).

Alguns podem ficar intrigados com a localização precisa do Royal Institute of Translation, também conhecido como Babel. Isso porque distorci a geografia para abrir espaço para isso. Imagine um verde entre as Bibliotecas Bodleian, a Sheldonian e a Câmera Radcliffe. Agora aumente muito e coloque Babel bem no centro.

Se você encontrar alguma outra inconsistência, fique à vontade para lembrar que esta é uma obra de ficção.

Livro eu

Capítulo um

Que sempre a língua foi companheira do império; e assim o seguiu, que a junta mente começou, crecieron e florecieron, e depois da junta foi a queda de ambos.

A linguagem sempre foi companheira do império e, como tal, juntos eles começam, crescem e florescem. E mais tarde, juntos, eles caem.

A NTONIO DE N EBRIJA , *Gramática da língua castelhana*

Quando o professor Richard Lovell percorreu as vielas estreitas de Canton até o endereço apagado em seu diário, o menino era o único sobrevivente da casa.

O ar estava fétido e o chão escorregadio. Um jarro de água estava cheio, intocado, ao lado da cama. No início, o menino estava com muito medo de vomitar para beber; agora ele estava fraco demais para levantar a jarra. Ele ainda

estava consciente, embora tivesse mergulhado em uma névoa sonolenta e meio sonhadora. Em breve, ele sabia, cairia num sono profundo e não conseguiria acordar. Foi o que aconteceu com os avós dele há uma semana, depois com as tias um dia depois, e com a Srta. Betty, a inglesa, um dia depois.

Sua mãe havia morrido naquela manhã. Ele se deitou ao lado do corpo dela, observando enquanto os azuis e roxos se aprofundavam em sua pele. A última coisa que ela disse a ele foi o nome dele, duas sílabas pronunciadas sem fôlego. Seu rosto ficou frouxo e irregular.

Sua língua pendeu para fora da boca. O menino tentou fechar os olhos transparentes, mas as pálpebras continuavam se abrindo.

Ninguém respondeu quando o professor Lovell bateu. Ninguém exclamou surpreso quando ele chutou a porta da frente - trancada, porque os ladrões da peste estavam desnudando as casas do bairro, e embora houvesse pouco valor em sua casa, o menino e sua mãe queriam algumas horas de paz antes que a doença os levasse também. O menino ouviu toda a agitação lá de cima, mas não conseguiu se importar.

A essa altura, ele só queria morrer.

O professor Lovell subiu as escadas, atravessou a sala e ficou de pé diante do menino por um longo momento. Ele não percebeu, ou optou por não notar, a mulher morta na cama. O menino ficou imóvel em sua sombra, perguntando-se se aquela figura alta e pálida vestida de preto teria vindo ceifar sua alma.

'Como você está se sentindo?' Professor Lovell perguntou.

A respiração do menino estava difícil demais para responder.

O professor Lovell ajoelhou-se ao lado da cama. Ele tirou uma fina barra de prata do bolso da frente e colocou-a sobre o peito nu do menino. O menino estremeceu; o metal ardia como gelo.

“ *Triáculo* ”, disse o professor Lovell primeiro em francês. Depois, em inglês, 'Treacle'.

A barra brilhava em um branco pálido. Houve um som estranho vindo do nada; um toque, um canto. O menino choramingou e se curvou de lado, a língua

cutucando confusamente a boca.

— Tenha paciência — murmurou o professor Lovell. 'Engula o que você prova.'

Os segundos passaram. A respiração do menino se estabilizou. Ele abriu os olhos. Ele via o professor Lovell com mais clareza agora, conseguia distinguir os olhos cinza-ardósia e o nariz curvo – *yīnggōubí* , como o chamavam, nariz em forma de bico de falcão – que só poderiam pertencer ao rosto de um estrangeiro.

'Como você se sente agora?' perguntou o professor Lovell.

O menino respirou fundo novamente. Então ele disse, num inglês surpreendentemente bom: 'É fofo. Tem um gosto tão doce. . .'

'Bom. Isso significa que funcionou. O professor Lovell colocou a barra de volta no bolso.

'Tem mais alguém vivo aqui?'

“Não”, sussurrou o menino. 'Apenas eu.'

'Existe alguma coisa que você não pode deixar para trás?'

O menino ficou em silêncio por um momento. Uma mosca pousou na bochecha de sua mãe e passou por seu nariz. Ele queria ignorar, mas não tinha forças para levantar a mão.

“Não posso aceitar um corpo”, disse o professor Lovell. "Não para onde estamos indo."

O menino olhou para a mãe por um longo momento.

“Meus livros”, ele disse finalmente. 'Debaixo da cama.'

O professor Lovell curvou-se debaixo da cama e tirou quatro grossos volumes. Livros escritos em inglês, lombadas desgastadas pelo uso, algumas páginas gastas tão finas que a impressão mal era legível. O professor folheou-os, sorrindo apesar de tudo, e colocou-os na bolsa. Então ele deslizou os braços sob o corpo magro do menino e o tirou de casa.

Em 1829, a praga que mais tarde ficou conhecida como Cólera Asiática percorreu o caminho de Calcutá através da Baía de Bengala até ao Extremo Oriente – primeiro para o Sião, depois para Manila e, finalmente, para a costa da China em navios mercantes cujos marinheiros desidratados e de olhos fundos despejaram seus resíduos no Rio das Pérolas, contaminando as águas onde milhares de pessoas bebiam, lavavam, nadavam e tomavam banho. Atingiu Cantão como um maremoto, abrindo caminho rapidamente das docas para as áreas residenciais do interior. A vizinhança do menino sucumbiu em poucas semanas, com famílias inteiras morrendo indefesas em suas casas. Quando o professor Lovell carregou o menino para fora dos becos de Canton, todos na sua rua já estavam mortos.

O menino aprendeu tudo isso quando acordou em um quarto limpo e bem iluminado da Fábrica Inglesa, enrolado em cobertores mais macios e brancos do que qualquer coisa que ele já havia tocado. Isso reduziu apenas ligeiramente seu desconforto. Ele estava terrivelmente quente e sua língua estava na boca como uma pedra densa e arenosa. Ele sentiu como se estivesse flutuando muito acima de seu corpo. Cada vez que o professor falava, dores agudas percorriam suas têmporas, acompanhadas de flashes vermelhos.

“Você tem muita sorte”, disse o professor Lovell. 'Esta doença mata quase tudo que toca.'

O menino ficou olhando, fascinado pelo rosto comprido e pelos olhos cinza-claros do estrangeiro. Se ele deixasse seu olhar sair de foco, o estrangeiro se transformava em um pássaro gigante. Um corvo. Não, um raptor. Algo cruel e forte.

'Você consegue entender o que estou dizendo?'

O menino molhou os lábios ressecados e respondeu.

O professor Lovell balançou a cabeça. 'Inglês. Use seu inglês.

A garganta do menino queimou. Ele tossiu.

'Eu sei que você fala inglês.' A voz do professor Lovell soou como um aviso. 'Use-o.'

“Minha mãe”, respirou o menino. — Você esqueceu minha mãe.

O professor Lovell não respondeu. Imediatamente ele se levantou e escovou os joelhos antes de sair, embora o menino mal pudesse ver como a poeira poderia ter se acumulado nos poucos minutos em que ele estava sentado.

Na manhã seguinte, o menino conseguiu terminar uma tigela de caldo sem vomitar. Na manhã seguinte, ele conseguiu ficar de pé sem muita vertigem, embora seus joelhos tremessem tanto por causa do desuso que ele teve que se agarrar à cabeceira da cama para não cair. Sua febre diminuiu; seu apetite melhorou. Quando acordou novamente naquela tarde, encontrou a tigela substituída por um prato com duas fatias grossas de pão e um pedaço de rosbife. Ele os devorou com as próprias mãos, faminto.

Ele passava a maior parte do dia num sono sem sonhos, que era regularmente interrompido pela chegada de uma certa Sra. Piper – uma mulher alegre e redonda que afofava seus travesseiros, enxugava a testa com panos úmidos deliciosamente frescos e falava inglês com um sotaque tão peculiar que o menino sempre tinha que pedir várias vezes para ela repetir.

'Minha palavra', ela riu na primeira vez que ele fez isso. — Deve ser que você nunca conheceu um escocês.

'A . . . Escocês? O que é um escocês?

'Não se preocupe com isso.' Ela deu um tapinha na bochecha dele. "Você aprenderá a cultura da Grã-Bretanha em breve."

Naquela noite, a Sra. Piper trouxe-lhe o jantar – pão e carne novamente – junto com a notícia de que o professor queria vê-lo em seu escritório. — Está lá em cima. A segunda porta à direita. Termine sua comida primeiro; ele não vai a lugar nenhum.

O menino comeu rapidamente e, com a ajuda da Sra. Piper, vestiu-se. Ele não sabia de onde tinham vindo as roupas – eram de estilo ocidental e combinavam surpreendentemente bem com seu corpo baixo e magro – mas ele estava cansado demais para perguntar mais.

Ao subir as escadas ele tremia, se de cansaço ou de medo, ele não sabia. A porta do escritório do professor estava fechada. Ele parou por um momento para recuperar o fôlego e então bateu.

“Entre”, chamou o professor.

A porta era muito pesada. O menino teve que se apoiar com força na madeira para abri-la. Lá dentro, ele foi dominado pelo cheiro almiscarado e escuro dos livros. Havia pilhas e mais pilhas deles; alguns estavam arrumados ordenadamente em prateleiras, enquanto outros estavam empilhados desordenadamente em pirâmides precárias por toda a sala;

alguns estavam espalhados pelo chão, enquanto outros balançavam nas mesas que pareciam dispostas aleatoriamente dentro do labirinto mal iluminado.

'Por aqui.' O professor estava quase escondido atrás das estantes. O menino caminhou hesitantemente pela sala, com medo de que o menor movimento errado pudesse fazer as pirâmides desabar.

'Não seja tímido.' O professor estava sentado atrás de uma grande mesa coberta de livros, papéis soltos e envelopes. Ele gesticulou para que o menino se sentasse à sua frente.

'Eles deixaram você ler muito aqui? Inglês não foi um problema?

'Eu li alguns.' O menino sentou-se cautelosamente, tomando cuidado para não pisar nos volumes – notas de viagem de Richard Hakluyt, ele notou – acumulados aos seus pés. “Não tínhamos muitos livros. Acabei relendo o que tínhamos.

Para alguém que nunca havia saído de Cantão na vida, o inglês do menino era extraordinariamente bom. Ele falou com apenas um traço de sotaque. Isto foi graças a uma inglesa – uma tal Miss Elizabeth Slate, a quem o rapaz chamava Miss Betty, e que vivia com a sua família desde que se lembrava. Ele nunca entendeu muito bem o que ela estava fazendo lá – sua família certamente não era rica o suficiente para empregar empregados, especialmente um estrangeiro – mas alguém devia estar pagando seu salário porque ela nunca tinha saído, nem mesmo quando a peste chegou. Seu cantonês era razoavelmente bom, decente o suficiente para ela andar pela cidade sem problemas, mas com o menino ela falava exclusivamente em inglês. Seu único dever parecia ser cuidar dele, e foi através de conversas com ela, e mais tarde com marinheiros britânicos nas docas, que o menino se tornou fluente.

Ele conseguia ler a língua melhor do que a falava. Desde que o menino

completou quatro anos, ele recebia duas vezes por ano um grande pacote cheio de livros escritos em inglês. O endereço do remetente era uma residência em Hampstead, nos arredores de Londres – um lugar com o qual a Srta. Betty parecia não estar familiarizada e sobre o qual o garoto, é claro, nada sabia. Independentemente disso, ele e a senhorita Betty costumavam sentar-se juntos à luz de velas, traçando laboriosamente os dedos sobre cada palavra enquanto as pronunciavam em voz alta. Quando ficou mais velho, passou tardes inteiras examinando sozinho as páginas gastas. Mas uma dúzia de livros dificilmente bastaria para durar seis meses; ele sempre lia cada um deles tantas vezes que quase os memorizava quando chegava o próximo carregamento.

Ele percebeu agora, sem compreender bem o quadro geral, que aqueles pacotes deviam ter vindo do professor.

— Eu gosto bastante — ele respondeu, debilmente. Então, pensando que deveria dizer um pouco mais: 'E não, o inglês não era um problema.'

'Muito bom.' O professor Lovell pegou um volume da prateleira atrás dele e deslizou-o sobre a mesa. — Suponho que você nunca tenha visto este antes?

O menino olhou para o título. *A Riqueza das Nações* , de Adam Smith. Ele balançou sua cabeça. 'Sinto muito, não.'

'Isso é bom.' O professor abriu o livro numa página do meio e apontou. 'Leia em voz alta para mim. Começa aqui.'

O menino engoliu em seco, tossiu para limpar a garganta e começou a ler. O livro era assustadoramente grosso, a fonte muito pequena e a prosa revelou-se consideravelmente mais difícil do que os alegres romances de aventura que ele lera com a Srta. Betty. Sua

língua tropeçou em palavras que ele não conhecia, palavras que ele só conseguia adivinhar e pronunciar.

'O par . . . vantagem particular que cada país colonizador obtém do colo. . . colônias que par. . . particularmente pertencem a ele, são de dois tipos diferentes; primeiro, aquelas vantagens comuns que todo império oferece. . . rive?' Ele limpou a garganta. 'Deriva. . . das províncias sujeitas ao seu domínio. . . dom. . . '
*

'É o bastante.'

Ele não tinha ideia do que acabara de ler. 'Senhor, o que. .'

“Não, está tudo bem”, disse o professor. “Não espero que você entenda a economia internacional. Você fez muito bem.' Ele colocou o livro de lado, enfiou a mão na gaveta da mesa e tirou uma barra de prata. 'Lembre-se disso?'

O menino olhou com os olhos arregalados, apreensivo demais até para tocá-lo.

Ele já tinha visto bares assim antes. Eles eram raros em Cantão, mas todos os conheciam. *Yínfúlù,* talismãs de prata. Ele os tinha visto embutidos nas proas dos navios, esculpidos nas laterais dos palanquins e instalados nas portas dos armazéns no bairro estrangeiro. Ele nunca descobriu exatamente o que eram e ninguém em sua casa conseguia explicar. Sua avó os chamava de feitiços mágicos de homens ricos, amuletos de metal que carregavam bênçãos dos deuses. Sua mãe pensava que continham demônios presos que poderiam ser convocados para cumprir as ordens de seus mestres. Até a senhorita Betty, que expressava em voz alta seu desdém pela superstição indígena chinesa e criticava constantemente a atenção de sua mãe aos fantasmas famintos, achava-os enervantes. “São bruxaria”, ela disse quando ele perguntou. 'Eles são obra do diabo, é isso que são.'

Então o menino não sabia o que pensar daquele *yínfúlù* , exceto que era um bar igual a este que há vários dias salvou sua vida.

'Prossiga.' O professor Lovell estendeu-o para ele. 'Dar uma olhada. Não vai morder.

O menino hesitou e depois recebeu-o com as duas mãos. A barra era muito lisa e fria ao toque, mas por outro lado parecia bastante comum. Se houvesse um demônio preso lá dentro, ele se escondia bem.

'Você consegue ler o que diz?'

O menino olhou mais de perto e percebeu que realmente havia algo escrito, pequenas palavras gravadas cuidadosamente em ambos os lados da barra: letras inglesas de um lado, caracteres chineses do outro. 'Sim.'

'Diga em voz alta. Primeiro o chinês, depois o inglês. Fale muito claramente.

O menino reconheceu os caracteres chineses, embora a caligrafia parecesse um pouco estranha, como se tivesse sido desenhada por alguém que os tivesse visto e copiado radicalmente por radical sem saber o que significavam. Eles lêem:.

“ *Húlún tūn zǎo* ”, leu ele lentamente, tendo o cuidado de pronunciar cada sílaba. Ele mudou para o inglês. 'Aceitar sem pensar.'

O bar começou a zumbir.

Imediatamente sua língua inchou, obstruindo suas vias respiratórias. O menino agarrou-se, engasgado, à garganta. A barra caiu em seu colo, onde vibrou descontroladamente, dançando como se estivesse possuída. Um gosto enjoativo e doce encheu sua boca. *Como tâmaras* , pensou o menino fracamente, o preto aparecendo nos limites de sua visão. Tâmaras fortes e pegajosas, tão maduras que eram nauseantes. Ele

estava se afogando neles. Sua garganta estava totalmente bloqueada, ele não conseguia respirar—

'Aqui.' O professor Lovell inclinou-se e puxou a barra do colo. A sensação de asfixia desapareceu. O menino caiu sobre a mesa, tentando respirar.

“Interessante”, disse o professor Lovell. 'Nunca soube que tivesse um efeito tão forte.

Qual é o gosto da sua boca?

' *Hóngzǎo* .' Lágrimas escorreram pelo rosto do menino. Apressadamente ele mudou para o inglês. 'Datas.'

'Isso é bom. Isso é muito bom.' O professor Lovell observou-o por um longo momento e depois colocou a barra de volta na gaveta. "Excelente, na verdade."

O menino enxugou as lágrimas dos olhos, fungando. O professor Lovell recostou-se, esperando que o menino se recuperasse um pouco antes de continuar. - Dentro de dois dias, a Sra. Piper e eu partiremos deste país para uma cidade chamada Londres, num país chamado Inglaterra. Tenho certeza de que você já ouviu falar de ambos.

O menino deu um aceno incerto. Londres existia para ele como Lilliput: um

lugar distante, imaginário e de fantasia onde ninguém se parecia, se vestia ou falava remotamente como ele.

— Proponho trazer você conosco. Você viverá em minha propriedade e eu lhe fornecerei hospedagem e alimentação até que você tenha idade suficiente para ganhar a vida. Em troca, você fará cursos em um currículo elaborado por mim. Será um trabalho linguístico – latim, grego e, claro, mandarim. Você desfrutará de uma vida fácil e confortável e da melhor educação que puder pagar. Tudo o que espero em troca é que você se dedique diligentemente aos estudos.

O professor Lovell juntou as mãos como se estivesse rezando. O menino achou seu tom confuso. Foi totalmente plano e desapaixonado. Não sabia dizer se o professor Lovell o *queria* em Londres ou não; na verdade, isso parecia menos uma adoção e mais uma proposta comercial.

“Exorto-vos a considerarem fortemente esta questão”, continuou o professor Lovell.

'Sua mãe e seus avós estão mortos, seu pai é desconhecido e você não tem parentes. Fique aqui e você não terá um centavo em seu nome. Tudo o que você conhecerá é pobreza, doenças e fome. Você encontrará trabalho nas docas se tiver sorte, mas ainda é pequeno, então passará alguns anos mendigando ou roubando. Supondo que você atinja a idade adulta, o melhor que você pode esperar é um trabalho árduo nos navios.

O menino se viu olhando fascinado para o rosto do professor Lovell enquanto ele falava.

Não era como se nunca tivesse encontrado um inglês antes. Ele conhecera muitos marinheiros nas docas, vira toda a gama de rostos de homens brancos, desde os largos e corados até os doentes e manchados de fígado, até os longos, pálidos e severos. Mas o rosto do professor apresentava um enigma totalmente diferente. O dele tinha todos os componentes de um rosto humano padrão – olhos, lábios, nariz, dentes, todos saudáveis e normais. Sua voz era baixa, um tanto monótona, mas mesmo assim humana. Mas quando ele falou, seu tom e expressão eram totalmente desprovidos de emoção. Ele era uma lousa em branco. O menino não conseguia adivinhar seus sentimentos. Enquanto o professor descrevia a morte precoce e inevitável do menino, ele poderia estar recitando ingredientes para um ensopado.

'Por que?' perguntou o menino.

'Porque o que?'

'Por que você me quer?'

O professor apontou para a gaveta que continha a barra de prata. 'Porque você pode fazer *isso* .'

Só então o menino percebeu que aquilo tinha sido um teste.

'Estes são os termos da minha tutela.' O professor Lovell deslizou um documento de duas páginas pela mesa. O menino olhou para baixo e desistiu de tentar folheá-lo; a caligrafia apertada e curva parecia quase ilegível. “São bastante simples, mas tenha o cuidado de ler tudo antes de assiná-lo. Você fará isso hoje à noite, antes de ir para a cama?

O menino estava muito abalado para fazer qualquer coisa além de assentir.

“Muito bem”, disse o professor Lovell. 'Mais uma coisa. Ocorreu-me que você precisa de um nome.

“Eu tenho um nome”, disse o menino. 'Isso é-'

'Não, isso não serve. Nenhum inglês consegue pronunciar isso. A senhorita Slate lhe deu um nome?

Ela tinha, na verdade. Quando o menino completou quatro anos, ela insistiu para que ele adotasse um nome pelo qual os ingleses pudessem levá-lo a sério, embora nunca tivesse especificado quais seriam esses ingleses. Eles escolheram algo aleatoriamente em um livro de rimas infantil, e o menino gostou de como as sílabas eram firmes e redondas em sua língua, então ele não guardou queixas. Mas ninguém mais na casa o havia usado e logo a Srta. Betty também o deixou cair. O menino teve que pensar muito por um momento antes de se lembrar.

'Robin. ' *

O professor Lovell ficou quieto por um momento. Sua expressão confundiu o menino –

suas sobrancelhas estavam franzidas, como se estivesse com raiva, mas um lado de sua boca se curvou, como se estivesse encantado. 'Que tal um sobrenome?'

'Eu tenho um sobrenome.'

— Um que servirá em Londres. Escolha o que quiser.

O menino piscou para ele. 'Escolha . . . um sobrenome?

Os nomes de família não eram coisas que pudessem ser abandonadas e substituídas por capricho, pensou ele. Eles marcaram a linhagem; eles marcaram pertencimento.

“Os ingleses reinventam os seus nomes o tempo todo”, disse o professor Lovell. 'As únicas famílias que mantêm os seus o fazem porque têm títulos para manter para, e você certamente não tem nenhum. Você só precisa de um identificador para se apresentar.

Qualquer nome serve.

'Então posso pegar o seu? Lovell?

“Ah, não”, disse o professor Lovell. — Eles vão pensar que sou seu pai.

'Ah, claro.' Os olhos do menino percorreram desesperadamente a sala, procurando alguma palavra ou som para se agarrar. Eles pousaram em um volume familiar na prateleira acima da cabeça do professor Lovell – *As Viagens de Gulliver* . Um estranho numa terra estranha, que teve de aprender as línguas locais se quisesse não morrer. Ele pensou que agora entendia como Gulliver se sentia.

'Rápido?' ele se aventurou. 'A menos que-'

Para sua surpresa, o professor Lovell riu. O riso era estranho saindo daquela boca severa; soou muito abrupto, quase cruel, e o menino não pôde evitar estremecer. 'Muito bom. Robin Swift você será. Sr. Swift, prazer em conhecê-lo.

Ele se levantou e estendeu a mão sobre a mesa. O menino tinha visto marinheiros estrangeiros se cumprimentando nas docas, então sabia o que fazer. Ele encontrou aquela mão grande, seca e desconfortavelmente fria com a sua.

Eles tremeram.

Dois dias depois, o professor Lovell, a Sra. Piper e o recém-batizado Robin Swift partiram para Londres. A essa altura, graças a muitas horas de repouso na cama, a uma dieta constante de leite quente e à abundante comida da Sra. Piper, Robin estava bem o suficiente para andar sozinho. Ele carregou um baú cheio de livros pela prancha de embarque, lutando para acompanhar o professor.

O porto de Cantão, a foz por onde a China encontrava o mundo, era um universo de línguas. Altos e rápidos, portugueses, franceses, holandeses, suecos, dinamarqueses, ingleses e chineses flutuavam no ar salgado, misturando-se num pidgin implausivelmente inteligível entre si, que quase todos entendiam, mas que apenas alguns conseguiam falar com facilidade. Robin sabia disso muito bem. Ele obteve sua primeira instrução em línguas estrangeiras correndo pelo cais; ele costumava traduzir para marinheiros em troca de uma moeda e um sorriso. Nunca imaginou que poderia seguir os fragmentos linguísticos deste pidgin até à sua origem.

Eles caminharam pela orla para se juntar à fila de embarque do *Condessa de Harcourt*, um dos navios da Companhia das Índias Orientais que transportava um pequeno número de passageiros comerciais em cada viagem. O mar estava barulhento e agitado naquele dia.

Robin estremeceu quando rajadas geladas à beira-mar cortaram violentamente através de seu casaco. Ele queria muito estar no navio, dentro de uma cabine ou em qualquer lugar com paredes, mas algo impedia a fila de embarque. O professor Lovell deu um passo para o lado para dar uma olhada. Robin o seguiu. No topo da prancha de embarque, um tripulante repreendia um passageiro, com vogais amargas em inglês perfurando o frio da manhã.

'Você não entende o que estou dizendo? *Joelho como? Deite-se?* Qualquer coisa?'

O alvo de sua ira era um trabalhador chinês, curvado pelo peso da mochila que carregava pendurada no ombro. Se o trabalhador pronunciasse uma resposta, Robin não conseguiria ouvi-la.

“Não consigo entender uma palavra do que estou dizendo”, queixou-se o tripulante. Ele se virou para a multidão. 'Alguém pode dizer a esse sujeito que ele não pode embarcar?'

'Oh, aquele pobre homem.' A Sra. Piper cutucou o braço do Professor Lovell. 'Você pode traduzir?'

“Não falo o dialeto cantonês”, disse o professor Lovell. — Robin, vá até lá.

Robin hesitou, subitamente assustado.

' *Ir.* O professor Lovell empurrou-o para cima da prancha.

Robin tropeçou para frente na briga. Tanto o tripulante quanto o operário se viraram para olhar para ele. O tripulante apenas parecia irritado, mas o trabalhador parecia aliviado

– ele pareceu reconhecer imediatamente no rosto de Robin um aliado, o único outro chinês à vista.

'Qual é o problema?' Robin perguntou a ele em cantonês.

“Ele não me deixa embarcar”, disse o trabalhador com urgência. 'Mas eu tenho um contrato com este navio até Londres, olha, está escrito aqui mesmo.'

Ele empurrou uma folha de papel dobrada para Robin.

Robin abriu. O documento estava escrito em inglês e, de facto, parecia um contrato lascar – um certificado de pagamento para durar uma viagem de Cantão a Londres, para ser mais específico. Robin já tinha visto contratos desse tipo antes; eles se tornaram cada vez mais comuns nos últimos anos, à medida que a demanda por servos chineses contratados crescia simultaneamente com as dificuldades no exterior com o comércio de escravos. Este não foi o primeiro contrato que ele traduziu; ele tinha visto ordens de serviço para trabalhadores chineses embarcarem para destinos tão distantes como Portugal, Índia e Índias Ocidentais.

Tudo parecia em ordem para Robin. 'Então qual é o problema?'

— O que ele está lhe contando? perguntou o tripulante. — Diga a ele que o contrato não vale. Não posso ter chineses neste navio. O último navio que naveguei que transportava um chinês ficou sujo de piolhos. Eu não estou correndo riscos com as pessoas quem não sabe lavar. Não conseguiria nem entender a palavra *banho* se eu gritasse com ele, esse aqui. Olá?

Garoto? Você entende o que eu estou dizendo?'

'Sim Sim.' Robin voltou rapidamente para o inglês. — Sim, estou apenas. . dê-me um momento, só estou tentando. . . .'

Mas o que ele deveria dizer?

O trabalhador, sem compreender, lançou a Robin um olhar suplicante. Seu rosto estava enrugado e bronzeado pelo sol, coberto de couro de uma maneira que o fazia parecer ter sessenta anos, embora provavelmente estivesse apenas na casa dos trinta. Todos os lascares envelheceram rapidamente; o trabalho destruiu seus corpos. Robin já tinha visto aquele rosto mil vezes nas docas. Alguns jogaram doces para ele; alguns o conheciam bem o suficiente para cumprimentá-lo pelo nome. Ele associou aquele rosto com sua própria espécie. Mas ele nunca tinha visto um dos mais velhos recorrer a ele com tamanho desamparo total.

A culpa torceu seu intestino. Palavras reunidas em sua língua, palavras cruéis e terríveis, mas ele não conseguia transformá-las em frase.

'Robin.' O professor Lovell estava ao seu lado, segurando seu ombro com tanta força que doía. 'Traduza por favor.'

Tudo isso dependia dele, percebeu Robin. A escolha foi dele. Só ele poderia determinar a verdade, porque só ele poderia comunicá-la a todas as partes.

Mas o que ele poderia dizer? Ele viu a irritação fulminante do tripulante. Ele viu a impaciência dos outros passageiros na fila. Estavam cansados, com frio, não entendiam por que ainda não haviam embarcado. Ele sentiu o polegar do professor Lovell cavando uma ranhura em sua clavícula, e um pensamento lhe ocorreu - um pensamento tão assustador que fez seus joelhos tremerem - que era se ele representasse um problema muito grande, se ele provocasse problemas, então a *Condessa de Harcourt* poderia simplesmente deixá-lo para trás também em terra.

“Seu contrato não vale aqui”, ele murmurou para o trabalhador. 'Experimente o próximo navio.'

O trabalhador ficou boquiaberto, incrédulo. 'Você leu? Diz Londres, diz Companhia das Índias Orientais, diz *este* navio, o *Condessa* . .

Robin balançou a cabeça. “Não adianta”, disse ele, depois repetiu essa frase, como se isso pudesse torná-la verdade. 'Não adianta, você terá que tentar o próximo navio.'

'O que há de errado com isso?' exigiu o trabalhador.

Robin mal conseguiu forçar suas palavras. 'Simplesmente não é bom.'

O trabalhador ficou boquiaberto com ele. Mil emoções trabalhadas aquele rosto desgastado – indignação, frustração e, finalmente, resignação. Robin temia que o trabalhador discutisse, pudesse brigar, mas rapidamente ficou claro que, para esse homem, tal tratamento não era novidade. Isso já aconteceu antes. O trabalhador virou-se e desceu a prancha de embarque, empurrando os passageiros para o lado. Em poucos momentos ele desapareceu de vista.

Robin sentiu-se muito tonto. Ele escapou de volta pela prancha para ficar ao lado da Sra.

Piper. 'Estou com frio.'

— Ah, você está tremendo, coitado. Ela imediatamente se lançou sobre ele como uma mãe galinha, envolvendo-o em seu xale. Ela disse uma palavra dura ao professor Lovell. Ele suspirou e assentiu; em seguida, eles passaram para o início da fila, de onde foram levados direto para suas cabines, enquanto um carregador recolhia suas bagagens e as carregava atrás deles.

Uma hora depois, a *condessa de Harcourt* deixou o porto.

Robin estava acomodado em seu beliche com um cobertor grosso enrolado nos ombros, e ele teria ficado lá o dia todo, mas a Sra. Piper o incentivou a voltar ao convés para observar o recuo da costa. Ele sentiu uma dor aguda no peito quando Canton desapareceu no horizonte, e depois um vazio cru, como se um gancho tivesse arrancado seu coração do corpo. Até agora não havia sido registrado que ele não voltaria a pisar em sua terra natal por muitos anos, ou nunca. Ele não tinha certeza do que fazer com esse fato. A palavra *perda* era inadequada. A perda significava apenas uma falta, significava que algo estava faltando, mas não abrangia a totalidade dessa ruptura, essa terrível desancoragem de tudo o que ele já conhecera.

Ele observou o oceano por um longo tempo, indiferente ao vento, olhando até

que até mesmo sua visão imaginada da costa desapareceu.

Ele passou os primeiros dias da viagem dormindo. Ele ainda estava se recuperando; A Sra. Piper insistiu que ele fizesse caminhadas diárias acima do convés para sua saúde, mas inicialmente ele conseguia apenas alguns minutos de cada vez antes de ter que se deitar.

Ele teve a sorte de ter sido poupado das náuseas do enjôo; uma infância ao longo de docas e rios habituou seus sentidos à instabilidade turbulenta. Quando se sentia forte o suficiente para passar tardes inteiras no convés, adorava sentar-se junto à grade, observando as ondas incessantes mudando de cor com o céu, sentindo os respingos do oceano em seu rosto.

Ocasionalmente, o professor Lovell conversava com ele enquanto andavam de um lado para o outro. convés juntos. Robin aprendeu rapidamente que o professor era um homem preciso e reticente. Ele ofereceu informações quando achou que Robin precisava delas, mas, por outro lado, ficou feliz em deixar as perguntas de lado.

Ele disse a Robin que residiriam em sua propriedade em Hampstead quando chegassem à Inglaterra. Ele não disse se tinha família naquela propriedade. Ele confirmou que pagou à

Srta. Betty durante todos esses anos, mas não explicou por quê. Ele insinuou que conhecia a mãe de Robin, e foi assim que soube o endereço de Robin, mas não entrou em detalhes sobre a natureza do relacionamento deles ou como eles se conheceram. A única vez em que ele reconheceu que já se conheciam foi quando perguntou a Robin como sua família foi morar naquela cabana à beira do rio.

“Eles eram uma família de comerciantes abastada quando os conheci”, disse ele. —

Tinha uma propriedade em Pequim antes de se mudarem para o sul. O que foi isso, jogo?

Suponho que tenha sido o irmão, não foi?

Meses atrás, Robin teria cuspido em qualquer um por falar tão cruelmente sobre sua família. Mas aqui, sozinho no meio do oceano, sem parentes e sem nada em seu nome, ele não conseguia provocar a ira. Ele não tinha mais fogo nele. Ele

estava apenas assustado e muito cansado.

De qualquer forma, tudo isso estava de acordo com o que Robin ouvira sobre a riqueza anterior de sua família, que havia sido completamente desperdiçada nos anos após seu nascimento. Sua mãe reclamava disso com amargura e frequência. Robin era confuso quanto aos detalhes, mas a história envolvia o que tantas histórias de declínio na dinastia Qing na China faziam: um patriarca idoso, um filho perdulário, amigos maliciosos e manipuladores e uma filha indefesa que, por alguma razão misteriosa, ninguém iria querer.

casar. Uma vez, disseram-lhe, ele dormiu num berço laqueado. Antigamente, eles tinham desfrutado de uma dúzia de criados e de um chef que preparava iguarias raras importadas dos mercados do norte. Antigamente, eles moravam em uma propriedade que poderia abrigar cinco famílias, com pavões perambulando pelo quintal. Mas tudo o que Robin conhecia era a casinha à beira do rio.

“Minha mãe disse que meu tio perdeu todo o dinheiro nas casas de ópio”, disse-lhe Robin. “Os devedores confiscaram seus bens e tivemos que nos mudar. Então meu tio desapareceu quando eu tinha três anos, e éramos só nós, minhas tias e avós. E senhorita Betty.

O professor Lovell fez um murmúrio evasivo de simpatia. 'Isso é ruim.'

Além dessas conversas, o professor passava a maior parte do dia enfurnado em sua cabine. Eles o viam apenas semirregularmente no refeitório durante os jantares; mais frequentemente, a Sra. Piper tinha que encher um prato com bolacha dura e carne de porco seca e levá-lo para o quarto dele.

“Ele está trabalhando nas traduções”, disse a Sra. Piper a Robin. — Ele está sempre pegando pergaminhos e livros antigos nessas viagens, sabe, e gosta de começar a traduzi-los para o inglês antes de voltar para Londres. Eles o mantêm muito ocupado lá – ele é um homem muito importante, membro da Royal Asiatic Society, você sabe – e ele diz que as viagens marítimas são o único momento em que ele consegue paz e tranquilidade. Não é engraçado? Ele comprou uns belos dicionários de rimas em Macau – coisas lindas, mas não me deixa tocá-las, as páginas são tão frágeis.'

Robin ficou surpreso ao saber que eles tinham estado em Macau. Não tinha conhecimento de nenhuma viagem a Macau; ingenuamente, ele imaginou que

esse era o único motivo pelo qual o professor Lovell tinha vindo para a China. 'Quanto tempo você esteve lá? Em Macau, quero dizer.

— Ah, duas semanas e alguns trocos. Teriam sido apenas duas, mas ficamos retidos na alfândega. Eles não gostam de deixar mulheres estrangeiras entrarem no continente – tive que me fantasiar e fingir ser tio do professor, você pode imaginar!'

Duas semanas.

Há duas semanas, a mãe de Robin ainda estava viva.

— Você está bem, querido? A Sra. Piper bagunçou seu cabelo. — Você está pálido.

Robin assentiu e engoliu as palavras que sabia que não poderia dizer.

Ele não tinha o direito de ficar ressentido. O professor Lovell prometera-lhe tudo e não lhe devia nada. Robin ainda não entendia completamente as regras deste mundo em que estava prestes a entrar, mas entendia a necessidade da gratidão. De deferência. Não se despreza os salvadores.

'Você quer que eu leve este prato para o professor?' ele perguntou.

'Obrigado, querido. É muito gentil da sua parte. Venha me encontrar no convés depois e veremos o sol se pôr.

O tempo ficou turvo. O sol nascia e se punha, mas sem a regularidade da rotina – ele não tinha tarefas, não tinha água para buscar ou tarefas para fazer – os dias pareciam todos iguais, não importava a hora. Robin dormiu, releu seus livros antigos e caminhou pelo convés. Ocasionalmente, ele puxava conversa com os outros passageiros, que sempre pareciam encantados ao ouvir um sotaque londrino quase perfeito saindo da boca daquele garotinho oriental. Recordando as palavras do Professor Lovell, ele tentou arduamente viver exclusivamente em inglês. Quando os pensamentos surgiram em chinês, ele os reprimiu.

Ele apagou suas memórias também. A sua vida em Cantão – a sua mãe, os seus avós, uma década de correria pelas docas – tudo se revelou surpreendentemente fácil de abandonar, talvez porque esta passagem tenha sido tão chocante, a ruptura tão completa.

Ele havia deixado para trás tudo o que conhecia. Não havia nada a que se agarrar, nada para onde fugir. O seu mundo agora era o Professor Lovell, a Sra. Piper e a promessa de um país do outro lado do oceano. Ele enterrou sua vida passada, não porque fosse tão terrível, mas porque abandoná-la era a única maneira de sobreviver. Ele vestiu seu sotaque inglês como se fosse um casaco novo, ajustou tudo o que pôde para ajustá-lo e, em poucas semanas, usou-o com conforto. Em semanas, ninguém lhe pedia que falasse algumas palavras em chinês para entretenimento. Em semanas, ninguém parecia se lembrar de que ele era chinês.

Certa manhã, a Sra. Piper o acordou muito cedo. Ele fez alguns ruídos de protesto, mas ela insistiu. 'Venha, querido, você não vai querer perder isso.' Bocejando, ele vestiu uma jaqueta. Ele ainda estava esfregando os olhos quando emergiram no convés em uma manhã fria envolta em uma névoa tão espessa que Robin mal conseguia ver a proa do navio. Mas então a neblina se dissipou e uma silhueta cinza-escura emergiu no horizonte, e esse foi o primeiro vislumbre que Robin teve de Londres: a Cidade Prateada, o coração do Império Britânico e, naquela época, a maior e mais rica cidade no mundo.

Capítulo dois

Aquela vasta metrópole, A fonte do destino do meu país

E do destino da própria terra

W ILLIAM W ORDSWORTH , *O Prelúdio*

Londres era monótona e cinzenta; estava explodindo em cores; era um barulho estridente, cheio de vida; estava estranhamente quieto, assombrado por fantasmas e cemitérios. Enquanto a *condessa de Harcourt* navegava para o interior, descendo o rio Tâmisa até os estaleiros no coração pulsante da capital, Robin percebeu imediatamente que Londres era, como Cantão, uma cidade de contradições e multidões, assim como qualquer cidade que funcionasse como porta-voz do mundo.

Mas, ao contrário de Cantão, Londres tinha um batimento cardíaco mecânico. Silver zumbia pela cidade. Brilhava nas rodas dos táxis e carruagens e nos cascos dos cavalos; brilhava nos edifícios sob as janelas e nas portas; jaziam enterrados sob as ruas e nos braços das torres do relógio; era exibido em vitrines cujas placas exibiam orgulhosamente as amplificações mágicas de seus pães,

botas e bugigangas. A força vital de Londres carregava um timbre agudo e metálico, totalmente diferente do bambu frágil e barulhento que subscrevia Cantão. Era artificial, metálico – o som de uma faca cortando um aço afiado; era o monstruoso labirinto industrial das "Obras cruéis / De muitas rodas que vejo, roda sem roda, com engrenagens tirânicas, movendo-se umas às outras" de William Blake. *

Londres acumulou a maior parte do minério de prata e das línguas mundiais, e o resultado foi uma cidade maior, mais pesada, mais rápida e mais brilhante do que a natureza permitia. Londres era voraz, estava engordando com seus despojos e ainda assim, de alguma forma, morria de fome. Londres era ao mesmo tempo inimaginavelmente rica e miseravelmente pobre. Londres – a adorável, feia, extensa, apertada, arrotada, farejadora, virtuosa, hipócrita, Londres prateada dourada – estava perto de um acerto de contas, pois chegaria o dia em que ela se devoraria por dentro ou seria expulsa em busca de novas iguarias, trabalho, capital e cultura dos quais se alimentar.

Mas a balança ainda não tinha descido e as folias, por enquanto, podiam ser sustentadas. Quando Robin, o professor Lovell e a Sra. Piper desembarcaram no porto de Londres, as docas eram uma agitação do comércio colonial no seu ápice. Navios carregados de baús de chá, algodão e tabaco, com mastros e travessas cravejados de prata que os fazia navegar com mais rapidez e segurança, aguardavam para serem esvaziados em preparação para a próxima viagem à Índia, às Índias Ocidentais, à África, para o Extremo Oriente. Eles enviaram mercadorias britânicas para todo o mundo. Eles trouxeram baús de prata.

As barras de prata eram usadas em Londres – e, na verdade, em todo o mundo – há um milénio, mas desde o apogeu do Império Espanhol nenhum lugar do mundo tinha sido tão rico ou tão dependente do poder da prata. O revestimento prateado dos canais tornava a

água mais fresca e limpa do que qualquer rio como o Tâmisa tinha direito de ser. A prata nas calhas disfarçava o cheiro de chuva, lodo e esgoto com o perfume de rosas invisíveis. A prata nas torres do relógio fazia os sinos badalarem quilômetros e quilômetros mais longe do que deveriam, até que as notas se chocassem de forma discordante umas contra as outras por toda a cidade e pelo campo.

Silver estava nos assentos dos táxis Hansom de duas rodas que o professor Lovell saudou quando eles passaram pela alfândega – um para os três e um segundo para seus baús. Quando eles se acomodaram, aconchegados um contra o outro na pequena carruagem, o professor Lovell se esticou sobre os joelhos e apontou para uma barra de prata embutida no chão da carruagem.

'Você consegue ler o que isso diz?' ele perguntou.

Robin se inclinou, apertando os olhos. 'Velocidade. E . . . espes?'

“ *Spēs* ”, disse o professor Lovell. 'É latim. É a raiz da palavra inglesa *speed* e significa um nexo de coisas que envolvem esperança, fortuna, sucesso e alcançar o objetivo. Faz com que as carruagens andem com um pouco mais de segurança e rapidez.’

Robin franziu a testa, passando o dedo pela barra. Parecia tão pequeno, inócuo demais para produzir um efeito tão profundo. 'Mas como?' E uma segunda questão mais urgente. '

Eu vou- '

'Em tempo.' O professor Lovell deu um tapinha no ombro dele. 'Mas sim, Robin Rápido.

Você será um dos poucos estudiosos no mundo que conhece os segredos do trabalho com prata. Foi para isso que eu trouxe você aqui.

Duas horas de táxi os levaram a um vilarejo chamado Hampstead, vários quilômetros ao norte de Londres, onde o professor Lovell possuía uma casa de quatro andares feita de tijolos vermelhos claros e estuque branco, cercada por uma generosa faixa de arbustos verdes bem cuidados.

“Seu quarto fica no andar de cima”, disse o professor Lovell a Robin enquanto destrancava a porta. 'Suba as escadas e vá para a direita.'

A casa estava muito escura e fria por dentro. A Sra. Piper começou a abrir as cortinas, enquanto Robin arrastava seu malão pela escada em espiral e pelo corredor conforme as instruções. Seu quarto consistia apenas de alguns móveis - uma escrivaninha, uma cama e uma cadeira - e não tinha nenhuma decoração ou pertence, exceto a estante de canto, que estava repleta de tantos títulos que sua

preciosa coleção parecia insignificante em comparação. .

Curioso, Robin se aproximou. Esses livros foram preparados especialmente para ele?

Isso parecia improvável, embora muitos dos títulos parecessem coisas que ele iria gostar –

só a prateleira de cima tinha uma série de Swifts e Defoes, romances de seus autores favoritos que ele nem sabia que existiam. Ah, havia *As Viagens de Gulliver* . Ele puxou o livro da estante. Parecia desgastado, algumas páginas amassadas e com orelhas e outras manchadas de chá ou café.

Ele recolocou o livro, confuso. Alguém deve ter vivido neste quarto antes dele. Algum outro garoto, talvez – alguém da idade dele, que amasse Jonathan Swift tanto quanto, que tivesse lido esse exemplar de *As Viagens de Gulliver* tantas vezes que a tinta no canto superior direito, onde o dedo virava a página, estava começando a desbotar.

Mas quem poderia ter sido? Ele presumiu que o professor Lovell não tinha filhos.

'Robin!' A Sra. Piper gritou lá de baixo. — Você é procurado lá fora.

Robin desceu correndo as escadas. O professor Lovell esperou junto à porta, olhando impacientemente para o seu relógio de bolso.

— Seu quarto serve? ele perguntou. 'Tem tudo que você precisa?'

Robin assentiu efusivamente. 'Oh sim.'

'Bom.' O professor Lovell acenou com a cabeça para o táxi que o esperava. — Entre, precisamos fazer de você um inglês.

Ele quis dizer isso literalmente. Durante o resto da tarde, o Professor Lovell levou Robin em uma série de tarefas a serviço de assimilá-lo na sociedade civil britânica. Eles consultaram um médico que o pesou, examinou e, relutantemente, declarou-o apto para viver na ilha: “Sem doenças tropicais nem pulgas, graças a Deus. Ele é um pouco pequeno para sua idade, mas crie-o com carne de carneiro e purê e ele ficará bem. Agora vamos tomar uma vacina contra varíola –

arregace a manga, por favor, obrigado. Não vai doer.

Conte até três. Eles viram um barbeiro, que cortou os cachos rebeldes de Robin, na altura do queixo, em um corte curto e bem feito, acima das orelhas. Viram um chapeleiro, um sapateiro e, finalmente, um alfaiate, que mediu cada centímetro do corpo de Robin e lhe mostrou vários pedaços de tecido, entre os quais Robin, impressionado, escolheu ao acaso.

No final da tarde, eles foram ao tribunal para um encontro com um advogado que redigiu um conjunto de documentos que, segundo Robin foi informado, fariam dele um cidadão legal do Reino Unido e um pupilo sob a tutela do professor Richard Linton Lovell. .

O professor Lovell assinou seu nome com um floreio. Então Robin foi até a mesa do advogado. A superfície era alta demais para ele, então um funcionário arrastou-se sobre um banco onde ele pudesse ficar de pé.

'Achei que já tivesse assinado isso.' Robin olhou para baixo. A linguagem parecia bastante semelhante ao contrato de tutela que o professor Lovell lhe dera em Cantão.

“Esses eram os termos entre você e eu”, disse o professor Lovell. ' *Isso* faz de você um inglês.'

Robin examinou o script em loop – *guardião, órfão, menor, custódia* . — Você está me reivindicando como filho?

— Estou reivindicando você como pupilo. Isso é diferente.'

Por que? , ele quase perguntou. Algo importante dependia dessa questão, embora ele ainda fosse muito jovem para saber exatamente o que era. Um momento se estendeu entre eles, cheio de possibilidades. O advogado coçou o nariz. O professor Lovell pigarreou. Mas o momento passou sem comentários. O professor Lovell não estava disponível e Robin já sabia que era melhor não pressionar. Ele assinou.

O sol já havia se posto quando retornaram a Hampstead. Robin perguntou se ele poderia ir para a cama, mas o professor Lovell o incentivou a ir para a sala de jantar.

“Você não pode decepcionar a Sra. Piper; ela esteve na cozinha a tarde toda. Pelo menos empurre a comida no prato um pouco.

A Sra. Piper e sua cozinha tiveram uma reunião gloriosa. A mesa da sala de jantar, que parecia ridiculamente grande só para os dois, estava cheia de jarras de leite, pãezinhos brancos, cenouras e batatas assadas, molho, alguma coisa ainda fervendo numa terrina

prateada dourada e o que parecia ser uma frango glaceado inteiro. Robin não comia desde aquela manhã; ele deveria estar faminto, mas estava tão exausto que a visão de toda aquela comida fez seu estômago revirar.

Em vez disso, ele voltou os olhos para uma pintura pendurada atrás da mesa. Era impossível ignorar; dominava toda a sala. Retratava uma bela cidade ao anoitecer, mas não era Londres, ele não pensava. Parecia mais digno. Mais antigo.

'Ah. Agora isso — o professor Lovell seguiu seu olhar — é Oxford.

Oxford . Ele já tinha ouvido essa palavra antes, mas não tinha certeza de onde. Ele tentou analisar o nome, como fazia com todas as palavras desconhecidas em inglês. 'A . . .

um centro de comércio de vacas? É um mercado?

“Uma universidade”, disse o professor Lovell. 'Um lugar onde todas as grandes mentes da nação podem se reunir em pesquisa, estudo e instrução. É um lugar maravilhoso, Robin.

Ele apontou para um grande edifício com cúpula no meio da pintura. 'Esta é a Biblioteca Radcliffe. E este — apontou para uma torre ao lado, o edifício mais alto da paisagem — é o Instituto Real de Tradução. É aqui que dou aulas e passo a maior parte do ano quando não estou em Londres.

“É adorável”, disse Robin.

'Oh sim.' O professor Lovell falou com um calor incomum. 'É o lugar mais lindo do mundo.'

Ele abriu as mãos no ar, como se imaginasse Oxford diante dele. 'Imagine uma

cidade de estudiosos, todos pesquisando as coisas mais maravilhosas e fascinantes. Ciência.

Matemática. Línguas. Literatura. Imagine prédio após prédio cheio de mais livros do que você já viu em toda a sua vida. Imagine tranquilidade, solidão e um lugar sereno para pensar. Ele suspirou. 'Londres é uma bagunça barulhenta. É impossível fazer alguma coisa aqui; a cidade é muito barulhenta e exige muito de você. Você pode escapar para lugares como Hampstead, mas o núcleo gritante o atrai de volta, goste você ou não. Mas Oxford dá-lhe todas as ferramentas de que necessita para o seu trabalho – comida, roupas, livros, chá

– e depois deixa-o em paz. É o centro de todo o conhecimento e inovação no mundo civilizado. E, se você progredir o suficiente bem, em seus estudos aqui, um dia você poderá ter a sorte de chamá-lo de lar.

A única resposta apropriada aqui parecia ser um silêncio admirado. O professor Lovell olhou melancolicamente para a pintura. Robin tentou corresponder ao entusiasmo dele, mas não pôde deixar de olhar de soslaio para o professor. A suavidade em seus olhos, o *desejo* , o assustou. No pouco tempo que o conhecia, Robin nunca tinha visto o professor Lovell expressar tanto carinho por alguma coisa.

As aulas de Robin começaram no dia seguinte.

Assim que terminou o café da manhã, o professor Lovell instruiu Robin a se lavar e voltar à sala de visitas em dez minutos. Lá esperava um cavalheiro corpulento e sorridente chamado Sr. Felton – um aluno de primeira classe em Oxford, um homem da Oriel, lembre-se – e, sim, ele se certificaria de que Robin estivesse à altura do ritmo latino de Oxford. O

menino estava começando um pouco atrasado em comparação com seus colegas, mas se estudasse muito, isso poderia ser facilmente remediado.

Assim começou uma manhã de memorização de vocabulário básico – *agricola*, *terra*, *aqua* – que foi assustadora, mas depois pareceu fácil em comparação com as explicações estonteantes de declinações e conjugações que se seguiram. Robin nunca tinha aprendido os fundamentos da gramática – ele sabia o que funcionava em inglês porque parecia *certo* –

e assim, ao aprender latim, aprendeu as partes básicas da própria língua.

Substantivo, verbo, sujeito, predicado, cópula; depois os casos nominativo, genitivo e acusativo. . . Ele absorveu uma quantidade desconcertante de material nas três horas seguintes e já havia esquecido metade quando a aula terminou, mas saiu com uma profunda apreciação da linguagem e de todas as palavras para saber o que era possível fazer com ela.

— Tudo bem, rapaz. Felizmente, o Sr. Felton era um sujeito paciente e parecia solidário com a brutalização mental a que submetera Robin. 'Você se divertirá muito mais depois que terminarmos de preparar o terreno. Espere até chegarmos a Cícero. Ele olhou para as anotações de Robin. 'Mas você precisa ter mais cuidado com a ortografia.'

Robin não conseguia ver onde ele havia errado. 'O que você quer dizer?'

'Você esqueceu quase todas as marcas macron.'

'Oh.' Robin reprimiu um ruído de impaciência; ele estava com muita fome e só queria terminar para poder ir almoçar. 'Aqueles.'

O Sr. Felton bateu na mesa com os nós dos dedos. — Até a duração de uma única vogal é importante, Robin Swift. Considere a Bíblia. O original O texto hebraico nunca especifica que tipo de fruto proibido a serpente convence Eva a comer. Mas em latim, *malum* significa

“mau” e *mālum* ”, escreveu ele para Robin, enfatizando o macron com força, “significa

“maçã”. Foi um pequeno salto daí para culpar a maçã pelo pecado original. Mas, pelo que sabemos, o verdadeiro culpado pode ser um caqui.

O Sr. Felton partiu na hora do almoço, depois de atribuir uma lista de quase cem palavras do vocabulário para memorizar antes da manhã seguinte. Robin comia sozinho na sala de estar, mecanicamente enfiando presunto e batatas na boca enquanto piscava sem entender a gramática.

'Mais batatas, querido?' — perguntou a Sra. Piper.

'Não, obrigado.' A comida pesada, combinada com a fonte minúscula de suas leituras, o deixava sonolento. Sua cabeça latejava; o que ele realmente teria gostado era de um longo cochilo.

Mas não houve alívio. Às duas em ponto, um cavalheiro magro e de bigodes grisalhos que se apresentou como Sr. Chester chegou em casa e, durante as três horas seguintes, eles começaram a estudar grego antigo para Robin.

O grego era um exercício para tornar estranho o familiar. Seu alfabeto foi mapeado no alfabeto romano, mas apenas parcialmente, e muitas vezes as letras não soavam como pareciam - um rho (P) não era um P , e um eta (H) não era um *H.* Como o latim, fazia uso de conjugações e declinações, mas havia muito mais modos, tempos verbais e vozes para acompanhar. Seu inventário de sons parecia mais distante do inglês do que o do latim, e Robin continuou lutando para não fazer com que os tons gregos soassem como os chineses.

O Sr. Chester era mais severo do que o Sr. Felton e ficava irritado e irritado quando Robin continuava errando as terminações verbais. No final da tarde, Robin sentiu-se tão perdido que tudo o que pôde fazer foi simplesmente repetir os sons que o Sr. Chester cuspiu nele.

O Sr. Chester saiu às cinco, depois de também atribuir uma montanha de leituras que machucavam Robin de olhar. Ele levou os textos para o quarto e depois cambaleou, girando a cabeça, até a sala de jantar para jantar.

'Como foram suas aulas?' Professor Lovell perguntou.

Robin hesitou. 'Bem.'

A boca do professor Lovell se curvou num sorriso. — É um pouco demais, não é?

Robin suspirou. — Só um pouco, senhor.

'Mas essa é a beleza de aprender um novo idioma. Deve *parecer* um empreendimento enorme. Isso deveria intimidar você. Faz você apreciar a complexidade daqueles que você já conhece.

- Mas não vejo por que têm de ser *tão* complicados - disse Robin com súbita veemência.

Ele não pôde evitar; sua frustração vinha aumentando desde o meio-dia. 'Quero dizer, por que tantas regras? Por que tantos *finais* ? O chinês não tem nada disso; não temos tempos verbais, declinações ou conjugações. Chinês é muito mais

simples. .

“Você está errado nisso”, disse o professor Lovell. 'Cada língua é complexa à sua maneira. Acontece que o latim trabalha sua complexidade na forma da palavra. A sua riqueza morfológica é uma vantagem e não um obstáculo. Considere a frase *Ele aprenderá* .

Tā huì xué. Três palavras em inglês e chinês. Em latim, é preciso apenas um. *Disco.* Muito mais elegante, entende?

Robin não tinha certeza se sim.

Esta rotina – latim de manhã, grego à tarde – tornou-se a vida de Robin num futuro próximo. Ele estava grato por isso, apesar do trabalho árduo. Finalmente, ele tinha alguma estrutura para seus dias. Ele se sentia menos desenraizado e desnorteado agora - ele tinha um propósito, ele tinha um lugar, e mesmo que ainda não conseguisse entender por que esta vida havia caído sobre *ele* , de todos os garotos das docas de Cantão, ele cumpriu seus deveres com diligência determinada e sem reclamar.

Duas vezes por semana ele praticava conversação em mandarim com o professor Lovell.

* A princípio, ele não conseguiu entender a questão. Esses diálogos pareciam artificiais, afetados e, acima de tudo, desnecessários. Ele já era fluente; ele não tropeçou na lembrança do vocabulário ou na pronúncia do jeito que ele fez quando ele e o Sr. Felton conversaram em latim. Por que ele deveria responder a perguntas tão básicas como como encontrou seu jantar ou o que pensava sobre o tempo?

Mas o professor Lovell foi inflexível. “As línguas são mais fáceis de esquecer do que você imagina”, disse ele. 'Quando você para de viver no mundo chinês, você para de pensar em chinês.'

— Mas pensei que você queria que eu começasse a pensar em inglês — disse Robin, confuso.

“Quero que você *viva* em inglês”, disse o professor Lovell. 'Isto é verdade. Mas ainda preciso que você pratique chinês. Palavras e frases que você acha que estão gravadas em seus ossos podem desaparecer rapidamente.

Ele falou como se isso tivesse acontecido antes.

'Você cresceu com bases sólidas em mandarim, cantonês e inglês. Isso é uma sorte – há adultos que passam a vida inteira tentando alcançar o que vocês alcançaram. E mesmo que

o façam, alcançam apenas uma fluência aceitável – o suficiente para sobreviver, se pensarem bem e recordarem o vocabulário antes de falar – mas nada perto de uma fluência nativa onde as palavras surgem espontaneamente, sem atraso ou trabalho. Você, por outro lado, já dominou as partes mais difíceis de dois sistemas linguísticos – os sotaques e o ritmo, aquelas peculiaridades inconscientes que os adultos levam uma eternidade para aprender e, mesmo assim, não exatamente. Mas você deve *mantê*- los. Você não pode desperdiçar seus dons naturais.

“Mas eu não entendo”, disse Robin. 'Se meus talentos residem no chinês, então para que preciso do latim e do grego?'

O professor Lovell riu. 'Para entender inglês.'

'Mas eu sei inglês.'

— Não tão bem quanto você pensa. Muitas pessoas falam isso, mas poucos realmente *conhecem* suas raízes e esqueletos. Mas você precisa conhecer a história, a forma e a profundidade de uma linguagem, principalmente se planeja manipulá-la como um dia aprenderá a fazer. E você também precisará adquirir esse domínio do chinês. Isso começa praticando o que você tem.

O professor Lovell estava certo. Robin descobriu que era surpreendentemente fácil perder uma linguagem que antes lhe parecia tão familiar quanto a sua própria pele. Em Londres, sem outro chinês à vista, pelo menos não nos círculos londrinos onde vivia, a sua língua materna soava como um balbucio. Proferido naquela sala de estar, o espaço mais essencialmente inglês, não parecia pertencer. Parecia inventado. E isso assustou ele, às vezes, quantas vezes sua memória falhava, como as sílabas com as quais ele cresceu podiam de repente soar tão estranhas.

Ele se esforçou duas vezes mais no chinês do que no grego e no latim. Durante horas por dia ele praticava escrever seus caracteres, trabalhando em cada traço até conseguir uma réplica perfeita dos caracteres impressos. Ele procurou na

memória como eram as conversas em chinês, como soava o mandarim quando saía naturalmente de sua língua, quando ele não precisava fazer uma pausa para lembrar o tom da próxima palavra que pronunciava.

Mas ele *estava* esquecendo. Isso o aterrorizou. Às vezes, durante conversas práticas, ele se pegava ignorando uma palavra que costumava usar constantemente. E às vezes ele soava, aos seus próprios ouvidos, como um marinheiro europeu imitando o chinês sem saber o que dizia.

Ele poderia consertar isso, no entanto. Ele faria isso. Pela prática, pela memorização, pelas composições diárias – não era a mesma coisa que viver e respirar o mandarim, mas era próximo o suficiente. Ele estava numa idade em que a língua havia deixado uma impressão permanente em sua mente. Mas ele tinha que tentar, realmente tentar, para ter certeza de que não pararia de sonhar em sua língua nativa.

Pelo menos três vezes por semana, o professor Lovell recebia diversos convidados em sua sala de estar. Robin supôs que eles também deviam ser estudiosos, pois muitas vezes traziam pilhas de livros ou manuscritos encadernados, sobre os quais se debruçavam e debatiam até altas horas da noite. Descobriu-se que vários desses homens falavam chinês, e Robin às vezes se escondia atrás do corrimão, escutando o som muito estranho de ingleses

discutindo os detalhes da gramática chinesa clássica durante o chá da tarde. 'É apenas uma partícula final', insistia um deles, enquanto os outros gritavam: 'Bem, nem todos podem *ser* partículas finais.'

O professor Lovell parecia preferir que Robin se mantivesse fora de vista quando chegasse visita. Ele nunca proibiu explicitamente a presença de Robin, mas fazia uma anotação dizendo que o Sr. Woodbridge e o Sr. Ratcliffe estariam de visita às oito, o que Robin interpretou como significando que ele deveria desaparecer.

Robin não teve problemas com esse acordo. É certo que ele achava as suas conversas fascinantes – falavam frequentemente de assuntos distantes, como expedições às Índias Ocidentais, negociações sobre impressões de algodão na Índia e distúrbios violentos em todo o Próximo Oriente. Mas como grupo, eles eram assustadores; uma procissão de homens solenes e eruditos, todos vestidos de preto como um matador de corvos, cada um mais intimidante que o anterior.

A única vez que ele invadiu uma dessas reuniões foi por acidente. Ele estava no

jardim, cumprindo a recomendação diária do médico, quando ouviu o professor e seus convidados discutindo em voz alta sobre Cantão.

“Napier é um idiota”, dizia o professor Lovell. “Ele está jogando sua mão muito cedo –

não há sutileza. O Parlamento não está preparado e, além disso, está a irritar os compradores.

'Você acha que os conservadores vão querer se mudar a qualquer momento?'

perguntou um homem com uma voz muito profunda.

'Talvez. Mas eles terão que conseguir uma fortaleza melhor em Cantão se quiserem trazer navios.

Neste ponto, Robin não pôde deixar de se aventurar na sala de estar. “E quanto a Cantão?”

Todos os cavalheiros se viraram para olhá-lo imediatamente. Eram quatro, todos muito altos e de óculos ou monóculo.

“E quanto a Cantão?” Robin perguntou novamente, subitamente nervoso.

“Silêncio”, disse o professor Lovell. 'Robin, seus sapatos estão imundos, você está deixando lama por toda parte. Tire-os e vá tomar banho.

Robin persistiu. 'O rei George vai declarar guerra a Cantão?'

— Ele não pode declarar guerra a Cantão, Robin. Ninguém declara guerra às cidades.

'Então o Rei George vai invadir a China?' ele persistiu.

Por alguma razão, isso fez os cavalheiros rirem.

“Gostaria que pudéssemos”, disse o homem com a voz profunda. — Isso tornaria todo esse empreendimento muito mais fácil, não é?

Um homem com uma grande barba grisalha olhou para Robin. — E onde estaria sua lealdade? Aqui ou em casa?

'Meu Deus.' O quarto homem, cujos olhos azuis claros Robin considerava enervantes, inclinou-se para inspecioná-lo, como se através de uma lupa enorme e invisível. 'Este é o novo? Ele é ainda mais parecido com você do que o anterior. .

A voz do professor Lovell cortou a sala como vidro. 'Hayward.'

'Realmente, é *estranho* , quero dizer, olhe para os olhos dele. Não a cor, mas a *forma* . .

' *Hayward* .'

Robin olhou para frente e para trás entre eles, perplexo.

“Isso é suficiente”, disse o professor Lovell. 'Robin, *vá* .'

Robin murmurou um pedido de desculpas e subiu correndo as escadas, esquecendo as botas enlameadas. Por cima do ombro, ouviu fragmentos da resposta do professor Lovell:

“Ele não sabe, não gosto de lhe dar ideias. . . Não, Hayward, não vou. . Mas quando chegou à segurança do patamar, onde poderia inclinar-se sobre o corrimão e ouvir sem ser apanhado, já tinham mudado de assunto para Afeganistão.

Naquela noite, Robin ficou diante do espelho, olhando fixamente para seu rosto por tanto tempo que eventualmente começou a parecer estranho.

Suas tias gostavam de dizer que ele tinha o tipo de rosto que poderia se misturar em qualquer lugar - seus cabelos e olhos, ambos de um tom de castanho mais suave do que o preto índigo que coloria o resto de sua família, poderiam tê-lo marcado como filho de um marinheiro português ou herdeiro do imperador Qing. Mas Robin sempre atribuiu isso a algum arranjo acidental da natureza que lhe atribuía características que poderiam pertencer a qualquer lugar do espectro de qualquer raça, branca ou amarela.

Ele nunca se perguntou se não seria um chinês de sangue puro.

Mas qual era a alternativa? Que seu pai era branco? Que seu pai era. .

Olhe para os olhos dele.

Essa foi uma prova incontestável, não foi?

Então por que seu pai não reivindicaria Robin como seu? Por que ele era apenas um pupilo e não um filho?

Mas mesmo naquela época, Robin não era jovem demais para compreender que havia algumas verdades que não podiam ser ditas, que a vida normal só seria possível se nunca fossem reconhecidas. Ele tinha um teto sobre sua cabeça, três refeições garantidas por dia e acesso a mais livros do que poderia ler em toda a vida. Sabia que ele não tinha o direito de exigir mais nada.

Ele tomou uma decisão então. Ele nunca questionaria o professor Lovell, nunca sondaria o espaço vazio onde a verdade pertencia. Enquanto o professor Lovell não o aceitasse como filho, Robin não tentaria reivindicá-lo como pai. Uma mentira não era mentira se nunca fosse proferida; perguntas que nunca foram feitas não precisavam de respostas. Ambos permaneceriam perfeitamente satisfeitos em permanecer no espaço liminar e infinito entre a verdade e a negação.

Ele se enxugou, vestiu-se e sentou-se à mesa para terminar o trabalho. exercício de tradução para a noite. Ele e o Sr. Felton haviam agora mudado para *a Agrícola de Tácito* .

Auferre trucidare rapere falsis nominibus imperium atque ubi solitudinem faciunt pacem recorrente .

Robin analisou a frase, consultou o dicionário para verificar se *auferre* significava o que ele pensava e depois escreveu a tradução. *

Quando o período letivo de Michaelmas começou no início de outubro, o professor Lovell partiu para Oxford, onde permaneceria pelas próximas oito semanas. Ele faria isso durante cada um dos três períodos acadêmicos de Oxford, retornando apenas durante os intervalos.

Robin adorava esses períodos; mesmo que suas aulas não parassem, era possível respirar e relaxar sem correr o risco de decepcionar seu tutor a cada passo.

Isso também significava que, sem o professor Lovell respirando por cima do

ombro, ele teria liberdade para explorar a cidade.

O professor Lovell não lhe dava mesada, mas a Sra. Piper ocasionalmente lhe dava alguns trocados para a passagem, que ele economizava até poder chegar a Covent Garden de carruagem. Quando soube por um jornaleiro sobre o serviço de ônibus puxado por cavalos, ele viajava quase todo fim de semana, cruzando o coração de Londres, de Paddington Green até o Banco. Suas primeiras viagens sozinho o aterrorizaram; várias vezes ele se convenceu de que nunca mais encontraria o caminho de volta para Hampstead e estaria condenado a viver sua vida como um abandonado nas ruas. Mas ele persistiu. Ele recusou-se a ser intimidado pela complexidade de Londres, pois Cantão também não era um labirinto? Ele decidiu tornar o lugar um lar caminhando cada centímetro dele. Aos poucos, Londres tornou-se menos opressora, menos como um poço contorcido e arrotado de monstros que poderiam engoli-lo em qualquer esquina e mais como um labirinto navegável cujos truques e reviravoltas ele poderia antecipar.

Ele leu a cidade. Londres na década de 1830 estava explodindo com a impressão.

Jornais, revistas, periódicos, trimestrais, semanais, mensais e livros de todos os gêneros voavam das prateleiras, eram jogados nas portas e apregoados nas esquinas de quase todas as ruas. Ele se debruçou sobre exemplares de banca de jornal do *The Times,* do *Standard* e do *Morning Post* ; ele leu, embora não compreendesse totalmente, artigos em revistas acadêmicas como *Edimburgo Revisão* e *Revisão Trimestral* ; ele leu jornais satíricos baratos como *Figaro em Londres* , pseudonotícias melodramáticas como reportagens policiais coloridas e uma série sobre as confissões moribundas de prisioneiros condenados. Para coisas mais baratas, ele se divertiu com a *gaita de foles Bawbee* . Ele tropeçou em uma série chamada *The Pickwick Papers,* de alguém chamado Charles Dickens, que era muito engraçado, mas parecia odiar muito qualquer pessoa que não fosse branca. Ele descobriu Fleet Street, o coração do mercado editorial de Londres, onde os jornais saíam das impressoras ainda quentes. Ele voltou lá uma e outra vez, trazendo para casa pilhas de jornais do dia anterior, de graça, das pilhas que estavam jogadas na esquina.

Ele não entendeu metade do que leu, mesmo que conseguisse decifrar todas as palavras individualmente. Os textos estavam repletos de alusões políticas, piadas internas, gírias e convenções que ele nunca aprendeu. Em vez de passar a

infância absorvendo tudo em Londres, ele tentou devorar o corpus, tentou vasculhar referências a coisas como Conservadores, Whigs, Cartistas e Reformadores e memorizar o que eram. Ele aprendeu o que eram as Leis do Milho e o que elas tinham a ver com um francês chamado Napoleão. Ele aprendeu quem eram os católicos e os protestantes e como as (ele pensava, pelo menos) pequenas diferenças doutrinárias entre os dois eram aparentemente uma questão de grande e sangrenta importância. Ele aprendeu que ser inglês não era o mesmo que ser britânico, embora ainda tivesse dificuldade em articular a diferença entre os dois.

Ele leu a cidade e aprendeu sua língua. Novas palavras em inglês eram para ele um jogo, pois ao compreender a palavra ele sempre entendia algo sobre a história ou a própria cultura inglesa. Ele ficou encantado quando palavras comuns foram, inesperadamente, formadas a partir de outras palavras que ele conhecia. *Hussy* era um composto de *casa* e *esposa* . *O feriado* era uma combinação de *santo* e *dia*. *Bedlam* veio, implausivelmente, de *Belém. Adeus* foi, incrivelmente, uma versão abreviada de *Deus esteja com você* . No East End de Londres, ele encontrou gírias rimadas cockney, que inicialmente apresentavam um

grande mistério, pois ele não tinha ideia de como *Hampstead* poderia passar a significar

'dentes'. * Mas depois que aprendeu sobre o componente omitido da rima, ele se divertiu muito criando o seu próprio. (A Sra. Piper não achou muita graça quando ele começou a se referir ao jantar como a “refeição dos santos”.) *

Muito depois de ter aprendido o significado correto das palavras e frases que antes o confundiam, sua mente ainda formava associações engraçadas em torno delas. Ele imaginou o Gabinete como uma série de prateleiras enormes onde homens fantasiados eram dispostos como bonecos. Ele achava que os Whigs tinham esse nome por causa de suas perucas, e os Conservadores, por causa da jovem princesa Vitória. Ele imaginou que Marylebone era composta de mármore e osso, que Belgravia era uma terra de sinos e sepulturas e que Chelsea tinha esse nome devido às conchas e ao mar. O professor Lovell manteve uma estante com títulos de Alexander Pope em sua biblioteca e, durante um ano inteiro, Robin pensou que *The Rape of the Lock* era sobre fornicação com ferrolho em vez de roubo de cabelo. *

Ele aprendeu que uma libra valia vinte xelins e um xelim valia doze pence – a clareza sobre florins, grumos e centavos teria de chegar com o tempo. Ele aprendeu que havia muitos tipos de britânicos, assim como havia muitos tipos de chineses, e que ser irlandês ou galês era diferente, em aspectos importantes, de ser inglês. Ele descobriu que a Sra.

Piper era de um lugar chamado Escócia, o que a tornava escocesa, e também explicou por que seu sotaque, cadenciado e rótico, soava tão diferente das entonações nítidas e diretas do professor Lovell.

Ele aprendeu que Londres em 1830 era uma cidade que não conseguia decidir o que queria ser. A Cidade de Prata era o maior centro financeiro do mundo, a vanguarda da indústria e da tecnologia. Mas os seus lucros não foram partilhados igualmente. Londres era tanto uma cidade de peças teatrais em Covent Garden e bailes em Mayfair quanto uma cidade de favelas lotadas em torno de St Giles. Londres era uma cidade de reformadores, um lugar onde pessoas como William Wilberforce e Robert Wedderburn haviam defendido a abolição da escravatura; onde os motins de Spa Fields terminaram com os líderes acusados de alta traição; onde os owenistas tentaram fazer com que todos se juntassem às suas comunidades socialistas utópicas (ele ainda não tinha certeza do que era socialismo); e onde *a Vindicação dos Direitos da Mulher* , de Mary Wollstonecraft , publicada há apenas quarenta anos, inspirou ondas de feministas e sufragistas barulhentas e orgulhosas. Ele descobriu que no Parlamento, nas câmaras municipais e nas ruas, reformadores de todos os matizes lutavam pela alma de Londres, enquanto uma classe dominante conservadora e proprietária de terras lutava contra as tentativas de mudança a cada passo.

Ele não entendia essas lutas políticas, não naquela época. Ele só Senti que Londres, e a Inglaterra em geral, estavam muito divididas sobre o que eram e o que queriam ser. E ele entendeu que a prata estava por trás de tudo. Pois quando os Radicais escreveram sobre os perigos da industrialização, e quando os Conservadores refutaram isto com provas da economia em expansão; quando qualquer um dos partidos políticos falou sobre favelas, habitação, estradas, transporte, agricultura e indústria; quando alguém falava sobre a Grã-Bretanha e o futuro do Império, a palavra estava sempre presente em jornais, panfletos, revistas e até mesmo em livros de orações: *prata, prata, prata* .

Com a Sra. Piper, ele aprendeu mais do que imaginava ser possível sobre a comida inglesa e a Inglaterra. A adaptação a este novo paladar demorou algum

tempo. Ele nunca havia pensado muito em comida quando morava em Cantão – o mingau, os pães cozidos no vapor, os bolinhos e os pratos de vegetais que compunham suas refeições diárias lhe pareciam normais. Eram a base da dieta de uma família pobre, muito longe da alta culinária chinesa. Agora ele estava surpreso com o quanto sentia falta deles. Os ingleses faziam uso regular de apenas dois sabores – salgado e não salgado – e não pareciam reconhecer nenhum dos outros. Para um país que lucrava tão bem com o comércio de especiarias, os seus cidadãos eram violentamente avessos a realmente utilizá-las; durante todo o tempo que passou em Hampstead, ele nunca provou um prato que pudesse ser adequadamente descrito como “temperado”, muito menos “picante”.

Ele sentia mais prazer em aprender sobre a comida do que em comê-la. Essa educação veio espontaneamente – a querida Sra. Piper era do tipo tagarela e ficaria feliz em dar palestras enquanto servia o almoço se Robin demonstrasse o menor interesse no que estava em seu prato. Disseram-lhe que batatas, que ele achava muito saborosas em qualquer forma, não deveriam ser servidas em companhias importantes, pois eram consideradas de classe baixa. Ele descobriu que pratos de prata dourada recém-inventados eram usados para manter a comida quente durante a refeição, mas que era rude revelar esse truque aos convidados e, por isso, as barras eram sempre embutidas no fundo das travessas. Ele aprendeu que a prática de servir comida em pratos sucessivos foi adotada pelos franceses e que a razão pela qual ainda não era uma norma universal era um ressentimento persistente em relação àquele homenzinho Napoleão. Ele aprendeu, mas não entendeu muito bem, as distinções sutis entre almoço, almoço e jantar do meio-dia. Ele descobriu que devia agradecer aos católicos romanos por seus cheesecakes de amêndoa favoritos, pois a proibição de laticínios durante os dias de jejum forçou os cozinheiros ingleses a inovar com o leite de amêndoa.

Uma noite, a Sra. Piper trouxe um círculo redondo e achatado: uma espécie de massa assada cortada em fatias triangulares. Robin pegou um e mordeu hesitantemente na esquina. Era muito grosso e farinhento, muito mais denso do que os pãezinhos brancos e fofos que sua mãe costumava cozinhar no vapor todas as semanas. Não foi desagradável, apenas surpreendentemente pesado. Ele tomou um grande gole de água para guiar o bolo para baixo e perguntou: 'O que é isso?'

“Isso é um bannock, querido”, disse a Sra. Piper.

“Scone”, corrigiu o professor Lovell.

'É propriamente um *bannock* ...'

“Os scones são as peças”, disse o professor Lovell. 'O bannock é o bolo inteiro.'

'Agora olhe aqui, isto é um bannock, e todos os pedacinhos são bannocks também.

Scones são aquelas coisas secas e quebradiças que os ingleses adoram enfiar na boca. .

— Presumo que você esteja exceto seus próprios scones, Sra. Piper. Ninguém em sã consciência os acusaria de estarem secos.

A Sra. Piper não sucumbiu à lisonja. 'É um bannock. *São* bannocks. Minha avó os chamava de bannocks, minha mãe os chamava de bannocks, então são bannocks.

'Por que isso. . por que eles são. . chamados de bannocks?' Robin perguntou. O som da palavra o fez imaginar um monstro das colinas, alguma coisa com garras e cartilagem que não ficaria satisfeita a menos que lhe fosse oferecido um sacrifício de pão.

“Por causa do latim”, disse o professor Lovell. 'Bannock vem de *panicium* , que significa

“pão assado”.'

Isso parecia plausível, embora decepcionantemente mundano. Robin deu outra mordida no bannock, ou bolinho, e desta vez saboreou a maneira espessa e satisfatória como ele se assentou em seu estômago.

Ele e a Sra. Piper rapidamente se uniram por causa de um profundo amor por scones.

Ela os preparava de todas as maneiras – simples, servidos com um pouco de creme de leite e geléia de framboesa; salgado e cravejado de queijo e cebolinha com alho; ou salpicado com pedaços de frutas secas. Robin gostava mais deles simplesmente – por que arruinar o que era, em sua opinião, perfeito desde a

concepção? Ele tinha acabado de aprender sobre as formas platônicas e estava convencido de que os scones eram o ideal platônico do pão. E

o creme de leite da Sra. Piper era maravilhoso, leve, com nozes e refrescante ao mesmo tempo. Algumas famílias cozinhavam leite durante quase um dia inteiro no fogão para cobrir aquela camada de creme, ela disse a ele, mas no Natal passado o professor Lovell trouxera ela uma engenhoca inteligente de prata que poderia separar o creme em segundos.

O professor Lovell era o que menos gostava de scones simples, então os scones de sultana eram a base de seus chás da tarde.

'Por que eles são chamados de sultanas?' Robin perguntou. — São apenas passas, não são?

“Não tenho certeza, querido”, disse a Sra. Piper. 'Talvez seja de onde eles são. *Sultana* parece bastante oriental, não é? Richard, onde eles são cultivados? Índia?'

“Ásia Menor”, disse o professor Lovell. 'E são sultanas, não sultões, porque não têm sementes.'

A Sra. Piper piscou para Robin. 'Bem, aí está. É tudo uma questão de sementes.

Robin não entendeu a piada, mas sabia que não gostava de sultanas nos seus scones; quando o professor Lovell não estava olhando, ele escolhia suas sultanas, espalhava creme de leite no bolinho desnudo e o colocava na boca.

Além dos scones, a outra grande indulgência de Robin eram os romances. As duas dúzias de tomos que ele recebia todos os anos em Cantão eram uma pequena quantidade. Agora ele teve acesso a uma verdadeira inundação. Ele nunca ficava sem um livro, mas tinha que ser criativo ao incluir a leitura de lazer em sua agenda – ele lia à mesa, devorando as refeições da Sra. Piper sem pensar duas vezes no que estava colocando na boca; ele lia enquanto caminhava pelo jardim, embora isso o deixasse tonto; ele até tentou ler no banho, mas as impressões digitais molhadas e amassadas que deixou em uma nova edição do *Coronel Jack de Defoe* o envergonharam o suficiente para fazê-lo desistir da prática.

Ele gostava de romances mais do que qualquer outra coisa. Os seriados de

Dickens eram bons e divertidos, mas era um prazer ter nas mãos o peso de uma história inteira e acabada. Ele lia qualquer gênero que pudesse encontrar. Ele gostou de toda a obra de Jane Austen, embora tenha sido necessária muita consulta com a Sra. Piper para compreender as convenções sociais descritas por Austen. (Onde ficava Antígua? E por que Sir Thomas Bertram sempre ia para lá? *) Ele devorou a literatura de viagem de Thomas Hope e James Morier, por meio de quem conheceu os gregos e os persas, ou pelo menos alguma versão

fantasiosa deles. Ele gostou muito de *Frankenstein , de Mary Shelley* , embora não pudesse dizer o mesmo dos poemas de seu marido menos talentoso, que considerava excessivamente dramático.

Ao retornar de Oxford naquele primeiro semestre, o professor Lovell levou Robin a uma livraria – Hatchards em Piccadilly, em frente à Fortnum & Mason. Robin parou do lado de fora da entrada pintada de verde, boquiaberta. Ele passou muitas vezes por livrarias durante seus passeios pela cidade, mas nunca imaginou que poderia entrar. De alguma forma, ele desenvolveu a ideia de que as livrarias eram apenas para adultos ricos, de que ele seria arrastado pela orelha se ousasse entrar.

O professor Lovell sorriu ao ver Robin hesitando nas portas.

“E esta é apenas uma loja para o público”, disse ele. 'Espere até ver uma biblioteca universitária.'

Lá dentro, o cheiro inebriante de pó de madeira de livros recém-impressos era insuportável. Se o tabaco tivesse esse cheiro, pensou Robin, ele o cheiraria todos os dias.

Ele caminhou em direção à estante mais próxima, a mão levantada hesitantemente em direção aos livros em exposição, com muito medo de tocá-los – eles pareciam tão novos e frescos; suas lombadas não estavam rachadas, suas páginas eram lisas e brilhantes. Robin estava acostumado com tomos desgastados e encharcados; até mesmo suas gramáticas clássicas tinham décadas. Essas coisas brilhantes e recém-encadernadas pareciam uma classe diferente de objetos, coisas para serem admiradas à distância, em vez de manuseadas e lidas.

“Escolha um”, disse o professor Lovell. 'Você deveria conhecer a sensação de adquirir seu primeiro livro.'

Escolha *um* ? Apenas um de todos esses tesouros? Robin não distinguia o primeiro título do segundo e estava demasiado deslumbrado com a enorme quantidade de texto para folhear e decidir. Seus olhos pousaram em um título: *The King's Own,* de Frederick Marryat, um autor com o qual ele até então não estava familiarizado. Mas novo, ele pensou, era bom.

'Hum. Casar. Não o li, mas me disseram que ele é popular entre os garotos da sua idade.

O professor Lovell virou o livro nas mãos. 'Este, então? Você tem certeza?'

Robin assentiu. Se ele não decidisse agora, ele sabia, nunca iria embora. Parecia um homem faminto numa pastelaria, deslumbrado com as suas opções, mas não queria pôr à prova a paciência do professor.

Lá fora, o professor entregou-lhe o pacote embrulhado em papel pardo. Robin abraçou-o contra o peito, desejando não rasgá-lo até que voltassem para casa. Ele agradeceu profusamente ao professor Lovell e parou apenas quando percebeu que isso deixou o professor um tanto desconfortável. Mas então o professor perguntou-lhe se era bom ter o novo livro nas mãos. Robin concordou com entusiasmo e, pela primeira vez que ele se lembrava, eles trocaram sorrisos.

Robin havia planejado guardar *The King's Own* até aquele fim de semana, quando teria uma tarde inteira sem aulas para saborear lentamente suas páginas. Mas chegou quinta-feira à tarde e ele descobriu que não podia esperar. Depois que o Sr. Felton saiu, ele devorou o prato de pão e queijo que a Sra. Piper havia preparado e subiu correndo para a biblioteca, onde se aninhou em sua poltrona favorita e começou a ler.

Ele ficou imediatamente encantado. *The King's Own* foi uma história de façanhas navais; de vingança, ousadia e luta; de batalhas navais e viagens distantes. Sua mente voltou-se para sua própria viagem de Cantão, e ele reformulou essas memórias no contexto do romance, imaginou-se lutando contra piratas, construindo jangadas, ganhando medalhas por coragem e valor. .

A porta se abriu.

'O que você está fazendo?' perguntou o professor Lovell.

Robin olhou para cima. Sua imagem mental da Marinha Real navegando em

águas agitadas era tão vívida que ele levou um momento para lembrar onde estava.

"Robin", repetiu o professor Lovell, " *o que você está fazendo* ?"

De repente, a biblioteca ficou muito fria; a tarde dourada escureceu. Robin seguiu o olhar do professor Lovell até o relógio acima da porta. Ele havia esquecido completamente a hora. Mas aquelas mãos não podiam estar certas, não podiam ter passado *três horas* desde que ele se sentou para ler.

— Sinto muito — disse ele, ainda um tanto atordoado. Ele se sentia como um viajante vindo de longe, vindo do Oceano Índico e mergulhado naquele escritório escuro e frio. 'Eu não. . perdi a noção do tempo.'

Ele não conseguia ler a expressão do professor Lovell. Isso o assustou. Aquela parede inescrutável, aquele vazio desumano, era infinitamente mais assustador do que a fúria teria sido.

“O senhor Chester está lá embaixo há mais de uma hora”, disse o professor Lovell. — Eu não o teria deixado esperando nem por dez minutos, mas acabei de voltar para casa.

O estômago de Robin se contorceu de culpa. — Sinto muito, senhor. .

'O que você está lendo?' O professor Lovell interrompeu.

Robin hesitou por um momento, depois estendeu *The King's Own* . * 'O livro que você me comprou, senhor – há uma grande batalha acontecendo, eu só queria ver o que-'

— Você acha que importa o assunto desse livro infernal?

Nos anos seguintes, sempre que Robin relembrava essa memória, ficava chocado ao ver como agiu descaradamente em seguida. Ele deve ter entrado em pânico, porque era absurdamente tolo, em retrospecto, como ele simplesmente fechou o livro Marryat e se dirigiu para a porta, como se pudesse simplesmente correr para a aula, como se uma falha dessa magnitude poderia ser tão facilmente esquecido.

Ao se aproximar da porta, o professor Lovell retirou a mão e bateu com força os

nós dos dedos na bochecha esquerda de Robin.

A força do golpe o jogou no chão. Ele não registrou dor, mas choque; a reverberação em suas têmporas não *doeu* , ainda não – isso veio mais tarde, depois que vários segundos se passaram e o sangue começou a subir para sua cabeça.

O professor Lovell não havia terminado. Enquanto Robin se ajoelhava, atordoado, o professor puxou o atiçador que estava ao lado da lareira e balançou-o diagonalmente contra o lado direito do torso de Robin. Então ele baixou novamente. E de novo.

Robin teria ficado mais assustado se algum dia suspeitasse de violência do professor Lovell, mas aquela surra foi tão inesperada, tão totalmente fora do personagem, que pareceu mais surreal do que qualquer outra coisa. Não lhe ocorreu implorar, chorar ou mesmo gritar. Mesmo quando o atiçador bateu em suas costelas pela oitava, nona, décima vez – mesmo quando ele sentiu gosto de sangue nos dentes – tudo o que ele sentiu foi uma

profunda perplexidade por isso estar acontecendo. Parecia um absurdo. Ele parecia estar preso em um sonho.

O professor Lovell também não parecia um homem no meio de uma raiva tempestuosa.

Ele não estava gritando; seus olhos não eram selvagens; suas bochechas nem ficaram vermelhas. Ele parecia simples, com todos os detalhes duros e deliberados golpe, tentar infligir o máximo de dor com o mínimo risco de lesão permanente. Pois ele não bateu na cabeça de Robin, nem aplicou tanta força que as costelas de Robin quebrassem. Não; ele apenas causou hematomas que poderiam ser facilmente escondidos e que, com o tempo, sarariam completamente.

Ele sabia muito bem o que estava fazendo. Ele parecia ter feito isso antes.

Depois de doze ataques, tudo parou. Com o mesmo equilíbrio e precisão, o professor Lovell devolveu o atiçador à lareira, recuou e sentou-se à mesa, observando Robin em silêncio enquanto o menino se ajoelhava e limpava o sangue, da melhor maneira que podia, do rosto. .

Depois de um longo silêncio, ele falou. 'Quando eu trouxe você de Cantão, deixei claras minhas expectativas.'

Um soluço finalmente se formou na garganta de Robin, uma reação emocional retardada e sufocada, mas ele engoliu. Ele estava com medo do que o professor Lovell faria se fizesse barulho.

— Levante-se — disse o professor Lovell friamente. 'Sentar-se.'

Automaticamente, Robin obedeceu. Um de seus molares parecia solto. Ele sondou, estremecendo quando um jato de sangue fresco e salgado cobriu sua língua.

“Olhe para mim”, disse o professor Lovell.

Robin ergueu os olhos.

“Bem, isso é uma coisa boa sobre você”, disse o professor Lovell. 'Quando você leva uma surra, você não chora.'

O nariz de Robin arrepiou. As lágrimas ameaçaram explodir e ele se esforçou para contê-las. Ele sentiu como se uma estaca estivesse sendo cravada em suas têmporas. Ele estava tão dominado pela dor que não conseguia respirar, e ainda assim parecia que o mais importante era não demonstrar nenhum sinal de sofrimento. Ele nunca se sentiu tão miserável em sua vida. Ele queria morrer.

“Não tolerarei a preguiça sob este teto”, disse o professor Lovell. — Tradução não é uma tarefa fácil, Robin. Exige foco. Disciplina. Você já está em desvantagem por não ter uma educação inicial em latim e grego e tem apenas seis anos para compensar a diferença antes de começar em Oxford. Você não pode ser preguiçoso. Você não pode perder tempo com devaneios.

Ele suspirou. 'Eu esperava, com base nos relatórios da Srta. Slate, que você tivesse se tornado um menino diligente e trabalhador. Vejo agora que estava errado. Preguiça e engano são características comuns entre sua espécie. É por isso que a China continua a ser um país indolente e atrasado, enquanto os seus vizinhos avançam rumo ao progresso. Você é, por natureza, tolo, de mente fraca e pouco inclinado ao trabalho duro. Você deve resistir a essas características, Robin. Você deve aprender a superar a poluição do seu sangue.

Apostei muito na sua capacidade de fazer isso. Prove-me que valeu a pena ou compre sua própria passagem de volta para Cantão. Ele inclinou a cabeça. 'Você deseja voltar para Cantão?'

Robin engoliu em seco. 'Não.'

Ele quis dizer isso. Mesmo depois disso, mesmo depois das misérias de suas aulas, ele não conseguia imaginar um futuro alternativo para si mesmo. Cantão significava pobreza, insignificância e ignorância. Cantão significava a praga. Cantão significava não haver mais livros. Londres significava todos os confortos materiais que ele poderia desejar. Londres significava, algum dia, Oxford.

— Então decida agora, Robin. Dedique-se a se destacar nos estudos, faça os sacrifícios que isso implica e prometa que nunca mais me envergonhará tanto. Ou leve o primeiro pacote para casa. Você estará de volta às ruas sem família, sem habilidades e sem dinheiro.

Você nunca mais terá as oportunidades que estou lhe oferecendo. Você sempre sonhará em ver Londres novamente, muito menos Oxford. Você nunca, *jamais* tocará em uma barra de prata. O professor Lovell recostou-se, observando Robin com olhos frios e examinadores.

'Então. Escolher.'

Robin sussurrou uma resposta.

'Mais alto. Em inglês.'

— Sinto muito — disse Robin com voz rouca. 'Eu quero ficar.'

'Bom.' O professor Lovell levantou-se. — O Sr. Chester está esperando lá embaixo.

Recomponha-se e vá para a aula.

De alguma forma, Robin conseguiu passar por toda a aula, fungando, atordoado demais para se concentrar, um grande hematoma florescendo em seu rosto enquanto seu torso latejava devido a uma dúzia de feridas invisíveis. Felizmente, o Sr. Chester não disse nada sobre o incidente. Robin examinou uma lista de conjugações e errou todas. O Sr. Chester corrigiu-o pacientemente num tom

agradável, embora forçado. O atraso de Robin não encurtou a aula – eles passaram muito da hora do jantar, e essas foram as três horas mais longas da vida de Robin.

Na manhã seguinte, o professor Lovell agiu como se nada tivesse acontecido. Quando Robin desceu para tomar café da manhã, o professor perguntou se ele havia terminado as traduções. Robin disse que sim. A Sra. Piper trouxe ovos e presunto para o café da manhã, e eles comeram num silêncio um tanto frenético. Doía mastigar e às vezes engolir – o rosto de Robin estava até inchado mais durante a noite – mas a Sra. Piper apenas sugeriu que ele cortasse o presunto em pedaços menores quando tossisse. Todos terminaram o chá. A Sra.

Piper retirou os pratos e Robin foi buscar seus livros de latim antes que o Sr. Felton chegasse.

Nunca ocorreu a Robin fugir, nem naquele momento, nem uma única vez nas semanas que se seguiram. Alguma outra criança poderia ter ficado assustada, poderia ter aproveitado a primeira oportunidade de fugir para as ruas de Londres. Alguma outra criança adequada a um tratamento melhor e mais gentil poderia ter percebido que tal indiferença por parte de adultos como a Sra. Piper, o Sr. Felton e o Sr. Chester para com um menino de onze anos gravemente machucado era terrivelmente errado. Mas Robin estava tão grato por esse retorno ao equilíbrio que não conseguia sequer se ressentir do que havia acontecido.

Afinal, isso nunca mais aconteceu. Robin certificou-se de que não. Ele passou os seis anos seguintes estudando até a exaustão. Com a ameaça de expatriação pairando

constantemente sobre ele, ele dedicou sua vida a se tornar o aluno que o professor Lovell queria ver.

O grego e o latim tornaram-se mais divertidos depois do primeiro ano, depois que ele reuniu blocos de construção suficientes de cada língua para juntar fragmentos de significado para si mesmo. A partir de então, parecia menos tatear no escuro sempre que encontrava um novo texto e mais como preencher espaços em branco. Descobrir a formulação gramatical precisa de uma frase que o estava frustrando deu-lhe o mesmo tipo de satisfação que ele sentia ao recolocar um livro na estante onde ele pertencia ou ao encontrar uma meia perdida – todas as peças se encaixavam e tudo estava inteiro e completo.

Em latim, ele leu Cícero, Tito Lívio, Virgílio, Horácio, César e Juvenal; em grego, ele abordou Xenofonte, Homero, Lísias e Platão. Com o tempo, ele percebeu que era muito bom em línguas. Sua memória era forte e ele tinha talento para tons e ritmo. Ele logo alcançou um nível de fluência em grego e latim que qualquer estudante de Oxford teria invejado.

Com o tempo, o professor Lovell parou de comentar sobre sua inclinação herdada para a preguiça e, em vez disso, acenou com a cabeça em aprovação a cada atualização sobre o rápido progresso de Robin no cânone.

A história, entretanto, marchava em torno deles. Em 1830, o rei Jorge IV morreu e foi sucedido pelo seu irmão mais novo, Guilherme IV, o eterno conciliador que não agradava a ninguém. Em 1831, outra epidemia de cólera varreu Londres, deixando trinta mil mortos. O

peso do seu impacto recaiu sobre os pobres e desamparados; aqueles que vivem em alojamentos próximos e apertados, que não conseguiam escapar dos miasmas contaminados uns dos outros. * Mas a vizinhança de Hampstead permaneceu intocada –

para o professor Lovell e os seus amigos nas suas remotas propriedades muradas, a epidemia era algo a mencionar de passagem, a estremecer de simpatia e a esquecer rapidamente.

Em 1833, aconteceu um acontecimento importante – a escravatura foi abolida em Inglaterra e nas suas colónias, sendo substituída por um período de aprendizagem de seis anos como transição para a liberdade. Entre os interlocutores do professor Lovell, esta notícia foi recebida com a leve decepção de uma partida de críquete perdida.

“Bem, isso arruinou as Índias Ocidentais para nós”, queixou-se o Sr. Hallows. 'Os abolicionistas com sua maldita moralização. Ainda acredito que esta obsessão pela abolição é um produto da necessidade dos britânicos de pelo menos se sentirem culturalmente superiores, agora que perderam a América. E com que fundamento? Não é como se esses pobres sujeitos não estivessem igualmente escravizados na África, sob aqueles tiranos que eles chamam de reis. *

“Eu não desistiria das Índias Ocidentais ainda”, disse o professor Lovell. 'Eles ainda permitem um tipo legal de trabalho forçado. .'

'Mas sem propriedade, isso acaba com tudo.'

'Mas talvez seja melhor assim - afinal, os libertos trabalham melhor do que os escravos, e a escravatura é de facto mais cara do que um mercado de trabalho livre. .'

— Você tem lido muito sobre Smith. Hobart e MacQueen tiveram a ideia certa – basta contrabandear um navio cheio de chineses, * isso resolverá o problema. Eles são tão diligentes e ordeiros que Richard deveria saber. .

— Não, Richard acha que eles são preguiçosos, não é, Richard?

«Agora, o que *eu* desejo», interrompeu o Sr. Ratcliffe, «é que todas estas mulheres parem de participar nesses debates anti-escravatura. Eles se veem demais em sua situação; isso coloca ideias em suas cabeças.

'Por que', perguntou o professor Lovell, 'a Sra. Ratcliffe está insatisfeita com sua situação doméstica?'

'Ela gostaria de pensar que é um salto e um salto da abolição para o sufrágio feminino.'

O Sr. Ratcliffe soltou uma risada desagradável. 'Esse seria o dia.'

E com isso a conversa voltou-se para o absurdo dos direitos das mulheres.

Nunca, pensou Robin, ele compreenderia estes homens, que falavam do mundo e dos seus movimentos como um grande jogo de xadrez, onde países e povos eram peças a serem movidas e manipuladas à vontade.

Mas se o mundo era um objeto abstrato para eles, era ainda mais abstrato para ele, pois não tinha interesse em nenhum desses assuntos. Robin processou aquela época através do mundo míope de Lovell Manor. As reformas, as revoltas coloniais, as revoltas de escravos, o sufrágio feminino e os últimos debates parlamentares nada significavam para ele. Tudo o que importava eram as línguas mortas que tinha diante de si e o facto de que um dia, um dia que se aproximava cada vez mais à medida que os anos passavam, ele se matricularia na universidade que só conhecia pela pintura na parede – a cidade do conhecimento, a cidade das torres sonhadoras.

Tudo terminou sem circunstância, sem comemoração. Um dia, o Sr. Chester disse a Robin, enquanto empacotava seus livros, que tinha gostado das aulas e que lhe desejava boa sorte na universidade. Foi assim que Robin descobriu que seria enviado para Oxford na semana seguinte.

“Ah, sim”, disse o professor Lovell quando questionado. 'Esqueci de te contar? Eu escrevi para a faculdade. Eles estarão esperando por você.

Supostamente houve um processo de candidatura, alguma troca de cartas de apresentação e garantias de financiamento que garantiram a sua posição. Robin não estava envolvido em nada disso. O professor Lovell simplesmente informou-o que ele deveria se mudar para seu novo alojamento no dia 29 de setembro, então seria melhor que ele estivesse com as malas prontas até a noite do dia 28. — Você chegará alguns dias antes do início do semestre. Iremos juntos.

Na noite anterior à partida, a Sra. Piper preparou para Robin um prato de biscoitos pequenos, duros e redondos, tão saborosos e quebradiços que pareciam derreter em sua boca.

“É um biscoito amanteigado”, ela explicou. 'Agora, eles são muito ricos, então não coma todos de uma vez. Eu não ganho muito, pois Richard acha que o açúcar estraga um menino, mas você mereceu.

— Bolinhos amanteigados — repetiu Robin. 'Porque eles não duram muito?'

Eles estavam jogando esse jogo desde a noite do debate em Bannock.

'Não, querido.' Ela riu. 'Por causa do desmoronamento. A gordura “encurta” a massa. É

isso que significa *abreviação* , você sabe. É assim que obtemos a palavra *abreviação* .

Ele engoliu o caroço doce e gorduroso e o engoliu com um gole de leite. — Sentirei falta das suas aulas de etimologia, Sra. Piper.

Para sua surpresa, os olhos dela ficaram vermelhos nos cantos. Sua voz ficou grossa.

“Escreva para casa sempre que precisar de um saco de alimentos”, disse ela.

'Não sei muito do que acontece dentro dessas faculdades, mas sei que a comida deles é horrível.'

Capítulo três

Mas isso nunca acontecerá: para nós permanece

Uma cidade que não tem nada da besta,

Isso não foi construído para ganhos brutos e materiais,

Poder afiado e lupino ou banquete farto do império.

CS LEWIS , 'Oxford'

Na manhã seguinte, Robin e o professor Lovell pegaram um táxi até uma estação no centro de Londres, onde foram transferidos para uma diligência com destino a Oxford.

Enquanto esperavam para embarcar, Robin se divertiu tentando adivinhar a etimologia de *diligência* . *O treinador* era óbvio, mas por que *palco* ? Seria porque a carruagem plana e larga parecia um palco? Porque trupes inteiras de atores poderiam ter viajado assim ou atuado em cima de uma delas? Mas isso foi um exagero. Uma carruagem parecia muitas coisas, mas ele não conseguia imaginar como um palco – uma plataforma pública elevada –

era a associação óbvia. Por que não um treinador de basquete? Um omnicoach?

“Porque a viagem acontece em etapas”, explicou o professor Lovell quando Robin desistiu. “Os cavalos não querem percorrer todo o caminho de Londres até Oxford, e geralmente nós também não. Mas detesto pousadas para viajantes, por isso vamos fazer a viagem de um dia; são cerca de dez horas sem paradas, então use o banheiro antes de irmos.

Eles dividiram a diligência com outros nove passageiros – uma pequena família bem vestida de quatro pessoas e um grupo de cavalheiros desleixados, em ternos desbotados e cotoveleiras, que Robin presumiu serem todos professores. Robin sentou-se espremido entre o professor Lovell e um dos homens de terno. Era muito cedo para conversar.

Enquanto a carruagem saltava pelas pedras do calçamento, os passageiros cochilavam ou olhavam fixamente em várias direções.

Demorou um pouco para Robin perceber que a mulher à sua frente estava olhando para o tricô. Quando ele olhou nos olhos dela, ela imediatamente se virou para o professor Lovell e perguntou: 'Isso é um oriental?'

O professor Lovell ergueu a cabeça, despertando do sono. 'Perdão?'

“Eu estava perguntando sobre o seu filho”, disse a mulher. 'Ele é de Pequim?'

Robin olhou para o professor Lovell, subitamente muito curioso sobre o que ele poderia dizer.

Mas o professor Lovell apenas balançou a cabeça. — Cantão — disse ele secamente.

'Mais ao sul.'

“Ah”, disse a mulher, claramente desapontada quando ele não deu mais detalhes.

O professor Lovell voltou a dormir. A mulher olhou Robin de cima a baixo novamente com uma curiosidade perturbadoramente ávida, depois voltou sua atenção para os filhos.

Robin permaneceu em silêncio. De repente, seu peito ficou muito apertado, embora ele não conseguisse entender por que isso acontecia.

As crianças não paravam de olhar para ele; seus olhos estavam arregalados e suas bocas abertas de uma forma que teria sido preciosa se não fizessem Robin sentir como se tivesse brotado outra cabeça. Depois de um momento, o menino puxou a manga da mãe e fez com que ela se abaixasse para poder sussurrar em seu ouvido.

'Oh.' Ela riu e depois olhou para Robin. — Ele gostaria de saber se você consegue ver.

'Eu o quê?'

'Se você pode ver?' A mulher levantou a voz e pronunciou cada sílaba

exageradamente, como se Robin tivesse dificuldade em ouvir. (Isso aconteceu muitas vezes com Robin, no *Condessa de Harcourt* ; ele nunca conseguia entender por que as pessoas tratavam aqueles que não entendiam inglês como se fossem surdos.) 'Com seus olhos assim - você consegue ver tudo? Ou é apenas em pequenas fendas?

- Posso ver perfeitamente bem - disse Robin calmamente.

O menino, decepcionado, voltou sua atenção para beliscar a irmã. A mulher retomou o tricô como se nada tivesse acontecido.

A pequena família desceu em Reading. Robin descobriu que respirava com mais facilidade quando eles se foram. Ele também podia esticar as pernas sobre o corredor para dar uma trégua aos joelhos rígidos, sem que a mãe lhe lançasse um olhar assustado e desconfiado, como se o tivesse flagrado tentando furtar os bolsos.

Os últimos dezesseis quilômetros até Oxford foram um trecho idílico de pastagens verdes, pontuadas por rebanhos ocasionais de vacas. Robin tentou ler um guia intitulado *The University of Oxford and Her Colleges* , mas sentiu uma dor de cabeça latejante e começou a cochilar. Algumas diligências eram decoradas com detalhes em prata para tornar o passeio tão suave quanto patins no gelo, mas o modelo deles era mais antigo e os empurrões constantes eram exaustivos. Ele acordou com rodas roncando contra os paralelepípedos e olhou ao redor para descobrir que haviam chegado no meio da High Street, logo antes dos portões murados de sua nova casa.

Oxford era composta por vinte e duas faculdades, todas com seus próprios complexos residenciais, brasões, refeitórios, costumes e tradições. Christ Church, Trinity, St John's e All Souls ostentavam as maiores doações e, portanto, os terrenos mais bonitos. “Você vai querer fazer amigos lá, pelo menos para dar uma olhada nos jardins”, disse o professor Lovell. 'Você pode ignorar com segurança qualquer pessoa de Worcester ou Hertford. Eles são pobres e feios”, Robin não tinha certeza se ele estava se referindo às pessoas ou aos jardins, “e a comida deles é ruim”. Um dos outros cavalheiros lançou-lhe um olhar azedo quando desceram da carruagem.

Robin moraria na University College. O seu guia informava-o de que era comummente referida como «Univ», que albergava todos os alunos matriculados

no Royal Institute of Translation e que, em termos estéticos, era «sombrio e venerável, um aspecto digno da filha mais velha da universidade». Certamente parecia um santuário gótico; sua parede frontal era composta por torres e janelas uniformes contra pedra branca e lisa.

'Bem, aqui está você.' O professor Lovell ficou parado com as mãos enfiadas nos bolsos, parecendo um pouco desconfortável. Agora que tinham ido ao porteiro, adquirido as

chaves de Robin e arrastado os baús de Robin da High Street para a calçada pavimentada, parecia óbvio que uma separação era iminente. O professor Lovell simplesmente não sabia como fazer isso. “Bem”, ele disse novamente. 'Você tem alguns dias antes do início das aulas, então deveria gastá-los conhecendo a cidade. Você tem um mapa – sim, lá – embora o lugar seja pequeno o suficiente para você decorá-lo depois de alguns passeios. Talvez procure os membros do seu grupo; eles provavelmente já devem ter se mudado. Minha residência aqui fica no norte de Jericó; Escrevi instruções naquele envelope. A Sra. Piper se juntará a mim lá na próxima semana, e esperamos você para jantar no sábado seguinte. Ela ficará muito feliz em ver você. Ele recitou tudo isso como uma lista de verificação memorizada. Ele parecia ter dificuldade em olhar Robin nos olhos. 'Você está pronto?'

“Ah, sim”, disse Robin. 'Ficarei muito feliz em ver a Sra. Piper também.'

Eles piscaram um para o outro. Robin sentiu que certamente havia outras palavras que deveriam ser ditas, palavras para marcar esta ocasião – o seu crescimento, a saída de casa, a sua entrada na universidade – como importante. Mas ele não conseguia imaginar o que poderiam ser, e aparentemente o professor Lovell também não.

'Bem então.' O professor Lovell fez-lhe um breve aceno de cabeça e virou-se a meio caminho da High Street, como se confirmasse que já não era necessário. 'Você pode cuidar de seus baús?'

'Sim senhor.'

“Bem, então”, disse novamente o professor Lovell, depois voltou para a High Street.

Foi uma frase estranha para terminar, duas palavras que sugeriam que mais

estava por vir. Robin observou-o por um momento, meio que esperando que ele se virasse, mas o professor Lovell parecia concentrado apenas em chamar um táxi. Estranho, sim. Mas isso não incomodou Robin. As coisas sempre foram assim entre eles: conversas inacabadas, palavras que era melhor não dizer.

O alojamento de Robin ficava no número 4 da Magpie Lane * – um prédio pintado de verde no meio do beco tortuoso e estreito que ligava a High Street à Merton Street. Alguém já estava parado na porta da frente, mexendo na fechadura. Ele devia ser um aluno novo –

mochilas e baús estavam espalhados nas pedras ao seu redor.

Ele era, Robin percebeu ao se aproximar, claramente não nativo da Inglaterra. O Sul da Ásia era mais provável. Robin tinha visto marinheiros com a mesma cor em Cantão, todos vindos de navios que chegavam da Índia. O estranho tinha uma pele lisa e morena, um corpo alto e gracioso e os cílios mais longos e escuros que Robin já vira. Seus olhos percorreram o corpo de Robin de cima a baixo antes de se fixarem em seu rosto, questionando – determinando, Robin suspeitava, o quão estrangeiro Robin era em troca.

“Eu sou Robin”, Robin explodiu. 'Robin Swift.'

“Ramiz Rafi Mirza”, pronunciou o outro garoto com orgulho, estendendo a mão. Ele falava com uma dicção inglesa tão adequada que quase parecia o professor Lovell. — Ou apenas Ramy, se preferir. E você. . você está aqui pelo Instituto de Tradução, não está?

— Sou — disse Robin, e depois acrescentou, com um palpite: — Sou de Cantão.

O rosto de Ramy relaxou. 'Calcutá.'

— Você acabou de entrar?

— Para Oxford, sim. Para a Inglaterra, não – vim de navio por Liverpool há quatro anos e estive escondido em uma propriedade grande e chata em Yorkshire até agora. Meu tutor queria que eu me adaptasse à sociedade inglesa antes de me matricular.

- O meu também - disse Robin ansiosamente. 'O que você acha?'

'Tempo horrível.' Um lado da boca de Ramy se curvou. 'E a única coisa que posso comer aqui é peixe.'

Eles sorriram um para o outro.

Robin sentiu uma sensação estranha e explosiva no peito. Ele nunca conheceu ninguém na sua situação, ou algo parecido, e suspeitava fortemente que, se continuasse investigando, descobriria mais uma dúzia de semelhanças. Ele tinha mil perguntas, mas não sabia por onde começar. Ramy também ficou órfão? Quem foi seu patrocinador? Como era Calcutá? Ele tinha voltado desde então? O que o trouxe para Oxford? De repente ficou ansioso – sentiu a língua endurecer, sem conseguir escolher uma palavra – e havia também a questão das chaves, e dos seus baús espalhados, que faziam com que o beco parecesse como se um furacão tivesse esvaziado o porão de um navio para a rua. .

— Deveríamos. . — Robin conseguiu dizer, no momento em que Ramy perguntou: —

Devemos abrir aquela porta?

Ambos riram. Ramy sorriu. 'Vamos arrastar isso para dentro.' Ele cutucou um tronco com o dedo do pé. 'Então eu tenho uma caixa de doces muito lindos que acho que deveríamos abrir, certo?'

Seus aposentos ficavam um em frente ao outro no corredor – quartos seis e sete. Cada unidade consistia em um quarto grande e uma sala de estar equipada com uma mesa baixa, estantes vazias e um sofá. O sofá e a mesa pareciam muito formais, então eles se sentaram de pernas cruzadas no chão do quarto de Ramy, piscando como crianças tímidas enquanto se olhavam, sem saber o que fazer com as mãos.

Ramy tirou um embrulho colorido de um de seus baús e colocou-o no chão entre eles.

'Presente de despedida de Sir Horace Wilson, meu guardião. Ele também me deu uma garrafa de vinho do Porto, mas joguei fora. O que você gostaria?' Ramy rasgou o pacote.

'Tem caramelo, caramelo, amendoim quebradiço, chocolates e todos os tipos de frutas cristalizadas. . .'

'Oh, meu Deus - quero um caramelo, obrigado.' Robin não falava com outra pessoa da sua idade desde que se lembrava. * Só ó agora ele estava percebendo o quanto queria um amigo, mas não sabia como fazer um, e a perspectiva de tentar, mas fracassar, de repente o aterrorizou. E se Ramy o achasse chato? Chato? Exageradamente solícito?

Ele deu uma mordida no caramelo, engoliu e colocou as mãos no colo.

“Então”, ele disse. "Conte-me sobre Calcutá?"

Ramy sorriu.

Nos anos seguintes, Robin voltaria muitas vezes a esta noite. Ele ficou para sempre surpreso com sua alquimia misteriosa, com a facilidade com que dois estranhos mal socializados e criados de forma restritiva se transformaram em almas gêmeas no espaço de minutos. Ramy parecia tão corado e animado quanto Robin. Eles conversaram e conversaram. Nenhum tópico parecia tabu; tudo o que levantaram foi um ponto de acordo instantâneo – os scones ficam melhores sem sultanas, obrigado – ou um motivo para um

debate fascinante – não, Londres é adorável, na verdade; vocês, ratos do campo, só são preconceituosos porque têm ciúmes. Só não nade no Tâmisa.

Em algum momento, eles começaram a recitar poemas um para o outro – lindas cadeias de dísticos em urdu que Ramy disse a ele eram chamados de ghazals, e poesia Tang que Robin francamente não gostava, mas que soava impressionante. E ele queria tanto impressionar Ramy. Ele era tão espirituoso, culto e engraçado. Ele tinha opiniões duras e contundentes sobre tudo – culinária britânica, costumes britânicos e a rivalidade de Oxbridge (“Oxford é maior que Cambridge, mas Cambridge é mais bonita e, de qualquer forma, acho que eles apenas estabeleceram Cambridge como um transbordamento para o talento medíocre”). tinha viajado meio mundo; ele esteve em Lucknow, Madras, Lisboa, Paris e Madrid. Ele descreveu sua Índia natal como um paraíso: 'As mangas, Birdie' (ele já havia começado a chamar Robin de 'Passarinho'), 'elas são ridiculamente suculentas, você não pode comprar nada parecido nesta pequena ilha lamentável. Já se passaram anos desde que tive um. Eu daria tudo para ver uma manga Bengala de verdade.

“Eu li *As Mil e Uma Noites* ”, Robin ofereceu, embriagado de excitação e tentando parecer mundano também.

"Calcutá não fica no mundo árabe, Birdie."

'Eu sei.' Robin corou. 'Eu só quis dizer. .'

Mas Ramy já havia seguido em frente. 'Você não me disse que lia árabe!'

'Eu não, eu li na tradução.'

Ramy suspirou. 'Cujo?'

Robin se esforçou para lembrar. 'Jonathan Scott?'

'Essa é uma tradução terrível.' Ramy acenou com o braço. 'Jogue fora. Por um lado, não é sequer uma tradução direta – foi primeiro para o francês e depois para o inglês – e, por outro, não é nem remotamente parecido com o original. Além do mais, Galland – Antoine Galland, o tradutor francês – fez o seu melhor para afrancesar o diálogo e apagar todos os detalhes culturais que ele pensava que confundiriam o leitor. Ele traduz as concubinas de Haroun Alraschid como *favoritas das damas* . Senhoras favoritas. Como você consegue

“damas favoritas” de “concubinas”? E ele corta completamente algumas das passagens mais eróticas e injeta explicações culturais sempre que lhe apetece. Diga-me, você gostaria de ler um épico com um francês trêmulo respirando em seu pescoço com todos os trechos atrevidos?

Ramy gesticulava descontroladamente enquanto falava. Estava claro que ele não estava realmente zangado, apenas apaixonado e claramente brilhante, tão investido na verdade que precisava que o mundo inteiro soubesse. Robin recostou-se e observou o rosto lindo e agitado de Ramy, ao mesmo tempo surpreso e encantado.

Ele poderia ter chorado então. Ele estava tão desesperadamente sozinho, e só agora percebeu isso, e agora ele *não estava* , e isso era tão bom que ele não sabia o que fazer consigo mesmo.

Quando finalmente ficaram com sono demais para terminar as frases, os doces já haviam acabado pela metade e o chão de Ramy estava cheio de embalagens. Bocejando, eles acenaram boa noite um para o outro. Robin tropeçou de volta para seus aposentos, fechou a porta e depois se virou para encarar seus quartos vazios. Esta foi a sua casa durante os quatro anos seguintes: a cama sob o teto

baixo e inclinado onde ele acordava todas as manhãs, a torneira vazando sobre a pia onde ele lavava o rosto e a escrivaninha no canto

sobre a qual ele se debruçava a cada dia. noite, rabiscando à luz de velas até a cera pingar nas tábuas do chão.

Pela primeira vez desde que chegara a Oxford, ocorreu-lhe que iria construir uma vida ali. Imaginou tudo isso diante de si: o acúmulo gradual de livros e bugigangas naquelas estantes sobressalentes; o desgaste daquelas novas camisas de linho ainda embaladas em seu calção, a mudança das estações vista e ouvida através da janela agitada pelo vento acima de sua cama, que não fechava completamente. E Ramy, do outro lado do corredor.

Isso não seria tão ruim.

A cama estava desfeita, mas ele estava cansado demais para mexer nos lençóis ou procurar cobertas, então se enrolou de lado e vestiu o casaco. Em pouco tempo ele estava dormindo e sorrindo.

As aulas só começariam no dia 3 de outubro, o que deixaria três dias inteiros em que Robin e Ramy estariam livres para explorar a cidade.

Estes foram três dos dias mais felizes da vida de Robin. Ele não tinha leituras ou aulas; sem recitações ou composições para preparar. Pela primeira vez na vida, ele tinha total controle de sua bolsa e de sua agenda, e enlouqueceu de liberdade.

Eles passaram o primeiro dia fazendo compras. Eles foram à Ede & Ravenscroft para fazerem ajustes nos vestidos; à Livraria Thornton para obter a lista completa de cursos; às barracas de artigos domésticos em Cornmarket para comprar bules, colheres, roupas de cama e luminárias de Argand. Depois de adquirirem tudo o que consideravam necessário para a vida estudantil, ambos descobriram que sobrava uma fração generosa de seus salários, sem risco de acabar – a bolsa lhes permitia sacar a mesma quantia da bolsa todos os meses.

Então eles eram perdulários. Compraram sacos de nozes cristalizadas e caramelos. Eles alugaram os barcos da faculdade e passaram a tarde dirigindo um ao outro até os bancos do Cherwell. Foram ao café Queen's Lane, onde gastaram uma quantia ridícula de dinheiro em uma variedade de doces que nenhum dos dois jamais havia experimentado. Ramy gostava muito de panquecas – “Eles fazem a aveia ficar *tão saborosa* ”, disse ele, “Eu entendo as

alegrias de ser um cavalo” – enquanto Robin preferia pãezinhos doces e pegajosos, tão encharcados de açúcar que faziam seus dentes doerem por horas.

Em Oxford, eles se destacavam como polegares machucados. Isso abalou Robin a princípio. Em Londres, que era um pouco mais cosmopolita, os estrangeiros nunca atraíram olhares tão prolongados. Mas os habitantes da cidade de Oxford pareciam constantemente assustados com a presença deles. Ramy atraiu mais atenção do que Robin. Robin era estranho apenas quando visto de perto e sob certas luzes, mas Ramy era imediatamente, visivelmente diferente.

'Ah, sim', disse ele, quando o padeiro perguntou se ele era do Hindustão, falando com um sotaque exagerado que Robin nunca tinha ouvido antes. 'Tenho uma família bastante grande lá. Não conte a ninguém, mas na verdade sou da realeza, o quarto na linha de sucessão ao trono – que trono? Ah, apenas regional; nosso sistema político é muito complicado. Mas eu queria ter uma vida normal – ter uma educação britânica adequada, você sabe – então troquei meu palácio por aqui.

'Por que você falou assim?' Robin perguntou a ele quando eles estavam fora do alcance da voz. 'E o que você quer dizer com você é realmente da realeza?'

“Sempre que os ingleses me veem, tentam determinar de que tipo de história me conhecem”, disse Ramy. — Ou sou um lascar ladrão sujo ou sou um criado na casa de algum nababo. E percebi em Yorkshire que é mais fácil se eles pensarem que sou um príncipe mogol.

“Sempre tentei me misturar”, disse Robin.

“Mas isso é impossível para mim”, disse Ramy. 'Eu tenho que desempenhar um papel.

De volta a Calcutá, todos contamos a história de Sake Dean Mahomed, o primeiro muçulmano de Bengala a se tornar um homem rico na Inglaterra. Ele tem uma esposa irlandesa branca. Ele possui propriedades em Londres. E você sabe como ele fez isso? Ele abriu um restaurante, que faliu; e então tentou ser contratado como mordomo ou manobrista, o que também falhou. E então ele teve a brilhante ideia de abrir uma casa de xampu em Brighton. Ramy riu. 'Venha e pegue seus vapores curativos! Seja massageado com óleos indianos! Cura asma e reumatismo; cura a paralisia. Claro, não acreditamos nisso em casa. Mas tudo o que Dean Mahomed teve que fazer foi obter algumas credenciais

médicas, convencer o mundo desta cura mágica oriental, e então ele os fez comer na palma da sua mão. Então, o que isso lhe diz, Birdie? Se vão contar histórias sobre você, use isso a seu favor. Os ingleses nunca vão pensar que sou elegante, mas se eu me encaixar na fantasia deles, pelo menos pensarão que sou da realeza.

Isso marcou a diferença entre eles. Desde a sua chegada a Londres, Robin tentava manter a cabeça baixa e assimilar, minimizar a sua alteridade. Ele achava que quanto menos notável ele parecesse, menos atenção atrairia. Mas Ramy, que não teve escolha senão se destacar, decidiu que era melhor deslumbrar. Ele foi ousado ao extremo. Robin o achou incrível e um pouco assustador.

' *Mirza* realmente quer dizer “príncipe”?' Robin perguntou, depois de ouvir Ramy declarar isso a um lojista pela terceira vez.

'Claro. Bem, na verdade, é um título – é derivado do persa *Amīrzādeh* , mas “príncipe”

chega perto o suficiente.'

— Então você está. .?

'Não.' Ramy bufou. 'Bem. Talvez uma vez. Essa é a história da família, de qualquer forma; meu pai diz que éramos aristocratas na corte Mughal, ou algo parecido. Mas não mais.'

'O que aconteceu?'

Ramy lançou-lhe um longo olhar. — Os britânicos, Birdie. Manter-se.'

Naquela noite, eles pagaram caro demais por uma cesta de pãezinhos, queijo e uvas doces, que levaram para um piquenique em uma colina em South Park, na parte leste do campus.

Eles encontraram um local tranquilo perto de um matagal de árvores, isolado o suficiente para que Ramy pudesse realizar sua oração do pôr do sol, e sentaram-se de pernas cruzadas na grama, separando o pão com as próprias mãos, interrogando-se sobre suas vidas com o fascínio ávido de meninos. que, durante muitos anos, pensaram que eram os únicos na sua situação particular.

Ramy deduziu rapidamente que o professor Lovell era o pai de Robin. 'Tem que ser, certo? Caso contrário, por que ele é tão cauteloso com isso? E fora isso, como ele conheceu sua mãe? Ele sabe que você sabe ou ainda está tentando esconder isso?

Robin achou a franqueza dele alarmante. Ele estava tão acostumado a ignorar o assunto que era estranho ouvi-lo descrito em termos tão contundentes. 'Não sei. Sobre tudo isso, quero dizer.

'Hum. Ele se parece com você?

— Um pouco, eu acho. Ele ensina aqui, estuda línguas do Leste Asiático. Você o conhecerá, verá.

— Você nunca perguntou a ele sobre isso?

“Nunca tentei”, disse Robin. 'EU . . . Não sei o que ele diria. Não, isso não era verdade. —

Quer dizer, acho que ele não responderia.

Eles se conheciam há menos de um dia, mas Ramy conseguia ler o rosto de Robin bem o suficiente para não insistir no assunto.

Ramy foi muito mais aberto sobre sua própria formação. Ele passou os primeiros treze anos de sua vida em Calcutá, o irmão mais velho de três irmãs mais novas em uma família empregada por um nababo rico chamado Sir Horace Wilson, e os quatro seguintes em uma propriedade no interior de Yorkshire, como consequência de impressionar Wilson, lendo Grego e latim, e tentando não arrancar os olhos de tédio.

— Que sorte que você estudou em Londres — disse Ramy. — Pelo menos você tinha algum lugar para ir nos fins de semana. Toda a minha adolescência foi colinas e charnecas, e nem uma única pessoa com menos de quarenta anos à vista. Você já viu o rei?

Esse era outro talento de Ramy: mudar de assunto com tanta agilidade que Robin se viu lutando para acompanhá-lo.

'William? Não, na verdade não, ele não sai muito em público. Especialmente

recentemente, com a Lei das Fábricas e a Lei dos Pobres – os reformadores estavam sempre a revoltar-se nas ruas, não teria sido seguro.'

“Reformadores”, Ramy repetiu com ciúme. ' *Sortudo* . Tudo o que aconteceu em Yorkshire foi um ou dois casamentos. Às vezes as galinhas saíam, num dia bom.

- Mas não pude participar - disse Robin. 'Meus dias eram bastante monótonos, para ser honesto. Estudos intermináveis – tudo em preparação para chegar aqui.'

'Mas estamos aqui agora.'

'Um brinde a isso.' Robin recostou-se com um suspiro. Ramy passou-lhe uma xícara –

ele estava misturando xarope de flor de sabugueiro com mel e água – e eles brindaram e beberam.

Do ponto de vista de South Park, eles podiam observar toda a universidade, envolta em um cobertor dourado ao pôr do sol. A luz fez os olhos de Ramy brilharem, fez sua pele brilhar como bronze polido. Robin teve o impulso absurdo de colocar a mão na bochecha de Ramy; na verdade, ele levantou o braço antes que sua mente alcançasse seu corpo.

Ramy olhou para ele. Uma mecha de cabelo preto caiu em seus olhos. Robin achou aquilo absurdamente charmoso. 'Você está bem?'

Robin apoiou-se nos cotovelos, voltando o olhar para a cidade. O professor Lovell estava certo, pensou ele. Este era o lugar mais lindo do mundo.

“Estou bem”, disse ele. 'Eu sou simplesmente perfeito.'

Os outros residentes do número 4, Magpie Lane, substituíram-se no fim de semana.

Nenhum deles era estudante de tradução. Eles se apresentaram quando se mudaram: Colin Thornhill, um advogado em treinamento efusivo e de olhos arregalados que falava apenas em parágrafos inteiros e sobre si mesmo; Bill Jameson, um ruivo afável que estudava para ser cirurgião e parecia eternamente preocupado com o custo das coisas; e no final do corredor, dois irmãos gêmeos, Edgar e Edward Sharp, que estavam no segundo ano, buscando nominalmente

uma educação nos Clássicos, mas que, como proclamaram em voz alta, estavam mais "apenas interessados no aspecto social até chegarmos em nossas heranças.

No sábado à noite, eles se reuniram para tomar uns drinks na sala comum ao lado da cozinha compartilhada. Bill, Colin e os Sharps estavam todos sentados ao redor da mesa baixa quando Ramy e Robin entraram. Disseram-lhes para virem às nove, mas o vinho claramente já estava fluindo há algum tempo - garrafas vazias espalhadas pelo chão ao redor deles, e os irmãos Sharp estavam encostados um no outro, ambos visivelmente bêbados.

Colin estava falando sobre as diferenças entre os trajes dos estudantes. — Você pode dizer tudo sobre um homem pelo seu vestido — disse ele, com ar importante. Ele tinha um sotaque peculiar, pronunciado demais e suspeitosamente exagerado, que Robin não conseguia identificar, mas detestava bastante. 'O vestido de solteiro dá voltas no cotovelo e termina em uma ponta. O vestido do cavalheiro plebeu é de seda e trançado nas mangas. O

vestido do plebeu não tem mangas e tem tranças nos ombros, e você pode distinguir os servos dos plebeus porque seus vestidos não têm tranças e seus bonés não têm borlas. .”

“Meu Deus”, disse Ramy enquanto se sentava. 'Ele tem falado sobre isso todo esse tempo?'

“Por dez minutos, pelo menos”, disse Bill.

- Ah, mas a vestimenta acadêmica adequada é de extrema importância - insistiu Colin.

“É assim que exibimos o nosso estatuto como homens de Oxford. É considerado um dos sete pecados capitais usar um boné de tweed comum com um vestido ou uma bengala com um vestido. E uma vez ouvi falar de um sujeito que, não conhecendo os tipos de vestidos, disse ao alfaiate que era um estudioso, então é claro que ele precisava de um vestido de estudioso, apenas para ser ridicularizado no salão no dia seguinte, quando descobriu-se que ele não era um estudioso, pois não ganhou nenhuma bolsa de estudos, mas apenas um *plebeu pagante* . .

— Então, que vestidos usaremos? Ramy interrompeu. — Só para eu saber se dissemos ao nosso alfaiate a coisa certa.

“Depende”, disse Colin. 'Você é um cavalheiro plebeu ou um servo? Eu pago a mensalidade, mas nem todo mundo paga. Qual é o seu acordo com o tesoureiro?

“Não sei”, disse Ramy. 'Você acha que as vestes pretas servirão? Tudo o que sei é que temos os pretos.

Robin bufou. Os olhos de Colin se arregalaram ligeiramente. 'Sim, mas as mangas. .'

“Deixe-o de lado”, disse Bill, sorrindo. 'Colin está muito preocupado com status.'

- Eles levam os vestidos muito a sério aqui - disse Colin solenemente. “Eu li isso no meu guia. Eles nem vão deixar você assistir às palestras se você não estiver com o traje adequado. Então você é um cavalheiro plebeu ou um servo?

"Eles não são nenhum dos dois." Edward virou-se para Robin. — Vocês são Babblers, não são? Ouvi dizer que todos os Babblers recebem bolsas de estudo.

'Babalhos?' Robin repetiu. Foi a primeira vez que ele ouviu o termo.

- O Instituto de Tradução. – Edward disse impacientemente. 'Você tem que estar, certo?

Caso contrário, eles não deixariam sua espécie entrar.

'Nossa espécie?' Ramy arqueou uma sobrancelha.

— Então, o que você é, afinal? Edgar Sharp perguntou abruptamente. Ele parecia prestes a adormecer, mas agora fez um grande esforço para se sentar, apertando os olhos como se tentasse ver Ramy através de uma neblina. 'Um negro? Um turco?

— Sou de Calcutá — retrucou Ramy. 'O que me torna indiano, se você quiser.'

'Hum', disse Edward.

““As ruas de Londres, onde o muçulmano de turbante, o judeu barbudo e o africano peludo encontram o hindu moreno””, disse Edgar em tom cantante. Ao lado dele, seu gêmeo bufou e tomou outro gole de vinho do Porto.

Ramy, pela primeira vez, não teve resposta; ele apenas piscou para Edgar, surpreso.

'Certo', disse Bill, cutucando sua orelha. 'Bem.'

— Essa é Anna Barbauld? Colin perguntou. 'Adorável poeta. Não tão hábil com o jogo de palavras quanto os poetas homens, é claro, mas meu pai adora o trabalho dela. Muito romântico.'

— E você é chinês, não é? Edgar fixou o olhar fechado em Robin. 'É verdade que os chineses quebram os pés das mulheres com amarras para que elas não possam andar?'

'O que?' Colin bufou. 'Isso é ridículo.'

“Eu li sobre isso”, insistiu Edgar. 'Diga-me, isso é para ser erótico? Ou é apenas para que eles não possam fugir?

'Quero dizer . . .' Robin não tinha ideia por onde começar com isso. 'Isso não é feito em todos os lugares - minha mãe não teve os pés amarrados, e há muita oposição de onde eu venho. .'

“Então é verdade”, cantou Edgar. 'Meu Deus. Vocês são perversos.

'Você realmente bebe urina de meninos como remédio?' Eduardo perguntou. 'Como é coletado?'

— Suponha que você cale a boca e continue bebendo vinho pela frente — disse Ramy rispidamente.

Qualquer esperança de fraternidade desapareceu rapidamente depois disso. Foi proposta uma partida de whist, mas os irmãos Sharp não conheciam as regras e estavam bêbados demais para aprender. Bill implorou por dor de cabeça e foi dormir cedo. Colin fez outro longo discurso sobre as complexidades do salão etiqueta, incluindo a longa graça em latim que ele sugeriu que todos aprendessem de cor naquela noite, mas ninguém deu ouvidos. Os irmãos Sharp, numa estranha demonstração de arrependimento, fizeram então a Robin e Ramy algumas perguntas educadas, embora fúteis, sobre tradução, mas ficou claro que eles não estavam muito interessados nas respostas. Qualquer que fosse a companhia estimada que os Sharp procuravam em Oxford, era evidente que não

a tinham encontrado aqui. Em meia hora a reunião terminou e todos os grupos voltaram para seus respectivos quartos.

Algum barulho foi feito naquela noite sobre um café da manhã em casa. Mas quando Ramy e Robin apareceram na cozinha na manhã seguinte, encontraram um bilhete para eles sobre a mesa.

Fomos a um café que os Sharps conhecem em Iffley. Não achei que você iria gostar – até mais. – TC

— Suponho — disse Ramy secamente — que seremos eles e nós.

Robin não se importou nem um pouco com isso. 'Eu gosto só de nós.'

Ramy lançou-lhe um sorriso.

Eles passaram o terceiro dia juntos visitando as joias da universidade. Oxford, em 1836, estava em uma era de transformação, uma criatura insaciável que se alimentava da riqueza que gerava. As faculdades estavam em constante renovação; comprar mais terras da cidade; substituição de edifícios medievais por salões mais novos e mais bonitos; construção de novas bibliotecas para abrigar coleções recentemente adquiridas. Quase todos os edifícios em Oxford tinham um nome – derivado não da função ou localização, mas do indivíduo rico e poderoso que inspirou a sua criação. Havia o enorme e imponente Museu Ashmolean, que abrigava o armário de curiosidades doado por Elias Ashmole, incluindo uma cabeça de dodô, crânios de hipopótamo e um chifre de ovelha de sete centímetros de comprimento que supostamente teria crescido na cabeça de um velho. uma mulher em Cheshire chamada Mary Davis; a Biblioteca Radcliffe, uma biblioteca abobadada que de alguma forma parecia ainda maior e mais grandiosa por dentro do que por fora; e o Teatro Sheldonian, cercado por enormes bustos de pedra conhecidos como Cabeças do Imperador, todos parecendo homens comuns que haviam tropeçado na Medusa.

E havia o Bodleian – ah, o Bodleian, um tesouro nacional por si só: lar da maior coleção de manuscritos da Inglaterra (“Cambridge só tem cem mil títulos”, fungou o funcionário que os admitiu, “e o de Edimburgo só tenho uns insignificantes sessenta e três'), cuja coleção só continuou a se expandir sob a orgulhosa liderança do Reverendo Doutor Bulkeley Bandinel, que tinha um orçamento para compra de livros de quase £ 2.000 por ano.

Foi o próprio reverendo doutor Bandinel quem veio recebê-los na primeira visita à biblioteca e os guiou até a Sala de Leitura dos Tradutores. “Não poderia deixar um funcionário fazer isso”, ele suspirou. 'Normalmente deixamos os tolos vagarem sozinhos e pedirmos informações caso se percam. Mas vocês, tradutores, realmente apreciam o que está acontecendo aqui.'

Ele era um homem corpulento, com olhos caídos e um comportamento igualmente caído, cuja boca parecia permanentemente franzida. No entanto, à medida que avançava pelo edifício, os seus olhos iluminavam-se com prazer genuíno. — Começaremos pelas alas principais e depois iremos até o Duke Humphreys. Acompanhe, fique à vontade para dar uma olhada – os livros são feitos para serem tocados, caso contrário são inúteis, então não fique nervoso. Estamos muito orgulhosos de nossas últimas grandes aquisições. Há a coleção de mapas de Richard Gough doada em 1809 – o Museu Britânico não os quis, acredita? E depois a doação de Malone há cerca de dez anos – expandiu enormemente os nossos materiais shakespearianos. Ah, e há apenas dois anos recebemos a coleção Francis Douce – são treze mil volumes em francês e inglês, embora eu suponha que nenhum de vocês seja especializado em francês. . . Árabe? Ah, sim – por aqui; o Instituto possui a maior

parte dos materiais árabes em Oxford, mas tenho alguns volumes de poesia do Egito e da Síria que podem lhe interessar. . .'

Eles deixaram o Bodleian atordoado, impressionado e um pouco intimidado pela enorme quantidade de material à sua disposição. Ramy fez uma imitação da papada pendurada do reverendo doutor Bandinel, mas não conseguiu invocar nenhuma malícia real; era difícil desdenhar um homem que adorava tão claramente a acumulação de conhecimento pelo conhecimento.

Eles terminaram o dia com um passeio pelo University College feito por Billings, um porteiro sênior. Acontece que até agora eles tinham visto apenas um pequeno canto de sua nova casa. O colégio, que ficava logo a leste das casas em Magpie Lane, ostentava dois pátios quadrangulares verdes e um conjunto de edifícios de pedra que lembravam torres de castelo. Enquanto caminhavam, Billings recitou uma lista de homônimos e biografias desses homônimos, incluindo doadores, arquitetos e outras figuras significativas. '. . . agora, as estátuas sobre as entradas são da Rainha Ana e da Rainha Maria, e no interior, Jaime II e Dr. Radcliffe. . . E aquelas janelas pintadas com cores brilhantes na capela foram feitas por Abraham van Linge em 1640, sim, elas resistiram muito

bem, e o pintor de vidro Henry Giles de York fez a janela leste. . . Não há serviço ligado, então podemos dar uma olhada lá dentro; me siga.'

Dentro da capela, Billings parou diante de um monumento em baixo-relevo. — Suponho que você saiba quem é, sendo estudante de tradução e tudo mais.

Eles sabiam. Robin e Ramy ouviam o nome constantemente desde que chegaram a Oxford. O baixo-relevo era um memorial ao ex-aluno do University College e gênio amplamente reconhecido que em 1786 publicou um texto fundamental identificando o proto-indo-europeu como uma língua predecessora que ligava o latim, o sânscrito e o grego. Ele era agora talvez o tradutor mais conhecido do continente, com exceção de seu sobrinho, o recém-formado Sterling Jones.

'É Sir William Jones.' Robin achou a cena retratada no friso um tanto desconcertante.

Jones estava posicionado diante de uma escrivaninha, uma perna cruzada alegremente sobre a outra, enquanto três figuras, claramente destinadas a serem índios, sentavam-se submissamente no chão diante dele, como crianças recebendo uma lição.

Billings parecia orgulhoso. 'Isso mesmo. Aqui ele está traduzindo um resumo das leis hindus, e há alguns brâmanes presentes para ajudá-lo. Somos, acredito, a única faculdade cujas paredes são agraciadas com índios. Mas a Univ sempre teve uma ligação especial com as colónias. * E as cabeças desses tigres, como você sabe, são emblemáticas de Bengala.

'Por que ele é o único com mesa?' Ramy perguntou. 'Por que os brâmanes estão no chão?'

“Bem, suponho que os hindus preferiam que fosse assim”, disse Billings. "Eles gostam de ficar sentados de pernas cruzadas, porque acham mais confortável."

“Muito esclarecedor”, disse Ramy. 'Eu nunca soube.'

Passaram a noite de domingo nas profundezas das estantes Bodleianas. Foi-lhes atribuída uma lista de leitura no momento do registo, mas ambos, confrontados com um súbito dilúvio de liberdade, deixaram-na de lado até ao último momento possível. O Bodleian deveria fechar às 20h nos fins de semana. Chegaram às suas portas às 19h45, mas a menção

ao Instituto de Tradução pareciam ter um poder imenso, pois quando Ramy explicou o que precisavam, os funcionários disseram-lhes que poderiam ficar o quanto quisessem. As portas seriam destrancadas para o pessoal noturno; eles poderiam sair quando quisessem.

Quando saíram das estantes, com as mochilas carregadas de livros e os olhos tontos por olharem de soslaio para fontes minúsculas, o sol já havia se posto. À noite, a lua conspirava com os postes de luz para banhar a cidade com um brilho fraco e sobrenatural. Os paralelepípedos sob seus pés pareciam estradas que entravam e saíam de diferentes séculos. Esta poderia ser a Oxford da Reforma ou a Oxford da Idade Média. Eles se moviam dentro de um espaço atemporal, compartilhado pelos fantasmas dos estudiosos do passado.

A viagem de volta à faculdade levou menos de cinco minutos, mas eles desviaram e contornaram a Broad Street para alongar a caminhada. Esta foi a primeira vez que eles saíram até tão tarde; eles queriam saborear a cidade à noite. Eles se moviam em silêncio, nenhum dos dois ousando quebrar o feitiço.

Uma explosão de risadas ecoou pelas paredes de pedra quando passaram pelo New College. Ao virarem na Holywell Lane, avistaram um grupo de seis ou sete estudantes, todos vestidos com roupas pretas, embora, pela oscilação do caminho, devessem ter acabado de sair, não de uma palestra, mas de um pub.

— Balliol, você acha? Ramy murmurou.

Robin bufou.

Eles estavam na University College há três dias, mas já haviam aprendido a hierarquia intercolegial e os estereótipos associados. Exeter era gentil, mas pouco intelectual; Brasenose estava turbulento e cheio de vinho. Os vizinhos Queen's e Merton foram ignorados com segurança. Os meninos Balliol, que pagavam quase as mensalidades mais altas da universidade, ao lado de Oriel, eram mais conhecidos por aumentarem a conta do que por comparecerem às aulas.

Os estudantes olharam em sua direção enquanto se aproximavam. Robin e Ramy acenaram com a cabeça na direção deles, e alguns deles acenaram de volta, um reconhecimento mútuo entre os cavalheiros da universidade.

A rua era larga e os dois grupos caminhavam em lados opostos. Eles teriam

passado um pelo outro sem comoção, se um dos garotos apontasse de repente para Ramy e gritasse: 'O

que é isso? Você viu aquilo?'

Seus amigos o puxaram, rindo.

“Vamos, Mark”, disse um deles. 'Deixa eles irem-'

“Espere aí”, disse o garoto chamado Mark. Ele encolheu os ombros para seus amigos.

Ele ficou parado na rua, olhando para Ramy com uma concentração bêbada. Sua mão ficou suspensa no ar, ainda apontando. 'Olhe para o rosto dele – você vê?'

“Mark, por favor”, disse o garoto mais adiante na estrada. 'Não seja idiota.'

Nenhum deles estava mais rindo.

“Esse é um hindu”, disse Mark. 'O que um hindu está fazendo aqui?'

“Às vezes eles nos visitam”, disse um dos outros meninos. — Lembre-se dos dois estrangeiros da semana passada, aqueles sultões persas ou o que quer que fossem. .

'Acho que sim, aqueles caras de turbante. .'

— Mas ele tem um vestido. Mark ergueu a voz para Ramy. 'Ei! Para que você comprou um vestido?

Seu tom se tornou cruel. A atmosfera já não era tão cordial; a fraternidade acadêmica, se é que alguma vez existiu, evaporou.

— Você não pode usar vestido — insistiu Mark. 'Tire isso.'

Ramy deu um passo à frente.

Robin agarrou seu braço. 'Não.'

'Olá, estou falando com você.' Mark estava agora atravessando a rua na direção deles.

'Qual é o problema? Você não fala inglês? Tire esse vestido, está me ouvindo? Tire.'

Claramente Ramy queria lutar – seus punhos estavam cerrados, seus joelhos dobrados em preparação para saltar. Se Mark se aproximasse, esta noite terminaria em sangue.

Então Robin começou a correr.

Ele odiou isso, sentiu-se um covarde, mas foi o único ato que ele poderia imaginar que não terminou em catástrofe. Pois ele sabia que Ramy, chocado, o seguiria. Na verdade –

segundos depois ele ouviu os passos de Ramy atrás dele, sua respiração ofegante, os palavrões que ele murmurou baixinho enquanto eles corriam por Holywell.

O riso – pois havia riso novamente, embora já não nascesse da alegria – pareceu amplificar-se atrás deles. Os meninos Balliol piavam como macacos; suas gargalhadas se estendiam ao lado de suas sombras contra as paredes de tijolos. Por um momento, Robin ficou com medo de que estivessem sendo perseguidos, que os meninos estivessem em seu encalço, com passos martelando ao redor deles. Mas era apenas o sangue que trovejava em seus ouvidos. Os meninos não os seguiram; eles estavam muito bêbados, divertiam-se com muita facilidade e certamente, a essa altura, distraídos em busca de sua próxima diversão.

Mesmo assim, Robin não parou até chegarem à High Street. O caminho estava claro. Eles estavam sozinhos, ofegantes no escuro.

— Droga — murmurou Ramy. 'Caramba-'

— Sinto muito — disse Robin.

— Não sinta — disse Ramy, embora não quisesse olhar nos olhos de Robin. 'Você fez a coisa certa.'

Robin não tinha certeza se algum deles acreditava nisso.

Eles estavam muito mais longe de casa agora, mas pelo menos estavam de volta aos postes de luz, onde podiam ver problemas vindos de longe.

Caminharam por algum tempo em silêncio. Robin não conseguiu pensar em nada apropriado para dizer; qualquer palavra que lhe veio à mente morreu imediatamente em sua língua.

— Droga — disse Ramy novamente. Ele parou abruptamente, com uma mão na mochila.

— Eu acho. . espere. Ele vasculhou seus livros e praguejou novamente. 'Eu deixei meu caderno para trás.'

O intestino de Robin se revirou. — Em Holywell?

'No corpo.' Ramy pressionou as pontas dos dedos contra a ponta do nariz e gemeu. 'Eu sei onde – bem no canto da mesa; Eu ia colocar em cima porque não queria que as páginas ficassem amassadas, só que fiquei tão cansado que devo ter esquecido.

'Você não pode deixar para amanhã? Não creio que os funcionários vão mudar isso, e se o fizerem, poderíamos simplesmente pedir. .

— Não, tem minhas notas de revisão e estou preocupado que eles nos obriguem a fazer uma recitação amanhã. Vou voltar. .

— Eu atendo — disse Robin rapidamente. Parecia a coisa certa a fazer; parecia fazer as pazes.

Ramy franziu a testa. 'Tem certeza?'

Não havia luta em sua voz. Ambos sabiam o que Robin não diria em voz alta: que Robin, pelo menos, poderia passar por branco no escuro, e que se Robin se deparasse sozinho com os meninos Balliol, eles não lhe dariam a segunda olhada.

— Não vou demorar vinte minutos — prometeu Robin. — Vou deixá-lo na sua porta quando voltar.

Oxford assumiu um ar sinistro agora que estava sozinho; as luzes não eram mais quentes, mas sinistras, esticando e deformando sua sombra contra os paralelepípedos. O Bodleian estava trancado, mas um funcionário noturno percebeu que ele acenava para a janela e o deixou entrar. Felizmente, ele era um

dos funcionários de antes e deixou Robin entrar na ala oeste sem questionar. O A Sala de Leitura estava escura e gelada. Todas as lâmpadas estavam apagadas; Robin mal conseguia enxergar sob a luz da lua que entrava no outro extremo da sala. Tremendo, ele pegou o caderno de Ramy, enfiou-o na mochila e saiu correndo porta afora.

Ele tinha acabado de passar pelo quadrilátero quando ouviu sussurros.

Ele deveria ter acelerado o passo, mas algo – o tom, a forma das palavras – o obrigou a parar. Só depois de fazer uma pausa para apurar os ouvidos é que percebeu que estava ouvindo chinês. Uma frase chinesa, pronunciada repetidamente com crescente urgência.

' *Wúxíng* .'

Robin esgueirou-se cautelosamente pela esquina murada.

Havia três pessoas no meio da Holywell Street, todos jovens magros vestidos inteiramente de preto, dois homens e uma mulher. Eles estavam lutando com um baú. O

fundo deve ter caído, porque o que eram inconfundivelmente barras de prata estava espalhado pelos paralelepípedos.

Todos os três olharam para cima quando Robin se aproximou. O homem que sussurrava furiosamente em chinês estava de costas para Robin; ele se virou por último, somente depois que seus associados ficaram imóveis. Ele encontrou os olhos de Robin. O coração de Robin ficou preso na garganta.

Ele poderia estar se olhando no espelho.

Esses eram seus olhos castanhos. Seu próprio nariz reto, seu próprio cabelo castanho que até caía sobre seus olhos da mesma maneira, caindo desordenadamente da esquerda para a direita.

O homem segurava uma barra de prata na mão.

Robin percebeu instantaneamente o que estava tentando fazer. *Wúxíng* – em chinês,

'sem forma, disforme, incorpóreo'. * A tradução mais próxima para o inglês foi 'invisível'.

Essas pessoas, quem quer que fossem, estavam tentando se esconder. Mas algo deu errado, pois a barra de prata mal funcionava; as imagens dos três jovens tremeluziam sob a luz da rua e ocasionalmente pareciam translúcidas, mas decididamente não estavam escondidas.

O doppelgänger de Robin lançou-lhe um olhar queixoso.

“Ajude-me”, ele implorou. Depois, em chinês, ' *Bāngmáng* . ' *

Robin não sabia o que o compelia a agir – o terror recente dos meninos Balliol, o total absurdo daquela cena ou a visão desorientadora do rosto de seu sósia – mas deu um passo à frente e colocou a mão no balcão. Seu doppelgänger desistiu sem dizer uma palavra.

“ *Wúxíng* ”, disse Robin, pensando nos mitos que sua mãe lhe contara, sobre espíritos e fantasmas escondidos no escuro. Da falta de forma, do não-ser. 'Invisível.'

A barra vibrou em sua mão. Ele ouviu um som vindo do nada, um suspiro ofegante.

Todos os quatro desapareceram.

Não, *desaparecido* não era bem a palavra para isso. Robin não tinha palavras para isso; perdeu-se na tradução, um conceito que nem os chineses nem os ingleses conseguiram descrever completamente. Eles existiam, mas não em forma humana. Eles não eram apenas seres que não podiam ser vistos. Eles não eram seres. Eles eram disformes. Eles flutuaram, expandiram-se; eram o ar, as paredes de tijolos, os paralelepípedos. Robin não tinha consciência de seu corpo, onde terminava e começava a barra – ele era a prata, as pedras, a noite.

O medo frio passou por sua mente. *E se eu não puder voltar?*

Segundos depois, um policial correu até o fim da rua. Robin prendeu a respiração, apertando a barra com tanta força que uma pontada de dor subiu por seu braço.

O policial olhou diretamente para ele, semicerrando os olhos, não vendo nada além de escuridão.

“Eles não estão aqui”, ele gritou por cima do ombro. 'Tente persegui-los até Parks.' . .'

Sua voz desapareceu quando ele saiu correndo.

Robin largou a barra. Ele não conseguia mantê-lo; ele mal estava mais consciente de sua presença. Ele nem usou a mão e abriu os dedos, mas empurrou violentamente a barra para tentar separar sua essência da prata.

Funcionou. Os ladrões se rematerializaram durante a noite.

“Depressa”, insistiu o outro homem, um jovem de cabelos loiros claros. 'Enfiem isso nas camisas e vamos deixar o baú para trás.'

“Não podemos simplesmente abandonar isso”, disse a mulher. "Eles vão rastrear."

'Pegue os pedaços então, vamos.'

Todos os três começaram a retirar as barras de prata do chão. Robin hesitou por um momento, os braços pendendo desajeitadamente ao lado do corpo. Então ele se abaixou para ajudá-los.

O absurdo disso ainda não havia sido compreendido. Vagamente ele percebeu que o que quer que estivesse acontecendo devia ser muito ilegal. Estes jovens não poderiam estar associados a Oxford, ao Bodleian ou ao Instituto de Tradução, caso contrário não estariam à meia-noite, vestidos de preto e escondidos da polícia.

A coisa certa e óbvia a fazer era dar o alarme.

Mas de alguma forma, ajudar parecia a única opção. Ele não questionou essa lógica, simplesmente agiu. Era como cair num sonho, como entrar numa peça onde ele já conhecia as falas, embora todo o resto fosse um mistério. Esta era uma ilusão com sua própria lógica interna e, por algum motivo que ele não conseguia identificar, não queria quebrá-la.

Por fim, todas as barras de prata foram enfiadas na frente da camisa e nos bolsos. Robin deu os que pegou para seu sósia. Seus dedos se tocaram e Robin sentiu um arrepio.

“Vamos”, disse o loiro.

Mas nenhum deles se moveu. Todos olharam para Robin, visivelmente sem saber

o que fazer com ele.

— E se ele. . — começou a mulher.

“Ele não vai”, disse o doppelgänger de Robin com firmeza. 'Você poderia?'

— Claro que não — sussurrou Robin.

O homem loiro não parecia convencido. 'Seria mais fácil apenas. .'

'Não. Não dessa vez.' O doppelgänger de Robin olhou Robin de cima a baixo por um momento, depois pareceu tomar uma decisão. — Você é tradutor, não é?

— Sim — Robin respirou. — Sim, acabei de chegar.

“The Twisted Root”, disse seu doppelgänger. 'Encontre-me lá.'

A mulher e o homem loiro trocaram um olhar. A mulher abriu a boca como se fosse protestar, fez uma pausa e depois fechou-a.

“Tudo bem”, disse o loiro. 'Agora vamos embora.'

— Espere — disse Robin desesperadamente. 'Quem são - quando deveriam -'

Mas os ladrões começaram a correr.

Eles foram surpreendentemente rápidos. Segundos depois, a rua estava vazia. Eles não deixaram vestígios de que estiveram ali – recolheram até a última barra e até fugiram com os restos quebrados do baú. Eles poderiam ter sido fantasmas. Robin poderia ter imaginado todo esse encontro, e o mundo não seria diferente.

Ramy ainda estava acordado quando Robin voltou. Ele abriu a porta na primeira batida.

— Obrigado — disse ele, pegando o caderno.

'Claro.'

Eles ficaram olhando um para o outro em silêncio.

Não houve dúvida sobre o que havia acontecido. Ambos ficaram abalados pela

súbita constatação de que não pertenciam àquele lugar, que apesar da sua filiação ao Instituto de Tradução e apesar dos seus vestidos e pretensões, os seus corpos não estavam seguros nas ruas. Eram homens em Oxford; eles não eram homens de Oxford. Mas a enormidade desse conhecimento era tão devastadora, uma antítese tão cruel dos três dias dourados que desfrutaram cegamente, que nenhum dos dois conseguiu dizê-lo em voz alta.

E eles nunca diriam isso em voz alta. Doía muito considerar a verdade. Era muito mais fácil fingir; continuar girando a fantasia enquanto pudessem.

— Bem — disse Robin, sem muita convicção —, boa noite.

Ramy assentiu e, sem falar, fechou a porta.

Capítulo quatro

Então o Senhor os espalhou dali por toda a terra, e eles pararam de construir a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel, porque ali o Senhor confundiu a língua de toda a terra; e dali o Senhor os espalhou por toda a face da terra.

Gênesis 11:8–9, Versão Padrão Revisada

Dormir parecia impossível. Robin continuou vendo o rosto de seu sósia flutuando no escuro. Teria ele, cansado e agitado, imaginado tudo? Mas os postes de iluminação brilhavam intensamente e as feições do seu irmão gémeo – o seu medo, o seu pânico –

estavam profundamente gravadas na sua memória. Ele sabia que não era uma projeção.

Não foi exatamente como se estivesse olhando para um espelho, onde todas as suas feições estavam refletidas ao contrário, uma falsa representação do que o mundo via, mas um reconhecimento instintivo da mesmice. O que quer que estivesse no rosto daquele homem estava no dele também.

Foi por isso que ele o ajudou? Alguma simpatia instintiva?

Ele estava apenas começando a compreender o peso de suas ações. Ele roubou da universidade. Foi um teste? Rituais estranhos eram praticados em Oxford. Ele passou ou falhou? Ou os policiais bateriam em sua porta na manhã seguinte e

pediriam que ele fosse embora?

Mas não posso ser mandado para baixo , pensou ele. *Acabei de chegar aqui* . De repente, as delícias de Oxford – o calor da sua cama, o cheiro de livros novos e de roupas novas –

fizeram-no contorcer-se de desconforto, pois agora tudo o que conseguia pensar era em quanto tempo poderia perder tudo. Ele se revirava nos lençóis suados, evocando visões cada vez mais detalhadas de como seria a manhã - como os policiais o tirariam da cama, como algemariam seus pulsos e o arrastariam para a prisão, como o professor Lovell faria isso. peça severamente a Robin para nunca mais entrar em contato com ele ou com a Sra.

Piper.

Finalmente ele adormeceu de exaustão. Ele acordou com uma batida persistente em sua porta.

'O que você está fazendo?' Ramy exigiu. — Você nem se *lavou* ?

Robin piscou para ele. 'O que está acontecendo?'

— É segunda-feira de manhã, seu idiota. Ramy já estava vestido com seu vestido preto, boné na mão. — Devemos chegar à torre em vinte minutos.

Eles chegaram a tempo, mas por pouco; eles estavam quase correndo pelos gramados do quadrilátero em direção ao Instituto, com os vestidos balançando ao vento, quando os sinos tocaram para as nove.

Dois jovens magros esperavam por eles no gramado – a outra metade de seu grupo, Robin presumiu. Um era branco; o outro era preto.

“Olá”, disse o branco quando eles se aproximaram. 'Você está atrasado.'

Robin ficou boquiaberto, tentando recuperar o fôlego. 'Você é uma garota.'

Isso foi um choque. Robin e Ramy cresceram em ambientes estéreis e isolados, longe das meninas da sua idade. O feminino era uma ideia que existia em teoria, matéria de romance ou um fenômeno raro de ser vislumbrado do outro lado da rua. A melhor descrição que Robin conhecia das mulheres vinha de um tratado

que certa vez folheara da Sra. Sarah Ellis, * que classificava as meninas como "gentis, inofensivas, delicadas e passivamente amáveis". Para Robin, as meninas eram sujeitos misteriosos, imbuídos não de uma rica vida interior, mas de qualidades que as tornavam sobrenaturais, inescrutáveis e possivelmente nem um pouco humanas.

“Desculpe, quero dizer, olá”, ele conseguiu dizer. — Eu não queria. . de qualquer maneira.

Ramy foi menos sutil. 'Por que vocês estão, meninas?'

A garota branca lançou-lhe um olhar de desdém tão fulminante que Robin murchou em nome de Ramy.

'Bem', ela falou lentamente, 'suponho que decidimos ser meninas porque ser meninos parece exigir a renúncia de metade das células cerebrais.'

“A universidade pediu-nos que nos vestissemos assim para não incomodar ou distrair os jovens cavalheiros”, explicou a negra. Seu inglês tinha um leve sotaque, que Robin achou que lembrava o francês, embora ele não tinha certeza. Ela balançou a perna esquerda para ele, exibindo calças tão engomadas e rígidas que pareciam ter sido compradas ontem. 'Nem todo corpo docente é tão liberal quanto o Instituto de Tradução, sabe.'

'É desconfortável?' Robin perguntou, tentando corajosamente provar sua própria falta de preconceito. — Usando calças, quero dizer?

'Na verdade não é, já que temos duas pernas e não rabo de peixe.' Ela estendeu a mão para ele. 'Victoire Desgraves.'

Ele apertou. 'Robin Swift.'

Ela arqueou uma sobrancelha. 'Rápido? Mas seguramente-'

“Letitia Price”, interrompeu a garota branca. — Letty, se você quiser. E você?'

'Ramiz.' Ramy estendeu a mão até a metade, como se não tivesse certeza se queria tocar nas garotas ou não. Letty decidiu por ele e apertou; Ramy estremeceu de desconforto.

'Ramiz Mirza. Ramy para amigos.

“Olá, Ramiz.” Letty olhou ao redor. — Então somos todo o grupo.

Victoire deu um pequeno suspiro. “ *Ce sont des idiots* ”, disse ela a Letty.

— *Je suis tout à fait d'accord* — murmurou Letty em resposta.

Ambos começaram a rir. Robin não conseguia entender francês, mas sentiu claramente que havia sido julgado e considerado deficiente.

'Aí está você.'

Eles foram salvos de novas conversas por um homem negro alto e esbelto que apertou todas as mãos e se apresentou como Anthony Ribben, um pós-graduado especializado em francês, espanhol e alemão. “Meu guardião se considerava um romântico”, explicou ele. 'Ele esperava que eu seguisse sua paixão pela poesia, mas quando ficou claro que eu tinha mais do que apenas um talento passageiro para línguas, ele me mandou para cá.'

Ele fez uma pausa com expectativa, o que os levou a responder em seus próprios idiomas.

“Urdu, árabe e persa”, disse Ramy.

“Francês e Kreyòl”, disse Victoire. 'Quero dizer. . crioulo haitiano, se você acha que isso conta.'

- Isso conta - disse Anthony alegremente.

“Francês e alemão”, disse Letty.

— Chinês — disse Robin, sentindo-se um tanto inadequada. "E latim e grego."

“Bem, todos nós temos latim e grego”, disse Letty. 'É um requisito de entrada, não é?'

As bochechas de Robin coraram; ele não sabia.

Anthony parecia divertido. — Um grupo bem cosmopolita, não é? Bem-vindo a Oxford!

Como você está achando isso?

“Adorável”, disse Victoire. 'No entanto . . . Não sei, é estranho. Não parece muito real.

Parece que estou no teatro e fico esperando as cortinas baixarem.

'Isso não vai embora.' Anthony dirigiu-se para a torre, gesticulando para que o seguissem. — Especialmente depois de passar por essas portas. Eles me pediram para lhe mostrar o Instituto até as onze, e então deixarei você com o professor Playfair. Esta será sua primeira vez lá dentro?

Eles olharam para a torre. Era um edifício magnífico – um edifício branco e reluzente construído em estilo neoclássico, com oito andares de altura e rodeado de pilares ornamentais e altos vitrais. Dominava o horizonte da High Street e fazia com que a vizinha Biblioteca Radcliffe e a Igreja Universitária de Santa Maria, a Virgem, parecessem bastante patéticas em comparação. Ramy e Robin passaram por ali inúmeras vezes durante o fim de semana, maravilhados juntos, mas sempre à distância. Eles não ousaram se aproximar. Não, então.

— Magnífico, não é? Anthony suspirou de satisfação. 'Você nunca se acostuma com a visão. Bem-vindo à sua casa pelos próximos quatro anos, acredite ou não. Chamamos isso de Babel.

— Babel — repetiu Robin. — É por isso. .?

'Por que eles nos chamam de Tagarelas?' Anthony assentiu. “Uma piada tão antiga quanto o próprio Instituto. Mas algum primeiro ano em Balliol pensa que o concebeu pela primeira vez todo mês de setembro, e por isso estamos condenados a esse apelido pesado há décadas.

Ele subiu rapidamente os degraus da frente. No topo, um selo azul e dourado estava esculpido na pedra diante da porta, o brasão da Universidade de Oxford. *Dominus illuminatio mea* , dizia. *O Senhor é minha luz.* No momento em que o pé de Anthony tocou o selo, a pesada porta de madeira se abriu sozinha, revelando um interior dourado e iluminado por escadas, estudiosos agitados em mantos escuros e livros sobre livros sobre livros.

Robin fez uma pausa, ofuscada demais para segui-la. De todas as maravilhas de Oxford, Babel parecia a mais impossível – uma torre fora do tempo, uma visão

de um sonho.

Aqueles vitrais, aquela cúpula alta e imponente; tudo parecia ter sido retirado diretamente da pintura na sala de jantar do professor Lovell e jogado naquela rua cinzenta e monótona.

Uma iluminura num manuscrito medieval; uma porta para uma terra de fadas. Pareceu impossível que eles viessem aqui todos os dias para estudar, que tivessem o direito de entrar.

No entanto, aqui estava ele, bem na frente deles, esperando.

Anthony acenou, radiante. 'Bem, entre.'

«As agências de tradução sempre foram ferramentas indispensáveis – ou melhor, os centros de – grandes civilizações. Em 1527, Carlos V de Espanha criou a Secretaría de Interpretación de Lenguas, cujos funcionários faziam malabarismos com mais de uma dúzia de línguas ao serviço do governo dos territórios do seu império. O Royal Institute of Translation foi fundado em Londres no início do século XVII, embora só tenha se mudado para a sua atual sede em Oxford em 1715 e no final da Guerra da Sucessão Espanhola, após a qual os britânicos decidiram que seria prudente treinar jovens para falar as línguas das colônias que os espanhóis acabavam de perder. Sim, eu memorizei tudo isso, e não, não fui eu que escrevi, mas faço esse tour desde o primeiro ano por conta do meu imenso carisma pessoal, então sou muito bom nisso. Pelo hall de entrada por aqui.

Anthony tinha a rara habilidade de falar suavemente enquanto andava para trás. “São oito andares até Babel”, disse ele. 'O Livro dos Jubileus afirma que a histórica Torre de Babel atingiu uma altura de mais de cinco mil côvados - isso é quase três quilômetros - o que é obviamente impossível, embora nossa Babel *seja* o edifício mais alto de Oxford, e provavelmente de toda a Inglaterra, exceto a Basílica de São Paulo. . Temos quase noventa metros de altura, sem contar o porão, o que significa que nossa altura total é o dobro da da Biblioteca Radcliffe. .

Victória levantou a mão. 'A torre é. .'

'Maior por dentro do que parece por fora?' — perguntou Antônio. 'De fato.' Robin não percebeu isso a princípio, mas agora se sentia desorientado pela

contradição. O exterior de Babel era enorme, mas ainda não parecia alto o suficiente para admitir os tetos altos e as prateleiras altas de cada andar interno. — É um belo truque de trabalhar com prata, embora não tenha certeza do par envolvido. Tem sido assim desde que cheguei aqui; nós consideramos isso garantido.

Anthony os guiou através de uma multidão de moradores da cidade que formavam filas movimentadas diante dos caixas. “Estamos no lobby agora – todos os negócios são conduzidos aqui. Comerciantes locais encomendando barras para seus equipamentos, autoridades municipais solicitando manutenção de obras públicas, esse tipo de coisa. É a única área da torre acessível aos civis, embora eles não interajam com estudiosos – temos funcionários para processar seus pedidos.' Anthony acenou para que o seguissem escada acima. 'Por aqui.'

O segundo andar era o Departamento Jurídico, cheio de acadêmicos de rosto sério, arranhando papéis e folheando volumes de referência grossos e bolorentos.

“Está sempre cheio aqui”, disse Anthony. “Tratados internacionais, comércio exterior, esse tipo de coisa. As engrenagens do império, aquilo que faz o mundo girar. A maioria dos alunos da Babel acaba aqui depois da formatura, pois o salário é bom e eles estão sempre contratando. Também aqui fazem bastante trabalho pro bono – todo o quadrante sudoeste é uma equipa que trabalha na tradução do Código Napoleão para outras línguas europeias. *

Mas cobramos um bom dinheiro pelo resto. Este é o piso que gera a maior renda – exceto o trabalho com prata, é claro.

'Onde está o trabalho com prata?' Victória perguntou.

'Oitavo andar. Bem no topo.

"Pela vista?" — Letty perguntou.

“Para as fogueiras”, disse Anthony. 'Quando os incêndios começam, é melhor que eles estejam no topo do prédio para que todos tenham tempo de sair.'

Ninguém sabia se ele estava brincando. *

Anthony os conduziu por outro lance de escadas. 'O terceiro andar é a base de pouso dos intérpretes ao vivo.' Ele gesticulou ao redor da sala praticamente

vazia, que mostrava poucos sinais de uso, exceto por várias xícaras de chá manchadas e tortas e uma pilha ocasional de papel no canto da mesa. “Eles quase nunca estão aqui, mas precisam de um lugar para preparar arquivos de briefing com segurança quando estão, para que tenham todo esse espaço. Eles acompanham dignitários e funcionários do serviço estrangeiro em suas viagens ao exterior, participando de bailes na Rússia e tomando chá com xeques na Arábia e outros enfeites. Disseram-me que todas as viagens são bastante cansativas, então não há muitas muitos intérpretes de carreira que saíram de Babel. Geralmente são poliglotas naturais que aprenderam a língua em outro lugar – tiveram pais missionários ou passaram os verões com parentes estrangeiros, por exemplo. Os graduados da Babel tendem a evitá-lo.

'Por que?' Ramy perguntou. 'Parece engraçado.'

“É um posto confortável se o que você quer é viajar para o exterior com o dinheiro de outra pessoa”, disse Anthony. “Mas os acadêmicos, por natureza, são um grupo solitário e sedentário. Viajar parece divertido até você perceber que o que realmente quer é ficar em casa com uma xícara de chá e uma pilha de livros perto do fogo quente.

“Você tem uma visão negativa dos acadêmicos”, disse Victoire.

“Tenho uma visão informada pela experiência. Você entenderá com o tempo. Os ex-alunos que se candidatam a empregos de intérprete sempre desistem nos primeiros dois anos. Mesmo Sterling Jones – sobrinho de Sir William Jones, veja bem – não conseguiu aguentar por mais de oito meses, e eles *o fizeram* viajar de primeira classe aonde quer que fosse. De qualquer forma, a interpretação ao vivo não é considerada tão glamorosa, porque tudo o que realmente importa é que você transmita seus pontos básicos sem ofender ninguém. Você não pode brincar com as complexidades da linguagem, que é, obviamente, onde está a *verdadeira* diversão.

O quarto andar era bem mais movimentado que o terceiro. Os acadêmicos também pareciam ser mais jovens: tipos de cabelos bagunçados e mangas remendadas, em comparação com o pessoal polido e bem vestido do Departamento Jurídico.

“Literatura”, explicou Anthony. «Isto é, os negócios de tradução de romances, histórias e poemas estrangeiros para o inglês e – com menos frequência – vice-

versa. Para ser honesto, está um pouco abaixo do nível de prestígio, mas é uma posição mais cobiçada do que interpretação. Considera-se que a pós-graduação em Letras é o primeiro passo natural para se tornar professor de Babel.'

— Alguns de nós realmente gostamos daqui, veja bem. Um jovem usando vestidos de pós-graduação aproximou-se de Anthony. 'Estes são os primeiros anos?'

'São todos eles.'

— Não é uma turma grande, não é? O homem acenou alegremente para eles. 'Olá. Vimal Srinivasan. Acabei de me formar no último semestre; Falo sânscrito, tâmil, télugo e alemão.'

*

'Todos aqui se apresentam com seus idiomas?' Ramy perguntou.

“Claro”, disse Vimal. 'Suas línguas determinam o quão interessante você é. Os orientalistas são fascinantes. Os classicistas são chatos. De qualquer forma, seja bem-vindo ao melhor andar da torre.

Victoire estava espiando as prateleiras com grande interesse. — Então você consegue todos os livros publicados no exterior?

“A maioria deles, sim”, disse Vimal.

'Todos os lançamentos franceses? Assim que eles saírem?

“Sim, ganancioso”, disse ele, sem absolutamente nenhuma malícia. 'Você descobrirá que nosso orçamento para compra de livros é efetivamente ilimitado e que nossos bibliotecários gostam de manter uma coleção completa. Embora não possamos traduzir tudo o que passa por aqui; simplesmente não temos mão de obra. A tradução de textos antigos ainda ocupa boa parte do nosso tempo.'

“É por isso que eles são o único departamento que apresenta déficit todos os anos”, disse Anthony.

'Melhorar a compreensão da condição humana não é uma questão de lucro.' Vimal fungou. 'Estamos sempre atualizando os clássicos – entre o século passado

e agora, nos tornamos muito melhores em determinados idiomas, e não há razão para que os clássicos permaneçam tão inacessíveis. Atualmente estou trabalhando em uma versão latina melhor do *Bhagavad Gita*— '

“Não importa que Schlegel tenha lançado um”, brincou Anthony.

“Há mais de dez anos”, rejeitou Vimal. 'E o Schlegel *Gita* é terrível; ele mesmo disse que não havia compreendido a filosofia básica que sustenta a coisa toda. O que fica claro, porque ele usou cerca de sete palavras diferentes para ioga. .

“De qualquer forma”, disse Anthony, conduzindo-os embora, “isso é Literatura. Uma das piores aplicações da educação de Babel, na minha opinião.

'Você não aprova?' Robin perguntou. Ele compartilhou a alegria de Victoire; uma vida passada no quarto andar, pensou ele, seria maravilhosa.

'Eu não.' Anthony riu. 'Estou aqui para trabalhar com prata. Acho que o Departamento de Literatura é um grupo indulgente, como Vimal sabe. Veja, o triste é que eles podem ser os estudiosos mais perigosos de todos, porque são eles que realmente *entendem* as línguas

– sabem como vivem e respiram e como podem fazer nosso sangue bombear, ou nossa pele formigar, com apenas uma frase. Mas eles estão obcecados demais com suas lindas imagens para se preocuparem em como toda essa energia viva pode ser canalizada para algo muito mais poderoso. Quero dizer, claro, prata.

O quinto e o sexto andares abrigavam salas de instrução e materiais de referência – as cartilhas, as gramáticas, os leitores, os tesauros e pelo menos quatro edições diferentes de cada dicionário publicado no que Anthony afirmava ser todas as línguas faladas no mundo.

'Bem, os dicionários estão realmente espalhados por toda a torre, mas é aqui que você vem se precisar fazer algum trabalho pesado de arquivo', explicou Anthony. 'Bem no meio, sabe, então ninguém precisa andar mais de quatro lances para conseguir o que precisa.'

No centro do sexto andar, uma série de livros encadernados em vermelho estavam sobre um tecido de veludo carmesim, sob uma vitrine de vidro. A forma como a luz suave da lâmpada brilhava contra suas capas de couro fazia com que parecessem bastante mágicos – mais parecidos com grimórios de mágicos do

que com materiais de referência comuns.

“Estas são as Grammaticas”, disse Anthony. 'Eles parecem impressionantes, mas está tudo bem, você pode tocar. Eles foram feitos para serem consultados. Primeiro, limpe os dedos no veludo.

As Grammaticas eram volumes encadernados de espessuras variadas, mas com encadernação idêntica, organizados em ordem alfabética pelo nome romanizado da língua e pela data de publicação nessas línguas. Alguns conjuntos de Grammatica –

nomeadamente as línguas europeias – ocupavam sozinhos vitrines inteiras; outros, principalmente as línguas orientais, continham muito poucos volumes. As Gramáticas Chinesas abrangiam apenas três volumes; as Grammaticas japonesa e coreana continham apenas um volume cada. Tagalog, surpreendentemente, abrangeu cinco volumes.

“Mas não podemos levar o crédito por isso”, disse Anthony. 'Todo esse trabalho de tradução foi feito pelos espanhóis; é por isso que você também verá os créditos do tradutor de espanhol para inglês atrás das capas. E muitas das Gramáticas do Caribe e do Sul da Ásia

– aqui estão elas – ainda estão em andamento. Essas línguas só interessaram em Babel depois da Paz de Paris, que, claro, despejou uma grande quantidade de território nas possessões imperiais britânicas. Da mesma forma, você descobrirá que a maior parte das Gramáticas Africanas são traduzidas do alemão para o inglês – são os missionários e filólogos alemães que estão fazendo a maior parte do trabalho lá; há anos que não temos ninguém a estudar línguas africanas.'

Robin não se conteve. Ele procurou ansiosamente pelas Grammaticas da língua oriental e começou a folhear o primeiro material. Escritos na capa de cada volume, com uma caligrafia muito elegante e minúscula, estavam os nomes dos estudiosos que produziram a primeira edição de cada Grammatica. Nathaniel Halhed escreveu o Bengali Grammatica, Sir William Jones, a Grammatica Sânscrita. Robin notou que este era um padrão – todos os autores iniciais tendiam a ser homens brancos britânicos, em vez de falantes nativos dessas línguas.

“Só recentemente é que fizemos muita coisa em línguas orientais”, disse Anthony.

“Ficamos atrás dos franceses por um bom tempo. Sir William Jones fez algum progresso introduzindo o sânscrito, o árabe e o persa nas listas de cursos quando era bolsista aqui -

ele começou a Grammatica Persa em 1771 - mas foi o único a fazer algum trabalho sério nessas línguas até 1803.'

'O que aconteceu então?' perguntou Robin.

“Então Richard Lovell entrou para o corpo docente”, disse Anthony. — Ouvi dizer que ele é um gênio com as línguas do Extremo Oriente. Ele contribuiu com dois volumes apenas para a Grammatica Chinesa.

Reverentemente, Robin estendeu a mão e puxou o primeiro volume da Grammatica Chinesa para ele. O volume parecia excessivamente pesado, cada página carregada de tinta.

Ele reconheceu a caligrafia nítida e precisa do professor Lovell em cada página. Cobriu uma amplitude surpreendente de pesquisa. Baixou o volume e ficou impressionado com a inquietante constatação de que o professor Lovell – um estrangeiro – sabia mais sobre a sua língua materna do que ele.

'Por que isso está em vitrines?' perguntou Vitória. ‘Parece bastante difícil tirá-los.’

“Porque estas são as únicas edições em Oxford”, disse Anthony. “Há reforços em Cambridge, Edimburgo e nos Ministérios das Relações Exteriores em Londres. Eles são atualizados anualmente para dar conta de novas descobertas. Mas estas são as únicas

coleções abrangentes e autorizadas de conhecimento de todas as línguas que existem.

Novos trabalhos são acrescentados à mão, você notará. Custa muito caro reimprimir toda vez que novos acréscimos são feitos e, além disso, nossas impressoras não conseguem lidar com tantas escritas estrangeiras.

'Então, se um incêndio atingir Babel, poderíamos perder um ano inteiro de pesquisa?'

perguntou Ramy.

'Um ano? Experimente décadas. Mas isso nunca vai acontecer. Anthony bateu na mesa, que Robin notou que estava incrustada com dezenas de finas barras de prata. 'As Grammaticas estão mais bem protegidas do que a Princesa Victoria. Esses livros são imunes a incêndios, inundações e tentativas de remoção por qualquer pessoa que não esteja no registro do Instituto. Se alguém tentasse roubar ou danificar um desses, seria atingido por uma força invisível tão poderosa que perderia todo o senso de identidade e propósito até a chegada da polícia.

'As barras podem fazer isso?' Robin perguntou, alarmado.

“Bem, algo próximo”, disse Anthony. 'Só estou supondo. O professor Playfair cuida das proteções e gosta de fazer mistério sobre elas. Mas sim, a segurança desta torre iria surpreendê-lo. Parece o prédio padrão de Oxford, mas se alguém tentasse arrombar, acabaria sangrando na rua. Eu vi isso acontecer.

“Isso é muita proteção para um edifício de pesquisa”, disse Robin. Suas palmas ficaram subitamente úmidas; ele os limpou em seu vestido.

“Bem, é claro”, disse Anthony. 'Há mais prata nestas paredes do que nos cofres do Banco da Inglaterra.'

'Verdadeiramente?' — Letty perguntou.

“Claro”, disse Anthony. 'Babel é um dos lugares mais ricos de todo o país. Você gostaria de saber por quê?

Eles assentiram. Anthony estalou os dedos e fez sinal para que o seguissem escada acima.

O oitavo andar era a única parte de Babel escondida atrás de portas e paredes. Os outros sete foram projetados seguindo uma planta aberta, sem barreiras ao redor da escada, mas as escadas para o oitavo andar levavam a um corredor de tijolos que por sua vez conduzia a uma pesada porta de madeira.

“Barreira contra fogo”, explicou Anthony. 'Em caso de acidentes. Isola o resto do prédio para que as Grammaticas não sejam queimadas se alguma coisa explodir aqui. Ele apoiou seu peso contra a porta e empurrou.

O oitavo andar parecia mais uma oficina do que uma biblioteca de pesquisa. Os estudiosos ficavam curvados em torno de mesas de trabalho como mecânicos, segurando uma variedade de ferramentas de gravação em barras de prata de todos os formatos e tamanhos. Sons de zumbido, zumbido e perfuração enchiam o ar. Algo explodiu perto da janela, causando uma chuva de faíscas seguida por uma rodada de xingamentos, mas ninguém sequer olhou para cima.

Um homem branco, corpulento e grisalho, esperava por eles em frente às estações de trabalho. Ele tinha um rosto largo e cheio de rugas e olhos brilhantes que poderiam colocá-lo entre quarenta e sessenta anos. Os vestidos negros de seu mestre estavam cobertos com

tanto pó prateado que ele brilhava sempre que se movia. Suas sobrancelhas eram grossas, escuras e extraordinariamente expressivas; eles pareciam prontos a saltar de entusiasmo sempre que ele falava.

“Bom dia”, disse ele. 'Sou o professor Jerome Playfair, presidente do corpo docente. Eu me interesso por francês e italiano, mas meu primeiro amor é o alemão. Obrigado, Anthony, você está livre para ir. Você e Woodhouse estão prontos para sua viagem à Jamaica?

“Ainda não”, disse Anthony. — Ainda preciso localizar a cartilha Patois. Suspeito que Gideon o pegou sem assinar novamente.

— Vá em frente, então.

Anthony assentiu, ergueu um chapéu imaginário para o companheiro de Robin e recuou pela porta pesada.

A professora Playfair sorriu para eles. 'Então agora você viu Babel. Como estamos todos?

Por um momento, ninguém falou. Letty, Ramy e Victoire pareciam tão atordoados quanto Robin. Eles foram expostos a uma grande quantidade de informações ao mesmo tempo, e o efeito foi que Robin não tinha certeza se o terreno em que pisava era real.

A professora Playfair riu. 'Eu sei. Tive a mesma impressão no meu primeiro dia aqui também. É como uma indução a um mundo oculto, não é? Como levar comida na corte seelie. Depois que você sabe o que acontece na torre, o mundo

mundano não parece tão interessante.

— É deslumbrante, senhor — disse Letty. 'Incrível.'

A professora Playfair piscou para ela. 'É o lugar mais maravilhoso do planeta.'

Ele limpou a garganta. 'Agora eu gostaria de contar uma história. Perdoe-me por ser dramático, mas gosto de assinalar esta ocasião – afinal, o seu primeiro dia naquele que acredito ser o centro de investigação mais importante do mundo. Tudo bem?

Ele não precisava da aprovação deles, mas eles assentiram de qualquer maneira.

'Obrigado. Agora, conhecemos a seguinte história de Heródoto. Ele andou vários passos diante deles, como um jogador marcando sua posição no palco. 'Ele nos conta sobre o rei egípcio Psamético, que certa vez formou um pacto com os invasores do mar Jônico para derrotar os onze reis que o traíram. Depois de derrotar seus inimigos, ele deu grandes extensões de terra aos seus aliados jônicos. Mas Psamético queria uma garantia ainda melhor de que os jónicos não se voltariam contra ele como fizeram os seus antigos aliados.

Ele queria evitar guerras baseadas em mal-entendidos. Então ele enviou meninos egípcios para viver com os jônios e aprender grego para que, quando crescessem, pudessem servir como intérpretes entre os dois povos.

'Aqui em Babel, nos inspiramos em Psammetichus.' Ele espiou ao redor, e seu olhar brilhante pousou em cada um deles enquanto ele falava. «A tradução, desde tempos imemoriais, tem sido o facilitador da paz. A tradução torna possível a comunicação, o que por sua vez torna possível o tipo de diplomacia, comércio e cooperação entre povos estrangeiros que traz riqueza e prosperidade para todos.

— Você certamente já deve ter notado que Babel é a única entre as faculdades de Oxford que aceita estudantes que não são de origem européia. Em nenhum outro lugar deste país você encontrará hindus, muçulmanos, africanos e chineses estudando sob o mesmo teto. Aceitamos você não apesar de sua origem estrangeira, mas *por causa* de sua origem estrangeira. O professor Playfair enfatizou esta última parte como se fosse motivo

de grande orgulho. 'Por causa de suas origens, você tem o dom de línguas que

aqueles nascidos na Inglaterra não conseguem imitar. E vocês, tal como os rapazes de Psammetichus, são as línguas que darão vida a esta visão de harmonia global.'

Ele cruzou as mãos diante dele como se estivesse orando. 'De qualquer forma. Os pós-graduados zombam de mim por causa desse discurso todos os anos. Eles acham que é banal. Mas acho que a situação pede tamanha gravidade, não é? Afinal, estamos aqui para dar a conhecer o desconhecido, para tornar o outro familiar. Estamos aqui para fazer mágica com as palavras.

Essa era, pensou Robin, a coisa mais gentil que alguém já dissera sobre ele ter nascido no exterior. E embora a história fizesse seu estômago se contorcer – pois ele havia lido a passagem relevante de Heródoto e lembrado que os meninos egípcios eram, no entanto, escravos – ele sentiu também uma pontada de excitação ao pensar que talvez o fato de não pertencer a ele não o condenasse a existir para sempre. nas margens, que talvez, em vez disso, o tornasse especial.

Em seguida, o professor Playfair reuniu-os em torno de uma mesa de trabalho vazia para uma demonstração. 'Agora, o homem comum pensa que trabalhar com prata equivale a feitiçaria.' Ele arregaçou as mangas até os cotovelos enquanto falava, gritando para que pudessem ouvi-lo em meio ao barulho. 'Eles pensam que o poder das barras reside na própria prata, que a prata é alguma substância inerentemente mágica que contém o poder de alterar o mundo.'

Ele destrancou a gaveta esquerda e tirou uma barra prateada em branco. “Eles não estão totalmente errados. Na verdade, há algo especial na prata que a torna um veículo ideal para o que fazemos. Gosto de pensar que foi abençoado pelos deuses – afinal, é refinado com mercúrio, e Mercúrio é o deus mensageiro, não? Mercúrio, Hermes. A prata não tem então uma ligação inextricável com a hermenêutica? Mas não vamos ser muito românticos. Não, o poder da barra está nas palavras. Mais especificamente, o material da linguagem que as palavras são incapazes de expressar – o material que se perde quando nos movemos entre uma linguagem e outra. A prata captura o que está perdido e o manifesta.

Ele olhou para cima e observou seus rostos perplexos. 'Você tem perguntas. Não se preocupe. Você não começará a trabalhar com prata antes do final do terceiro ano. Você terá bastante tempo para atualizar a teoria relevante antes disso. O que importa agora é que você entenda a magnitude do que fazemos aqui. Ele pegou uma caneta de gravação. 'O

que é, claro, o lançamento de feitiços.'

Ele começou a gravar uma palavra em uma das extremidades da barra. 'Estou apenas mostrando uma simples. O efeito será bastante sutil, mas veja se você sente.

Ele terminou de escrever nesse sentido e ergueu-o para mostrar a eles. ' *Heimlich* .

Alemão para secreto e clandestino, e é assim que vou traduzir para o inglês. Mas *heimlich* significa mais do que apenas segredos. Derivamos *heimlich* de uma palavra protogermânica que significa “casa”. Junte essa constelação de significado e o que você obtém?

Algo como o sentimento secreto e privado que você tem por estar em algum lugar ao qual pertence, isolado do mundo exterior.

Enquanto falava, ele escreveu a palavra *clandestino* no outro lado do bar. No momento em que terminou, a prata começou a vibrar.

“ *Heimlich* ”, disse ele. 'Clandestino.'

Mais uma vez Robin ouviu um canto sem fonte, uma voz desumana vinda do nada.

O mundo mudou. Algo os prendia: alguma barreira intangível turvava o ar ao redor deles, abafava o ruído ao redor, fazia parecer que eles eram os únicos num andar que sabiam estar lotado de estudiosos. Eles estavam seguros aqui. Eles estavam sozinhos. Esta era a sua torre, o seu refúgio. *

Eles não eram estranhos a essa magia. Todos já tinham visto trabalhos em prata antes; na Inglaterra era impossível evitar. Mas uma coisa era saber que as barras podiam funcionar, que o trabalho em prata era simplesmente a base de uma sociedade avançada e funcional. Outra coisa era testemunhar com os próprios olhos a distorção da realidade, a forma como as palavras capturavam o que nenhuma palavra poderia descrever e invocavam um efeito físico que não deveria existir.

Victoire levou a mão à boca. Letty estava respirando com dificuldade. Ramy piscou muito rapidamente, como se tentasse conter as lágrimas.

E Robin, observando o bar ainda trêmulo, viu claramente que tudo valia a pena. A solidão, as surras, as longas e dolorosas horas de estudo, a ingestão de línguas como tônico amargo para um dia poder fazer *isso – tudo* valeu a pena.

— Uma última coisa — disse o professor Playfair enquanto os acompanhava escada abaixo.

— Precisaremos tirar seu sangue.

'Perdão?' perguntou Letty.

'Seu sangue. Não vai demorar muito. A professora Playfair conduziu-os pelo saguão até uma pequena sala sem janelas, escondida atrás das prateleiras, que estava vazia, exceto por uma mesa simples e quatro cadeiras. Ele gesticulou para que se sentassem e depois foi até a parede dos fundos, onde uma série de gavetas estava escondida dentro da pedra. Ele puxou a gaveta de cima, revelando pilhas e mais pilhas de pequenos frascos de vidro dentro dela.

Cada um estava etiquetado com o nome do estudioso cujo sangue continha.

“É para as enfermarias”, explicou o professor Playfair. 'Babel vê mais tentativas de roubo do que todos os bancos de Londres juntos. As portas mantêm a maior parte da ralé do lado de fora, mas as proteções precisam de alguma forma de distinguir os estudiosos dos intrusos. Experimentamos cabelos e unhas, mas são muito fáceis de roubar.

“Ladrões podem roubar sangue”, disse Ramy.

“Eles podem”, disse o professor Playfair. — Mas eles teriam de ser muito mais determinados em relação a todo o empreendimento, não é?

Ele puxou um punhado de seringas da gaveta de baixo. — Levante as mangas, por favor.

Relutantemente, eles levantaram os vestidos.

'Não deveríamos ter uma enfermeira aqui?' perguntou Vitória.

'Não se preocupe.' O professor Playfair bateu na agulha. 'Eu sou muito bom nisso. Não vou demorar muito para encontrar uma veia. Quem é o primeiro?

Robin se ofereceu; ele não queria sofrer a expectativa de observar os outros. Ramy foi o próximo, depois Victoire e depois Letty. Todo o procedimento levou menos de quinze

minutos, sem nenhum desgaste, embora Letty tivesse ficado perturbadoramente verde quando a agulha deixou seu braço.

“Tenha um bom almoço”, disse-lhe o professor Playfair. — Pudim de sangue é bom, se houver.

Quatro novos frascos de vidro foram acrescentados à gaveta, todos etiquetados com uma caligrafia minúscula e elegante.

“Agora vocês fazem parte da torre”, disse o professor Playfair enquanto trancava as gavetas. 'Agora a torre conhece você.'

Ramy fez uma careta. — Um pouco assustador, não é?

“De jeito nenhum”, disse o professor Playfair. 'Você está no lugar onde a magia é feita.

Ela tem todas as características de uma universidade moderna, mas no fundo, Babel não é tão diferente dos antigos covis dos alquimistas. Mas, ao contrário dos alquimistas, descobrimos a chave para a transformação de uma coisa. Não está na substância material.

Está no nome.

Babel dividia uma despensa no quadrilátero de Radcliffe com várias outras faculdades de humanidades. A comida lá era supostamente muito boa, mas estava fechada até o início das aulas de amanhã, então eles voltaram para a faculdade bem a tempo para o final do almoço.

Toda a comida quente havia acabado, mas o chá da tarde e seus enfeites eram servidos até o jantar. Eles encheram bandejas com xícaras, bules, açucareiros, jarras de leite e scones, depois percorreram as longas mesas de madeira do corredor até encontrarem uma mesa desocupada no canto.

— Então você é de Cantão? perguntou Letty. Ela tinha uma personalidade muito forte, Robin notou; ela fez todas as suas perguntas, mesmo as benignas, no tom

de um interrogador.

Ele tinha acabado de morder um bolinho; estava seco e velho, e ele teve que tomar um gole de chá antes de poder responder. Ela voltou seu olhar para Ramy antes que ele pudesse. — E você, Madras? Bombaim?

— Calcutá — disse Ramy, afavelmente.

“Meu pai trabalhava em Calcutá”, disse ela. 'Três anos, de 1825 a 1828. Talvez você o tenha visto por aí.'

— Que delícia — disse Ramy enquanto espalhava geleia no bolinho. 'Pode ser que ele tenha apontado uma arma para minhas irmãs uma vez.'

Robin bufou, mas Letty empalideceu. 'Só estou dizendo que já conheci hindus antes. .'

'Sou muçulmano.'

'Bem, só estou dizendo. .'

“E você sabe”, agora Ramy passava manteiga em seu bolinho com grande vigor, “é muito irritante, na verdade, o modo como todo mundo quer equiparar a Índia ao hinduísmo. “Oh, o domínio muçulmano é uma aberração, uma intrusão; os mogóis apenas são intrusos, mas *a tradição* – isso é sânscrito, isso são os Upanishads.”' Ele levou o bolinho à boca. — Mas você nem sabe o que essas palavras significam, não é?

Eles começaram mal. O humor de Ramy nem sempre funcionava com novos conhecidos.

Era preciso aguentar suas tiradas loquazes com tranquilidade, e Letitia Price parecia capaz de tudo menos isso.

— Então, Babel — Robin interrompeu antes que Ramy pudesse dizer mais alguma coisa.

'Belo prédio.'

Letty lançou-lhe um olhar espantado. 'Bastante.'

Ramy, revirando os olhos, tossiu e largou o bolinho.

Eles bebericaram o chá em silêncio. Victoire tilintou a colher nervosamente em volta da xícara. Robin olhou pela janela. Ramy bateu os dedos na mesa, mas parou quando Letty lançou-lhe um olhar furioso.

— Como você encontrou o lugar? Victoire tentou corajosamente resgatar a conversa. —

Oxfordshire, quero dizer. Sinto que só vimos uma fração dele até agora, é tão grande. Quero dizer, não como Londres ou Paris, mas há tantos recantos escondidos, não acha?

— É incrível — disse Robin com entusiasmo demais. “É irreal, cada edifício – passamos os primeiros três dias apenas andando, olhando. Vimos todas as atrações turísticas: o Museu de Oxford, os jardins da Igreja de Cristo. .

Victória arqueou uma sobrancelha. — E eles estão deixando você entrar onde quer que você vá?

'Na verdade não.' Ramy largou sua xícara de chá. 'Lembre-se, Birdie, o Ashmolean.. '

“Certo”, disse Robin. "Eles pareciam tão certos de que íamos roubar alguma coisa que nos obrigaram a revirar os bolsos ao entrar e sair, como se estivessem convencidos de que havíamos roubado a Jóia Alfred."

“Eles não nos deixaram entrar”, disse Victoire. — Disseram que não eram permitidas mulheres desacompanhadas.

Ramy bufou. 'Por que?'

“Provavelmente por causa do nosso nervosismo”, disse Letty. "Eles não poderiam fazer com que desmaiássemos contra as pinturas."

“Mas as cores são *tão* excitantes”, disse Victoire.

'Campos de batalha e peitos.' Letty colocou as costas da mão na testa. — É demais para os meus nervos.

— Então, o que você fez? Ramy perguntou.

'Voltamos quando um docente diferente estava de plantão e desta vez fingimos ser homens.' Victoire aprofundou a voz. 'Com licença, estamos apenas rapazes do interior visitando nossos primos aqui e não temos nada para fazer quando eles estão na aula. .

Robin riu. — Você não fez isso.

– Funcionou – insistiu Victoire.

'Eu não acredito em você.'

'Não mesmo.' Vitória sorriu. Ela tinha, Robin notou, olhos enormes e muito bonitos, como os de uma corça. Ele gostava de ouvi-la falar; cada frase parecia que ela estava arrancando risadas de dentro dele. 'Eles devem ter pensado que tínhamos cerca de doze anos, mas funcionou como um sonho. .'

— Até você ficar animado — interrompeu Letty.

'Tudo bem, funcionou até passarmos *pelo* docente-'

— Mas então ela viu um Rembrandt de que gostou e soltou um guincho. . Letty fez um barulho estridente. Victoire empurrou seu ombro, mas ela também estava rindo.

“‘Com licença, senhorita.” Victoire baixou o queixo imitando a desaprovação do docente. '“Você não deveria estar aqui, acho que você se virou. .”'

'Então foi o nervosismo, afinal. .'

Isso foi tudo o que foi preciso. O gelo derreteu. Num instante, todos estavam rindo –

talvez um pouco mais forte do que a piada justificava, mas o que importava era que estavam rindo.

— Alguém mais descobriu você? Ramy perguntou.

“Não, todos eles apenas acham que somos calouros particularmente magros”,

disse Letty. — Embora uma vez alguém tenha gritado para Victoire tirar o vestido.

'Ele tentou tirar isso de mim.' O olhar de Victoire caiu para seu colo. 'Letty teve que espancá-lo com seu guarda-chuva.'

“Coisa semelhante aconteceu conosco”, disse Ramy. "Certa noite, alguns bêbados de Balliol começaram a gritar conosco."

“Eles não gostam de pele escura nos uniformes”, disse Victoire.

'Não', disse Ramy, 'eles não querem.'

“Sinto muito”, disse Victoire. — Eles. . quero dizer, você escapou bem?

Robin lançou a Ramy um olhar preocupado, mas os olhos de Ramy ainda estavam enrugados de bom humor.

'Oh sim.' Ele jogou o braço em volta dos ombros de Robin. 'Eu estava pronto para quebrar alguns narizes, mas este fez a coisa mais prudente - começou a correr como se os cães do inferno estivessem atrás dele - então eu não pude fazer nada além de correr também.'

— Não gosto de conflitos — disse Robin, corando.

“Ah, não”, disse Ramy. — Você desapareceria nas pedras se pudesse.

“Você poderia ter ficado”, brincou Robin. 'Lutei contra eles sozinho.'

'O quê, e deixar você na escuridão assustadora?' Ramy sorriu. — De qualquer forma, você parecia absurdo. Correndo como se sua bexiga estivesse estourando e você não conseguisse encontrar um banheiro.

E então eles estavam rindo novamente.

Logo ficou claro que nenhum tópico estava fora dos limites. Eles podiam conversar sobre qualquer coisa, compartilhar todas as humilhações indescritíveis que sentiam por estar em um lugar onde não deveriam estar, todo o mal-estar oculto que até agora guardavam para si. Eles revelaram tudo sobre si mesmos porque finalmente encontraram o único grupo de pessoas para quem suas

experiências não eram tão únicas ou desconcertantes.

Em seguida, eles trocaram histórias sobre sua educação antes de Oxford.

Aparentemente, Babel sempre ungiu seus escolhidos ainda jovem. Letty, que era do sul de Brighton, deslumbrava os amigos da família com sua memória prodigiosa desde que começou a falar; uma dessas amigas, que conhecia alguns professores de Oxford, conseguiu para ela um conjunto de tutores e a treinou em francês, alemão, latim e grego até que ela tivesse idade suficiente para se matricular.

‘Embora eu quase não tenha sobrevivido.’ Letty piscou, os cílios tremulando loucamente. — Meu pai disse que nunca pagaria a educação de uma mulher, por isso estou grato pela bolsa. Tive que vender um conjunto de pulseiras para pagar a passagem do ônibus.

Victoire, assim como Robin e Ramy, veio para a Europa com um guardião. “Paris”, ela esclareceu. “Ele era francês, mas tinha conhecidos no Instituto e iria escrever-lhes quando eu tivesse idade suficiente. Só então ele morreu, e por um tempo eu não tive certeza se

conseguiria ir. Sua voz vacilou um pouco. Ela tomou um gole de chá. “Mas consegui entrar em contato com eles e eles combinaram de me trazer”, concluiu ela vagamente.

Robin suspeitava que esta não fosse toda a extensão da história, mas ele também tinha prática na arte de encobrir a dor e não se intrometia.

Uma coisa uniu-os a todos: sem Babel, não tinham para onde ir neste país. Tinham sido escolhidos por privilégios que nunca poderiam ter imaginado, financiados por homens ricos e poderosos cujos motivos não compreendiam completamente, e tinham plena consciência de que estes poderiam ser perdidos a qualquer momento. Essa precariedade tornou-os simultaneamente ousados e aterrorizado. Eles tinham as chaves do reino; eles não queriam devolvê-los.

Quando terminaram o chá, eles estavam quase apaixonados um pelo outro – ainda não, porque o amor verdadeiro leva tempo e memórias, mas tão perto do amor quanto as primeiras impressões podem levá-los. Ainda não haviam chegado os dias em que Ramy usava com orgulho os cachecóis de tricô desleixados de Victoire, em que Robin descobrisse exatamente por quanto tempo

Ramy gostava de tomar chá para que pudesse tê-lo pronto quando inevitavelmente chegasse atrasado ao curso de árabe no Buttery, ou quando todos eles sabia que Letty estava prestes a vir para a aula com um saco de papel cheio de biscoitos de limão porque era quarta-feira de manhã e a padaria Taylor's oferecia biscoitos de limão às quartas-feiras. Mas naquela tarde eles puderam ver com certeza o tipo de amigos que seriam, e amar essa visão estava próximo o suficiente.

Mais tarde, quando tudo desse errado e o mundo se partisse ao meio, Robin pensaria naquele dia, naquela hora naquela mesa, e se perguntaria por que eles haviam sido tão rápidos e tão descuidadamente ansiosos para confiar um no outro. Por que eles se recusaram a ver as inúmeras maneiras pelas quais poderiam machucar um ao outro? Por que não pararam para interrogar as suas diferenças de nascimento, de criação, o que significava que não estavam e nunca poderiam estar do mesmo lado?

Mas a resposta era óbvia – que os quatro estavam se afogando no desconhecido, e viam um no outro uma jangada, e agarrar-se um ao outro era a única maneira de permanecerem à tona.

As meninas não tinham permissão para morar na faculdade, e foi por isso que não cruzaram o caminho de Robin e Ramy até o primeiro dia de aula. Em vez disso, Victoire e Letty se alojaram a cerca de três quilômetros de distância, no anexo de uma das escolas diurnas de Oxford, o que aparentemente era um arranjo comum para as alunas de Babel.

Robin e Ramy os acompanharam até em casa porque parecia a coisa mais cavalheiresca a fazer, mas Robin esperava que isso não se tornasse uma rotina noturna, já que a estrada era realmente muito distante e não havia ônibus a essa hora.

— Eles não conseguiram colocar você em nenhum lugar mais perto? Ramy perguntou.

Victória balançou a cabeça. 'Todas as faculdades disseram que nossa proximidade corria o risco de corromper os cavalheiros.'

“Bem, isso não é justo”, disse Ramy.

Letty lançou-lhe um olhar divertido. 'Diz mais.'

“Mas não é tão ruim”, disse Victoire. 'Há alguns pubs divertidos neste rua. . gostamos dos Quatro Cavaleiros, da Raiz Torcida, e tem um lugar chamado Rooks and Pawns, onde você pode jogar xadrez. .

“Desculpe”, disse Robin. — Você disse Raiz Torcida?

“Fica mais à frente, na Harrow Lane, perto da ponte”, disse Victoire. — Mas você não vai gostar. Demos uma olhada e saímos imediatamente – está muito sujo por dentro. Passe o dedo pelo vidro e você encontrará um pedaço de graxa e sujeira com um quarto de polegada de espessura.

— Não é um refúgio para estudantes, então?

— Não, os rapazes de Oxford não seriam vistos mortos lá. É para a cidade, não para o vestido.

Letty apontou para um rebanho de vacas serpenteantes à frente e Robin deixou a conversa fluir. Mais tarde, depois de terem levado as meninas em segurança para casa, ele disse a Ramy para voltar sozinho para Magpie Lane.

“Esqueci que preciso ver o professor Lovell”, disse ele. Jericho ficava convenientemente mais perto desta parte da cidade do que da Univ. 'É uma longa caminhada; Não quero arrastar você até lá.

“Pensei que seu jantar só seria no próximo fim de semana”, disse Ramy.

'É, mas acabei de lembrar que deveria visitá-lo mais cedo.' Robin pigarreou; ele se sentiu péssimo mentindo na cara de Ramy. 'A Sra. Piper disse que trouxe alguns bolos para mim.'

'Graças a Deus.' Surpreendentemente, Ramy não suspeitou de nada. 'O almoço não era comestível. Tem certeza de que não quer companhia?

'Estou bem. Foi um dia e tanto, estou cansado e acho que será bom caminhar um pouco em silêncio.

— É justo — disse Ramy, agradavelmente.

Eles se separaram na Woodstock Road. Ramy desceu para o sul direto de volta para a faculdade. Robin virou à direita em busca da ponte que Victoire havia

apontado, sem saber o que estava procurando, exceto pela lembrança de uma frase sussurrada.

A resposta o encontrou. No meio da Harrow Lane ele ouviu um segundo par de passos atrás dele. Ele olhou por cima do ombro e viu uma figura escura seguindo-o pela estrada estreita.

“Você demorou bastante”, disse seu doppelgänger. — Fiquei escondido aqui o dia todo.

'Quem é você?' Robin exigiu. 'O que você é – por que você tem a minha cara?'

“Aqui não”, disse seu sósia. 'O pub fica nesta esquina, vamos entrar. .'

- Responda-me - exigiu Robin. Uma sensação tardia de perigo só tinha agora entrou em ação; sua boca estava seca; seu coração batia furiosamente. 'Quem é você?'

“Você é Robin Swift”, disse o homem. “Você cresceu sem pai, mas com uma inexplicável babá inglesa e um suprimento inesgotável de livros em inglês, e quando o professor Lovell apareceu para levá-lo para a Inglaterra, você se despediu para sempre de sua terra natal.

Você acha que o professor pode ser seu pai, mas ele não admitiu que você é dele. Você tem certeza de que ele nunca o fará. Isso faz sentido?'

Robin não conseguia falar. Sua boca se abriu e sua mandíbula se moveu inutilmente, mas ele simplesmente não tinha nada a dizer.

“Venha comigo”, disse seu sósia. 'Vamos tomar um drink.'

Livro II

Capítulo Cinco

“Não gosto de nomes difíceis”, interrompeu Monks com uma risada zombeteira. 'Você conhece o fato, e isso é o suficiente para mim.'

C HARLES DICKENS , *Oliver* Twist

Eles encontraram uma mesa no canto de trás do Twisted Root. O doppelgänger de Robin pediu-lhes dois copos de cerveja dourada clara. Robin esvaziou metade do copo em três goles desesperados e sentiu-se um pouco mais firme, embora não menos confuso.

'Meu nome', disse seu doppelgänger, 'é Griffin Lovell.'

Após uma inspeção mais detalhada, ele e Robin não eram tão parecidos, afinal. Ele era vários anos mais velho e seu rosto exibia uma maturidade dura que o de Robin ainda não havia adquirido. Sua voz era mais profunda, menos indulgente, mais assertiva. Ele era vários centímetros mais alto que Robin, embora também fosse muito mais magro; na verdade, ele parecia composto inteiramente de arestas e ângulos agudos. Seu cabelo era mais escuro, sua pele mais pálida. Ele parecia uma ilustração impressa de Robin, os contrastes de iluminação amplificados e a cor esmaecida.

Ele é ainda mais parecido com a sua imagem do que o anterior.

— Lovell — repetiu Robin, tentando se orientar. — Então você está. .?

“Ele nunca vai admitir isso”, disse Griffin. — Mas ele também não fará isso com você, não é? Você sabia que ele tem esposa e filhos?

Robin engasgou. 'O que?'

'É verdade. Uma menina e um menino, sete e três. Querida Philippa e pequeno Dick. O

nome da esposa é Johanna. Ele os guardou em uma linda propriedade em Yorkshire. Em parte, é como ele consegue financiamento para viagens ao exterior – ele veio do nada, mas ela é terrivelmente rica. Quinhentas libras por ano, segundo me disseram.

— Mas então. .?

'Ela sabe sobre nós? Absolutamente não. Embora eu não ache que ela importaria se ela o fizesse, além dos óbvios problemas de reputação. Não há amor perdido nesse casamento.

Ele queria uma propriedade e ela queria o direito de se gabar. Eles se veem cerca

de duas vezes por ano, e o resto do tempo ele mora aqui ou em Hampstead. Curiosamente, somos as crianças com quem ele passa mais tempo. Griffin inclinou a cabeça. — Pelo menos você está.

'Estou sonhando?' Robin murmurou.

'Como desejar. Você parece horrível. Bebida.'

Robin pegou mecanicamente o copo. Ele não estava mais tremendo, mas sua cabeça estava muito confusa. Beber não ajudou, mas pelo menos lhe deu algo para fazer com as mãos.

“Tenho certeza de que você tem muitas perguntas”, disse Griffin. — Tentarei respondê-las, mas você terá que ser paciente. Eu também tenho perguntas. Do que você se chama?'

“Robin Swift”, disse Robin, intrigado. 'Você sabe disso.'

— Mas esse é o nome que você prefere?

Robin não tinha certeza do que ele queria dizer com isso. — Quer dizer, esse é o meu primeiro. . quero dizer, meu nome chinês, mas ninguém. . eu não. .

“Tudo bem”, disse Griffin. 'Rápido. Nome legal. Como você descobriu isso?

“ *As Viagens de Gulliver* ”, admitiu Robin. Parecia muito bobo quando ele disse isso em voz alta. Em contraste, tudo em Griffin o fazia se sentir como uma criança. — É. . é um dos meus livros favoritos. O professor Lovell disse para eu escolher o que eu quisesse, e esse foi o primeiro nome que me veio à mente.

Os lábios de Griffin se curvaram. — Ele amoleceu um pouco, então. Eu, ele foi até uma esquina antes de assinarmos os papéis e me disse que os enjeitados geralmente recebiam nomes dos lugares onde foram abandonados. Disse que poderia andar pela cidade até encontrar uma palavra que não parecesse muito ridícula.

'Você fez?'

'Claro. Harley. Nenhum lugar especial em particular, acabei de vê-lo acima de uma loja e gostei do som. Os formatos que sua boca tem que fazer, a liberação da

segunda sílaba. Mas não sou uma Harley, sou uma Lovell, assim como você não é uma Swift.

'Então onde-'

“Meio-irmãos”, disse Griffin. 'Olá irmão. É um prazer conhecer você.

Robin pousou o copo. 'Eu gostaria de saber a história completa agora.'

'Justo.' Griffin se inclinou para frente. Na hora do jantar, o Twisted Root estava lotado o suficiente para que o rebuliço lançasse uma mortalha de ruído sobre qualquer conversa individual, mas ainda assim Griffin baixou a voz para um murmúrio tão baixo que Robin teve que se esforçar para ouvir. 'Aqui está o longo e falta disso. Eu sou um criminoso. Meus colegas e eu roubamos regularmente prata, manuscritos e materiais gravados de Babel e os canalizamos por toda a Inglaterra para nossos associados em todo o mundo. O que você fez ontem à noite foi traição, e se alguém descobrisse, você ficaria preso em Newgate por pelo menos vinte anos, mas só depois de terem torturado você na tentativa de chegar até nós.

Tudo isso ele pronunciou muito rapidamente, quase sem nenhuma mudança de tom ou volume. Quando terminou, ele recostou-se, parecendo satisfeito.

Robin fez a única coisa que lhe ocorreu, que foi tomar outro gole inebriante de cerveja.

Quando ele pousou o copo, com as têmporas latejando, a única palavra que conseguiu dizer foi “Por quê?”

“Fácil”, disse Griffin. 'Há pessoas que precisam mais de prata do que londrinos ricos.'

— Mas. . quero dizer, quem?

Griffin não respondeu imediatamente. Ele olhou Robin de cima a baixo por vários segundos, examinando seu rosto como se procurasse alguma coisa – alguma semelhança adicional, alguma qualidade crucial e inata. Então ele perguntou: 'Por que sua mãe morreu?'

- Cólera - disse Robin depois de uma pausa. 'Houve um surto. .'

“Não perguntei como”, disse Griffin. 'Eu perguntei por quê.'

Não sei por que , Robin quis dizer, mas ele disse. Ele sempre soube, apenas se forçou a não pensar nisso. Durante todo esse tempo, ele nunca se permitiu fazer essa formulação específica da questão.

Ah, duas semanas e alguns trocos , disse a Sra. Piper. Eles estavam na China há mais de duas semanas.

Seus olhos arderam. Ele piscou. — Como você sabe sobre minha mãe?

Griffin recostou-se, com os braços cruzados atrás da cabeça. 'Por que você não termina aquela bebida?'

Lá fora, Griffin partiu rapidamente pela Harrow Lane, lançando perguntas rápidas pelo canto da boca. 'Então, de onde você é?'

'Cantão.'

'Nasci em Macau. Não me lembro se alguma vez fui para Cantão. Então, quando ele trouxe você?

'Para Londres?'

— Não, seu idiota, para Manila. Sim, Londres.

Seu irmão, pensou Robin, poderia ser um idiota. — Seis. . não, sete anos atrás.

'Incrível.' Griffin virou à esquerda na Banbury Road sem avisar; Robin apressou-se em segui-lo. — Não admira que ele nunca tenha me procurado. Tinha algo melhor em que se concentrar, não é?

Robin cambaleou para frente, tropeçando nas pedras do calçamento. Ele se endireitou e correu atrás de Griffin. Ele nunca tinha bebido cerveja antes, apenas vinhos fracos na mesa da Sra. Piper, e o lúpulo deixou sua língua dormente. Ele tinha uma forte vontade de vomitar. Por que ele bebeu tanto? Ele se sentiu atordoado, duas vezes mais lento para organizar seus pensamentos – mas é claro que esse era o ponto. Estava claro que Griffin o queria desequilibrado, desprotegido. Robin suspeitava que Griffin gostava de manter as pessoas desequilibradas.

'Onde estamos indo?' ele perguntou.

'Sul. Depois, oeste. Não importa; só que a melhor maneira de evitar ser ouvido é estar sempre em movimento. Griffin desceu a Canterbury Road. 'Se você ficar parado, seu rabo pode se esconder e captar toda a conversa, mas isso torna as coisas mais difíceis para eles quando você está ziguezagueando.'

'Sua cauda?'

'Deve-se sempre presumir.'

— Podemos ir a uma padaria, então?

'Uma padaria?'

— Eu disse ao meu amigo que fui ver a Sra. Piper. A cabeça de Robin ainda girava, mas a lembrança de sua mentira permanecia clara. 'Não posso ir para casa de mãos vazias.'

'Multar.' Griffin os conduziu pela Winchester Road. 'Será que Taylor serve? Não há mais nada em aberto.

Robin entrou na loja e comprou apressadamente uma seleção dos doces mais simples que conseguiu encontrar – ele não queria que Ramy ficasse desconfiado na próxima vez que passassem pela vitrine de Taylor. Ele tinha um saco de aniagem no quarto; ele poderia descartar as caixas da loja quando chegasse em casa e jogar os bolos lá dentro.

A paranóia de Griffin o infectou. Ele se sentiu marcado, revestido de tinta escarlate, certo de que alguém o chamaria de ladrão mesmo que pagasse. Ele não conseguiu encarar o padeiro quando recebeu o troco.

— De qualquer forma — disse Griffin quando Robin apareceu. 'Você gostaria de roubar para nós?'

'Roubar?' Eles estavam andando novamente em um ritmo absurdo. — Você quer dizer de Babel?

'Obviamente sim. Manter-se.'

— Mas por que você precisa de mim?

— Porque você faz parte da instituição e nós não. Seu sangue está na torre, o que significa que há portas que você pode abrir e nós não.

'Mas por que . . .' A língua de Robin continuava tropeçando em uma enxurrada de perguntas. 'Pelo que? O que você faz com o que rouba?

— Exatamente o que eu lhe contei. Nós redistribuímos isso. Somos Robin Hood. Ha, ha.

Robin. Não? Tudo bem. Enviamos barras e materiais de trabalho em prata para todo o mundo, para pessoas que deles necessitam – pessoas que não têm o luxo de serem ricas e britânicas. Pessoas como sua mãe. Veja, Babel é um lugar deslumbrante, mas só é deslumbrante porque vende seus pares para uma base de clientes muito limitada. Griffin olhou por cima do ombro. Não havia ninguém por perto, exceto uma lavadeira carregando uma cesta pelo outro lado da rua, mas ele acelerou o passo mesmo assim. — Então você está dentro?

— Eu. . eu não sei. Robin piscou. 'Não posso. . quero dizer, ainda tenho tantas perguntas.'

Griffin encolheu os ombros. 'Então pergunte o que quiser. Prossiga.'

— Eu. . tudo bem. Robin tentou organizar sua confusão em ordem sequencial. 'Quem é você?'

'Griffin Lovell.'

'Não, o coletivo *você*- '

“A Sociedade Hermes”, Griffin disse prontamente. 'Só Hermes, se você quiser.'

'A Sociedade Hermes.' Robin virou esse nome na boca. 'Por que-'

'É uma piada. Prata e mercúrio, Mercúrio e Hermes, Hermes e hermenêutica. Não sei quem inventou isso.

'E você é uma sociedade clandestina? Ninguém sabe sobre você?

'Certamente Babel faz. Tivemos uma. . bem, foram muitas idas e vindas, digamos assim?

Mas eles não sabem muito e certamente não tanto quanto gostariam. Somos muito bons em permanecer nas sombras.

Não é tão bom assim , pensou Robin, pensando em maldições no escuro, prata espalhada pelas pedras do calçamento. Em vez disso, ele disse: 'Quantos de vocês existem?'

'Não posso te contar.'

'Você tem uma sede?'

'Sim.'

'Você vai me mostrar onde está?'

Griffin riu. 'Absolutamente não.'

— Mas. . há mais de você, certo? Robin persistiu. 'Você poderia pelo menos me apresentar. .'

“Não posso e não vou”, disse Griffin. — Mal nos conhecemos, irmão. Pelo que sei, você poderia ir correndo para Playfair assim que nos separarmos.

— Mas então como. . Robin ergueu os braços, frustrado. 'Quer dizer, você não está me dando nada e me pedindo tudo.'

'Sim, irmão, é assim que funcionam as sociedades secretas com qualquer grau de competência. Não sei que tipo de pessoa você é, e seria um tolo se lhe contasse mais.

— Você entende por que isso torna as coisas muito difíceis para mim? Robin achou que Griffin estava ignorando algumas preocupações bastante razoáveis. — Eu também não sei nada sobre você. Você pode estar mentindo, pode estar tentando me incriminar. .

— Se isso fosse verdade, você já teria sido mandado embora. Então isso está fora. Sobre o que você acha que estamos mentindo?

“Pode ser que você não esteja usando a prata para ajudar outras pessoas”, disse Robin.

‘Pode ser que a Sociedade Hermes seja uma grande fraude, pode ser que você esteja revendendo o que rouba para ficar rico. .’

'Parece que estou ficando rico?'

Robin observou o corpo magro e desnutrido de Griffin, seu casaco preto puído e seu cabelo despenteado. Não – ele tinha que admitir, a Sociedade Hermes não parecia um esquema para lucro pessoal. Talvez Griffin estivesse usando a prata roubada para outros meios secretos, mas o ganho pessoal não parecia ser um deles.

“Eu sei que é muita coisa ao mesmo tempo”, disse Griffin. — Mas você simplesmente precisa confiar em mim. Não há outra maneira.'

'Eu quero. Quero dizer. . eu só. . isso é demais. Robin balançou a cabeça. ‘Acabei de chegar aqui, acabei de ver Babel pela primeira vez e não conheço você ou este lugar bem o suficiente para ter a menor ideia do que está acontecendo. .’

— Então por que você fez isso? Griffin perguntou.

'Eu o quê?'

'Noite passada.' Griffin lançou-lhe um olhar de soslaio. 'Você nos ajudou, sem dúvida.

Você nem hesitou. Por que?'

- Não sei - disse Robin com sinceridade.

Ele se perguntou isso mil vezes. Por que ele ativou aquela barra? Não foi apenas porque toda a situação – a meia-noite, o brilho do luar – tinha sido tão onírica que as regras e as consequências pareciam desaparecer, ou porque a visão do seu doppelgänger o fez duvidar da própria realidade. Ele sentiu uma compulsão mais profunda que não conseguia explicar.

'Parecia certo.'

— O quê, você não percebeu que estava ajudando uma quadrilha de ladrões?

“Eu sabia que vocês eram ladrões”, disse Robin. 'Eu acabei de . . . Não achei que você estivesse fazendo algo errado.

— Eu confiaria no seu instinto quanto a isso — disse Griffin. 'Confie *em mim* . Confie que estamos fazendo a coisa certa.

'E qual é a coisa certa?' Robin perguntou. 'Na sua opinião? Para que é tudo isso?

Griffin sorriu. Era um sorriso peculiar e condescendente, uma máscara de diversão que não alcançava seus olhos. 'Agora você está fazendo as perguntas certas.'

Eles voltaram para Banbury Road. Os Parques Universitários apareciam exuberantes diante deles, e Robin quase esperava que eles cortassem para o sul, em direção à Parks

Road – já estava ficando tarde e a noite estava bastante fria –, mas Griffin os levou para o norte, mais longe do centro da cidade.

'Você sabe para que serve a maioria dos bares neste país?'

Robin deu um palpite. 'Práticas médicas?'

'Ah. Adorável. Não, eles são usados para decoração de salas de estar. É isso mesmo –

despertadores que soam como galos de verdade, luzes que diminuem e aumentam de acordo com a demanda vocal, cortinas que mudam de cor ao longo do dia, esse tipo de coisa. Porque são divertidos e porque a classe alta britânica pode pagar por eles, e tudo o que os britânicos ricos desejam, eles conseguem.

“Tudo bem”, disse Robin. ‘Mas só porque Babel vende barras para atender à demanda popular. .’

Griffin o interrompeu. 'Gostaria de conhecer a segunda e a terceira maiores fontes de renda da Babel?'

'Jurídico?'

'Não. Militares, tanto estatais como privados", disse Griffin. "E depois os comerciantes de escravos. Legal ganha centavos em comparação.

'Isso é . . . Isso é impossível.'

'Não, é assim que o mundo funciona. Deixe-me pintar um quadro para você, irmão. Você já deve ter notado que Londres está no centro de um vasto império que não para de crescer. O facilitador mais importante deste crescimento é Babel. Babel coleta línguas estrangeiras e talentos estrangeiros da mesma forma que acumula prata e os usa para produzir magia de tradução que beneficia apenas a Inglaterra e a Inglaterra. A grande maioria de toda a prata bares em uso no mundo estão em Londres. As barras mais novas e poderosas em uso dependem do chinês, do sânscrito e do árabe para funcionar, mas você contará menos de mil barras nos países onde essas línguas são amplamente faladas, e apenas nas casas dos ricos e poderosos. . E isso está errado. Isso é predatório. Isso é fundamentalmente injusto.

Griffin tinha o hábito de pontuar cada frase com a mão aberta, como um maestro repetindo repetidamente a mesma nota. 'Mas como isso acontece?' Ele continuou. 'Como é que todo o poder das línguas estrangeiras reverte de alguma forma para a Inglaterra? Isto não é acidente; esta é uma exploração deliberada da cultura e dos recursos estrangeiros. Os professores gostam de fingir que a torre é um refúgio para o conhecimento puro, que está acima das preocupações mundanas dos negócios e do comércio, mas isso não acontece.

Está intrinsecamente ligado ao negócio do colonialismo. É o negócio *do* colonialismo.

Pergunte-se por que o Departamento de Literatura só traduz obras para o inglês e não o contrário, ou o que os intérpretes estão sendo enviados ao exterior para *fazer* . Tudo o que Babel faz é a serviço da expansão do Império. Considere – Sir Horace Wilson, que é o primeiro catedrático de sânscrito na história de Oxford, passa metade de seu tempo ministrando tutoriais para missionários cristãos.

"O objetivo de tudo isso é continuar acumulando prata. Possuímos toda esta prata porque persuadimos, manipulamos e ameaçamos outros países com acordos comerciais que mantêm o fluxo de dinheiro para casa. E aplicamos esses acordos comerciais com as mesmas barras de prata, agora inscritas com o trabalho de Babel, que tornam os nossos navios mais rápidos, os nossos soldados

mais resistentes e as nossas armas mais

mortíferas. É um círculo vicioso de lucro e, a menos que alguma força externa quebre o ciclo, mais cedo ou mais tarde a Grã-Bretanha possuirá toda a riqueza do mundo.

'Nós somos essa força externa. Hermes. Canalizamos a prata para pessoas, comunidades e movimentos que a merecem. Ajudamos revoltas de escravos. Movimentos de resistência.

Derretemos barras de prata feitas para limpar guardanapos e as usamos para curar doenças. Griffin diminuiu a velocidade; virou-se para olhar Robin nos olhos. ' *É* para isso que serve tudo isso.'

Esta era, Robin tinha de admitir, uma teoria do mundo muito convincente. Só que parecia implicar quase tudo o que ele considerava querido. — Eu. . entendo.

'Então por que a hesitação?'

Por que de fato? Robin tentou resolver sua confusão, encontrar uma razão para a prudência que não se resumisse simplesmente ao medo. Mas foi precisamente isso – medo das consequências, medo de quebrar a linda ilusão da Oxford para a qual ele foi admitido, aquela que Griffin acabara de manchar antes de poder aproveitá-la adequadamente.

“É tão repentino”, disse ele. — E acabei de conhecer você, há tanta coisa que não sei.

“Essa é a questão das sociedades secretas”, disse Griffin. “Eles são fáceis de romantizar.

Você acha que é esse longo processo de cortejo – que você será introduzido, mostrará um mundo totalmente novo, mostrará todas as alavancas e pessoas em jogo. Se você formou sua única impressão sobre sociedades secretas a partir de romances e histórias terríveis, então você pode esperar rituais, senhas e reuniões secretas em armazéns abandonados.

— Mas não é assim que as coisas funcionam, irmão. Isto não é um centavo terrível. A vida real é confusa, assustadora e incerta.' O tom de Griffin suavizou-se. 'Você deveria entender, o que estou pedindo que você faça é muito perigoso.

Pessoas morrem nessas barras – já vi amigos morrerem nessas barras. Babel gostaria de acabar com a nossa vida, e você não quer saber o que acontece com os membros do Hermes que eles capturam.

Existimos porque somos descentralizados. Não colocamos todas as nossas informações em um só lugar. Portanto, não posso pedir que você gaste seu tempo revisando todas as informações. Estou pedindo que você se arrisque em uma condenação.

Pela primeira vez, Robin percebeu que Griffin não estava tão confiante, nem tão intimidador quanto seu discurso rápido o fazia parecer. Ele ficou parado, com as mãos enfiadas nos bolsos, os ombros curvados e tremendo por causa do vento cortante do outono. E ele estava visivelmente nervoso. Ele estava se contorcendo, inquieto; seus olhos corriam por cima do ombro toda vez que ele terminava uma frase. Robin estava confuso, angustiado, mas Griffin estava *com medo* .

“Tem que ser assim”, insistiu Griffin. 'Informação mínima. Julgamentos rápidos. Eu adoraria te mostrar meu mundo inteiro – eu prometo, não é divertido ficar sozinho – mas o fato é que você é um estudante da Babel que conheço há menos de um dia. Pode chegar o momento em que eu confiarei em você para tudo, mas isso só acontecerá quando você provar seu valor e quando eu não tiver outras opções. Por enquanto, eu disse o que fazemos e o que precisamos de você. Você se juntará a nós?'

Essa audiência, Robin percebeu, estava chegando ao fim. Ele estava sendo solicitado a tomar uma decisão final – e se ele dissesse não, ele suspeitava, então Griffin simplesmente desapareceria da Oxford que ele conhecia, desapareceria tão efetivamente nas sombras que Robin ficaria se perguntando se ele havia imaginado tudo. encontro. — Eu quero. . quero mesmo, mas ainda não quero. . só preciso de tempo para pensar. Por favor.'

Ele sabia que isso frustraria Griffin. Mas Robin estava apavorado. Ele sentiu que havia sido levado à beira de um precipício e lhe disseram, sem nenhuma garantia, para pular. Ele se sentiu como há sete anos, quando o professor Lovell lhe apresentou um contrato e calmamente pediu que ele assinasse seu futuro. Só então ele não tinha nada, então não havia nada a perder. Desta vez ele tinha tudo – comida, roupa, abrigo – e nenhuma garantia de sobrevivência do outro lado.

“Cinco dias, então”, disse Griffin. Ele parecia zangado, mas não fez recriminações. 'Você tem cinco dias. Há uma bétula solitária nos jardins do Merton College – você saberá quando a vir. Faça uma cruz no porta-malas até sábado se for um sim. Não se preocupe se for um não.

'Só cinco?'

— Se você ainda não conhece a configuração deste lugar, garoto, não há como entrar em contato com você. Griffin deu um tapinha no ombro dele. — Você sabe o caminho de casa?

— Eu. . não, na verdade. Robin não estava prestando atenção; ele não tinha ideia de onde eles estavam. Os edifícios ficaram em segundo plano; agora eles estavam cercados apenas por um verde ondulante.

“Estamos em Summertown”, disse Griffin. 'Bonito, embora um pouco chato. Woodstock fica no final deste gramado – basta virar à esquerda e caminhar todo o caminho para o sul até que as coisas comecem a parecer familiares. Nós nos separaremos aqui. Cinco dias.'

Griffin se virou para ir embora.

'Espere - como posso entrar em contato com você?' Robin perguntou. Agora que a partida de Griffin parecia iminente, ele estava de alguma forma relutante em se separar. Ele teve um medo repentino de que, se perdesse Griffin de vista, ele pudesse desaparecer para sempre, que tudo isso acabasse sendo um sonho.

“Eu te disse – você não sabe”, disse Griffin. 'Se houver uma cruz na árvore, eu alcanço você. Me dá um seguro caso você seja um informante, entende?

'Então o que devo fazer enquanto isso?'

'O que você quer dizer? Você ainda é um estudante da Babel. Aja como um. Vá para a aula. Sair para beber e entrar em brigas. Não – você é mole. Não entre em brigas.

'EU . . . multar. Tudo bem.'

'Algo mais?'

Algo mais? Robin queria rir. Ele tinha milhares de outras perguntas, nenhuma das quais ele achava que Griffin responderia. Ele aproveitou a chance em apenas um. — Ele sabe sobre você?

'Quem?'

'Nosso. . Professor Lovell.'

‘Ah.’ Desta vez, Griffin não deu uma resposta levianamente. Desta vez, ele fez uma pausa antes de falar. 'Eu não tenho certeza.'

Isso surpreendeu Robin. 'Você não sabe?'

– Saí de Babel depois do terceiro ano – disse Griffin calmamente. 'Eu estava com Hermes desde que comecei, mas estava por dentro como você. Então algo aconteceu e não era mais seguro, então fugi. E desde então eu tenho. . .' Ele parou e depois pigarreou. — Mas isso não vem ao caso. Tudo o que você precisa saber é que provavelmente não deveria mencionar meu nome no jantar.

'Bem, isso é óbvio.'

Griffin se virou para ir embora, fez uma pausa e depois se virou. 'Mais uma coisa. Onde você mora?'

'Hum? Univ. . estamos todos na University College.

'Eu sei que. Que sala?'

'Oh.' Robin corou. — Número quatro, Magpie Lane, quarto sete. A casa com telhado verde. Estou no canto. Com as janelas inclinadas voltadas para a capela Oriel.

'Eu sei isso.' O sol já havia se posto. Robin não conseguia mais ver o rosto de Griffin, meio escondido nas sombras. 'Esse costumava ser meu quarto.'

Capítulo Seis

'A questão é', disse Alice, 'se é possível fazer com que as palavras signifiquem tantas coisas diferentes.'

"A questão é", disse Humpty Dumpty, "quem deve ser o mestre, só isso."

L EWIS C ARROLL , *Através do Espelho*

professor Playfair acontecia nas manhãs de terça-feira, no quinto andar da torre. Eles mal haviam se sentado quando ele começou a palestra, enchendo a sala estreita com sua voz estrondosa de showman.

'A esta altura, cada um de vocês é razoavelmente fluente em pelo menos três idiomas, o que é um feito por si só. Hoje, porém, tentarei impressionar vocês com a dificuldade única da tradução. Considere como é complicado simplesmente dizer a palavra *olá* . Olá parece tão fácil! *Bom dia* . *Tchau* . *Olá* . E assim por diante. Mas então digamos que estamos traduzindo do italiano para o inglês. Em italiano, *ciao* pode ser usado na saudação ou na despedida – também não especifica, simplesmente marca a etiqueta no ponto de contato. É

derivado do veneziano *s-ciào vostro* , que significa algo semelhante a “seu servo obediente”.

Mas eu discordo. A questão é que, quando trazemos *ciao* para o inglês – se estamos traduzindo uma cena em que os personagens se dispersam, por exemplo – devemos impor que *ciao* foi dito como um adeus. Às vezes isto é óbvio pelo contexto, mas às vezes não – às vezes temos de adicionar novas palavras na nossa tradução. Então as coisas já estão complicadas e ainda não passamos do olá.

'A primeira lição que qualquer bom tradutor internaliza é que não existe correlação direta entre palavras ou mesmo conceitos de uma língua para outra. O filólogo suíço Johann Breitinger, que afirmou que as línguas eram apenas “coleções de palavras e palavras totalmente equivalentes”. locuções que são intercambiáveis e que correspondem plenamente entre si em significado”, estava terrivelmente errada. A linguagem não é como a matemática. E até a matemática difere dependendo do idioma * – mas voltaremos a isso mais tarde.'

Robin se viu examinando o rosto do professor Playfair enquanto ele falava. Ele não tinha certeza do que estava procurando. Alguma evidência do mal, talvez. O monstro cruel, egoísta e à espreita que Griffin havia desenhado. Mas o professor Playfair parecia apenas um estudioso alegre e radiante, apaixonado pela beleza das palavras. Na verdade, à luz do dia, na sala de aula, as grandes conspirações de seu irmão pareciam bastante ridículas.

“A linguagem não existe como nomenclatura para um conjunto de conceitos universais”, continuou o professor Playfair. 'Se assim fosse, então a tradução não seria uma profissão altamente qualificada - simplesmente teríamos uma turma cheia de caloiros de olhos marejados com dicionários e teríamos as obras completas do Buda nas nossas prateleiras num instante. Em vez disso, temos de aprender a dançar entre aquela antiga dicotomia,

útilmente elucidada por Cícero e Hierónimo: *verbum e verbo* e *sensum e sensu* . Alguém pode-'

— Palavra por palavra — disse Letty prontamente. 'E sentido por sentido.'

“Bom”, disse o professor Playfair. 'Esse é o dilema. Tomamos as palavras como nossa unidade de tradução ou subordinamos a precisão das palavras individuais ao espírito geral do texto?'

— Não entendo — disse Letty. 'Uma tradução fiel de palavras individuais não deveria produzir um texto igualmente fiel?'

“Seria”, disse o professor Playfair, “se, mais uma vez, as palavras existissem em relação umas com as outras da mesma maneira em todas as línguas. Mas eles não o fazem. As palavras *schlecht* e *schlimm* significam “ruim” em alemão, mas como saber quando usar uma ou outra? Quando usamos *fleuve* ou *rivière* em francês? Como traduzimos o *espírito francês* para o inglês? Não devemos apenas traduzir cada palavra isoladamente, mas devemos antes evocar o sentido de como elas se ajustam ao todo da passagem. Mas como pode ser isso feito, se as línguas são realmente tão diferentes? Essas diferenças não são triviais, veja bem – Erasmo escreveu um tratado inteiro sobre por que ele traduziu o *logos grego para o sermo* latino em sua tradução do Novo Testamento. Traduzir palavra por palavra é simplesmente inadequado.'

' *Esse caminho servil você nobremente recusa* ', recitou Ramy, ' *de traçar palavra por palavra, e linha por linha* .'

' *Esses são nascimentos trabalhosos de cérebros escravos, não o efeito da poesia, mas da dor* ', concluiu o professor Playfair. 'John Denham. Muito bom, Sr. Mirza. Como você vê, os tradutores não transmitem uma mensagem, mas reescrevem o original. E é aqui que reside a dificuldade – reescrever ainda é escrever, e escrever reflecte sempre a ideologia e os preconceitos do autor. Afinal, a *tradução latina* significa “levar adiante”. A tradução envolve uma

dimensão espacial – um transporte literal de textos através de um território conquistado, palavras entregues como especiarias de uma terra estranha. As palavras significam algo bem diferente quando viajam dos palácios de Roma aos salões de chá da Grã-Bretanha de hoje.

“E ainda não ultrapassamos o léxico. Se a tradução fosse apenas uma questão de encontrar os temas certos, as ideias gerais certas, então, teoricamente, poderíamos eventualmente tornar o nosso significado claro, não é? Mas algo atrapalha – sintaxe, gramática, morfologia e ortografia, todas as coisas que formam a estrutura de uma língua.

Considere o poema de Heinrich Heine “Ein Fichtenbaum”. É curto e sua mensagem é bastante fácil de entender. Um pinheiro, ansiando por uma palmeira, representa o desejo de um homem por uma mulher. No entanto, traduzi-lo para o inglês tem sido terrivelmente complicado, porque o inglês não tem géneros como o alemão. Portanto, não há como transmitir a oposição binária entre o masculino *ein Fichtenbaum* e o feminino *einer Palme* .

Você vê? Portanto, devemos partir do pressuposto inicial de que a distorção é inevitável. A questão é como distorcer com deliberação.'

Ele bateu no livro que estava em sua mesa. — Vocês já terminaram Tytler, certo?

Eles assentiram. Eles haviam recebido o capítulo introdutório do *Ensaio sobre Princípios de Tradução,* de Lord Alexander Fraser Tytler Woodhouselee, na noite anterior.

'Então você deve ter lido que Tytler recomenda três princípios básicos. Quais são. . sim, senhorita Desgraves?

“Primeiro, que a tradução transmita uma ideia completa e precisa do original”, disse Victoire. 'Em segundo lugar, que a tradução reflete o estilo e forma de escrita do original. E

terceiro, que a tradução deve ser lida com toda a facilidade da composição original.'

Ela falou com uma precisão tão confiante que Robin pensou que ela devia estar lendo o texto. Ele ficou muito impressionado quando olhou e a viu consultando nada além de um espaço em branco. Ramy também tinha esse talento para uma

recordação perfeita – Robin estava começando a se sentir um pouco intimidado por seu companheiro.

“Muito bom”, disse o professor Playfair. 'Isso parece bastante básico. Mas o que queremos dizer com “estilo e maneira” do original? O que significa uma composição ser lida

“facilmente”? Que público temos em mente quando fazemos essas afirmações? Estas são as questões que abordaremos neste semestre, e são questões fascinantes. Ele juntou as mãos.

'Permitam-me voltar ao teatro discutindo nosso homônimo, Babel – sim, queridos estudantes, não consigo escapar do romantismo desta instituição. Faça-me o favor, por favor.

Seu tom não transmitia nenhum arrependimento. O professor Playfair adorava esse misticismo dramático, esses monólogos que deviam ter sido ensaiados e aperfeiçoados ao longo de anos de ensino. Mas ninguém reclamou. Eles adoraram também.

“Muitas vezes argumenta-se que a maior tragédia do Antigo Testamento não foi o exílio do homem do Jardim do Éden, mas a queda da Torre de Babel. Pois Adão e Eva, embora expulsos da graça, ainda podiam falar e compreender a linguagem dos anjos. Mas quando os homens, na sua arrogância, decidiram construir um caminho para o céu, Deus confundiu o seu entendimento. Ele os dividiu e confundiu e os espalhou pela face da terra.

«O que se perdeu em Babel não foi apenas a unidade humana, mas a linguagem original

– algo primordial e inato, perfeitamente compreensível e sem nada em forma ou conteúdo.

Os estudiosos da Bíblia a chamam de linguagem Adâmica. Alguns pensam que é hebraico.

Alguns pensam que é uma língua real, mas antiga, que se perdeu no tempo. Alguns pensam que é uma linguagem nova e artificial que deveríamos inventar. Alguns pensam que o francês cumpre este papel; alguns acham que o inglês, depois de terminar de roubar e se transformar, pode.

“Oh, não, este é fácil”, disse Ramy. 'É siríaco.'

"Muito engraçado, Sr. Mirza." Robin não sabia se Ramy estava realmente brincando, mas ninguém mais fez comentários. O professor Playfair seguiu em frente. 'Para mim, entretanto, não importa qual era a língua Adâmica, pois está claro que perdemos qualquer acesso a ele. Nunca falaremos a linguagem divina. Mas ao reunir todas as línguas do mundo sob este teto, ao recolher toda a gama de expressões humanas, ou o mais próximo possível disso, podemos tentar. Nunca tocaremos o céu deste plano mortal, mas a nossa confusão não é infinita. Podemos, através do aperfeiçoamento das artes da tradução, alcançar o que a humanidade perdeu em Babel.' O professor Playfair suspirou, emocionado com seu próprio desempenho. Robin pensou ter visto lágrimas se formando nos cantos dos olhos.

'Magia.' O professor Playfair pressionou a mão contra o peito. 'O que estamos fazendo é mágica. Nem sempre será assim - na verdade, quando você fizer o exercício desta noite, será mais como dobrar roupa lavada do que perseguir o efêmero. Mas nunca se esqueça da audácia do que você está tentando. Nunca se esqueça de que você está desafiando uma maldição lançada por Deus.'

Robin levantou a mão. 'Você quer dizer, então, que nosso objetivo aqui é aproximar a humanidade também?'

O professor Playfair inclinou a cabeça. 'O que você quer dizer com isso?'

'Eu apenas . . .' Robin vacilou. Parecia bobo quando ele disse isso, uma fantasia de criança, não uma pergunta acadêmica séria. Letty e Victoire estavam franzindo a testa para ele; até Ramy estava torcendo o nariz. Robin tentou novamente – ele sabia o que queria perguntar, só que não conseguia pensar em uma maneira elegante ou sutil de formular a pergunta. 'Bem - já que na Bíblia, Deus separou a humanidade. E pergunto-me se. . se o objectivo da tradução, então, é reunir a humanidade novamente. Se traduzirmos para. . não sei, criar esse paraíso novamente, na terra, entre as nações.

O professor Playfair pareceu perplexo com isso. Mas rapidamente suas feições se reagruparam em um feixe alegre. 'Bem, claro. Esse é o projeto do império – e por isso, portanto, traduzimos conforme a vontade da Coroa.'

Às segundas, quintas e sextas-feiras havia aulas de idiomas, o que, após a palestra do professor Playfair, parecia uma garantia de terreno sólido.

Eles eram obrigados a estudar latim juntos três vezes por semana, independentemente da especialidade regional. (O grego, nesta fase, poderia ser abandonado para quem não se especializasse em clássicos.) O latim era ensinado por uma mulher chamada Professora Margaret Craft, que não poderia ser mais diferente da Professora Playfair. Ela raramente sorria. Ela dava suas palestras sem sentimento e de memória, sem nunca olhar suas anotações, embora as folheasse enquanto falava, como se já tivesse memorizado há muito tempo seu lugar na página. Ela não perguntou seus nomes – ela apenas alguma vez se referiu a eles com um dedo apontado e um 'Você' frio e abrupto. A princípio ela pareceu totalmente sem humor, mas quando Ramy leu em voz alta uma das injeções de secador de Ovídio - *fugiebat enim* , 'pois ela estava fugindo', depois que Júpiter implorou a Io para não fugir - ela explodiu em um ataque de risada infantil que a fez parecer vinte anos mais jovem; na verdade, como uma estudante que poderia ter se sentado entre eles. Então o momento passou e a máscara voltou ao seu lugar.

Robin não gostava dela. Sua voz de palestra tinha um ritmo estranho e pouco natural, com pausas inesperadas que tornavam difícil seguir sua linha de argumentação, e as duas horas que passaram em sua sala de aula pareceram se arrastar por uma eternidade. Letty, no entanto, parecia extasiada. Ela olhou para o Professor Craft com admiração brilhante.

Quando eles saíram no final da aula, Robin ficou parada na porta esperando enquanto ela pegava suas coisas para que todos pudessem caminhar juntos até o Buttery. Mas em vez disso ela foi até a mesa do professor Craft.

'Professor, eu queria saber se poderia falar com você por. .'

O professor Craft levantou-se. — A aula acabou, senhorita Price.

— Eu sei, mas queria lhe perguntar um momento. . se você tiver tempo livre. . quero dizer, assim como uma mulher em Oxford, quero dizer, não somos tantos, e esperava ouvir seu conselho. . '

Robin sentiu então que deveria parar de ouvir, por algum vago senso de cavalheirismo, mas a voz fria do Professor Craft cortou o ar antes que ele pudesse alcançar as escadas.

'Babel dificilmente discrimina as mulheres. Acontece simplesmente que muito poucas pessoas do nosso sexo se interessam por línguas.

— Mas você é a única professora em Babel, e todas nós, isto é, todas as meninas daqui e eu, achamos isso bastante admirável, então eu queria. .

'Para saber como é feito? Trabalho duro e brilho inato. Você já sabe disso.

'Mas é diferente para as mulheres, e certamente você já experimentou. .'

'Quando eu tiver tópicos relevantes para discussão, irei abordá-los em aula, Srta. Price.

Mas a aula acabou. E agora você está infringindo meu tempo.

Robin dobrou a esquina e desceu a escada sinuosa antes que Letty pudesse vê-lo.

Quando ela se sentou com o prato no Buttery, ele viu que os olhos dela estavam um pouco rosados nas bordas. Mas ele fingiu não notar, e se Ramy ou Victoire notaram, não disseram nada.

Na tarde de quarta-feira, Robin teve seu tutorial solo em chinês. Ele meio que esperava encontrar o professor Lovell na sala de aula, mas seu instrutor era o professor Anand Chakravarti, um homem genial e discreto que falava inglês com um sotaque londrino tão perfeito que poderia ter sido criado em Kensington.

A aula de chinês era um exercício totalmente diferente do latim. O professor Chakravarti não deu palestras para Robin nem o obrigou a fazer recitações. Ele conduziu este tutorial como uma conversa. Ele fez perguntas, Robin tentou responder ao máximo e os dois tentaram entender o que ele dissera.

O professor Chakravarti começou com perguntas tão básicas que Robin a princípio não conseguiu ver como valia a pena respondê-las, até que separou suas implicações e percebeu que estavam muito além de seu alcance de compreensão. O que era uma palavra?

Qual era a menor unidade de significado possível e por que era diferente de uma palavra?

Uma palavra era diferente de um personagem? De que forma a fala chinesa era diferente da escrita chinesa?

Foi um exercício estranho analisar e desmontar uma língua que ele pensava

conhecer como a palma da sua mão, aprender a classificar palavras por ideograma ou pictograma e memorizar todo um vocabulário de novos termos, a maioria deles relacionados com morfologia ou ortografia. . Era como abrir um túnel nas fendas de sua própria mente, desmontando as coisas para ver como funcionavam, e isso ao mesmo tempo o intrigava e perturbava.

Depois vieram as perguntas mais difíceis. Quais palavras chinesas podem ser rastreadas até imagens reconhecíveis? Qual não poderia? Por que o caractere para 'mulher' —

também foi o radical usado no caractere para 'escravidão'? No personagem 'bom'?

— Não sei — admitiu Robin. 'Por que é isso? A escravidão e a bondade são inatamente femininas?'

O professor Chakravarti encolheu os ombros. 'Eu também não sei. Estas são perguntas que Richard e eu ainda estamos tentando responder. Estamos longe de ser uma edição satisfatória da Gramática Chinesa, como você vê. Quando eu estava estudando chinês, não tinha bons recursos chinês-inglês – tive que me contentar com *Elémens de la grammaire chinoise de Abel-Rémusat e Grammatica Sinica* de Fourmont . Você pode imaginar? Ainda

associo chinês e francês a dor de cabeça. Mas acho que fizemos progressos hoje, na verdade.

Então Robin percebeu qual era o seu lugar aqui. Ele não era simplesmente um estudante, mas um colega, um raro falante nativo capaz de expandir os limites do escasso conhecimento existente de Babel. *Ou uma mina de prata a ser saqueada* , disse a voz de Griffin, embora ele tenha afastado o pensamento.

A verdade é que foi emocionante contribuir para as Grammaticas. Mas ele ainda tinha muito que aprender. A segunda metade do tutorial foi dedicada a leituras de chinês clássico, assunto que Robin praticara na casa do professor Lovell, mas nunca abordara de maneira sistemática. O chinês clássico foi para o mandarim vernáculo o que o latim foi para o inglês; podia-se adivinhar a essência de uma frase, mas as regras gramaticais não eram intuitivas e impossíveis de serem compreendidas sem uma prática rigorosa de leitura. A pontuação era um jogo de adivinhação. Os substantivos poderiam ser verbos quando quisessem. Freqüentemente, os caracteres tinham significados diferentes e contraditórios, e

qualquer um deles produzia possíveis interpretações válidas – o caracter , por exemplo, poderia significar tanto 'restringir' quanto 'grande, substancial'.

Naquela tarde, abordaram o *Shijing* – o Livro das Canções – que foi escrito num contexto discursivo tão distante da China contemporânea que mesmo os leitores do período Han o teriam considerado escrito numa língua estrangeira.

'Proponho que paremos aqui', disse o professor Chakravarti após vinte minutos de debate sobre o caractere , que na maioria dos contextos significava um negativo 'não, não', mas no contexto dado parecia, em vez disso, uma palavra de elogio, o que não acompanhar tudo o que sabiam sobre a palavra. 'Suspeito que teremos que deixar isso como uma questão em aberto.'

— Mas não entendo — disse Robin, frustrado. 'Como podemos simplesmente não saber? Poderíamos perguntar a alguém sobre tudo isso? Não poderíamos fazer uma viagem de pesquisa a Pequim?

“Poderíamos”, disse o professor Chakravarti. “Mas fica um pouco difícil quando o imperador Qing decretou que é punível com a morte ensinar chinês a um estrangeiro, entende?” Ele deu um tapinha no ombro de Robin. 'Nós nos contentamos com o que temos.

Você é a próxima melhor coisa.

'Não há mais ninguém aqui que fale chinês?' Robin perguntou. 'Eu sou o único aluno?'

Uma expressão estranha surgiu então no rosto do Professor Chakravarti. Robin não deveria saber sobre Griffin, ele percebeu. Provavelmente o professor Lovell havia jurado segredo ao resto do corpo docente; provavelmente, de acordo com o registro oficial, Griffin não existia.

Ainda assim, ele não pôde deixar de pressionar. 'Ouvi dizer que havia outro estudante, alguns anos antes de mim. Também da costa.

— Ah. . sim, suponho que houve. Os dedos do professor Chakravarti tamborilou ansiosamente contra a mesa. — Um bom garoto, embora não tão diligente quanto você.

Grifo Harley.

' *Era?* O que aconteceu com ele?'

— Bem. . é uma história triste, na verdade. Ele faleceu. Pouco antes do quarto ano. O

professor Chakravarti coçou a têmpora. “Ele adoeceu durante uma viagem de pesquisa ao exterior e não voltou para casa. Isso acontece o tempo todo.'

'Sim?'

'Sim, sempre há um certo. . . risco inerente à profissão. Há tantas viagens, você sabe.

Você espera desgaste.

“Mas ainda não entendo”, disse Robin. 'Certamente há muitos estudantes chineses que adorariam estudar na Inglaterra.'

Os dedos do professor Chakravarti apertaram a madeira. 'Bem, sim. Mas primeiro há a questão das lealdades nacionais. Não adianta recrutar acadêmicos que possam voltar para casa, para o governo Qing, a qualquer momento, você sabe. Em segundo lugar, Richard é da opinião de que. . . bem. É preciso uma certa educação.

'Como o meu?'

'Como o seu. Caso contrário, pensa Richard. . .' O professor Chakravarti estava usando bastante essa construção, observou Robin, “que os chineses tendem a certas inclinações naturais. O que significa que ele não acha que os estudantes chineses se adaptariam bem aqui.

Estoque humilde e incivilizado . 'Eu vejo.'

“Mas isso não significa você”, disse o professor Chakravarti rapidamente. — Você foi criado adequadamente e tudo mais. Maravilhosamente diligente, não espero que isso seja um problema.

'Sim.' Robin engoliu em seco. Sua garganta estava muito apertada. 'Tive muita sorte.'

No segundo sábado após a sua chegada a Oxford, Robin dirigiu-se para norte para jantar com o seu tutor.

A residência do professor Lovell em Oxford era apenas um pouco mais humilde do que sua propriedade em Hampstead. Era um pouco menor e tinha apenas um jardim na frente e nos fundos, em vez de um amplo gramado, mas ainda assim era mais do que alguém com salário de professor deveria poder pagar. Árvores com roliças cerejas vermelhas alinhavam-se nas sebes junto à porta da frente, embora as cerejas dificilmente ainda estivessem na estação na viragem do Outono. Robin suspeitava que se ele se abaixasse para verificar a grama pelas raízes, encontraria barras de prata no solo.

'Querido garoto!' Ele mal tocou a campainha quando a Sra. Piper chegou perto dele, tirando folhas de sua jaqueta e girando-o em círculos para examinar seu corpo magro. 'Meu Deus, você já está tão magro. .'

“A comida é horrível”, disse ele. Um grande sorriso se espalhou por seu rosto; ele não tinha percebido o quanto sentia falta dela. — Exatamente como você disse. O jantar de ontem foi arenque salgado. .

Ela ofegou. 'Não.'

'—carne fria—'

' *Não!* '

'...e pão amanhecido.'

'Desumano. Não se preocupe, já cozinhei o suficiente para compensar. Ela deu um tapinha nas bochechas dele. — Além disso, como vai a vida universitária? Você gosta de usar aqueles vestidos pretos largos? Você fez algum amigo?

Robin estava prestes a responder quando o professor Lovell desceu as escadas.

“Olá, Robin”, disse ele. — Entre. Sra. Piper, o casaco dele. . Robin encolheu os ombros e entregou-o à Sra. Piper, que examinou com desaprovação os punhos manchados de tinta.

'Como vai o prazo?'

'Desafiador, assim como você avisou.' Robin parecia mais velho enquanto falava, sua voz de alguma forma mais profunda. Ele havia saído de casa há apenas uma semana, mas sentia-se como se tivesse envelhecido e pudesse se apresentar agora como um jovem e não como um menino. “Mas desafiador de uma forma que seja agradável. Estou aprendendo bastante.

'O professor Chakravarti diz que você fez boas contribuições para a Grammatica.'

“Não tanto quanto eu gostaria”, disse Robin. “Existem partículas no chinês clássico com as quais não tenho ideia do que fazer. Metade das vezes nossas traduções parecem adivinhações.

'Eu me sinto assim há décadas.' O professor Lovell apontou para a sala de jantar.

'Devemos nós?'

Poderiam muito bem estar em Hampstead. A longa mesa estava disposta exatamente da mesma forma que Robin estava acostumado, com ele e o professor Lovell sentados em extremos opostos e uma pintura à direita de Robin, que desta vez representava o Tâmisa em vez da Broad Street de Oxford. A Sra. Piper serviu o vinho e, com uma piscadela para Robin, desapareceu de volta na cozinha.

O professor Lovell ergueu o copo para ele e depois bebeu. 'Você está estudando teoria com Jerome e latim com Margaret, correto?'

'Certo. Está indo muito bem. Robin tomou um gole de vinho. 'Embora a Professora Craft dê palestras como se ela não notasse se estivesse falando com uma sala vazia, e o professor Playfair parece ter perdido uma chamada para subir ao palco.

O professor Lovell riu. Robin sorriu, apesar de tudo; ele nunca foi capaz de fazer seu guardião rir antes.

— Ele fez o discurso do Psammetichus para você?

— Ele fez isso — disse Robin. 'Tudo isso realmente aconteceu?'

“Quem sabe, exceto que Heródoto nos diga isso”, disse o professor Lovell. “Há

outra boa história de Heródoto, novamente sobre Psammetichus. Psamético queria determinar qual língua era a base de todas as línguas terrenas, por isso deu dois bebês recém-nascidos a um pastor com as instruções de que não deveriam ser autorizados a ouvir a fala humana. Por um tempo, tudo o que fizeram foi balbuciar, como fazem as crianças. Então, um dia, uma das crianças estendeu as mãozinhas para o pastor e exclamou *bekos* , que é a palavra frígia para pão. E então Psamético decidiu que os frígios deveriam ter sido a primeira raça na terra, e o frígio a primeira língua. Bela história, não é?

— Presumo que ninguém aceite esse argumento — disse Robin.

'Céus, não.'

'Mas isso poderia realmente funcionar?' perguntou Robin. 'Poderíamos realmente aprender alguma coisa com o que as crianças falam?'

“Não que eu saiba”, disse o professor Lovell. “A questão é que é impossível isolar as crianças de um ambiente com linguagem se quisermos que elas se desenvolvam como deveriam. Pode ser interessante comprar uma criança e ver. . mas, bem, não. O professor Lovell inclinou a cabeça. 'Mas é divertido cogitar a possibilidade de um idioma original.'

“O professor Playfair mencionou algo semelhante”, disse Robin. 'Sobre uma linguagem perfeita, inata e não adulterada. A linguagem Adâmica.'

Ele se sentia mais confiante ao conversar com o professor agora que havia passado algum tempo em Babel. Eles estavam em pé de igualdade; eles poderiam se comunicar como colegas. O jantar pareceu menos um interrogatório e mais uma conversa casual entre dois estudiosos do mesmo campo fascinante.

'A linguagem Adâmica.' O professor Lovell fez uma careta. — Não sei por que ele enche suas mentes com essas coisas. É uma bela metáfora, certamente, mas de tempos em tempos recebemos um aluno de graduação que está determinado a descobrir a língua Adâmica no Proto-Indo-Europeu, ou a inventá-la por conta própria, e isso sempre requer uma conversa severa ou um algumas semanas de fracasso para ele voltar a si.

'Você não acha que existe uma língua original?' Robin perguntou.

'Claro que não. Os cristãos mais devotos pensam que sim, mas seria de pensar

que se a Palavra Sagrada fosse tão inata e inequívoca, haveria menos debate sobre o seu conteúdo.

Ele balançou sua cabeça. 'Há aqueles que pensam que a língua Adâmica pode ser o inglês -

pode *tornar-se* inglesa - simplesmente porque a língua inglesa tem poder e poder militar suficiente para expulsar os concorrentes de forma credível, mas também devemos lembrar que isso foi apenas há um século atrás. que Voltaire declarou que o francês era a língua universal. Isso foi, claro, antes de Waterloo. Webb e Leibniz certa vez especularam que o chinês poderia, de fato, ter sido universalmente inteligível devido à sua natureza ideograma, mas Percy desmascara isso argumentando que o chinês é um derivado dos hieróglifos egípcios. O que quero dizer é que essas coisas são contingentes. As línguas dominantes podem manter um pouco de poder de permanência mesmo após o declínio dos seus exércitos – o português, por exemplo, superou em muito as suas boas-vindas – mas acabam sempre por perder relevância. Mas penso que existe um reino puro de significado –

uma linguagem intermediária, onde todos os conceitos são perfeitamente expressos, da qual não fomos capazes de nos aproximar. Há uma sensação, uma sensação de que acertamos.'

“Como Voltaire”, disse Robin, encorajado pelo vinho e bastante entusiasmado por conseguir lembrar-se da citação relevante. — Como o que ele escreve no prefácio à tradução de Shakespeare. *Tentei voar alto com o autor onde ele voa* .'

- Muito bem - disse o professor Lovell. “Mas como Frere coloca isso? *A linguagem da tradução deve, pensamos, na medida do possível, ser um elemento puro, impalpável e invisível, o meio do pensamento e do sentimento, e nada mais* . Mas o que sabemos sobre pensamento e sentimento, exceto quando expressos através da linguagem?'

'É isso que alimenta as barras de prata?' Robin perguntou. Essa conversa estava começando a fugir dele; ele percebeu uma profundidade na teorização do professor Lovell que não estava preparado para seguir, e precisava trazer as coisas de volta ao material antes de se perder. 'Será que eles funcionam capturando esse significado puro – tudo o que se perde quando o invocamos através de aproximações grosseiras?'

O professor Lovell assentiu. “É o mais próximo que podemos chegar de uma explicação teórica. Mas também penso que à medida que as línguas evoluem, à medida que os seus falantes se tornam mais mundanos e sofisticados, à medida que se empanturram de outros conceitos e se expandem e se transformam para abranger mais ao longo do tempo – nós abordar algo próximo dessa linguagem. Há menos espaço para mal-entendidos. E apenas começamos a descobrir o que isso significa para o trabalho com prata.

“Suponho que isso significa que os românticos poderão eventualmente ficar sem o que dizer”, disse Robin.

Ele estava apenas brincando, mas o professor Lovell assentiu vigorosamente. 'Você está certo. Francês, italiano e espanhol dominam o corpo docente, mas suas novas contribuições para os livros de prata diminuem a cada ano. Há simplesmente muita comunicação em todo o continente. Muitos empréstimos. As conotações mudam e convergem à medida que o francês e o espanhol se aproximam do inglês e vice-versa. Daqui a algumas décadas, as barras de prata que usamos nas línguas românicas poderão não ter mais qualquer efeito.

Não, se quisermos inovar, temos de olhar para o Oriente. Precisamos de línguas que não são faladas na Europa.'

“É por isso que você se especializou em chinês”, disse Robin.

‘Precisamente.’ O professor Lovell assentiu. 'A China, tenho certeza, é o futuro.'

'E é por isso que você e o professor Chakravarti têm tentado diversificar os grupos?'

— Quem está fofocando com você sobre política departamental? O professor Lovell riu.

'Sim, há sentimentos feridos este ano porque só pegamos um classicista, e ainda por cima uma mulher. Mas é assim que tem que ser. O grupo acima de você terá dificuldade em encontrar emprego.

‘Se estamos falando sobre a difusão da linguagem, eu queria perguntar. . .' Robin limpou a garganta. 'Para onde vão todas essas barras? Quero dizer, quem os compra?

O professor Lovell lançou-lhe um olhar curioso. 'Para aqueles que podem pagar, é claro.'

“Mas a Grã-Bretanha é o único lugar onde vi barras de prata amplamente utilizadas”, disse Robin. — Eles não são tão populares em Cantão ou, pelo que ouvi, em Calcutá. E isso me surpreende – não sei, parece um pouco estranho que os britânicos sejam os únicos que conseguem usá-los quando os chineses e os indianos contribuem com os componentes cruciais do seu funcionamento.'

“Mas isso é economia simples”, disse o professor Lovell. “É preciso muito dinheiro para comprar o que criamos. Acontece que os britânicos têm condições de pagar por isso.

Também temos acordos com comerciantes chineses e indianos, mas muitas vezes eles têm menos condições de pagar as taxas de exportação.

'Mas temos barras de prata em instituições de caridade, hospitais e orfanatos aqui”, disse Robin. 'Temos bares que podem ajudar as pessoas que mais precisam deles. Nada disso existe em nenhum outro lugar do mundo.

Ele estava jogando um jogo perigoso, ele sabia. Mas ele teve que buscar clareza. Ele não poderia considerar o professor Lovell e todos os seus colegas como o inimigo em sua mente, não poderia aceitar totalmente a avaliação condenatória de Babel feita por Griffin, sem alguma confirmação.

“Bem, não podemos gastar energia pesquisando qualquer aplicação frívola”, zombou o professor Lovell.

Robin tentou uma linha de argumentação diferente. — É só que. . bem, parece justo que haja algum tipo de troca. Ele estava se arrependendo agora de ter bebido tanto. Ele se sentia solto, vulnerável. Muito apaixonado pelo que deveria ter sido uma discussão intelectual. 'Tomamos suas linguagens, suas formas de ver e descrever o mundo. Devíamos dar-lhes algo em troca.

“Mas a linguagem”, disse o professor Lovell, “não é como um bem comercial, como o chá ou as sedas, que deve ser comprado e pago. A linguagem é um recurso infinito. E se aprendermos, se usarmos, de quem estamos roubando?'

Havia alguma lógica nisso, mas a conclusão ainda deixou Robin desconfortável.

Certamente as coisas não eram tão simples; certamente isso ainda mascarava alguma coerção ou exploração injusta. Mas ele não conseguiu formular uma objeção, não conseguiu descobrir onde estava o erro do argumento.

“O Imperador Qing possui uma das maiores reservas de prata do mundo”, disse o professor Lovell. 'Ele tem muitos estudiosos. Ele ainda tem linguistas que entendem inglês.

Então, por que ele não enche sua corte com barras de prata? Por que é que os chineses, por mais rica que seja a sua língua, não têm gramática própria?'

“Pode ser que eles não tenham recursos para começar”, disse Robin.

‘Então por que deveríamos simplesmente entregá-los a eles?’

«Mas a questão não é essa – a questão é que eles precisam disso, então porque é que Babel não envia académicos para o estrangeiro em programas de intercâmbio? Por que não lhes ensinamos como se faz?

'Pode ser que todas as nações acumulem os seus recursos mais preciosos.'

“Ou que você está acumulando conhecimento que deveria ser compartilhado livremente”, disse Robin. 'Porque se a linguagem é livre, se o conhecimento é livre, então por que todas as Grammaticas estão trancadas a sete chaves na torre? Por que nunca recebemos acadêmicos estrangeiros ou enviamos acadêmicos para ajudar a abrir centros de tradução em outras partes do mundo?'

'Porque, como Instituto Real de Tradução, servimos os interesses da Coroa.'

'Isso parece fundamentalmente injusto.'

— É nisso que você acredita? Um tom frio penetrou na voz do professor Lovell. 'Robin Swift, você acha que o que fazemos aqui é fundamentalmente injusto?'

'Eu só quero saber', disse Robin, 'por que a prata não conseguiu salvar minha mãe.'

Houve um breve silêncio.

— Bem, sinto muito pela sua mãe. O professor Lovell pegou a faca e começou a

cortar o bife. Ele parecia confuso, desconcertado. «Mas a cólera asiática foi um produto da má higiene pública de Cantão e não da distribuição desigual dos bares. E, de qualquer forma, não existe par de prata que possa trazer de volta os mortos. .

'Que desculpa é essa?' Robin pousou o copo. Ele estava completamente bêbado agora, e isso o tornava combativo. 'Você *tinha* as barras - elas são fáceis de fazer, você mesmo me disse - então *por que*... '

“Pelo amor de Deus”, retrucou o professor Lovell. 'Ela era apenas uma mulher.'

A campainha tocou. Robin se encolheu; seu garfo bateu no prato e caiu no chão. Ele pegou, profundamente envergonhado. A voz da Sra. Piper ecoou pelo corredor. 'Ah, que surpresa! Eles estão jantando agora, vou trazê-lo aqui...' e então um cavalheiro loiro, bonito e elegantemente vestido entrou na sala de jantar, trazendo uma pilha de livros na mão.

'Esterlina!' O professor Lovell largou a faca e levantou-se para cumprimentar o estranho. — Achei que você chegaria tarde.

'Terminei em Londres mais cedo do que o esperado. .' Os olhos de Sterling encontraram os de Robin, e todo ele ficou rígido. 'Ah, olá.'

— Olá — disse Robin, confuso e tímido. Este era o famoso Sterling Jones, ele percebeu.

Sobrinho de William Jones, a estrela do corpo docente. 'Prazer em conhecê-lo.'

Sterling não disse nada, apenas o examinou por um longo momento. Sua boca se torceu estranhamente, embora Robin não conseguisse ler a expressão do atendente. 'Meu Deus.'

O professor Lovell pigarreou. 'Esterlino.'

Os olhos de Sterling permaneceram no rosto de Robin por mais um momento, e então ele desviou o olhar.

'Bem-vindo, de qualquer maneira.' Ele disse isso como uma reflexão tardia; ele já havia virado as costas para Robin e as palavras soaram forçadas e estranhas. Ele colocou os livros sobre a mesa. “Você estava certo, Dick, são precisamente

os dicionários Ricci que são a chave. Estamos com saudades do que acontece quando passamos pelo português. *Isso* eu posso ajudar. Agora acho que se conectarmos em cadeia os caracteres que marquei aqui e aqui...

O professor Lovell folheava as páginas. 'Isso está alagado. Espero que você não tenha pago integralmente. .

'Não paguei *nada* , Dick, você me acha um idiota?'

'Bem, depois de Macau. .'

Eles entraram em uma discussão acalorada. Robin foi totalmente esquecido.

Ele olhou, sentindo-se embriagado e deslocado. Suas bochechas queimaram. Ele não havia terminado a comida, mas parecia muito estranho continuar comendo agora. Além disso, ele não tinha apetite. Sua confiança anterior desapareceu. Ele se sentiu novamente como um garotinho estúpido, que riu e foi dispensado por aqueles visitantes parecidos com corvos na sala de estar do professor Lovell.

E ele se surpreendeu com a contradição: que ele os desprezava, que sabia que eles poderiam estar tramando algo ruim e que ainda assim queria ser respeitado por eles o suficiente para ser incluído em suas fileiras. Foi uma mistura muito estranha de emoções.

Ele não tinha a menor ideia de como classificá-los.

Mas ainda não terminamos , ele queria contar ao pai. *Estávamos discutindo sobre minha mãe* .

Ele sentiu seu peito se contrair, como se seu coração fosse uma fera enjaulada tentando explodir. Isso foi curioso. Essa demissão não era nada que ele não tivesse experimentado antes. O professor Lovell nunca reconheceu os sentimentos de Robin, nem ofereceu carinho ou conforto, apenas mudou abruptamente de assunto, apenas ergueu uma parede fria e indiferente, apenas minimizou as mágoas de Robin, de modo que parecia frívolo mencioná-las. Robin já estava acostumado com isso.

Só agora – talvez por causa do vinho, ou talvez tudo estivesse se acumulando há tanto tempo que as coisas já haviam passado do ponto crítico – ele sentiu vontade de gritar.

Chorar. Chute a parede. Qualquer coisa, nem que seja para fazer seu pai olhá-lo na cara.

— Ah, Robin. O professor Lovell ergueu os olhos. — Diga à Sra. Piper que gostaríamos de tomar um café antes de você ir, sim?

Robin pegou seu casaco e saiu da sala.

Ele não virou da High Street para a Magpie Lane.

Em vez disso, ele foi mais longe e passou para o Merton College. À noite, os jardins eram retorcidos e misteriosos; galhos pretos saíam como dedos de trás de um portão de ferro trancado. Robin mexeu inutilmente na fechadura e depois se arrastou, ofegante, por um espaço estreito entre as pontas. Ele andou alguns metros pelo jardim antes de perceber que não sabia como era uma bétula.

Ele recuou e olhou ao redor, sentindo-se um tanto tolo. Então, uma mancha branca chamou sua atenção – uma árvore pálida, cercada por um cacho de amoreiras, aparadas para se curvar levemente para cima, como se estivesse em adulação. Uma protuberância se projetava do tronco branco da árvore; ao luar, parecia uma cabeça careca. Uma bola de cristal.

Um palpite tão bom quanto qualquer outro, pensou Robin.

Ele pensou em seu irmão com sua capa de corvo esvoaçante, roçando os dedos sobre aquela madeira clara ao luar. Griffin amava sua teatralidade.

Ele se perguntou sobre a bobina quente em seu peito. A caminhada longa e sóbria não diminuiu sua raiva. Ele ainda se sentia pronto para gritar. O jantar com seu pai o enfureceu tanto? Foi esta a justa indignação de que Griffin falou? Mas o que ele sentiu não foi tão simples como uma chama revolucionária. O que ele sentia em seu coração não era convicção, mas dúvida, ressentimento e uma profunda confusão.

Ele odiava este lugar. Ele amou. Ele se ressentiu de como isso o tratou. Ele ainda queria fazer parte disso – porque era muito bom fazer parte disso, falar com seus professores como um igual intelectual, participar do grande jogo.

Um pensamento desagradável surgiu em sua mente – *É porque você é um garotinho ferido e gostaria que eles tivessem prestado mais atenção em você* –

mas ele afastou isso.

Certamente ele não poderia ser tão mesquinho; certamente ele não estava apenas atacando o pai porque se sentia rejeitado.

Ele tinha visto e ouvido o suficiente. Ele sabia o que Babel era em suas raízes e sabia o suficiente para confiar em seu instinto.

Ele passou o dedo pela madeira. Suas unhas não serviriam. Uma faca teria sido o ideal, mas ele nunca carregou uma. Por fim, ele tirou uma caneta-tinteiro do bolso e pressionou a ponta na maçaneta. A madeira deu força. Ele arranhou com força várias vezes para tornar a cruz visível – seus dedos doíam e a pena estava irreversivelmente arruinada – mas finalmente deixou sua marca.

Capítulo Sete

Quot linguas quis callet, tot homines valet.

Quanto mais línguas você fala, mais homens você vale.

CHARLES V _

Na segunda-feira seguinte, Robin voltou para seu quarto depois da aula e encontrou um pedaço de papel preso sob o parapeito da janela. Ele agarrou-o. Com o coração martelando, ele fechou a porta e sentou-se no chão, semicerrando os olhos para ver a caligrafia apertada de Griffin.

A nota estava em chinês. Robin leu-o duas vezes, depois de trás para frente, depois para frente novamente, perplexo. Griffin parecia ter juntado caracteres de forma totalmente aleatória e as sentenças não faziam sentido – não, elas nem poderiam ser descritas como sentenças, pois embora houvesse pontuação, os caracteres foram organizados sem cuidado com gramática ou sintaxe. Esta era uma cifra, certamente, mas Griffin não tinha dado uma chave a Robin, e Robin não conseguia pensar em nenhuma alusão literária ou sugestão sutil que Griffin pudesse ter dado para ajudá-lo a decodificar esse absurdo.

Finalmente ele percebeu que estava fazendo tudo errado. Isto não era chinês. Griffin apenas usou caracteres chineses para transmitir palavras em um idioma que Robin suspeitava ser o inglês. Ele arrancou uma folha de papel de seu diário, colocou-a ao lado do bilhete de Griffin e escreveu a romanização de cada

personagem. Algumas das palavras exigiram suposições, uma vez que as palavras chinesas romanizadas tinham padrões de grafia muito diferentes das palavras inglesas, mas no final, através da elaboração de vários padrões de mudança comuns – *tè* sempre significava 'o', *ü* era *oo* – Robin quebrou o código.

Na próxima noite chuvosa. Abra a porta exatamente à meia-noite, espere dentro do saguão e volte às cinco e meia. Não fale com ninguém. Vá direto para casa depois.

Não se desvie das minhas instruções. Memorize e depois queime.

Curto, direto e minimamente informativo – assim como Griffin. Chovia constantemente em Oxford. A próxima noite chuvosa pode ser amanhã.

Robin leu o bilhete repetidas vezes até memorizar os detalhes, depois jogou o original e sua decifração na lareira, observando atentamente até que cada pedaço se transformasse em cinzas.

Na quarta-feira, choveu. Estava nublado durante toda a tarde e Robin observava o céu escurecer com um pavor crescente. Quando ele saiu do escritório do professor Chakravarti, às seis horas, uma garoa suave tornava lentamente a calçada cinzenta. Quando chegou a Magpie Lane, a chuva já havia se tornado um tamborilar constante.

Ele se trancou em seu quarto, colocou as leituras de latim designadas em sua mesa e tentou pelo menos ficar olhando para elas até chegar a hora.

Por volta das onze e meia, a chuva anunciou sua permanência. Era o tipo de chuva que parecia fria; mesmo na ausência de ventos violentos, neve ou granizo, o próprio bater nos paralelepípedos parecia cubos de gelo martelando a pele. Robin percebeu agora o raciocínio por trás das instruções de Griffin: em uma noite como esta, você não poderia ver mais do que alguns metros além do seu próprio nariz e, mesmo que pudesse, não se importaria em olhar. Uma chuva dessas fazia você andar de cabeça baixa, ombros curvados, indiferente ao mundo até chegar em algum lugar quente.

Às quinze para a meia-noite, Robin vestiu um casaco e saiu para o corredor.

'Onde você está indo?'

Ele congelou. Ele pensou que Ramy estava dormindo.

“Esqueci uma coisa nas estantes”, ele sussurrou.

Ramy inclinou a cabeça. 'De novo?'

— Suponho que seja a nossa maldição — sussurrou Robin, tentando manter a expressão vazia.

'Está chovendo. Vá buscá-lo amanhã. Ramy franziu a testa. 'O que é?'

Minhas leituras , Robin quase disse, mas isso não podia estar certo, porque ele supostamente esteve trabalhando nelas a noite toda. 'Ah, apenas meu diário. Isso vai me manter acordado se eu deixar, estou nervoso com a possibilidade de alguém ver minhas anotações. .

'O que há aí, uma carta de amor?'

— Não, é só que. . isso me deixa nervoso.

Ou ele era um mentiroso espetacular ou Ramy estava com muito sono para se importar.

“Certifique-se de que eu acorde amanhã”, disse ele, bocejando. 'Vou passar a noite toda com Dryden e não gosto disso.'

— Farei isso — prometeu Robin, e saiu correndo pela porta.

A chuva torrencial fez com que a caminhada de dez minutos pela High Street parecesse uma eternidade. Babel brilhava ao longe como uma vela quente, cada andar ainda totalmente iluminado como se fosse o meio da tarde, embora quase nenhuma silhueta fosse visível através das janelas. Os estudiosos de Babel trabalhavam 24 horas por dia, mas a maioria levava seus livros para casa por volta das nove ou dez horas, e qualquer pessoa que ainda estivesse lá à meia-noite provavelmente não deixaria a torre até de manhã.

Quando chegou ao green, fez uma pausa e olhou em volta. Ele não viu ninguém. A carta de Griffin foi muito vaga; ele não sabia se deveria esperar até avistar um dos agentes da Hermes ou se deveria seguir em frente e seguir suas ordens com precisão.

Não se desvie das minhas instruções .

Os sinos tocaram para meia-noite. Ele correu até a entrada, com a boca seca e sem fôlego. Quando chegou aos degraus de pedra, duas figuras se materializaram na escuridão –

ambos jovens vestidos de preto, cujos rostos ele não conseguia distinguir na chuva.

“Vá em frente”, sussurrou um deles. 'Pressa.'

Robin foi até a porta. “Robin Swift”, ele disse, suavemente, mas claramente.

As enfermarias reconheceram seu sangue. A fechadura clicou.

Robin abriu a porta e parou por um breve momento na soleira, apenas o tempo suficiente para que as figuras atrás dele entrassem na torre. Ele nunca viu seus rostos. Eles subiram a escada correndo como fantasmas, rápidos e silenciosos. Robin ficou no hall de

entrada, tremendo enquanto a chuva escorria por sua testa, observando o relógio enquanto os segundos marcavam a marca dos cinco minutos.

Foi tudo tão fácil. Quando chegou a hora, Robin se virou e saiu pela porta. Ele sentiu um leve solavanco na cintura, mas fora isso não percebeu nada: nenhum sussurro, nenhum tilintar de barras de prata. Os agentes da Hermes foram engolidos pela escuridão. Em segundos, era como se eles nunca tivessem estado ali.

Robin virou-se e voltou para Magpie Lane, tremendo violentamente, tonto com a audácia do que acabara de fazer.

Ele dormiu mal. Ele ficava se revirando na cama numa fuga de pesadelo, encharcando os lençóis de suor, torturado por meio sonhos, extrapolações ansiosas em que a polícia arrombava sua porta e o arrastava para a prisão, declarando que tinha visto tudo e sabia de tudo. Ele fez só adormeceu bem de manhã cedo, e a essa altura já estava tão exausto que perdeu os sinos da manhã. Ele só acordou quando o batedor bateu à sua porta, perguntando se ele gostaria que seu chão fosse varrido naquele dia.

— Ah. . sim, desculpe, só me dê um momento e vou embora. Ele jogou água no rosto, vestiu-se e saiu correndo porta afora. Seu grupo havia combinado de se encontrar em uma sala de estudo no quinto andar para comparar as traduções antes da aula, e agora ele estava terrivelmente atrasado.

— Aí está você — disse Ramy quando chegou. Ele, Letty e Victoire estavam sentados em volta de uma mesa quadrada. 'Me desculpe por ter saído sem você, mas pensei que você já tivesse ido. Bati duas vezes, mas você nunca atendeu.'

'Está tudo bem.' Robin sentou-se. 'Não dormi bem - deve ter sido o trovão, eu acho.'

'Você está se sentindo bem?' Victória parecia preocupada. — Você é meio. . . .' Ela acenou com a mão vagamente diante do rosto. 'Pálido?'

“Só pesadelos”, disse ele. 'Acontece, hum, às vezes.'

Essa desculpa pareceu estúpida no momento em que saiu de sua boca, mas Victoire deu um tapinha solidário em sua mão. 'Claro.'

'Podemos começar?' Letty perguntou bruscamente. — Estávamos pensando no vocabulário porque Ramy não nos deixava continuar sem você.

Robin folheou apressadamente suas páginas até encontrar o Ovídio designado para a noite anterior. 'Desculpe, sim, claro.'

Ele temia nunca ficar sentado durante toda a reunião. Mas de alguma forma, a luz quente do sol contra a madeira fresca, o risco de tinta contra o pergaminho e o ditado nítido e claro de Letty colocaram sua mente exausta em foco, fazendo com que o latim, e não sua expulsão iminente, parecesse a ordem mais urgente do dia.

A reunião de estudo foi muito mais animada do que o esperado. Robin, que estava acostumado a ler suas traduções em voz alta para o Sr. Chester, que o corrigia divertidamente à medida que avançava, não estava prevendo um debate tão acalorado sobre mudanças de frase, pontuação ou até que ponto a repetição era excessiva.

Rapidamente ficou claro que eles tinham estilos de tradução drasticamente diferentes.

Letty, que era um defensor de estruturas gramaticais que seguiam o latim tanto quanto possível, parecia pronto a perdoar as manipulações mais surpreendentemente desajeitadas da prosa, enquanto Ramy, seu oposto polar, estava sempre pronto a abandonar a precisão

técnica em favor de floreios retóricos, ele insistia. transmitiria melhor a ideia, mesmo quando isso implicasse a inserção de cláusulas completamente novas. Victoire parecia constantemente frustrada com os limites do inglês – 'É tão estranho, o francês serviria para isso melhor' – e Letty sempre concordou veementemente, o que fez Ramy bufar, momento em que o tema de Ovídio foi abandonado para uma repetição das Guerras Napoleônicas.

'Se sentindo melhor?' Ramy perguntou a Robin quando eles encerraram.

Ele estava, na verdade. Era bom afundar-se no refúgio de uma língua morta, travar uma guerra retórica cujos riscos não poderiam realmente afetá-lo. Ele ficou surpreso ao ver como o resto do dia parecia normal, como ele conseguia sentar-se calmamente entre seus colegas enquanto o professor Playfair dava palestras e fingir que Tytler era o assunto principal em sua mente. À luz do dia, as façanhas da noite passada pareciam um sonho distante. O tangível e sólido consistia em Oxford, cursos e professores, scones recém-assados e creme de leite.

Mesmo assim, ele não conseguia apagar o pavor latente de que tudo aquilo fosse uma piada cruel, de que as cortinas se fechariam a qualquer minuto para aquela farsa. Pois como poderia não haver alguma consequência? Tal ato de traição – de roubar a própria Babel, a instituição à qual ele literalmente deu seu sangue – certamente deveria ter tornado esta vida impossível.

A ansiedade o atingiu exatamente no meio da tarde. O que na noite anterior parecia uma missão tão emocionante e justa agora parecia incrivelmente estúpido. Ele não conseguia se concentrar no latim; A professora Craft teve que estalar os dedos na frente dos olhos dele antes de perceber que ela havia pedido três vezes para ele ler uma linha. Ele ficava imaginando cenários horríveis com detalhes vívidos – como os policiais irromperiam, apontariam e gritariam: *Aí está ele, o ladrão* ; como seu companheiro ficaria olhando, atordoado; como o professor Lovell, que por algum motivo era ao mesmo tempo promotor e juiz, condenaria friamente Robin à forca. Ele imaginou o atiçador da lareira descendo repetidas vezes, frio e metódico, quebrando cada um de seus ossos.

Mas as visões permaneceram apenas isso. Ninguém veio prendê-lo. A aula prosseguiu lenta, suavemente e ininterruptamente. Seu terror desapareceu. Quando Robin e seu grupo se reuniram no salão para jantar, ele achou surpreendentemente fácil fingir para si mesmo que a noite anterior nunca tinha acontecido. E assim que se sentaram com a comida –

batatas frias e bife tão duro que foi preciso toda a sua força para cortar pedaços mastigáveis – rindo das correções irritadas do Professor Craft às traduções embelezadas de Ramy, de fato parecia apenas uma memória distante.

Um novo bilhete o aguardava sob o parapeito da janela quando ele voltasse para casa naquela noite. Ele o desdobrou com as mãos trêmulas. A mensagem rabiscada dentro foi muito breve, e desta vez Robin conseguiu decodificá-lo em sua cabeça.

Aguarde novo contato.

Sua decepção o confundiu. Ele não passou o dia desejando nunca ter sido enredado neste pesadelo? Ele podia imaginar a voz zombeteira de Griffin – *O quê, você queria um tapinha nas costas? Um biscoito por um trabalho bem feito?*

Ele agora se viu esperando por mais. Mas ele não tinha como saber quando teria notícias de Griffin novamente. Griffin avisou Robin que o contato deles seria esporádico,

que todos os termos poderiam ser aprovados antes que ele entrasse em contato novamente. Robin seria convocado quando fosse necessário, e não antes. Ele não encontrou nenhum bilhete no parapeito da janela na noite seguinte, ou na noite seguinte.

Os dias se passaram e depois as semanas.

Você ainda é um estudante da Babel , Griffin lhe dissera. *Aja como um* .

Acontece que isso foi muito fácil de fazer. À medida que as lembranças de Griffin e Hermes recuavam para o fundo de sua mente, transformando-se em pesadelos e na escuridão, sua vida em Oxford e em Babel ganhou destaque em cores brilhantes e deslumbrantes.

Ele ficou surpreso com a rapidez com que se apaixonou pelo lugar e pelas pessoas. Ele nem tinha notado isso acontecendo. Seu primeiro mandato o deixou girando, atordoado e exausto; suas aulas e cursos formavam um padrão mecânico de leituras frenéticas e noites de sono noturno, contra as quais seu grupo era sua única fonte de alegria e consolo. As meninas, Deus as abençoe, rapidamente perdoaram Robin e Ramy pelas primeiras impressões. Robin descobriu que ele e Victoire compartilhavam o mesmo amor descarado pela literatura de todos os tipos, desde horrores góticos até romances, e tinham grande prazer em trocar e discutir o último lote de horrores baratos trazido de Londres. E Letty, uma vez convencida de que os meninos não eram realmente estúpidos demais para estudar em Oxford, tornou-se muito mais tolerável. Ela revelou possuir um humor ácido e uma compreensão aguçada da estrutura de classes britânica em virtude de sua educação, o que rendeu comentários infinitamente divertidos quando não dirigidos a nenhum deles.

“Colin é o tipo de sanguessuga de classe média que gosta de fingir que tem contatos porque sua família conhece um professor de matemática em Cambridge”, ela dizia depois de uma visita a Magpie Lane. “Se ele quiser ser advogado, pode simplesmente fazer um estágio nas Estalagens de Court, mas ele está aqui porque quer prestígio e conexões, só que não é charmoso o suficiente para adquiri-los. Ele tem a personalidade de uma toalha molhada: úmida e grudada.

Nesse ponto, ela imitaria as saudações supersolicitas e de olhos arregalados de Colin, enquanto o resto deles caía na gargalhada.

Ramy, Victoire e Letty – eles se tornaram as cores da vida de Robin, o único contato regular que ele tinha com o mundo fora do curso. Eles precisavam um do outro porque não tinham mais ninguém. Os alunos mais velhos de Babel eram agressivamente isolados; eles estavam muito ocupados, intimidadoramente brilhantes e impressionantes. Duas semanas após o início do período letivo, Letty perguntou corajosamente a um colega de pós-graduação chamado Gabriel se ela poderia ingressar no grupo de leitura em francês, mas foi rapidamente rejeitada com o desdém específico que só os franceses podiam demonstrar.

Robin tentou fazer amizade com uma estudante japonesa do terceiro ano chamada Ilse Dejima, * que falava com um leve sotaque holandês. Eles se cruzavam com frequência ao entrar e sair do escritório do professor Chakravarti, mas nas poucas vezes em que ele tentava cumprimentá-la, ela fazia uma careta,

como se ele fosse lama em suas botas.

Eles também tentaram fazer amizade com o grupo do segundo ano, um grupo de cinco meninos brancos que moravam do outro lado, na Merton Street. Mas a situação piorou imediatamente quando um deles, Philip Wright, disse a Robin, num jantar do corpo docente, que o grupo do primeiro ano era em grande parte internacional apenas por causa da política departamental. 'O conselho de estudos de graduação está sempre brigando para

decidir se deve priorizar as línguas europeias ou outras. . . línguas mais exóticas.

Chakravarti e Lovell vêm fazendo barulho sobre a diversificação do corpo discente há anos.

Eles não gostaram que meu grupo fosse todo classicista. Presumo que eles estavam corrigindo demais com você.

Robin tentou ser educado. 'Não sei por que isso é uma coisa tão ruim.'

‘Bem, isso não é uma coisa *ruim* em si, mas significa que as vagas serão tiradas de candidatos igualmente qualificados que passaram nos exames de admissão.’

“Não fiz nenhum vestibular”, disse Robin.

‘Precisamente.’ Philip fungou e não disse mais uma palavra a Robin durante toda a noite.

Então foram Ramy, Letty e Victoire que se tornaram tão constantes interlocutores que Robin começou a ver Oxford através dos olhos deles. Ramy adoraria aquele lenço roxo pendurado na vitrine da Ede & Ravenscroft; Letty ria até parecer boba diante do jovem com olhos de cachorrinho sentado do lado de fora do Queen's Lane Coffeehouse com um livro de sonetos; Victoire ficaria tão animada porque um novo lote de scones acabara de ser lançado na Vaults & Garden, mas como ela ficaria presa em seu tutorial de francês até o meio-dia, Robin absolutamente tinha que comprar um, embrulhá-lo no bolso e guardá-lo. para ela quando a aula terminasse. Até mesmo as leituras do curso tornaram-se mais emocionantes quando ele começou a vê-las como fonte de material para observações cortantes, reclamativas ou humorísticas, a serem compartilhadas posteriormente com o grupo.

Eles não estavam isentos de divergências. Eles discutiam sem parar, como fazem os jovens brilhantes, com egos bem alimentados e muitas opiniões. Robin e Victoire tiveram um longo debate sobre a superioridade da literatura inglesa versus francesa, em que ambos eram estranhamente leais aos seus países de adoção. Victoire insistiu que os melhores teóricos da Inglaterra não se comparavam a Voltaire ou Diderot, e Robin teria lhe dado o benefício da dúvida se ela não continuasse zombando das traduções que ele tirou do Bodleian, alegando que "Eles 'não são nada comparados ao original, você pode muito bem nem lê-lo.' Victoire e Letty, embora normalmente muito próximas, pareciam sempre ser rudes em questões de dinheiro e se Letty realmente era considerada pobre como afirmava ser, só porque seu pai a havia cortado. * E Letty e Ramy discutiram acima de tudo, principalmente por causa da afirmação de Ramy de que Letty nunca havia pisado nas colônias e, portanto, não deveria opinar sobre os supostos benefícios da presença britânica na Índia.

“Eu sei algumas coisas sobre a Índia”, insistia Letty. “Li todos os tipos de ensaios, li *a Tradução das Cartas de um Rajah Hindu, de Hamilton* ...”

'Oh sim?' Ramy perguntaria. 'Aquele onde a Índia é uma adorável nação hindu, invadida por tirânicos invasores muçulmanos? Aquele?'

Nesse ponto, Letty sempre ficava na defensiva, taciturna e irritada. até o dia seguinte.

Mas isso não foi inteiramente culpa dela. Ramy parecia particularmente determinado a provocá-la, a desmantelar todas as suas afirmações. A orgulhosa e correta Letty, com seu lábio superior rígido, representava tudo o que Ramy desdenhava nos ingleses, e Robin suspeitava que Ramy não ficaria satisfeito até que conseguisse que Letty declarasse traição contra seu próprio país.

Ainda assim, suas brigas não conseguiram realmente separá-los. Em vez disso, estes argumentos apenas os aproximaram, aguçaram as suas arestas e definiram as formas como

se encaixavam de forma diferente no puzzle do seu grupo. Eles passaram todo o tempo juntos. Nos fins de semana, eles se sentavam em uma mesa de canto do lado de fora do café Vaults & Garden, interrogando Letty sobre as estranhezas do inglês, do qual apenas ela era falante nativa. ('O que *corned* significa?' Robin perguntava. 'O que é corned beef? O que vocês estão fazendo com sua carne?' * '

E o que é um welcher?' * Victoire perguntava, levantando os olhos de seu último seriado barato. 'Letitia, por favor, o que, em nome de Deus, é um dublador?' *)

Quando Ramy reclamou que a comida no salão era tão ruim que ele estava visivelmente perdendo peso (isso era verdade; as cozinhas da Universidade, quando não serviam a mesma rotação de carne cozida dura, legumes assados sem sal e guisados indistinguíveis, serviam pratos inexplicáveis e não comestíveis com nomes como 'India Pickle', 'Turtle Dressed the West India Way' e algo chamado 'China Chilo', muito pouco do qual era halal), eles entraram furtivamente na cozinha e remendaram um prato com grão de bico, batatas e uma variedade de temperos que Ramy havia conseguido nos mercados de Oxford. O

resultado foi um ensopado escarlate e grumoso, tão picante que todos pareciam ter levado um soco no nariz. Ramy recusou-se a aceitar a derrota; em vez disso, argumentou ele, esta era mais uma prova de sua grande tese de que havia algo fundamentalmente errado com os britânicos, já que se eles tivessem conseguido colocar as mãos em sementes de açafrão e mostarda de verdade, o prato teria um sabor muito melhor.

“Há restaurantes indianos em Londres”, objetou Letty. 'Você pode comprar curry com arroz em Piccadilly. .'

— Só se você quiser um purê sem graça — Ramy zombou. 'Termine seu grão de bico.'

Letty, fungando miseravelmente, recusou-se a dar outra mordida. Robin e Victoire continuaram estoicamente enfiando colheradas na boca. Ramy disse-lhes que eram todos covardes – em Calcutá, afirmou ele, as crianças podiam comer pimentas fantasmas sem pestanejar. Mas até ele teve dificuldade em terminar a massa vermelho-fogo no prato.

Robin não percebeu o que tinha, o que estava procurando e finalmente conseguiu, até uma noite, no meio do semestre, quando todos estavam nos quartos de Victoire. O dela era provavelmente o maior de todos os seus aposentos porque nenhum dos outros hóspedes queria dividir com ela, o que significava que ela não só tinha um quarto só para ela, mas também o banheiro e a espaçosa sala de estar onde eles costumavam se reunir. para terminar o curso depois que o Bodleian fechasse às nove. Naquela noite eles estavam jogando

cartas, não estudando, porque o professor Craft estava em Londres para uma conferência, o que significava que teriam a noite livre. Mas as cartas logo foram esquecidas porque um cheiro intenso de peras maduras de repente invadiu a sala e nenhum deles conseguiu descobrir o que era, porque não estavam comendo peras e porque Victoire jurou que não tinha nenhuma escondida em sua casa. o quarto dela.

Então Victoire estava rolando no chão, rindo e gritando porque Letty continuava gritando: 'Onde está a pêra? Onde está, Vitória? Onde está a pêra? Ramy fez uma piada sobre a Inquisição Espanhola, então Letty, brincando, ordenou que Victoire revirasse todos os bolsos do casaco para provar que nenhum deles escondia o núcleo. Victoire obedeceu, mas não encontrou nada, o que os deixou ainda mais histéricos. E Robin sentou-se à mesa, observando-os, sorrindo enquanto esperava o jogo de cartas recomeçar até perceber que isso não aconteceria porque todos estavam rindo demais e, além disso, as cartas de Ramy estavam espalhadas pelo chão viradas para cima, então continuar era inútil. Então ele

piscou, porque havia acabado de registrar o que aquele momento tão mundano e extraordinário significava – que no espaço de várias semanas eles haviam se tornado o que ele nunca havia encontrado em Hampstead, o que ele pensava que nunca mais teria depois de Canton. : um círculo de pessoas que ele amava tanto que seu peito doía ao pensar nelas.

Uma família.

Ele sentiu uma onda de culpa por amá-los, e a Oxford, tanto quanto ele.

Ele adorava aquilo aqui; ele realmente fez. Por todas as ofensas diárias que sofreu, caminhar pelo campus o encantou. Ele simplesmente não conseguia manter, como fez Griffin, uma atitude de constante suspeita ou rebelião; ele não poderia adquirir o ódio de Griffin por este lugar.

No entanto, ele não tinha o direito de ser feliz? Ele nunca havia sentido tanto calor no peito até agora, nunca ansiara por acordar de manhã como agora. Babel, seus amigos e Oxford – eles haviam revelado uma parte dele, um lugar ensolarado e de pertencimento, que ele nunca pensou que sentiria novamente. O mundo parecia menos escuro.

Ele era uma criança carente de afeto, que agora tinha em abundância – e seria tão errado ele se apegar ao que tinha?

Ele não estava pronto para se comprometer totalmente com Hermes. Mas, por Deus, ele teria matado por qualquer um de sua coorte.

Mais tarde, Robin ficaria surpreso ao saber que nunca lhe passou pela cabeça contar a nenhum deles sobre a Sociedade Hermes. Afinal, no final do mandato de Michaelmas, ele passou a confiar sua vida a eles; ele não tinha dúvidas de que se caísse na Ísis congelada, qualquer um deles teria mergulhado para salvá-lo. No entanto, Griffin e a Sociedade Hermes pertenciam a pesadelos e sombras; sua coorte era sol, calor e riso, e ele não conseguia imaginar unir esses mundos.

Apenas uma vez ele se sentiu tentado a dizer alguma coisa. Certo dia, ao almoço, Ramy e Letty estavam discutindo – mais uma vez – sobre a presença britânica na Índia. Ramy considerava a ocupação de Bengala uma farsa contínua; Letty pensou que a vitória britânica em Plassey foi uma retaliação mais do que justa pelo que ela considerou o tratamento horrível dispensado aos reféns por Siraj-ud-daulah, e que os britânicos nunca precisariam ter intervindo se os Mughals não tivessem sido governantes tão terríveis.

— E não é como se tudo estivesse tão ruim para você — disse Letty. 'Há muitos índios na administração civil, desde que sejam qualificados. .'

“Sim, onde “qualificado” significa uma classe de elite que fala inglês e age como bajuladores para os britânicos”, disse Ramy. “Não estamos sendo governados, estamos sendo mal governados. O que está acontecendo no meu país não é nada menos que um roubo. Não é comércio aberto; é sangramento financeiro, é saque e saque. Nunca precisámos da ajuda deles e eles apenas construíram essa narrativa a partir de um sentimento equivocado de superioridade.

'Se você pensa isso, então o que está fazendo na Inglaterra?' Letty desafiou.

Ramy olhou para ela como se ela fosse louca. 'Aprendendo, mulher.'

‘Ah, para adquirir as armas para derrubar o Império?’ Ela zombou. — Você vai levar algumas barras de prata para casa e começar uma revolução, não é? Devemos marchar até Babel e declarar suas intenções?'

Pela primeira vez, Ramy não teve uma resposta rápida. “Não é tão simples assim”, disse ele após uma pausa.

'Oh sério?' Letty encontrou o local onde doía; agora ela era como um cachorro

com um osso e não largava. — Porque me parece que o fato de você estar aqui, desfrutando de uma educação inglesa, é precisamente o que torna o inglês superior. A menos que haja um instituto de línguas melhor em Calcutá?

- Há muitas madrassas brilhantes na Índia - retrucou Ramy. “O que torna o inglês superior são as armas. Armas e a disposição de usá-las contra pessoas inocentes.

— Então você está aqui para enviar prata de volta para aqueles sipaios amotinados, não é?

Talvez devesse , Robin quase disse. *Talvez seja precisamente disso que o mundo precisa.*

Mas ele se conteve antes de abrir a boca. Não porque tivesse medo de quebrar a confiança de Griffin, mas porque não conseguia suportar como essa confissão destruiria a vida que construíram para si mesmos. E porque ele próprio não conseguiu resolver a contradição da sua vontade de prosperar em Babel, mesmo quando se tornou mais claro, dia após dia, quão obviamente injustos eram os fundamentos da sua sorte. A única maneira de justificar a sua felicidade aqui, de continuar dançando nas fronteiras de dois mundos, era continuar aguardando a correspondência de Griffin à noite – uma rebelião oculta e silenciosa, cujo principal objetivo era amenizar sua culpa pelo fato de que todo esse ouro e dinheiro o brilho tinha que ter um custo.

Capítulo Oito

Naquela época, considerávamos nada vulgar que um bando de rapazes que haviam sido açoitados três meses antes, e que não tinham permissão para mais de três copos de vinho do Porto em casa, sentasse-se para comer abacaxis e sorvetes nos quartos uns dos outros e se confundisse. -se com champanhe e clarete.

W ILLIAM MAKEPEACE T HACKERAY , O *Livro dos Esnobes*

Nas últimas semanas de novembro, Robin ajudou em mais três roubos para a Sociedade Hermes. Todos seguiram a rotina eficiente e mecânica do primeiro – um bilhete no parapeito da janela, uma noite chuvosa, um encontro à meia-noite e contato mínimo com seus cúmplices, exceto por um rápido olhar e um aceno de cabeça. Ele nunca olhou mais de perto os outros agentes. Ele não sabia se eram sempre as mesmas pessoas. Ele nunca descobriu o que eles roubaram ou

para que usaram. Tudo o que sabia era que Griffin dissera que a sua contribuição ajudara numa luta vagamente definida contra o império, e tudo o que podia fazer era confiar na palavra de Griffin.

Ele continuava esperando que Griffin o convocasse para outra conversa fora do Twisted Root, mas parecia que seu meio-irmão estava muito ocupado liderando uma organização global da qual Robin era apenas uma pequena parte.

Robin quase foi pego durante seu quarto roubo, quando uma terceiranista chamada Cathy O'Nell entrou pela porta da frente enquanto esperava no saguão. Cathy era, infelizmente, uma das veteranas mais tagarelas; ela se especializou em gaélico e, talvez devido à pura solidão de ser uma das duas pessoas em sua área, ela se esforçou para fazer amizade com todos na faculdade.

'Robin!' Ela sorriu para ele. 'O que você está fazendo aqui tão tarde?'

— Esqueci minha leitura de Dryden — mentiu ele, batendo no bolso como se tivesse acabado de esconder o livro ali. 'Acontece que deixei no saguão.'

— Ah, Dryden, isso é uma pena. Lembro que a Playfair nos fez discutir sobre ele durante semanas. Completo, mas seco.

'Muito seco.' Ele esperava muito que ela continuasse com isso; já eram meio-dia e cinco.

'Ele está fazendo você comparar traduções em aula?' Cathy perguntou. 'Uma vez, ele me interrogou por quase meia hora sobre minha escolha de palavras: *vermelho* em vez de *maçã*

. No final, quase suei toda a camisa.

Seis minutos depois. Os olhos de Robin se voltaram para a escada, depois para Cathy, depois para a escada, até perceber que Cathy o observava com expectativa.

'Oh.' Ele piscou. 'Hum. Falando em Dryden, eu realmente deveria ir. .

'Oh, me desculpe, o primeiro ano é realmente tão difícil e aqui estou eu mantendo você-'

'De qualquer forma, que bom ver você. .'

“Avise-me se puder ajudar em alguma coisa”, disse ela alegremente. 'É muito no começo, mas os termos ficam mais fáceis, eu prometo.'

'Claro. Eu farei... tchau. Ele se sentiu péssimo por ser tão brusco. Ela era tão legal, e essas ofertas eram particularmente generosas vindas dos veteranos. Mas ele só conseguia pensar nos seus cúmplices lá em cima e no que poderia acontecer se eles descessem ao mesmo tempo que Cathy subisse.

'Boa sorte então.' Cathy deu-lhe um pequeno aceno e dirigiu-se para o saguão. Robin recuou até o hall de entrada e rezou para não se virar.

Uma eternidade depois, duas figuras vestidas de preto desceram correndo a escada oposta.

— O que ela disse? um deles sussurrou. Sua voz parecia estranhamente familiar, embora Robin estivesse distraído demais para tentar identificá-la.

'Só sendo amigável.' Robin abriu a porta e os três saíram correndo para a noite fria.

'Você está bem?'

Mas não houve resposta. Eles já haviam partido, deixando-o sozinho no escuro e na chuva.

Uma personalidade mais cautelosa teria abandonado Hermes então, não teria arriscado todo o seu futuro em possibilidades tão tênues. Mas Robin voltou para fazer isso de novo.

Ele ajudou em um quinto roubo e depois em um sexto. O período de Michaelmas terminou, as férias de inverno se aceleraram e o período de Hilary começou. Seu batimento cardíaco não batia mais em seus ouvidos quando ele se aproximou da torre à meia-noite. Os minutos entre a entrada e a saída já não pareciam um purgatório. Tudo começou a parecer fácil, esse simples ato de abrir uma porta duas vezes; tão fácil que, no sétimo roubo, ele se convenceu de que não estava fazendo nada perigoso.

“Você é muito eficiente”, disse Griffin. – Eles gostam de trabalhar com você,

você sabe. Você segue as instruções e não embeleza.

Uma semana após o início do mandato de Hilary, Griffin finalmente se dignou a encontrar Robin pessoalmente novamente. Mais uma vez caminharam rapidamente por Oxford, desta vez seguindo o Tâmisa em direção ao sul, em direção a Kennington. A reunião parecia um relatório intercalar de progresso com um supervisor severo e raramente disponível, e Robin se viu deleitando-se com os elogios, tentando e falhando em não parecer um irmão mais novo tonto.

'Então estou fazendo um bom trabalho?'

'Você está indo muito bem. Estou bastante satisfeito.

'Então você vai me contar mais sobre Hermes agora?' Robin perguntou. — Ou pelo menos me diga para onde vão as barras? O que você está fazendo com eles?

Griffin riu. 'Paciência.'

Eles caminharam em silêncio por um trecho. Houve uma tempestade naquela manhã. O

Ísis fluía rápido e ruidosamente sob um céu enevoado e escuro. Era o tipo de noite em que o mundo parecia sem cor, uma pintura em andamento, na verdade um esboço, existindo apenas em tons de cinza e sombras.

— Então tenho outra pergunta — disse Robin. — E sei que você não vai me contar muito sobre Hermes agora. Mas pelo menos me conte como tudo isso acabou.

'Como o que acaba?'

— Quero dizer. . minha situação. Este acordo atual parece bom – desde que eu não seja pego, quero dizer – mas parece, não sei, um tanto insustentável.

“É claro que é insustentável”, disse Griffin. 'Você estudará muito e se formará, e então eles lhe pedirão para fazer todo tipo de coisas desagradáveis para o Império. Ou eles vão te pegar, como você disse. Eventualmente tudo vem à tona, como aconteceu conosco.

'Todos na Hermes saem de Babel?'

'Conheço muito poucos que ficaram.'

Robin não tinha certeza de como se sentir a respeito disso. Muitas vezes ele se deixava levar pela fantasia da vida pós-Babel – uma comunhão confortável, se ele quisesse; uma garantia de anos de estudo mais bem financiados naquelas lindas bibliotecas, morando em confortáveis acomodações universitárias e dando aulas de latim para alunos ricos, se quisesse uma mesada extra; ou uma carreira emocionante viajando para o exterior com compradores de livros e intérpretes simultâneos. No *Zhuangzi* , que ele acabara de traduzir com o professor Chakravarti, o frase *tǎntú* * significava literalmente 'uma estrada plana', metaforicamente, 'uma vida tranquila'. Era isso que ele queria: um caminho tranquilo e equilibrado para um futuro sem surpresas.

O único obstáculo, claro, era a sua consciência.

“Você permanecerá em Babel enquanto puder”, disse Griffin. — Quero dizer, você deveria. . Deus sabe que precisamos de mais pessoas lá dentro. Mas fica cada vez mais difícil, você vê. Você descobrirá que não consegue conciliar seu senso de ética com o que eles pedem que você faça. O que acontece quando eles direcionam você para pesquisas militares? Quando eles mandarem você para a fronteira da Nova Zelândia ou para a Colônia do Cabo?

'Você não pode simplesmente evitar essas tarefas?'

Griffin riu. 'Os contratos militares compõem mais da metade das ordens de serviço. Eles são uma parte necessária do pedido de posse. E eles também pagam bem – a maior parte do corpo docente sênior enriqueceu lutando contra Napoleão. Como você acha que o querido e velho papai consegue manter três casas? É um trabalho violento que sustenta a fantasia.

'Então o que?' Robin perguntou. 'Como faço para sair?'

'Simples. Você finge sua morte e depois vai para a clandestinidade.

'É isso o que você fez?'

“Cerca de cinco anos atrás, sim. Você também irá, eventualmente. E então você se tornará uma sombra no campus que já administrou, e rezará para que algum outro primeiro ano encontre em sua consciência a possibilidade de lhe conceder acesso às suas antigas bibliotecas. Griffin lançou-lhe um olhar de soslaio. 'Você

não está feliz com esta resposta, não é?'

Robin hesitou. Ele não tinha certeza de como verbalizar seu desconforto. Sim, houve um certo apelo para abandonar a vida em Oxford por Hermes. Ele queria fazer o que Griffin fez; ele queria ter acesso ao funcionamento interno de Hermes, queria ver para onde foram as barras roubadas e o que foi feito com elas. Ele queria ver o mundo oculto.

Mas se ele fosse, ele sabia, nunca mais poderia voltar.

“Parece tão difícil ser isolado”, disse ele. 'De tudo.'

— Você sabe como os romanos engordavam seus arganazes? Griffin perguntou.

Robin suspirou. 'Grifo.'

— Seus tutores fizeram você ler Varro, não foi? Ele descreve um *glirário* na *Res Rustica* .

* É uma engenhoca bastante elegante. Você faz um frasco, só que é perfurado com buracos para que o arganaz possa respirar, e as superfícies são polidas de forma tão lisa que é impossível escapar. Você coloca comida nas cavidades e certifica-se de que haja algumas saliências e passarelas para que o arganaz não fique muito entediado. O mais importante é mantê-lo escuro, para que o arganaz sempre pense que é hora de hibernar. Tudo o que fazem é dormir e engordar.

— Tudo bem — disse Robin, impaciente. 'Tudo bem. Eu entendi.

“Eu sei que é difícil”, disse Griffin. 'É difícil desistir das armadilhas de sua estação. Você ainda adora seu salário, seus vestidos de estudante e suas festas de vinho, tenho certeza. .

— Não são as festas do vinho — insistiu Robin. — Eu não. . quero dizer, eu não vou a festas de vinho. E não se trata do salário ou dos vestidos estúpidos. É só isso. . não sei, é um grande salto.

Como ele poderia explicar isso? Babel representava mais do que confortos materiais.

Babel era a razão pela qual ele pertencia à Inglaterra, por que não mendigava nas ruas de Cantão. Babel era o único lugar onde seus talentos importavam. Babel era segurança. E

talvez tudo isso tenha sido moralmente comprometido, sim – mas seria tão errado querer sobreviver?

“Não se preocupe”, disse Griffin. — Ninguém está pedindo para você sair de Oxford. Não é prudente, estrategicamente falando. Veja, estou livre e feliz por fora, mas também não consigo entrar na torre. Estamos presos numa relação simbiótica com as alavancas do poder. Precisamos da prata deles. Precisamos de suas ferramentas. E, por mais relutantes que sejamos admitir, nos beneficiamos com suas pesquisas.

Ele deu um empurrão em Robin. Era um gesto fraterno, mas nenhum dos dois tinha muita prática nisso, e pareceu mais ameaçador do que talvez Griffin pretendesse. 'Você faz sua leitura e fica por dentro. Não se preocupe com a contradição. Sua culpa foi amenizada, por enquanto. Aproveite seu *glirário* , pequeno arganaz.

Griffin o deixou na esquina de Woodstock. Robin observou seu corpo estreito desaparecer nas ruas, o casaco batendo em torno dele como as asas de um pássaro gigante, e se perguntou como ele conseguia admirar e ressentir-se tanto com alguém ao mesmo tempo.

No chinês clássico, os caracteres referiam-se a intenções desleais ou traidoras; literalmente, eles traduziram como 'dois corações'. E Robin se viu na posição impossível de amar aquilo que traiu, duas vezes.

Ele adorava Oxford e sua vida em Oxford. Foi muito bom estar entre os Babblers, que eram, em muitos aspectos, o grupo de estudantes mais privilegiado de lá. Se ostentassem sua afiliação à Babel, eram autorizados a entrar em qualquer uma das bibliotecas da faculdade, incluindo a absurdamente linda Codrington, que na verdade não continha nenhum material de referência de que precisassem, mas que eles frequentavam de qualquer maneira, porque suas paredes altas e piso de mármore os faziam sentir-se tão grandioso. Todas as suas despesas de subsistência foram cuidadas. Ao contrário dos outros servidores, eles nunca tiveram que servir comida no salão ou limpar os quartos dos tutores.

A hospedagem, a alimentação e as mensalidades eram pagas diretamente pela Babel, então

eles nem sequer viam a conta – além disso, recebiam seu estipêndio de vinte xelins por mês e também tinham acesso a um fundo discricionário que podiam usar para comprar.

quaisquer materiais do curso que gostassem. Se eles pudessem argumentar, mesmo que fosse o mais frágil, que uma caneta-tinteiro com tampa dourada ajudaria seus estudos, então Babel pagaria por isso.

O significado disso nunca passou pela cabeça de Robin até que uma noite ele topou com Bill Jameson na sala comunal, rabiscando números em uma folha de papel com uma expressão infeliz no rosto.

— As batalhas deste mês — explicou ele a Robin. 'Gastei demais o que me mandaram de casa – continuo ficando sem dinheiro.'

Os números no papel surpreenderam Robin; ele nunca imaginou que as mensalidades em Oxford pudessem ser tão caras.

'O que você vai fazer?' ele perguntou.

— Tenho algumas coisas que posso penhorar para compensar a diferença até o próximo mês. Ou deixarei algumas refeições até lá. Jameson olhou para cima. Ele parecia desesperadamente desconfortável. — Eu digo, e odeio perguntar, mas você acha. .

— Claro — disse Robin apressadamente. 'Quanto você precisa?'

'Eu não faria isso, mas os custos neste período. . eles estão nos cobrando para dissecar cadáveres para Anatomia, eu realmente. .'

"Não mencione isso." Robin enfiou a mão no bolso, tirou a bolsa e começou a contar moedas. Ele se sentiu terrivelmente pretensioso ao fazer isso – ele tinha acabado de receber seu salário do tesoureiro naquela manhã e esperava que Jameson não pensasse que ele sempre andava por aí com uma bolsa tão cheia. — Isso cobriria as refeições, pelo menos?

— Você é um anjo, Swift. Eu pagarei a você no próximo mês. Jameson suspirou

e balançou a cabeça. 'Babel. Eles cuidam de você, não é?

Eles fizeram. Babel não só era muito rica, como também era respeitada. Deles era de longe o corpo docente de maior prestígio em Oxford. Era de Babel que os novos alunos de graduação se gabavam quando mostravam o campus aos seus parentes visitantes. Foi um estudante de Babel que invariavelmente ganhou o Prêmio Chanceler anual de Oxford, concedido à melhor composição de versos latinos, bem como a Bolsa Kennicott de Hebraico. Foram os alunos de graduação de Babel que foram convidados para recepções especiais * com os políticos, os aristocratas e os inimaginavelmente ricos que constituíam a clientela do lobby. Certa vez, houve rumores de que a própria princesa Vitória estaria presente na festa anual da faculdade no jardim; isso acabou sendo falso, mas ela deu a eles uma nova fonte de mármore que foi instalada no gramado uma semana depois, e que a professora Playfair encantou para lançar arcos de água altos e brilhantes a qualquer hora do dia.

Em meados do período letivo de Hilary, como todos os colegas de Babel antes deles, Robin, Ramy, Victoire e Letty haviam absorvido a insuportável superioridade dos acadêmicos que sabiam que dominavam o campus. Eles se divertiram muito ao ver como os estudiosos visitantes, que os condescendiam ou os ignoravam no salão, começaram a bajular e a apertar as mãos quando revelaram que estudavam tradução. Eles deixaram de mencionar como tinham acesso à Sala Comunal dos Sêniores, que era ao mesmo tempo muito agradável e inacessível para outros alunos de graduação, embora na verdade

raramente passassem muito tempo lá, pois era difícil ter uma conversa franca quando um velho e enrugado don sentou-se roncando no canto.

Victoire e Letty, que agora entendiam que a presença de mulheres em Oxford era mais um segredo aberto do que um tabu absoluto, começaram lentamente a deixar os cabelos crescerem. Um dia Letty até apareceu no salão para jantar vestindo saia em vez de calça. Os meninos da Univ sussurraram e apontaram, mas a equipe não disse nada, e ela recebeu três pratos e vinho sem incidentes.

Mas também havia aspectos significativos aos quais eles não pertenciam. Ninguém serviria Ramy em nenhum de seus pubs favoritos se ele fosse o primeiro a chegar. Letty e Victoire não podiam retirar livros da biblioteca sem a presença de um estudante do sexo masculino para atestá-los. Victoire foi considerada pelos lojistas como a empregada de Letty ou Robin. Porters

perguntava regularmente aos quatro se eles poderiam, por favor, não pisar no gramado, pois era proibido, enquanto os outros meninos pisoteavam a chamada grama delicada ao redor deles.

Além do mais, todos levaram vários meses para aprender a falar como os oxfordianos. O

inglês de Oxford era diferente do inglês de Londres e foi desenvolvido em grande parte pela tendência dos estudantes universitários de corromper e abreviar quase tudo. *Madalena* foi pronunciada *piegas* ; da mesma forma, *St Aldate's* tornou-se *St Old's* . A Magna Vacatio virou Férias Longas e virou Longa. O novo colégio tornou-se novo; St Edmund's tornou-se Teddy.

Demorou meses até que Robin se acostumasse a pronunciar “Univ” quando queria dizer

“University College”. Uma *propagação* era uma festa com um número considerável de convidados; Pidge era a abreviação de *pombo , que por* sua vez significava um dos cubículos de madeira onde sua postagem era classificada.

A fluência também implicava uma série de regras sociais e convenções tácitas que Robin temia nunca compreender totalmente. Nenhum deles conseguia entender bem a etiqueta específica dos cartões telefônicos, por exemplo, ou como é que alguém se infiltrava no ecossistema social da faculdade, ou como funcionavam os muitos níveis distintos, mas sobrepostos, desse ecossistema. * Eles sempre ouviam rumores de festas selvagens, noites fora de controle no pub, reuniões de sociedades secretas e chás onde fulano havia sido devastadoramente rude com seu tutor ou onde fulano havia insultado a irmã de outra pessoa. , mas eles nunca testemunharam esses eventos pessoalmente.

'Como é que não somos convidados para festas de vinho?' Ramy perguntou. 'Somos encantadores.'

- Você não bebe vinho. – Victoire apontou.

'Bem, eu gostaria de apreciar o *ambiente*- '

“É porque você não dá nenhuma festa de vinho”, disse Letty. “É uma economia de dar e receber. Algum de vocês já entregou algum cartão de visita?

“Acho que nunca vi *um* cartão de visita”, disse Robin. 'Existe uma arte nisso?'

“Oh, eles são bastante fáceis”, disse Ramy. ' *Para Pendennis, Esq., Besta Infernal, vou dar-lhe chicotadas de bebida esta noite. Confunda você, seu inimigo, Mirza.* Não?'

"Muito civilizado." Letty bufou. — Não é de admirar que você não seja da realeza universitária.

Eles decididamente não eram da realeza universitária. Nem mesmo os Babblers brancos dos anos anteriores eram da realeza universitária, pois Babel os mantinha ocupados demais com os cursos para desfrutarem de uma vida social. Esse rótulo só poderia

descrever um segundo ano na Univ chamado Elton Pendennis e seus amigos. Eram todos plebeus, o que significava que pagavam taxas mais altas à universidade para evitar exames de admissão e desfrutar dos privilégios dos colegas da faculdade. Sentavam-se à mesa alta do corredor, alojavam-se em apartamentos muito mais agradáveis do que os dormitórios de Magpie Lane e jogavam sinuca na Sala Comunal dos Seniores sempre que queriam. Eles gostavam de caçar, jogar tênis e jogar bilhar nos fins de semana e todos os meses iam para Londres de ônibus para jantares e bailes. Eles nunca faziam compras na High Street; todas as novidades da moda, charutos e acessórios eram trazidos diretamente de Londres para seus aposentos por vendedores que nem se davam ao trabalho de cotar os preços.

Letty, que cresceu perto de garotos como Pendennis, fez dele e de seus amigos alvo de uma torrente de vitupérios. 'Rapazes ricos estudando com o dinheiro do pai. Aposto que eles nunca abriram um livro na vida. Não sei por que Elton o acha tão bonito. Esses lábios são de menina; ele não deveria fazer beicinho. Essas jaquetas roxas trespassadas parecem ridículas. E não sei por que ele continua dizendo a todo mundo que tem um entendimento com Clara Lilly. Eu conheço Clara e ela está praticamente noiva do filho mais velho dos Woolcotts. . .'

Ainda assim, Robin não pôde deixar de invejar aqueles meninos – aqueles nascidos neste mundo, que proferiram seus códigos como falantes nativos. Quando viu Elton Pendennis e a sua multidão a passear e a rir pelo relvado, não pôde deixar de imaginar, só por um momento, como seria fazer parte daquele

círculo. Queria a vida de Pendennis, não tanto pelos seus prazeres materiais – o vinho, os charutos, as roupas, os jantares – mas pelo que representava: a garantia de que alguém seria sempre bem-vindo em Inglaterra. Se ao menos conseguisse atingir a fluência de Pendennis, ou pelo menos uma imitação dela, então ele também se misturaria à tapeçaria desta vida idílica no campus. E ele não seria mais o estrangeiro, questionador sua pronúncia a cada passo, mas um nativo cuja pertença não poderia ser questionada ou revogada.

Foi um grande choque quando, certa noite, Robin encontrou um cartão feito de papel timbrado esperando em sua carteira. Ele dizia:

Robin Swift—

Agradeceríamos o prazer de sua companhia para bebidas na próxima sexta-feira – sete horas, se você quiser estar lá no início ou em qualquer horário razoável depois disso, não somos exigentes.

Estava assinado, numa caligrafia muito impressionante que Robin levou um momento para decifrar, *Elton Pendennis.*

— Acho que vocês estão dando muita importância a isso — disse Ramy quando Robin lhes mostrou o cartão. — Não me diga que você realmente irá.

— Não quero ser rude — disse Robin fracamente.

'Quem se importa se Pendennis acha que você é rude? Ele não te convidou pelos seus modos impecáveis, ele só quer ser amigo de alguém da Babel.'

— Obrigado, Ramy.

Ramy ignorou isso. 'A questão é: por que *você* ? Sou infinitamente mais encantador.

“Você não é gentil o suficiente”, disse Victoire. 'Robin é.'

“Não entendo o que alguém quer dizer com *gentil* ”, disse Ramy. — As pessoas sempre falam isso em referência aos nobres e bem-nascidos. Mas o que isso realmente *significa* ?

Significa apenas que você é muito rico?

“Quero dizer isso no contexto das boas maneiras”, disse Victoire.

“Muito engraçado”, disse Ramy. — Mas acho que o problema não são as boas maneiras.

É que Robin se passa por branco e nós não.

Robin não conseguia acreditar que eles estavam sendo tão rudes com isso. 'É impossível que eles queiram apenas minha companhia?'

'Não é impossível, apenas improvável. Você é horrível com pessoas que não conhece.

'Eu não sou.'

'Você também. Você sempre se cala e recua para um canto como se eles estivessem prestes a atirar em você. Ramy cruzou os braços e inclinou a cabeça. — Por que você quer jantar com eles?

'Não sei. É apenas uma festa de vinho.

'Uma festa de vinho, e depois?' Ramy persistiu. — Você acha que eles farão de você um dos rapazes? Você espera que eles o levem ao Bullingdon Club?

O clube em Bullingdon Green era um estabelecimento exclusivo de alimentação e esportes onde os jovens podiam passar a tarde caçando ou jogando críquete. A adesão foi atribuída por motivos misteriosos que pareciam estar fortemente correlacionados com riqueza e influência. Apesar de todo o prestígio de Babel, nenhum dos alunos de Babel que Robin conhecia tinha qualquer expectativa de ser convidado.

“Talvez”, disse Robin, só para contrariar. — Seria bom dar uma olhada lá dentro.

— Você está animado — acusou Ramy. 'Você espera que eles amem você.'

'Não há problema em admitir que você está com ciúmes.'

— Não venha chorar quando derramarem vinho na sua camisa e xingarem você.

Robin sorriu. — Você não vai defender minha honra?

Ramy deu um tapa em seu ombro. 'Roube um cinzeiro para mim; Vou penhorá-lo para pagar as batalhas de Jameson.

Por alguma razão, foi Letty quem se opôs veementemente à aceitação do convite de Pendennis por Robin. Quando eles saíram da cafeteria e foram para a biblioteca, muito depois de a conversa ter mudado para outro lugar, ela puxou o cotovelo dele até que eles recuaram vários passos atrás de Ramy e Victoire.

“Esses meninos não prestam”, disse ela. 'Eles são exuberantes, são indolentes, são más influências.'

Robin riu. — É apenas uma festa de vinho, Letty.

'Então por que você quer ir?' ela pressionou. — Você quase não bebe.

Ele não conseguia entender por que ela estava dando tanta importância a isso. — Estou apenas curioso, só isso. Provavelmente vai ser horrível.

“Então não apareça”, ela insistiu. 'Apenas jogue o cartão fora.'

'Bem, não, isso é rude. E eu realmente não tenho nada naquela noite. .

“Você poderia gastá-lo conosco”, disse ela. 'Ramy quer cozinhar alguma coisa.'

'Ramy está sempre cozinhando alguma coisa, e sempre tem um gosto horrível.'

— Ah, então você espera que eles o tragam para as fileiras? Ela arqueou uma sobrancelha. — Swift e Pendennis, amigos íntimos, é isso que vocês querem?

Ele sentiu uma onda de irritação. — Você está realmente com medo de que eu faça outros amigos? Acredite em mim, Letitia, nada poderia superar a sua companhia.

'Eu vejo.' Para seu choque, a voz dela falhou. Os olhos dela, ele notou, ficaram muito vermelhos. Ela estava prestes a chorar? O que havia de errado com ela? 'Então é assim que é.'

“É apenas uma festa do vinho”, disse ele, frustrado. — Qual é o problema, Letty?

— Não importa — disse ela, e acelerou o passo. 'Beba com quem você quiser.'

— Eu vou — ele retrucou, mas ela já o havia deixado para trás.

Às dez para as sete da sexta-feira seguinte, Robin vestiu seu belo casaco, tirou de debaixo da cama uma garrafa de vinho do Porto que comprara no Taylor's e foi até os apartamentos da Merton Street. Não teve dificuldade em encontrar os quartos de Elton Pendennis.

Mesmo antes de descer a rua, ele ouviu vozes altas e música de piano um tanto arrítmica flutuando pelas janelas.

Ele teve que bater várias vezes antes que alguém o ouvisse. A porta se abriu, revelando um garoto louro cujo nome Robin lembrava vagamente como St. Cloud.

— Ah — disse ele, olhando Robin de cima a baixo com os olhos semicerrados. Ele parecia bastante bêbado. 'Você veio.'

“Pareceu educado”, disse Robin. 'Como fui convidado?' Ele odiou como sua voz se transformou em uma pergunta.

St Cloud piscou para ele, depois se virou e gesticulou vagamente para dentro. 'Bem, vamos lá.'

Lá dentro, três outros meninos estavam sentados em espreguiçadeiras na sala de estar, que estava tão densa com a fumaça do charuto que Robin tossiu ao entrar.

Os meninos estavam todos amontoados em volta de Elton Pendennis como folhas em volta de uma flor. De perto, os relatos de sua boa aparência não pareciam nem um pouco exagerados. Ele era um dos homens mais bonitos que Robin já conhecera, uma encarnação do herói byroniano. Seus olhos semicerrados eram emoldurados por cílios grossos e escuros; seus lábios carnudos teriam parecido juvenis, como Letty acusou, se não fossem realçados por um queixo quadrado e forte.

“Não é a empresa, é o *tédio* ”, dizia ele. “Londres é divertida por um período, mas depois você começa a ver os mesmos rostos ano após ano, e as garotas nunca ficam mais bonitas, apenas mais velhas. Depois de ter ido a um baile, você pode ter ido a todos eles. Você sabe, um dos amigos do meu pai certa vez

prometeu aos seus conhecidos mais próximos que poderia animar suas reuniões. Ele preparou um jantar elaborado e depois contou aos seus servos saíssem e convidassem todos os mendigos e sem-teto que encontrassem. Quando os amigos dele chegaram, viram aqueles retardatários heterogêneos, bêbados de ponche e dançando nas mesas – foi hilário, eu gostaria de ter sido convidado.

A piada terminou aqui; o público riu na hora. Pendennis, com seu monólogo completo, ergueu os olhos. 'Ah, olá. Robin Swift, não é?

A essa altura, o otimismo hesitante de Robin de que este seria um bom momento havia evaporado. Ele se sentiu esgotado. 'Esse sou eu.'

“Elton Pendennis”, disse Pendennis, estendendo a mão para Robin apertar. 'Estamos muito felizes por você ter vindo.'

Ele apontou pela sala com seu charuto, soltando fumaça enquanto fazia as apresentações. 'Esse é Vincy Woolcombe.' Um garoto ruivo sentado ao lado de Pendennis acenou amigavelmente para Robin. 'Milton St Cloud, que tem fornecido nosso entretenimento musical.' O louro e sardento St. Cloud, que se sentara em frente ao piano, assentiu preguiçosamente e depois recomeçou a tocar uma sequência desafinada. — E

Colin Thornhill. . você o conhece.

- Somos vizinhos em Magpie Lane - disse Colin, entusiasmado. 'Robin está no quarto sete e eu sou o número três. .'

— Foi o que você disse — disse Pendennis. "Muitas vezes, na verdade."

Colin vacilou. Robin desejou que Ramy estivesse lá para ver; ele nunca conheceu alguém capaz de eviscerar Colin com um único olhar.

'Sedento?' Pendennis perguntou. Montada sobre a mesa havia uma coleção de bebidas tão rica que Robin ficou tonto ao olhar para ela. 'Sirva-se do que quiser. Nunca podemos concordar com a mesma bebida. Porto e xerez estão sendo decantados ali... ah, vejo que você trouxe alguma coisa, basta colocar na mesa. Pendennis nem sequer olhou para a garrafa. “Aqui está o absinto, ali está o rum – ah, só sobrou um pouco de gim, mas fique à vontade para terminar a garrafa, não está muito bom. E pedimos uma sobremesa no Sadler's, então, por favor, sirva-se, senão vai dar errado ficar sentado assim.

— Só um pouco de vinho — disse Robin. 'Se você tiver isso.'

Seus companheiros raramente bebiam juntos, por deferência a Ramy, e ele ainda não tinha adquirido o conhecimento detalhado dos tipos e marcas de álcool e o que a escolha da bebida dizia sobre o caráter de alguém. Mas o professor Lovell sempre bebia vinho no jantar, então o vinho parecia seguro.

'Claro. Tem clarete, ou porto e Madeira se quiser algo mais forte. Charuto?'

— Ah. . não, tudo bem, mas na Madeira está bom, obrigado. Robin retirou-se para o único assento vago, segurando um copo bem cheio.

— Então você é um Tagarela — disse Pendennis, recostando-se na cadeira.

Robin tomou um gole de vinho, tentando igualar o afeto apático de Pendennis. Como alguém fazia uma posição tão relaxada parecer tão elegante? 'É assim que eles nos chamam.'

'O que você faz? Chinês?'

“Mandarim é minha especialidade”, disse Robin. 'Embora eu também esteja estudando comparações com o japonês e, eventualmente, com o sânscrito. .'

— Então você é chinês? Pendennis pressionou. — Não tínhamos certeza. Acho que você parece inglês, mas Colin jurou que você era oriental.

— Nasci em Cantão — disse Robin pacientemente. — Embora eu diria que também sou inglês. .

“Eu conheço a China”, interrompeu Woolcombe. 'Kubla Khan.'

Houve uma pequena pausa.

— Sim — disse Robin, perguntando-se se aquela expressão deveria significar alguma coisa.

“O poema de Coleridge”, esclareceu Woolcombe. 'Uma obra de literatura muito oriental.

No entanto, de alguma forma, também é muito romântico.

— Que interessante — disse Robin, tentando ao máximo ser educado. 'Vou ter que ler.'

O silêncio desceu novamente. Robin sentiu alguma pressão para manter a conversa, então tentou mudar a questão. — Então, o que. . quero dizer, o que vocês vão fazer? Com seus diplomas, quero dizer.

Eles riram. Pendennis apoiou o queixo na mão. “ *Fazer* ”, ele falou lentamente, “é uma palavra muito proletária. Prefiro a vida da mente.

“Não dê ouvidos a ele”, disse Woolcombe. “Ele vai viver da sua propriedade e submeter todos os seus convidados a grandes observações filosóficas até morrer. Serei um clérigo e Colin um advogado. Milton vai ser médico, se conseguir ir a palestras.

'Então você não está treinando para nenhuma profissão aqui?' Robin perguntou a Pendennis.

- Eu escrevo - disse Pendennis com uma indiferença muito deliberada, tal como as pessoas que são muito vaidosas lançam fora pedaços de informação que esperam que se tornem objectos de fascínio. 'Eu escrevo poesia. Não produzi muito até agora. .

— Mostre a ele — gritou Colin, bem na hora. 'Mostre a ele. Robin, é tão profundo, espere até ouvir. .

'Tudo bem.' Pendennis inclinou-se para a frente, ainda fingindo relutância, e pegou uma pilha de papéis que Robin percebeu que estavam expostos na mesa de centro esse tempo todo. 'Agora, esta é uma resposta ao “Ozymandias” de Shelley, * que é como você sabe uma ode à devastação implacável do tempo contra todos os grandes impérios e seus legados.

Apenas argumentei que, na era moderna, os legados podem ser construídos para durar e, de facto, existem grandes homens deste tipo em Oxford, capazes de uma tarefa tão monumental. Ele limpou a garganta. ‘Abri com a mesma linha de Shelley – *conheci um viajante de uma terra antiga . . .*'

Robin recostou-se e bebeu o resto do seu vinho Madeira. Vários segundos se passaram antes que ele percebesse que o poema havia terminado e que sua avaliação era necessária.

“Temos tradutores trabalhando com poesia em Babel”, disse ele suavemente, por falta de algo melhor para dizer.

“É claro que não é a mesma coisa”, disse Pendennis. 'Traduzir poesia é para quem não tem o fogo criativo. Eles só podem buscar fama residual copiando o trabalho dos outros.'

Robin zombou. 'Não acho que isso seja verdade.'

— Você não saberia — disse Pendennis. 'Você não é um poeta.'

— Na verdade. . Robin mexeu na haste do copo por um momento, depois decidiu continuar falando. 'Acho que a tradução pode ser muito mais difícil do que a composição original em muitos aspectos. O poeta é livre para dizer o que quiser, veja você - ele pode escolher entre vários truques linguísticos no idioma em que está compondo. Escolha das palavras, ordem das palavras, som - todos eles importam, e sem nenhum deles a coisa toda desmorona. É por isso que Shelley escreve que traduzir poesia é tão sábio quanto lançar uma violeta num cadinho. * Portanto, o tradutor precisa ser tradutor, crítico literário e poeta ao mesmo tempo – ele deve ler o original bem o suficiente para compreender todo o mecanismo em jogo, para transmitir seu significado com a maior precisão possível. com a maior precisão possível e, em seguida, reorganizar o significado traduzido em uma estrutura esteticamente agradável na língua-alvo que, a seu ver, corresponda ao original. O

poeta corre desenfreado pela campina. O tradutor dança algemado.

No final desse discurso, Pendennis e seus amigos estavam olhando para ele, boquiabertos e confusos, como se não tivessem certeza do que fazer com ele.

“Dançando algemados”, disse Woolcombe após uma pausa. 'Isso é adorável.'

— Mas não sou poeta — disse Robin, um pouco mais cruelmente do que pretendia.

'Então, realmente o que eu sei?'

Sua ansiedade se dissipou completamente. Ele não se preocupava mais com a forma como se apresentava, se seu paletó estava bem abotoado ou se ele havia deixado migalhas no canto da boca. Ele não queria a aprovação de Pendennis.

Ele não se importava com a aprovação de nenhum desses garotos.

A verdade desse encontro o atingiu com tanta clareza que ele quase riu alto. Eles não o estavam avaliando como membro. Eles estavam tentando impressioná-lo – e ao impressioná-lo, para mostrar sua própria superioridade, para provar que ser um Tagarela não era tão bom quanto ser um dos amigos de Elton Pendennis.

Mas Robin não ficou impressionado. Foi este o auge da sociedade de Oxford? *Esse?* Ele sentiu muita pena deles – esses meninos que se consideravam estetas, que pensavam que suas vidas eram tão rarefeitas quanto a vida examinada poderia ser. Mas nunca gravariam uma palavra numa barra de prata e sentiriam o peso do seu significado reverberar nos dedos. Eles nunca mudariam a estrutura do mundo simplesmente desejando-o.

— Então é isso que lhe ensinam em Babel? Woolcombe pareceu um pouco impressionado. Ao que parece, ninguém jamais respondeu a Elton Pendennis.

— Isso e mais um pouco — disse Robin. Ele sentia uma onda inebriante toda vez que falava. Esses meninos não eram nada; ele poderia dizimá-los com uma palavra, se assim o desejasse. Ele poderia pular no sofá e jogar seu vinho contra as cortinas sem consequências, porque simplesmente não se importava. Essa onda de confiança inebriante era totalmente estranha para ele, mas era muito boa. “É claro que o verdadeiro objetivo de Babel é o trabalho com prata. Toda aquela história de poesia é apenas a teoria subjacente.

Ele estava falando de cabeça aqui. Ele tinha apenas uma ideia muito vaga da teoria subjacente ao trabalho com prata, mas o que quer que ele tivesse acabado de dizer soava bem e funcionava ainda melhor.

'Você já trabalhou com prata?' St Cloud pressionou. Pendennis lançou-lhe um olhar irritado, mas St Cloud persistiu. 'É difícil?'

“Ainda estou aprendendo o básico”, disse Robin. 'Temos dois anos de curso, depois um ano de aprendizado em um dos andares, e depois gravarei barras sozinho.'

'Você pode nos mostrar?' Pendennis perguntou. 'Eu poderia fazer isso?'

'Não funcionaria para você.'

'Por que não?' Pendennis perguntou. 'Eu sei latim e grego.'

“Você não os conhece bem o suficiente”, disse Robin. 'Você tem que viver e respirar uma língua, não apenas ler um texto de vez em quando. Você sonha em outras línguas além do inglês?'

'Você?' Pendennis revidou.

“Bem, é claro”, disse Robin. 'Afinal, sou chinês.'

A sala caiu mais uma vez em um silêncio incerto. Robin decidiu acabar com o sofrimento deles. “Obrigado pelo convite”, disse ele, levantando-se. — Mas eu deveria ir para a biblioteca.

- Claro - disse Pendennis. — Tenho certeza de que eles mantêm você muito ocupado.

Ninguém disse nada enquanto Robin pegava seu casaco. Pendennis observou-o preguiçosamente com os olhos semicerrados, sorvendo lentamente o seu Madeira. Colin

piscava muito rapidamente; sua boca se abriu uma ou duas vezes, mas não saiu nada.

Milton fez um gesto vago ao se levantar para acompanhá-lo até a porta, mas Robin acenou para que ele se sentasse.

'Você pode encontrar a saída?' Pendennis perguntou.

— Tenho certeza de que estou bem — Robin gritou por cima do ombro ao sair. ‘Este lugar não é tão grande.’

Na manhã seguinte, ele contou tudo ao seu grupo, provocando gargalhadas estrondosas.

“Recite o poema dele novamente para mim”, Victoire implorou. 'Por favor.'

“Não me lembro de tudo”, disse Robin. — Mas deixe-me pensar. . espere, sim, havia outra linha, *o sangue de uma nação corria em suas nobres bochechas ...*

'Não. . ah, Deus. .'

' *E o espírito de Waterloo no auge de sua viúva* ...'

“Não sei do que vocês estão falando”, disse Ramy. 'O homem é um gênio poético.'

Apenas Letty não riu. — Lamento que você não tenha se divertido — ela disse friamente.

— Você estava certo — disse Robin, tentando ser generoso. 'Eles são tolos, certo? Eu nunca deveria ter abandonado o seu lado, querida, doce e sóbria Letty. Você está sempre certo sobre tudo.

Letty não respondeu. Ela pegou os livros, tirou o pó das calças e saiu furiosa da Buttery.

Victoire levantou-se como se fosse persegui-la, então suspirou, balançou a cabeça e sentou-se.

— Deixe-a ir — disse Ramy. 'Não vamos estragar uma boa tarde.'

'Ela é sempre assim?' Robin perguntou. — Não vejo como você aguenta viver com ela.

– Você a irrita – disse Victoire.

'Não a defenda. .'

“Você tem”, disse Victoire. 'Vocês dois sabem, não finjam o contrário; você gosta de fazê-la explodir.

- Só porque ela é tão meticulosa o tempo todo - Ramy zombou. — Ela é uma pessoa totalmente diferente com você, ou você apenas se adaptou?

Victoire olhou para frente e para trás entre eles. Ela parecia estar tentando decidir alguma coisa. Então ela perguntou: 'Você sabia que ela tinha um irmão?'

— O quê, algum nababo de Calcutá? Ramy perguntou.

“Ele está morto”, disse Victoire. "Ele morreu há um ano."

'Oh.' Ramy piscou. 'Pena.'

“O nome dele era Lincoln. Lincoln e Letty Price. Eles eram tão próximos quando crianças que todos os amigos da família os chamavam de gêmeos. Ele veio para Oxford alguns anos antes dela, mas não tinha nem metade da cabeça para livros como ela, e em todos os feriados ele e o pai brigavam ferozmente por causa de como ele estava desperdiçando sua educação. Ele era muito mais parecido com Pendennis do que com qualquer um de nós, se é que você me entende. Uma noite ele saiu para beber. A polícia foi à casa de Letty na manhã seguinte e disse que havia encontrado o corpo de Lincoln debaixo de uma carroça. Ele havia adormecido na estrada e o motorista só o notou sob as rodas horas depois. Ele deve ter morrido antes do amanhecer.

Ramy e Robin ficaram quietos; nenhum dos dois conseguia pensar em nada para dizer.

Eles se sentiam como estudantes castigados, como se Victoire fosse sua governanta severa.

“Ela veio para Oxford alguns meses depois”, disse Victoire. 'Você sabia que a Babel tem um vestibular geral para candidatos que não são especialmente recomendados? Ela pegou e passou. Era o único corpo docente de Oxford que aceitava mulheres. Ela sempre quis vir para Babel – ela estudou para isso a vida toda – mas seu pai continuava recusando deixá-la ir para a escola. Só quando Lincoln morreu é que seu pai a deixou vir e ocupar seu lugar. É

ruim ter uma filha em Oxford, mas pior ainda é não ter nenhum filho em Oxford. Isso não é terrível?

— Eu não sabia — disse Robin, envergonhado.

“Acho que vocês dois não entendem muito bem como é difícil ser mulher aqui”, disse Victoire. “Eles são liberais no papel, certamente. Mas eles pensam muito pouco de nós.

Nossa senhoria vasculha nossas coisas quando estamos fora, como se estivesse procurando evidências de que tivemos amantes. Cada fraqueza que demonstramos é uma prova das piores teorias sobre nós, que dizem que somos frágeis, somos histéricos e somos naturalmente fracos demais para lidar com o tipo de trabalho que devemos fazer.

- Suponho que isso significa que devemos desculpá-la por andar constantemente por aí como se ela tivesse uma vara na bunda - murmurou Ramy.

Victoire lançou-lhe um olhar divertido. — Ela às vezes é insuportável, sim. Mas ela não está tentando ser cruel. Ela está com medo de que não deveria estar aqui. Ela está com medo de que todos desejem que ela seja seu irmão, e ela está com medo de ser mandada para casa se ela sair um pouco da linha. Acima de tudo, ela tem medo de que algum de vocês siga o caminho de Lincoln. Vá com calma com ela, vocês dois. Você não sabe quanto do comportamento dela é ditado pelo medo.

"O comportamento dela", disse Ramy, "é ditado pela auto-absorção."

'Seja como for, tenho que morar com ela.' O rosto de Victoire se contraiu; ela parecia muito irritada com os dois. 'Então me perdoe se eu tentar manter a paz.'

O mau humor de Letty nunca durava muito e ela logo expressou seu perdão tácito. Quando eles entraram no escritório da professora Playfair no dia seguinte, ela retribuiu o sorriso hesitante de Robin com o seu próprio. Victoire assentiu quando ele olhou em sua direção.

Parecia que todos estavam na mesma página; Letty sabia que Robin e Ramy sabiam, ela sabia que eles sentiam muito, e ela mesma sentia muito e estava mais do que um pouco envergonhada por ter sido tão dramática. Não havia mais nada a ser dito.

Enquanto isso, havia debates mais emocionantes. Na aula do professor Playfair naquele período, eles estavam presos à ideia de fidelidade.

“Os tradutores são sempre acusados de falta de fé”, vociferou o professor Playfair.

'Então o que isso implica, essa fidelidade? Fidelidade a quem? O texto? A audiência? O

autor? A fidelidade está separada do estilo? Da beleza? Comecemos com o que Dryden escreveu sobre a *Eneida* . *Esforcei-me para fazer com que Virgil falasse o inglês que ele falaria. ele mesmo teria falado, se tivesse nascido na Inglaterra, e nesta época* .' Ele olhou ao redor da sala de aula. 'Alguém aqui acha que isso é fidelidade?'

“Eu mordo”, disse Ramy. — Não, não acho que isso possa estar certo. Virgílio pertencia a um determinado tempo e lugar. Não é mais infiel despojar-se de tudo isso, fazê-lo falar como qualquer inglês que você possa encontrar na rua?

A professora Playfair encolheu os ombros. “Não é também infiel fazer com que Virgílio pareça um estrangeiro enfadonho, em vez de um homem com quem você teria prazer em conversar? Ou, como fez Guthrie, escalar Cícero como membro do Parlamento Inglês? Mas confesso que estes métodos são questionáveis. Você leva as coisas longe demais e obtém algo como a tradução da *Ilíada de Pope* .

“Achei que Pope fosse um dos maiores poetas de seu tempo”, disse Letty.

“Talvez em seu trabalho original”, disse o professor Playfair. “Mas ele injeta tantos britanismos no texto que faz Homero parecer um aristocrata inglês do século XVIII.

Certamente isto não acompanha a nossa imagem dos gregos e troianos em guerra.'

“Parece a típica arrogância inglesa”, disse Ramy.

“Não são apenas os ingleses que fazem isso”, disse o professor Playfair. 'Lembre-se de como Herder ataca os neoclássicos franceses por fazerem Homero um prisioneiro, vestido com roupas francesas e seguindo os costumes franceses, para não ofender. E todos os tradutores conhecidos na Pérsia favoreceram o “espírito” da tradução em vez da precisão palavra por palavra – na verdade, muitas vezes acharam apropriado mudar os nomes europeus para persa e substituir aforismos nas línguas-alvo por versos e provérbios persas. . Isso foi errado, você acha? Infiel?'

Ramy não teve resposta.

O professor Playfair continuou. “Não existe uma resposta certa, é claro. Nenhum dos teóricos anteriores a você também o resolveu. Este é o debate contínuo em nosso campo.

Schleiermacher argumentou que as traduções deveriam ser suficientemente antinaturais para que se apresentassem claramente como textos estrangeiros. Ele argumentou que havia duas opções: ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o

leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e move o autor em sua direção. Schleiermacher escolheu o primeiro. No entanto, a tendência dominante na Inglaterra agora é a última – fazer com que as traduções pareçam tão naturais para o leitor inglês que não sejam lidas como traduções.

'O que parece certo para você? Tentamos ao máximo, como tradutores, tornar-nos invisíveis? Ou lembramos ao nosso leitor que o que ele está lendo não foi escrito na sua língua nativa?'

“Essa é uma pergunta impossível”, disse Victoire. 'Ou você situa o texto em seu tempo e lugar, ou o traz para onde você está, aqui e agora. Você está sempre desistindo de alguma coisa.

'Será então uma tradução fiel impossível?' Professor Playfair desafiou. 'Nunca poderemos nos comunicar com integridade através do tempo, através do espaço?'

- Suponho que não - disse Victoire com relutância.

'Mas qual é o oposto de fidelidade?' perguntou o professor Playfair. Ele estava se aproximando do fim dessa dialética; agora ele só precisava encerrar tudo com um soco.

'Traição. Tradução significa violentar o original, significa deformá-lo e distorcê-lo para olhares estranhos e não intencionais. Então, onde isso nos deixa? Como podemos concluir, exceto reconhecendo que um ato de tradução é necessariamente sempre um ato de traição?'

Ele encerrou esta declaração profunda como sempre fazia, olhando cada um deles por vez. E quando os olhos de Robin encontraram os do professor Playfair, ele sentiu uma profunda e amarga sensação de culpa nas entranhas.

Capítulo Nove

Os tradutores são da mesma raça infiel e impassível de sempre: a partícula de ouro que eles nos trazem está escondida de todos, exceto do olhar mais paciente, entre carregamentos de areia amarela e enxofre.

T HOMAS C ARLYLE , 'Estado da Literatura Alemã'

Babel não fizeram os exames de qualificação até o final do terceiro ano, então

Trinity passou voando sem mais nem menos estresse do que nos dois períodos anteriores. Em algum lugar nessa enxurrada de artigos, leituras e tentativas frustradas de aperfeiçoar o curry de batata de Ramy, o primeiro ano deles chegou ao fim.

Era costume que os alunos do segundo ano viajassem para o exterior durante o verão para imersão no idioma. Ramy passou junho e julho em Madrid aprendendo espanhol e estudando os arquivos omíadas. Letty foi para Frankfurt, onde aparentemente não leu nada além da incompreensível filosofia alemã, e Victoire para Estrasburgo, de onde voltou com opiniões insuportáveis sobre comida e bons restaurantes. * Robin esperava ter a oportunidade de visitar o Japão naquele verão, mas em vez disso foi enviado para o Colégio Anglo-Chinês em Malaca para manter seu mandarim. O colégio, administrado por missionários protestantes, impunha uma rotina exaustiva de orações, leituras de clássicos e cursos de medicina, filosofia moral e lógica. Ele nunca teve a oportunidade de sair do complexo para a rua Heeren, onde moravam os residentes chineses; em vez disso, aquelas semanas foram um fluxo ininterrupto de sol, areia e intermináveis reuniões de estudo bíblico entre protestantes brancos.

Ele ficou muito feliz quando o verão terminou. Todos voltaram para Oxford escurecidos pelo sol e pelo menos uma pedra mais pesados cada um por comerem melhor do que antes.

Ainda assim, nenhum deles teria estendido seus intervalos se pudessem. Eles sentiram falta um do outro, sentiram falta de Oxford com sua chuva e comida horrível, e sentiram falta do rigor acadêmico de Babel. Suas mentes, enriquecidas com novos sons e palavras, eram como músculos elegantes esperando para serem alongados.

Eles estavam prontos para fazer mágica.

Este ano, eles finalmente tiveram acesso ao departamento de ourivesaria. Eles não seriam autorizados a fazer suas próprias gravuras até o quarto ano, mas neste período começariam um curso teórico preparatório chamado Etimologia – ministrado, Robin aprendeu com certa apreensão, pelo professor Lovell.

No primeiro dia de aula, eles subiram ao oitavo andar para um seminário introdutório especial com o professor Playfair.

'Bem vindo de volta.' Normalmente ele dava palestras vestindo um terno

simples, mas hoje ele vestiu um vestido preto de mestre com borlas que balançavam dramaticamente em torno de seus tornozelos. 'A última vez que você teve permissão para entrar neste andar,

você viu a extensão da magia que criamos aqui. Hoje, vamos desmantelar seus mistérios.

Sente-se.'

Eles se acomodaram em cadeiras nas estações de trabalho mais próximas. Letty afastou uma pilha de livros para poder ver melhor, mas o professor Playfair gritou de repente: —

Não toque nisso.

Letty se encolheu. 'Perdão?'

“Essa é a mesa de Evie”, disse o professor Playfair. 'Você não consegue ver a placa?'

Na verdade, havia uma pequena placa de bronze afixada na frente da mesa. Eles esticaram o pescoço para ler. *Secretária pertencente a Eveline Brooke* , dizia. *Não toque.*

Letty juntou suas coisas, levantou-se e sentou-se ao lado de Ramy. — Sinto muito — ela murmurou, com as bochechas vermelhas.

Eles ficaram em silêncio por um momento, sem saber o que fazer. Eles nunca tinham visto o professor Playfair tão chateado. Mas de forma igualmente abrupta, suas feições se reorganizaram de volta ao calor normal e, com um leve salto, ele começou a dar sermões como se nada tivesse acontecido.

«O princípio fundamental subjacente ao trabalho com prata é a intraduzibilidade.

Quando dizemos que uma palavra ou frase é intraduzível, queremos dizer que lhe falta um equivalente preciso em outra língua. Mesmo que seu significado possa ser parcialmente capturado em diversas palavras ou frases, algo ainda está perdido – algo que cai em lacunas semânticas que são, obviamente, criadas por diferenças culturais na experiência vivida.

Vejamos o conceito chinês *dao* , que às vezes traduzimos como “o caminho”, “o caminho” ou

“o modo como as coisas deveriam ser”. No entanto, nada disso resume verdadeiramente o significado de *dao* , uma pequena palavra que requer um livro filosófico inteiro para ser explicada. Você está comigo até agora?

Eles assentiram. Isso nada mais era do que a tese que o professor Playfair havia martelado em suas cabeças durante todo o semestre passado – que toda tradução envolvia algum grau de distorção. Finalmente, parecia que eles iriam fazer algo com essa distorção.

'Nenhuma tradução pode transmitir perfeitamente o significado do original. Mas o que é significado? O *significado* se refere a algo que substitui as palavras que usamos para descrever o nosso mundo? Eu acho que, intuitivamente, sim. Caso contrário, não teríamos base para criticar uma tradução como precisa ou imprecisa, não sem uma sensação indescritível do que lhe faltava. Humboldt, * por exemplo, argumenta que as palavras estão ligadas aos conceitos que descrevem por algo invisível, intangível – um reino místico de significados e ideias, que emana de uma energia mental pura que só toma forma quando lhe atribuímos um significante imperfeito.'

O professor Playfair bateu na mesa à sua frente, onde uma série de barras de prata, tanto em branco quanto gravadas, haviam sido dispostas em uma fileira organizada. 'Esse reino puro de significado – seja lá o que for, onde quer que exista – é o núcleo da nossa arte.

Os princípios básicos do trabalho com prata são muito simples. Você inscreve uma palavra ou frase em um idioma de um lado e uma palavra ou frase correspondente em um idioma diferente do outro. Como a tradução nunca pode ser perfeita, as distorções necessárias – os significados perdidos ou distorcidos na viagem – são detectadas e depois manifestadas pela prata. E isso, queridos estudantes, é o mais próximo da magia que qualquer coisa no domínio das ciências naturais. Ele os avaliou. 'Você ainda está comigo?'

Eles pareciam mais inseguros agora.

“Acho que sim, professor”, disse Victoire. 'Se você nos desse um exemplo. . .'

'Claro.' O professor Playfair pegou a barra da extrema direita. 'Vendemos alguns

exemplares desta barra para pescadores. O grego *kárabos* tem vários significados diferentes, incluindo “barco”, “caranguejo” ou “besouro”. De onde você acha que vêm as associações?'

'Função?' Ramy se aventurou. 'Os barcos eram usados para pegar caranguejos?'

'Boa tentativa, mas não.'

“A forma”, Robin adivinhou. Enquanto ele falava, fazia mais sentido. 'Pense em uma galera com fileiras de remos. Eles pareceriam perninhas correndo, não é? Espere – scuttle, remador. . .'

— Você está se deixando levar, Sr. Swift. Mas você está no caminho certo. Concentre-se em *kárabos* por enquanto. Dos *kárabos* obtemos *a caravela* , que é um navio rápido e leve.

Ambas as palavras significam “navio”, mas apenas *kárabos* mantém as associações com criaturas marinhas no grego original. Você está acompanhando?

Eles assentiram.

Bateu nas pontas da barra, onde estavam escritas em lados opostos as palavras *kárabos* e *caravela* . “Afixe isto em um navio de pesca e você descobrirá que ele rende uma carga melhor do que qualquer uma de suas embarcações irmãs. Estas barras eram bastante populares no século passado, até que o uso excessivo significou que o rendimento da pesca caiu para o que era antes. As barras podem distorcer a realidade até certo ponto, mas não podem materializar novos peixes. Você precisaria de uma palavra melhor para isso. Tudo isso está começando a fazer sentido?

Eles assentiram novamente.

'Agora, esta é uma das nossas barras mais replicadas. Você os encontrará nas malas dos médicos por toda a Inglaterra. Ele levantou a segunda barra à direita. ' *Triáculo* e *melaço* .'

Robin recuou, assustado. Foi a barra, ou uma cópia da barra, que o professor Lovell usou para salvá-lo em Cantão. A primeira prata encantada que ele tocou.

'É mais frequentemente usado para criar um remédio caseiro açucarado que atua

como antídoto para a maioria dos tipos de veneno. Uma descoberta engenhosa de uma estudante chamada Evie Brooke – sim, aquela Evie – que percebeu a palavra *melaço* foi registrada pela primeira vez no século XVII em relação ao uso pesado de açúcar para disfarçar o gosto ruim dos remédios. Ela então atribuiu isso ao francês antigo *triacle* , que significa “antídoto”

ou “cura para picada de cobra”, depois ao latim *theriaca* e, finalmente, ao grego *theriake* , ambos significando “antídoto”.

“Mas o par é apenas entre ingleses e franceses”, disse Victoire. 'Como-'

“Encadeamento”, disse o professor Playfair. Ele virou a barra para mostrar-lhes o latim e o grego gravados nas laterais. “É uma técnica que invoca etimologias mais antigas como guias, conduzindo o significado através de quilômetros e séculos. Você também pode pensar nisso como apostas extras para uma barraca. Isso mantém tudo estável e nos ajuda a identificar com precisão a distorção que estamos tentando capturar. Mas essa é uma técnica bastante avançada – não se preocupe com isso por enquanto.'

Ele levantou a terceira barra à direita. 'Aqui está algo que eu inventei recentemente, encomendado ao duque de Wellington.' Ele pronunciou isso com evidente orgulho. 'A palavra grega *idiótes* pode significar um tolo, como o nosso *idiota* implica. Mas também carrega a definição de alguém que é privado, não envolvido nos assuntos mundanos – a sua

idiotice não deriva da falta de faculdades naturais, mas da ignorância e da falta de educação. Quando traduzimos *idiótes* para *idiota* , tem o efeito de retirar conhecimento.

Essa barra, então, pode fazer você esquecer, de forma bastante abrupta, coisas que você pensava ter aprendido. Muito bom quando você está tentando fazer com que os espiões inimigos esqueçam o que viram. *

O professor Playfair abaixou a barra. 'Então é isso. É tudo muito fácil depois de compreender o princípio básico. Capturamos o que se perde na tradução – pois sempre há algo que se perde na tradução – e a barra manifesta isso. Simples o suficiente?'

“Mas isso é absurdamente poderoso”, disse Letty. 'Você poderia fazer qualquer coisa com essas barras. Você poderia ser Deus. .

— Não exatamente, senhorita Price. Somos restringidos pela evolução natural das línguas. Mesmo palavras que divergem em significado ainda têm uma relação bastante estreita entre si. Isso limita a magnitude da mudança que as barras podem efetuar. Por exemplo, você não pode usá-los para trazer de volta os mortos, porque não encontramos um bom par numa língua onde a vida e a morte não se opõem. Além disso, há uma outra limitação bastante severa para as grades – uma limitação que impede todos os camponeses da Inglaterra de correrem por aí empunhando-as como se fossem talismãs. Alguém consegue adivinhar o que é?

Victória levantou a mão. 'Você precisa de um falante fluente.'

“Muito bem”, disse o professor Playfair. 'As palavras não têm significado a menos que haja alguém presente que possa compreendê-las. E não pode ser um nível superficial de compreensão – não se pode simplesmente dizer a um agricultor o que significa *triacle* em francês e esperar que a barra funcione. Você precisa ser capaz de pensar em um idioma –

vivê-lo e respirá-lo, e não apenas reconhecê-lo como um punhado de letras em uma página.

É também por isso que as línguas inventadas * nunca funcionarão, e é por isso que línguas antigas como o inglês antigo perderam o seu efeito. O inglês antigo seria o sonho de qualquer ourives – temos dicionários tão extensos e podemos traçar a etimologia com bastante clareza, de modo que as barras seriam maravilhosamente exatas. Mas ninguém pensa em inglês antigo. Ninguém vive e respira no inglês antigo. É em parte por esta razão que a educação clássica em Oxford é tão rigorosa. A fluência em latim e grego ainda é obrigatória para muitos cursos, embora os reformadores tenham agitado durante anos para que abandonássemos esses requisitos. Mas se algum dia fizéssemos isso, metade das barras de prata em Oxford deixariam de funcionar.

“É por isso que estamos aqui”, disse Ramy. 'Já somos fluentes.'

— É por isso que você está aqui — concordou o professor Playfair. 'Os meninos de Psammetichus. Não é maravilhoso deter tal poder em virtude de seu nascimento estrangeiro? Sou muito bom com novos idiomas, mas levaria anos para invocar o urdu da maneira que você faz, sem hesitação.

'Como funcionam as barras se um falante fluente deve estar presente?' Victória

perguntou. 'Eles não deveriam perder o efeito assim que o tradutor sai da sala?'

'Muito boa pergunta.' O professor Playfair ergueu o primeiro e o segundo compassos.

Colocada lado a lado, a segunda barra era claramente um pouco mais longa que a primeira.

— Agora você levantou a questão da resistência. Várias coisas afetam a resistência do efeito de uma barra. O primeiro é a concentração e a quantidade de prata. Ambas as barras têm mais de noventa por cento de prata – o resto é de cobre liga, que é frequentemente usada

em moedas – mas a barra *triáculo* é cerca de vinte por cento maior, o que significa que durará alguns meses a mais, dependendo da frequência e intensidade do uso.

Ele abaixou as barras. “Muitos dos bares mais baratos que você vê em Londres não duram tanto. Muito poucos deles são realmente prateados. Mais frequentemente, eles são apenas um fino brilho de revestimento prateado sobre madeira ou algum outro metal barato. Eles ficam sem carga em questão de semanas, após o que precisam ser retocados, como dissemos.

'Por uma taxa?' Robin perguntou.

A professora Playfair assentiu, sorrindo. 'Algo tem que pagar pelos seus salários.'

'Então isso é tudo que é preciso para manter um bar?' perguntou Letty. 'Basta ter um tradutor para falar as palavras do par?'

“É um pouco mais complicado do que isso”, disse o professor Playfair. 'Às vezes as gravuras têm que ser reinscritas, ou as barras têm que ser recolocadas. .'

'Quanto você cobra por esses serviços?' Letty pressionou. — Uma dúzia de xelins, ouvi dizer? Vale mesmo a pena fazer um pequeno retoque?'

O sorriso do professor Playfair se alargou. Ele parecia um garoto que foi pego enfiando o dedo numa torta. 'Vale a pena realizar o que o público em geral considera mágica, não é?'

'Então a despesa foi inteiramente inventada?' Robin perguntou.

Isso saiu de forma mais nítida do que ele pretendia. Mas ele estava pensando, então, na peste colérica que varreu Londres; de como a Sra. Piper explicou que os pobres simplesmente não podiam ser ajudados, pois o trabalho em prata era terrivelmente caro.

'Oh sim.' O professor Playfair pareceu achar tudo isso muito engraçado. 'Nós guardamos os segredos e podemos definir os termos que quisermos. Essa é a beleza de ser mais inteligente do que todos os outros. Agora, uma última coisa antes de concluirmos. Ele pegou uma barra em branco brilhante do outro lado da mesa. 'Devo emitir um aviso. Existe um par que você nunca, jamais, deve tentar. Alguém consegue adivinhar o que é isso?

“O bem e o mal”, disse Letty.

'Bom palpite, mas não.'

“Os nomes de Deus”, disse Ramy.

'Nós confiamos que você não será tão estúpido. Não, este é mais complicado.

Ninguém mais tinha a resposta.

“É tradução”, disse o professor Playfair. 'Simplesmente, as palavras para a tradução em si.'

Enquanto falava, ele gravou rapidamente uma palavra em um lado da barra e depois mostrou o que havia escrito: *Traduzir* .

'O verbo *traduzir* tem conotações ligeiramente diferentes em cada idioma. As palavras inglesas, espanholas e francesas – *traduzir* , *traducir* e *traduire* – vêm do latim *translat* , que significa “transportar”. Mas obtemos algo diferente quando ultrapassamos as línguas românicas. Ele começou a inscrever um novo conjunto de letras no outro lado. 'O chinês *fānyì* , por exemplo, conota virar ou virar algo, enquanto o segundo caractere *yì* vem com uma conotação de mudança e troca. Em árabe, *tarjama* pode referir-se tanto à biografia quanto à tradução. Em sânscrito, a palavra para tradução é *anuvad* , que também significa

“dizer ou repetir uma e outra vez”. A diferença aqui é temporal, e não a metáfora

espacial do latim. Em Igbo, as duas palavras para tradução – *tapia* e *kowa* – envolvem narração, desconstrução e reconstrução, uma quebra em pedaços que torna possível uma mudança

na forma. E assim por diante. As diferenças e suas implicações são infinitas. Como tal, não existem línguas em que a tradução signifique exatamente a mesma coisa.'

Ele mostrou-lhes o que havia escrito do outro lado. Italiano- *tradurre* . Ele colocou na mesa.

“Traduza”, ele disse. ' *Tradurre* .'

No momento em que tirou a mão do balcão, ela começou a tremer.

Espantados, eles observaram o bar tremer com violência cada vez maior. Foi horrível testemunhar. O bar parecia ter ganhado vida, como se estivesse possuído por algum espírito que tentava desesperadamente se libertar, ou pelo menos se separar. Não fez nenhum som além de um barulho feroz contra a mesa, mas Robin ouviu em sua mente um grito torturado e acompanhante.

“O par de tradução cria um paradoxo”, disse o professor Playfair calmamente quando a barra começou a tremer com tanta força que saltou a centímetros da mesa. 'Tenta criar uma tradução mais pura, algo que se alinhe com as metáforas associadas a cada palavra, mas isso é obviamente impossível, porque não são possíveis traduções perfeitas.'

Rachaduras se formaram na barra, veias finas que se ramificaram, se dividiram e se alargaram.

'A manifestação não tem para onde ir, exceto o próprio bar. Assim, cria-se um ciclo contínuo até que, finalmente, a barra quebra. E . . . isto acontece.'

A barra saltou alto no ar e se quebrou em centenas de minúsculos pedaços que se espalharam pelas mesas, pelas cadeiras, pelo chão. A coorte de Robin recuou, estremecendo. O professor Playfair não piscou. 'Não tente. Nem por curiosidade. Esta prata

— ele chutou um dos cacos caídos — não pode ser reutilizada. Mesmo que seja derretido e reforjado, qualquer barra feita com pelo menos 30 gramas dele será

impotente. Pior ainda, o efeito é contagioso. Você ativa a barra quando ela está sobre uma pilha de prata e ela se espalha para tudo com que estiver em contato. Uma maneira fácil de desperdiçar algumas dezenas de quilos se você não tomar cuidado. Ele colocou a caneta de gravação de volta na mesa de trabalho. 'Isso está entendido?'

Eles assentiram.

'Bom. Nunca se esqueça disso. A viabilidade última da tradução é uma questão filosófica fascinante – é, afinal, o que está no cerne da história de Babel. Mas é melhor deixar essas questões teóricas para a sala de aula. Não para experimentos que possam derrubar o prédio.

“Anthony estava certo”, disse Victoire. 'Por que alguém se preocuparia com o Departamento de Literatura quando há trabalho com prata?'

Eles se sentaram em volta de sua mesa normal no Buttery, sentindo-se um tanto tontos de poder. Eles vinham repetindo os mesmos sentimentos sobre o trabalho com prata desde que as aulas terminaram, mas isso não importava; tudo parecia tão novo, tão incrível. O

mundo inteiro parecia diferente quando saíram da torre. Eles entraram na casa do mago, observaram-no preparar suas poções e lançar seus feitiços, e agora nada os satisfaria até que eles próprios tentassem.

'Eu ouvi meu nome?' Anthony deslizou no assento ao lado de Robin. Ele olhou para seus rostos e sorriu com conhecimento de causa. 'Oh, eu me lembro desse olhar. Playfair fez uma demonstração para você hoje?

'É isso que você faz o dia todo?' Victoire perguntou a ele com entusiasmo. 'Mexer com pares?'

“Perto o suficiente”, disse Anthony. “Envolve muito mais folhear dicionários etimológicos do que mexer em si, mas uma vez que você aprende algo que pode funcionar, as coisas ficam realmente divertidas. No momento estou brincando com um par que acho que pode ser útil em padarias. *Farinha* e *flor* .

'Essas não são apenas palavras totalmente diferentes?' perguntou Letty.

“Você poderia pensar”, disse Anthony. 'Mas se você voltar ao original anglo-

francês do século XIII, descobrirá que originalmente eram a mesma palavra - *flor* simplesmente se referia à parte mais fina do grão refeição. Com o tempo, *flor* e *farinha* divergiram para representar objetos diferentes. Mas se essa barra funcionar bem, poderei instalá-la em fresadoras para refinar a farinha com mais eficiência.' Ele suspirou. 'Não tenho certeza se isso vai funcionar. Mas espero uma vida inteira de scones grátis do Vaults, se isso acontecer.

'Você recebe royalties?' perguntou Vitória. — Toda vez que eles fazem uma cópia das suas barras, quero dizer?

'Oh não. Recebo uma quantia modesta, mas todos os lucros vão para a torre. No entanto, eles adicionam meu nome ao registro de pares. Eu tenho seis lá até agora. E há apenas cerca de mil e duzentos pares ativos atualmente em uso em todo o Império, então esse é o maior prêmio acadêmico que você pode reivindicar. Melhor do que publicar um artigo em qualquer outro lugar.

“Espere aí”, disse Ramy. — Mil e duzentos não é muito pouco? Quero dizer, os pares estão em uso desde o Império Romano, então como. .

'Como é que não cobrimos o país com prata expressando todos os pares possíveis?'

— Certo — disse Ramy. 'Ou pelo menos, venha com mais de mil e duzentos.'

“Bem, pense nisso”, disse Anthony. 'O problema deveria ser óbvio. As línguas afetam umas às outras; eles injetam um novo significado um no outro e, como a água que sai de uma represa, quanto mais porosas forem as barreiras, mais fraca será a força. A maioria das barras de prata que movem Londres são traduções do latim, francês e alemão. Mas essas barras estão perdendo eficácia. À medida que o fluxo linguístico se espalha pelos continentes – à medida que palavras como *saute* e *gratin* se tornam uma parte padrão do léxico inglês – a distorção semântica perde a sua potência.'

“O professor Lovell me contou algo parecido”, disse Robin, lembrando-se. 'Ele está convencido de que as línguas românicas produzirão menos retornos com o passar do tempo.'

“Ele está certo”, disse Anthony. «Muita coisa foi traduzida de outras línguas europeias para o inglês e vice-versa neste século. Parecemos incapazes de abandonar a nossa dependência dos alemães e dos seus filósofos, ou dos

italianos e dos seus poetas. Então, Línguas Românicas é realmente o ramo mais ameaçado da faculdade, por mais que eles queiram fingir que são os donos do prédio. Os Clássicos também estão ficando menos promissores. O latim e o grego vão durar um pouco, já que a fluência em ambos ainda é competência das elites, mas o latim, pelo menos, está se tornando mais coloquial do que

você imagina. Em algum lugar no oitavo andar há um pós-doutorado trabalhando em um renascimento do Manx e do Cornish, mas ninguém acha que isso terá sucesso. O mesmo acontece com o gaélico, mas não conte a Cathy. É por isso que vocês três são tão valiosos.

Anthony apontou para todos eles, exceto Letty. — Você conhece línguas que eles ainda não exploraram até a exaustão.

'Quanto a mim?' Letty disse indignada.

“Bem, por um momento você está bem, mas apenas porque a Grã-Bretanha desenvolveu seu senso de identidade nacional em oposição aos franceses. Os franceses são pagãos supersticiosos; somos protestantes. Os franceses usam sapatos de madeira, por isso usamos couro. Ainda resistiremos à incursão francesa na nossa língua. Mas na verdade são as colónias e as semi-colónias – Robin e a China, Ramy e a Índia; rapazes, vocês são um território desconhecido. Você é o motivo pelo qual todos estão brigando.

“Você diz isso como se fosse um recurso”, disse Ramy.

'Bem, certamente. A linguagem é um recurso como o ouro e a prata. Pessoas lutaram e morreram por causa dessas Grammaticas.

“Mas isso é um absurdo”, disse Letty. 'A linguagem são apenas palavras, apenas pensamentos – você não pode restringir o uso de uma linguagem.'

'Você não pode?' perguntou Antônio. 'Você sabia que a punição oficial na China por ensinar mandarim a um estrangeiro é a morte?'

Letty virou-se para Robin. 'Isso é verdade?'

— Acho que sim — disse Robin. 'O professor Chakravarti me disse a mesma coisa. O

governo Qing está. . eles estão assustados. Eles têm medo do exterior.

'Você vê?' perguntou Antônio. 'As línguas não são feitas apenas de palavras. São modos de olhar o mundo. Eles são as chaves da civilização. E vale a pena matar por esse conhecimento.

'Palavras contam histórias.' Foi assim que o professor Lovell abriu a primeira aula daquela tarde, realizada numa sala vazia e sem janelas no quinto andar da torre. «Especificamente, a história dessas palavras – como passaram a ser utilizadas e como os seus significados se transformaram no que significam hoje – diz-nos tanto sobre um povo, se não mais, do que qualquer outro tipo de artefacto histórico. Pegue a palavra *patife* . De onde você acha que isso vem?

'Jogando cartas, certo? Você tem seu rei, rainha. . .' Letty sobressaltou-se, mas interrompeu-se ao perceber que a discussão era circular. — Ah, não importa.

O professor Lovell balançou a cabeça. 'O inglês antigo *cnafa* refere-se a um servo ou jovem servo. Confirmamos isso com seu cognato alemão *Knabe* , que é um termo antigo para *menino* . Portanto, os patifes eram originalmente meninos que cuidavam dos cavaleiros. Mas quando a instituição da cavalaria ruiu no final do século XVI, e quando os senhores perceberam que poderiam contratar exércitos profissionais mais baratos e melhores, centenas de patifes ficaram desempregados. Então eles fizeram o que qualquer jovem sem sorte faria – eles se envolveram com salteadores e ladrões e se tornaram os canalhas que hoje rotulamos como patifes. Portanto, a história da palavra não descreve apenas uma mudança na linguagem, mas uma mudança em toda uma ordem social".

O professor Lovell não era um conferencista apaixonado nem um artista nato. Ele parecia pouco à vontade diante de uma plateia; seus movimentos eram afetados e abruptos, e ele falava de maneira seca, sombria e direta. Ainda assim, cada palavra que saiu de sua boca foi perfeitamente cronometrada, bem considerada e fascinante.

Nos dias anteriores a esta palestra, Robin temia ter aulas com seu tutor. Mas acabou não sendo estranho ou constrangedor. O professor Lovell tratou-o tal como o tratava diante dos outros em Hampstead: distante, formal, os olhos sempre percorrendo o rosto de Robin sem pousar, como se o espaço onde ele existia não pudesse ser visto.

etimologia vem do grego étymon", continuou o professor Lovell. 'O verdadeiro

sentido de uma palavra, de *étumos* , o “verdadeiro ou atual”. Portanto, podemos pensar na etimologia como um exercício para rastrear até que ponto uma palavra se desviou das suas raízes. Pois eles viajam distâncias maravilhosas, tanto literal como metaforicamente.' Ele olhou de repente para Robin. 'Qual é a palavra para uma grande tempestade em mandarim?'

Robin deu um pulo. 'Ah – *fēngbào* ?' *

'Não, me dê algo maior.'

' *Táifeng* ?' *

'Bom.' O professor Lovell apontou para Victoire. 'E que padrões climáticos estão sempre flutuando no Caribe?'

— Tufões — disse ela, depois piscou. ' *Taifeng* ? Tufão? Como-'

“Começamos com o greco-latino”, disse o professor Lovell. 'Tifão era um monstro, um dos filhos de Gaia e do Tártaro, uma criatura devastadora com cem cabeças de serpente. Em algum momento ele se associou com ventos violentos, porque mais tarde os árabes começaram a usar *tūfān* para descrever tempestades violentas e ventosas. Do árabe passou para o português, que foi trazido para a China em navios de exploradores.

“Mas *táifēng* não é apenas um empréstimo”, disse Robin. 'Significa algo em chinês - *tái* é ótimo e *fēng* é vento-'

— E você não acha que os chineses poderiam ter inventado uma transliteração que tivesse significado próprio? perguntou o professor Lovell. 'Isso acontece o tempo todo. Os calques fonológicos também são frequentemente calques semânticos. As palavras se espalham. E você pode traçar pontos de contato da história humana a partir de palavras que têm pronúncias estranhamente semelhantes. As línguas são apenas conjuntos mutáveis de símbolos – suficientemente estáveis para tornar possível o discurso mútuo, mas suficientemente fluidos para reflectir as dinâmicas sociais em mudança. Quando invocamos palavras em prata, lembramos que a história está em mudança.'

Letty levantou a mão. 'Tenho uma pergunta sobre método.'

'Prossiga.'

“A pesquisa histórica está muito bem”, disse Letty. 'Tudo que você precisa fazer é olhar artefatos, documentos e assim por diante. Mas como você pesquisa a história das *palavras* ?

Como você determina a distância que eles viajaram?

O professor Lovell pareceu muito satisfeito com esta pergunta. “Lendo”, ele disse. 'Não há outra maneira de contornar isso. Você compila todas as fontes que consegue encontrar e depois se senta para resolver quebra-cabeças. Você procura padrões e irregularidades.

Sabemos, por exemplo, que o *m latino final* não era pronunciado nos tempos clássicos, porque as inscrições em Pompeia estão escritas incorretamente de uma forma que omite o

m . É assim que identificamos as mudanças sonoras. Assim que fizermos isso, poderemos prever como as palavras deveriam ter evoluído e, se elas não corresponderem às nossas previsões, então talvez a nossa hipótese sobre origens interligadas esteja errada. A etimologia é um trabalho de detetive ao longo dos séculos, e é um trabalho diabolicamente árduo, como encontrar uma agulha num palheiro. Mas eu diria que vale a pena procurar por nossas agulhas específicas.

Naquele ano, usando o inglês como exemplo, iniciaram a tarefa de estudar como as línguas cresceram, mudaram, transformaram-se, multiplicaram-se, divergiram e convergiram. Eles estudaram as mudanças sonoras; por que o *joelho* inglês tinha um *k* silencioso pronunciado na contraparte alemã; por que as consoantes oclusivas do latim, do grego e do sânscrito tinham uma correspondência tão regular com as consoantes das línguas germânicas. Eles leram Bopp, Grimm e Rask traduzidos; eles leram a *Etymologiae* de Isidoro. Eles estudaram mudanças semânticas, mudanças sintáticas, divergência dialética e empréstimos, bem como os métodos reconstrutivos que poderíamos usar para reunir as relações entre línguas que à primeira vista pareciam não ter nada a ver uma com a outra. Eles vasculharam línguas como se fossem minas, em busca de veios valiosos de herança comum e significado distorcido.

Isso mudou a maneira como eles falavam. Constantemente eles paravam no meio das frases. Eles não conseguiam pronunciar nem mesmo frases e aforismos comuns sem parar para se perguntar de onde vieram essas palavras. Esses interrogatórios infiltraram-se em todas as suas conversas, tornaram-se a forma

padrão pela qual eles entendiam um ao outro e tudo mais. * Eles não podiam mais olhar para o mundo e não ver histórias, histórias espalhadas por toda parte como sedimentos de séculos.

E as influências no inglês foram muito mais profundas e diversas do que se pensava.

Chit veio do Marathi *chitti* , que significa 'letra' ou 'nota'. *O café* chegou ao inglês através do holandês (*koffie*), do turco (*kahveh*) e originalmente do árabe (*qahwah*). Os gatos malhados receberam o nome de uma seda listrada que, por sua vez, recebeu o nome de seu local de origem: um quarto de Bagdá chamado al-'Attābiyya. Até mesmo palavras básicas para roupas vieram de algum lugar. *O damasco* veio do tecido feito em Damasco; *guingão* veio da palavra malaia *genggang* , que significa 'listrado'; *chita* referia-se a Calicut em Kerala, e *tafetá* , disse-lhes Ramy, tinha suas raízes na palavra persa *tafte* , que significa 'um pano brilhante'. Mas nem todas as palavras inglesas tiveram suas raízes em origens tão distantes ou nobres. O curioso sobre a etimologia, como logo aprenderam, era que qualquer coisa poderia influenciar uma língua, desde os hábitos de consumo dos ricos e mundanos até as chamadas declarações vulgares dos pobres e miseráveis. Os cantos humildes, as supostas línguas secretas de ladrões, vagabundos e estrangeiros, contribuíram com palavras comuns como *bilk* , *saque* e *bugiganga* .

O inglês não pegou apenas palavras emprestadas de outras línguas; estava repleto de influências estrangeiras, um vernáculo de Frankenstein. E Robin achou incrível como este país, cujos cidadãos se orgulhavam tanto de ser melhor que o resto do mundo, não conseguia sobreviver a um chá da tarde sem bens emprestados.

Além da Etimologia, cada um deles aprendeu uma linguagem extra naquele ano. A questão não era atingir a fluência nesta língua, mas sim, através do processo de sua aquisição, aprofundar a compreensão das línguas em foco. Letty e Ramy começaram a estudar proto-indo-europeu com o professor De Vreese. Victoire propôs ao conselho consultivo uma série de línguas da África Ocidental que esperava aprender, mas foi rejeitada alegando que Babel não possuía recursos suficientes para o ensino adequado em qualquer uma delas. Ela acabou estudando espanhol – o contato espanhol era relevante para a fronteira Haiti-Dominicana, argumentou o professor Playfair – mas não ficou muito feliz com isso.

Robin aprendeu sânscrito com o professor Chakravarti, que começou a primeira aula repreendendo Robin por não ter conhecimento do idioma. 'Eles deveriam ensinar sânscrito aos estudiosos da China desde o início. O sânscrito chegou à China através de textos budistas, e isto causou uma verdadeira explosão de inovação linguística, à medida que o budismo introduziu dezenas de conceitos para os quais os chineses não tinham uma palavra fácil. *Nun* , ou *bhiksunī* em sânscrito, tornou-se *ni*. * *O Nirvana* tornou-se *nièpán* . * Os principais conceitos chineses como inferno, consciência e calamidade vêm do sânscrito.

Você não pode começar a entender o chinês hoje sem entender também o budismo, o que significa entender o sânscrito. É como tentar entender a multiplicação antes de saber desenhar números.

Robin achou um pouco injusto acusá-lo de aprender fora de ordem uma língua que falava desde o nascimento, mas ele concordou. — Por onde começamos, então?

“O alfabeto”, disse o professor Chakravarti alegremente. 'De volta aos blocos de construção básicos. Pegue sua caneta e trace essas letras até desenvolver uma memória muscular para elas – espero que demore cerca de meia hora. Prossiga.'

Latim, teoria da tradução, etimologia, idiomas de foco e um novo idioma de pesquisa –

era uma carga horária absurdamente pesada, especialmente quando cada professor atribuía cursos como se nenhum dos outros cursos existisse. O corpo docente foi totalmente antipático. “Os alemães têm esta palavra adorável, *Sitzfleisch* ”, disse o professor Playfair, agradavelmente, quando Ramy protestou que eles tinham mais de quarenta horas de leitura por semana. 'Traduzido literalmente, significa “carne sentada”. O que quer dizer que às vezes você precisa simplesmente sentar e fazer as coisas.

Mesmo assim, eles encontraram seus momentos de alegria. Oxford agora começava a parecer uma espécie de lar, e eles construíram seus próprios bolsos nela, espaços onde não apenas eram tolerados, mas onde prosperavam. Eles aprenderam quais cafeterias os serviriam sem problemas e quais fingiriam que Ramy não existia ou reclamariam que ele estava sujo demais para sentar em suas cadeiras. Eles aprenderam quais bares poderiam frequentar à noite sem serem incomodados. Eles se sentaram na plateia da United Debating Society e se deram

pontos tentando conter o riso enquanto garotos como Colin Thornhill e Elton Pendennis gritavam sobre justiça, liberdade e igualdade até ficarem com os rostos vermelhos.

Robin começou a remar por insistência de Anthony. “Não é bom você ficar enfiado na biblioteca o tempo todo”, disse ele. “É preciso alongar os músculos para que o cérebro funcione corretamente. Faça o sangue fluir. Experimente, vai ser bom para você.

Acontece que ele adorou. Ele sentia grande prazer no movimento rítmico e tenso de puxar um único remo contra a água repetidas vezes. Seus braços ficaram mais fortes; suas pernas, de alguma forma, pareciam mais longas. Aos poucos, ele foi perdendo a magreza encurvada e adquirindo uma aparência preenchida, que lhe dava profunda satisfação todas as manhãs quando se olhava no espelho. Ele começou a ansiar pelas manhãs frias no Ísis, quando o resto da cidade ainda não havia acordado, quando o único som que ele conseguia ouvir em quilômetros ao redor era o chilrear dos pássaros e o agradável barulho das lâminas afundando na água.

As meninas tentaram, mas não conseguiram, entrar furtivamente no clube náutico. Eles não eram altos o suficiente para remar, e a persuasão envolvia gritos demais para que fingissem que eram homens. Mas semanas depois, Robin começou a ouvir rumores de duas adições cruéis à equipe de esgrima da Univ, embora Victoire e Letty inicialmente alegassem inocência após interrogatório.

- A atração é a agressão - confessou Victoire finalmente. 'É tão engraçado de assistir.

Esses garotos sempre saem tão fortes na frente e perdem toda a estratégia.

Letty concordou. — Então é uma simples questão de manter a cabeça fria e espetá-los onde não estão protegidos. Basta isso.

No inverno, o Ísis congelou e eles foram patinar, algo que nenhum deles, exceto Letty, havia feito antes. Eles amarraram as botas tão apertadas o máximo que podiam - 'Mais apertados', disse Letty, 'eles não podem oscilar, senão você quebrará os tornozelos' - e cambalearam no gelo, agarrando-se um ao outro para se equilibrar enquanto oscilavam, embora geralmente isso significasse apenas que todos eles caíram quando um caiu. Então Ramy percebeu que se se inclinasse para frente e dobrasse os joelhos, poderia dirigir cada vez mais rápido,

e no terceiro dia ele estava patinando em círculos ao redor dos demais, até mesmo de Letty, que fingiu estar chateada quando ele derrapou em seu caminho, mas que não conseguiu. não pare de rir de qualquer maneira.

Havia uma qualidade sólida e duradoura em sua amizade agora. Eles não estavam mais deslumbrados e assustados no primeiro ano, agarrados um ao outro em busca de estabilidade. Em vez disso, eram veteranos cansados, unidos pelas provações, soldados endurecidos que podiam apoiar-se uns nos outros para qualquer coisa. A meticulosa Letty, apesar de resmungar, sempre marcava uma tradução, não importa quão tarde da noite ou de manhã cedo. Victoire era como um cofre; ela ouvia qualquer quantidade de reclamações e queixas mesquinhas sem deixar escapar o assunto. E Robin poderia bater na porta de Ramy a qualquer hora do dia ou da noite, se ele precisasse de uma xícara de chá, de algo para rir ou de alguém com quem chorar.

Quando o novo grupo – nenhuma menina e quatro meninos com cara de bebê –

apareceu em Babel naquele outono, eles quase não lhes deram atenção. Eles, sem intenção consciente, tornaram-se exatamente como os veteranos que tanto invejaram durante o primeiro mandato. O que eles consideravam esnobismo e arrogância, no fim das contas, era apenas exaustão. Os alunos mais velhos não tinham intenção de intimidar os mais novos.

Eles simplesmente não tinham tempo.

Eles se tornaram o que aspiravam ser desde o primeiro ano: distantes, brilhantes e cansados até os ossos. Eles estavam infelizes. Dormiram e comeram muito pouco, leram muito e perderam completamente o contato com assuntos fora de Oxford ou Babel.

Ignoraram a vida do mundo; eles viviam apenas a vida da mente. Eles adoraram.

E Robin, apesar de tudo, esperava que o dia que Griffin profetizou nunca chegasse, que ele pudesse viver pendurado nesse equilíbrio para sempre. Pois ele nunca foi mais feliz do que agora: esgotado, preocupado demais com a próxima coisa que tinha pela frente para prestar qualquer atenção em como tudo se encaixava.

No final de Michaelmas, um químico francês chamado Louis-Jacques-Mandé Daguerre chegou a Babel com um objeto curioso a reboque. Foi um heliográfico

a câmera obscura, anunciou ele, e poderia ser capaz de replicar imagens estáticas usando placas de cobre expostas e compostos sensíveis à luz, embora não conseguisse acertar a mecânica. Os Babblers poderiam dar uma olhada e ver se poderiam melhorar de alguma forma?

O problema da câmera de Daguerre virou assunto na torre. O corpo docente transformou isso em uma competição – qualquer aluno aprovado para trabalhar em prata que conseguisse resolver o problema de Daguerre tinha direito a ter seu nome em sua patente e uma porcentagem das riquezas que certamente viriam. Durante duas semanas, o oitavo andar fervilhava de um frenesi silencioso enquanto os alunos do quarto ano e da pós-graduação folheavam dicionários etimológicos, tentando encontrar um conjunto de palavras que chegasse ao nexo correto de significado envolvendo luz, cor, imagem e imitação.

Foi Anthony Ribben quem finalmente descobriu. De acordo com os termos contratuais com Daguerre, o par patenteado foi mantido em segredo, mas havia rumores de que Anthony havia feito algo com o latim *imago* , que além de significar 'uma semelhança' ou

'imitação' também implicava um fantasma ou fantasma . Outros rumores sustentavam que Anthony havia encontrado uma maneira de dissolver a barra de prata para criar vapores de mercúrio aquecido. Fosse o que fosse, Anthony não sabia dizer, mas foi bem pago por seus esforços.

A câmera funcionou. Magicamente, a semelhança exata de um objeto capturado poderia ser replicada em uma folha de papel em um tempo maravilhosamente curto. O dispositivo de Daguerre – o daguerreótipo, como o chamavam – tornou-se uma sensação local. Todo mundo queria que sua foto fosse tirada. Daguerre e o corpo docente de Babel organizaram uma exposição de três dias no saguão da torre, e o público ansioso formou filas que circundavam a rua.

Robin estava nervosa com a tradução do sânscrito para o dia seguinte, mas Letty insistiu que todos fossem tirar um retrato. — Você não quer uma lembrança nossa? ela perguntou. 'Preservado neste momento?'

Robin encolheu os ombros. 'Na verdade.'

— Bem, eu quero — ela disse teimosamente. 'Quero lembrar exatamente como éramos agora, neste ano, em 1837. Nunca quero esquecer.'

Eles se reuniram diante da câmera. Letty e Victoire sentaram-se em cadeiras, com as mãos rigidamente cruzadas no colo. Robin e Ramy ficaram atrás deles, sem saber o que fazer com as mãos. Deveriam colocá-los nos ombros das meninas? Nas cadeiras?

“Braços ao lado do corpo”, disse o fotógrafo. 'Fique quieto o melhor que puder. Não –

primeiro, aproxime-se um pouco mais – pronto.

Robin sorriu, percebeu que não conseguiria manter a boca aberta por tanto tempo e imediatamente a deixou cair.

No dia seguinte, eles recuperaram o retrato finalizado de um funcionário no saguão.

“Por favor”, disse Victoire. 'Isso não se parece em nada conosco.'

Mas Letty ficou encantada; ela insistiu que eles fossem comprar uma moldura. 'Vou pendurá-lo na minha lareira, o que você acha?'

“Prefiro que você jogue isso fora”, disse Ramy. 'É enervante.'

“Não é”, disse Letty. Ela parecia enfeitiçada ao observar a impressão, como se tivesse visto magia de verdade. 'Somos nós. Congelado no tempo, capturado num momento que nunca recuperaremos enquanto vivermos. É maravilhoso.'

Robin também achou a fotografia estranha, embora não o tenha dito em voz alta. Todas as suas expressões eram artificiais, máscaras de leve desconforto. A câmera havia distorcido e achatado o espírito que os unia, e o calor invisível e a camaradagem entre eles pareciam agora uma proximidade forçada e afetada. A fotografia, pensava ele, também era uma espécie de tradução, e todos ficaram mais pobres por causa disso.

Violetas lançadas em cadinhos, de fato.

Capítulo Dez

Para preservar os princípios de seus alunos, eles os confinam às imbecilidades seguras e elegantes do ensino clássico.

Um verdadeiro tutor de Oxford estremeceria ao ouvir os seus jovens disputarem a verdade moral e política, formando e derrubando teorias e entregando-se a toda a ousadia da discussão política. Ele não auguraria nada disso, exceto impiedade para com Deus e traição para com os reis.

S YDNEY S MITH , ' *Educação Profissional de Edgeworth* '

Perto do final do semestre de Natal daquele ano, Griffin parecia estar por perto mais do que o normal. Robin estava começando a se perguntar para onde ele tinha ido; desde que regressou de Malaca, as suas tarefas tinham caído de duas vezes por mês para uma e para nenhuma. Mas em dezembro, Robin começou a receber bilhetes instruindo-o a se encontrar com Griffin do lado de fora do Twisted Root a cada poucos dias, onde eles começaram sua rotina habitual de caminhar freneticamente pela cidade. Geralmente estes eram prelúdios para roubos planejados. Mas ocasionalmente Griffin parecia não ter nenhuma agenda em mente e, em vez disso, queria apenas conversar. Robin aguardava ansiosamente essas negociações; foram os únicos momentos em que seu irmão parecia menos misterioso, mais humano, mais de carne e osso. Mas Griffin nunca respondeu às perguntas que Robin realmente queria discutir, que eram o que Hermes fazia com os materiais que ajudou a roubar e como a revolução, se é que existia, estava acontecendo. “Ainda não confio em você”, ele dizia. 'Você ainda é muito novo.'

Eu também não confio em você , Robin pensou, mas não disse. Em vez disso, ele investigou as coisas de maneira indireta. 'Há quanto tempo Hermes existe?'

Griffin lançou-lhe um olhar divertido. — Eu sei o que você está fazendo.

'Eu só quero saber se é uma invenção moderna, ou, ou. .'

'Não sei. Não faço ideia. Décadas pelo menos, talvez mais, mas nunca descobri. Por que você não pergunta o que realmente quer saber?

— Porque você não vai me contar.

'Me teste.'

'Multar. Então, se já existe há mais tempo, não consigo entender. . . '

— Você não entende por que ainda não vencemos. É isso?'

'Não. Só não vejo que diferença isso faz", disse Robin. 'Babel é – Babel. E você está apenas. .

'Um pequeno grupo de estudiosos exilados destruindo o gigante?' Griffin forneceu. 'Diga o que você quer dizer, irmão, não hesite.'

'Eu ia dizer "idealistas em enorme desvantagem numérica", mas sim. Quero dizer. . por favor, Griffin, é difícil manter a fé quando não está claro qual o efeito que qualquer coisa que eu faço tem.

Griffin diminuiu o passo. Ele ficou em silêncio por alguns segundos, pensando, e então disse: 'Vou pintar um quadro para você. De onde vem a prata?

'Griffin, honestamente-'

'Conceda-me.'

'Tenho aula em dez minutos.'

"E não é uma resposta simples. Craft não vai expulsar você por se atrasar apenas uma vez. De onde vem a prata?

'Não sei. Minas?'

Griffin suspirou pesadamente. 'Eles não te ensinam nada?'

'Griffin-'

'Apenas ouça. Silver existe desde sempre. Os atenienses extraíam-na na Ática e os romanos, como sabem, usaram a prata para expandir o seu império quando perceberam o que ela poderia fazer. Mas a prata só se tornou moeda internacional e não facilitou uma rede comercial que abrangesse continentes muito mais tarde. Simplesmente não havia o suficiente. Depois, no século XVI, os Habsburgos – o primeiro império verdadeiramente global – tropeçaram em enormes depósitos de prata nos Andes. Os espanhóis trouxeram-no das montanhas, cortesia dos mineiros indígenas, você pode ter certeza, não foram pagos de forma justa pelo seu trabalho, * e cunharam-no em pequenos pedaços de oito, o que fez com que riquezas fluíssem para Sevilha e Madrid.

«A prata tornou-os ricos – ricos o suficiente para comprar tecidos de algodão

estampados da Índia, que usavam para pagar escravos de África, que colocavam para trabalhar nas plantações das suas colónias. Assim, os espanhóis tornam-se cada vez mais ricos e, onde quer que vão, deixam atrás de si a morte, a escravatura e o empobrecimento.

Você viu os padrões até agora, certo?

Griffin, durante suas palestras, tinha uma semelhança peculiar com o professor Lovell.

Ambos faziam gestos muito bruscos com as mãos, como se pontuassem suas longas diatribes com movimentos manuais em vez de pontos finais, e ambos falavam de maneira muito precisa e sincopada. Eles também compartilhavam o gosto pelo questionamento socrático. 'Pule duzentos anos adiante e o que você tem?'

Robin suspirou, mas seguiu em frente. 'Toda a prata e todo o poder fluem do Novo Mundo para a Europa.'

“Certo”, disse Griffin. 'A prata é acumulada onde já está em uso. Os espanhóis mantiveram a liderança por muito tempo, enquanto os holandeses, britânicos e franceses os seguiam. Avance mais um século e a Espanha será uma sombra do que já foi; as guerras napoleónicas corroeram o poder da França e agora a gloriosa Britânia está no topo.

Maiores reservas de prata na Europa. De longe o melhor instituto de tradução do mundo. A melhor marinha dos mares, cimentada depois de Trafalgar, o que significa que esta ilha está a caminho de governar o mundo, não é? Mas algo engraçado tem acontecido no último século. Algo que tem dado uma grande dor de cabeça ao Parlamento e a todas as empresas comerciais britânicas. Você consegue adivinhar o que é?'

— Não me diga que estamos ficando sem prata.

Griffin sorriu. 'Eles estão ficando sem prata. Você consegue adivinhar para onde tudo está fluindo agora?

Esse Robin sabia a resposta apenas porque ouvira o professor Lovell e seus amigos reclamando disso durante anos, durante aquelas noites na sala de estar em Hampstead.

'China.'

'China. Este país está a empanturrar-se de importações provenientes do Oriente. Eles não se cansam da porcelana, dos armários laqueados e das sedas da China. E chá. Céus.

Você sabe quanto chá é exportado da China para a Inglaterra todos os anos? No valor de pelo menos trinta milhões de libras. Os britânicos gostam tanto de chá que o Parlamento costumava insistir que a Companhia das Índias Orientais sempre mantivesse em estoque o suprimento para um ano, em caso de escassez. Gastamos milhões e milhões em chá da China todos os anos e pagamos por isso em prata.

«Mas a China não tem apetite recíproco pelos produtos britânicos. Quando o Imperador Qianlong recebeu de Lord Macartney uma exposição de itens manufaturados britânicos, você sabe qual foi a resposta dele? *Objetos estranhos e caros não me interessam* . Os chineses não precisam de nada do que vendemos; eles podem produzir tudo o que quiserem por conta própria. Portanto, a prata continua a fluir para a China e não há nada que os britânicos possam fazer a respeito, porque não podem alterar a oferta e a procura.

Um dia não importará quanto talento de tradução tivermos, porque as reservas de prata simplesmente não existirão para utilizá-lo. O Império Britânico desmoronará como consequência da sua própria ganância. Entretanto, a prata irá acumular-se em novos centros de poder – lugares que até agora tiveram os seus recursos roubados e explorados.

Eles terão as matérias-primas. Tudo o que eles precisarão então será de trabalhadores prateados, e o talento irá para onde o trabalho estiver; sempre acontece. Então é tudo tão simples quanto acabar com o Império. Os ciclos da história farão o resto, e você só precisa nos ajudar a acelerá-lo.

'Mas isso é . . . Robin parou de falar, lutando para encontrar as palavras para formular sua objeção. — Isso é tão abstrato, tão simples, que não é possível. . quero dizer, certamente não é possível prever a história dessa forma com traços tão gerais. .

'Há muita coisa que você pode prever.' Griffin lançou a Robin um olhar de soslaio. “Mas esse é o problema da educação de Babel, não é? Eles ensinam línguas e tradução, mas nunca história, nunca ciência, nunca política

internacional. Eles não falam sobre os exércitos que defendem dialetos.

'Mas como é tudo isso?' Robin persistiu. — O que você está descrevendo, quero dizer, como isso vai acontecer? Uma guerra global? Um lento declínio económico até que o mundo pareça completamente diferente?'

“Não sei”, disse Griffin. 'Ninguém sabe exatamente como será o futuro. Se as alavancas do poder se deslocarão para a China ou para as Américas, ou se a Grã-Bretanha irá lutar com unhas e dentes para manter o seu lugar – isso é impossível de prever.'

— Então como você sabe que o que está fazendo tem algum efeito?

“Não posso prever como será cada encontro”, esclareceu Griffin. 'Mas eu sei disso. A riqueza da Grã-Bretanha depende da extracção coerciva. E à medida que a Grã-Bretanha cresce, restam apenas duas opções: ou os seus mecanismos de coerção tornam-se muito mais brutais ou ela entra em colapso. O primeiro é mais provável. Mas isso pode provocar o último.

— Mas é uma luta muito desigual — disse Robin, impotente. 'Você de um lado, todo o Império do outro.'

“Só se você achar que o Império é inevitável”, disse Griffin. 'Mas isso não. Aproveite este momento atual. Estamos apenas no final de uma grande crise no Atlântico, depois de os impérios monárquicos terem caído um após o outro. A Grã-Bretanha e a França perderam na América e depois entraram em guerra uma contra a outra sem benefício de ninguém.

Agora estamos a assistir a uma nova consolidação do poder, isso é verdade – a Grã-Bretanha ficou com Bengala, ficou com Java holandês e a Colónia do Cabo – e se conseguir o que quer na China, se conseguir reverter este desequilíbrio comercial, será imparável. .

“Mas nada está escrito em pedra – ou mesmo em prata, por assim dizer. Muita coisa depende dessas contingências, e é nesses pontos críticos que podemos empurrar e puxar.

Onde as escolhas individuais, onde até o mais pequeno dos exércitos de resistência fazem a diferença. Veja Barbados, por exemplo. Veja a Jamaica. Mandamos grades para lá para as revoltas. .

“Essas revoltas de escravos foram esmagadas”, disse Robin.

— Mas a escravatura foi abolida, não foi? disse Griffin. 'Pelo menos em territórios britânicos. Não – não estou dizendo que tudo está bem e resolvido, e não estou dizendo que podemos receber todo o crédito pela legislação britânica; Tenho certeza de que os abolicionistas ficariam ofendidos com isso. Mas estou a dizer que se pensa que a Lei de 1833 foi aprovada devido às sensibilidades morais dos britânicos, está errado. Eles aprovaram esse projeto porque não conseguiram continuar absorvendo as perdas.

Ele acenou com a mão, apontando para um mapa invisível. “É em momentos como esse que temos controle. Se avançarmos nos pontos certos – se criarmos perdas onde o Império não suporta sofrê-las – então levaremos as coisas ao ponto de ruptura. Então o futuro se torna fluido e a mudança é possível. A história não é uma tapeçaria pré-fabricada que temos de sofrer, um mundo fechado sem saída. Podemos formar isso. Faça. Nós apenas temos que *escolher* fazer isso.

“Você realmente acredita nisso”, disse Robin, espantado. A fé de Griffin o surpreendeu.

Para Robin, esse raciocínio abstrato era uma razão para se despojar do mundo, para se retirar para a segurança das línguas e dos livros mortos. Para Griffin, foi um grito de guerra.

“Eu preciso”, disse Griffin. 'Caso contrário, você está certo. Caso contrário, não teremos nada.

Depois dessa conversa, Griffin parecia ter decidido que Robin não estava disposto a trair a Sociedade Hermes, pois as atribuições de Robin aumentaram enormemente em número.

Nem todas as suas missões envolveram roubo. Mais frequentemente, Griffin fazia pedidos de materiais – manuais etimológicos, Páginas de gramática, tabelas ortográficas – que eram facilmente adquiridas, copiadas e devolvidas sem chamar a atenção. Ainda assim, ele teve que ser esperto ao saber quando e como retirou os livros, pois atrairia suspeitas se continuasse escondendo materiais não relacionados às suas áreas de foco. Certa vez, Ilse, o veterano do Japão, exigiu saber o que ele estava fazendo com a antiga gramática alemã, e ele teve que gaguejar uma história sobre ter tirado o título por acidente enquanto tentava

rastrear uma palavra chinesa até as origens hititas. . Não importava que ele estivesse na seção totalmente errada da biblioteca. Ilse parecia disposta a acreditar que ele era simplesmente tão estúpido.

Em geral, os pedidos de Griffin foram indolores. Foi tudo menos romântico do que Robin imaginara – e, talvez, esperasse. Não houve aventuras emocionantes ou conversas codificadas faladas em pontes sobre água corrente. Era tudo tão mundano. A grande conquista da Sociedade Hermes, Robin aprendeu, foi a eficácia com que ela se tornou invisível, o quão completamente ela ocultou informações até mesmo de seus membros. Se um dia Griffin desaparecesse, Robin teria dificuldade em provar a alguém que a Sociedade Hermes existiu, exceto como uma invenção de sua imaginação. Muitas vezes ele sentia que não fazia parte de uma sociedade secreta, mas sim de uma grande e enfadonha burocracia que funcionava com excelente coordenação.

Até os roubos viraram rotina. Os professores de Babel pareciam totalmente inconscientes de que alguma coisa estava sendo roubada. A Sociedade Hermes aceitava prata apenas em quantias pequenas o suficiente para serem mascaradas com alguns truques contábeis, pois a virtude de uma faculdade de humanidades, explicou Griffin, era que todos estavam desesperados com os números.

“A Playfair deixaria caixas inteiras de prata desaparecerem se ninguém o verificasse”, disse ele a Robin. — Você acha que ele mantém livros organizados? O homem mal consegue somar números de dois dígitos.

Alguns dias, Griffin nem sequer mencionava Hermes, mas passava a hora que levava para chegar a Port Meadow e voltar perguntando sobre a vida de Robin em Oxford – suas façanhas no remo, suas livrarias favoritas, suas idéias sobre a comida no Hall e na Buttery.

Robin respondeu com cautela. Ele continuou esperando que a bola caísse, que Griffin transformasse aquela conversa em uma discussão, que sua própria preferência por scones simples se tornasse a prova de sua paixão pela burguesia. Mas Griffin apenas continuou perguntando, e aos poucos Robin percebeu que talvez Griffin simplesmente sentisse falta de ser estudante.

“Eu adoro o campus na época do Natal”, disse Griffin uma noite. 'É a estação em que Oxford se inclina mais para a magia de si mesma.'

O sol havia se posto. O ar passou de agradavelmente frio para um frio cortante,

mas a cidade estava iluminada com velas de Natal, e um leve fio de neve flutuava ao redor deles.

Foi lindo. Robin diminuiu o ritmo, querendo saborear a cena, mas Griffin, ele notou, estava tremendo loucamente.

'Griffin, não.' . . Robin hesitou; ele não sabia como perguntar educadamente. — Esse é o único casaco que você tem?

Griffin recuou como um cachorro se levantando. 'Por que?'

'É só que. . eu tenho uma bolsa, se você quiser comprar algo mais quente. .'

'Não me trate com condescendência.' Robin se arrependeu instantaneamente de ter tocado no assunto. Griffin estava muito orgulhoso. Ele não podia aceitar nenhuma caridade; ele não conseguia nem sentir simpatia. 'Eu não preciso do seu dinheiro.'

— Faça como quiser — disse Robin, magoado.

Caminharam por mais um quarteirão em silêncio. Então Griffin perguntou, numa tentativa óbvia de usar um ramo de oliveira: 'O que há para o Natal?'

'Primeiro haverá jantar no salão.'

“Então, intermináveis orações em latim, ganso de borracha e um pudim de Natal que é indistinguível de fezes de porco. O que realmente está acontecendo?

Robin sorriu. 'A Sra. Piper tem algumas tortas esperando por mim em Jericho.'

'Bife e rim?'

'Frango e alho-poró. Meu favorito. E uma torta de limão para Letty, e uma torta de chocolate com nozes para Ramy e Victoire. .

— Abençoada seja a Sra. Piper — disse Griffin. — O professor tinha uma velha frígida chamada Sra. Peterhouse na minha época. Não sabia cozinhar para salvar a vida dela, não, mas sempre lembrava de dizer algo sobre mestiços sempre que estivesse ao alcance da voz.

Ele também não gostou disso; Suponho que foi por isso que ele a deixou ir.

Viraram à esquerda na Cornmarket. Eles estavam agora muito perto da torre e Griffin parecia inquieto; Robin suspeitava que eles logo se separariam.

'Antes que eu esqueça.' Griffin enfiou a mão no casaco, tirou um embrulho e jogou-o para Robin. — Comprei uma coisa para você.

Surpreso, Robin puxou a corda. 'Uma ferramenta?'

'Só um presente. Feliz Natal.'

Robin rasgou o papel, revelando um lindo volume recém-impresso.

“Você disse que gostava de Dickens”, disse Griffin. 'Eles acabaram de encadernar a serialização do último livro dele. Você já deve ter lido, mas achei que gostaria de ver tudo inteiro.'

Ele comprou para Robin o conjunto de três volumes de *Oliver Twist* . Por um momento, Robin só conseguiu gaguejar – ele não sabia que eles estavam trocando presentes, não tinha comprado nada para Griffin – mas Griffin ignorou. 'Tudo bem, sou mais velho que você, não me envergonhe.'

Só mais tarde, depois de Griffin ter desaparecido pela Broad Street, com o casaco esvoaçando até aos tornozelos, é que Robin se apercebeu que esta selecção tinha sido a ideia de Griffin de uma piada.

Volte comigo , ele quase disse quando se separaram. *Venha para o salão. Volte e faça a ceia de Natal.*

Mas isso era impossível. A vida de Robin foi dividida em duas, e Griffin existia no mundo das sombras, escondido da vista. Robin nunca poderia trazê-lo de volta para Magpie Lane.

Nunca poderia apresentá-lo aos amigos. Nunca poderia, à luz do dia, chamá-lo de irmão.

'Bem.' Griffin pigarreou. 'Proxima vez então.'

'Quando será isso?'

'Ainda não sei.' Ele já estava indo embora, com neve preenchendo seus passos. 'Observe sua janela.'

No primeiro dia do mandato de Hilary, a entrada principal de Babel foi bloqueada por quatro policiais armados. Eles pareciam estar envolvidos com alguém ou alguma coisa lá dentro, embora Robin não conseguisse ver o que quer que fosse por causa da multidão de estudiosos trêmulos.

'O que aconteceu?' Ramy perguntou às meninas.

“Estão dizendo que foi uma invasão”, disse Victoire. "Alguém queria roubar alguma prata, suponho."

'E daí, a polícia estava aqui exatamente na hora certa?' perguntou Robin.

“Ele disparou um alarme quando tentou passar pela porta”, disse Letty. 'E a polícia, eu acho, veio rapidamente.'

Um quinto e um sexto policial saíram do prédio, arrastando entre eles o homem que Robin presumiu ser o ladrão. Ele era de meia-idade, tinha cabelos escuros, barba e vestia roupas muito sujas. Hermes não, então, Robin pensou com certo alívio. O rosto do ladrão estava contorcido de dor e seus gemidos flutuavam sobre a multidão enquanto a polícia o puxava escada abaixo em direção a um táxi que o esperava. Eles deixaram uma mancha de sangue nas pedras atrás deles.

'Ele tem cerca de cinco balas nele.' Anthony Ribben apareceu ao lado deles. Ele parecia prestes a vomitar. 'É bom ver que as proteções estão funcionando, suponho.'

Robin hesitou. — Wards fez isso?

“A torre está protegida pelo sistema de segurança mais sofisticado do país”, disse Anthony. 'Não são apenas as Grammaticas que são guardadas. Há cerca de meio milhão de libras em prata neste edifício, e apenas acadêmicos magros estão por perto para defendê-lo. É claro que as portas estão protegidas.

O coração de Robin batia muito rápido; ele podia ouvir em seus tímpanos. 'Pelo quê?'

'Eles nunca nos dizem os pares; eles são muito reservados sobre isso. A Playfair os atualiza a cada poucos meses, o que ocorre com a mesma frequência que alguém tenta roubar. Devo dizer que gosto muito mais deste conjunto – o último conjunto abriu feridas abertas nos membros do invasor usando facas antigas que, segundo rumores, eram de Alexandria. O tapete interno ficou manchado de sangue; você ainda pode ver as manchas marrons se olhar com atenção. Passamos semanas tentando adivinhar quais palavras a Playfair usou, mas ninguém conseguiu decifrá-las.

Os olhos de Victoire seguiram o táxi que partia. 'O que você acha que vai acontecer com ele?'

“Ah, ele provavelmente estará no primeiro navio para a Austrália”, disse Anthony. —

Desde que ele não sangre no caminho para a delegacia.

“Recolha de rotina”, disse Griffin. 'Entrando e saindo - você nem verá que estamos lá. O

momento é um pouco complicado, então fique de plantão a noite toda. Ele cutucou o ombro de Robin. 'O que está errado?'

Robin piscou e olhou para cima. 'Hum?'

— Você parece assustado.

'Eu acabei de . . . ' Robin ponderou por um momento, depois deixou escapar: 'Você sabe sobre as proteções, certo?'

'O que?'

— Vimos um homem invadir esta manhã. E as proteções acionaram algum tipo de arma, e ela atirou nele cheio de balas. .

'Bem, claro.' Griffin parecia confuso. — Não me diga que isso é novidade para você.

Babel tem proteções ridículas. Eles não esfregaram isso na sua cara durante a primeira semana?

'Eles os atualizaram, no entanto. É isso que estou tentando lhe dizer: agora eles sabem quando um ladrão está passando. .

“Os bares não são tão sofisticados”, disse Griffin com desdém. 'Eles foram projetados para discriminar entre estudantes, seus convidados e estranhos ao Instituto. O que você acha que aconteceria se as armadilhas atingissem um tradutor que precisasse levar

algumas barras para casa durante a noite? Ou alguém trazendo sua esposa para a faculdade sem primeiro esclarecer isso com a Playfair? Você está completamente seguro.

'Mas como você *sabe* ?' Robin parecia mais petulante do que pretendia. Ele limpou a garganta, tentou aprofundar a voz sem ser óbvio. 'Você não viu o que eu vi, você não sabe quais são os novos pares. .'

'Você não está em perigo. Aqui... pegue isto, se estiver preocupado. Griffin vasculhou o bolso e jogou uma barra para Robin. *Wúxíng* , dizia. Invisível. Era o mesmo bar que ele usou na primeira noite em que se conheceram.

“Para uma fuga rápida”, disse Griffin. 'Se as coisas realmente derem errado. E você pode precisar usá-lo em seus camaradas de qualquer maneira – é difícil tirar um baú desse tamanho da cidade sem ser visto.

Robin deslizou a barra no bolso interno. — Você poderia ser menos irreverente com tudo isso, você sabe.

Os lábios de Griffin se curvaram. 'O que, agora é quando você está com medo?'

'É apenas . . . Robin pensou por um momento, balançou a cabeça e depois decidiu dizer.

'Parece que. . quero dizer, sou eu quem está sempre em risco, enquanto você está apenas. .'

'Apenas o quê?' Griffin perguntou bruscamente.

Ele se desviou para um território perigoso. Ele sabia, pela maneira como os olhos de Griffin brilharam, que ele havia chegado muito perto de onde doía. Há um mês, quando o relacionamento deles era mais precário, ele poderia ter

mudado de assunto. Mas ele não conseguia manter o silêncio agora. Ele se sentiu irritado e menosprezado naquele momento, e com isso veio um desejo ardente de machucar.

'Por que você não vem nessa?' ele perguntou. 'Por que você não pode usar o bar sozinho?'

Griffin piscou lentamente. Depois disse, num tom tão nivelado que devia ter sido forçado: 'Não posso. Você sabe que não posso.

'Por que não?'

'Porque eu não sonho em chinês.' Sua expressão não mudou, nem seu tom, mas mesmo assim a fúria condescendente transpareceu em suas palavras. Observá-lo falar foi estranho.

Ele se parecia muito com o pai deles. 'Eu sou seu antecessor fracassado, você vê. O querido papai me tirou do país muito cedo. Tenho um ouvido natural para tons, mas isso é isto.

Minha fluência é em grande parte artificial. Não tenho memórias em chinês. Eu não sonho com isso. Tenho o recall, tenho habilidades linguísticas, mas não consigo fazer as barras funcionarem de maneira confiável. Metade do tempo eles não fazem absolutamente nada.

Sua garganta pulsou. — Nosso pai acertou com você. Ele deixou você fermentar até ficar alfabetizado. Mas ele me trouxe aqui antes que eu tivesse formado conexões suficientes, memórias suficientes. Além do mais, ele foi a única pessoa com quem falei mandarim, quando meu cantonês era muito melhor, para começar. E isso está perdido agora. Não penso nisso e certamente não sonho nisso.

Robin pensou nos ladrões no beco, nos sussurros desesperados de Griffin enquanto tentava fazê-los desaparecer. O que ele faria se tivesse perdido seu próprio chinês? A própria ideia o encheu de horror.

— Você entendeu — disse Griffin, observando-o. — Você sabe como é quando sua língua nativa desaparece. Você pegou a tempo. Eu não fiz isso.

— Sinto muito — disse Robin. 'Eu não sabia.'

— Não sinta muito — disse Griffin secamente. ' *Você* não arruinou minha vida.'

Robin podia agora ver Oxford através dos olhos de Griffin – uma instituição que nunca o valorizou, que apenas o tinha condenado ao ostracismo e menosprezado. Ele imaginou Griffin passando por Babel, tentando desesperadamente obter a aprovação do professor Lovell, mas nunca conseguindo fazer com que a prata funcionasse de forma consistente.

Como teria sido horrível procurar um chinês frágil de uma vida pouco lembrada, sabendo muito bem que era a única coisa que lhe dava valor aqui.

Não é de admirar que Griffin estivesse furioso. Não é de admirar que ele odiasse Babel com tanta veemência. Griffin foi privado de tudo – uma língua materna, uma pátria mãe, uma família.

'Então eu preciso de você, querido irmão.' Griffin estendeu a mão e bagunçou seu cabelo. Seu toque era tão forte que doía. 'Você é a coisa real. Você é indispensável.

Robin sabia que não devia responder.

'Fique de olho na sua janela.' Não havia calor nos olhos de Griffin. 'As coisas estão acontecendo rápido. E este é importante.

Robin engoliu suas objeções e assentiu. 'Certo.'

Uma semana depois, Robin voltou do jantar com o professor Lovell e encontrou o pedaço de papel que tanto temia enfiado debaixo da janela.

Esta noite , dizia. *Onze* .

Já eram 10h45. Robin rapidamente vestiu o casaco que acabara de pendurar levantou-se, pegou a barra *wúxíng* da gaveta e correu de volta para a chuva.

Ele verificou o verso da nota em busca de outros detalhes enquanto caminhava, mas Griffin não havia incluído mais instruções. Isso não era necessariamente um problema -

Robin presumiu que isso significava que ele deveria simplesmente deixar quaisquer cúmplices aparecerem dentro e fora da torre - mas era

surpreendentemente cedo, e ele percebeu tardiamente que não havia trazido nada com ele - nenhum livro , sem mochila, nem mesmo guarda-chuva – isso justificaria uma ida noturna até a torre.

Mas ele não poderia deixar de aparecer. Quando os sinos bateram onze horas, ele correu pelo gramado e abriu a porta. Isso não era nada que ele não tivesse feito uma dúzia de vezes antes – abrir o gergelim, fechar o gergelim e ficar fora do caminho. Enquanto o sangue de Robin estivesse armazenado naquelas paredes de pedra, as proteções não deveriam soar.

Dois agentes da Hermes o seguiram e desapareceram escada acima. Robin ficou no saguão como sempre, de olho nos estudiosos noturnos, contando os segundos até a hora de partir. Às onze e cinco, os agentes da Hermes desceram correndo as escadas. Um deles carregava um conjunto de ferramentas de gravação, o outro uma arca com barras de prata.

“Muito bem”, sussurrou um. 'Vamos.'

Robin assentiu e abriu a porta para deixá-los sair. No momento em que passaram por cima da barreira, uma cacofonia horrível dividiu o ar – um grito, um uivo, o ranger de engrenagens de metal em algum mecanismo invisível. Foi uma ameaça e um aviso, o híbrido do horror antigo e da capacidade moderna de derramar sangue. Atrás deles, os painéis da porta se moveram, revelando uma cavidade escura no interior.

Sem outra palavra, os agentes da Hermes correram em direção ao gramado.

Robin hesitou, tentando decidir se deveria segui-lo. Ele poderia escapar – a armadilha era barulhenta, mas parecia de ação lenta. Ele olhou para baixo e viu que seus dois pés estavam plantados diretamente no brasão da universidade. Suponha que a proteção só fosse acionada se ele saísse?

Uma maneira de descobrir. Ele respirou fundo e desceu as escadas correndo. Ele ouviu um estrondo e depois sentiu uma dor lancinante no braço esquerdo. Ele não sabia dizer onde foi atingido. A dor parecia vir de todos os lugares, menos de uma ferida singular e mais de uma agonia ardente que se espalhava por todo o seu braço. Estava pegando fogo, explodindo, todo o membro ia cair. Ele continuou correndo. Balas disparadas para o ar atrás ele. Ele se abaixou e pulou aleatoriamente; ele tinha lido em algum lugar que isso era como se esquivar de tiros, mas não tinha ideia se era verdade. Ele ouviu mais estrondos, mas não

sentiu nenhuma explosão de dor correspondente. Ele percorreu toda a extensão do gramado e virou à esquerda na Broad Street, fora de vista e fora do alcance.

Então a dor e o medo o dominaram. Seus joelhos tremeram. Ele deu mais dois passos e desabou contra a parede, lutando contra a vontade de vomitar. Sua cabeça girava. Ele não poderia fugir da polícia se eles viessem. Não assim, não com sangue escorrendo pelo braço e preto rastejando nos cantos de sua visão. *Foco* . Ele procurou a barra em seu bolso. Sua mão esquerda estava escorregadia e escura de sangue; a própria visão desencadeou outra onda de vertigem.

“ *Wúxíng* ”, ele sussurrou freneticamente, tentando se concentrar, imaginar o mundo em chinês. Ele não era nada. Ele não tinha forma. ' *Invisível* .'

Não funcionou. Ele não conseguiu fazer funcionar; ele não conseguia mudar para o modo chinês quando tudo em que conseguia pensar era na dor terrível.

'Ei! Você para!'

Era o professor Playfair. Robin se encolheu, preparada para o pior, mas o rosto do professor se abriu num sorriso caloroso e preocupado. — Ah, olá, Swift. Não sabia que era você. Você está bem? Há uma confusão no prédio.

'Professor, eu. . . ' Robin não tinha a menor ideia do que dizer, então decidiu que era melhor apenas balbuciar. — Eu não. . eu estava perto, mas não sei se. . . . '

— Você viu alguém? perguntou o professor Playfair. — As proteções foram feitas para atirar no intruso, você sabe, mas as engrenagens parecem ter travado depois da última vez.

Mas ainda assim pode ter batido nele. Você viu alguém mancando, alguém que parecia estar com dor?

'Não, não vi. Estava quase no green quando os alarmes dispararam, mas não tinha virado a esquina.' O professor Playfair estava balançando a cabeça em solidariedade? Robin mal ousava acreditar na sua sorte. — É. . houve um ladrão?

'Talvez não. Não se preocupe. O professor Playfair estendeu a mão e deu um tapinha no ombro dele. O impacto enviou outra onda horrível de dor por toda a parte superior do corpo, e Robin cerrou os dentes para não gritar. 'As proteções às vezes ficam complicadas -

talvez seja hora de substituí-las. Pena, gostei dessa versão. Você está bem?'

Robin assentiu e piscou, tentando ao máximo manter o nível de voz. — Apenas com medo, suponho. . quero dizer, depois do que vimos na semana passada. . . '

'Ah, certo. Horrível, não foi? É bom saber que minha pequena ideia funcionou. Eles nem me deixaram testar antes em cães. Ainda bem que não foi em você que houve defeito. A professora Playfair soltou uma risada. — Talvez você tenha enchido você de chumbo.

— Certo — Robin disse fracamente. 'Então . . . tão feliz.'

'Você está bem. Tome um uísque com água quente, isso vai aliviar o choque.

'Sim eu acho . . . Acho que isso parece bom. Robin se virou para ir embora.

— Você não disse que estava vindo? Professor Playfair perguntou.

Robin tinha essa mentira pronta. — Eu estava ansioso, então pensei em começar um trabalho para o professor Lovell. Mas estou um pouco abalado e acho que não farei nenhum bom trabalho se começar agora, então prefiro ir para a cama.

'Claro.' O professor Playfair deu um tapinha em seu ombro novamente. Foi mais forte desta vez; Os olhos de Robin se arregalaram. — Richard diria que você está sendo preguiçoso, mas eu entendo perfeitamente. Você ainda está no segundo ano, pode se dar ao luxo de ser preguiçoso. Vá para casa e durma.

O professor Playfair deu-lhe um último aceno alegre e caminhou em direção à torre, onde os alarmes ainda soavam. Robin respirou fundo e saiu mancando, esforçando-se com todas as suas forças para não desabar na rua.

De alguma forma, ele conseguiu voltar para Magpie Lane. O sangramento ainda não havia parado, mas depois de limpar o braço com uma toalha molhada, ele viu, para seu alívio, que a bala não havia se alojado em seu braço. Ele havia apenas feito um corte na carne acima do cotovelo, com cerca de um terço de polegada de profundidade. A ferida parecia tranquilizadoramente pequena quando ele limpou o sangue. Ele não sabia como vesti-lo adequadamente – imaginava que poderia envolver agulha e linha – mas seria uma tolice ir procurar a enfermeira da faculdade àquela hora.

Ele cerrou os dentes por causa da dor, tentando se lembrar dos conselhos úteis que havia aprendido nos romances de aventura. Álcool – ele precisava desinfetar a ferida. Ele vasculhou as prateleiras até encontrar uma garrafa de conhaque pela metade, um presente de Natal de Victoire. Ele derramou-o no braço, sibilando por causa da dor, depois engoliu vários goles para garantir. Em seguida encontrou uma camisa limpa, que rasgou para fazer bandagens. Ele os enrolou firmemente no braço usando os dentes – ele leu que a pressão ajudava a estancar o sangramento. Ele não sabia o que mais deveria fazer. Deveria simplesmente esperar, agora, que a ferida se fechasse sozinha?

Sua cabeça girava. Ele estava tonto por causa da perda de sangue ou era apenas o conhaque em ação?

Encontre Ramy , ele pensou. *Encontre Ramy, ele ajudará.*

Não. Chamar Ramy o implicaria. Robin morreria antes de colocar Ramy em risco.

Ele sentou-se contra a parede, a cabeça inclinada para o telhado, e respirou fundo várias vezes. Ele só tinha que passar esta noite. Foram necessárias várias camisas – ele teria que ir ao alfaiate, inventar alguma história sobre um desastre na lavanderia – mas, eventualmente, o sangramento foi estancado. Por fim, exausto, ele caiu e adormeceu.

No dia seguinte, depois de três horas de aula estremecendo, Robin foi até a biblioteca médica e vasculhou as estantes até encontrar um manual médico sobre ferimentos de campo. Depois foi a Cornmarket, comprou agulha e linha e correu para casa para costurar novamente o braço.

Acendeu uma vela, esterilizou a agulha sobre a chama e, depois de muitas tentativas, conseguiu passar a linha. Então ele se sentou e segurou a ponta afiada acima da carne ferida e em carne viva.

Ele não conseguiu. Ele continuou aproximando a agulha do ferimento e então, antecipando a dor, puxou-a. Ele pegou o conhaque e tomou três goles enormes. Ele esperou vários minutos até que o álcool se acomodasse bem em seu estômago e suas extremidades começassem a formigar agradavelmente. Era aqui que ele precisava estar – aborrecido o suficiente para não se importar com a dor, alerta o suficiente para se recompor. Ele tentou novamente. Desta vez foi mais fácil, embora ele ainda tivesse que parar para enfiar um pano amassado na boca

para não gritar. Por fim ele fez o último ponto. Sua testa pingava suor; as lágrimas corriam livremente por seu rosto. De alguma forma, ele encontrou forças para cortar o fio, amarrar as suturas com os dentes e jogar a agulha ensanguentada na pia.

Então ele caiu de volta na cama e, curvando-se de lado, terminou o resto da garrafa.

Griffin não manteve contato naquela noite.

Robin sabia que era tolice esperar que isso acontecesse. Griffin, ao saber o que havia acontecido, provavelmente teria passado à clandestinidade, e por um bom motivo. Robin não ficaria surpreso se não tivesse notícias de Griffin durante um semestre inteiro. Ainda assim, ele sentiu uma onda negra e avassaladora de ressentimento.

Ele *disse* a Griffin que isso iria acontecer. Ele o avisou, contou exatamente o que tinha visto. Isso era totalmente evitável.

Ele queria que o próximo encontro acontecesse mais cedo só para poder gritar com ele, dizer que ele tinha avisado, que Griffin deveria ter ouvido. Que se Griffin não fosse tão arrogante, talvez seu irmão mais novo não tivesse uma linha de pontos bagunçados no braço. Mas a consulta não veio. Griffin não deixou nenhum bilhete em sua janela na noite seguinte, nem na noite seguinte. Ele parecia ter desaparecido sem deixar vestígios de Oxford, deixando Robin sem nenhuma maneira de contatá-lo ou a Hermes.

Ele não conseguia falar com Griffin. Não podia confiar em Victoire, Letty ou Ramy. Ele teve apenas a si mesmo como companhia naquela noite, chorando miseravelmente por causa da garrafa vazia enquanto seu braço latejava. E pela primeira vez desde que chegara a Oxford, Robin sentiu-se verdadeiramente só.

Capítulo Onze

Mas somos escravos e trabalhamos na plantação de outro homem; nós cuidamos da vinha, mas o vinho é do dono.

J OHN D RYDEN , extrato da 'Dedicatória' à sua tradução da *Eneida*

Robin não viu Griffin durante o resto do semestre de Hilary, ou Trinity. Na

verdade, ele mal notou; seu curso do segundo ano só ficou mais difícil com o passar das semanas, e ele mal teve tempo de pensar em seu ressentimento.

O verão chegou, embora não fosse um verão, mas sim um período letivo acelerado, e seus dias eram ocupados com o estudo frenético de vocabulário sânscrito para uma avaliação na semana anterior ao início do próximo Natal. Depois eram alunos do terceiro ano, status que acarretava todo o esgotamento de Babel sem nenhuma de suas novidades.

Oxford perdeu o seu encanto naquele mês de setembro; o pôr do sol dourado e o céu azul brilhante foram substituídos por um frio e neblina sem fim. Choveu muito e os ventos tempestuosos foram excepcionalmente violentos em comparação com os anos anteriores.

Seus guarda-chuvas continuavam quebrando. Suas meias estavam sempre molhadas. O

remo desse período foi cancelado. *

Isso foi bom. Nenhum deles tinha mais tempo para esportes. O terceiro ano em Babel era tradicionalmente conhecido como o Inverno Siberiano, e a razão tornou-se óbvia quando lhes foram emitidas as listas de cursos. Todos continuavam em suas línguas terciárias e em latim, o que, segundo rumores, se tornaria terrivelmente difícil quando Tácito entrou em cena. Eles também continuavam em Teoria da Tradução com o Professor Playfair e Etimologia com o Professor Lovell, embora a carga horária de cada curso tivesse duplicado, já que se esperava que produzissem um trabalho de cinco páginas para cada aula todas as semanas.

Mais importante ainda, todos foram designados supervisores com os quais desenvolveriam um projeto de pesquisa independente. Isto contou como a sua proto-dissertação – o primeiro trabalho que, se concluído com sucesso, seria preservado nas prateleiras de Babel como uma verdadeira contribuição académica.

Ramy e Victoire ficaram imediatamente insatisfeitos com seus supervisores. Ramy foi convidado pelo professor Joseph Harding para contribuir para uma rodada editorial da Grammatica Persa, o que era nominalmente uma grande honra. * Mas Ramy não conseguia ver romance em tal projeto.

“Inicialmente propus uma tradução dos manuscritos de Ibn Khaldun”, disse-lhes. —

Aqueles que Silvestre de Sacy conseguiu. Mas Harding objetou que os orientalistas franceses já estavam trabalhando nisso e que era improvável que eu conseguisse que Paris os emprestasse para mim por um período. Então perguntei se poderia simplesmente traduzir os ensaios árabes de Omar ibn Said para o inglês, visto que eles estão parados há quase uma década em nossas coleções, mas Harding disse que isso era desnecessário

porque a abolição já havia sido aprovada em lei na Inglaterra, você acredita nisso? * Como se a América não existisse? Finalmente Harding disse que se eu quisesse fazer algo confiável, então poderia editar as citações na Gramática Persa, então ele me fez ler Schlegel agora. *Über die Sprache und Weisheit der Indier* . E sabe de uma coisa? Schlegel nem estava na Índia quando escreveu isso. Ele escreveu tudo de Paris. Como você escreve um texto definitivo sobre a “linguagem e sabedoria” da Índia a partir de Paris?' *

No entanto, a indignação de Ramy parecia trivial comparada com o que Victoire estava enfrentando. Ela trabalhava com o professor Hugo Leblanc, com quem estudou francês durante dois anos sem problemas, mas que agora se tornou uma fonte de frustração incessante.

“É impossível”, disse ela. 'Quero trabalhar no Kreyòl, ao qual ele não se opõe totalmente, apesar de pensar que é uma língua degenerada, mas tudo o que ele quer saber é o Vodu.'

'Essa religião pagã?' — Letty perguntou.

Victoire lançou-lhe um olhar mordaz. 'A *religião* , sim. Ele fica perguntando sobre feitiços e poemas de Vodu, aos quais ele não consegue acessar, é claro, porque estão em Kreyòl.

Letty parecia confusa. 'Mas isso não é a mesma coisa que francês?'

“Nem remotamente”, disse Victoire. 'O francês é o lexificador, sim, mas o kreyòl é a sua própria língua, com as suas próprias regras gramaticais. Francês e Kreyòl não são mutuamente inteligíveis. Você poderia ter estudado francês por uma década, mas um poema Kreyòl ainda pode ser impossível de decifrar sem um dicionário. Leblanc não tem dicionário – não *existe* dicionário, ainda não – então

eu sou a próxima melhor opção.

'Então qual é o problema?' perguntou Ramy. 'Parece que você tem um projeto muito bom.'

Victoire parecia desconfortável. 'Porque os textos que ele quer traduzidos são. . não sei, são textos especiais. Textos que significam alguma coisa.

'Textos tão especiais que nem deveriam ser traduzidos?' — Letty perguntou.

“São herança”, insistiu Victoire. 'São crenças sagradas. .'

'Não são *suas* crenças, certamente. .'

“Talvez não”, disse Victoire. — Eu não. . quero dizer, não sei. Mas eles não foram feitos para serem compartilhados. Você se contentaria em sentar-se hora após hora com um homem branco enquanto ele lhe pergunta a história por trás de cada metáfora, de cada nome de deus, para que ele possa vasculhar as crenças de seu povo em busca de um par que possa fazer brilhar uma barra de prata?

Letty não parecia convencida. 'Mas não é *real* , é?'

'Claro que é real.'

— Ah, por favor, Victória.

'É real em um sentido que você nunca poderá saber.' Victoire estava ficando cada vez mais agitada. 'Num sentido que apenas alguém do Haiti poderia ter acesso. Mas não no sentido que Leblanc está imaginando.

Letty suspirou. — Então por que você não diz exatamente isso a ele?

— Você acha que eu não tentei? Vitória retrucou. 'Você já tentou convencer um professor de Babel a não fazer alguma coisa?'

“Bem, de qualquer forma”, disse Letty, agora irritada e defensiva e, portanto, cruel, “o que você sabe sobre o vodu? Você não cresceu na França?

Esta foi a pior resposta que ela poderia ter dado. Victoire fechou a boca e desviou o olhar. A conversa morreu. Um silêncio constrangedor se instalou, que

nem Victoire nem Letty fizeram qualquer tentativa de quebrar. Robin e Ramy trocaram um olhar, sem noção, tolos. Algo tinha dado terrivelmente errado, um tabu havia sido quebrado, mas todos estavam com muito medo de investigar exatamente o quê.

Robin e Letty estavam razoavelmente felizes com seus projetos, por mais trabalhosos e demorados que fossem. Robin estava trabalhando com o professor Chakravarti para completar uma lista de empréstimos do sânscrito para o chinês, e Letty estava trabalhando com o professor Leblanc para examinar artigos científicos franceses em busca de metáforas possivelmente úteis e intraduzíveis no domínio da matemática e da engenharia. Eles aprenderam a evitar discutir detalhes em torno de Ramy e Victoire. Todos eles usaram banalidades uns com os outros; Robin e Letty estavam sempre “fazendo bons progressos”, enquanto Ramy e Victoire “lutavam como sempre”.

Pessoalmente, Letty não era tão generosa. O assunto do Professor Leblanc havia se tornado um ponto de discórdia entre ela e Victoire, que ficou magoada e surpresa com a falta de simpatia de Letty, enquanto Letty pensava que Victoire estava sendo muito sensível sobre tudo isso.

— Ela mesma causou isso — queixou-se a Robin. 'Ela poderia tornar isso muito mais fácil se apenas fizesse a pesquisa - quero dizer, ninguém fez um projeto de terceiro ano em crioulo haitiano, quase não há uma Grammatica. Ela poderia ser a primeira!

Não havia discussão com Letty quando ela estava nesse estado de espírito – era óbvio que ela só queria uma plateia para desabafar – mas Robin tentou mesmo assim. — Suponho que isso signifique mais para ela do que você imagina.

'Mas isso não acontece. Eu sei que não! Ela não é nem um pouco religiosa; Quero dizer, ela é *civilizada* ...

Ele assobiou. — Essa é uma palavra carregada, Letty.

— Você sabe o que quero dizer — ela bufou. “Ela não é haitiana. Ela é *francesa* . E

simplesmente não vejo por que ela tem que ser tão difícil.

No meio do Natal, Letty e Victoire mal conversavam uma com a outra. Eles

sempre chegavam à aula com vários minutos de intervalo, e Robin se perguntava se seria preciso habilidade para espaçar suas saídas de modo que nunca se cruzassem na longa caminhada.

As meninas não foram as únicas a sofrer fraturas. A atmosfera daqueles dias era opressiva. Algo pareceu romper-se entre todos eles – não, *ruptura* talvez fosse uma palavra muito forte, pois ainda se agarravam uns aos outros com a força de pessoas que não tinham mais ninguém. Mas o vínculo entre eles se torceu em uma direção decididamente dolorosa.

Eles ainda passavam quase todos os momentos juntos, mas temiam a companhia um do outro. Tudo foi uma ofensa involuntária ou deliberada – se Robin reclamava do sânscrito, era insensível ao fato de que o professor Harding continuava insistindo que o sânscrito era uma das línguas de Ramy, quando não era; se Ramy ficou satisfeito por ele e o professor Harding terem finalmente concordado na direção da pesquisa, foi um comentário insensível para Victoire, que não havia chegado a lugar nenhum com o professor Leblanc.

Costumavam encontrar consolo na sua solidariedade, mas agora viam-se uns aos outros apenas como lembretes da sua própria miséria.

O pior, do ponto de vista de Robin, era que algo havia mudado repentina e misteriosamente entre Letty e Ramy. Suas interações foram tão acaloradas como sempre -

Ramy nunca parava de zombar e Letty nunca parava de explodir em resposta. Mas agora as réplicas de Letty adquiriram um tom estranhamente vitimizado. Ela criticava os menores desrespeitos, muitas vezes intangíveis. Ramy, por sua vez, tornou-se mais cruel e sarcástico de uma forma difícil de descrever. Robin não sabia o que fazer sobre isso, nem tinha a menor ideia do que se tratava, a não ser que isso lhe causava estranhas dores no peito sempre que observava essas trocas acontecerem.

“Ela está apenas sendo Letty”, disse Ramy quando pressionado sobre isso. 'Ela quer atenção e acha que fazer birra é a maneira de consegui-la.'

— Você fez alguma coisa para aborrecê-la? Robin perguntou.

'Além do que geralmente existe? Eu não acho.' Ramy parecia entediado com o assunto.

— Suponhamos que prossigamos com esta tradução? Está tudo bem, Birdie, eu prometo.

Mas as coisas decididamente não estavam bem. Na verdade, as coisas eram muito estranhas. Ramy e Letty pareciam incapazes de se suportar e, ao mesmo tempo, gravitavam em torno um do outro; eles não podiam falar normalmente sem se oporem ferozmente de uma forma que os tornasse protagonistas da conversa. Se Ramy queria café, Letty queria chá; se Ramy achava que uma pintura na parede era bonita, então Letty de repente tinha doze razões pelas quais ela exemplificava o pior da adesão da Royal Academy ao convencionalismo artístico.

Robin achou isso insuportável. Uma noite, durante um sono agitado, ele teve uma fantasia repentina e violenta de empurrar Letty para dentro do Cherwell. Quando acordou, procurou em si mesmo qualquer indício de culpa, mas não encontrou nenhum; a ideia de Letty encharcada e engasgada trazia a mesma satisfação cruel à sóbria luz do dia.

Houve pelo menos a distração de seus estágios de terceiro ano, durante os quais cada um deles ajudaria um membro do corpo docente em suas tarefas de ourivesaria durante todo o período. ' *Teoria* vem do grego *theōria* , que significa visão ou espetáculo, cuja raiz também nos dá a palavra *teatro* .' Assim explicou o professor Playfair antes de enviá-los aos seus respectivos supervisores. «Mas não basta apenas observar as operações. Você deve sujar as mãos. Você deve entender como o metal *canta* .

Na prática, isso significava muito trabalho burro não remunerado. Para decepção de Robin, os aprendizes passaram muito pouco tempo no oitavo andar, onde aconteciam todas as pesquisas emocionantes. Em vez disso, três vezes por semana, ele acompanhava o professor Chakravarti em viagens por Oxford, ajudando na instalação e manutenção de ourivesaria. Ele aprendeu como polir a prata até que ela brilhasse (a oxidação e o embaçamento diminuíam bastante o efeito do par combinado), como escolher entre diferentes tamanhos de canetas de gravação para restaurar meticulosamente uma inscrição à sua clareza original e como deslizar habilmente as barras e fora de seus acessórios especialmente soldados. Era uma pena que Griffin tivesse ido para a clandestinidade, pensou ele, pois seu aprendizado lhe dava acesso quase irrestrito às ferramentas e matérias-primas da torre. Ele não teria que deixar os ladrões entrarem à meia-noite. Em meio a gavetas inteiras de equipamentos de gravação e professores

distraídos que não teriam notado nada, ele poderia ter arrancado o que quisesse da torre à vontade.

'Com que frequência você tem que fazer isso?' ele perguntou.

“Oh, isso nunca acaba”, disse o professor Chakravarti. — É assim que ganhamos todo o nosso dinheiro, sabe. As barras têm um preço alto, mas é a manutenção que é o verdadeiro problema. A carga de trabalho é um pouco mais difícil para mim e para Richard, já que há tão poucos sinologistas.

Naquela tarde, eles estavam visitando uma propriedade em Wolvercote, onde uma oficina de ourivesaria no jardim dos fundos havia parado de funcionar, apesar da garantia de doze meses. Eles tiveram alguns problemas para passar pelo portão da frente - a governanta não parecia convencida de que eles eram estudiosos de Babel, e bastante desconfiada de que eles estavam aqui para roubar o lugar - mas depois de fornecer várias provas de identificação, incluindo a recitação de muitas graças latinas, eles finalmente foram convidados a entrar.

“Acontece cerca de duas vezes por mês”, disse o professor Chakravarti a Robin, embora parecesse bastante desanimado. 'Você se acostuma com isso. Eles não dão a Richard nem metade do trabalho. *

A governanta os conduziu pela propriedade até um jardim muito exuberante e bonito, com um riacho serpenteante e borbulhante e várias pedras grandes dispostas aleatoriamente. Eles foram informados que foi projetado no estilo chinês, que se tornou muito popular naquela época depois que os projetos paisagísticos orientais de William Chambers foram exibidos pela primeira vez nos Jardins de Kew. Robin não se lembrava de ter visto algo assim em Cantão, mas acenou com a cabeça, apreciativo, até que a governanta se foi.

'Bem, o problema aqui é óbvio.' O professor Chakravarti empurrou alguns arbustos para o lado para revelar o canto da cerca onde a prataria estava instalada. “Eles estavam empurrando um carrinho para frente e para trás por cima do bar. A gravura foi apagada até a metade. A culpa é deles – isso não se enquadra na garantia.

Deixou Robin retirá-lo do suporte e depois virou a barra para lhe mostrar a inscrição.

De um lado: *jardim* ; por outro, o personagem , que poderia significar um

jardim paisagístico, mas mais geralmente evocava um lugar de recolhimento privado, de retiro do mundo, com conotações de purificação ritual, limpeza, doação de esmolas e atos taoístas de arrependimento.

“A ideia é tornar os seus jardins mais bonitos e silenciosos do que a agitação de Oxford permite. Mantém a ralé afastada. O efeito é bastante sutil, se formos honestos; não fizemos tantos testes, mas realmente não há limite para onde os ricos investem dinheiro. O

professor Chakravarti talhava o bar enquanto falava. 'Hum. Veremos se isso resolverá o problema.

Deixou Robin reinstalar a barra e depois se abaixou para verificar seu trabalho.

Satisfeito, ele se levantou e passou as mãos nas calças. 'Você gostaria de ativá-lo?'

— Eu só. . o que, disse as palavras? Robin tinha visto os professores fazerem o mesmo muitas vezes, embora não pudesse imaginar que fosse tão fácil. Por outro lado, lembrou ele, a barra *wúxíng* funcionou para ele na primeira tentativa.

“Bem, é um tipo particular de estado mental. Você fala as palavras, mas o mais importante é que você mantém dois significados em sua cabeça ao mesmo tempo. Você

existe em ambos os mundos linguísticos simultaneamente e imagina atravessá-los. Isso faz sentido?'

— Eu. . eu acho que sim, senhor. Robin franziu a testa para o bar. 'Isso é realmente tudo o que é preciso?'

— Ah, não, estou sendo descuidado. Existem algumas boas heurísticas mentais que você aprenderá durante o quarto ano e alguns seminários teóricos que você terá que assistir, mas no final das contas, o que importa é o sentimento. O professor Chakravarti parecia bastante entediado; Robin teve a impressão de que ainda estava muito irritado com aquela casa e queria ir embora o mais rápido possível. 'Prossiga.'

'Bem. . tudo bem.' Robin colocou a mão no balcão. ' *Zhai* . Jardim.'

Ele sentiu uma leve vibração sob as pontas dos dedos. O jardim parecia então mais silencioso, mais sereno, embora ele não soubesse dizer se isso era obra dele ou imaginação.

'Conseguimos?'

'Bem, é melhor esperarmos que sim.' O professor Chakravarti pendurou a bolsa de ferramentas no ombro. Ele não estava preocupado o suficiente para verificar. 'Vamos, vamos receber o pagamento.'

'Você sempre precisa falar o par para que funcione?' Robin perguntou enquanto eles voltavam para o campus. 'Parece insustentável – isto é, há tantos bares e tão poucos tradutores.'

“Bem, isso depende de uma série de coisas”, disse o professor Chakravarti. 'Para começar, a natureza do impacto. Com algumas barras, você deseja uma manifestação temporária. Suponha que você precise de um efeito físico curto e extremo – muitas barras militares funcionam dessa maneira. Em seguida, eles precisam ser ativados sempre que usados e são projetados para que os efeitos não dure muito. Mas outras barras têm um efeito duradouro – como as proteções na torre, por exemplo, ou as barras instaladas em navios e carruagens.'

'O que os faz durar mais?'

'O número de quilates, para começar. A prata mais fina resiste e quanto maior a porcentagem de outras ligas, menor o tempo de efeito. Mas também existem diferenças sutis na forma como são fundidos e gravados; você aprenderá em breve. O professor Chakravarti lançou-lhe um sorriso. — Você está ansioso para começar, não está?

— É muito emocionante, senhor.

“Isso vai passar”, disse o professor Chakravarti. 'Ande pela cidade murmurando as mesmas palavras repetidamente e logo você começará a se sentir como um papagaio em vez de um mágico.'

Uma tarde, eles chegaram ao Museu Ashmolean para consertar uma barra de prata que nenhum encantamento ativaria. O lado inglês leu *verify* e o lado chinês usou o caractere , que significa 'validar'. Também pode significar 'justapor', 'organizar lado a lado' e

'comparar coisas'. A equipe Ashmolean vinha usando isso para comparar artefatos fraudulentos com os reais, mas recentemente falhou em vários testes, que a equipe conduziu sabiamente antes de avaliar novas aquisições.

Eles inspecionaram cuidadosamente a barra sob um microscópio portátil, mas nem a caligrafia chinesa nem a inglesa mostraram qualquer sinal de erosão. Mesmo depois que o professor Chakravarti examinou tudo com sua menor caneta de gravação, ela ainda não foi ativada.

Ele suspirou. — Embrulhe isso e coloque na minha bolsa, certo?

Robin obedeceu. 'O que está errado?'

‘Seu link de ressonância parou de funcionar. Acontece às vezes, especialmente com alguns pares mais antigos.

'O que é um link de ressonância?'

“Para a torre”, disse o professor Chakravarti, já se afastando. 'Você verá o que quero dizer.'

De volta a Babel, o professor Chakravarti conduziu Robin até a ala sul do oitavo andar, passando pelas mesas de trabalho. Robin nunca tinha estado nesta área antes. Todas as suas visitas ao oitavo andar se restringiram à oficina, que ocupava a maior parte do que o olho via além da grossa porta corta-fogo. Mas outro conjunto de portas bloqueava a ala sul, trancadas com três conjuntos de fechaduras, que o professor Chakravarti agora abria com um tilintar molho de chaves.

'Eu realmente não deveria te mostrar ainda.' O professor Chakravarti piscou para ele.

'Informação privilegiada e tudo mais. Mas não há outra maneira de explicar.

Ele desfez a fechadura final. Eles passaram.

Era como entrar em uma exposição de uma casa de diversões ou no interior de um piano gigante. Enormes hastes prateadas de diferentes alturas e comprimentos estavam em pé por todo o chão. Alguns chegavam à cintura; outros elevavam-se acima dele, estendendo-se do chão ao teto, com espaço

suficiente entre eles para alguém passar agilmente sem tocar em nenhum. Eles lembravam a Robin os órgãos da igreja; ele teve um estranho impulso de pegar um martelo e bater em todos de uma vez.

“A ressonância é uma forma de reduzir custos”, explicou o professor Chakravarti.

«Precisamos de guardar a prata de maior quilate para barras com necessidades de resistência – as barras que vão para a Marinha, que protegem os navios mercantes, e assim por diante. Por isso usamos prata com maior percentual de ligas nas barras que operam em terras inglesas, pois podemos mantê-las alimentadas de ressonância.

Robin olhou ao redor, espantado. 'Mas como tudo isso funciona?'

“É mais fácil pensar em Babel como o centro e em todos os bares dependentes de ressonância da Inglaterra como a periferia. A periferia recorre ao centro para obter poder.'

O professor Chakravarti gesticulou ao seu redor. Cada haste, Robin notou, parecia estar vibrando em uma frequência muito alta, mas embora parecesse que a torre deveria estar vibrando com notas discordantes, o ar estava parado e silencioso. 'Essas varas, gravadas com pares de fósforos comumente usados, sustentam barras interligadas em todo o país. O

poder de manifestação vem do bastão, entende, o que significa que as barras externas não exigem uma reativação tão constante.

- Como postos avançados britânicos nas colónias - disse Robin. 'Chamando para casa por soldados e suprimentos.'

"Uma metáfora conveniente, sim."

'Então isso ressoa em todos os bares da Inglaterra?' Robin viu na sua mente uma rede invisível de significados que se estendia por todo o país, mantendo viva a ourivesaria. Foi bastante assustador considerar. 'Eu pensei que haveria mais deles.'

'Não exatamente. Existem centros de ressonância muito menores em todo o país – há um em Edimburgo, por exemplo, e outro em Cambridge. O efeito

enfraquece com a distância. Mas a maior parte está em Oxford – o Instituto de Tradução se espalha muito longe para manter vários centros, pois são necessários tradutores treinados para a manutenção.'

Robin inclinou-se para examinar uma das varas mais próximas. Além do par, escrito em grande caligrafia no topo, ele viu uma série de letras e símbolos que não conseguia entender. — Como é forjada a ligação, então?

'É um processo complicado.' O professor Chakravarti conduziu Robin até uma vara estreita perto da janela do lado sul. Ele se ajoelhou, pegou a barra Ashmolean da bolsa e segurou-a contra a haste. Robin notou então uma série de gravuras na lateral da haste que correspondiam a gravuras semelhantes na barra. 'Eles precisam ser fundidos com o mesmo material. E depois há muito trabalho com símbolos etimológicos – você aprenderá tudo isso no quarto ano, se se especializar em trabalho com prata. Na verdade, usamos um alfabeto inventado, baseado num manuscrito descoberto por um alquimista de Praga no século XVII.

* É para que ninguém fora da Babel possa replicar nosso processo. Por enquanto, você pode pensar em todo esse ajuste como um aprofundamento do vínculo de conexão.'

“Mas pensei que línguas falsas não funcionassem para ativar as barras”, disse Robin.

“Eles não *manifestam* significado”, disse o professor Chakravarti. «Como mecanismo de ligação, contudo, funcionam bastante bem. Poderíamos usar números básicos, mas Playfair gosta de seus mistérios. Mantém as coisas proprietárias.

Robin ficou algum tempo em silêncio, observando enquanto o professor Chakravarti ajustava as gravuras na barra Ashmolean com um estilete fino, examinava-as com uma lente e depois fazia os ajustes correspondentes na haste de ressonância. Todo o processo demorou cerca de quinze minutos. Por fim, o professor Chakravarti embrulhou a barra Ashmolean em veludo, devolveu-a à bolsa e levantou-se. 'Isso deve funcionar. Voltaremos ao museu amanhã.

Robin estava lendo as varas, notando que uma grande porcentagem delas parecia usar pares chineses. 'Você e o professor Lovell têm que manter tudo isso?'

“Ah, sim”, disse o professor Chakravarti. 'Não há mais ninguém que possa fazer

isso. Sua formatura será três.

“Eles precisam de nós”, Robin ficou maravilhado. Era estranho pensar que o funcionamento de um império inteiro dependia apenas de um punhado de pessoas.

“Eles precisam terrivelmente de nós”, concordou o professor Chakravarti. — E é bom, na nossa situação, ser necessário.

Eles ficaram juntos na janela. Olhando para Oxford, Robin teve a impressão de que toda a cidade era como uma caixa de música bem afinada, dependendo inteiramente de suas engrenagens prateadas para continuar funcionando; e que, se a prata algum dia acabasse, se essas barras de ressonância algum dia entrassem em colapso, Oxford inteira pararia abruptamente. As torres dos sinos ficariam mudas, os táxis parariam nas estradas e os habitantes da cidade ficariam paralisados em movimento na rua, com os membros erguidos no ar, as bocas abertas no meio da fala.

Mas ele não podia imaginar que algum dia acabaria. Londres e Babel enriqueciam a cada dia, pois os mesmos navios alimentados por trabalhos de prata duradouros traziam em troca baús e mais baús de prata. Não havia mercado no mundo que pudesse resistir à incursão britânica, nem mesmo o Extremo Oriente. A única coisa que perturbaria o influxo de prata seria o colapso de toda a economia global e, como isso era ridículo, a Cidade de Prata e as delícias de Oxford pareciam eternas.

Um dia, em meados de janeiro, eles apareceram na torre e encontraram todos os veteranos e graduados vestindo preto por baixo dos vestidos.

“É para Anthony Ribben”, explicou o professor Playfair quando eles entraram no seminário. Ele próprio vestia uma camisa azul lilás.

— E quanto a Anthony? — Letty perguntou.

'Eu vejo.' O rosto do professor Playfair se contraiu. "Eles não te contaram."

— Nos contou o quê?

“Anthony desapareceu durante uma expedição de pesquisa a Barbados no verão passado”, disse o professor Playfair. — Ele desapareceu na noite anterior ao

retorno de seu navio a Bristol, e não tivemos notícias dele desde então. Estamos presumindo que ele está morto. Seus colegas do oitavo andar estão bastante chateados; Acredito que eles usarão preto pelo resto da semana. Alguns dos outros grupos e bolsistas aderiram, se você quiser participar.

Ele disse isso com uma despreocupação tão casual que eles poderiam ter ficado discutindo se eles queriam ir passear naquela tarde. Robin ficou boquiaberta para ele. —

Mas ele não é. . você não é. . quero dizer, ele não tem família? Eles foram informados?

O professor Playfair rabiscou um esboço da palestra daquele dia no quadro-negro enquanto respondia. 'Anthony não tem família, exceto seu tutor. O Sr. Falwell foi notificado por correio e ouvi dizer que ele está bastante chateado.

“Meu Deus”, disse Letty. 'Isso é terrível.'

Ela disse isso com um olhar solícito para Victoire, que dentre eles era quem melhor conhecia Anthony. Mas Victoire parecia surpreendentemente imperturbável; ela não parecia chocada ou chateada, mas sim vagamente desconfortável. Na verdade, ela parecia esperar que eles pudessem mudar de assunto o mais rápido possível. O professor Playfair ficou mais do que feliz em atender.

“Bem, vamos ao que interessa”, disse ele. 'Paramos na sexta-feira passada com as inovações dos românticos alemães. . .'

Babel não lamentou Anthony. O corpo docente nem sequer realizou um serviço memorial. Na vez seguinte em que Robin subiu ao setor de ourivesaria, um graduado de cabelos cor de trigo que ele não conhecia assumira o posto de trabalho de Anthony.

“É nojento”, disse Letty. 'Dá para acreditar. . quero dizer, um graduado em Babel, e eles simplesmente agem como se ele nunca tivesse estado aqui?'

Sua angústia escondia um terror mais profundo, um terror que Robin também sentia, que era o de que Anthony tinha sido dispensável. Que todos eles eram dispensáveis. Que esta torre – este lugar onde pela primeira vez encontraram pertencimento – os valorizou e amou quando estavam vivos e úteis, mas, na

verdade, não se importou nem um pouco com eles. Que eram, no final, apenas recipientes para as línguas que falavam.

Ninguém disse isso em voz alta. Chegou muito perto de quebrar o feitiço.

De todos eles, Robin presumiu que Victoire ficaria mais arrasada. Ela e Anthony se tornaram bastante próximos ao longo dos anos; eles eram dois dos poucos estudiosos negros na torre e ambos nasceram nas Índias Ocidentais. Ocasionalmente, ele os via conversando, com as cabeças inclinadas, enquanto caminhavam da torre até a Buttery.

Mas ele nunca a viu chorar naquele inverno. Ele queria confortá-la, mas não sabia como, especialmente porque parecia impossível abordar o assunto com ela. Sempre que Anthony era mencionado, ela se encolhia, piscava rapidamente e então tentava muito mudar de assunto.

'Você sabia que Anthony era um escravo?' Letty perguntou uma noite no corredor. Ao contrário de Victoire, ela estava determinada a levantar a questão a cada momento.

oportunidade; na verdade, ela estava obcecada com a morte de Anthony de uma forma que parecia desconfortável e performáticamente justa. — Ou teria sido. Seu mestre não queria que ele fosse libertado quando a abolição entrasse em vigor, então ele iria levá-lo para a América, e ele só conseguiu ficar em Oxford porque Babel pagou por sua liberdade. *Pago* .

Você acredita nisso?'

Robin olhou para Victoire, mas seu rosto não mudou nem um pouco.

'Letty', ela disse muito calmamente, 'estou tentando comer.'

Capítulo Doze

'Em uma palavra, fui covarde demais para fazer o que sabia ser certo, assim como fui covarde demais para evitar fazer o que sabia ser errado.'

C HARLES D ICKENS , *Grandes Esperanças*

Eles já estavam no período de Hilary antes de Griffin ressurgir. Tantos meses se

passaram até então que Robin parou de verificar sua janela com seu rigor habitual, e teria perdido o bilhete se não tivesse avistado uma pega tentando em vão recuperá-lo debaixo da vidraça.

O bilhete instruía Robin a comparecer ao Twisted Root às duas e meia do dia seguinte, mas Griffin estava quase uma hora atrasado. Quando ele chegou, Robin ficou surpreso com sua aparência abatida. O simples ato de caminhar pelo bar parecia exauri-lo; quando se sentou, ele respirava com tanta dificuldade como se tivesse acabado de correr por Parks.

Ele claramente não trocava de roupa há dias; seu cheiro flutuava, atraindo olhares. Ele se movia mancando levemente, e Robin vislumbrava ataduras sob sua camisa toda vez que levantava o braço.

Robin não tinha certeza do que fazer com isso. Ele tinha preparado um discurso retórico para esta reunião, mas as palavras morreram ao ver a óbvia miséria de seu irmão.

Em vez disso, ficou sentado em silêncio enquanto Griffin pedia torta de pastor e dois copos de cerveja.

— O período letivo está indo bem? Griffin perguntou.

“Está tudo bem”, disse Robin. 'Estou, uh, trabalhando em um projeto independente agora.'

'Com quem?'

Robin coçou o colarinho da camisa. Ele se sentiu estúpido por trazer isso à tona.

'Chakravarti.'

'Muito legal.' A cerveja chegou. Griffin esvaziou o copo, largou-o e estremeceu. 'Isso é adorável.'

‘Mas o resto do meu grupo não está muito feliz com suas atribuições.’

'Claro que não são.' Griffin bufou. 'Babel nunca vai deixar você fazer a pesquisa que deveria fazer. Somente a pesquisa que enche os cofres.

Um longo silêncio se passou. Robin sentiu-se vagamente culpado, embora não tivesse bons motivos para isso; ainda assim, um verme de desconforto corroía seu intestino a cada segundo que passava. A comida chegou. O prato estava fumegante, mas Griffin o devorou como um homem faminto. E ele também poderia ter sido; quando ele se curvava, suas clavículas se projetavam de uma forma que doía de olhar.

'Dizer . . .' Robin pigarreou, sem saber como perguntar. 'Griffin, é tudo. .'

'Desculpe.' Griffin largou o garfo. — Estou só. . só voltei para Oxford ontem à noite e estou exausto.

Robin suspirou. 'Claro.'

'De qualquer forma, aqui está uma lista de textos que preciso da biblioteca.' Griffin enfiou a mão no bolso da frente e tirou uma nota amassada. — Talvez você tenha alguma dificuldade para encontrar os volumes em árabe. Transliterei os títulos para você, o que o levará à estante certa, mas depois você mesmo terá que identificá-los. Mas eles estão no Bodleian, não na torre, então você não terá que se preocupar com a possibilidade de alguém se perguntar o que você está fazendo.

Robin pegou o bilhete. 'É isso?'

'É isso.'

' *Realmente?* 'Robin não conseguia mais reprimir isso. Ele esperava insensibilidade de Griffin, mas não essa falsa pretensão de ignorância. A sua simpatia evaporou-se, juntamente com a sua paciência; agora o ressentimento, que ele manteve fervendo durante um ano, veio à tona. 'Você tem certeza?'

Griffin lançou-lhe um olhar cauteloso. 'Qual é o problema?'

'Não vamos falar sobre a última vez?' Robin exigiu.

'Última vez?'

'Quando o alarme disparou. Acionamos uma armadilha, acionamos uma *arma* . .

— Você estava bem.

— Levei um *tiro* — sibilou Robin. 'O que aconteceu? Alguém estragou tudo e Eu sei que não fui eu, porque eu estava exatamente onde deveria estar, o que significa que você estava errado sobre os alarmes. .

'Essas coisas acontecem.' Griffin encolheu os ombros. 'O bom é que ninguém foi pego-'

'Levei *um tiro* no *braço* .'

— Foi o que ouvi. Griffin olhou por cima da mesa, como se pudesse ver o ferimento de Robin através da manga da camisa. — Mas você parece bem.

'Eu tive que me costurar. .'

'Bem feito você. Mais inteligente do que ir para a enfermeira da faculdade. Você não fez isso, não é?

'O que há *de errado* com você?'

“Fale baixo”, disse Griffin.

'Manter o meu-'

— Não vejo por que estamos discutindo esse assunto. Cometi um erro, você fugiu, isso não vai acontecer de novo. Vamos parar de enviar pessoas com você. Em vez disso, você deixará o contrabando lá fora por conta própria. .

— Essa não é a questão — Robin sibilou mais uma vez. — Você deixou que eu me machucasse. Então você me deixou no frio.

'Por favor, não seja tão dramático.' Griffin suspirou. 'Acidentes acontecem. E você está bem. Ele fez uma pausa, refletindo, e então disse mais calmamente: — Olha, se isso vai fazer você se sentir melhor, há uma casa segura em St. Aldate que usamos quando precisamos nos esconder um pouco. Há uma porta no porão perto da igreja – parece enferrujada, mas você só precisa procurar onde o bar está instalado e dizer as palavras. Leva a um fim de túnel que passou despercebido quando fizeram as reformas. .

Robin balançou o braço para Griffin. 'Uma casa segura não resolve isso.'

“Estaremos melhores da próxima vez”, insistiu Griffin. 'Isso foi um deslize, foi minha culpa, estamos nos ajustando a isso. Então acalme-se antes que alguém ouça. Ele se recostou na cadeira. 'Agora. Estou fora da cidade há meses, então preciso saber o que está acontecendo na torre e gostaria que você fosse eficiente, por favor.

Robin poderia ter batido nele então. Ele teria feito isso, se não tivesse atraído olhares, se Griffin já não estivesse claramente sofrendo.

Ele sabia que não estava conseguindo nada de seu irmão. Griffin, tal como o professor Lovell, podia ser surpreendentemente obstinado; se algo não lhes convinha, simplesmente deixavam de reconhecê-lo e, na verdade, qualquer tentativa de obter reconhecimento só terminaria em mais frustração. Ele teve o impulso fugaz de simplesmente se levantar e ir embora, nem que fosse apenas para ver a expressão de Griffin. Mas isso não proporcionaria nenhuma satisfação duradoura. Se ele se virasse, Griffin iria zombar dele; se ele continuasse saindo, apenas teria cortado seus próprios laços com Hermes. Então ele fez o que sabia fazer melhor, tanto com o pai quanto com o irmão: engoliu suas frustrações e resignou-se a deixar Griffin definir os termos da conversa.

— Não muito — disse ele depois de respirar fundo para se acalmar. ‘Os professores não têm viajado para o exterior recentemente e também não acho que as enfermarias tenham mudado desde a última vez. Ah – algo terrível aconteceu. Um bolsista de pós-graduação, Anthony Ribben..

— Claro, eu conheço Anthony — disse Griffin, depois pigarreou. — Sabia, quero dizer.

Mesma coorte.

— Então você ouviu falar? Robin perguntou.

'Ouvi o quê?'

'Que ele está morto.'

'O que? Não.' A voz de Griffin era estranhamente monótona. — Não, eu só quis dizer. . eu o conhecia antes de partir. Ele está morto?'

— Perdido no mar, voltando das Índias Ocidentais, aparentemente — disse

Robin.

— Terrível — disse Griffin suavemente. 'Simplesmente horrivel.'

'Isso é tudo?' Robin perguntou.

'O que você quer que eu diga?'

'Ele era seu colega de classe!'

'Odeio dizer a você, mas esses incidentes não são incomuns. As viagens são perigosas.

Alguém desaparece a cada poucos anos.

— Mas é só. . . parece errado. Que eles nem lhe darão um memorial. Eles estão apenas agindo como se nunca tivesse acontecido. Isso é . . .' Robin parou. De repente ele teve vontade de chorar. Ele se sentiu um tolo por trazer isso à tona. Ele não sabia o que queria –

algum tipo de validação, talvez, de que a vida de Anthony tinha importância e que ele não poderia ser esquecido tão facilmente. Mas Griffin, ele deveria saber, era a pior pessoa para se buscar conforto.

Griffin ficou em silêncio por um longo tempo. Ele olhou pela janela, as sobrancelhas franzidas em concentração, como se estivesse pensando em algo. Ele não parecia estar ouvindo Robin. Depois inclinou a cabeça, abriu a boca, fechou-a e depois abriu-a novamente. — Você sabe, isso não é uma surpresa. A forma como a Babel trata os seus alunos, especialmente aqueles que recruta de fora. Você é um trunfo para eles, mas isso é tudo que você é. Uma máquina de tradução. E uma vez que você falha, você está fora.

'Mas ele não falhou, ele *morreu* .'

'Mesma coisa.' Griffin levantou-se e pegou seu casaco. 'De qualquer forma. Quero essas mensagens dentro de uma semana; Vou deixar instruções sobre onde deixá-los.

'Foram realizadas?' Robin perguntou, assustado. Ele sentiu uma nova onda de decepção.

Ele não sabia o que queria de Griffin, ou mesmo se Griffin era capaz de dar isso, mas ainda assim esperava mais do que isso.

— Tenho lugares para ir — disse Griffin sem se virar. Ele já estava de saída. 'Observe sua janela.'

Foi, em todos os aspectos, um ano muito ruim.

Algo envenenou Oxford, sugou tudo o que dava alegria a Robin na universidade. As noites pareciam mais frias, as chuvas mais fortes. A torre não parecia mais um paraíso, mas uma prisão. O curso era uma tortura. Ele e seus amigos não tinham prazer nos estudos; eles não sentiram nem a descoberta emocionante do primeiro ano nem a satisfação de realmente trabalhar com prata que um dia poderia surgir no quarto.

As gerações mais velhas asseguraram-lhes que isto sempre acontecia, que a crise do terceiro ano era normal e inevitável. Mas aquele ano pareceu marcadamente mau em vários outros aspectos. Por um lado, o número de ataques à torre aumentou de forma alarmante. Antes, Babel podia esperar duas ou três tentativas de arrombamento por ano, todas elas objeto de grande espetáculo enquanto os estudantes se aglomeravam em torno das portas para ver que efeito cruel as proteções de Playfair haviam causado naquela época. Mas em Fevereiro desse ano, as tentativas de roubo começaram a acontecer quase todas as semanas, e os estudantes começaram a ficar fartos de ver polícias a arrastar perpetradores mutilados pelas pedras da calçada.

Eles não eram alvo apenas de ladrões. A base da torre era constantemente contaminada, geralmente com urina, garrafas quebradas e bebida derramada. Duas vezes eles descobriram grafites pintados durante a noite em letras vermelhas grandes e tortas.

LÍNGUAS DE SATANÁS lia-se na parede do fundo; PRATA DO DIABO dizia o que estava abaixo da janela do primeiro andar.

Outra manhã, Robin e seu grupo chegaram e encontraram dezenas de cidadãos reunidos no gramado, gritando ferozmente com os estudantes que entravam e saíam pela porta da frente. Eles se aproximaram com cautela. A multidão era um pouco assustadora, mas não tão densa a ponto de não conseguirem se movimentar. seu caminho. Talvez isso significasse que eles estavam dispostos a se arriscar em uma multidão em vez de perder a aula, mas realmente parecia que

eles poderiam sobreviver sem assédio até que um homem grande parou na frente de Victoire e começou a rosnar algo com um sotaque nortenho áspero e incompreensível.

- Eu não conheço você. – Victoire engasgou. 'Eu não sei o que você está-'

'Cristo!' Ramy avançou como se tivesse levado um tiro. Victória gritou. O coração de Robin parou. Mas ele viu que era apenas um ovo; estava mirando em Victoire, e Ramy cambaleou porque ele deu um passo à frente para protegê-la. Victoire recuou, os braços protegendo o rosto; Ramy colocou um braço em volta do ombro dela e conduziu-a até os degraus da frente.

'O que há de errado com você?' Letty gritou.

O homem que jogou o ovo gritou algo ininteligível em resposta. Apressadamente, Robin apertou a mão de Letty e arrastou-a pela porta atrás de Ramy e Victoire.

'Você está bem?' ele perguntou.

Victoire tremia tanto que mal conseguia falar. 'Tudo bem, estou bem - oh, Ramy, deixe-me, eu tenho um lenço.' . .'

'Não se preocupe.' Ramy tirou a jaqueta. 'É uma causa perdida, vou comprar um novo.'

Dentro do saguão, estudantes e clientes estavam agrupados na parede, observando a multidão pelas janelas. O primeiro instinto de Robin foi perguntar-se se aquilo era obra de Hermes. Mas não poderia ser – os roubos de Griffin foram planejados tão meticulosamente; eles desmentiram um aparato muito mais sofisticado do que esta multidão furiosa.

'Você sabe o que está acontecendo?' Robin perguntou a Cathy O'Nell.

- Acho que são operários de uma fábrica - disse Cathy. 'Ouvi dizer que Babel acaba de assinar um contrato com proprietários de usinas ao norte daqui e isso deixou toda essa gente sem trabalho.'

'Todas essas pessoas?' Ramy perguntou. 'Com apenas algumas barras de prata?'

“Ah, eles demitiram centenas de trabalhadores”, disse Vimal, que ouviu. —

Supostamente é um par brilhante, algo que o professor Playfair inventou, e que nos rendeu o suficiente para financiar reformas em toda a ala leste do lobby. O que não me surpreende, se puder fazer o trabalho de todos aqueles homens juntos.

— Mas é muito triste, não é? refletiu Cathy. 'Eu me pergunto o que eles farão agora.'

'O que você quer dizer?' perguntou Robin.

Cathy apontou para a janela. 'Bem, como eles vão sustentar suas famílias?'

Envergonhou Robin que ele nem tivesse considerado isso.

No andar de cima, na aula de Etimologia, o professor Lovell expressou uma opinião decididamente mais cruel. 'Não se preocupe com eles. Apenas a ralé de sempre. Bêbados, descontentes do norte, canalhas que não têm melhor maneira de expressar suas opiniões do que gritando sobre eles na rua. Eu preferiria que eles escrevessem uma carta, é claro, mas duvido que metade deles saiba ler.

'É verdade que eles estão desempregados?' perguntou Vitória.

'Bem, claro. O tipo de trabalho que eles fazem é redundante agora. Deveria ter sido redundante há muito tempo; simplesmente não há razão para que a tecelagem, a fiação, a cardação ou a mecha ainda não tenham sido mecanizadas. Isto é simplesmente progresso humano.'

— Eles parecem bastante zangados com isso — observou Ramy.

“Oh, eles estão furiosos, com certeza”, disse o professor Lovell. 'Você pode imaginar por quê. O que o trabalho com prata fez por este país na última década? Aumento da produtividade agrícola e industrial em uma extensão inimaginável. Tornou as fábricas tão eficientes que podem funcionar com um quarto dos seus trabalhadores. Tomemos como exemplo a indústria têxtil – a lançadeira voadora de Kay, a estrutura de água de Arkwright, a mula giratória de Crompton e o tear de Cartwright foram todos possíveis graças ao trabalho com prata. O trabalho com a prata catapultou a Grã-Bretanha à frente de todas as outras nações e, no processo, deixou milhares de trabalhadores sem trabalho. Então, em vez de

usarem a inteligência para aprender uma habilidade que pode realmente ser útil, eles decidiram reclamar disso na nossa frente. Esses protestos lá fora não são novidade, você sabe. Há uma doença neste país. O professor Lovell falou agora com uma veemência

repentina e desagradável. «Tudo começou com os luditas – alguns trabalhadores idiotas em Nottingham que pensavam que preferiam destruir máquinas a adaptarem-se ao progresso

– e desde então espalhou-se por toda a Inglaterra. Há pessoas em todo o país que preferem ver-nos mortos. Não é apenas Babel que é atacada desta forma; não, nem vemos o pior disso, já que nossa segurança é melhor que a da maioria. No norte, esses homens estão provocando incêndios criminosos, apedrejando proprietários de edifícios, jogando ácido em gerentes de fábricas. Eles não conseguem parar de destruir teares em Lancashire. Não, esta não é a primeira vez que o nosso corpo docente recebe ameaças de morte, é apenas a primeira vez que ousam vir para o sul, até Oxford.

'Você recebe ameaças de morte?' Letty perguntou, alarmada.

'Claro. Recebo mais e mais a cada ano.

— Mas isso não incomoda você?

O professor Lovell zombou. 'Nunca. Olho para aqueles homens e penso nas grandes diferenças entre nós. Estou onde estou porque acredito no conhecimento e no progresso científico e os usei em meu favor. Eles estão onde estão porque se recusaram obstinadamente a avançar com o futuro. Homens assim não me assustam. Homens assim me fazem rir.

'Será que vai ser assim o ano todo?' Victoire perguntou em voz baixa. — No campo, quero dizer.

— Não por muito tempo — assegurou-lhe o professor Lovell. — Não, eles terão partido esta noite. Esses homens não têm persistência. Eles irão embora ao pôr do sol quando ficarem com fome ou quando saírem em busca de uma bebida. E se não o fizerem, as enfermarias e a polícia irão transferi-los para frente.

Mas o professor Lovell estava errado. Este não foi o trabalho de um punhado isolado de descontentes, nem eles simplesmente se dissiparam da noite para o

dia. A polícia afastou a multidão naquela manhã, mas eles voltaram em menor número; várias vezes por semana, cerca de uma dúzia de homens apareciam para assediar os estudiosos a caminho da torre.

Certa manhã, todo o prédio teve que ser evacuado quando um pacote fazendo barulho foi entregue no escritório do professor Playfair. Acabou sendo um relógio conectado a um explosivo. Felizmente, a chuva encharcou o pacote, desgastando o fusível.

'Mas o que acontece quando não chove?' Ramy perguntou.

Ninguém tinha uma boa resposta para isso.

A segurança na torre dobrou durante a noite. A postagem foi então recebida e classificada por funcionários recém-contratados em um centro de processamento em Oxford. Uma equipe rotativa de policiais guardava a entrada da torre o tempo todo. O

professor Playfair instalou um novo conjunto de barras prateadas sobre a porta da frente, embora, como sempre, tenha se recusado a revelar em que pares as havia inscrito ou o que fariam quando acionadas.

Esses protestos não foram sintomas de um distúrbio menor. Algo estava acontecendo em toda a Inglaterra, um conjunto de mudanças cujas consequências eles apenas começavam a compreender. Oxford, que consistentemente ficou cerca de um século atrás do resto da Inglaterra grandes cidades, só poderiam fingir estar imunes à mudança por um certo tempo. As vicissitudes do mundo exterior tornaram-se agora impossíveis de ignorar.

Isso era mais do que trabalhadores de fábricas. Reforma, agitação e desigualdade foram as palavras-chave da década. O impacto total da chamada revolução industrial da prata, termo cunhado por Peter Gaskell apenas seis anos antes, estava apenas a começar a ser sentido em todo o país. Máquinas movidas a prata, do tipo que William Blake apelidou de

“sombrias fábricas satânicas”, substituíam rapidamente o trabalho artesanal, mas em vez de trazer prosperidade para todos, criaram uma recessão económica, causaram um fosso cada vez maior entre ricos e pobres que em breve tornou-se matéria de romances de Disraeli e Dickens. A agricultura rural estava em declínio; homens, mulheres e crianças mudaram-se em massa para os centros

urbanos para trabalhar nas fábricas, onde trabalharam horas inimaginavelmente longas e perderam membros e vidas em acidentes terríveis. A Nova Lei dos Pobres de 1834, que tinha sido concebida para reduzir os custos do alívio da pobreza mais do que qualquer outra coisa, foi fundamentalmente cruel e punitiva na sua concepção; reteve ajuda financeira, a menos que os candidatos se mudassem para um asilo, e esses asilos foram projetados para serem tão miseráveis que ninguém iria querer morar neles. O futuro de progresso e esclarecimento prometido pelo Professor Lovell parecia apenas ter causado pobreza e sofrimento; os novos empregos que ele achava que os trabalhadores deslocados deveriam ocupar nunca se materializaram. Na verdade, os únicos que pareciam lucrar com a revolução industrial da prata eram aqueles que já eram ricos, e os poucos seletos que eram astutos ou sortudos o suficiente para se tornarem ricos.

Essas correntes eram insustentáveis. As engrenagens da história giravam rapidamente na Inglaterra. O mundo estava a tornar-se mais pequeno, mais mecanizado e mais desigual, e ainda não estava claro onde as coisas iriam parar, ou o que isso significaria para Babel, ou para o próprio Império.

Robin e seu grupo, porém, fizeram o que os estudiosos sempre fizeram: inclinar a cabeça sobre os livros e concentrar-se apenas na pesquisa. Os manifestantes acabaram por se dispersar depois de tropas enviadas de Londres arrastarem os líderes para Newgate. Os estudiosos paravam de prender a respiração toda vez que subiam os degraus da torre. Eles aprenderam a suportar a presença abundante da polícia, juntamente com o fato de que agora levava o dobro do tempo para que novos livros e correspondência chegassem. Eles pararam de ler os editoriais do *Oxford Chronicle* , que era uma publicação pró-reforma e pró-radical recém-criada que parecia ter a intenção de destruir sua reputação.

Ainda assim, eles não conseguiam ignorar as manchetes, apregoadas em todas as esquinas a caminho da torre:

BABEL UMA AMEAÇA À ECONOMIA NACIONAL?

BARES ESTRANGEIROS ENVIAM DÚZIAS PARA O WORKHOUSE

DIGA NÃO À PRATA!

Deveria ter sido angustiante. Na verdade, porém, Robin descobriu que era muito fácil suportar qualquer grau de agitação social, desde que a pessoa se

acostumasse a desviar o olhar.

Numa noite de tempestade, a caminho do jantar na casa do professor Lovell, Robin avistou uma família sentada na esquina da Woodstock Road, estendendo canecas de lata para esmolas. Mendigos eram comuns nos arredores de Oxford, mas famílias inteiras eram raras. As duas crianças pequenas acenaram para ele quando ele se aproximou, e a visão de seus rostos pálidos e manchados de chuva fez com que ele se sentisse culpado o suficiente para parar e tirar várias moedas do bolso.

“Obrigado”, murmurou o pai. 'Deus o abençoe.'

A barba do homem havia crescido e suas roupas estavam bem mais esfarrapadas, mas Robin ainda o reconheceu – ele era, sem dúvida, um dos homens que gritaram obscenidades para ele quando caminhou para a torre, várias semanas atrás. Ele encontrou os olhos de Robin. Não ficou claro se ele também reconheceu Robin; ele abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Robin acelerou o passo, e o que quer que o homem pudesse ter gritado atrás dele logo foi abafado pelo vento e pela chuva.

Ele não mencionou a família à Sra. Piper ou ao Professor Lovell. Ele não queria insistir em todas as coisas que eles representavam – o facto de que, apesar de toda a sua professada lealdade à revolução, do seu compromisso com a igualdade e de ajudar aqueles que estavam de fora, ele não tinha qualquer experiência de verdadeira pobreza. Ele passou por momentos difíceis em Cantão, mas nunca deixou de saber de onde viria sua próxima refeição ou onde dormiria à noite. Ele nunca olhou para sua família e se perguntou o que seria necessário para mantê-los vivos. Apesar de toda a sua identificação com o pobre órfão Oliver Twist, apesar de toda a sua amarga autopiedade, permanecia o fato de que, desde o dia em que pusera os pés na Inglaterra, ele não dormira com fome nem uma única vez.

Naquela noite, ele jantou, sorriu aos elogios da Sra. Piper e compartilhou uma garrafa de vinho com o professor Lovell. Ele andou por um caminho diferente caminho de volta para a faculdade. No mês seguinte, ele esqueceu de fazer o mesmo desvio na subida, mas isso não importava – a essa altura, a pequena família já havia partido.

Os exames iminentes tornaram um ano ruim horrível. Os bolsistas da Babel

passaram por duas rodadas de exames – uma no final do terceiro ano e outra durante o quarto. Estas foram escalonadas ao longo do calendário; os do quarto ano fizeram os exames no meio do período de Hilary, enquanto os do terceiro ano fizeram os exames até o período do Trinity.

O efeito foi que, a partir das férias de inverno, o clima na torre mudou completamente. As bibliotecas e salas de estudo ficavam lotadas durante todo o dia por nervosos quartanistas que se encolhiam sempre que alguém respirava e pareciam prontos para matar sempre que alguém ousasse sequer sussurrar.

Tradicionalmente, Babel anunciava publicamente as notas do quarto ano no final do período de exames. Ao meio-dia da sexta-feira daquela semana, um sino tocou três vezes em toda a torre. Todos se levantaram e desceram correndo até o saguão, onde os clientes daquela tarde estavam sendo conduzidos para fora. O professor Playfair estava em pé sobre uma mesa no centro da sala. Ele usava um vestido ornamentado com bordas roxas, segurando no alto o tipo de pergaminho enrolado que Robin só tinha visto nas iluminuras medievais. Depois que a torre foi liberada de todos os que não eram afiliados ao corpo docente, ele pigarreou e entoou: — Os seguintes candidatos a graduação passaram nos exames de qualificação com distinção. Matthew Houndslow. .

Alguém no canto de trás soltou um grito alto.

'Adam Moorhead.'

Um estudante perto da frente estava sentado no chão, no meio do saguão, com as duas mãos tapando a boca.

— Isso é desumano — sussurrou Ramy.

— Muito cruel e incomum — concordou Robin. Mas ele não conseguia tirar os olhos do processo. Ele ainda não estava pronto para ser examinado, mas estava muito mais perto agora, e seu coração batia forte com terror indireto. Por mais horrível que tenha sido, também foi emocionante esta declaração pública de quem provou ser brilhante e quem não.

Apenas Matthew e Adam ganharam distinção. O professor Playfair anunciou um mérito (James Fairfield) e uma aprovação (Luke McCaffrey), depois disse com uma voz muito sombria: 'O seguinte candidato foi reprovado nos exames de qualificação e não será solicitado a retornar ao Royal Institute of Tradução para bolsa de pós-graduação, nem obtenção de diploma. Filipe Wright.

Wright era o especialista francês e alemão que se sentou ao lado de Robin no jantar dos professores durante seu primeiro ano. Com o passar dos anos, ele ficou magro e com aparência abatida. Ele era um dos estudantes que constantemente espreitava pela biblioteca, parecendo não tomar banho ou fazer a barba há dias, olhando para a pilha de papéis à sua frente com uma mistura de pânico e perplexidade.

- Foram-lhe oferecidas todas as indulgências - disse o professor Playfair. — Você recebeu mais acomodações do que seria bom para você, eu acho. Agora é hora de reconhecer que este é o fim do seu tempo aqui, Sr. Wright.

Wright fez menção de se aproximar do professor Playfair, mas dois pós-graduandos o agarraram pelos braços e o puxaram de volta. Ele começou a implorar, balbuciando sobre como sua resposta no exame havia sido mal interpretada, como ele poderia esclarecer tudo se tivesse outra chance. O professor Playfair permaneceu placidamente com as mãos atrás das costas, fingindo não ouvir.

'O que aconteceu?' Robin perguntou a Vimal.

'Deu uma etimologia popular em vez de uma verdadeira.' Vimal balançou a cabeça dramaticamente. — Tentei vincular canards a canários, sabe, só que os canários não são parentes dos patos-canard. Eles são das Ilhas Canárias, que têm nomes de cães. .

O resto da explicação escapou a Robin.

O professor Playfair tirou um frasco de vidro do bolso interno – o frasco, presumiu Robin, que continha o sangue de Wright. Ele colocou-o sobre a mesa e desceu. Cacos de vidro e manchas marrons espalhadas pelo chão. Wright começou a uivar. Não estava claro o que o rompimento do frasco realmente havia causado a ele – todos os quatro membros pareciam intactos, pelo que Robin sabia, e não havia sangue fresco – mas Wright caiu no chão, agarrando a barriga como se quisesse. foi empalado.

— Horrível — disse Letty, impressionada.

— Positivamente medieval — concordou Victoire.

Eles nunca haviam testemunhado um fracasso antes. Eles não conseguiam desviar os olhos.

Foi preciso um terceiro aluno de pós-graduação para colocar Wright de pé, arrastá-lo até a porta da frente e jogá-lo escada abaixo sem cerimônia. Todos os outros assistiram,

boquiabertos. Uma cerimônia tão grotesca parecia inadequada para uma

instituição acadêmica moderna. No entanto, isso foi absolutamente apropriado. Oxford, e Babel, por extensão, eram, nas suas raízes, instituições religiosas antigas e, apesar de toda a sua sofisticação contemporânea, os rituais que compunham a vida universitária ainda se baseavam no misticismo medieval. Oxford era o anglicanismo, o cristianismo, o que significava sangue, carne e sujeira. *

A porta se fechou. O professor Playfair tirou a poeira do vestido, desceu da mesa e virou-se para encarar o resto deles.

— Bem, isso está resolvido. Ele sorriu. 'Boas provas. Parabéns a todos.

Dois dias depois, Griffin pediu a Robin que o encontrasse numa taverna em Iffley, a quase uma hora de caminhada da faculdade. Era um lugar escuro e barulhento. Robin levou um momento para encontrar seu irmão, que estava sentado desleixado perto do fundo. O que quer que ele tenha feito desde o último encontro, aparentemente ele não estava comendo; ele tinha duas tortas fumegantes à sua frente e devorava uma sem medo de queimar a língua.

'O que é este lugar?' Robin perguntou.

“Às vezes janto aqui”, disse Griffin. “A comida é horrível, mas há muita comida e, o que é mais importante, ninguém da universidade vem aqui. Está muito perto de – como a Playfair os chamou? Os locais.'

Ele parecia pior do que sempre esteve – visivelmente exausto, com as bochechas encovadas e reduzido a um núcleo afiado e magro. Ele exalava o ar de um sobrevivente de um naufrágio, de alguém que viajou longas distâncias e mal conseguiu sair vivo – embora, é claro, não contasse a Robin onde estivera. Seu casaco preto, pendurado na cadeira atrás dele, fedia.

'Você está bem?' Robin apontou para o braço esquerdo de Griffin. Estava envolto em bandagens, mas qualquer ferimento por baixo ainda estava claramente aberto, porque a mancha escura em seu antebraço se espalhara visivelmente desde que Robin se sentara.

'Oh.' Griffin olhou para seu braço. 'Isso não é nada, só está demorando uma eternidade para fechar.'

'Então é alguma coisa.'

'Bah.'

'Parece ruim.' Robin riu, e o que veio a seguir pareceu mais amargo do que ele pretendia. — Você deveria suturá-lo. Brandy ajuda.

'Ah. Não, temos alguém. Vou mandar dar uma olhada mais tarde. Griffin puxou a manga por cima das bandagens. 'De qualquer forma. Preciso de você pronto na próxima semana. É

muito preciso, então ainda não tenho uma boa ideia da hora ou do dia, mas é um grande problema – eles estão esperando um enorme carregamento de prata da Magniac & Smith, e adoraríamos para pegar uma caixa durante o descarregamento. Será necessária uma grande distração, é claro. Talvez eu precise guardar alguns explosivos no seu quarto para acesso rápido. .

Robin recuou. 'Explosivos?'

'Esqueci que você se assusta facilmente.' Griffin acenou com a mão. 'Está tudo bem, vou te mostrar como acioná-los antes do dia, e se você planejar bem o suficiente, ninguém vai se machucar. .'

“Não”, disse Robin. 'Não, é isso, terminei - isso é um absurdo, não vou fazer isso.'

Griffin arqueou uma sobrancelha. 'De onde vem tudo isso?'

'Acabei de ver alguém ser expulso. .'

'Oh.' Griffin riu. 'Quem foi este ano?'

“Wright”, disse Robin. 'Eles esmagaram um frasco de sangue dele. Eles o expulsaram da torre, trancaram-no do lado de fora, isolaram-no de tudo e de todos. .

'Mas isso não vai acontecer com você; você é muito brilhante. Ou estou impedindo você de fazer sua revisão?

“Abrir portas é uma coisa”, disse Robin. 'Colocar explosivos é outra bem diferente.'

'Vai ficar tudo bem, apenas confie em mim-'

— Mas eu não — Robin deixou escapar. Seu coração batia muito rápido, mas agora era tarde demais para manter o silêncio. Ele teve que dizer tudo de uma vez; ele não poderia continuar reprimindo suas palavras para sempre. 'Eu *não* confio em você. Você está ficando confuso.

As sobrancelhas de Griffin se ergueram. 'Bagunçado?'

“Você passa semanas sem aparecer e, quando aparece, chega atrasado na metade das vezes; suas instruções estão todas riscadas e revisadas tantas vezes que é preciso muita habilidade para decifrar o que elas dizem. A segurança de Babel quase triplicou, mas você não parece interessado em descobrir como lidar com isso com isso. E você ainda não explicou o que aconteceu da última vez ou qual é a sua nova solução alternativa para as enfermarias. Levei um tiro no braço e você não parece se importar. .

— Eu pedi desculpas por isso — disse Griffin, cansado. 'Não vai acontecer de novo.'

— Mas por que eu deveria acreditar em você?

'Porque este é importante.' Griffin se inclinou para frente. 'Isso pode mudar tudo, pode mudar o equilíbrio. .'

— Diga-me como, então. Me diga mais. Isso não funciona quando você sempre me mantém no escuro.

— Olhe, eu lhe contei sobre St. Aldate's, não foi? Griffin parecia frustrado. — Você sabe que não posso dizer mais nada. Você ainda é muito novo, não entende os riscos. .

'Os *riscos* ? Sou eu quem está correndo riscos, estou colocando todo o meu futuro em risco. .

“Engraçado”, disse Griffin. 'E aqui eu pensei que a Sociedade Hermes fosse o seu futuro.'

'Você sabe o que eu quero dizer.'

'Sim, está bem claro.' Os lábios de Griffin se curvaram. Ele se parecia muito com o pai deles naquele momento. 'Você tem um medo tão grande da liberdade, irmão. Está algemando você. Você se identificou tanto com o colonizador que acha que qualquer ameaça a ele é uma ameaça a você. Quando você vai perceber que não pode ser um deles?

“Pare de desviar”, disse Robin. 'Você sempre desvia. Quando digo meu futuro, não me refiro a um cargo confortável. Quero dizer *sobrevivência* . Então me diga por que isso é importante. Porque agora? Por que este?

'Robin. .'

— Você está me pedindo para colocar minha vida em risco pelo invisível — Robin rebateu. — E só estou pedindo que você me dê um motivo.

Griffin ficou em silêncio por um momento. Ele olhou ao redor da sala, batendo os dedos na mesa, e então disse em voz muito baixa: "Afeganistão".

'O que está acontecendo no Afeganistão?'

'Você não lê as notícias? Os britânicos vão atrair o Afeganistão para a sua esfera de influência. Mas há planos em andamento para garantir que isso não aconteça. . e sobre o qual realmente não posso contar, irmão. .

Mas Robin estava rindo. 'Afeganistão? Realmente?'

'Isso é engraçado?' perguntou Griffin.

“Vocês só falam”, disse Robin, espantado. Algo em sua mente quebrou depois – a ilusão de que deveria admirar Griffin, de que Hermes tinha alguma importância. — Isso faz você se sentir importante, não é? Agindo como se você tivesse alguma influência sobre o mundo?

Já vi homens que realmente puxam as alavancas, e eles não são nada como você. Eles não precisam lutar pelo poder. Eles não organizam assaltos bobos à meia-noite e colocam seus irmãos mais novos em perigo em alguma tentativa selvagem de obtê-lo. Eles já conseguiram.

Os olhos de Griffin se estreitaram. 'O que isso significa?'

'O que você *faz* ?' Robin exigiu. — Sério, Griffin, o que você já fez? O Império ainda está de pé. Babel ainda está lá. O sol nasce e a Grã-Bretanha ainda tem as suas garras em todo o mundo, e a prata continua a fluir sem fim. Nada disso importa.

— Diga-me que você realmente não pensa isso.

— Não, eu só. . Robin sentiu uma pontada de culpa. Talvez ele tivesse falado muito duramente, mas seu argumento, ele pensou, era justo. 'Eu simplesmente não consigo ver o que isso consegue. E você está me pedindo para desistir de muitas coisas em troca. Quero ajudar você, Griffin. Mas também quero sobreviver.

Griffin não respondeu por um longo tempo. Robin ficou olhando para ele, cada vez mais desconfortável enquanto ele terminava calmamente o resto de sua torta de pastor. Depois largou o garfo e limpou meticulosamente a boca com um guardanapo.

'Você sabe o que é engraçado sobre o Afeganistão?' A voz de Griffin era muito suave. 'Os britânicos não vão invadir com tropas inglesas. Vão invadir com tropas de Bengala e Bombaim. Eles farão cipaios lutarem contra os afegãos, assim como fizeram sipaios lutarem e morrerem por eles em Irrawaddy, porque essas tropas indianas têm a mesma lógica que você, que é melhor ser um servo do Império, coerção brutal e tudo, do que resistir. Porque é seguro. Porque é estável, porque lhes permite sobreviver. E é assim que eles vencem, irmão. Eles nos colocam um contra o outro. Eles nos separam.

— Não estou fora para sempre — disse Robin apressadamente. — Eu só. . quero dizer, só até este ano acabar, ou até as coisas passarem. .

“Não é assim que funciona”, disse Griffin. 'Você está dentro ou não está. O Afeganistão não está esperando.

Robin respirou fundo. 'Então estou fora.'

'Muito bem.' Griffin deixou cair o guardanapo e levantou-se. — Apenas mantenha a boca fechada, sim? Caso contrário, terei que vir e resolver pontas soltas, e não gosto de ser bagunceiro.

'Não vou contar a ninguém. Você tem minha palavra-'

“Eu realmente não me importo com a sua palavra”, disse Griffin. — Mas eu sei onde você dorme.

Não havia nada que Robin pudesse dizer sobre isso. Ele sabia que Griffin não estava blefando, mas também que, se Griffin realmente não confiasse nele, não conseguiria voltar vivo para a faculdade. Eles se observaram por um longo tempo, sem falar.

Por fim, Griffin balançou a cabeça e disse: 'Você está perdido, irmão. Você é um navio à deriva, em busca de praias familiares. Eu entendo o que você quer. Eu também procurei.

Mas não há pátria. Foi-se.' Ele parou ao lado de Robin a caminho da porta. Seus dedos pousaram no ombro de Robin, apertados com tanta força que doeram. — Mas perceba isso, irmão. Você não hasteia a bandeira de ninguém. Você é livre para procurar seu próprio porto. E você pode fazer muito mais do que ficar na água.

Livro III

Capítulo Treze

As montanhas estarão em trabalho de parto, o nascimento será um único ratinho risível.

HORACE , *Ars Poetica* , trad. CE Wickham

Griffin cumpriu sua palavra. Ele nunca deixou outro bilhete para Robin. A princípio, Robin tinha certeza de que Griffin apenas ficaria de mau humor antes de importuná-lo novamente para tarefas menores e mais rotineiras. Mas uma semana virou um mês, que virou um prazo. Ele esperava que Griffin fosse um pouco mais vingativo – pelo menos deixasse uma carta de despedida recriminatória. Nos primeiros dias após o desentendimento, ele se encolheu toda vez que um estranho olhava em sua direção na rua, convencido de que a Sociedade Hermes havia decidido que era melhor amarrar essa ponta solta.

Mas Griffin o excluiu totalmente.

Ele tentou não deixar que sua consciência o incomodasse. Hermes não iria a lugar nenhum. Sempre haveria batalhas para travar. Todos estariam lá esperando

quando Robin estivesse pronto para se juntar a eles, ele tinha certeza. E ele não poderia fazer nada por Hermes se não permanecesse firmemente instalado no ecossistema de Babel. O próprio Griffin disse isso: eles precisavam de pessoas de dentro. Isso não era motivo suficiente para ficar exatamente onde estava?

Enquanto isso, havia exames do terceiro ano. Os exames de fim de ano eram uma questão de cerimônia em Oxford. Até os últimos anos do século anterior, os exames de voz -

provações de questionamentos orais tornados públicos para multidões de espectadores testemunharem - eram a norma, embora no início da década de 1830 o bacharelado regular exigisse apenas cinco exames escritos e um exame de voz. , alegando que as respostas orais eram demasiado difíceis de avaliar objectivamente e, além disso, eram desnecessariamente cruéis. Em 1836, os espectadores também não eram mais permitidos nos vivas, e os habitantes da cidade perderam uma grande fonte de entretenimento anual.

Em vez disso, foi dito ao grupo de Robin que esperasse um exame dissertativo de três horas em cada um dos idiomas de pesquisa; um exame dissertativo de três horas em Etimologia; um exame oral em Teoria da Tradução e um teste de prata. Eles não poderiam permanecer em Babel se fossem reprovados em algum dos exames de língua ou teoria, e se reprovassem no teste de ourivesaria, não poderiam, no futuro, trabalhar no oitavo andar. *

A viva voce seria feita diante de um painel de três professores liderados pelo professor Playfair, que era um examinador notoriamente duro e que, segundo rumores, fazia pelo menos dois alunos chorarem todos os anos. ' *Balderdash* ', ele dizia lentamente, 'é uma palavra que costumava se referir à mistura amaldiçoada criada pelos bartenders quando quase acabavam todas as bebidas no final da noite. Cerveja, vinho, cidra, leite – eles jogavam tudo lá dentro e esperavam que seus clientes não se importassem, já que afinal o

objetivo era simplesmente ficar bêbado. Mas esta é a Universidade de Oxford, não a Turf Tavern depois da meia-noite, e precisamos de algo um pouco mais esclarecedor do que ficar bêbados. Você gostaria de tentar de novo?'

O tempo, que parecia infinito durante o primeiro e segundo anos, agora corria rapidamente pela ampulheta. Eles não podiam mais adiar suas leituras para se divertir no rio, sob a suposição de que sempre haveria a oportunidade de

recuperar o atraso mais tarde. Os exames seriam daqui a cinco semanas, depois quatro, depois três. Quando o período letivo do Trinity chegou ao fim, o último dia de aula deveria ter culminado em uma tarde dourada, com sobremesas, cordial de flor de sabugueiro e passeios de barco no Cherwell. Mas no momento em que o sinal tocou às quatro horas, eles arrumaram seus livros e foram direto da sala de aula do professor Craft para uma das salas de estudo no quinto andar, onde se fechariam, todos os dias durante os treze dias seguintes, para se debruçarem sobre dicionários e passagens traduzidas e listas de vocabulário até que suas têmporas latejassem.

Agindo por generosidade, ou talvez por sadismo, o corpo docente de Babel disponibilizou um conjunto de barras de prata para os examinandos usarem como auxílio de estudo. Essas barras foram gravadas com um par de fósforos usando a palavra inglesa *meticuloso* e seu precursor latino *metus* , que significa “medo, pavor”. O uso moderno de *meticuloso* surgiu apenas algumas décadas antes na França, com a conotação de medo de cometer um erro. O efeito das barras era induzir uma ansiedade arrepiante sempre que o usuário errava em seu trabalho.

Ramy odiava e se recusava a usá-los. “Isso não diz onde você errou”, reclamou ele. 'Isso só dá vontade de vomitar sem motivo aparente.'

— Bem, você poderia ter mais cautela — resmungou Letty, devolvendo sua redação corrigida. 'Você cometeu pelo menos doze erros nesta página e suas frases são longas demais. .'

'Eles não são muito longos; eles são ciceronianos.

— Você não pode simplesmente desculpar todos os textos ruins alegando que são *ciceronianos* ...

Ramy acenou com a mão com desdém. — Tudo bem, Letty, lancei isso em dez minutos.

'Mas não se trata de velocidade. É uma questão de precisão. .

“Quanto mais eu faço, maior é o alcance que adquiri para as possíveis questões escritas”, disse Ramy. “E é para isso que realmente precisamos nos preparar. Não quero passar em branco quando o jornal estiver na minha frente.

Esta era uma preocupação válida. O estresse tinha a capacidade única de limpar a mente dos alunos de coisas que eles vinham estudando há anos. Durante os exames do quarto ano do ano passado, houve rumores de que um candidato ficou tão paranóico que declarou não apenas que não conseguiria terminar o exame, mas que estava mentindo sobre ser fluente em francês. (Na verdade, ele era um falante nativo.) Todos pensavam que eram imunes a essa loucura em particular, até que um dia, uma semana antes dos exames, Letty de repente começou a chorar e declarou que não sabia uma palavra de alemão, nem uma única palavra, que ela era uma fraude e toda a sua carreira em Babel foi baseada em fingimento. Nenhum deles entendeu esse discurso até muito mais tarde, pois ela de fato o proferiu em alemão.

A falta de memória foi apenas o primeiro sintoma que surgiu. Nunca a ansiedade de Robin por causa de suas marcas o deixou tão doente fisicamente. Primeiro veio uma dor de cabeça latejante e persistente, e depois a vontade constante de vomitar toda vez que ele se levantava ou se mexia. Ondas de tremores continuavam chegando ele sem nenhum aviso; muitas vezes sua mão tremia tanto que ele tinha dificuldade em segurar a caneta. Certa vez, durante um trabalho prático, ele percebeu que sua visão estava escurecida; ele não conseguia pensar, não conseguia lembrar de uma única palavra, nem conseguia ver. Ele levou quase dez minutos para se recuperar. Ele não conseguia comer. De alguma forma, ele estava exausto o tempo todo e incapaz de dormir devido ao excesso de energia nervosa.

Então, como todos os bons veteranos de Oxford, ele se viu enlouquecendo. O seu domínio da realidade, já ténue devido ao isolamento sustentado numa cidade de académicos, tornou-se ainda mais fragmentado. Horas de revisão interferiram em seu processamento de sinais e símbolos, em sua crença no que era real e no que não era. O

resumo era factual e importante; exigências diárias como mingaus e ovos eram suspeitas. O

diálogo diário tornou-se uma tarefa árdua; conversa fiada era um horror, e ele perdeu a noção do significado das saudações básicas. Quando o porteiro lhe perguntou se ele tinha bebido um bom, ele ficou parado e mudo por uns bons trinta segundos, incapaz de processar o que queria dizer com “bom”, ou mesmo, “um”.

- Ah, é o mesmo - disse Ramy alegremente quando Robin tocou no assunto. 'É horrível.

Não consigo mais ter conversas básicas – fico me perguntando o que as palavras realmente significam.'

“Estou batendo em paredes”, disse Victoire. 'O mundo continua desaparecendo ao meu redor e tudo que consigo perceber são listas de vocabulário.'

“Para mim, são folhas de chá”, disse Letty. 'Eles continuam parecendo glifos, e eu realmente me peguei tentando encobrir um outro dia - até comecei a copiá-lo no papel e tudo mais.'

Robin ficou aliviado ao saber que ele não era o único a ver coisas, porque as visões o preocupavam mais. Ele começou a alucinar pessoas inteiras. Certa vez, quando procurava nas estantes de livros da Thornton uma antologia de poesia em sua lista de leituras em latim, Robin vislumbrou o que achou ser um perfil familiar perto da porta. Ele se aproximou. Seus olhos não o traíram – Anthony Ribben estava pagando por um pacote embrulhado em papel, o mais saudável e saudável possível.

– Anthony.. – Robin deixou escapar.

Anthony olhou para cima. Ele viu Robin. Seus olhos se arregalaram. Robin avançou, confuso mas exultante, mas Anthony empurrou apressadamente várias moedas para o livreiro e saiu correndo da loja. Quando Robin saiu para a rua Magdalene, Anthony já havia desaparecido de vista. Robin olhou ao redor por vários segundos, depois voltou para a livraria, perguntando-se se seria possível que ele tivesse se enganado. um estranho para Anthony. Mas não havia muitos jovens negros em Oxford. O que significava que ou mentiram para ele sobre a morte de Anthony – que, na verdade, todos os professores de Babel fizeram isso como uma fraude elaborada – ou ele imaginou a coisa toda. Em seu estado atual, ele achou que esta última opção era muito mais provável.

O exame que todos mais temiam era o teste de ourivesaria. Durante a última semana do período letivo do Trinity, eles foram informados de que teriam que criar um par único e gravá-lo na frente de um inspetor. No quarto ano, uma vez concluído o aprendizado, eles aprenderiam técnicas adequadas de design de pares combinados, gravação e experimentação para magnitude e duração do efeito, bem como as complexidades das ligações de ressonância e da

manifestação falada. Mas, por enquanto, munidos apenas dos princípios básicos de como os pares funcionavam, eles só precisavam conseguir algum efeito. Não precisava ser perfeito; na verdade, as primeiras tentativas nunca aconteceram.

Mas eles tinham que fazer alguma coisa. Eles tinham que provar que possuíam o material indefinível, o instinto inimitável de *significado* , que fazia de um tradutor um prateiro.

A ajuda dos pós-graduados aqui era tecnicamente proibida, mas a doce e gentil Cathy O'Nell sub-repticiamente deu a Robin um panfleto amarelo desbotado sobre os fundamentos da pesquisa de pares, certa tarde, quando o pegou parecendo atordoado e assustado na biblioteca.

“Está apenas nas estantes abertas”, ela disse com simpatia. 'Todos nós já usamos; leia e você ficará bem.

O panfleto era bastante datado – foi escrito em 1798 e empregava muitas grafias arcaicas – mas continha uma série de dicas breves e de fácil digestão. A primeira foi ficar longe da religião. Este eles já conheciam de dezenas de histórias de terror. Foi a teologia que, em primeiro lugar, fez com que Oxford se interessasse pelas línguas orientais – a única razão pela qual o hebraico, o árabe e o siríaco inicialmente se tornaram temas de estudo académico foi a tradução de textos religiosos. Mas descobriu-se que a Palavra Sagrada era imprevisível e implacável em relação à prata. Havia uma mesa na ala norte do oitavo andar da qual ninguém ousava se aproximar porque ainda emitia fumaça de uma fonte invisível.

Lá, dizia-se, algum estudante tolo tentara traduzir em prata o nome de Deus.

Mais útil foi a segunda lição do panfleto, que deveria focar sua pesquisa na procura de cognatos. Cognatos – palavras em diferentes idiomas que compartilharam um ancestral comum e muitas vezes significados semelhantes como bem * – eram muitas vezes as melhores pistas para pares frutíferos, uma vez que estavam em ramos muito próximos da árvore etimológica. Mas a dificuldade com os cognatos era que muitas vezes os seus significados eram tão próximos que havia pouca distorção na tradução e, portanto, pouco efeito que as barras podiam manifestar. Afinal, não havia diferença significativa entre a palavra *chocolate* em inglês e em espanhol. Além disso, ao procurar cognatos, era preciso ter cuidado com os falsos amigos – palavras que pareciam cognatos,

mas tinham origens e significados totalmente diferentes. Os ingleses não *vieram* do latim *habere* (“manter, possuir”), por exemplo, mas do latim *capere* (“procurar”). E o *cognato* italiano não significava “cognato” como se poderia esperar, mas sim “cunhado”.

Os falsos amigos eram especialmente complicados quando seus significados também pareciam relacionados. A palavra persa *farang* , que era usada para se referir aos europeus, parecia ser um cognato do inglês *Foreign* . Mas *farang,* na verdade, surgiu de uma referência aos francos e se transformou para abranger os europeus ocidentais. Já o inglês *Foreign , originou-se do latim fores* , que significa 'portas'. Ligar *farang* e *estrangeiro* , então, não produziu nada. *

A terceira lição do panfleto introduziu uma técnica chamada encadeamento. Isso eles lembravam vagamente na demonstração do professor Playfair. Se as palavras em seu par

binário tivessem evoluído muito distantes em significado para que uma tradução fosse plausível, pode-se tentar adicionar um terceiro ou mesmo quarto idioma como intermediário. Se todas essas palavras fossem gravadas em ordem cronológica de evolução, isso poderia orientar a distorção do significado com mais precisão na forma como pretendiam. Outra técnica relacionada foi a identificação de um segundo étimo: outra fonte que pode ter interferido na evolução do significado. O francês *fermer* ('fechar, trancar') foi, por exemplo, obviamente baseado no latim *firmāre* ('tornar duro, fortalecer'), mas também foi influenciado pelo latim *ferrum* , que significa 'ferro'. *Fermer* , *firmāre* e *ferrum* poderiam então, hipoteticamente, criar uma fechadura inquebrável.

Todas essas técnicas pareciam boas em teoria. Eles eram muito mais difíceis de replicar.

Afinal, a parte difícil foi encontrar um par adequado em primeiro lugar. Para se inspirar, eles pegaram uma cópia do Current Ledger – a lista abrangente de pares em uso em todo o Império naquele ano – e folhearam-no em busca de ideias.

“Olha”, disse Letty, apontando para uma linha na primeira página. 'Eu descobri como eles fazem esses bondes sem condutor circularem.'

'Quais bondes?' perguntou Ramy.

— Você não os viu correndo por Londres? disse Letty. 'Eles se movem por conta

própria, mas não há ninguém os dirigindo.'

“Sempre pensei que houvesse algum mecanismo interno”, disse Robin. 'Como um motor, certamente. .'

“Isso é verdade para os maiores”, disse Letty. “Mas os bondes de carga menores não são tão grandes. Você não notou que eles parecem se controlar? Ela apontou animadamente para a página. 'Há barras na pista. *Track* está relacionado com *trecken* , do holandês médio, que significa puxar – principalmente quando se passa pelo intermediário francês. E agora você tem duas palavras que significam o que consideramos uma trilha, mas apenas uma delas envolve uma força motriz. O resultado são os trilhos que puxam os carrinhos para frente. Isso é brilhante.'

— Ah, que bom — disse Ramy. 'Só precisamos revolucionar a infraestrutura de transporte durante nossos exames e estaremos prontos.'

Eles poderiam ter passado horas sozinhos lendo o livro-razão, que estava cheio de inovações infinitamente interessantes e surpreendentemente brilhantes. Muitos, Robin descobriu, foram concebidos pelo professor Lovell. Um par particularmente engenhoso foi a tradução do caracter chinês *gǔ* () que significa 'velho ou envelhecido', e do caractere inglês 'velho'. O *gǔ* chinês carregava uma conotação de durabilidade e resistência; na verdade, o mesmo caractere estava presente no caractere *gù* (), que significava 'duro, forte ou sólido'. Vincular os conceitos de durabilidade e antiguidade ajudou a evitar que as máquinas se deteriorassem com o tempo; na verdade, quanto mais tempo estava em uso, mais confiável se tornava.

'Quem é Eveline Brooke?' Ramy perguntou, folheando as entradas mais recentes no final.

'Eveline Brooke?' Robin repetiu. 'Por que isso parece familiar?'

'Seja lá quem for, ela é um gênio.' Ramy apontou para uma página. — Olhe, ela conseguiu mais de doze pares só em 1833. A maioria dos bolsistas de pós-graduação não tem mais de cinco.

“Espere aí”, disse Letty. — Você quer dizer Evie?

Ramy franziu a testa. 'Evie?'

“A escrivaninha”, disse Letty. 'Lembrar? Aquela vez que a Playfair me criticou por sentar na cadeira errada? Ele disse que era a cadeira de Evie.

“Suponho que ela seja muito exigente”, disse Victoire. 'E ela não gosta quando as pessoas mexem nas coisas dela.'

— Mas ninguém mudou nenhuma das coisas dela desde aquela manhã — disse Letty. 'Já reparei. Já se passaram meses. E esses livros e canetas estão exatamente onde ela os deixou. Então, ou ela é tão meticulosa com suas coisas, ou ela nem voltou àquela mesa.

À medida que folheavam o livro-razão, outra teoria tornou-se mais evidente. Evie foi extremamente prolífica entre os anos de 1833 e 1834, mas em 1835 sua pesquisa caiu completamente em sigilo. Nem uma única inovação nos últimos cinco anos. Eles nunca conheceram Evie Brooke em nenhuma festa ou jantar do departamento; ela não deu palestras nem seminários. Quem quer que fosse Eveline Brooke, por mais brilhante que fosse, ela claramente não estava mais em Babel.

“Espere aí”, disse Victoire. 'Suponhamos que ela se formou em 1833. Isso a colocaria na mesma classe que Sterling Jones. E Antônio.

E Griffin , percebeu Robin, embora não tenha dito isso em voz alta.

“Talvez ela também tenha se perdido no mar”, disse Letty.

“Essa é uma classe amaldiçoada”, observou Ramy.

A sala de repente ficou muito fria.

- Suponhamos que voltemos à revisão. – sugeriu Victoire. Ninguém discordou.

Nas altas horas da noite, quando estavam olhando para seus livros por tanto tempo que não conseguiam mais pensar direito, eles faziam um jogo para conceber pares implausíveis que pudessem ajudá-los a passar.

Robin ganhou uma noite com *jīxīn* . “Em Cantão, as mães mandavam os filhos para os exames imperiais com um desjejum de corações de galinha”, explicou ele. 'Porque corações de galinha - *jīxīn* - soa semelhante a *jìxing* , que significa memória. ' *

'O que isso faria?' Ramy bufou. 'Espalhar pedaços de frango sangrentos por todo o papel?'

“Ou faça seu coração do tamanho de uma galinha”, disse Victoire. 'Imagine, num momento você tem um coração de tamanho normal e no outro ele é menor que um dedal e não consegue bombear todo o sangue que você precisa para sobreviver, então você desmaia. .

“Cristo, Victoire”, disse Robin. 'Isso é mórbido.'

“Não, isso é fácil”, disse Letty. “É uma metáfora de sacrifício – a chave é o comércio. O

sangue da galinha – o coração da galinha – é o que sustenta a sua memória. Então você só precisa abater uma galinha para os deuses e você passará.

Eles se encararam. Já era muito tarde e nenhum deles havia dormido o suficiente. Todos estavam sofrendo naquele momento a loucura peculiar dos muito assustados e muito determinados, a loucura que fazia a academia parecer tão perigosa quanto o campo de batalha.

Se Letty tivesse sugerido que saqueassem um galinheiro naquele momento, nenhum deles teria hesitado em segui-lo.

A semana fadada chegou. Eles estavam tão preparados quanto poderiam estar. Foi-lhes prometido um exame justo, desde que fizessem o seu trabalho, e eles fizeram o seu trabalho. Eles estavam assustados, é claro, mas cautelosamente confiantes. Afinal, esses exames eram exatamente o que eles haviam sido treinados para fazer nos últimos dois anos e meio; nem mais nem menos.

O artigo do professor Chakravarti foi o mais fácil de todos. Robin teve que traduzir, sem ser visto, uma passagem de quinhentos caracteres em chinês clássico que o professor Chakravarti havia composto. Era uma parábola encantadora sobre um homem virtuoso que perde uma cabra num campo de amoreiras, mas encontra outra. Robin percebeu após o exame que havia traduzido incorretamente *yànshǐ* , que significava 'história romântica', como o mais domesticado 'história colorida', * o que perdeu um pouco o tom da passagem, mas esperava que as ambigüidades entre 'sexual' e 'colorido' em Inglês seria suficiente para confundir as coisas.

O professor Craft havia escrito um artigo terrivelmente difícil sobre os papéis fluidos dos *intérpretes* nos escritos de Cícero. Eles não eram simplesmente intérpretes, mas desempenhavam vários papéis, como corretores, mediadores e, ocasionalmente, subornadores. A coorte de Robin foi instruída a elaborar, então, o uso da linguagem neste contexto. Robin rabiscou um ensaio de oito páginas sobre como o termo *interpreta* era, para Cícero, em última análise, valor neutro em comparação com *Hermeneus de Heródoto* , um dos quais foi morto por Temístocles por usar o grego em nome dos persas. Ele concluiu com alguns comentários sobre propriedade e lealdade linguística. Ele estava realmente inseguro sobre seu desempenho quando saiu da sala de exame – sua mente recorreu ao engraçado truque de parar de entender o que ele argumentou assim que pontilhou a última frase, mas as linhas escuras pareciam robusto, e ele sabia que pelo menos parecia bem.

O artigo do professor Lovell envolveu duas instruções. O primeiro foi um desafio para traduzir três páginas de uma rima alfabética infantil sem sentido (“ *A* é para o damasco, que foi comido por um urso”) para uma língua da sua escolha. Robin passou quinze minutos tentando combinar os caracteres chineses ordenados por suas romanizações antes de desistir e seguir o caminho mais fácil, que era fazer tudo em latim. A segunda página continha uma fábula do Antigo Egito contada por meio de hieróglifos e a tradução para o inglês que a acompanha, com instruções para identificar da melhor maneira possível, sem conhecimento prévio do idioma de origem, as dificuldades em transmiti-la para o idioma de destino. Aqui, a facilidade de Robin com a natureza pictórica dos caracteres chineses ajudou muito; ele inventou algo sobre poder ideográfico e implicações visuais sutis e conseguiu anotar tudo antes que o tempo acabasse.

A viva voce não foi tão ruim quanto poderia ter sido. O professor Playfair foi tão duro quanto prometido, mas ainda assim um showman incorrigível, e a ansiedade de Robin se dissipou quando ele percebeu o quanto a condescendência e a indignação de Playfair eram pelo teatro. “Schlegel escreveu em 1803 que não estava tão longe o tempo em que o alemão seria a voz do mundo civilizado”, disse o professor Playfair. 'Discutir.' Felizmente, Robin leu este artigo de Schlegel traduzido e sabia que Schlegel estava se referindo à flexibilidade

única e complexa do alemão, que Robin passou a argumentar ser uma subestimação de outras línguas ocidentais, como o inglês (que Schlegel acusou naquele mesmo artigo de

'brevidade monossilábica') e francês. Este sentimento era também – recordou Robin apressadamente à medida que o seu tempo se esgotava – o argumento persuasivo de um alemão consciente de que o império germânico não poderia oferecer resistência aos franceses cada vez mais dominantes, e que, em vez disso, procurou refúgio na hegemonia cultural e intelectual. Esta resposta não foi particularmente brilhante nem original, mas estava correta, e o professor Playfair abordou apenas alguns detalhes técnicos antes de dispensar Robin da sala.

O teste de trabalho com prata estava agendado para o último dia. Eles foram instruídos a se apresentarem no oitavo andar em incrementos de trinta minutos – Letty primeiro ao meio-dia, depois Robin, depois Ramy, depois Victoire à uma e meia.

Ao meio-dia e meia, Robin subiu todos os sete andares da torre e ficou esperando do lado de fora da sala sem janelas nos fundos da ala sul. Sua boca estava muito seca. Era uma tarde ensolarada de maio, mas ele não conseguia evitar o tremor nos joelhos.

Era simples, disse a si mesmo. Apenas duas palavras – ele só precisava escrever duas palavras simples e então tudo estaria acabado. Não há motivo para pânico.

Mas o medo, é claro, não era racional. Sua imaginação correu solta com mil e uma coisas que poderiam dar errado. Ele poderia deixar cair a barra no chão, poderia sofrer um lapso de memória no momento em que passasse pela porta, ou poderia esquecer uma pincelada ou soletrar a palavra em inglês errada, apesar de praticar as duas coisas centenas de vezes.

Ou pode não funcionar. Poderia simplesmente não funcionar e ele nunca conseguiria uma posição no oitavo andar. Tudo poderia acabar tão rapidamente.

A porta se abriu. Letty apareceu, pálida e trêmula. Robin queria perguntar como tinha sido, mas ela passou por ele e desceu correndo as escadas.

'Robin.' O professor Chakravarti colocou a cabeça para fora da porta. 'Entre.'

Robin respirou fundo e deu um passo à frente.

A sala estava livre de cadeiras, livros e estantes – qualquer coisa valiosa ou quebrável.

Restava apenas uma mesa, no canto, e estava vazia, exceto por uma única barra de prata em branco e uma caneta de gravação.

— Bem, Robin. O professor Chakravarti cruzou as mãos atrás das costas. 'O que você tem para mim?'

Os dentes de Robin batiam com força demais para ele falar. Ele não sabia o quão debilitantemente assustado ficaria. As provas escritas envolveram muitos tremores e náuseas, mas no final das contas, quando sua caneta atingiu o pergaminho, parecia rotina.

Foi nada mais nada menos do que o acúmulo de tudo o que ele praticou nos últimos três anos. Isso era algo completamente diferente. Ele não tinha ideia do que esperar.

“Está tudo bem, Robin”, disse o professor Chakravarti gentilmente. 'Vai funcionar. Você só precisa se concentrar. Não é nada que você não faça cem vezes em sua carreira.

Robin respirou fundo e exalou. 'É algo muito básico. É. . teoricamente, metaforicamente, quero dizer, é um pouco confuso e não acho que vá funcionar. .

— Bem, por que você não me explica primeiro a teoria e depois veremos?

“ *Míngbai* ”, Robin deixou escapar. 'Mandarim. Significa – então significa “entender”, certo? Mas os personagens estão carregados de imagens. *Míng* – brilhante, claro, claro. E

bai – branco, como a cor. Portanto, não significa apenas compreender ou perceber – tem a componente visual de esclarecer, de iluminar.' Ele fez uma pausa para limpar a garganta.

Ele não estava mais tão nervoso – o par que ele preparou soava melhor quando ele falava em voz alta. Na verdade, parecia meio plausível. 'Então - agora esta é a parte sobre a qual não tenho muita certeza, porque não sei a que a luz estará associada. Mas deveria ser uma forma de deixar as coisas claras, de revelar as coisas, eu acho.

O professor Chakravarti deu-lhe um sorriso encorajador. 'Bem, por que não vemos o que isso faz?'

Robin pegou a barra com as mãos trêmulas e posicionou a ponta da caneta contra a superfície lisa e vazia. Foi necessária uma quantidade inesperada de força para fazer a caneta traçar uma linha nítida. Isso foi, de alguma forma, calmante – fez com que ele se concentrasse em manter a pressão constante, em vez de nas milhares de outras coisas que ele poderia fazer de errado.

Ele terminou de escrever.

' *Míngbai* ', disse ele, erguendo a barra para que o professor Chakravarti pudesse ver .

Então ele virou. 'Entender.'

Algo pulsava na prata – algo vivo, algo forte e ousado; um vendaval, uma onda quebrando; e naquela fração de segundo Robin sentiu a fonte de seu poder, aquele lugar sublime e inominável onde o significado era criado, aquele lugar que as palavras se aproximavam, mas não conseguiam, nunca conseguiam definir; o lugar que só poderia ser invocado, imperfeitamente, mas que mesmo assim faria sentir a sua presença. Uma esfera de luz brilhante e quente brilhou no bar e cresceu até envolver os dois. Robin não especificou que tipo de compreensão essa luz significaria; ele não havia planejado tão longe; no entanto, naquele momento ele sabia perfeitamente e, pela expressão no rosto do professor Chakravarti, seu supervisor também sabia.

Ele largou a barra. Parou de brilhar. Estava inerte na mesa entre eles, um pedaço de metal perfeitamente comum.

“Muito bem”, foi tudo o que o professor Chakravarti disse. 'Você vai resgatar o Sr.

Mirza?'

Letty estava esperando por ele do lado de fora da torre. Ela se acalmou significativamente; a cor havia retornado às suas bochechas e seus olhos não estavam mais arregalados de pânico. Ela devia ter corrido até a padaria na rua, pois segurava um saco de papel amassado nas mãos.

'Biscoito de limão?' ela perguntou quando ele se aproximou.

Ele percebeu que estava morrendo de fome. 'Sim, por favor, obrigado.'

Ela passou a sacola para ele. 'Como foi?'

'Tudo bem. Não foi exatamente o efeito que eu queria, mas foi alguma coisa. Robin hesitou, o biscoito a meio caminho da boca, sem querer comemorar nem elaborar caso ela tivesse falhado.

Mas ela sorriu para ele. 'Mesmo. Eu só queria que algo acontecesse, e então aconteceu, e, ah, Robin, foi tão maravilhoso. .

“Como reescrever o mundo”, disse ele.

“É como desenhar com a mão de Deus”, disse ela. 'Como nada que eu já senti antes.'

Eles sorriram um para o outro. Robin saboreou o sabor do biscoito derretendo em sua boca – ele viu por que esses eram os favoritos de Letty; eram tão amanteigados que se dissolviam instantaneamente, e a doçura do limão se espalhava por sua língua como mel.

Eles conseguiram. Estava tudo bem; o mundo poderia continuar em movimento; nada mais importava, porque eles tinham feito isso.

Os sinos tocaram à uma hora e as portas se abriram novamente. Ramy saiu, sorrindo amplamente.

— Funcionou para você também, hein? Ele se serviu de um biscoito.

'Como você sabe?' perguntou Robin.

“Porque Letty está comendo”, disse ele, mastigando. — Se algum de vocês tivesse falhado, ela estaria transformando esses biscoitos em migalhas.

Victoire demorou mais. Passou-se quase uma hora antes que ela saísse do prédio, carrancuda e nervosa. Imediatamente Ramy estava ao seu lado, um braço pendurado em seu ombro. 'O que aconteceu? Você está bem?'

“Eu dei a eles um par Kreyòl-Francês”, disse Victoire. 'E funcionou, funcionou perfeitamente, só que o professor Leblanc disse que não poderia colocá-lo no livro-razão atual porque ele não via como um par Kreyòl seria útil para alguém que não fala Kreyòl. E

então eu disse que seria de grande utilidade para as pessoas no Haiti, e então ele riu.

'Oh céus.' Letty esfregou o ombro. 'Eles deixaram você tentar um diferente?'

Ela fez a pergunta errada. Robin viu um lampejo de irritação nos olhos de Victoire, mas desapareceu num instante. Ela suspirou e assentiu. 'Sim, o francês-inglês não funcionou tão bem, e eu estava um pouco abalado, então acho que minha caligrafia estava errada, mas teve algum efeito.'

Letty fez um ruído solidário. 'Tenho certeza que você vai passar.'

Victoire pegou um biscoito. 'Ah, eu passei.'

'Como você sabe?'

Victoire lançou-lhe um olhar perplexo. 'Perguntei. O professor Leblanc disse que eu passei. Ele disse que todos nós tínhamos passado. O quê, nenhum de vocês sabia?

Eles olharam para ela por um momento, surpresos, e então caíram na gargalhada.

Se ao menos pudéssemos gravar memórias inteiras em prata, pensou Robin, para que se manifestassem repetidas vezes nos próximos anos – não a distorção cruel do daguerreótipo, mas uma destilação pura e impossível de emoções e sensações. Pois a simples tinta sobre papel não bastava para descrever esta tarde dourada; o calor da amizade descomplicada, todas as brigas esquecidas, todos os pecados perdoados; a luz do sol derretendo a lembrança do frio da sala de aula; o gosto pegajoso de limão em suas línguas e seu alívio surpreso e encantado.

Capítulo Quatorze

Todos nós esta noite estamos sonhando, -

Sorrir e suspirar, amar e mudar:

Oh, nos recessos do nosso coração,

Nós nos vestimos com fantasias tão estranhas

W INTHROP M ACKWORTH P RAED , 'The Fancy Ball'

E então eles estavam livres. Não por muito tempo – eles tiveram o verão de folga e depois repetiriam todas as misérias que acabaram de suportar, com o dobro da agonia, durante os exames do quarto ano. Mas setembro parecia tão distante. Era apenas maio e todo o verão estava diante deles. Parecia agora que eles tinham todo o tempo do mundo para não fazer nada além de serem felizes, se ao menos conseguissem lembrar como.

A cada três anos, o University College realizava um baile comemorativo. Esses bailes eram o auge da vida social de Oxford; eram uma oportunidade para as faculdades exibirem seus lindos terrenos e prodigiosas adegas, para as faculdades mais ricas ostentarem suas dotações e para as faculdades mais pobres tentarem subir na escada do prestígio. Os bailes permitiam que as faculdades jogassem fora todo o excesso de riqueza que, por algum motivo, não alocaram aos alunos necessitados em uma grande ocasião para seus ex-alunos ricos, a justificativa financeira era que a riqueza atraía riqueza e não havia melhor maneira de solicitar doações para reformas de salões do que divertir os mais velhos. E que momento muito bom foi. As faculdades competiam todos os anos para quebrar recordes de pura indulgência e espetáculo. O vinho corria a noite toda, a música nunca parava e quem dançava até altas horas da madrugada podia esperar que o café da manhã fosse servido em bandejas de prata quando o sol nascesse.

Letty insistiu que todos comprassem ingressos. 'É exatamente o que precisamos.

Merecemos alguma indulgência depois daquele pesadelo. Você virá comigo para Londres, Victoire, iremos fazer a prova dos vestidos. .

“Absolutamente não”, disse Victoire.

'Por que? Nós temos o dinheiro. E você ficaria deslumbrante em esmeralda, ou talvez em seda branca. .

“Esses alfaiates não vão me vestir”, disse Victoire. — E a única maneira de me deixarem entrar na loja é fingindo ser sua empregada.

Letty ficou abalada, mas apenas por um momento. Robin a viu reorganizar apressadamente suas feições em um sorriso forçado. Letty estava aliviada por estar de volta às boas graças de Victoire, ele sabia, e ela faria qualquer coisa para

permanecer lá. —

Tudo bem, você pode se contentar com um dos meus. Você é um pouco mais alto, mas posso deixar a bainha sair. E tenho tantas jóias para lhe emprestar que posso escrever de

volta para Brighton e ver se eles me mandam algumas coisas antigas da mamãe. Ela tinha uns grampos lindos. . adoraria ver o que posso fazer com o seu cabelo. .

'Acho que você não entende', disse Victoire, calmamente, mas com firmeza. 'Eu realmente não quero-'

— Por favor, querido, não será divertido sem você. Comprarei sua passagem.

'Oh', disse Victoire, 'por favor, não quero ficar em dívida com você. .'

“Você pode comprar o nosso”, disse Ramy.

Letty revirou os olhos para ele. 'Compre o seu próprio.'

— Não sei, Letty. Três libras? Isso é muito caro.

— Trabalhe em um dos turnos prateados — disse Letty. "Eles duram apenas uma hora."

“Birdie não gosta de espaços lotados”, disse Ramy.

— Eu não — disse Robin corajosamente. 'Fique muito nervoso. Não consigo respirar.

— Não seja ridículo — zombou Letty. 'As bolas são maravilhosas. Você nunca viu nada parecido. Lincoln me trouxe como acompanhante para um em Balliol – ah, o lugar todo foi transformado. Eu vi apresentações que você nem consegue ver em Londres. E acontecem apenas uma vez a cada três anos; não seremos estudantes de graduação na próxima vez. Eu daria tudo para me sentir assim novamente.

Eles lançaram olhares desamparados um para o outro. O irmão morto resolveu a conversa. Letty sabia disso e não teve medo de invocá-lo.

Então Robin e Ramy se inscreveram para trabalhar a bola. A University College havia criado um esquema de trabalho para entrada para estudantes pobres demais para pagar o preço do ingresso, e os estudantes de Babel tiveram muita sorte aqui, pois em vez de servirem bebidas ou levarem casacos, eles podiam trabalhar no que fosse necessário.

chamados de 'mudanças de prata'. Isso não exigiu muito trabalho além de verificar periodicamente se os bares encomendados para melhorar a decoração, as luzes e a música não haviam sido removidos ou escorregados de suas instalações temporárias, mas as faculdades pareciam não saber disso, e Babel não tinha uma boa razão para informá-los.

No dia do baile, Robin e Ramy enfiaram as sobrecasacas e coletes em sacolas de lona e passaram pelas filas de ingressos que dobravam a esquina até a entrada da cozinha, nos fundos da faculdade.

A University College havia se superado. Isso esgotou os olhos; havia muita coisa para absorver de uma só vez – ostras em enormes pirâmides de gelo; mesas compridas com todos os tipos de bolos doces, biscoitos e tortas; taças de champanhe girando em pratos precariamente equilibrados; e luzes flutuantes que pulsavam em uma variedade de cores.

Palcos foram erguidos durante a noite em cada quadra do colégio, onde se apresentavam uma variedade de harpistas, músicos e pianistas. Corria o boato de que uma cantora de ópera fora trazida da Itália para se apresentar no salão; de vez em quando, Robin pensava poder ouvir suas notas mais agudas perfurando o barulho. Acrobatas saltitavam no gramado, torcendo para cima e para baixo longos lençóis de seda e girando anéis de prata em volta dos pulsos e tornozelos. Eles estavam vestidos com trajes vagamente estrangeiros.

Robin examinou seus rostos, perguntando-se de onde eles eram. Era a coisa mais estranha: seus olhos e lábios eram pintados num estilo exageradamente oriental, mas, sob a pintura, pareciam ter sido arrancados das ruas de Londres.

“Já chega dos princípios anglicanos”, disse Ramy. 'Esta é uma bacanal adequada.'

— Você acha que vão ficar sem ostras? Robin perguntou. Ele nunca os havia experimentado antes; aparentemente eles perturbaram o estômago do professor Lovell, então a Sra. Piper nunca os comprou. A carne pegajosa e as cascas

brilhantes pareciam nojentas e muito atraentes. 'Eu só quero saber qual é o gosto deles.'

“Vou pegar um para você”, disse Ramy. 'A propósito, essas luzes estão prestes a apagar, você deveria - aí está.'

Ramy desapareceu na multidão. Robin sentou-se no topo da escada e fingiu trabalhar.

Pessoalmente, ele estava grato pelo trabalho. Era humilhante usar roupas pretas de criado enquanto seus colegas dançavam ao seu redor, sim, mas era pelo menos uma maneira mais gentil de entrar no frenesi da noite. Ele gostava de estar escondido em segurança em um canto com algo para fazer com as mãos; desta forma a bola não foi tão esmagadora. E ele realmente gostou de descobrir que engenhosos pares de prata Babel havia fornecido para a bola. Um deles, certamente criado pelo professor Lovell, combinou a expressão chinesa de quatro palavras com a tradução inglesa “cem plantas e mil flores”. A conotação do original chinês, que invocava cores ricas, deslumbrantes e inúmeras, tornou as rosas mais vermelhas e as violetas em flor maiores e mais vibrantes.

“Sem ostras”, disse Ramy. 'Mas eu trouxe para você algumas dessas trufas, não sei exatamente o que são, mas as pessoas ficavam roubando-as dos pratos.' Ele passou uma trufa de chocolate escada acima e colocou a outra na boca. 'Ah. . ah. Deixa para lá. Não coma isso.

'Me pergunto o que é?' Robin segurou a trufa até os olhos. 'Esta parte pálida e mole deveria ser queijo?'

— Estremeço só de pensar no que mais poderia ser — disse Ramy.

'Sabe', disse Robin, 'há um caractere chinês, *xiǎn* , * que pode significar “mal passado, fresco e saboroso”. Mas também pode significar “escasso e escasso”.'

Ramy cuspiu a trufa num guardanapo. 'Seu ponto?'

'Às vezes, coisas raras e caras são piores.'

— Não diga isso aos ingleses, pois isso destruirá todo o seu paladar. Ramy olhou para a multidão. 'Oh, olha quem chegou.'

Letty abriu caminho entre a multidão em direção a eles, puxando Victoire atrás dela.

— Você é. . meu Deus. Robin desceu correndo a escada. 'Você é incrível.'

Ele quis dizer isso. Victoire e Letty estavam irreconhecíveis. Ele estava tão acostumado a vê-las de camisa e calça que às vezes até esquecia que eram mulheres. Esta noite, lembrou ele, eram criaturas de uma dimensão diferente. Letty usava um vestido azul claro e esvoaçante que combinava com seus olhos. Suas mangas eram enormes – parecia que ela poderia ter escondido uma perna inteira de carneiro ali em cima – mas essa parecia ser a moda do ano, pois mangas coloridas e esvoaçantes enchiam o terreno da faculdade. Letty era na verdade muito bonita, percebeu Robin; ele nunca havia notado isso antes – sob as suaves luzes de fadas, suas sobrancelhas arqueadas e seu queixo bem angulado não pareciam frios e austeros, mas majestosos e elegantes.

'Como você conseguiu seu cabelo assim?' Ramy exigiu.

Cachos pálidos e saltitantes emolduravam o rosto de Letty, desafiando a gravidade.

'Ora, enrole os papéis.'

“Você quer dizer bruxaria”, disse Ramy. 'Isso não é natural.'

Letty bufou. 'Você precisa conhecer mais mulheres.'

'Onde estão as salas de aula de Oxford?'

Ela riu.

Foi Victoire, porém, quem realmente foi transformada. Ela brilhava contra o tecido esmeralda profundo de seu vestido. Suas mangas também inchavam para fora, mas nela pareciam bastante adoráveis, como um anel protetor de nuvens. Seu cabelo estava preso em um coque elegante no topo da cabeça, preso com dois grampos de coral, e um colar das mesmas contas de coral brilhava como constelações em volta do pescoço. Ela era adorável.

Ela também sabia disso; ao observar a expressão de Robin, um sorriso floresceu em seu rosto.

— Fiz um bom trabalho, não foi? Letty examinou Victoire com orgulho. — E pensar que ela não queria vir.

“Ela parece a luz das estrelas”, disse Robin.

Vitória corou.

'Olá.' Colin Thornhill caminhou até eles. Ele parecia bastante bêbado; havia uma expressão atordoada e desfocada em seus olhos. — Vejo que até os Tagarelas se dignaram a vir.

- Olá, Colin - disse Robin com cautela.

'Boa festa, não é? A garota da ópera era um pouco barulhenta, mas talvez fosse apenas a acústica da capela – realmente não é um local adequado para apresentações, é preciso um espaço maior para que o som não se perca. Sem olhar para ela, Colin estendeu a taça de vinho na frente do rosto de Victoire. — Livre-se disso e me traga um Borgonha, sim?

Victoire piscou para ele, surpresa. 'Pegue o seu.'

'O quê, você não está trabalhando nisso?'

– Ela é uma estudante – Ramy retrucou. — Você já a conheceu antes.

'Eu tenho?' Colin realmente estava muito bêbado; ele continuava balançando e suas bochechas pálidas adquiriram uma cor profundamente avermelhada. O vidro pendia tão precariamente das pontas dos dedos que Robin teve medo de que ele se quebrasse. 'Bem.

Todos parecem iguais para mim.

“Os garçons estão de preto e trazem bandejas”, Victoire disse pacientemente. Robin ficou espantada com a sua contenção; ele teria arrancado o copo da mão de Colin. —

Embora eu ache que você poderia experimentar um pouco de água.

Colin estreitou os olhos para Victoire, como se tentasse vê-la com mais detalhes. Robin ficou tenso, mas Colin apenas riu e murmurou alguma coisa. baixinho que

soava como as palavras 'Ela parece uma Tregear' * e foi embora.

— Idiota — murmurou Ramy.

'Parece que estou servindo funcionários?' Victoire perguntou ansiosamente. 'E o que é um Tregear?'

— Não importa — disse Robin rapidamente. 'Apenas. . ignore Colin, ele é um idiota.'

— E você parece *etéreo* — garantiu Letty. 'Todos nós precisamos relaxar, pessoal –

aqui.' Ela estendeu o braço para Ramy. — Seu turno acabou agora, não é? Dance Comigo.'

Ele riu. 'Absolutamente não.'

'Vamos.' Ela agarrou suas mãos e puxou-o em direção à multidão dançante. 'Essa valsa não é difícil, vou te ensinar os passos. .'

'Não, sério, pare.' Ramy soltou as mãos das dela.

Letty cruzou os braços. 'Bem, não é divertido ficar sentado aqui.'

“Estamos sentados aqui porque já somos pouco tolerados e porque, desde que não nos movamos muito rapidamente ou falemos muito alto, podemos nos misturar ao fundo ou pelo menos fingir que somos funcionários. É assim que funciona, Letty. Um homem moreno num baile de Oxford é uma curiosidade divertida, desde que seja reservado e consiga não ofender ninguém, mas se eu dançar com você, alguém vai me bater, ou coisa pior.

Ela bufou. 'Não seja dramático.'

— Estou apenas sendo prudente, querido.

Um dos irmãos Sharp apareceu naquele momento e estendeu a mão para Letty. Parecia um gesto bastante rude e superficial, mas Letty aceitou-o sem comentários e saiu, lançando a Ramy um olhar desagradável por cima do ombro enquanto se afastava.

— Bom para ela — murmurou Ramy. 'E boa viagem.'

Robin virou-se para Victória. — Você está se sentindo bem?

'Não sei.' Ela parecia muito nervosa. “Eu me sinto. . não sei, exposto. Colocar em exposição. Eu disse a Letty que eles pensariam que eu era funcionário. .

“Não se preocupe com Colin”, disse Robin. 'Ele é um idiota.'

Ela não parecia convencida. 'Mas eles não são todos como Colin?'

'Olá.' Um garoto ruivo com um colete roxo se aproximou eles. Era Vincy Woolcombe – o menos horrível dos amigos de Pendennis, lembrou Robin. Robin abriu a boca para cumprimentá-lo, mas os olhos de Woolcombe deslizaram completamente sobre ele; ele estava focado exclusivamente em Victoire. — Você está na nossa faculdade, não está?

Victoire olhou ao redor por um momento antes de perceber que Woolcombe estava de fato se dirigindo a ela. 'Sim eu-'

— Você é Victória? ele perguntou. 'Victoire Desgraves?'

— Sim — disse ela, endireitando-se um pouco. 'Como você sabia meu nome?'

“Bem, há apenas dois de vocês no mesmo ano”, disse Woolcombe. 'Mulheres tradutoras.

Você deve ser brilhante para estar na Babel. É claro que sabemos seus nomes.

A boca de Victoire estava ligeiramente aberta, mas ela não disse nada; ela parecia incapaz de determinar se Woolcombe estava prestes a zombar dela ou não.

' *J'ai entendi dire que tu venais de Paris.* Woolcombe baixou a cabeça em uma leve reverência. ' *Les parisiennes sont les plus belles* .'

Victoire sorriu, surpresa. ' *Ton français est assez bon* .'

Robin assistiu a essa conversa, impressionado. Talvez Woolcombe afinal não fosse tão terrível — talvez ele fosse apenas um idiota associado a Pendennis. Ele

também se perguntou brevemente se Woolcombe estaria se divertindo às custas de Victoire, mas não havia nenhum amigo malicioso à vista; ninguém olhava disfarçadamente por cima dos ombros e fingia não rir.

“Verões em Marselha”, disse Woolcombe. 'Minha mãe é de origem francesa; ela insistiu que eu aprendesse. Você diria que é aceitável?

'Você exagera um pouco nas vogais', disse Victoire com seriedade, 'mas fora isso, nada mal.'

Woolcombe, para seu crédito, não pareceu ofendido com esta correção. 'Fico feliz em ouvir isso. Você gostaria de dançar?'

Victoire ergueu a mão, hesitou e depois olhou para Robin e Ramy como se perguntasse o que pensavam.

— Vá — disse Ramy. 'Aproveitar.'

Ela pegou a mão de Woolcombe e ele a afastou.

Isso deixou Robin sozinho com Ramy. Seus turnos terminaram; os sinos tocaram onze minutos atrás. Os dois vestiram os casacos - roupas pretas idênticas que haviam comprado no último momento na Ede & Ravenscroft -, mas continuaram em segurança perto da porta.

parede de trás. Robin fez uma tentativa superficial de entrar na briga, mas rapidamente recuou horrorizado - todos com quem ele estava vagamente familiarizado formavam grupos de conversação e o ignoravam completamente quando ele se aproximava, o que o fazia se sentir idiota e estranho, ou perguntavam-lhe sobre como trabalhar. em Babel, já que aparentemente isso era tudo o que sabiam sobre ele. Só que sempre que isso acontecia, ele era assaltado com uma dúzia de perguntas de todos os lados, todas relacionadas com a China, o Oriente e o trabalho com prata. Depois de escapar de volta para o silêncio fresco junto à parede, ficou tão assustado e exausto que não suportou fazer isso de novo.

Ramy, sempre leal, ficou ao seu lado. Eles assistiram aos procedimentos em silêncio por um tempo. Robin pegou uma taça de clarete de um garçom que passava e bebeu-a mais rápido do que deveria, só para diminuir o medo do barulho e da multidão.

Por fim, Ramy perguntou: 'Bem, você vai convidar alguém para dançar?'

“Não sei como”, disse Robin. Ele olhou para a multidão, mas todas as garotas com suas mangas balão brilhantes pareciam a mesma coisa para ele.

'Dançar? Ou para perguntar?

'Bem. . ambos. Mas certamente o último. Parece que você precisa conhecê-los socialmente antes de ser apropriado.

— Ah, você é muito bonito — disse Ramy. — E você é um Tagarela. Tenho certeza de que um deles diria que sim.

A mente de Robin estava girando com sangue, caso contrário ele não teria conseguido o que disse em seguida. 'Por que você não dança com Letty?'

'Não estou querendo começar uma briga.'

'Não mesmo.'

'Por favor, passarinho.' Ramy suspirou. 'Você sabe como é.'

— Ela quer você — disse Robin. Ele tinha acabado de perceber isso e agora que disse isso em voz alta, parecia tão óbvio que ele se sentiu um idiota por não ter percebido antes.

'Muito mal. Então por que-'

'Você não sabe por quê?'

Seus olhos se encontraram. Robin sentiu um arrepio na nuca. O espaço entre eles parecia muito carregado, como o momento entre o relâmpago e o trovão, e Robin não tinha ideia do que estava acontecendo ou do que aconteceria a seguir, apenas que tudo parecia muito estranho e aterrorizante, como se estivesse oscilando na beira de um vento forte, penhasco rugindo.

Abruptamente Ramy se levantou. 'Há problemas lá.'

Do outro lado da quadra, Letty e Victoire estavam encostadas na parede, cercado por todos os lados por um bando de garotos maliciosos. Pendennis e Woolcombe

estavam entre eles. Victoire estava abraçando o peito, Letty dizendo algo muito rapidamente que eles não conseguiram entender.

“É melhor dar uma olhada”, disse Ramy.

'Certo.' Robin o seguiu no meio da multidão.

— Não tem graça — rosnava Letty. Suas bochechas estavam manchadas de raiva. Ela ergueu os dois punhos como um boxeador faria; eles tremiam enquanto ela falava. 'Não somos dançarinas, você não pode simplesmente. .'

— Mas estamos tão curiosos — disse Pendennis, arrastado e bêbado. 'Eles são realmente de cores diferentes? Gostaríamos de ver. . você está usando decotes tão altos que isso atormenta a imaginação. .

Ele estendeu um braço em direção ao ombro dela. Letty retirou a mão e deu-lhe um tapa no rosto. Pendennis recuou. Seu rosto estava transformado, bestial de fúria. Ele deu um passo em direção a Letty e, por um momento, pareceu que realmente poderia revidar. Letty se encolheu.

Robin correu entre eles. “Vão embora”, ele disse a Victoire e Letty. Eles dispararam em direção a Ramy, que pegou suas mãos e os puxou em direção ao portão dos fundos.

Pendennis se voltou contra Robin.

Robin não tinha ideia do que aconteceria a seguir. Pendennis era mais alto, um pouco mais pesado e provavelmente mais forte, mas cambaleava, com o olhar desfocado. Se isso se tornasse uma briga, seria uma briga desajeitada e indigna. Ninguém ficaria gravemente ferido. Ele poderia até derrubar Pendennis no chão e fugir antes que Pendennis recuperasse o juízo. Mas a faculdade tinha regras rígidas contra brigas, havia muitas testemunhas e Robin não queria saber como se sairia contra a palavra de Pendennis perante um conselho disciplinar.

— Podemos lutar — Robin respirou. 'Se é o que você quer. Mas você está segurando uma taça de Madeira e quer mesmo passar a noite toda vermelha na frente?

Os olhos de Pendennis pousaram em sua taça de vinho e depois voltaram para Robin.

“Chink”, ele disse com uma voz muito feia. — Você é apenas um Chinkee bem vestido, sabia disso, Swift?

Os punhos de Robin se apertaram. — E você vai deixar um Chinkee estragar seu baile?

Pendennis zombou, mas estava claro que o perigo havia passado. Enquanto Robin engolisse o seu orgulho, enquanto dissesse a si mesmo que eram apenas palavras que Pendennis lhe tinha atirado, palavras que não significavam absolutamente nada, ele poderia simplesmente vire-se e siga Ramy, Victoire e Letty para fora da faculdade ilesos.

Lá fora, a brisa fresca da noite era um alívio bem-vindo em seus rostos avermelhados e superaquecidos.

'O que aconteceu?' Robin perguntou. 'O que eles estavam dizendo?'

“Não é nada”, disse Victoire. Ela estava tremendo violentamente; Robin tirou a jaqueta e colocou-a nos ombros dela.

— Não é nada — retrucou Letty. — Aquele desgraçado do Thornhill começou a falar sobre as diferentes cores do nosso. . do nosso. . você sabe, por razões biológicas, e então Pendennis decidiu que devíamos mostrá-las. .

“Não importa”, disse Victoire. 'Vamos apenas caminhar.'

— Vou matá-lo — jurou Robin. 'Vou voltar. Vou matá-lo. .

'Por favor, não.' Victoire agarrou seu braço. 'Não torne isso pior, por favor.'

“A culpa é sua”, disse Ramy a Letty.

' *Meu?* Como-'

'Nenhum de nós queria vir. Victoire disse que isso iria acabar mal, e mesmo assim você nos forçou a vir aqui...

'Forçado?' Letty deu uma risada aguda. — Você parecia estar se divertindo bastante, com seus chocolates e trufas. .

'Sim, até Pendennis e sua turma tentarem violar nossa Victoire. .'

— Eles também me atacaram, você sabe. Esse era um argumento bizarro, e Robin não sabia ao certo por que Letty o fez, mas o disse com veemência. Sua voz subiu várias oitavas.

'Não foi só porque ela está. .'

'Parar!' Vitória gritou. Lágrimas escorreram pelo seu rosto. 'Pare com isso, não é culpa de ninguém, nós apenas. . eu deveria ter pensado melhor. Não deveríamos ter vindo.

— Sinto muito — disse Letty em voz muito baixa. 'Victoire, amor, eu não fiz isso. . .'

'Está bem.' Victória balançou a cabeça. — Não há motivo para você. . não importa. Ela respirou fundo. — Vamos sair daqui, por favor? Eu quero ir para casa.'

'Lar?' Ramy parou de andar. 'O que você quer dizer com casa? É uma noite de celebração.

'Você está louco? Vou para a cama. Victoire mexeu na saia do vestido, agora enlameada, na barra. 'E eu vou sair dessa, vou me livrar dessas mangas *estúpidas* ...'

'Não, você não é.' Ramy puxou-a gentilmente em direção à High Street. — Você se arrumou para um baile. Você merece uma bola. Então vamos tomar um.

O plano de Ramy, ele revelou, era que eles passassem a noite no telhado de Babel – apenas os quatro, uma cesta de doces (as cozinhas eram muito fáceis de roubar se você parecesse um funcionário) e o telescópio sob uma noite clara. céu. * Mas quando viraram a esquina do gramado, viram luzes e silhuetas em movimento pelas janelas do primeiro andar. Alguém estava lá.

— Espere. . — começou Letty, mas Ramy subiu os degraus com leveza e empurrou a porta.

Luzes de fada balançavam por todo o saguão, que estava lotado de estudantes e bolsistas de pós-graduação. Robin reconheceu Cathy O'Nell, Vimal Srinivasan e

Ilse Dejima entre eles. Alguns dançavam, alguns conversavam com taças de vinho nas mãos e alguns ficavam de cabeça baixa sobre mesas de trabalho arrastadas do oitavo andar, observando atentamente enquanto um estudante de graduação gravava uma gravura em uma barra de prata. Algo fez barulho e a sala se encheu com o perfume de rosas. Todos aplaudiram.

Finalmente alguém os notou. 'Terceiro ano!' Vimal gritou, acenando para eles entrarem.

'Por que vocês demoraram tanto?'

“Estávamos na faculdade”, disse Ramy. 'Não sabíamos que havia uma festa privada.'

“Você deveria tê-los convidado”, disse uma garota alemã de cabelos escuros cujo nome Robin pensou que poderia ser Minna. Ela dançava sem sair do lugar enquanto falava, e sua cabeça balançava pesadamente para a esquerda. 'Tão cruel da sua parte, deixá-los ir àquele show de terror.'

“Não se aprecia o céu até conhecer o inferno”, disse Vimal. 'Revelações. Ou Marcos. Ou algo assim.'

“Isso não está na Bíblia”, disse Minna.

'Bem', disse Vimal com desdém, 'eu não saberia.'

— Isso foi cruel da sua parte — disse Letty.

— Apresse-se — disse Vimal por cima do ombro. 'Dê um pouco de vinho para a garota.'

Copos foram distribuídos; porto foi derramado. Logo Robin estava agradavelmente bêbado, com a cabeça zumbindo e os membros flutuando. Ele se encostou nas prateleiras, um pouco sem fôlego por ter valsado com Victoire, e se deleitou com a maravilha de tudo isso. Vimal estava agora na mesa, dançando vigorosamente com Minna. Na mesa oposta, Matthew Houndslow, vencedor da mais prestigiada bolsa de pós-graduação daquele ano, estava inscrevendo uma barra prateada com um par de fósforos que fazia esferas brilhantes de luz rosa e roxa flutuarem pela sala.

“ *Ibasho* ”, disse Ilse Dejima.

Robin virou-se para ela. Ela nunca tinha falado com ele antes; ele não tinha certeza se ela pretendia se dirigir a ele. Mas não havia mais ninguém por perto. 'Perdão?'

“ *Ibasho* ”, ela repetiu, cambaleando. Os braços dela flutuavam na frente dela, dançando ou regendo a música, ele não sabia dizer qual. Aliás, ele não sabia de onde vinha a música.

'Não se traduz bem para o inglês. Significa “paradeiro”. Um lugar onde a pessoa se sente em casa, onde se sente como ela mesma.'

Ela escreveu os caracteres kanji para ele no ar — e ele reconheceu seus equivalentes chineses. O personagem para uma residência. Os personagens de um lugar.

Nos meses seguintes, sempre que recordava esta noite, só conseguia captar algumas recordações claras – depois de três copos de vinho do Porto, tudo se transformava numa névoa agradável. Ele se lembrava vagamente de dançar alguma música celta frenética em mesas juntas, depois de jogar algum tipo de jogo de linguagem que envolvia muitos gritos e rimas rápidas, e de rir tanto que chegava a doer as costelas. Ele se lembrou de Ramy sentado com Victoire em um canto, fazendo imitações bobas dos professores até as lágrimas secarem, e então até os dois chorarem de tanto rir. “Desprezo as mulheres”, entoou Ramy no tom severo e monótono do professor Craft. 'Eles são inconstantes, facilmente distraídos e, em geral, inadequados para o tipo de estudo rigoroso que uma vida acadêmica exige.'

Lembrou-se de frases em inglês que lhe surgiam espontaneamente na mente enquanto assistia às festas; frases de canções e poemas cujo significado ele não tinha muita certeza, mas que pareciam e soavam bem – e talvez fosse exatamente isso que poesia era?

Significado através do som? Através da ortografia? Ele não conseguia se lembrar se apenas pensava nisso ou se perguntava em voz alta para todos que encontrava, mas descobriu ele próprio se consumiu com a pergunta 'O que é a luz fantástica?' *

E ele se lembrou de ter ficado sentado na escada noite adentro com Letty, que

chorava furiosamente em seu ombro. “Eu gostaria que ele me visse”, ela repetia entre soluços. 'Por que ele não me vê?' E embora Robin pudesse pensar em inúmeras razões – porque Ramy era um homem moreno na Inglaterra e Letty era filha de um almirante; porque Ramy não queria levar um tiro na rua; ou porque Ramy simplesmente não a amava como ela o amava, e ela confundiu gravemente sua gentileza geral e entusiasmo ostentoso com atenção especial, porque Letty era o tipo de garota que estava acostumada, e sempre esperou, atenção especial. – ele sabia que não deveria contar a verdade a ela. O que Letty queria

então não era um conselho honesto, mas alguém que a confortasse e a amasse e que lhe desse, se não a atenção que ela desejava, pelo menos alguma cópia disso. Então ele a deixou soluçar contra ele, encharcando a frente de sua camisa em lágrimas, e esfregou círculos nas costas dela enquanto murmurava inconscientemente que não entendia – Ramy era um idiota? O que não era amar nela? Ela era linda, linda, ela deixava Afrodite com ciúmes – na verdade, ele entoou, ela deveria se sentir sortuda por ainda não ter sido transformada em uma efêmera. Isso fez Letty rir, o que a fez parar um pouco de chorar, e isso foi bom; isso significava que ele havia feito seu trabalho.

Ele teve a estranha sensação de desaparecer enquanto falava, de desaparecer no fundo de uma pintura que retratava uma história que devia ser tão antiga quanto a história. E

talvez fosse a bebida, mas ele estava fascinado pela maneira como parecia flutuar para fora de si mesmo, observando do toldo enquanto os soluços dela e os murmúrios dele se misturavam, flutuavam e se transformavam em nuvens de condensação contra os vitrais frios.

Estavam todos muito bêbados quando a festa terminou – com exceção de Ramy, que, de qualquer forma, estava bêbado de exaustão e de risadas – e essa foi a única razão pela qual pareceu uma boa ideia passear pelo cemitério atrás de St. Giles, tomando o caminho mais longo. norte, onde moravam as meninas. Ramy murmurou um *du'a baixinho* e eles passaram pelo portão. A princípio pareceu uma grande aventura quando eles tropeçaram um no outro, rindo, enquanto contornavam as lápides. Mas então o ar parecia mudar muito rapidamente. O calor dos postes de luz diminuiu; as sombras da lápide se estendiam por muito tempo, mudando, como se desmentissem alguma presença que não as queria ali.

Robin sentiu um pavor repentino e arrepiante. Não era ilegal caminhar pelo

cemitério, mas de repente parecia uma violação horrível invadir aquele terreno naquele estado.

Ramy também sentiu isso. 'Vamos, depressa.'

Robin assentiu. Eles começaram a tecer mais rápido entre as lápides. — Não deveria estar aqui depois do Maghrib — murmurou Ramy. 'Deveria ter ouvido minha mãe. .'

“Espere aí”, disse Victoire. — Letty ainda. . Letty?

Eles se viraram. Letty havia ficado para trás várias fileiras atrás. Ela estava diante de uma lápide.

'Olhar.' Ela apontou com os olhos arregalados. 'É ela.'

'Ela quem?' perguntou Ramy.

Mas Letty apenas ficou ali, olhando.

Eles voltaram para se juntar a ela diante da pedra desgastada. *Eveline Brooke* , dizia.

Querida filha, estudiosa. 1813–1834 .

“Eveline”, disse Robin. 'É aquele-'

“Evie”, disse Letty. — A garota da mesa. A garota com todos os pares no livro. Ela está morta. Todo esse tempo. Ela está morta há cinco anos.

De repente, o ar da noite ficou gelado. O calor persistente do vinho do Porto evaporou-se com as risadas; agora eles estavam sóbrios, com frio e muito assustados. Victoire apertou mais o xale em volta dos ombros. — O que você acha que aconteceu com ela?

'Provavelmente apenas algo mundano.' Ramy fez um grande esforço para dissipar a tristeza. — Provavelmente ela adoeceu, sofreu um acidente ou ficou exausta demais. Pode

ser que ela tenha andado de skate sem lenço. Pode ser que ela tenha ficado tão

envolvida com a pesquisa que se esqueceu de comer.

Mas Robin suspeitava que a morte de Evie Brooke fosse mais do que um ataque mundano de doença. O desaparecimento de Anthony quase não deixou rastros no corpo docente. O professor Playfair parecia já ter esquecido que ele existia; ele não disse uma palavra sobre Anthony desde o dia em que anunciou sua morte. No entanto, ele manteve a mesa de trabalho de Evie intacta por cinco anos e contando.

Eveline Brooke era alguém especial. E algo terrível aconteceu aqui.

- Vamos para casa? - Victoire sussurrou depois de um tempo.

Eles deviam estar no cemitério há algum tempo. O céu escuro estava lentamente dando lugar à luz pálida, o frio condensando-se no orvalho da manhã. A bola acabou. A última noite do período letivo terminou e deu lugar a um verão sem fim. Sem palavras, eles se deram as mãos e voltaram para casa.

Capítulo Quinze

À medida que os dias adquirem uma luz mais suave e a maçã finalmente fica pendurada na árvore, realmente acabada e indolentemente madura,

Então, para os dias mais tranquilos e felizes de todos!

W ALT W HITMAN , 'Dias Felizes'

Robin recebeu as notas do exame na manhã seguinte (Mérito em Teoria da Tradução e Latim, Distinção em Etimologia, Chinês e Sânscrito), junto com a seguinte nota impressa em papel grosso e cremoso: *O conselho de estudos de graduação do Royal O Institute of Translation tem o prazer de informar que você foi convidado a continuar seu mandato como bolsista de graduação no ano seguinte.*

Só quando ele tinha os papéis em mãos é que tudo parecia real. Ele havia passado; todos eles passaram. Por pelo menos mais um ano, eles tiveram uma casa. Eles tinham hospedagem e alimentação pagas, uma mesada fixa e acesso a todas as riquezas intelectuais de Oxford. Eles não seriam forçados a deixar Babel. Eles poderiam respirar com facilidade novamente.

Oxford em junho era quente, pegajosa, dourada e linda. Eles não tinham tarefas urgentes de verão – eles poderiam fazer mais pesquisas sobre seus projetos independentes se quisessem, embora geralmente as semanas entre o final do Trinity e o início do próximo Michaelmas fossem tacitamente reconhecidas como uma recompensa, e uma breve pausa, que o próximo quarto anos merecidos.

Aqueles foram os dias mais felizes de suas vidas. Fizeram piqueniques com uvas maduras e estourando; pãezinhos frescos; e queijo Camembert nas colinas de South Park.

Eles andavam de barco para cima e para baixo no Cherwell – Robin e Ramy eram razoavelmente bons nisso, mas as meninas não conseguiam dominar a arte de empurrá-los para frente em vez de de lado para dentro da margem. Eles caminharam 11 quilômetros ao norte até Woodstock para visitar o Palácio de Blenheim, mas não entraram, pois a taxa de turismo era exorbitante. Uma trupe de atuação visitante de Londres apresentou alguns trechos de Shakespeare no Sheldonian; eles eram inegavelmente horríveis, e as reclamações de estudantes de graduação mal comportados provavelmente os tornaram piores, mas a qualidade não era o ponto principal.

Perto do final de junho, tudo o que se podia falar era sobre a coroação da Rainha Vitória.

Muitos dos estudantes e bolsistas que ainda estavam no campus pegaram ônibus para Didcot para pegar o trem para Londres no dia anterior, mas aqueles que permaneceram em Oxford foram presenteados com um deslumbrante show de luzes. Havia rumores de que um grande jantar seria organizado para os pobres e desabrigados de Oxford, mas as autoridades da cidade argumentaram que a riqueza do rosbife e do pudim de ameixa deixaria os pobres em tal estado de excitação que perderiam a capacidade de desfrutar

adequadamente. a iluminação. * Então os pobres passaram fome naquela noite, mas pelo menos as luzes estavam lindas. Robin, Ramy e Victoire passearam com Letty pela High Street com canecas de cidra gelada nas mãos, tentando evocar o mesmo sentimento de patriotismo visível em todos os outros.

Perto do final do verão, fizeram uma viagem de fim de semana a Londres, onde beberam da vitalidade e da variedade que Oxford, suspensa há séculos no

passado, tanto carecia.

Eles foram para Drury Lane e assistiram a um show – a atuação não era muito boa, mas a maquiagem berrante e o gorjeio estridente da ingênua os mantiveram fascinados durante as três horas de duração. Eles percorreram as barracas da New Cut em busca de morangos carnudos, bugigangas de cobre e sachês de chás supostamente exóticos; jogou moedas para macacos dançarinos e tocadores de realejo; esquivou-se de prostitutas acenando; examinou barracas de barras de prata falsificadas com diversão; * jantou em uma casa de curry

'Authentick Indian' que decepcionou Ramy, mas satisfez o resto deles; e dormiu durante a noite em um único quarto lotado na Doughty Street. Robin e Ramy estavam deitados no chão, enrolados de casaco, enquanto as meninas se aconchegavam na cama estreita, todas rindo e cochichando até bem depois da meia-noite.

No dia seguinte fizeram um passeio a pé pela cidade que terminou no porto de Londres, onde caminharam até às docas e maravilharam-se com os enormes navios, as suas grandes velas brancas e o complexo entrelaçamento dos seus mastros e cordame. Tentaram identificar as bandeiras e os logotipos das empresas dos navios que partiam, especulando de onde poderiam vir ou ir. Grécia? Canadá? Suécia? Portugal?

“Daqui a um ano estaremos embarcando em um desses”, disse Letty. 'Para onde você acha que ele irá navegar?'

Todos os formandos da Babel embarcaram em uma grande viagem internacional totalmente remunerada após a conclusão dos exames do quarto ano. Estas viagens geralmente correspondiam a alguns assuntos de Babel – os formandos tinham servido como intérpretes ao vivo na corte de Nicolau I, caçavam tabuinhas cuneiformes nas ruínas da Mesopotâmia e uma vez, acidentalmente, causaram quase um colapso diplomático em Paris – mas eram principalmente uma viagem. oportunidade para os formandos simplesmente verem o mundo e mergulharem nos ambientes linguísticos estrangeiros dos quais foram sequestrados durante os seus anos de estudo. As línguas tinham de ser vividas para serem compreendidas e Oxford era, afinal, o oposto da vida real.

Ramy estava convencido de que sua turma seria enviada para a China ou para a Índia.

'Há simplesmente tanta coisa acontecendo. A Companhia das Índias Orientais perdeu o monopólio em Cantão, o que significa que precisarão de tradutores para todos os tipos de reorientações empresariais. Eu daria meu braço esquerdo para que fosse Calcutá. Você vai adorar – vamos ficar um pouco com minha família; Escrevi para eles tudo sobre você, eles até sabem que Letty não aguenta o chá muito quente. Ou talvez iremos para Cantão – não seria adorável, Birdie? Quando foi a última vez que você esteve em casa?

Robin não tinha certeza se queria voltar para Canton. Ele havia pensado nisso algumas vezes, mas não conseguia reunir nenhum sentimento de excitação, apenas um pavor confuso e vagamente culpado. Nada o esperava ali; sem amigos, sem família, apenas uma cidade da qual ele se lembrava apenas pela metade. Em vez disso, ele estava com medo de como reagiria se voltasse para casa; se ele voltasse ao mundo de uma infância esquecida. E

se, ao retornar, ele não conseguisse sair?

Pior, e se ele não sentisse absolutamente nada?

“É mais provável que seremos enviados para algum lugar como as Maurícias”, disse ele.

'Deixe as meninas usarem o francês.'

'Você acha que o crioulo das Ilhas Maurício é parecido com o crioulo haitiano?' Letty perguntou a Victoire.

“Não tenho certeza se serão mutuamente inteligíveis”, disse Victoire. 'Ambos são baseados no francês, é claro, mas o Kreyòl segue dicas gramaticais da língua Fon, enquanto o crioulo maurício. . . hum. Não sei. Não existe Grammatica, então não tenho nada para consultar.

“Talvez você escreva um”, disse Letty.

Victoire lançou-lhe um pequeno sorriso. 'Talvez.'

O acontecimento mais feliz daquele verão foi que Victoire e Letty voltaram a ser amigas.

Na verdade, todo o horror estranho e mal definido do terceiro ano evaporou-se

com a notícia de que haviam passado nos exames. Letty não irritava mais Robin, e Ramy não fazia mais Letty franzir a testa toda vez que abria a boca.

Para ser justo, suas brigas foram adiadas em vez de resolvidas. Eles realmente não haviam confrontado os motivos pelos quais haviam brigado, mas todos estavam dispostos a culpar o estresse. Haveria um momento em que eles teriam que enfrentar suas diferenças muito reais, em que discutiriam as coisas em vez de sempre mudarem de assunto, mas por enquanto eles estavam contentes em aproveitar o verão e lembrar novamente como era amar. um outro.

Pois estes foram, verdadeiramente, os últimos dias dourados. Aquele verão pareceu ainda mais precioso porque todos sabiam que não poderia durar, que tais delícias só existiam por causa das noites intermináveis e exaustivas que lhes haviam merecido. Logo começaria o quarto ano, depois os exames de graduação e depois o trabalho. Nenhum deles sabia como seria a vida depois disso, mas certamente não poderiam permanecer uma coorte para sempre. Certamente, eventualmente, eles tiveram que deixar a cidade das torres sonhadoras; tiveram que assumir seus respectivos cargos e retribuir tudo o que Babel lhes deu. Mas o futuro, por mais vago que fosse assustador, foi facilmente ignorado por enquanto; empalideceu tanto em comparação com o brilho do presente.

Em janeiro de 1838, o inventor Samuel Morse fez uma demonstração em Morristown, Nova Jersey, exibindo um dispositivo que podia transmitir mensagens a longas distâncias usando impulsos elétricos para transmitir uma série de pontos e traços. Cético, o Congresso dos Estados Unidos recusou-se a conceder-lhe financiamento para construir uma linha que ligasse a capital em Washington, DC, a outras cidades, e demoraria a fazê-lo por mais cinco anos. Mas os estudiosos do Royal Institute of Translation, assim que souberam que o dispositivo de Morse funcionava, foram para o exterior e persuadiram Morse em fazer uma visita de meses a Oxford, onde o departamento de ourivesaria ficou surpreso com o fato de esse dispositivo não precisar de pares para funcionar, mas funcionar com eletricidade pura.

Em julho de 1839, Babel hospedou a primeira linha telegráfica em funcionamento na Inglaterra, que estava conectada ao Ministério das Relações Exteriores britânico em Londres. *

O código Morse original transmitia apenas números, partindo do pressuposto de que o receptor poderia procurar as palavras correspondentes em um guia. Isso

era bom para conversas que envolviam um vocabulário limitado – sinais de trens, boletins meteorológicos e certos tipos de comunicações militares. Mas logo após a chegada de Morse, os professores De Vreese e Playfair desenvolveram um código alfanumérico que permitia a troca de mensagens de qualquer tipo. * Isso expandiu os possíveis usos do telégrafo para fins comerciais, pessoais e muito mais. Espalhou-se rapidamente a notícia de que Babel tinha meios de comunicação instantânea com Londres a partir de Oxford. Logo os clientes – em sua maioria empresários, funcionários do governo e ocasionais clérigos –

estavam amontoados no saguão e alinhados ao redor do quarteirão, segurando as mensagens que precisavam ser enviadas. O professor Lovell, exasperado com o clamor, quis colocar as proteções defensivas na multidão. Mas prevaleceram cabeças mais calmas e mais sintonizadas financeiramente. O professor Playfair, vendo um grande potencial de lucro, ordenou que a ala noroeste do lobby, que antes era usada para armazenamento, fosse convertida em escritório telegráfico.

O próximo obstáculo foi equipar o escritório com operadores. Os estudantes eram a fonte óbvia de trabalho gratuito e, portanto, todo aluno de graduação e pós-graduação da Babel era obrigado a aprender o código Morse. Isso levou apenas alguns dias, já que o código Morse era a língua rara que de fato tinha uma correlação perfeita entre símbolos linguísticos, desde que a pessoa estivesse se comunicando em inglês. Quando setembro se transformou em outubro e o período letivo de Natal começou naquele outono, todos os alunos do campus foram designados para trabalhar pelo menos um turno de três horas por semana. E assim, às nove horas da noite de todos os domingos, Robin se arrastava até o pequeno escritório no saguão e sentei-me perto da máquina telegráfica com uma pilha de leituras de cursos, esperando que a agulha ganhasse vida.

A vantagem do turno da noite era que a torre recebia muito pouca correspondência nesse horário, pois todos no escritório de Londres já teriam ido para casa. Tudo o que Robin precisava fazer era ficar acordado das nove à meia-noite, caso chegasse alguma carta urgente. Caso contrário, ele era livre para fazer o que quisesse e geralmente passava essas horas lendo ou revisando suas redações para a aula da manhã seguinte.

Ocasionalmente, ele olhava pela janela, apertando os olhos para aliviar a tensão da luz fraca em seus olhos. O green geralmente estava vazio. A High Street, tão movimentada durante o dia, era assustadora tarde da noite; quando o sol se

punha, quando toda a luz vinha dos pálidos postes de luz ou das velas dentro das janelas, parecia outra Oxford paralela, uma Oxford do reino das fadas. Especialmente nas noites sem nuvens, Oxford transformava-se, as suas ruas eram limpas, as suas pedras silenciosas, os seus pináculos e torres prometiam enigmas e aventuras e um mundo de abstracção no qual se poderia perder para sempre.

Numa dessas noites, Robin ergueu os olhos da tradução das histórias de Sima Qian e viu duas figuras vestidas de preto caminhando rapidamente em direção à torre. Seu estômago caiu.

Só quando chegaram aos degraus da frente, quando as luzes de dentro da torre brilharam em seus rostos, ele percebeu que eram Ramy e Victoire.

Robin ficou paralisado em sua mesa, sem saber o que fazer. Eles estavam aqui a negócios de Hermes. Eles tinham que ser. Nada mais explicava o traje; os olhares furtivos; a

viagem noturna para a torre, quando Robin sabia que eles não deveriam estar lá, porque ele os viu terminar os trabalhos para o seminário do professor Craft no chão do quarto de Ramy apenas algumas horas antes.

Griffin os recrutou? Certamente era isso, Robin pensou com tristeza. Ele desistiu de Robin, então optou pelos outros de seu grupo.

É claro que ele não iria denunciá-los – isso não estava em questão. Mas ele deveria *ajudá* -los? Não, talvez não – a torre não estava totalmente vazia; ainda havia pesquisadores no oitavo andar, e se ele assustasse Ramy e Victoire, poderia atrair atenção indesejada. A única escolha parecia ser não fazer nada. Se ele fingisse nunca notar, e se eles conseguissem tudo o que queriam, então o frágil equilíbrio das suas vidas em Babel não seria perturbado.

Então eles poderiam manter a fina camada de negação com a qual Robin viveu durante anos. Afinal de contas, a realidade era tão maleável – os factos podiam ser esquecidos, as verdades suprimidas, as vidas vistas de um único ângulo, como um prisma enganador, se alguém resolvesse nunca olhar demasiado de perto.

Ramy e Victoire passaram pela porta e subiram as escadas. Robin focou os olhos na tradução, tentando não forçar os ouvidos em busca de qualquer indício do que

eles poderiam estar fazendo. Dez minutos depois, ele ouviu passos descendo. Eles conseguiram o que queriam. Logo eles estariam de volta pela porta. Então o momento passaria e a calma seria retomada, e Robin poderia deixar isso no fundo de sua mente junto com todas as outras verdades desagradáveis que ele não tinha vontade de desvendar. .

Um lamento estridente e desumano perfurou a torre. Ele ouviu um grande estrondo, depois um ataque de xingamentos. Ele deu um pulo e saiu correndo do saguão.

Ramy e Victoire estavam presos do lado de fora da porta da frente, presos em uma teia de fios prateados e brilhantes que dobravam e se multiplicavam diante de seus olhos, novos fios amarrando seus pulsos, cinturas, tornozelos e gargantas a cada segundo que passava. Um punhado de itens estava espalhado a seus pés – seis barras de prata, dois livros antigos, um estilete de gravação. Itens que os estudiosos da Babel levavam regularmente para casa no final do dia.

Exceto, ao que parecia, que o professor Playfair havia mudado as proteções com sucesso. Ele conseguiu ainda mais do que Robin temia: ele os alterou para detectar não apenas quais pessoas e coisas estavam passando, mas também se seus propósitos eram legítimos.

— Passarinho — ofegou Ramy. Teias prateadas apertaram seu pescoço; seus olhos se arregalaram. 'Ajuda-'

'Segure firme.' Robin puxou os fios. Eram pegajosos, mas flexíveis e quebráveis; impossível escapar sozinho, mas não sem ajuda. Ele libertou primeiro o pescoço e as mãos de Ramy, depois juntos puxaram Victoire para fora da teia, embora as pernas de Robin tenham ficado emaranhadas no processo. A teia, ao que parecia, só dava se pudesse aguentar. Mas seu ataque cruel havia cessado; qualquer par que acionou o alarme parecia ter se acalmado. Ramy libertou os tornozelos e recuou. Por um momento, todos se entreolharam sob o luar, perplexos.

'Você também?' Victória finalmente perguntou.

“Parece que sim”, disse Robin. — Griffin mandou você?

'Grifo?' Victoire parecia confusa. 'Não, Anthony.. '

'Anthony *Ribben* ?'

“Claro”, disse Ramy. 'Quem mais?'

'Mas ele está *morto* ...'

'Isso pode esperar', interrompeu Victoire. 'Escute, as sirenes. .'

— Droga — disse Ramy. 'Robin, incline-se para cá. .'

“Não há tempo”, disse Robin. Ele não conseguia mover as pernas. Os fios tinham parado de se multiplicar – talvez porque Robin não fosse o ladrão – mas a teia agora era incrivelmente densa, estendendo-se por toda a entrada da frente, e se Ramy se aproximasse, ele temia, ambos ficariam presos. 'Deixe-me.'

Ambos começaram a protestar. Ele balançou sua cabeça. 'Tem que ser eu. Eu não conspirei, não tenho ideia do que está acontecendo. .

'Não é óbvio?' Ramy exigiu. 'Eram-'

Não é óbvio, então não me diga — sibilou Robin. O lamento da sereia era interminável; logo a polícia estaria no gramado. 'Não diga nada. Não sei de nada, e quando me questionarem, é isso que direi. Apenas se apresse e vá embora, por favor, vou pensar em alguma coisa.

- Você tem certeza. . – começou Victoire.

— *Vá* — insistiu Robin.

Ramy abriu a boca, fechou-a e abaixou-se para recolher os materiais roubados. Victória seguiu o exemplo. Eles deixaram apenas duas barras para trás – *inteligente* , pensou Robin, pois isso era uma prova de que Robin estava trabalhando sozinho, de que não tinha cúmplices que tivessem desaparecido com todo o contrabando. Então eles desceram correndo os degraus, atravessaram o gramado e entraram no beco.

'Quem está aí?' alguém gritou. Robin viu lâmpadas balançando na outra extremidade do quadrilátero. Ele virou a cabeça e semicerrou os olhos na direção da Broad Street, tentando e não conseguindo vislumbrar qualquer vestígio de seus amigos. Eles fugiram, funcionou, a polícia só vinha pela torre. Só para ele.

Ele respirou fundo e depois se virou para a luz.

Gritos de raiva, lâmpadas brilhantes no rosto, mãos firmes nos braços. Robin mal processou o que aconteceu nos minutos seguintes; ele só tinha consciência de suas divagações vagas e incoerentes, uma cacofonia de policiais gritando diferentes ordens e perguntas em seu ouvido. Ele tentou juntar as peças de uma desculpa, alguma história sobre ter visto ladrões presos nas correias e como eles o prenderam quando ele foi detê-los, mas isso foi incoerente ao ser dito, e a polícia apenas riu. Eventualmente, eles o libertaram da teia e o levaram de volta para a torre, para um pequeno sala sem janelas no lobby, vazia exceto por uma única cadeira. A porta tinha uma pequena grade na altura dos olhos coberta por uma aba deslizante; parecia mais uma cela de prisão do que uma sala de leitura. Ele se perguntou se não seria o primeiro agente da Hermes a ser detido ali. Ele se perguntou se a mancha marrom no canto poderia ser sangue seco.

— Você vai ficar aqui — disse o policial encarregado enquanto algemava as mãos de Robin nas costas. 'Até o professor chegar.'

Eles trancaram a porta e foram embora. Não haviam informado qual professor, nem quando retornariam. Não saber era uma tortura. Robin sentou-se e esperou, os joelhos

tremendo, os braços tremendo miseravelmente por causa das ondas e ondas de adrenalina nauseante.

Ele estava acabado. Certamente não havia como voltar atrás. Foi tão difícil ser expulso de Babel, que investiu tanto em seu talento tão procurado que os alunos anteriores de Babel foram perdoados por quase todo tipo de crime, exceto assassinato. * Mas certamente o roubo e a traição foram motivos para expulsão. E então o que? Uma cela na prisão da cidade? Em Newgate? Eles o enforcariam? Ou seria simplesmente colocado num navio e mandado de volta para o lugar de onde veio, onde não tinha amigos, nem família, nem perspectivas?

Uma imagem surgiu em sua mente, uma imagem que ele mantinha trancada há quase uma década – um quarto quente e sem ar, cheiro de doença, sua mãe deitada rígida ao lado dele, suas bochechas contraídas ficando azuis diante de seus olhos. Os últimos dez anos –

Hampstead, Oxford, Babel – tinham sido todos um encanto milagroso, mas ele tinha quebrado as regras – tinha quebrado o feitiço – e em breve o glamour desapareceria e ele estaria de volta entre os pobres, os doentes, os morrendo, os

mortos.

A porta se abriu.

'Robin.'

Era o professor Lovell. Robin procurou em seus olhos por algo – bondade, decepção ou raiva – qualquer coisa que pudesse profetizar o que ele deveria esperar. Mas a expressão do pai, como sempre, era apenas uma máscara vazia e inescrutável. 'Bom dia.'

'Sente-se.' A primeira coisa que o professor Lovell fez foi destravar as algemas de Robin.

Depois ele o levou escada acima até seu escritório no sétimo andar, onde agora eles estavam sentados frente a frente tão casualmente como se estivessem reunidos para um tutorial semanal.

— Você teve muita sorte de a polícia ter me contatado primeiro. Imagine se eles tivessem encontrado Jerome. Você estaria sentindo falta das pernas agora. O professor Lovell inclinou-se para a frente, com as mãos cruzadas sobre a mesa. ‘Há quanto tempo você rouba recursos para a Sociedade Hermes?’

Robin empalideceu. Ele não esperava que o professor Lovell fosse tão direto. Esta questão era muito perigosa. O professor Lovell evidentemente sabia sobre Hermes. Mas quanto *ele* sabia? Sobre quanto Robin poderia mentir? Talvez ele estivesse blefando, e talvez Robin conseguisse escapar dessa situação se medisse as palavras da maneira certa.

“Diga a verdade”, disse o professor Lovell com uma voz dura e monótona. 'Essa é a única coisa que irá salvá-lo agora.'

— Três meses — Robin respirou. Três meses pareceram menos condenatórios do que três anos, mas foram longos o suficiente para parecer plausíveis. 'Só. . só desde o verão.'

'Eu vejo.' Não havia raiva na voz do professor Lovell. A calma o tornava terrivelmente ilegível. Robin teria preferido que ele gritasse.

'Senhor, eu-'

“Quieto”, disse o professor Lovell.

Robin fechou a boca. Não importava. Ele não sabia o que teria dito. Não havia nenhuma explicação para sair dessa bagunça, nenhuma exoneração possível. Ele só poderia enfrentar as fortes evidências de sua traição e aguardar as consequências. Mas se conseguisse manter

os nomes de Ramy e Victoire fora disso, se conseguisse convencer o professor Lovell de que agiu sozinho, isso seria o suficiente.

"Pensar", disse o professor Lovell depois de um longo tempo, "que você teria se tornado tão abominavelmente ingrato."

Ele se recostou e balançou a cabeça. 'Eu fiz mais por você do que você jamais poderia imaginar. Você era um garoto das docas em Cantão. Sua mãe era uma pária. Mesmo que seu pai fosse chinês — a garganta do professor Lovell pulsou então, e Robin sabia que isso era a maior admissão que ele jamais faria —, sua posição teria sido a mesma. Você teria ganhado centavos a vida inteira. Você nunca teria visto a costa da Inglaterra. Você nunca teria lido Horácio, Homero ou Tucídides – você nunca teria aberto um livro, pois isso matéria. Você teria vivido e morrido na miséria e na ignorância, nunca imaginando o mundo de oportunidades que eu lhe proporcionei. Eu tirei você da miséria. Eu te dei o mundo.

'Senhor, eu não-'

'Como você *ousa* ? Como você ousa cuspir na cara de tudo que recebeu?

'Senhor-'

'Você sabe o quão privilegiado você tem sido por esta universidade?' O volume da voz do professor Lovell permaneceu inalterado, mas cada sílaba ficou mais longa, primeiro arrastada e depois cuspida como se ele estivesse mordendo as palavras no final. 'Você sabe quanto a maioria das famílias paga para enviar seus filhos para Oxford? Você desfruta de quartos e hospedagem sem nenhum custo. Você é abençoado com uma mesada mensal.

Você tem acesso às maiores lojas de conhecimento do mundo. Você achou que sua situação era comum?

Uma centena de argumentos passaram pela cabeça de Robin – que ele não tinha solicitado esses privilégios a Oxford, não tinha escolhido ser expulso de Cantão, que as generosidades da universidade não deveriam exigir a sua lealdade constante e inabalável à Coroa e à sua política colonial. projetos, e se assim fosse, então essa era uma forma peculiar de escravidão com a qual ele nunca havia concordado. O fato de ele não ter desejado esse destino até que ele lhe foi imposto foi decidido por ele. Que ele não sabia que vida teria escolhido – esta, ou uma vida em que tivesse crescido em Cantão, entre pessoas que se pareciam e falavam como ele.

Mas o que isso importava? O professor Lovell dificilmente simpatizaria. Tudo o que importava era que Robin era culpado.

'Foi divertido para você?' Os lábios do professor Lovell se curvaram. 'Você ficou emocionado com isso? Ah, você deve ter. Imagino que você se considerasse o herói de uma de suas pequenas histórias – um Dick Turpin normal, não é? Você sempre amou seus centavos terríveis. Um estudante cansado durante o dia e um ladrão arrojado à noite? Foi romântico, Robin Swift?

'Não.' Robin endireitou os ombros e tentou, pelo menos, não parecer tão pateticamente assustado. Se ele fosse punido, ele poderia muito bem assumir seus princípios. 'Não, eu estava fazendo a coisa certa.'

'Oh? E qual é a coisa certa?

'Eu sei que você não se importa. Mas eu fiz isso e não sinto muito, e você pode fazer o que quiser. .

— Não, Robin. Diga-me pelo que você estava lutando. O professor Lovell recostou-se, juntou os dedos e assentiu. Como se isso fosse um exame. Como se ele estivesse realmente ouvindo. — Vá, convença-me. Tente me recrutar. Faça o seu melhor.

“A forma como Babel acumula materiais não é justa”, disse Robin.

'Oh! Não é apenas!'

“Não está certo”, Robin continuou com raiva. 'É egoísta. Toda a nossa prata vai para o luxo, para os militares, para fazer rendas e armas quando há pessoas morrendo por causa de coisas simples que essas barras poderiam consertar. Não

é certo que você recrute estudantes de outros países para trabalhar em seu centro de tradução e que seus países de origem não recebam nada em troca.

Ele conhecia bem esses argumentos. Ele estava repetindo o que Griffin lhe contara, verdades que passara a internalizar. No entanto, diante do silêncio pétreo do professor Lovell, tudo parecia tão bobo. Sua voz soava frágil e metálica, desesperadamente insegura.

"E se você está realmente tão enojado com a forma como Babel enriquece", continuou o professor Lovell, "como é que você sempre pareceu encantado em receber seu dinheiro?"

Robin se encolheu. 'Eu não. . eu não *perguntei* . .' Mas isso foi incoerente na expressão.

Ele parou, as bochechas queimando.

— Você bebe o champanhe, Robin. Você pega sua mesada. Você mora em seu quarto mobiliado na Magpie Lane, desfila pelas ruas com seus robes e roupas sob medida, tudo pago pela escola, e ainda assim diz que todo esse dinheiro vem do sangue. Isso não incomoda você?

E esse era o cerne de tudo, não era? Robin sempre esteve disposto, em teoria, a desistir apenas de algumas coisas por uma revolução na qual ele acreditava parcialmente. Ele estava bem com a resistência, desde que não o machucasse. E a contradição era boa, desde que ele não pensasse muito sobre isso, nem olhasse muito de perto. Mas, dito desta forma, em termos tão sombrios, parecia indiscutível que, longe de ser um revolucionário, Robin, na verdade, não tinha quaisquer convicções.

Os lábios do professor Lovell curvaram-se novamente. — Você não está tão preocupado com o império agora, não é?

— Não é só isso — repetiu Robin. 'Não é justo-'

“ *Justo* ”, imitou o professor Lovell. 'Suponha que você inventou a roda de fiar. De repente você é obrigado a dividir seus lucros com todos que ainda fiam manualmente?

'Mas isso não é a mesma coisa-'

'E somos obrigados a distribuir barras de prata por todo o mundo aos países atrasados que tiveram todas as oportunidades para construir a sua próprios centros de tradução?

Não é preciso um grande investimento para estudar línguas estrangeiras. Por que será um problema da Grã-Bretanha se outras nações não conseguem aproveitar o que têm?'

Robin abriu a boca para responder, mas não conseguiu pensar em nada para dizer. Por que foi tão difícil encontrar as palavras? Havia algo errado com esse argumento, mas, mais uma vez, ele não conseguia descobrir o quê. Comércio livre, fronteiras abertas, acesso igualitário ao mesmo conhecimento – tudo parecia tão bom em teoria. Mas se o campo de jogo era realmente assim, porque é que todos os lucros se acumularam na Grã-Bretanha?

Os britânicos eram realmente muito mais inteligentes e trabalhadores? Eles simplesmente jogaram o jogo de forma justa e honesta e venceram?

'Quem recrutou você?' Professor Lovell perguntou. 'Eles não devem ter feito um trabalho muito bom.'

Robin não respondeu.

'Foi Griffin Harley?'

Robin se encolheu, e isso foi confissão suficiente.

'Claro. Grifo. O professor Lovell cuspiu o nome como se fosse uma maldição. Ele observou Robin por um longo momento, examinando seu rosto como se pudesse encontrar o fantasma do filho mais velho no mais novo. Depois perguntou, num tom estranhamente suave: 'Você sabe o que aconteceu com Eveline Brooke?'

“Não”, disse Robin, mesmo pensando *que sim* ; ele sabia, não os detalhes da história, mas seu esboço geral. Ele já tinha quase juntado tudo, embora tivesse evitado deslizar a peça final, porque não queria saber e não queria que fosse verdade.

“Ela era brilhante”, disse o professor Lovell. 'O melhor aluno que já tivemos. O orgulho e a alegria da universidade. Você sabia que foi Griffin quem a

assassinou?

Robin recuou. 'Não, isso não é. .'

'Ele nunca te contou? Estou surpreso, para ser sincero. Eu esperava que ele se vangloriasse. Os olhos do professor Lovell estavam muito escuros. — Então deixe-me esclarecê-lo. Há cinco anos, Evie – a pobre e inocente Evie – estava trabalhando no oitavo andar depois da meia-noite. Ela manteve a lâmpada acesa, mas não percebeu que o resto das luzes estava apagada. Era assim que Evie era. Quando ela estava envolvida em seu trabalho, ela perdia a noção do que estava acontecendo ao seu redor. Nada existia para ela além da pesquisa.

'Griffin Harley entrou na torre por volta das duas da manhã. Ele não viu Evie – ela estava trabalhando no canto traseiro, atrás das estações de trabalho. Ele pensou que estava sozinho. E Griffin começou a fazer o que Griffin faz o melhor: furtar e roubar, vasculhar manuscritos preciosos para contrabandeá-los sabe-se lá para onde. Ele estava quase na porta quando percebeu que Evie o tinha visto.

O professor Lovell ficou em silêncio. Robin ficou confuso com essa pausa, até que viu, para seu espanto, que seus olhos estavam vermelhos e úmidos nos cantos. O professor Lovell, que nunca demonstrou o menor sentimento em todos os anos em que Robin o conheceu, estava chorando.

'Ela nunca fez nada.' Sua voz estava rouca. “Ela não deu o alarme. Ela não gritou. Ela nunca teve a chance. Eveline Brooke estava simplesmente no lugar errado na hora errada.

Mas Griffin estava com tanto medo que ela pudesse denunciá-lo que a matou de qualquer maneira. Encontrei-a na manhã seguinte.

Ele estendeu a mão e bateu na barra de prata desgastada que estava no canto da mesa.

Robin já o tinha visto muitas vezes, mas o professor Lovell sempre o mantivera afastado, meio escondido atrás de um porta-retratos, e nunca tivera coragem de perguntar. O

professor Lovell virou-o. 'Você sabe o que esse par faz?'

Robin olhou para baixo. A frente dizia : . Seu intestino torceu. Ele estava com muito medo de olhar para trás.

' *Bào* ', disse o professor Lovell. 'O radical do fogo. E ao lado disso, o radical pela violência, crueldade e turbulência; o mesmo radical que por si só pode significar brutalidade selvagem e indomável; o mesmo radical usado nas palavras para *trovão* e

crueldade . * E ele traduziu contra *burst* , a tradução inglesa mais moderada possível, tão moderada que dificilmente pode ser traduzida como tal – de modo que toda aquela força, aquela destruição, ficou presa na prata. Explodiu contra seu peito. Suas costelas se separaram como uma gaiola aberta. E então ele a deixou ali, deitada entre as estantes, com os livros ainda nas mãos. Quando a vi, seu sangue estava acumulado em metade do chão.

Manchou todas as páginas de vermelho. Ele deslizou a barra sobre a mesa. 'Espere.'

Robin se encolheu. 'Senhor?'

“Pegue”, retrucou o professor Lovell. 'Sinta o peso disso.'

Robin estendeu a mão e fechou os dedos em volta do bar. Estava terrivelmente frio ao toque, mais frio do que qualquer outra prata que ele havia encontrado, e excessivamente pesado. Sim, ele podia acreditar que este bar havia assassinado alguém. Parecia zumbir com um potencial preso e furioso, uma granada acesa, esperando para explodir.

Ele sabia que era inútil perguntar, mas precisava fazê-lo de qualquer maneira. — Como você sabe que foi Griffin?

“Não tivemos outros estudantes em chinês nos últimos dez anos”, disse o professor Lovell. — Você acha que fui eu? Ou o professor Chakravarti?

Ele estava mentindo? Era possível – essa história era tão grotesca que Robin quase não acreditou, não queria acreditar que Griffin pudesse ser capaz de algo como um assassinato.

Mas não era ele? Griffin, que falava dos professores de Babel como se fossem combatentes inimigos, que enviava repetidamente o seu próprio irmão para a

briga sem se preocupar com as consequências, que estava tão convencido da justiça maniqueísta da guerra que travou que pouco conseguia ver mais. Griffin não teria assassinado uma garota indefesa se isso significasse manter Hermes seguro?

— Sinto muito — sussurrou Robin. 'Eu não sabia.'

“Foi com ele que você se envolveu”, disse o professor Lovell. 'Um mentiroso e um assassino. Você imagina que está ajudando algum movimento de libertação global, Robin?

Não seja ingênuo. Você está ajudando os delírios de grandeza de Griffin. E para quê?' Ele acenou com a cabeça para o ombro de Robin. — Uma bala no seu braço?

'Como você-'

— O professor Playfair observou que você pode ter machucado o braço ao remar. Não sou enganado tão facilmente. O professor Lovell cruzou as mãos sobre a mesa e recostou-se. 'Então. A escolha deveria ser muito óbvia, eu acho. Babel ou Hermes.

Robin franziu a testa. 'Senhor?'

'Babel ou Hermes? É bem simples. Você pode decidir.

Robin sentiu-se como um instrumento quebrado, capaz de emitir apenas um som.

'Senhor, eu não.' . .'

'Você achou que seria expulso?'

'Bem. . *sim* , não. .'

— Receio que não seja tão fácil deixar Babel. Você se desviou pelo caminho errado, mas acredito que foi o resultado de influências cruéis – influências mais cruéis e astutas do que se poderia esperar que você suportasse. Você é ingênuo, sim. E uma decepção. Mas você não terminou. Isto não precisa terminar em cadeia ou prisão.' O professor Lovell bateu os dedos na mesa. 'Mas seria muito

útil se você pudesse nos dar algo útil.'

'Útil?'

— Informação, Robin. Ajude-nos a encontrá-los. Ajude-nos a erradicá-los.

“Mas não sei nada sobre eles”, disse Robin. 'Eu nem sei o nome de nenhum deles, exceto o de Griffin.'

'Realmente.'

'É verdade, é assim que eles operam – eles são tão descentralizados que não dizem nada aos novos associados. No caso de. . Robin engoliu em seco. ‘Caso algo assim aconteça.’

'Que pena. Você tem certeza?

'Sim, eu realmente não-'

— Diga o que você quer dizer, Robin. Não hesite.

Robin se encolheu. Essas foram exatamente as mesmas palavras que Griffin usou; ele lembrou. E Griffin dissera-o exactamente da mesma forma que o professor Lovell dizia agora, frio e imperioso, como se já tivesse ganho a discussão, como se qualquer resposta que Robin desse fosse fadada a ser um disparate.

E Robin podia imaginar o sorriso malicioso de Griffin agora há pouco; sabia exatamente o que ele diria - *é claro que você escolherá o conforto de sua criatura, seu pequeno erudito mimado* . Mas que direito Griffin tinha de julgar suas escolhas? Ficar em Babel, em Oxford, não era uma indulgência; foi a sobrevivência. Era a sua única passagem para este país, a única coisa entre ele e as ruas.

Ele sentiu uma repentina onda de ódio por Griffin. Robin não pediu nada disso, e agora seu futuro – e o futuro de Ramy e Victoire – estava em jogo. E onde estava Griffin? Onde ele estava quando Robin foi baleado? Desapareceu. Ele os usou para cumprir suas ordens e depois os abandonou quando as coisas deram errado. Pelo menos se Griffin fosse para a prisão, ele merecia.

“Se é a lealdade que o mantém calado, então não há mais nada a fazer”, disse o professor Lovell. — Mas acho que ainda podemos trabalhar juntos. Acho que você ainda não está pronto para deixar Babel. Não é?

Robin respirou fundo.

Do que ele estava desistindo, realmente? A Sociedade Hermes o abandonou, ignorou seus avisos e colocou em perigo seus dois amigos mais queridos. Ele não lhes devia nada.

Nos dias e semanas que se seguiram, ele tentaria convencer-se de que aquele era um momento de concessão estratégica e não de traição. Que ele não estava abrindo mão de muita importância – o próprio Griffin havia dito que eles tinham vários esconderijos, não é?

– e que desta forma Ramy e Victoire foram protegidos, ele não foi expulso, e todas as linhas de comunicação ainda existiam para alguma cooperação futura com Hermes. Mas ele nunca conseguiu se livrar da desagradável verdade – que isso não era sobre Hermes, nem sobre Ramy ou Victoire, mas sobre autopreservação.

“St. Aldate”, disse ele. 'A entrada dos fundos da igreja. Há uma porta perto do porão que parece enferrujada, mas Griffin tem uma chave. Eles o usam como um quarto seguro.

O professor Lovell rabiscou isso. 'Com que frequência ele vai lá?'

'Não sei.'

'O que há aí?'

— Não sei — disse Robin novamente. 'Eu nunca fui. Na verdade, ele me contou muito pouco. Desculpe.'

O professor Lovell lançou-lhe um olhar longo e frio e depois pareceu ceder.

'Eu sei que você é melhor que isso.' Ele se inclinou sobre a mesa. 'Você é diferente de Griffin em todos os sentidos possíveis. Você é humilde, é brilhante e trabalha duro. Você

está menos corrompido por sua herança do que ele. Se eu tivesse acabado de conhecê-lo, seria difícil adivinhar que você era chinês. Você tem um talento prodigioso e o talento merece uma segunda chance. Mas cuidado, garoto. Ele apontou para a porta. 'Não haverá um terceiro.'

Robin levantou-se e olhou para a mão dele. Ele percebeu que estava segurando a barra que matou Evie Brooke o tempo todo. Parecia ao mesmo tempo muito quente e muito frio, e ele teve o estranho medo de que, se tocasse por mais um momento, poderia abrir um buraco em sua palma. Ele estendeu-o. 'Aqui, senhor. .'

“Fique com ele”, disse o professor Lovell.

'Senhor?'

“Tenho olhado para aquele bar todos os dias nos últimos cinco anos, me perguntando onde foi que errei com Griffin. Se eu o tivesse criado de forma diferente, ou o tivesse visto antes como ele era, se Evie ainda o fizesse. . mas não importa. A voz do professor Lovell endureceu. 'Agora isso pesa na sua consciência. Fique com isso, Robin Swift. Leve-o no bolso da frente. Retire-o sempre que começar a duvidar e deixe-o lembrá-lo de que lado estão os vilões.

Ele fez sinal para que Robin saísse do escritório. Robin desceu as escadas cambaleando, a prata presa com força em seus dedos, atordoado e com certeza de que havia tirado todo o seu mundo do curso. Só que ele não tinha a menor ideia se tinha feito a coisa certa, o que significava certo e errado, ou como os pedaços poderiam agora cair.

Interlúdio

Rami

Ramiz Rafi Mirza sempre foi um menino inteligente. Ele tinha uma memória prodigiosa, o dom da palavra. Ele absorvia línguas como uma esponja e tinha um ouvido extraordinário para ritmo e som. Ele não apenas repetiu as frases que absorveu; ele as pronunciou em uma imitação tão precisa do orador original, investindo suas palavras com toda a emoção pretendida, que foi como se ele momentaneamente se transformasse nelas. Em outra vida, ele estaria destinado ao palco. Ele tinha aquela habilidade inefável de fazer cantar palavras simples.

Ramy foi brilhante e teve muitas oportunidades de se exibir. A família Mirza navegou pelas vicissitudes daquela época com grande sorte. Embora estivessem entre as famílias muçulmanas que perderam terras e propriedades após o Acordo Permanente, os Mirza encontraram um emprego estável, embora não muito lucrativo, na casa de um certo Sr.

Horace Hayman Wilson, secretário da Sociedade Asiática de Bengala em Calcutá. Sir Horace tinha um grande interesse pelas línguas e literaturas indianas e tinha grande prazer em conversar com o pai de Ramy, que fora bem educado em árabe, persa e urdu.

Assim, Ramy cresceu entre as famílias inglesas de elite da cidade branca de Calcutá, entre casas com pórticos e colunatas construídas em estilo europeu e lojas que atendiam exclusivamente a uma clientela europeia. Wilson desde cedo se interessou por sua educação e, enquanto outros meninos de sua idade ainda brincavam nas ruas, Ramy assistia às aulas no Mohammedan College de Calcutá, onde aprendeu aritmética, teologia e filosofia. Árabe, persa e urdu ele estudou com seu pai. Latim e grego ele aprendeu com tutores contratados por Wilson. Inglês que ele absorveu do mundo ao seu redor.

Na casa dos Wilson, chamavam-no de pequeno professor. Abençoado Ramy, deslumbrante Ramy. Ele não tinha ideia de qual era o propósito de tudo o que estudava, apenas que encantava os adultos quando ele dominava tudo. Freqüentemente, ele fazia truques para os convidados que Sir Horace convidava para sua sala de estar. Eles lhe mostravam uma série de cartas de baralho e ele repetia com perfeita precisão o naipe e o número das cartas na ordem em que apareciam. Eles liam trechos inteiros ou poemas em espanhol ou italiano e ele, sem entender uma palavra do que era dito, recitava de volta, com entonação e tudo.

Certa vez, ele se orgulhou disso. Ele gostava de ouvir os gritos de admiração dos convidados, gostava da maneira como eles bagunçavam seu cabelo e colocavam doces em sua palma antes de mandá-lo correr para a cozinha. Ele não tinha nenhum entendimento de classe ou raça. Ele pensou que era tudo um jogo. Ele não viu seu pai observando da esquina, as sobrancelhas franzidas de preocupação. Ele não sabia que impressionar um homem branco poderia ser tão perigoso quanto provocá-lo.

Certa tarde, quando ele tinha doze anos, os convidados de Wilson o convocaram

para um acalorado debate.

'Ramy.' O homem que lhe acenou foi o Sr. Trevelyan, um visitante frequente, um homem com costeletas prodigiosas e um sorriso seco e lupino. 'Venha aqui.'

“Ah, deixe-o em paz”, disse Sir Horace.

'Estou provando um ponto.' O Sr. Trevelyan acenou com uma mão. — Ramy, por favor.

Sir Horace não disse a Ramy que não o fizesse, então Ramy correu para o lado do Sr.

Trevelyan e ficou em pé, com as mãos cruzadas atrás das costas como um pequeno soldado.

Ele aprendeu que os hóspedes ingleses adoravam essa postura; eles acharam isso precioso.

'Sim senhor?'

“Conte até dez em inglês”, disse o Sr. Trevelyan.

Ramy obedeceu. O Sr. Trevelyan sabia perfeitamente que poderia fazer isso; a apresentação foi para os demais cavalheiros presentes.

“Agora em latim”, disse o Sr. Trevelyan, e quando Ramy terminou, “agora em grego”.

Ramy obedeceu. Risadas satisfeitas pela sala. Ramy decidiu testar a sorte. “Números pequenos são para crianças pequenas”, disse ele em um inglês perfeito. 'Se você quiser conversar sobre álgebra, escolha um idioma e nós faremos isso também.'

Risadas encantadas. Ramy sorriu, balançando para frente e para trás, esperando a inevitável pressão de doces ou moedas.

O Sr. Trevelyan voltou-se para os outros convidados. 'Considere este menino e seu pai.

Ambos com habilidades semelhantes, ambos com formação e educação semelhantes. O pai começa com uma vantagem ainda maior, eu diria, já que *seu* pai, segundo me disseram, pertencia a uma classe mercantil mais rica. Mas assim as fortunas sobem e descem. Apesar dos seus talentos naturais, o Sr. Mirza não consegue aqui nada melhor do que um posto como empregado doméstico. Você não concorda, Sr. Mirza?

Ramy viu a expressão mais peculiar no rosto de seu pai. Ele parecia estar segurando alguma coisa, como se tivesse engolido uma semente muito amarga, mas não conseguisse cuspi-la.

De repente, este jogo não parecia tão divertido. Ele estava nervoso agora por se exibir, mas não conseguia entender o porquê.

“Vamos, Sr. Mirza”, disse o Sr. Trevelyan. — Você não pode afirmar que *queria* ser lacaio.

O Sr. Mirza deu uma risada nervosa. 'É uma grande honra servir Sir Horace Wilson.'

'Oh, pare com isso - não precisa ser educado, todos nós sabemos como ele peida.'

Ramy olhou para o pai; o homem que ele ainda pensava ser alto como uma montanha, o homem que lhe ensinara todas as suas escritas: romana, árabe e nastaliq. O homem que lhe ensinou salah. O homem que lhe ensinou o significado do respeito. Seu hafiz.

O Sr. Mirza assentiu e sorriu. 'Sim. Isso mesmo, Sr. Trevelyan, senhor. É claro que prefiro estar no seu lugar.

“Bem, aí está”, disse o Sr. Trevelyan. 'Veja, Horace, essas pessoas têm ambições. Eles têm o intelecto e o desejo de autogovernar-se, como deveriam. * E são as suas políticas educacionais que estão mantendo-os abaixados. A Índia simplesmente não possui línguas para *a política* . Seus poemas e épicos são todos muito interessantes, sem dúvida, mas em questões de administração. .

A sala explodiu novamente em um debate clamoroso. Ramy foi esquecido. Ele olhou para Wilson, ainda esperando por sua recompensa, mas seu pai lançou-lhe um olhar penetrante e balançou a cabeça.

Ramy era um garoto inteligente. Ele sabia como se tornar escasso.

Dois anos depois, em 1833, Sir Horace Wilson deixou Calcutá para assumir o cargo de primeiro catedrático de sânscrito na Universidade de Oxford. * O senhor e a senhora Mirza sabiam que não deviam protestar quando Wilson propôs levar o filho com ele para Inglaterra, e Ramy não invejava os pais por não terem lutado para mantê-lo ao seu lado.

(Ele já sabia como era perigoso desafiar um homem branco.)

“Minha equipe irá criá-lo em Yorkshire”, explicou Wilson. 'Vou visitá-lo quando puder tirar licença da universidade. Então, quando ele crescer, vou matriculá-lo na University College. Charles Trevelyan pode estar certo, e o inglês pode ser o caminho a seguir para os nativos, mas ainda há valor nas línguas indianas no que diz respeito aos estudiosos. Inglês é bom o suficiente para os caras da administração civil, mas precisamos de nossos verdadeiros gênios estudando persa e árabe, não é? Alguém precisa manter vivas as antigas tradições.

A família de Ramy despediu-se dele nas docas. Ele não tinha feito muita mala; ele superaria qualquer roupa que trouxesse em meio ano.

Sua mãe agarrou seu rosto e beijou-o na testa. 'Certifique-se de escrever. Uma vez por mês. . não, uma vez por semana. . e certifique-se de orar. .

— Sim, Amma.

Suas irmãs agarraram-se à sua jaqueta. 'Você vai mandar presentes?' eles perguntaram.

'Você conhecerá o rei?'

“Sim”, ele disse. 'E não, eu não me importo.'

O pai ficou um pouco atrás, observando a esposa e os filhos, piscando com força, como se tentasse memorizar tudo. Afinal, quando soou a chamada de embarque, ele abraçou o filho contra o peito e sussurrou: ' *Allah hafiz* . * Escreva para sua mãe.'

— Sim, Abbu.

— Não esqueça quem você é, Ramiz.

— Sim, Abbu.

Ramy tinha quatorze anos e idade suficiente para compreender o significado do orgulho. Ramy pretendia fazer mais do que lembrar. Pois agora ele entendia por que seu pai sorrira naquele dia na sala de estar – não por fraqueza ou submissão, e não por medo de represálias. Ele estava desempenhando um papel. Ele estava mostrando a Ramy como isso era feito.

Mentira, Ramiz . Esta foi a lição, a lição mais importante que ele já aprendeu. *Esconda-se, Ramiz. Mostre ao mundo o que eles querem; contorça-se na imagem que eles querem ver, porque assumir o controle da história é como você, por sua vez, os controla. Esconda sua fé, esconda suas orações, pois Allah ainda conhecerá seu coração.*

E que atuação Ramy fez. Ele não teve problemas para navegar na alta sociedade inglesa

– Calcutá tinha seu quinhão de tavernas, salas de música e teatros ingleses, e o que ele viu em Yorkshire não foi mais do que uma expansão do microcosmo de elite em que ele cresceu. diminuiu seu sotaque dependendo do público. Ele aprendeu todas as noções fantasiosas que os ingleses tinham sobre seu povo, elaborou-as como um dramaturgo experiente e cuspiu-as de volta. Ele sabia quando interpretar um lascar, um criado, um

príncipe. Ele aprendeu quando lisonjear e quando se autodepreciar. Ele poderia ter escrito uma tese sobre o orgulho branco, sobre a curiosidade branca. Ele sabia como se tornar objeto de fascínio e ao mesmo tempo se neutralizar como uma ameaça. Ele aperfeiçoou o maior de todos os truques: convencer um inglês a olhá-lo com respeito.

Ele ficou tão bom nisso que quase começou a se perder no artifício. Na verdade, é uma armadilha perigosa para um jogador acreditar nas suas próprias histórias e ficar cego pelos aplausos. Ele poderia se imaginar como um bolsista de pós-graduação, repleto de distinções e prêmios. Um advogado bem pago do Departamento Jurídico. Um intérprete espontâneo altamente aclamado, navegando entre Londres e Calcutá, trazendo riquezas e presentes para sua família sempre que voltava.

E isso às vezes o assustava, a facilidade com que ele dançava em Oxford, quão atingível esse futuro imaginado parecia. Lá fora, ele deslumbrou. Por dentro, ele se sentia uma fraude, um traidor. E ele estava apenas a começar a desesperar-se, a perguntar-se se tudo o que conseguiria seria tornar-se um lacaio do império, como Wilson pretendia, pois as vias de resistência anticolonial pareciam tão poucas e tão sem esperança.

Até seu terceiro ano, quando Anthony Ribben apareceu dos mortos e perguntou: 'Você se juntará a nós?'

E Ramy, sem hesitar, olhou-o nos olhos e disse: 'Sim'.

Capítulo Dezesseis

Parece bastante certo que os chineses, um povo que ganha e ama o dinheiro, são tão viciados no comércio e tão ansiosos como qualquer nação do mundo em cortejar relações comerciais com estranhos.

J OHN C RAWFURD , 'Império e Comércio Chinês'

A manhã chegou. Robin levantou-se, lavou-se e vestiu-se para a aula. Ele conheceu Ramy fora de casa. Nenhum dos dois disse uma palavra; caminharam em silêncio até a porta da torre, que, apesar do medo repentino de Robin, abriu-se para deixá-los entrar. Estavam atrasados; O professor Craft já estava dando uma palestra quando eles se sentaram. Letty lançou-lhes um olhar irritado. Victoire acenou com a cabeça para Robin, seu rosto inescrutável. A professora Craft continuou como se não os tivesse visto; era assim que ela sempre lidava com atrasos. Eles pegaram as canetas e começaram a fazer anotações sobre Tácito e seus espinhosos ablativos absolutos.

A sala parecia ao mesmo tempo mundana e dolorosamente bela: a luz da manhã entrava pelos vitrais, lançando padrões coloridos nas mesas de madeira polida; o arranhão limpo do giz no quadro-negro; e o cheiro doce e amadeirado de livros antigos. Um sonho; este era um sonho impossível, este mundo frágil e adorável no qual, pelo preço das suas convicções, ele tinha sido autorizado a permanecer.

Naquela tarde, eles receberam avisos em suas malas para se prepararem para partir para Cantão, passando por Londres, no dia 11 de outubro – depois de amanhã. Passariam três semanas na China – duas em Cantão e uma em Macau – e depois parariam nas Maurícias durante dez dias no regresso a casa.

Seus destinos são temperados, mas a viagem marítima pode ser fria , leia o aviso. *Traga um casaco grosso.*

‘Não é um pouco cedo?’ perguntou Letty. 'Achei que só iríamos depois dos exames.'

'Isso explica aqui.' Ramy bateu no final da página. 'Circunstâncias especiais em Cantão –

eles têm poucos tradutores chineses e querem que os Babblers preencham a lacuna, então eles impulsionaram nossa viagem.'

'Bem, isso é emocionante!' Letty sorriu. 'Será nossa primeira chance de sair pelo mundo e *fazer* alguma coisa.'

Robin, Ramy e Victoire trocaram olhares. Todos partilhavam a mesma suspeita – que esta partida repentina estava de alguma forma ligada à noite de sexta-feira. Mas eles não podiam saber o que isso significava para a suposta inocência de Ramy e Victoire, ou o que esta viagem reservava para todos eles.

O último dia antes de partirem foi uma tortura. A única entre eles que sentiu alguma excitação foi Letty, que decidiu marchar até seus quartos naquela noite e certificar-se de que seus baús estavam devidamente embalados. “Você não imagina como fica frio no mar

pela manhã”, disse ela, dobrando as camisas de Ramy em uma pilha bem organizada em sua cama. 'Você vai precisar de mais do que apenas uma camisa de linho, Ramy, você vai querer pelo menos duas camadas.'

— Por favor, Letícia. Ramy afastou a mão dela antes que ela pudesse pegar suas meias.

'Todos nós já estivemos no mar antes.'

- Bem, tenho viajado regularmente - disse ela, ignorando-o. — Eu deveria saber. E

deveríamos guardar um saquinho de remédios. . tinturas para dormir, gengibre. . não tenho certeza se dá tempo de ir até uma loja, talvez tenhamos que fazer isso em Londres. .

— É muito tempo num navio pequeno — retrucou Ramy. 'Não são as Cruzadas.'

Letty virou-se rigidamente para vasculhar o malão de Robin. Victoire lançou a Robin e Ramy um olhar desamparado. Eles não podiam falar livremente na presença de Letty, então só podiam ficar sentados fervendo de ansiedade. As mesmas perguntas sem resposta atormentavam a todos. O que estava acontecendo? Eles foram perdoados ou o machado ainda estava esperando para cair? Será que embarcariam ingenuamente no navio para Cantão, apenas para serem abandonados do outro lado?

E o mais importante: como era possível que tivessem sido recrutados separadamente para a Sociedade Hermes, sem o conhecimento dos outros? Ramy e Victoire pelo menos tinham alguma desculpa – eles eram novos para Hermes; eles podem ter ficado muito assustados com as exigências de silêncio da sociedade para dizer alguma coisa a Robin ainda. Mas Robin sabia sobre Hermes há três anos atrás, e ele nunca havia falado sobre isso nenhuma vez, nem mesmo com Ramy. Ele fez um trabalho maravilhoso escondendo seu maior segredo de amigos que, ele proclamou, eram donos de seu coração.

Isso, Robin suspeitava, havia abalado muito Ramy. Depois de terem acompanhado as meninas até seus alojamentos naquela noite, Robin tentou abordar o assunto, mas Ramy balançou a cabeça. — Agora não, passarinho.

O coração de Robin doeu. 'Mas eu só queria explicar. .'

- Então acho que deveríamos esperar por Victoire - disse Ramy secamente. 'Não é?'

Eles seguiram para Londres na tarde seguinte com o professor Lovell, que seria seu supervisor durante toda a viagem. A viagem foi, felizmente, muito mais curta do que a viagem de dez horas em diligência que levou Robin a Oxford, três anos atrás. A linha ferroviária entre Oxford e a Estação Paddington tinha sido finalmente concluída no verão anterior, a sua inauguração foi comemorada com a instalação de barras de prata sob a plataforma da recém-construída Estação de Oxford, * e assim a viagem demorou apenas uma hora e meia, durante o qual Robin conseguiu não olhar nos olhos do Professor Lovell nenhuma vez.

O navio deles só partiu amanhã; eles passariam a noite em uma pousada na New Bond Street. Letty insistiu que saíssem e explorassem Londres um pouco, então acabaram indo ver o show de alguém que se chamava Princesa Caraboo. A

princesa Caraboo era famosa entre os estudantes de Babel. Outrora filha de um humilde sapateiro, ela convenceu diversas pessoas a acreditarem que ela era da realeza exótica da ilha de Javasu. Mas já se passou quase uma década desde que a Princesa Caraboo foi desmascarada como Mary Willcocks de North Devon, e o seu espectáculo – que consistia numa estranha dança saltitante, várias declarações muito enfáticas numa língua inventada e orações a um deus a

quem ela chamava Allah-Tallah (aqui Ramy torceu o nariz), saiu como mais patético do que engraçado. A exibição colocou um gosto ruim em suas bocas; saíram cedo e voltaram para a pousada, cansados e lacônicos.

Na manhã seguinte, eles embarcaram em um clipper da Companhia das Índias Orientais chamado *Merope* rumo a Cantão. Esses navios foram construídos para serem rápidos, pois tinham que transportar mercadorias perecíveis de um lado para o outro o mais rápido possível, e foram, portanto, equipados com barras de prata de última geração para acelerar sua viagem. Robin lembrava-se vagamente de que sua primeira viagem de Cantão a Londres, há dez anos, levara quase quatro meses. Esses cortadores poderiam fazer essa viagem em apenas seis semanas.

'Excitado?' Letty perguntou a ele enquanto o *Merope* saía do porto de Londres sobre o Tâmisa em direção ao mar aberto.

Robin não tinha certeza. Ele se sentiu estranho desde que embarcaram, embora não conseguisse dar um nome ao seu desconforto. Não parecia real que ele estivesse voltando.

Dez anos atrás, ele ficou emocionado ao navegar em direção a Londres, com a cabeça girando com sonhos do mundo do outro lado do oceano. Desta vez, ele pensou que sabia o que esperar. Isso o assustou. Ele imaginou sua volta para casa com uma expectativa terrível; o medo de não conhecer a própria mãe no meio da multidão. Ele reconheceria o que viu? Ele se lembraria disso? Ao mesmo tempo, a perspectiva de ver Cantão novamente parecia tão repentina e inacreditável; ele se viu com a estranha convicção de que, quando chegassem lá, ele já teria desaparecido do globo.

Ainda mais assustadora era a possibilidade de que, uma vez chegado, fosse obrigado a ficar; que Lovell mentiu e que toda aquela viagem foi planejada para tirá-lo da Inglaterra; que ele seria exilado de Oxford, e de tudo o que ele sabia,

para sempre.

Enquanto isso, foram seis semanas de sofrimento no mar. Isso se mostrou torturante desde o início. Ramy e Victoire pareciam homens mortos andando, pálidos e nervosos, encolhendo-se ao menor ruído e incapazes de iniciar a mais simples conversa fiada sem assumir expressões de terror absoluto. Nenhum deles foi punido pela universidade.

Nenhum deles foi sequer chamado para interrogatório. Mas certamente, pensou Robin, o professor Lovell pelo menos suspeitava do envolvimento deles. A culpa estava escrita em seus rostos. Quanto, então, Babel sabia? Quanto Hermes sabia? E o que aconteceu com o cofre de Griffin?

Robin não queria nada além de discutir as coisas com Ramy e Victoire, mas eles nunca tiveram oportunidade. Letty estava sempre lá. Mesmo à noite, quando eles se retiravam para suas cabines separadas, não havia chance de Victoire escapar para se juntar aos meninos sem que Letty ficasse desconfiada. Eles não tiveram escolha a não ser fingir que tudo estava normal, mas eram péssimos nisso. Eles estavam todos pegajosos, inquietos e irritados. Nenhum deles conseguiu despertar entusiasmo para aquele que deveria ter sido o capítulo mais emocionante de suas carreiras. E eles não conseguiam conversar sobre mais nada; nenhuma de suas velhas piadas ou debates inconsequentes veio facilmente à mente e, sempre que ocorriam, soavam pesados e forçados. Letty – insistente, tagarela e alheia – estava irritando todos eles, e embora eles tentassem esconder sua irritação, pois não era culpa dela, eles não puderam deixar de gritar com ela quando ela perguntou o que eles pensavam sobre a culinária cantonesa para o décima vez.

Finalmente ela percebeu que algo estava acontecendo. Três noites depois, depois que o professor Lovell saiu do refeitório, ela bateu o garfo no jantar e perguntou: "O que há de errado com todo mundo?"

Ramy lançou-lhe um olhar duro. — Não sei o que você quer dizer.

— Não finja — Letty retrucou. 'Vocês estão todos agindo de forma bizarra. Você não toca na comida, está estragando as aulas – acho que nem mexeu no seu livro de frases, Ramy, o que é engraçado porque você vem dizendo há meses que aposta que conseguiria imitar um chinês melhor sotaque do que Robin. .

- Estamos enjoados. – Victoire deixou escapar. 'Tudo bem? Nem todos nós

crescemos passando o verão no Mediterrâneo como você.

— E suponho que você também estivesse enjoado em Londres? Letty perguntou maliciosamente.

— Não, só estou cansado da sua voz — disse Ramy maldosamente.

Letty cambaleou.

Robin empurrou a cadeira para trás e se levantou. 'Eu preciso de ar.'

Victoire o chamou, mas ele fingiu não ouvir. Ele se sentiu culpado por abandonar ela e Ramy com Letty, por fugir das consequências catastróficas, mas não suportava ficar naquela mesa nem por mais um momento. Ele sentia muito calor e agitação, como se mil formigas estivessem rastejando por baixo de suas roupas. Se ele não fugisse, não andasse por aí, se mexesse, então ele tinha certeza que explodiria.

Lá fora, estava frio e escureceu rapidamente. O convés estava vazio, exceto pelo professor Lovell, que fumava na proa. Robin quase se virou quando o viu - eles não trocaram uma palavra, exceto por gentilezas, desde a manhã seguinte à sua captura -, mas o professor Lovell já o tinha visto. Ele abaixou seu cachimbo e chamou Robin para se juntar a ele. Com o coração batendo forte, Robin se aproximou.

— Lembro-me da última vez que você fez esta viagem. O professor Lovell acenou com a cabeça para as ondas negras e ondulantes. 'Você era tão pequeno.'

Robin não sabia como responder, então apenas olhou para ele, esperando que ele continuasse. Para sua grande surpresa, o professor Lovell estendeu a mão e colocou a mão no ombro de Robin. Mas o toque parecia estranho, forçado; os ângulos estão errados, a pressão é muito forte. Eles ficaram parados, tensos e perplexos, como dois atores diante de um daguerreótipo, mantendo suas posições apenas até a luz brilhar.

“Acredito em novos começos”, disse o professor Lovell. Ele parecia ter ensaiado estas palavras; eles saíram tão afetados e desajeitados quanto seu toque. — O que quero dizer, Robin, é que você é muito talentoso. Lamentaríamos perder você.

“Obrigado”, foi tudo o que Robin disse, pois ainda não tinha ideia do rumo que isso iria dar.

O professor Lovell pigarreou e agitou um pouco o cachimbo antes de falar, como se estivesse tirando as próprias palavras do peito. “De qualquer forma, o que eu realmente quero dizer é – o que talvez devesse ter dito antes – que posso entender se você estivesse sentindo. . . decepcionado comigo.'

Robin piscou. 'Senhor?'

'Eu deveria ter sido mais compreensivo com a sua situação.' O professor Lovell olhou novamente para o oceano. Ele parecia ter dificuldade em olhar Robin nos olhos e falar ao mesmo tempo. 'Crescer fora do seu país, deixando para trás tudo o que você conhecia,

adaptando-se a um novo ambiente onde tenho certeza que você recebeu - bem, menos do que a quantidade de cuidado e carinho de que provavelmente precisava. . . Todas essas coisas afetaram Griffin também, e não posso dizer que lidei melhor com as coisas na segunda vez. Você é responsável por suas próprias decisões erradas, mas confesso que me culpo em parte.

Ele limpou a garganta novamente. 'Eu gostaria que começássemos de novo. Uma ficha limpa para você, um compromisso renovado da minha parte para ser um guardião melhor.

Vamos fingir que os últimos dias nunca aconteceram. Deixaremos a Sociedade Hermes e Griffin para trás. Pensaremos apenas no futuro e em todas as coisas gloriosas e brilhantes que você alcançará na Babel. Isto é Justo?'

Robin ficou momentaneamente mudo. Para ser honesto, esta não foi uma concessão muito grande. O professor Lovell apenas se desculpou por estar, ocasionalmente, um tanto distante. Ele não se desculpou por se recusar a reivindicar Robin como filho. Ele não se desculpou por deixar sua mãe morrer.

Ainda assim, ele reconheceu os sentimentos de Robin mais do que nunca e, pela primeira vez desde que embarcaram no *Merope* , Robin sentiu que podia respirar.

— Sim, senhor — murmurou Robin, pois não havia mais nada a dizer.

'Muito bom então.' O professor Lovell deu um tapinha no ombro dele, um gesto

tão estranho que Robin se encolheu e passou por ele em direção à escada. 'Boa noite.'

Robin voltou-se para as ondas. Ele respirou fundo e fechou os olhos, tentando imaginar como se sentiria se realmente conseguisse apagar a semana passada. Ele ficaria entusiasmado, não ficaria? Ele estaria olhando para o horizonte, rumo ao futuro para o qual vinha treinando. E que futuro entusiasmante – uma viagem bem-sucedida a Cantão, um cansativo quarto ano e depois a graduação num cargo no Ministério dos Negócios Estrangeiros ou uma bolsa na torre. Repetir viagens a Cantão, Macau e Pequim. Uma longa e gloriosa carreira traduzindo em nome da Coroa. Havia muito poucos sinologistas qualificados na Inglaterra. Ele poderia ser tantos primeiros. Ele poderia mapear muito território.

Ele não deveria querer isso? Isso não deveria emocioná-lo?

Ele ainda poderia tê-lo. Era isso que o professor Lovell tentava lhe dizer: que a história era maleável, que tudo o que importava eram as decisões do presente. Que eles poderiam enterrar Griffin e a Sociedade Hermes nos recessos do passado intocado – ele nem precisaria traí-los, simplesmente ignorá-los – assim como eles enterraram tudo o mais que concordaram que era melhor não mencionar.

Robin abriu os olhos, olhou para as ondas até perder o foco, até ficar olhando para nada, e tentou se convencer de que, se não estava feliz, pelo menos estava contente.

Depois de uma semana de viagem, Robin, Ramy e Victoire tiveram um momento a sós. No meio do passeio matinal, Letty voltou para o convés, alegando dor de estômago. Victoire se ofereceu sem entusiasmo para ir com ela, mas Letty acenou para ela – ela ainda estava irritada com todos eles e claramente queria ficar sozinha.

'Tudo bem.' Victoire se aproximou de Robin e Ramy assim que Letty saiu, fechando a lacuna criada por sua ausência para que os três permanecessem firmes, um silo impenetrável contra o vento. 'O que em nome de Deus. .'

Todos começaram a falar ao mesmo tempo.

'Por que não-'

— Você acha que Lovell. .

'Quando você primeiro-'

Eles ficaram em silêncio. Victória tentou novamente. — Então, quem recrutou você? ela perguntou a Robin. 'Não teria sido Anthony, ele teria nos contado.'

'Mas Anthony não é. .'

“Não, ele está bem vivo”, disse Ramy. 'Fingiu sua morte no exterior. Mas responda à pergunta, Birdie.

— Griffin — disse Robin, ainda se recuperando da revelação. 'Eu te disse. Griffin Lovell.

'Quem é aquele?' Victoire perguntou, ao mesmo tempo em que Ramy disse: ‘ *Lovell?* '

'Um ex-aluno da Babel. Acho que ele também é. . quero dizer, ele disse que é meu meio-irmão. Ele se parece comigo, achamos que Lovell. . quero dizer, nosso pai... Robin estava tropeçando nas palavras. O caractere chinês significa tanto 'tecido' quanto 'relacionar, contar'. A verdade estava bordada numa tapeçaria de tecido, espalhada para exibir o seu conteúdo. Mas Robin, finalmente confessando aos amigos, não tinha ideia por onde começar. A imagem que ele exibiu era confusa e confusa, distorcida, não importa como ele a contasse, por sua complexidade. — Ele deixou Babel há vários anos e depois passou à clandestinidade bem perto da casa de Evie Brooke. . quero dizer, ah, acho que ele matou Evie Brooke.

“Meu Deus”, disse Victoire. 'Realmente? Por que?'

“Porque ela o pegou falando de negócios com Hermes”, disse Robin. — Eu não sabia até que o professor Lovell me contou.

— E você acredita nele? perguntou Ramy.

“Sim”, disse Robin. 'Sim, acho que Griffin faria - Griffin é absolutamente o tipo de pessoa que faria isso.' . .' Ele balançou sua cabeça. — Escute, o importante é que Lovell pense que agi sozinho. Ele conversou com algum de vocês?

“Eu não”, disse Victoire.

— Nem eu — disse Ramy. 'Ninguém se aproximou de nós.'

'Isso é bom!' Robin exclamou. 'Não é?'

Houve um silêncio constrangedor. Ramy e Victoire não pareciam tão aliviados quanto Robin esperava.

'Isso é bom?' Ramy disse finalmente. — Isso é tudo que você tem a dizer?

'O que você quer dizer?' perguntou Robin.

— O que você acha que quero dizer? exigiu Ramy. 'Não evite o assunto. Quanto tempo você ficou com Hermes?

Não havia nada a fazer senão ser honesto. 'Desde que comecei aqui. Desde a primeira semana.

'Você está brincando?'

Victoire tocou seu braço. 'Ramy, não-'

— Não me diga que isso não a enfurece — Ramy disparou para ela. 'São três anos.

Durante três anos ele nunca nos contou o que estava fazendo.

“Espere aí”, disse Robin. 'Você está com raiva de *mim* ?'

— Muito bem, Birdie, você percebeu.

'Eu não entendo – Ramy, o que eu fiz de errado?'

Victoire suspirou e olhou para a água. Ramy lançou-lhe um olhar severo e depois explodiu: 'Por que você simplesmente não me *perguntou* ?'

Robin ficou surpreso com sua veemência. 'Você está falando sério?'

“Você conhece Griffin há anos”, disse Ramy. ' *Anos* . E você nunca pensou em nos contar sobre isso? Você nunca pensou que gostaríamos de nos juntar

também?

Robin não conseguia acreditar como isso era injusto. 'Mas você nunca *me disse* ...'

“Eu queria”, disse Ramy.

“Nós íamos”, disse Victoire. 'Nós imploramos a Anthony, quase deixamos escapar tantas vezes - ele continuou nos dizendo para não fazer isso, mas decidimos que nós mesmos contaríamos isso a você, íamos fazer isso naquele domingo-'

— Mas você nem perguntou a Griffin, não é? Ramy exigiu. 'Três anos. Senhor, passarinho.

— Eu estava tentando proteger você — disse Robin, impotente.

Ramy zombou. 'De que? Precisamente a comunidade que queríamos?

'Eu não queria colocar você em risco. .'

'Por que você não me deixou decidir isso sozinho?'

— Porque eu sabia que você diria sim — disse Robin. — Porque você se juntaria a eles imediatamente e abdicaria de tudo em Babel, de tudo pelo que trabalhou. .

'Tudo pelo que trabalhei foi para *isso* !' Ramy exclamou. 'O quê, você acha que vim para Babel porque quero ser tradutor da Rainha? Birdie, odeio este país. Odeio a maneira como olham para mim, odeio ser passado de um lado para outro em suas festas de vinho como um animal em exposição. Odeio saber que a minha presença em Oxford é uma traição à minha raça e religião, porque estou me tornando exatamente aquela classe de pessoa Macaulay esperava criar. Estou esperando por uma oportunidade como a de Hermes desde que cheguei aqui...

“Mas é só isso”, disse Robin. ‘É exatamente por isso que foi muito arriscado para você. .’

— E não é para você?

— Não — disse Robin, subitamente zangado. 'Não foi.'

Ele não precisou dizer por quê. Robin, cujo pai era professor, que conseguia se passar por branco sob a iluminação certa, nos ângulos certos, estava protegido de uma forma que Ramy e Victoire não estavam. Se Ramy ou Victoire tivessem enfrentado a polícia naquela noite, não estariam neste navio, estariam atrás das grades, ou pior.

A garganta de Ramy pulsou. — Droga, Robin.

“Tenho certeza de que não foi fácil”, disse Victoire, tentando valentemente mediar a paz.

'Eles são tão rígidos com seu sigilo, você se lembra. .'

'Sim, mas nos conhecemos.' Ramy lançou um olhar furioso para Robin. — Ou pelo menos pensei que sim.

– Hermes é bagunceiro – insistiu Robin. 'Eles ignoraram meus avisos, eles penduram seus membros para secar, e não teria sido bom para você ser mandado para baixo no seu primeiro ano. .'

— Eu teria sido cuidadoso — zombou Ramy. 'Eu não sou como você, não tenho medo da minha própria sombra-'

— Mas você não toma cuidado — disse Robin, exasperado. Então eles estavam trocando insultos agora. Então eles estavam sendo francos agora. — Você foi pego, não foi? Você é impulsivo, você não *pensa* . . no momento em que alguém insulta seu orgulho, você ataca. .

— E quanto a Victoire?

'Vitória. . .' Robin parou. Ele não tinha defesa. Ele não contou a Victoire sobre Hermes porque presumiu que ela tinha muito a perder, mas não havia uma boa maneira de dizer isso em voz alta ou de justificar sua lógica.

Ela sabia o que ele queria dizer. Ela não iria atender seu olhar suplicante.

“Graças a Deus por Anthony”, foi tudo o que ela disse.

— Só tenho mais uma pergunta — disse Ramy abruptamente. Ele estava realmente furioso, percebeu Robin. Esta não foi apenas uma explosão de paixão

ao estilo Ramy. Isso era algo do qual eles talvez não pudessem voltar. 'O que você disse para fazer isso desaparecer? Do que você desistiu?

Robin não podia mentir na cara de Ramy. Ele queria; ele tinha muito medo da verdade e da maneira como Ramy olharia para ele quando a ouvisse, mas não conseguia esconder isso. Isso o despedaçaria. "Ele queria informações."

'E assim?'

'Então eu dei informações a ele.'

Victoire levou a mão à boca. 'Tudo?'

— Exatamente o que eu sabia — disse Robin. “O que não foi muito, Griffin fez questão de fazer isso. Eu nem sabia o que ele fazia com os livros que eu levava para ele. Tudo o que contei a Lovell foi um quarto seguro em St. Aldate's.

Não ajudou. Ela ainda olhava para ele como se ele tivesse chutado um cachorrinho.

'Você está louco?' Ramy perguntou.

- Não importava - insistiu Robin. 'Griffin nunca está lá, ele mesmo me disse - e aposto que eles nem o pegaram, ele é incrivelmente paranóico; Aposto que ele já está fora do país.

Ramy balançou a cabeça surpreso. 'Mas você ainda os traiu.'

Isto era profundamente injusto, pensou Robin. Ele os salvou – ele fez a única coisa que pôde pensar para minimizar o dano – o que foi mais do que Hermes já havia feito por ele.

Por que ele estava agora sob cerco? 'Eu só estava tentando salvar você. .'

Ramy não se comoveu. — Você estava se salvando.

— Olha — Robin retrucou. 'Eu não tenho família. Tenho um contrato, um tutor e uma casa em Cantão cheia de parentes mortos que, pelo que sei, ainda podem estar apodrecendo em suas camas. É para isso que estou navegando para casa. Você tem Calcutá.

Sem Babel, não tenho nada.'

Ramy cruzou os braços e contraiu a mandíbula.

Victoire lançou a Robin um olhar de simpatia, mas não disse nada em sua defesa.

- Não sou um traidor - implorou Robin. 'Estou apenas tentando sobreviver.'

'Sobreviver não é tão difícil, Birdie.' Os olhos de Ramy estavam muito duros. — Mas você precisa manter um pouco de dignidade enquanto faz isso.

O resto da viagem foi decididamente miserável. Ramy, ao que parecia, havia dito tudo o que queria. Ele e Robin passaram todas as horas que passaram na cabine compartilhada em um silêncio desesperadamente desconfortável. A hora das refeições não era muito melhor.

Victoire foi educada, mas distante; havia pouco que ela pudesse dizer na presença de Letty e, de outra forma, ela não fez muito esforço para procurar Robin. E Letty ainda estava zangada com todos eles, o que tornava a conversa fiada quase impossível.

As coisas teriam sido melhores se eles tivessem tido outra alma como companhia, mas eles eram os únicos passageiros de um navio mercante onde os marinheiros pareciam interessados em qualquer coisa, menos em fazer amizade com estudiosos de Oxford. a quem consideravam um fardo indesejado e inoportuno. Robin passava a maior parte dos dias sozinho no convés ou sozinho em sua cabine. Em quaisquer outras circunstâncias, a viagem teria sido uma oportunidade fascinante para examinar a linguística única dos ambientes náuticos, que combinava o multilinguismo necessário trazido pelas tripulações e destinos estrangeiros com o vocabulário altamente técnico das embarcações marítimas. O

que foi um dia de banian? O que foi marmoreio? A âncora estava presa ao fim melhor ou ao fim amargo? Normalmente ele teria prazer em descobrir. Mas ele estava ocupado, de mau humor, ainda perplexo e ressentido com a forma como havia perdido seus amigos no processo de tentar salvá-los.

Letty, coitada, era a mais confusa de todas. O resto deles pelo menos entendeu a causa das hostilidades. Letty não tinha ideia do que estava acontecendo. Ela era a única inocente ali, apanhada injustamente no fogo cruzado. Tudo o que ela

sabia era que as coisas estavam erradas e azedas, e ela estava enlouquecendo tentando descobrir qual era o motivo. Outra pessoa pode ter ficado retraída e taciturna, ressentida por ter sido excluída pelos amigos mais próximos. Mas Letty estava teimosa como sempre, determinada a resolver problemas através da força bruta. Quando nenhum deles lhe dava uma resposta concreta à pergunta 'O

que aconteceu?' ela decidiu tentar conquistá-los um por um, para descobrir seus segredos através de uma gentileza excessivamente solícita.

Mas isso teve o efeito oposto ao pretendido. Ramy começou a sair do quarto toda vez que ela entrava. Victoire, que como colega de quarto de Letty não conseguia escapar dela, começou a aparecer no café da manhã parecendo abatida e exasperada. Quando Letty lhe pediu o sal, Victoire a atacou com tanta violência para pegá-lo que Letty cambaleou para trás, ferida.

Destemida, ela começou a abordar assuntos surpreendentemente pessoais sempre que estava sozinha com um deles, como um dentista cutucando os dentes para ver onde doía mais, para encontrar o que precisava ser consertado.

“Não deve ser fácil”, disse ela a Robin um dia. 'Tu e ele.'

Robin, que a princípio pensou que estava falando de Ramy, enrijeceu. — Eu não. . o que você quer dizer?

“É tão óbvio”, disse ela. — Quero dizer, você se parece muito com ele. Todos podem ver, não é como se alguém suspeitasse do contrário.

Ela se referia ao professor Lovell, percebeu Robin. Não Ramy. Ele ficou tão aliviado que se viu envolvido na conversa. “É um arranjo estranho”, ele admitiu. — Só que me acostumei tanto com isso que parei de me perguntar por que não seria de outra forma.

'Por que ele não reconhece você publicamente?' ela perguntou. 'É por causa da família dele, você acha? A esposa?'

“Talvez”, disse ele. 'Mas eu realmente não estou incomodado. Eu não saberia o que fazer se ele se declarasse meu pai, para ser sincero. Não tenho certeza se quero ser um Lovell.

— Mas isso não mata você?

'Por que isso aconteceria?'

— Bem, meu pai... — ela começou, depois parou e tossiu afetadamente. 'Quero dizer.

Todos vocês sabem. Meu pai não fala comigo, não me olhou nos olhos e não falou comigo depois de Lincoln, e. . . . Eu só queria dizer que sei um pouco como é. Isso é tudo.'

— Sinto muito, Letty. Ele deu um tapinha na mão dela e imediatamente se sentiu culpado por fazer isso; parecia tão falso.

Mas ela aceitou o gesto pelo valor nominal. Ela também devia estar faminta por contato familiar, por alguma indicação de que seus amigos ainda gostavam dela. 'E eu só queria dizer que estou aqui para ajudá-lo.' Ela pegou a mão dele. 'Espero que isso não seja muito atrevido, mas é que percebi que ele não está tratando você da mesma forma, não do jeito que costumava fazer. Ele não olhará nos seus olhos e não falará diretamente com você. E

não sei o que aconteceu, mas não está certo e é muito injusto o que ele fez com você. E

quero que você saiba que se quiser conversar, Birdie, estou aqui.

Ela nunca o chamou de Birdie. *Essa é a palavra de Ramy* , Robin quase pronunciou, antes de perceber que seria a pior coisa a dizer. Ele tentou se lembrar de ser gentil. Afinal, ela estava apenas tentando sua versão de conforto. Letty era teimosa e autoritária, mas ela se importava.

'Obrigado.' Ele apertou os dedos dela, esperando que, se não entrasse em mais detalhes, isso pudesse forçar o fim da conversa. 'Obrigado.'

Pelo menos havia trabalho para distrair. A prática de Babel de enviar coortes inteiras, todas especializadas em línguas diferentes, nas mesmas viagens de graduação era uma prova do alcance e da ligação das companhias comerciais britânicas. O comércio colonial tinha as suas garras em dezenas de países em todo o mundo, e os seus trabalhadores, consumidores e produtores falavam muitas línguas. Durante a viagem, Ramy era frequentemente solicitado a traduzir para os lascares de língua urdu e bengali; não importava que seu bengali fosse agora, na melhor das hipóteses, rudimentar. Letty e Victoire foram colocadas

para trabalhar na revisão de manifestos de transporte para a sua próxima viagem até às Maurícias e na tradução de correspondências roubadas de missionários franceses e de empresas comerciais francesas para fora da China – as Guerras Napoleónicas tinham terminado, mas a competição pelo império não.

Todas as tardes, o professor Lovell dava aulas de mandarim a Ramy, Letty e Victoire, das duas às cinco. Ninguém esperava que eles fossem fluentes quando atracassem em Cantão, mas o objetivo era forçá-los a fornecer vocabulário suficiente para que entendessem saudações, instruções e substantivos comuns básicos. Havia também, argumentou o Professor Lovell, um grande benefício pedagógico em aprender uma língua totalmente nova num período de tempo muito curto; forçou a mente a se expandir e a construir conexões rápidas, para contrastar estruturas linguísticas desconhecidas com o que já se conhecia.

'Chinês é horrível', Victoire reclamou com Robin uma noite depois da aula. 'Não há conjugações, nem tempos, nem declinações - como você sabe o significado de uma frase? E

não me fale sobre tons. Eu simplesmente não consigo ouvi-los. Talvez eu simplesmente não seja muito musical, mas realmente não consigo perceber a diferença. Estou começando a achar que são uma farsa.

— Não importa — Robin assegurou-lhe. Ele estava principalmente feliz por ela estar falando com ele. Depois de três semanas, Ramy finalmente se dignou a trocar cortesias básicas, mas Victoire – embora ainda o mantivesse à distância – o perdoou o suficiente para falar com ele como se fosse um amigo. — De qualquer forma, eles não falam mandarim em Cantão. Você precisaria do cantonês para realmente se locomover.

— E Lovell não fala isso?

— Não — disse Robin. 'Não, é por isso que ele precisa de mim.'

À noite, o professor Lovell preparava-os para o propósito da sua missão em Cantão. Eles iriam ajudar a negociar em nome de várias empresas comerciais privadas, principalmente Jardine, Matheson & Company. Isto seria mais difícil do que parecia, pois as relações comerciais com a corte Qing tinham sido marcadas por mal-entendidos e suspeitas mútuas desde o final do século passado. Os chineses, cautelosos com as influências estrangeiras, preferiram manter os britânicos contidos com outros comerciantes estrangeiros em Cantão e

Macau. Mas os comerciantes britânicos queriam o comércio livre – portos abertos, acesso ao mercado além das ilhas e o levantamento das restrições a importações específicas, como o ópio.

As três tentativas anteriores dos britânicos para negociar direitos comerciais mais amplos terminaram num fracasso total. Em 1793, a embaixada de Macartney tornou-se uma piada global quando Lord George Macartney se recusou a prostrar-se perante o Imperador Qianlong e saiu sem nada. A embaixada de Amherst de 1816 seguiu o mesmo caminho quando Lord William Amherst também se recusou a prostrar-se diante do imperador Jiaqing e posteriormente foi recusada a admissão em Pequim. Houve também, claro, o desastroso caso Napier de 1834, que culminou numa troca inútil de tiros de canhão e na ignóbil morte de febre de Lord William Napier em Macau.

Esta seria a quarta delegação desse tipo. “Desta vez será diferente”, prometeu o professor Lovell, “porque finalmente convocaram tradutores de Babel para liderar as conversações. Chega de fiascos de falta de comunicação cultural.

— Eles não o consultaram antes? — Letty perguntou. 'Isso é incrível.'

“Você ficaria surpreso com a frequência com que os comerciantes pensam que não deveriam precisar da nossa ajuda”, disse o professor Lovell. 'Eles tendem a presumir que todos deveriam naturalmente aprender a falar e se comportar como os ingleses. Eles fizeram um bom trabalho ao provocar a animosidade local com essa atitude, se os jornais de Cantão não estiverem exagerando. Espere alguns nativos nada amigáveis.

Todos tinham uma boa ideia do tipo de tensão que veriam na China. Ultimamente, eles liam cada vez mais cobertura sobre Cantão nos jornais de Londres, que relatavam principalmente os tipos de ignomínias que os mercadores britânicos sofriam nas mãos dos brutais bárbaros locais. As forças chinesas, segundo o *The Times* , estavam a intimidar os comerciantes, tentando expulsá-los das suas casas e fábricas e publicando coisas insultuosas sobre eles na sua própria imprensa.

O Professor Lovell opinou veementemente que, embora os comerciantes pudessem ter sido mais delicados, essas tensões elevadas eram fundamentalmente culpa dos chineses.

“O problema é que os chineses se convenceram de que são a nação mais superior

do mundo", disse ele. «Eles insistem em usar a palavra *yi* para descrever os europeus nos seus memorandos oficiais, embora tenhamos pedido repetidamente que usassem algo mais respeitoso, já que *yi* é uma designação para bárbaros. E adotam esta atitude em todas as

negociações comerciais e jurídicas. Eles não reconhecem nenhuma lei, exceto a sua própria, e não consideram o comércio exterior como uma oportunidade, mas como uma incursão incômoda a ser enfrentada.

— Você seria a favor da violência, então? — Letty perguntou.

'Pode ser a melhor coisa para eles', disse o professor Lovell com veemência surpreendente. — Seria bom ensinar-lhes uma lição. A China é uma nação de povos semibárbaros nas garras de governantes manchus atrasados, e faria bem a eles se fossem abertos à força ao empreendimento comercial e ao progresso. Não, eu não me oporia a uma pequena mudança. Às vezes, uma criança chorando precisa ser espancada.

Aqui Ramy olhou de soslaio para Robin, que desviou o olhar. O que mais havia para dizer?

Finalmente seis semanas chegaram ao fim. O professor Lovell informou-lhes, certa noite, durante o jantar, que eles poderiam atracar em Cantão ao meio-dia do dia seguinte. Antes de desembarcar, Victoire e Letty foram solicitadas a amarrar o peito e cortar os cabelos, que haviam deixado crescer durante seus anos como veteranos, acima das orelhas.

"Os chineses são rigorosos quanto à proibição de mulheres estrangeiras em Cantão", explicou o professor Lovell. «Eles não gostam quando os comerciantes trazem as suas famílias; faz parecer que eles vieram para ficar.

"Certamente eles não impõem isso", protestou Letty. 'E as esposas? E as criadas?

«Os expatriados aqui contratam empregados locais e mantêm as suas esposas em Macau. Eles levam muito a sério a aplicação dessas leis. A última vez que um britânico tentou trazer a sua mulher para Cantão – William Baynes, creio que foi –, as autoridades locais ameaçaram enviar soldados para a retirar. * De qualquer forma, é para seu próprio benefício. Os chineses tratam muito mal as mulheres. Eles não têm noção de cavalheirismo.

Eles têm baixa estima pelas mulheres e, em alguns casos, nem mesmo permitem que elas saiam de casa. Você ficará melhor se eles pensarem que você é um homem jovem. Você aprenderá que a sociedade chinesa continua bastante atrasada e injusta.

– Eu me pergunto como será isso – disse Victoire secamente, aceitando o boné.

Na manhã seguinte, eles passaram a hora do nascer do sol acima do convés, circulando pela proa, ocasionalmente inclinando-se sobre a amurada, como se aqueles centímetros de diferença pudessem ajudá-los a identificar o que a ciência da navegação afirmava que eles estavam se aproximando rapidamente. As espessas névoas da madrugada acabavam de dar lugar ao céu azul quando o horizonte revelou uma fina faixa verde e cinza. Aos poucos esse detalhe foi adquirido, como um sonho se materializando; as cores borradas se tornaram um costa, tornou-se uma silhueta de edifícios atrás de uma massa de navios atracando no minúsculo ponto onde o Império Médio encontrava o mundo.

Pela primeira vez em uma década, Robin se viu contemplando as costas de sua terra natal.

'O que você está pensando?' Ramy perguntou baixinho.

Esta foi a primeira vez que eles falaram diretamente um com o outro em semanas. Não foi uma trégua – Ramy ainda se recusava a olhá-lo nos olhos. Mas foi uma abertura, um reconhecimento relutante de que, apesar de tudo, Ramy ainda se importava, e por isso Robin estava grato.

“Estou pensando no caracter chinês para o amanhecer”, disse ele com sinceridade. Ele não podia permitir-se pensar na magnitude maior de tudo isso. Seus pensamentos ameaçavam espiralar para lugares que ele temia não poder controlar, a menos que os reduzisse à familiar distração da linguagem. ' *Dàn* . Se parece com isso.' Ele desenhou o personagem no ar:. 'No topo está o radical para o sol – *rì* .' Ele desenhou . 'E abaixo disso, uma linha. E estou pensando em como é lindo porque é muito simples. É o uso mais direto da pictografia, veja. Porque o amanhecer é apenas o sol nascendo no horizonte.

Capítulo Dezessete

Quae caret ora cruore nostro?

Que costa não conhece o nosso sangue?

HORACE , *Odes* _

Um ano atrás, depois de ouvir Colin e os irmãos Sharp discutindo o assunto em voz alta na sala comunal, Robin foi sozinha a Londres durante um fim de semana para ver o célebre Afong Moy. Anunciada como a 'Senhora Chinesa', Afong Moy foi trazida para fora da China por dois comerciantes americanos que inicialmente esperavam usar uma senhora oriental para exibir produtos adquiridos no exterior, mas que rapidamente perceberam que poderiam ganhar uma fortuna exibindo-a pessoa na costa leste. Esta foi sua primeira viagem à Inglaterra.

Robin leu em algum lugar que ela também era de Cantão. Ele não tinha certeza do que esperava além de um vislumbre, talvez um momento de conexão com alguém que compartilhasse sua terra natal. Seu ingresso lhe dava acesso a um berrante salão anunciado como “Salão Chinês”, decorado com cerâmicas dispostas aleatoriamente, imitações de má qualidade de pinturas chinesas e uma quantidade sufocante de damascos dourados e vermelhos iluminados por lanternas de papel baratas. A própria senhora chinesa estava sentada numa cadeira na frente da sala. Ela usava uma camisa de seda azul abotoada e seus pés, visivelmente amarrados em linho, estavam apoiados em uma pequena almofada à sua frente. Ela parecia muito pequena. O panfleto que ele recebeu na bilheteria afirmava que ela estava na casa dos vinte anos, mas ela poderia facilmente ter apenas doze anos.

A sala estava barulhenta e lotada com uma audiência composta principalmente por homens. Eles se calaram quando, lentamente, ela se abaixou para desamarrar os pés.

A história de seus pés também foi explicada no panfleto. Como muitas jovens chinesas, os pés de Afong Moy foram quebrados e amarrados quando ela era jovem para restringir seu crescimento e deixá-los curvados em um arco não natural que lhe dava um andar vacilante e instável. Enquanto ela atravessava o palco, os homens ao redor de Robin avançaram, tentando ver mais de perto. Mas Robin não conseguia compreender o apelo. A visão de seus pés não parecia nem erótica nem fascinante, mas sim uma grande invasão de intimidade. Parado ali,

observando-a, ele se sentiu tão envergonhado como se ela tivesse acabado de baixar as calças diante dele.

Afong May voltou para sua cadeira. Seus olhos se fixaram subitamente nos de Robin; ela parecia ter examinado a sala e encontrado afinidade em seu rosto. Com as bochechas coradas, ele desviou os olhos. Quando ela começou a cantar – uma melodia alegre e assustadora que ele não reconheceu e não conseguia entender – ele abriu caminho no meio da multidão e saiu da sala.

Além de Griffin, ele não tinha visto nenhum chinês desde então.

Enquanto navegavam para o interior, ele percebeu que Letty ficava olhando para o rosto dele e depois para o rosto dos estivadores, como se os comparasse. Talvez ela estivesse tentando determinar com precisão até que ponto ele parecia chinês, ou para ver se ele estava passando por alguma grande catarse emocional. Mas nada se mexeu em seu peito. Parado no convés, a poucos minutos de pisar em sua terra natal, depois de uma vida inteira longe, tudo o que Robin sentia era vazio.

Eles ancoraram e desembarcaram em Whampoa, onde embarcaram em barcos menores para continuar subindo a orla ribeirinha de Cantão. Aqui, a cidade tornou-se uma onda de barulho, de estrondos e zumbidos contínuos de gongos, fogos de artifício e barqueiros gritando movendo suas embarcações para cima e para baixo no rio. Foi insuportavelmente alto. Robin não se lembrava de tanto barulho na infância; ou Cantão estava muito mais ocupado ou seus ouvidos não estavam acostumados com os sons.

Eles desembarcaram em Jackass Point, onde foram recebidos pelo Sr. Baylis, seu contato com Jardine, Matheson & Co. O Sr. Baylis era um homem baixo e bem vestido, com olhos escuros e inteligentes, que falava com uma animação surpreendente. “Você não poderia ter chegado em melhor hora”, disse ele, apertando a mão do professor Lovell, depois a de Robin e depois a de Ramy. As garotas que ele ignorou. “É um desastre aqui – os chineses estão cada vez mais ousados. Eles desmantelaram os círculos de distribuição –

bombardearam um dos caranguejos velozes no porto outro dia, graças a Deus não havia ninguém a bordo – e as medidas repressivas tornarão o comércio impossível se isso continuar.

'E os barcos de contrabando europeus?' perguntou o professor Lovell enquanto

caminhavam.

'Isso foi uma solução alternativa, mas apenas por um tempo. Então o vice-rei começou a enviar seu pessoal de porta em porta em buscas domiciliares. A cidade inteira está aterrorizada. Você assustará um homem apenas mencionando o nome da droga. É tudo culpa daquele novo Comissário Imperial que o Imperador enviou. Lin Zexu. Você o conhecerá em breve; é com ele que teremos que lidar. O Sr. Baylis falava tão rapidamente enquanto caminhavam que Robin ficou surpreso por nunca ficar sem fôlego. «Então ele chega e exige a entrega imediata de todo o ópio trazido para a China. Isso foi em março passado. É claro que dissemos não, então ele suspendeu o comércio e nos disse que não deveríamos sair das Fábricas até que estivéssemos prontos para cumprir as regras. Você pode imaginar? Ele nos colocou sob cerco.

"Um cerco?" O professor Lovell repetiu, parecendo levemente preocupado.

— Ah, bem, realmente não foi tão ruim. O pessoal chinês regressou a casa, o que foi uma provação – tive de lavar a minha própria roupa, o que foi um desastre – mas, fora isso, mantivemos o ânimo elevado. Na verdade, os únicos danos foram a superalimentação e a falta de exercício. O Sr. Baylis deu uma risada curta e desagradável. “Felizmente isso acabou e agora podemos passear lá fora como quisermos, sem causar nenhum dano. Mas deve haver penalidades, Richard. Eles precisam aprender que não podem escapar impunes. Ah. .

aqui estamos, senhoras e senhores, aqui é a sua casa longe de casa.

Passando pelos subúrbios do sudoeste, depararam-se com uma fileira de treze edifícios enfileirados, todos de design visivelmente ocidental, repletos de varandas recuadas,

ornamentos neoclássicos e bandeiras europeias. Estas pareciam tão contrastantes com o resto de Cantão que parecia que algum gigante havia desenterrado uma faixa bem cuidada da França ou da Inglaterra e a jogado por atacado nos limites da cidade. Estas eram as Fábricas, explicou o Sr. Baylis, nomeadas não porque fossem centros de produção, mas porque eram as residências dos factores – os agentes do comércio. Comerciantes, missionários, funcionários do governo e soldados viviam aqui durante a temporada comercial.

— Adoráveis, não são? disse o Sr. Baylis. 'É como um punhado de diamantes em cima de um monte de lixo velho.'

Eles deveriam ficar na Nova Fábrica Inglesa. O Sr. Baylis conduziu-os rapidamente através do armazém no térreo, passando pela sala de convívio e pela sala de jantar até os aposentos de visitas nos andares superiores. Havia também, destacou, uma biblioteca bem abastecida, vários terraços na cobertura e até um jardim voltado para o rio.

“Agora, eles são muito rigorosos em manter os estrangeiros dentro do enclave estrangeiro, por isso não explorem sozinhos”, alertou Baylis. 'Fique dentro das fábricas. Há um canto na Fábrica Imperial – o número três – onde a Markwick & Lane vende todos os tipos de produtos europeus que você possa precisar, embora eles não tenham muitos livros além de cartas náuticas. Esses barcos de flores estão estritamente proibidos, está me ouvindo? Nossos amigos comerciantes podem providenciar a visita de algumas mulheres de temperamento mais discreto à noite, se você precisar de companhia, não?

As orelhas de Ramy ficaram vermelhas. — Ficaremos bem, senhor.

O Sr. Baylis riu. 'Como quiser. Você ficará neste corredor.

O quarto de Robin e Ramy estava bastante sombrio. As paredes, que originalmente deveriam ter sido pintadas de verde escuro, estavam agora quase pretas. O banheiro das meninas era igualmente escuro e consideravelmente menor; mal havia espaço para caminhar entre a cama de solteiro e a parede. Também não tinha janelas. Robin não conseguia imaginar como era possível que eles morassem ali por duas semanas.

— Tecnicamente, isto é um depósito, mas não poderíamos tê-los muito perto dos cavalheiros. O Sr. Baylis pelo menos fez um esforço para parecer arrependido. 'Você entende.'

— Claro — disse Letty, empurrando o malão para dentro do quarto. 'Obrigado por suas acomodações.'

Depois de guardarem suas coisas, eles se reuniram na sala de jantar, que era mobiliada com uma mesa muito grande, com capacidade para pelo menos vinte e cinco pessoas. No meio da mesa estava suspenso um imenso leque feito de uma vela de pano esticada sobre uma moldura de madeira, que era mantido em constante movimento por um criado cule que o puxava e afrouxava sem parar durante todo o serviço de jantar. Robin achou isso bastante perturbador – ele sentia uma estranha pontada de culpa cada vez que olhava nos olhos do criado –

mas os outros residentes da fábrica pareciam achar o cule invisível.

O jantar daquela noite foi um dos assuntos mais horríveis e desconfortáveis que Robin já havia enfrentado. Os homens à mesa incluíam funcionários da Jardine & Matheson e vários representantes de outras companhias marítimas – Magniac & Co., J. Scott & Co. e outras cujos nomes Robin prontamente esqueceu. Eram todos homens brancos que

pareciam feitos exatamente do mesmo tecido que o Sr. Baylis – homens superficialmente encantadores e falantes que, apesar do seu traje limpo, pareciam para exalar um ar de sujeira intangível. Além dos empresários, havia o reverendo Karl Gützlaff, um missionário nascido na Alemanha que aparentemente fazia mais intérpretes para as companhias marítimas do que conversão de almas chinesas. O reverendo Gützlaff informou-lhes com orgulho que também era membro da Sociedade para a Difusão de Conhecimento Útil na China, * e estava atualmente escrevendo uma série de artigos para uma revista de língua chinesa para ensinar aos chineses o difícil conceito ocidental de livre comércio. .

“Estamos muito satisfeitos por tê-lo trabalhando conosco”, disse o Sr. Baylis a Robin quando o primeiro prato – uma sopa suave de gengibre – foi servido. 'É tão difícil encontrar bons tradutores chineses que consigam juntar uma frase completa em inglês. Os treinados no Ocidente são muito melhores. Você será meu intérprete durante minha audiência com o comissário na quinta-feira.

'Eu sou?' Robin ficou surpreso. 'Por que eu?' Esta era uma pergunta justa, pensou ele; ele nunca havia interpretado profissionalmente antes e parecia estranho escolhê-lo para um público com a maior autoridade em Cantão. 'Por que não o reverendo Gützlaff? Ou o professor Lovell?

“Porque somos homens caucasianos”, disse o professor Lovell ironicamente. 'E, portanto, bárbaros.'

“E eles não falam com os bárbaros, é claro”, disse o Sr. Baylis.

“Mas Karl parece bastante chinês”, disse o professor Lovell. — Eles ainda não estão convencidos de que você é pelo menos parcialmente oriental?

“Só quando me apresento como Ai Han Zhe”, * disse o Reverendo Gützlaff. ‘Embora eu ache que o Comissário Lin não ficará muito encantado com o título.’

Todos os homens da companhia riram, embora Robin não conseguisse ver o que estava acontecendo. tão engraçado. Uma certa presunção subscrevia toda esta troca, um ar de fraternidade fraterna, de acesso partilhado a alguma piada antiga que os restantes não entendiam. Isso lembrou Robin das reuniões do professor Lovell em Hampstead, já que ele também nunca fora capaz de dizer qual era a piada naquela época, ou por que os homens estavam tão satisfeitos.

Ninguém estava bebendo muita sopa. Os criados retiraram as tigelas e as substituíram pelo prato principal e pela sobremesa de uma só vez. O prato principal eram batatas com uma espécie de caroço cinza coberto de molho – de boi ou de porco, Robin não sabia dizer.

A sobremesa era ainda mais misteriosa, uma coisa violentamente laranja que parecia um pouco com uma esponja.

'O que é isso?' Ramy perguntou, cutucando sua sobremesa.

Victoire cortou um pedaço com o garfo e examinou-o. 'É pudim de caramelo, eu acho.'

“É laranja”, disse Robin.

'Está queimado.' Letty lambeu o polegar. 'E é feito com cenoura, eu acho?'

Os outros convidados estavam rindo novamente.

“Os funcionários da cozinha são todos Chinks”, explicou o Sr. Baylis. “Eles nunca estiveram na Inglaterra. Continuamos descrevendo os alimentos que gostaríamos e, claro, eles não têm ideia de qual é o sabor ou de como prepará-los, mas ainda assim é engraçado vê-los experimentar. O chá da tarde é melhor. Eles entendem o sentido dos doces, e temos aqui nossas próprias vacas inglesas para fornecer o leite.

“Não entendo”, disse Robin. 'Por que você simplesmente não pede para eles cozinharem pratos cantoneses?'

“Porque a culinária inglesa lembra a de casa”, disse o reverendo Gützlaff. 'Apreciamos esse conforto em viagens distantes.'

“Mas tem gosto de lixo”, disse Ramy.

“E nada poderia ser mais inglês”, disse o reverendo Gützlaff, cortando vigorosamente sua carne cinzenta.

«De qualquer forma», disse o Sr. Baylis, «será extremamente difícil trabalhar com o Comissário. Os rumores dizem que ele é muito rígido e extremamente tenso. Ele acha que Cantão é uma fossa de corrupção e que todos os comerciantes ocidentais são vilões nefastos com a intenção de enganar o seu governo.

“Astuto, esse”, disse o reverendo Gützlaff, provocando risadas mais auto-satisfeitas.

“Prefiro quando nos subestimam”, concordou Baylis. 'Agora, Robin Swift, a questão em questão é o título do ópio, que faria com que todos os navios estrangeiros assumissem a responsabilidade perante a lei chinesa por qualquer ópio eles podem entrar clandestinamente. Antigamente essa proibição existia apenas no papel. Atracaríamos nossos navios em. . como devemos chamá-los? – *ancoradouros externos* , como Lintin e Camsingmoon e outros, onde distribuíamos cargas para revenda com parceiros locais. Mas tudo mudou com o Comissário Lin. Sua chegada, como já lhe contei, foi um grande abalo. O

capitão Elliot, um bom homem, mas é um covarde onde é importante, acalmou a situação deixando que confiscassem todo o ópio que tínhamos em nosso poder. Aqui o Sr. Baylis apertou o peito como se estivesse fisicamente dolorido. ‘Mais de vinte mil baús. Você sabe quanto isso vale? Quase dois milhões e meio de libras. Isso é uma apreensão injusta de propriedade britânica, eu lhe garanto. Certamente isso é motivo para guerra. O capitão Elliot acha que nos salvou da fome e da violência, mas apenas mostrou aos chineses que eles podem pisar em nós. O senhor Baylis apontou o garfo para Robin. — Então é para isso que precisaremos de você. Richard já lhe informou o que queremos nesta rodada de negociações, certo?

“Eu li os rascunhos da proposta”, disse Robin. ‘Mas estou um pouco confuso sobre as prioridades. . .'

'Sim?'

“Bem, parece que o ultimato sobre o ópio é um pouco extremo”, disse Robin. — Não vejo por que você não poderia dividir isso em mais alguns acordos fragmentados. Quero dizer, certamente você ainda poderia negociar todas as

outras exportações. .

“Não há outras exportações”, disse Baylis. "Nada que importe."

“Parece que os chineses têm razão”, disse Robin, impotente. 'Dado que é uma droga tão prejudicial.'

'Não seja ridículo.' O Sr. Baylis deu um sorriso largo e experiente. 'Fumar ópio é a especulação mais segura e cavalheiresca que conheço.'

Era uma mentira tão óbvia que Robin piscou para ele, espantada. 'Os memorandos chineses consideram-no um dos maiores vícios que alguma vez assolou o seu país.'

“Oh, o ópio não é tão prejudicial assim”, disse o reverendo Gützlaff. — Na verdade, é sempre prescrito como láudano na Grã-Bretanha. Velhinhas usam-no regularmente para dormir. Não é mais um vício do que o tabaco ou o conhaque. Muitas vezes recomendo-o aos membros da minha congregação.'

— Mas o ópio para cachimbo não é muito mais forte? Ramy interrompeu. — Realmente não parece que os soníferos sejam o problema aqui.

— Isso não é o principal — disse o Sr. Baylis com um toque de impaciência. “A questão é o livre comércio entre as nações. Somos todos liberais, não somos? Não deve haver restrições entre quem possui bens e quem deseja adquiri-los. Isso é justiça.

— Uma defesa curiosa — disse Ramy —, para justificar um vício com virtude.

O Sr. Baylis zombou. ‘Oh, o Imperador Qing não se importa com *vícios* . Ele é mesquinho com a prata, só isso. Mas o comércio só funciona quando há trocas, e actualmente estamos num défice. Aparentemente, não temos nada que esses chineses queiram, exceto ópio. Eles não se cansam dessas coisas. Eles pagarão qualquer coisa por isso. E se eu pudesse, todos os homens, mulheres e crianças deste país estariam fumando fumaça de ópio até não conseguirem pensar direito.

Ele concluiu batendo a mão na mesa. O barulho talvez tenha sido mais alto do que ele pretendia; estalou como um tiro. Victoire e Letty recuaram. Ramy parecia surpreso demais para responder.

“Mas isso é cruel”, disse Robin. — Isso é. . isso é terrivelmente cruel.

'É a livre escolha deles, não é?' disse Baylis. 'Você não pode culpar os negócios. Os chineses são simplesmente imundos, preguiçosos e facilmente viciados. E certamente não se pode culpar a Inglaterra pelas fraquezas de uma raça inferior. Não onde há dinheiro para ganhar.

"Sr. Baylis." Os dedos de Robin formigavam com uma energia estranha e urgente; ele não sabia se queria fugir ou bater no homem. 'Sr. Baylis, *sou* chinês.'

O Sr. Baylis, pela primeira vez, ficou em silêncio. Seus olhos percorreram o rosto de Robin, como se tentasse detectar a verdade dessa afirmação em suas feições. Então, para grande surpresa de Robin, ele caiu na gargalhada.

'Não, você não é.' Ele se recostou e cruzou as mãos sobre o peito, ainda gargalhando.

'Bom Deus. Isso é hilário. Não, você não é.'

O professor Lovell não disse nada.

O trabalho de tradução começou prontamente no dia seguinte. Bons linguistas sempre foram muito procurados em Cantão e eram levados em uma dúzia de direções diferentes sempre que apareciam. Os comerciantes ocidentais não gostavam de usar os linguistas chineses nativos licenciados pelo governo porque as suas competências linguísticas eram muitas vezes inferiores.

“Esqueça o inglês”, queixou-se o Sr. Baylis ao professor Lovell, “metade deles nem sequer é fluente em mandarim. E você não pode confiar neles para representar seus interesses. Você sempre sabe quando eles não estão lhe contando a verdade. Certa vez, um homem mentiu na minha cara sobre as taxas alfandegárias quando os algarismos arábicos estavam ali.

As empresas comerciais ocasionalmente empregavam ocidentais fluentes em chinês, mas eram difíceis de encontrar. Oficialmente, ensinar chinês a um estrangeiro era crime punível com a morte. Agora, como as fronteiras da China eram ligeiramente mais porosas, esta lei era impossível de aplicar, mas significava que os tradutores qualificados eram muitas vezes missionários como o reverendo Gützlaff, com pouco tempo livre. O resultado

foi que pessoas como Robin e o professor Lovell valiam o seu peso em ouro. Ramy, Letty e Victoire, coitados, eram transportados de fábrica em fábrica o dia todo fazendo manutenção em ourivesaria, mas os itinerários de Robin e do professor Lovell estavam abarrotados de reuniões a partir das oito da manhã.

Logo após o café da manhã, Robin acompanhou Baylis ao porto para revisar os manifestos de embarque com as autoridades alfandegárias chinesas. A alfândega havia fornecido seu próprio tradutor, um homem magro e de óculos chamado Meng, que pronunciava cada palavra em inglês com uma deliberação lenta e tímida, como se estivesse com medo de pronunciar mal alguma coisa.

“Agora examinaremos o inventário”, disse ele a Robin. Seu tom respeitoso e ascendente fazia parecer que ele estava fazendo uma pergunta; Robin não sabia se ele estava pedindo permissão ou não.

'Er. . sim.' Ele pigarreou e pronunciou em seu melhor mandarim: “Prossiga”.

Meng começou a ler a lista de inventário, olhando cada item para que o Sr. Baylis pudesse confirmar em quais caixas esses produtos estavam armazenados. 'Cento e vinte e cinco libras de cobre. Setenta e oito libras de ginseng bruto. Vinte e quatro caixas são. . .

besouro-'

“Nozes de betel”, corrigiu o Sr. Baylis.

'Betel?'

“Você sabe, betel”, disse o Sr. Baylis. — Ou nozes de areca, se preferir. Para mastigar. Ele apontou para o queixo e imitou o ato. 'Não?'

Meng, ainda perplexo, olhou para Robin em busca de ajuda. Robin traduziu rapidamente para o chinês e Meng assentiu. 'Besouro nozes.'

“Ah, chega disso”, retrucou o Sr. Baylis. — Deixe Robin fazer isso. Você pode traduzir a lista inteira, não é, Robin? Isso nos pouparia muito tempo. Eles são um caso perdido, eu lhe disse, todos eles. . um país inteiro, e não há um único falante competente de inglês entre eles.

Meng parecia entender isso perfeitamente. Ele lançou a Robin um olhar mordaz,

e Robin inclinou a cabeça sobre o manifesto para evitar seu olhar.

Foi assim durante toda a manhã: Baylis encontrou-se com uma procissão de agentes chineses, a quem tratou com uma grosseria incrível, e depois olhou para Robin como se esperasse que ele traduzisse não só as suas palavras, mas também o seu total desprezo pelos seus interlocutores.

Quando terminaram para o almoço, Robin estava com uma dor de cabeça dolorosa e latejante. Ele não aguentava nem mais um momento da companhia do Sr. Baylis. Até o jantar, servido na Fábrica Inglesa, não foi um descanso; O Sr. Baylis passou o tempo todo contando afirmações tolas feitas pelos funcionários da alfândega e continuou apresentando suas histórias de uma forma que fazia Robin parecer como se tivesse esbofeteado verbalmente os chineses a cada passo. Ramy, Victoire e Letty pareciam muito confusos.

Robin mal falou. Ele engoliu a comida – desta vez um prato mais tolerável, embora sem sabor, de carne com arroz – e então anunciou que estava voltando.

'Onde você está indo?' perguntou o Sr. Baylis.

'Quero ir conhecer a cidade.' A irritação de Robin o tornou ousado. — Terminamos por hoje, não é?

“Estrangeiros não são permitidos na cidade”, disse Baylis.

'Eu não sou estrangeiro. Eu nasci aqui.'

O senhor deputado Baylis não teve réplica. Robin interpretou seu silêncio como consentimento. Ele pegou o casaco e caminhou em direção à porta.

Ramy correu atrás dele. — E se eu for com você?

Por favor , Robin quase disse, mas hesitou. — Não tenho certeza se você consegue.

Robin viu Victoire e Letty olhando em sua direção. Letty fez menção de se levantar, mas Victoire colocou um braço em seu ombro.

— Vou ficar bem — disse Ramy, vestindo o casaco. 'Eu estarei contigo.'

Eles saíram pela porta da frente e percorreram as Treze Fábricas. Quando passaram do enclave estrangeiro para os subúrbios cantoneses, ninguém os deteve; ninguém os agarrou pelo braço e insistiu que voltassem para o lugar a que pertenciam. Até mesmo o rosto de Ramy não atraiu nenhum comentário peculiar; Os lascares indianos eram comuns em Cantão e atraíam menos atenção do que os estrangeiros brancos. Foi, estranhamente, uma inversão completa da situação deles na Inglaterra.

Robin os conduziu aleatoriamente pelas ruas do centro de Cantão. Ele não sabia o que estava procurando. Assombros da infância? Marcos familiares? Ele não tinha nenhum destino em mente; nenhum lugar que ele pensou que traria catarse. Tudo o que ele sentia era uma profunda urgência, uma necessidade de percorrer o máximo de território que pudesse antes do sol se pôr.

'Você se sente em casa?' Ramy perguntou – levemente, de forma neutra, como se estivesse pisando em ovos na ponta dos pés.

— Nem um pouco — disse Robin. Ele se sentiu profundamente confuso. 'Isto é. . não tenho certeza do que é.'

Canton era totalmente diferente de como ele a deixou. A construção nas docas, que vinha acontecendo desde que Robin se lembrava, explodiu em complexos inteiros de novos edifícios – armazéns, escritórios de empresas, pousadas, restaurantes e casas de chá. Mas o que mais ele esperava? Cantão sempre foi uma cidade dinâmica e mutável, absorvendo o que o mar proporcionava e digerindo tudo em seu hibridismo peculiar. Como ele poderia presumir que isso poderia permanecer enraizado no passado?

Ainda assim, esta transformação parecia uma traição. Parecia que a cidade havia fechado qualquer caminho possível para casa.

'Onde você morava?' Ramy perguntou, ainda naquele tom cuidadoso e gentil, como se Robin fosse uma cesta de emoções ameaçando transbordar.

'Uma das favelas.' Robin olhou em volta. — Não muito longe daqui, eu acho.

'Você quer ir?'

Robin pensou naquela casa seca e abafada; o fedor de diarréia e corpos em decomposição. Era o último lugar no mundo que ele queria visitar novamente.

Mas parecia ainda pior não dar uma olhada. — Não tenho certeza se posso encontrá-lo. Mas podemos tentar.'

Por fim, Robin encontrou o caminho de volta para sua antiga casa – não seguindo as ruas, que agora se tornaram totalmente desconhecidas, mas caminhando até que a distância entre as docas, o rio e o sol poente parecesse familiar. Sim, era aqui que deveria

ser a sua casa – ele se lembrou da curva da margem do rio, bem como do estacionamento de riquixás na margem oposta.

'É isso?' perguntou Ramy. 'São todas lojas.'

A rua não se parecia com nada do que ele lembrava. A casa de sua família havia desaparecido da face do planeta. Ele não conseguia nem dizer onde estavam seus alicerces

– poderiam estar embaixo da casa de chá em frente deles, ou do escritório da empresa à sua esquerda, ou da loja ricamente ornamentada perto do final da rua com uma placa que dizia, em tinta vermelha berrante: *huā yān guǎn* . Loja de flores. Um antro de ópio.

Robin caminhou em direção a ele.

'Onde você está indo?' Ramy correu atrás dele. 'O que é isso?'

“É para onde vai todo o ópio. Eles vêm aqui para fumar. Robin sentiu uma curiosidade repentina e insuportável. Seu olhar percorreu a vitrine, tentando memorizar cada detalhe dela – as grandes lanternas de papel, o exterior laqueado, as garotas com pinturas faciais e saias longas acenando na vitrine. Eles sorriram para ele, estendendo os braços como dançarinos enquanto ele se aproximava.

“Olá, senhor”, eles arrulham em cantonês. 'Você não quer entrar para se divertir?'

“Meu Deus”, disse Ramy. 'Venha embora daí.'

'Um momento.' Robin sentiu-se compelido por um desejo feroz e distorcido de saber, o mesmo impulso cruel que compelia alguém a cutucar uma ferida, só para ver o quanto poderia doer. — Só quero dar uma olhada.

Lá dentro, o cheiro o atingiu como uma parede. Era enjoativo, enjoativo e açucarado, ao mesmo tempo repulsivo e atraente.

'Bem vindo senhor.' Uma anfitriã se materializou no braço de Robin. Ela sorriu largamente ao observar sua expressão. 'Essa é a sua primeira vez?'

— Eu não. . De repente, as palavras falharam, Robin. Ele entendia cantonês, mas não falava.

'Você gostaria de tentar?' A anfitriã estendeu um cachimbo para ele. Já estava aceso; a panela brilhava com ópio queimando suavemente e um pequeno fio de fumaça saía da ponta. — É o primeiro da casa, senhor.

— O que ela está dizendo? Ramy perguntou. 'Passarinho, não toque nisso.'

'Olha como eles estão se divertindo.' A anfitriã gesticulou pela sala de estar. 'Você não quer provar?'

A sala estava cheia de homens. Robin não os notara antes, estava muito escuro, mas agora ele viu que havia pelo menos uma dúzia de fumantes de ópio esparramados em sofás baixos, em vários estados de nudez. Algumas garotas acariciadas empoleiravam-se em seus colos, algumas jogavam indiferentemente um jogo de azar e algumas jaziam sozinhas, em estado de estupor, com a boca entreaberta e os olhos semicerrados, olhando para o nada.

Seu tio não conseguia ficar longe daquelas tocas . A visão provocou palavras que ele não lembrava há uma década, palavras na voz de sua mãe, palavras que ela suspirou durante sua infância. *Costumávamos ser ricos, querido. Olhe para nós agora.*

Ele pensou em sua mãe relembrando amargamente os jardins que ela costumava cuidar e os vestidos que usava antes de seu tio desperdiçar a fortuna da família em um antro de ópio como aquele. Ele imaginou sua mãe, jovem e desesperada, ansiosa para fazer qualquer coisa pelo estrangeiro que lhe prometeu dinheiro, que a usou e abusou e a deixou com uma fortuna. Uma empregada inglesa e um conjunto desconcertante de instruções para criar o

filho, o filho dela, numa língua que ela mesma não conseguia falar. Robin nasceu de escolhas produzidas a partir da pobreza, pobreza produzida a partir disso.

— Uma bebida, senhor?

Antes que ele percebesse o que estava fazendo, o cachimbo estava em sua boca – ele respirava, a recepcionista sorria ainda mais, dizendo algo que ele não entendia, e tudo era doce, vertiginoso, adorável e horrível, tudo ao mesmo tempo. Ele tossiu e depois inspirou com força novamente; ele tinha que ver o quão viciante essa coisa era, se realmente poderia sacrificar todo o resto.

'Multar.' Ramy agarrou seu braço. 'Já chega, vamos embora.'

Eles caminharam rapidamente de volta pela cidade, desta vez com Ramy na liderança.

Robin não disse uma palavra. Ele não sabia dizer o quanto aqueles poucos goles de ópio o haviam afetado, se estava apenas imaginando seus sintomas. Certa vez, por curiosidade, ele folheou um exemplar de *Confessions of an English Opium-Eater , de De Quincey* , que descrevia o efeito do ópio como o de comunicar "serenidade e equilíbrio" a todas as faculdades, de "revigorar enormemente" o autodomínio de alguém. , e de dar 'uma expansão ao coração'. Mas ele não sentiu nenhuma dessas coisas. As únicas palavras que ele usaria para se descrever agora seriam "não muito certo"; ele sentiu uma vaga náusea, sua cabeça girava, seu coração batia rápido demais e seu corpo se movia devagar demais.

'Você está bem?' Ramy perguntou depois de um tempo.

— Estou me afogando — Robin murmurou.

— Não, você não está — disse Ramy. — Você está apenas histérico. Voltaremos para as fábricas e você beberá um belo copo de água. .

"Chama-se *yánghuò* ", disse Robin. — Foi assim que ela chamou o ópio. *Yáng* significa

"estrangeiro", *huò* significa "mercadorias". *Yánghuò* significa "mercadorias estrangeiras". É

assim que eles se referem a tudo aqui. Pessoas *Yáng* . Guildas *Yáng* . *Yánghuòre* – uma obsessão por produtos estrangeiros, pelo ópio. E essa sou eu. Isso vem de mim. Eu sou *jovem* .

Pararam sobre uma ponte, sob a qual pescadores e sampanas iam e voltavam. O

barulho, a cacofonia de uma língua da qual ele passou tanto tempo longe e agora tinha que se concentrar para decifrar, fez Robin querer pressionar as mãos contra os ouvidos, para bloquear uma paisagem sonora que deveria ter sido, mas não o fez. se sentir em casa.

“Me desculpe por não ter contado a você”, disse ele. 'Sobre Hermes.'

Ramy suspirou. 'Passarinho, agora não.'

— Eu deveria ter contado a você — insistiu Robin. 'Eu deveria ter feito isso, e não fiz isso, porque de alguma forma eu ainda tinha tudo dividido na minha cabeça e nunca juntei as duas peças porque simplesmente não vi. . . Eu só. . não sei como não vi.

Ramy observou-o em silêncio por um longo momento e depois se aproximou, ficando lado a lado, olhando para a água.

“Sabe”, ele disse calmamente, “Sir Horace Wilson, meu tutor, uma vez me levou a um dos campos de ópio onde ele havia investido. Em Bengala Ocidental. Acho que nunca te contei sobre isso. É onde a maior parte deste produto é cultivada – em Bengala, Bihar e Patna. Sir Horace possuía participação em uma das plantações. Ele estava tão orgulhoso; ele pensava que este era o futuro do comércio colonial. Ele me fez apertar a mão de seus pesquisadores de campo. Ele disse a eles que algum dia eu poderia ser seu supervisor. Essa coisa mudou tudo, disse ele. Isto corrigiu o défice comercial.

'Acho que nunca esquecerei o que vi.' Ele apoiou os cotovelos na ponte e suspirou.

'Fileiras e mais fileiras de flores. Um oceano inteiro deles. São tão escarlates que os campos parecem errados, como se a própria terra estivesse sangrando. Tudo é cultivado no campo.

Depois é embalado e transportado para Calcutá, onde é entregue a comerciantes particulares que o trazem direto para cá. As duas marcas de ópio mais populares aqui são chamadas Patna e Malwa. Ambas as regiões da Índia. Da minha casa direto para a sua, Birdie. Não é engraçado? Ramy olhou de soslaio para ele. “Os britânicos estão a transformar a minha terra natal num estado narco-militar para

injetar drogas na vossa. É assim que este império nos conecta.

Robin viu então uma grande teia de aranha em sua mente. Algodão da Índia para a Grã-Bretanha, ópio da Índia para a China, prata transformando-se em chá e porcelana na China, e tudo fluindo de volta para a Grã-Bretanha. Parecia tão abstrato – apenas categorias de uso, troca e valor – até que deixou de ser; até perceber a teia em que vivia e as explorações que o seu estilo de vida exigia, até ver pairar acima de todo o espectro do trabalho colonial e da dor colonial.

“É doentio”, ele sussurrou. 'Está doentio, está tão doentio. . .'

“Mas é apenas comércio”, disse Ramy. 'Todos se beneficiam; todos lucram, mesmo que seja apenas um país que lucre muito mais. Ganhos contínuos – essa é a lógica, não é? Então, por que tentaríamos escapar? A questão é, Birdie, acho que entendo por que você não viu.

Quase ninguém faz isso.

Comércio livre. Esta foi sempre a linha de argumentação britânica – comércio livre, concorrência livre, condições de concorrência iguais para todos. Só que nunca acabou assim, não é? O que “livre comércio” realmente significava era o domínio imperial britânico, pois o que havia de livre num comércio que dependia de um aumento maciço do poder naval para garantir o acesso marítimo? Quando meras empresas comerciais poderiam travar a guerra, cobrar impostos e administrar a justiça civil e criminal?

Griffin estava certo em estar zangado, pensou Robin, mas estava errado ao pensar que poderia fazer algo a respeito. Estas redes comerciais foram esculpidas em pedra. Nada estava desviando esse acordo do rumo; havia muitos interesses privados, muito dinheiro em jogo. Eles podiam ver para onde estava indo, mas as pessoas que tinham o poder de fazer qualquer coisa a respeito foram colocadas em posições onde lucrariam, e as pessoas que mais sofreram não tinham poder algum.

“Foi tão fácil esquecer”, disse ele. “Quero dizer, os cartões nos quais ele foi construído –

porque quando você está em Oxford, na torre, eles são apenas palavras, apenas ideias. Mas o mundo é muito maior do que eu pensava. .

“É tão grande quanto pensávamos”, disse Ramy. — É só que esquecemos que o resto importava. Ficamos muito bons em nos recusar a ver o que estava bem na nossa frente.

“Mas agora eu vi”, disse Robin, “ou pelo menos entendi um pouco melhor, e isso está me destruindo, Ramy, e nem entendo por quê. Não é como se. . como se. .

Como se o quê? Como se ele tivesse visto algo realmente horrível? Como se ele tivesse visto as plantações de escravos nas Índias Ocidentais no auge da sua crueldade, ou os corpos famintos na Índia, vítimas de fomes totalmente evitáveis, ou os nativos massacrados do Novo Mundo? Tudo o que ele viu foi um antro de ópio – mas isso foi o suficiente para funcionar como sinédoque para o terrível e inegável descanso.

Ele se inclinou para o lado da ponte, imaginando como seria se ele simplesmente caísse da borda.

'Você vai pular, Passarinho?' Ramy perguntou.

'Simplesmente não parece.' . .' Robin respirou fundo. 'Não parece que temos o direito de estar vivos.'

Ramy parecia muito calmo. 'Você quer dizer isso?'

'Não, eu não, eu só. . .' Robin fechou os olhos com força. Seus pensamentos estavam tão confusos; ele não tinha ideia de como transmitir o que queria dizer, e tudo o que conseguia captar eram lembranças, referências passageiras. 'Você já leu *o livro de Gulliver Viagens* ?

Eu lia isso o tempo todo, quando morava aqui – lia tantas vezes que quase o memorizei. E

há este capítulo onde Gulliver acaba em uma terra governada por cavalos, que se autodenominam Houyhnhnms, e onde os humanos são escravos selvagens e idiotas chamados Yahoos. Estão trocados. E Gulliver fica tão acostumado a viver com seu mestre Houyhnhnm, fica tão convencido da superioridade de Houyhnhnm, que quando chega em casa fica horrorizado com seus semelhantes. Ele acha que eles são imbecis. Ele não suporta ficar perto deles. E é assim que isso. . . isso é . . .' Robin balançou para frente e para trás na ponte. Ele sentia que não importava o quão forte respirasse, ele não conseguia ar suficiente.

'Você sabe o que eu quero dizer?'

— Sim — disse Ramy gentilmente. “Mas não faz bem a ninguém entrarmos em histrionismo sobre isso. Então desça, Birdie, e vamos tomar aquele copo d’água.

Na manhã seguinte, Robin acompanhou o Sr. Baylis ao escritório do governo no centro da cidade para uma audiência com o Alto Comissário Imperial Lin Zexu.

“Esse Lin é mais inteligente que os outros”, disse o Sr. Baylis enquanto caminhavam.

'Quase incorruptível. No sudeste, eles o chamam de Lin Qingtian * – claro como os céus, ele é tão imune a subornos.'

Robin não disse nada. Ele decidiu sofrer durante o resto das suas funções em Cantão, fazendo o mínimo que lhe era exigido, e isso não envolveu incitar as diatribes racistas do Sr. Baylis.

O Sr. Baylis não pareceu notar. 'Agora, fique alerta. Os chineses são um tipo diabolicamente astuto – dúbios por natureza e tudo mais. Sempre dizendo uma coisa quando querem dizer exatamente o oposto. Cuidado para não deixar que eles levem a melhor sobre você.

- Vou ficar atento - disse Robin secamente.

Pelo relato de Baylis, poderíamos imaginar que o comissário Lin tinha quase três metros de altura, olhos que podiam disparar fogo e chifres de trapaceiro. Pessoalmente, o Comissário era um homem de boas maneiras e traços gentis, de estatura e constituição medianas. Sua pessoa era totalmente indefinida, exceto pelos olhos, que pareciam extraordinariamente brilhantes e perspicazes. Tinha consigo seu próprio intérprete, um jovem chinês que se apresentou como William Botelho e que, para surpresa de Robin, havia estudado inglês nos Estados Unidos.

“Bem-vindo, Sr. Baylis”, disse o Comissário Lin enquanto William traduzia rapidamente para o inglês. — Disseram-me que você tem algumas idéias que gostaria de compartilhar comigo.

“A questão, como sabem, é o comércio de ópio”, disse Baylis. - Na opinião do Sr. Jardine e do Sr. Matheson, seria benéfico tanto para o seu como para o nosso

se os seus agentes pudessem vender legalmente ópio ao longo da costa de Cantão, sem interferência. Eles apreciariam um pedido oficial de desculpas pelo tratamento inóspito que seus agentes comerciais receberam no início deste ano. E parece justo que os vinte mil baús de ópio que foram apreendidos há alguns meses nos sejam devolvidos, ou pelo menos uma compensação monetária equivalente ao seu valor de mercado.'

Durante os primeiros momentos, o Comissário Lin apenas ouviu, piscando, enquanto Robin continuava a recitar a lista de exigências do Sr. Baylis. Robin tentou não transmitir o tom do Sr. Baylis, que era alto e paternalista, mas em vez disso transmiti-los da maneira mais monótona e sem emoção que conseguiu. Ainda assim, suas orelhas ficaram vermelhas de vergonha; isso não parecia um diálogo, mas um sermão, do tipo que alguém poderia dar a uma criança estúpida.

O senhor Baylis não pareceu perplexo com a falta de resposta do Comissário Lin; quando as suas palavras foram silenciadas, ele simplesmente continuou: 'Os senhores Jardine e Matheson também gostariam de dizer que o imperador Qing deveria compreender que as políticas comerciais exclusivas do seu governo não beneficiam os chineses. O seu próprio povo, de facto, ressente-se das suas barreiras comerciais, que eles acreditam não representarem os seus interesses. Prefeririam desfrutar da livre associação com estrangeiros, pois isso também lhes dá a oportunidade de procurar riqueza. Afinal de contas, o livre comércio é o segredo da prosperidade nacional – e acredite, o seu povo gostaria de ler um pouco de Adam Smith.

Finalmente, o Comissário Lin falou. 'Nós sabemos disso.' William Botelho traduziu rapidamente. Foi uma conversa estranha, transmitida por quatro pessoas, nenhuma das quais falou diretamente com quem ele estava ouvindo. “Estes são os termos precisos nas muitas cartas entregues pelos senhores Jardine e Matheson, não? Você veio dizer alguma novidade?

Robin olhou com expectativa para o Sr. Baylis. O Sr. Baylis vacilou brevemente. 'Bem. .

não, mas vale a pena repetir pessoalmente. .'

O Comissário Lin cruzou as mãos atrás das costas e perguntou: "Senhor Baylis, não é verdade que no seu próprio país o ópio é proibido com o máximo rigor e severidade?" Ele fez uma pausa para deixar William traduzir.

“Bem, sim”, disse o Sr. Baylis, “mas a questão é o comércio, não as restrições internas da Grã-Bretanha. .”

«E», continuou o Comissário Lin, «a sanção contra o uso do ópio pelos seus próprios civis não prova que o senhor sabe muito bem quão prejudicial é para a humanidade?

Gostaríamos de perguntar: alguma vez a China enviou um artigo nocivo do seu solo? Já lhe vendemos alguma coisa, exceto aquilo que é benéfico, aquilo que seu país tem grande demanda? O seu argumento agora é que o comércio de ópio é, de facto, bom para nós?'

«O debate», insistiu Baylis, «é sobre economia. Certa vez, um almirante confiscou meu navio e o procurou em busca de ópio. Quando expliquei a ele que não tinha nenhum, pois sigo as leis estabelecidas pelo imperador Qing, ele professou desapontamento. Ele esperava comprá-lo no atacado e redistribuí-lo ele mesmo, entende? O que prova que os chineses também têm muito a lucrar com este comércio. .

“Ainda estamos a evitar a questão de quem fuma ópio”, disse o Comissário Lin.

O Sr. Baylis deu um suspiro exasperado. 'Robin, diga a ele. .'

“Reiterarei o que escrevemos à Rainha Vitória”, disse o Comissário Lin. ‘Aqueles que desejam negociar com nosso império celestial devem obedecer às leis estabelecidas pelo Imperador. E a nova lei do Imperador, prestes a entrar em vigor, estabelece que quaisquer estrangeiros que tragam ópio para a China com a intenção de o vender serão decapitados e todos os bens a bordo do navio serão confiscados.

— Mas você não pode fazer isso — vociferou o Sr. Baylis. — Você está falando de cidadãos britânicos. Isso é propriedade britânica.

'Não quando eles escolhem ser criminosos.' Aqui William Botelho espelhou o frio desdém do Comissário Lin com exacta precisão, até ao mais ligeiro arqueamento da sobrancelha. Robin ficou impressionado.

“Agora olhe aqui”, disse o Sr. Baylis. — Os britânicos não estão sob a sua jurisdição, Comissário. Você não tem nenhuma autoridade real.

“Estou ciente de que você acredita que os seus interesses sempre prevalecerão sobre as nossas leis”, disse o Comissário Lin. “No entanto, estamos dentro do território chinês. E, portanto, lembrarei a você e a seus senhores que aplicaremos nossas leis como acharmos adequado.

— Então você sabe que teremos de defender nossos cidadãos como acharmos adequado.

Robin ficou tão surpreso que o Sr. Baylis tenha falado essas palavras em voz alta que se esqueceu de traduzir. Houve uma pausa estranha. Finalmente, Guilherme Botelho murmurou o que o Sr. Baylis quis dizer em chinês ao Comissário Lin.

O Comissário Lin não se incomodou. — Isto é uma ameaça, Sr. Baylis?

O Sr. Baylis abriu a boca, pareceu pensar melhor e depois fechou-a. Irritado como estava, aparentemente percebeu que, por mais que adorasse repreender verbalmente os chineses, ainda não poderia emitir uma declaração de guerra sem o apoio do seu governo.

Todas as quatro partes se entreolharam em silêncio.

Então, abruptamente, o Comissário Lin acenou com a cabeça para Robin. 'Eu gostaria de ter uma conversa particular com sua assistente.'

'Ele? Ele não tem nenhuma autoridade empresarial — Robin traduziu automaticamente em nome do Sr. Baylis. 'Ele é apenas o intérprete.'

“Quero dizer apenas para uma conversa casual”, disse o Comissário Lin.

— Eu. . mas ele não tem permissão para falar em meu nome.

'Eu não preciso que ele faça isso. Na verdade, penso que já dissemos tudo o que precisava de ser dito um ao outro», disse o Comissário Lin. 'Não é?'

Robin permitiu-se o simples prazer de ver o choque do Sr. Baylis transformar-se em indignação. Ele considerou traduzir seus protestos gaguejados, mas decidiu pelo silêncio quando ficou claro que nada disso era coerente. Por fim, o Sr. Baylis, por falta de opção melhor, permitiu-se ser escoltado para fora da sala.

“Você também”, disse o comissário Lin a William Botelho, que obedeceu sem

fazer comentários.

Então eles ficaram sozinhos. O Comissário Lin olhou para ele por um longo e silencioso momento. Robin piscou, incapaz de manter contato visual; ele tinha certeza de que estava sendo revistado, e isso o fez sentir-se ao mesmo tempo inadequado e desesperadamente desconfortável.

'Qual o seu nome?' O Comissário Lin perguntou baixinho.

— Robin Swift — disse Robin, depois piscou, confuso. O nome anglófono parecia incongruente para uma conversa realizada em chinês. Seu outro nome, seu primeiro nome, não era usado há tanto tempo que não lhe passou pela cabeça dizê-lo.

— Quero dizer. . Mas ele estava com vergonha de continuar.

O olhar do Comissário Lin era curioso e imóvel. 'De onde você é?'

— Aqui, na verdade — disse Robin, grato por uma pergunta que poderia responder facilmente. — Embora eu tenha saído quando era muito jovem. E já faz muito tempo que não volto.

'Que interessante. Porque você saiu?'

'Minha mãe morreu de cólera, e um professor de Oxford tornou-se meu tutor.'

— Você pertence à escola deles, então? O Instituto de Tradução?

'Eu faço. Foi por isso que parti para Inglaterra. Estudei a vida inteira para ser tradutor.'

“Uma profissão muito honrosa”, disse o Comissário Lin. «Muitos dos meus compatriotas menosprezam a aprendizagem de línguas bárbaras. Mas encomendei alguns projetos de tradução desde que assumi o poder aqui. Você deve conhecer os bárbaros para controlá-los, não acha?

Algo naquele homem obrigou Robin a falar francamente. 'Essa é a mesma atitude que eles têm em relação a você.'

Para seu alívio, o Comissário Lin riu. Isso encorajou Robin. 'Posso te perguntar

uma coisa?'

'Vá em frente.'

'Por que você os chama de *yi* ? Você deve saber que eles odeiam isso.

«Mas tudo o que significa é “estrangeiro”», disse o Comissário Lin. 'Foram eles que insistiram em suas conotações. Eles criam o insulto para si mesmos.

'Então não seria mais fácil simplesmente dizer *yáng* ?'

'Você deixaria alguém entrar e lhe dizer o que significam as palavras em sua própria língua? Temos palavras para usar quando desejamos insultar. Eles deveriam se sentir com sorte porque *guǐ* * não é mais prevalente.'

Robin riu. 'Justo.'

“Agora gostaria que fosse franco comigo”, disse o Comissário Lin. 'Há algum sentido em negociar este assunto? Se engolirmos o nosso orgulho, se dobrarmos os joelhos – isso iria mediar as coisas de alguma forma?'

Robin queria dizer sim. Ele gostaria de poder afirmar que sim, claro, ainda havia espaço para negociar – que a Grã-Bretanha e a China, sendo ambas nações lideradas por pessoas racionais e esclarecidas, poderiam certamente encontrar um meio-termo sem recorrer a hostilidades. Mas ele sabia que isso não era verdade. Ele sabia que Baylis, Jardine e Matheson não tinham intenção de se comprometer com os chineses. O compromisso exigia algum reconhecimento de que a outra parte merecia igual posição moral. Mas para os britânicos, ele aprendeu, os chineses eram como animais.

“Não”, ele disse. 'Eles querem o que querem e não se contentarão com nada menos. Eles não respeitam você ou seu governo. Vocês são obstáculos a serem resolvidos, de uma forma ou de outra.'

'Decepcionante. Apesar de toda a conversa sobre direitos e dignidade.

'Acho que esses princípios só se aplicam àqueles que consideram humanos.'

O Comissário Lin assentiu. Ele parecia ter decidido alguma coisa; suas feições definidas com determinação. — Então não há necessidade de desperdiçar

palavras, não é?

Só quando o comissário Lin lhe deu as costas é que Robin percebeu que havia sido demitido.

Sem saber o que fazer, ele fez uma reverência desajeitada e superficial e saiu da sala. O

Sr. Baylis estava esperando no corredor, parecendo descontente.

'Qualquer coisa?' ele exigiu enquanto os servos os escoltavam para fora do salão.

— Nada — disse Robin. Ele se sentiu um pouco tonto. A audiência terminou tão abruptamente que ele não sabia o que pensar. Ele estava tão concentrado na mecânica da tradução, em transmitir o significado preciso do Sr. Baylis, palavra por palavra, que não conseguiu compreender a mudança na conversa. Ele sentiu que algo importante acabara de acontecer, mas não tinha certeza do quê, nem de seu papel nisso. Ele continuou repassando a negociação em sua cabeça, imaginando se teria cometido algum erro desastroso. Mas tudo tinha sido tão civilizado. Eles apenas reiteraram posições bem estabelecidas no papel, não é mesmo? 'Ele parecia ter considerado o assunto resolvido.'

O Sr. Baylis correu imediatamente para os escritórios do andar superior após retornarem à Fábrica Inglesa, deixando Robin sozinho no saguão. Ele não tinha certeza do que fazer consigo mesmo. Ele deveria ter passado a tarde toda fora como intérprete, mas o Sr. Baylis fugiu sem nenhuma instrução de despedida. Esperou alguns minutos no saguão e finalmente dirigiu-se à sala de estar, presumindo que seria melhor ficar numa área pública, caso o Sr. Baylis decidisse que ainda precisava dele. Ramy, Letty e Victoire estavam sentados à mesa jogando cartas.

Robin ocupou o lugar vazio ao lado de Ramy. — Você não tem prata para polir?

'Terminei cedo.' Ramy deu-lhe uma mão. 'Fica um pouco chato aqui quando você não fala a língua, para ser sincero. Estamos pensando em fazer um passeio de barco para ver os jardins do rio Fa Ti mais tarde, quando tivermos permissão. Como foi a reunião com o Comissário?

“Estranho”, disse Robin. 'Não chegamos a lugar nenhum. Ele parecia muito interessado em mim, no entanto.

'Porque ele não consegue descobrir por que um intérprete chinês está trabalhando para o inimigo?'

- Suponho que sim - disse Robin. Ele não conseguia se livrar de uma sensação de mau presságio, como se estivesse observando uma tempestade se aproximando, esperando que o céu se dividisse. O clima na sala parecia muito alegre, muito tranquilo. 'Como vocês estão?

Você acha que eles lhe darão algo mais interessante para fazer?

'Não é provável.' Vitória bocejou. 'Somos crianças abandonadas. Mamãe e papai estão ocupados demais destruindo economias para lidar conosco.

'Bom Deus.' De repente, Letty se levantou. Seus olhos estavam fixos, arregalados e horrorizados, na janela, para onde ela apontava. 'Olha. . o que, em nome de Deus. .'

Um grande incêndio rugiu na margem oposta. Mas a queimadura, como viram quando correram para a janela, era uma queimadura controlada; só parecia catastrófico por causa das chamas e da fumaça. Quando Robin semicerrou os olhos, viu que as chamas estavam contidas em sua origem, em uma pilha de baús carregados em barcos de barriga funda que

haviam sido empurrados para águas rasas. Alguns segundos depois, ele sentiu o cheiro do conteúdo: um aroma doce e enjoativo levado pelo vento através da costa através das janelas da Fábrica Inglesa.

Ópio. O Comissário Lin estava queimando ópio.

'Robin.' O professor Lovell invadiu a sala, seguido de perto pelo Sr. Baylis. Ambos pareciam furiosos; O rosto do professor Lovell, em particular, estava contorcido por uma raiva que Robin nunca vira nele. 'O que você fez?'

'Eu o quê?' Robin olhou do professor Lovell para a janela, perplexo. 'Eu não entendo-'

'O que você disse?' — repetiu o professor Lovell, sacudindo Robin pelo colarinho. ' *O*

que você disse para ele? '

Foi a primeira vez que o professor Lovell colocou as mãos nele desde aquele dia na biblioteca. Robin não sabia o que o professor Lovell poderia fazer agora – a expressão em seus olhos era bestial, totalmente irreconhecível. *Por favor* , Robin pensou descontroladamente. *Por favor, me machuque, me bata, porque assim saberemos. Então não haverá nenhuma pergunta.* Mas o feitiço passou tão rápido quanto veio. O professor Lovell soltou Robin, piscando, como se voltasse a si. Ele deu um passo para trás e limpou a frente da jaqueta.

Ao redor deles, Ramy e Victoire estavam tensos, ambos agachados como se quisessem saltar entre eles.

- Com licença, eu simplesmente. . O professor Lovell pigarreou. — Pegue suas coisas e me encontre lá fora. Todos vocês. O *Hellas* está esperando na baía.

'Mas não vamos para Macau a seguir?' — Letty perguntou. 'Nossos avisos diziam. .'

- A situação mudou - disse o professor Lovell secamente. — Reservamos passagem antecipada de volta para a Inglaterra. Ir.'

Capítulo Dezoito

Seria demais esperar que eles não precisassem de mais uma demonstração de força em maior escala antes de serem trazidos à razão.

J AMES M ATHESON , carta para John Purvis

Os Hellas partiram de Pearl Bay com uma pressa impressionante . Quinze minutos após o embarque, as cordas foram cortadas, as âncoras puxadas e as velas desenroladas. Eles saíram correndo do porto, perseguidos por uma nuvem de fumaça que parecia engolir toda a cidade.

A tripulação, que não foi informada até o embarque de que seria responsável pelo alojamento e alimentação de cinco passageiros adicionais, foi seca e irritada. O *Hellas* não era um navio de passageiros e seus alojamentos já eram apertados. Ramy e Robin foram orientados a dormir com os marinheiros, mas as meninas receberam uma cabine particular, que dividiram com o único outro civil a bordo - uma mulher chamada Jemima Smythe, uma missionária cristã da América que tentou entrar furtivamente no continente, mas foi pego tentando atravessar o rio em direção aos subúrbios de Cantão.

— Você sabe por que toda essa agitação? Ela continuou perguntando isso enquanto eles se sentavam curvados na bagunça. 'Foi um acidente ou os chineses fizeram isso de propósito? Será que será uma guerra aberta agora, você acha? A última pergunta ela repetia com entusiasmo em intervalos, apesar das garantias exasperadas de que não sabiam. Por fim ela mudou de assunto para o que estavam fazendo em Cantão e como haviam passado os dias na Fábrica Inglesa. — Há alguns reverendos sob aquele teto, não há? O que você fazia nos cultos de domingo?' Ela olhou interrogativamente para Ramy. 'Você vai aos cultos de domingo?'

'Claro.' Ramy não perdeu o ritmo. 'Eu vou porque sou forçado, onde murmuro desculpas a Alá sempre que possível.'

— Ele está brincando — disse Letty rapidamente, antes que a horrorizada Srta. Smythe pudesse começar a tentar convertê-lo. — Ele é cristão, claro. Todos nós tivemos que assinar os Trinta e Nove Artigos na matrícula em Oxford. *

— Estou muito feliz por você — disse a Srta. Smythe com sinceridade. 'Você vai espalhar o evangelho em casa também?'

- Nossa casa é Oxford - disse Ramy, piscando inocentemente. *Deus nos ajude* , pensou Robin, *ele está maluco* . “Você quer dizer que Oxford está cheia de pagãos? Deus do céu.

Alguém contou a eles?

Por fim, Miss Smythe cansou-se deles e subiu ao convés para fazer as suas orações, ou o que quer que os missionários fizessem. Robin, Letty, Ramy e Victoire se amontoavam ao redor da mesa, remexendo-se como crianças travessas esperando punição. O professor Lovell não estava à vista; no momento em que embarcaram, ele saiu para falar com o

capitão. Ainda assim, ninguém lhes contou o que estava acontecendo ou o que aconteceria a seguir.

— O que *você* disse ao comissário? Victória perguntou calmamente.

“A verdade”, disse Robin. 'Tudo o que eu disse a ele foi a verdade.'

— Mas certamente *alguma coisa* o irritou. .

O professor Lovell apareceu à porta. Eles ficaram em silêncio.

“Robin”, ele disse. 'Vamos bater um papo.'

Ele não esperou pela resposta de Robin antes de se virar e seguir pelo corredor.

Relutantemente, Robin levantou-se.

Ramy tocou seu braço. 'Você está bem?'

'Estou bem.' Robin esperava que eles não soubessem quão rápido seu coração batia ou quão alto o sangue trovejava em seus ouvidos. Ele não queria seguir o professor Lovell; ele queria se esconder e protelar, sentar no canto da bagunça com a cabeça enterrada nos braços. Mas esse confronto já demorava muito para acontecer. A frágil trégua estabelecida na manhã da sua prisão nunca foi sustentável. Eles estavam mentindo sozinhos por muito tempo, ele e seu pai. As coisas não poderiam permanecer enterradas, escondidas e deliberadamente ignoradas para sempre. Mais cedo ou mais tarde, as coisas teriam que chegar ao auge.

'Estou curioso.' O professor Lovell estava sentado atrás de uma mesa, folheando preguiçosamente um dicionário quando Robin finalmente se dirigiu para sua cabine. —

Você sabe o valor daqueles baús queimados no porto?

Robin entrou e fechou a porta atrás de si. Seus joelhos tremeram. Ele poderia ter onze anos de novo, ter sido pego lendo ficção quando não deveria, encolhendo-se diante do golpe iminente. Mas ele não era mais uma criança. Ele tentou o seu melhor para evitar que sua voz tremesse. 'Senhor, não sei o que aconteceu com o comissário, mas não é. .'

“Mais de dois milhões de libras”, disse o professor Lovell. — Você ouviu o Sr. Baylis.

Dois milhões, grande parte dos quais William Jardine e James Matheson são agora pessoalmente responsáveis.

“Ele já havia se decidido”, disse Robin. — Ele inventou isso antes mesmo de se encontrar conosco. Não havia nada que eu pudesse dizer. .

'Seu trabalho não foi difícil. Seja um porta-voz de Harold Baylis. Apresente uma cara amigável aos chineses. Acalme as coisas. Achei que tínhamos sido claros sobre suas prioridades aqui, não? O que você disse ao comissário Lin?

“Não sei o que você acha que eu fiz”, disse Robin, frustrado. 'Mas o que aconteceu nas docas não foi por minha causa.'

— Você sugeriu que ele deveria destruir o ópio?

'Claro que não.'

— Você lhe insinuou mais alguma coisa sobre Jardine e Matheson? Você, talvez, usurpou Harold de alguma forma? Você tem certeza de que não houve nada de desagradável em sua conduta?

— Fiz o que me mandaram — insistiu Robin. 'Não gosto do Sr. Baylis, não, mas no que diz respeito à forma como representei a empresa. .'

- Pela primeira vez, Robin, por favor, tente simplesmente dizer o que você quer dizer -

disse o professor Lovell. 'Seja honesto. O que quer que você esteja fazendo agora, é constrangedor.

— Eu. . tudo bem, então. Robin cruzou os braços. Ele não tinha nada pelo que se desculpar, nada mais a esconder. Ramy e Victoire estavam seguros; ele não tinha nada a perder. Chega de reverências, chega de silêncio. 'Multar. Sejamos honestos um com o outro.

Não concordo com o que Jardine & Matheson está fazendo em Cantão. É errado, isso me dá nojo. .

O professor Lovell balançou a cabeça. — Pelo amor de Deus, é apenas um mercado. Não seja infantil.

'É uma nação soberana.'

«É uma nação atolada na superstição e na antiguidade, desprovida do Estado de direito, irremediavelmente atrás do Ocidente em todos os registos possíveis. É uma nação de tolos semibárbaros e incorrigivelmente atrasados. .

“É uma nação de *pessoas* ”, Robin retrucou. 'Pessoas que você está envenenando, cujas vidas você está arruinando. E se a questão é se continuarei a facilitar esse projecto, então é não – não voltarei a Cantão, nem pelos comerciantes, nem por qualquer coisa remotamente relacionada com o ópio. Farei pesquisas na Babel, farei traduções, mas não farei isso. Você não pode me obrigar.

Ele estava respirando com dificuldade quando terminou. A expressão do professor Lovell não mudou. Ele observou Robin por um longo momento, com as pálpebras semicerradas, batendo os dedos na mesa como se fosse um piano.

— Você sabe o que me surpreende? Sua voz ficou muito suave. 'Como alguém pode ser totalmente ingrato.'

Esta linha de argumento novamente. Robin poderia ter chutado alguma coisa. Sempre este, o argumento da escravidão, como se a sua lealdade estivesse algemada por privilégios que ele não pediu e não escolheu receber. Ele devia a vida a Oxford só porque havia bebido champanhe em seus claustros? Ele devia lealdade a Babel porque uma vez acreditou em suas mentiras?

“Isto não era para mim”, disse ele. 'Eu não pedi isso. Foi tudo para você, porque você queria um aluno chinês, porque queria alguém que fosse fluente...

— Você está ressentido comigo, então? perguntou o professor Lovell. 'Por te dar uma vida? Por lhe dar oportunidades que você nem poderia ter sonhado? Ele zombou. 'Sim, Robin, eu tirei você de sua casa. Da miséria, da doença e da fome. O que você quer? Uma desculpa?'

O que ele queria, pensou Robin, era que o professor Lovell admitisse o que tinha feito.

Que não era natural todo esse arranjo; que as crianças não eram comuns para serem experimentadas, julgadas pelo seu sangue, afastadas da sua terra natal a serviço da Coroa e do país. Que Robin era mais do que um dicionário falante e que sua pátria era mais do que uma gorda galinha dos ovos de ouro. Mas ele sabia que estes eram reconhecimentos que o professor Lovell nunca faria. A verdade entre eles não foi enterrado porque era doloroso, mas porque era inconveniente e porque o professor Lovell simplesmente se recusou a abordar o assunto.

Era tão óbvio agora que ele não era, e nunca poderia ser, uma pessoa aos olhos de seu pai. Não, a personalidade exigia a pureza do sangue do homem europeu, o estatuto racial

que o tornaria igual ao professor Lovell. Little Dick e Philippa eram pessoas. Robin Swift era uma vantagem, e os ativos deveriam estar eternamente gratos por terem sido bem tratados.

Não poderia haver resolução aqui. Mas pelo menos Robin teria a verdade sobre alguma coisa.

'Quem foi minha mãe para você?' ele perguntou.

Isso, pelo menos, pareceu abalar o professor, mesmo que apenas por um breve momento. 'Não estamos aqui para discutir sua mãe.'

'Você a matou. E você nem se preocupou em enterrá-la.

'Não seja absurdo. Foi a cólera asiática que a matou. .

“Você esteve em Macau por duas semanas antes de ela morrer. A Sra. Piper me contou.

Você sabia que a peste estava se espalhando, você sabe que poderia tê-la salvado. .

— Céus, Robin, ela era apenas uma Chink.

— Mas sou apenas um Chink, professor. Eu também sou filho dela. Robin sentiu uma forte vontade de chorar. Ele forçou-o para baixo. Hurt nunca conquistou a simpatia de seu pai. Mas a raiva, talvez, possa despertar o medo. — Você achou que tinha lavado essa parte de mim?

Ele havia se tornado muito bom em manter duas verdades na cabeça ao mesmo tempo.

Que ele era inglês e não. Que o professor Lovell era seu pai e não. Que os chineses eram um povo estúpido e atrasado, e que ele também era um deles. Que ele odiava Babel e queria viver para sempre em seus braços. Ele dançou durante anos no fio da navalha dessas verdades, permaneceu lá como um meio de

sobrevivência, uma forma de lidar com a situação, incapaz de aceitar plenamente qualquer um dos lados porque um exame inabalável da verdade era tão assustador que as contradições ameaçavam quebrá-lo. .

Mas ele não poderia continuar assim. Ele não poderia existir como um homem dividido, com sua psique apagando e apagando constantemente a verdade. Ele sentiu uma grande pressão no fundo de sua mente. Ele sentiu que iria literalmente explodir, a menos que parasse de ser duplo. A menos que ele tenha escolhido.

'Você achou', disse Robin, 'que um tempo suficiente na Inglaterra me tornaria igual a você?'

O professor Lovell inclinou a cabeça. 'Sabe, uma vez pensei que ter filhos era uma espécie de tradução própria. Especialmente quando os pais são de origens muito diferentes. Ficamos curiosos para ver o que acaba acontecendo. Seu rosto sofreu uma estranha transformação enquanto ele falava. Seus olhos foram ficando cada vez maiores até ficarem assustadoramente bulbosos; seu sorriso condescendente ficou mais pronunciado e seus lábios recuaram para revelar os dentes. Talvez fosse uma expressão de desgosto exagerado, mas pareceu mais a Robin como se uma máscara de civilidade tivesse sido arrancada. Foi a expressão mais feia que ele já viu seu pai usar. — Eu esperava criar você para evitar as falhas de seu irmão. Eu esperava incutir em você um senso de ética mais civilizado. *Quo semel est imbuta recens, servabit odorem testa diu* , * e tudo mais. Eu esperava poder transformá-lo em um barril mais elevado. Mas, apesar de toda a sua educação, não há como educá-lo a partir dessa linhagem básica, original, não é?

— Você é um monstro — disse Robin, espantado.

'Não tenho tempo para isso.' O professor Lovell fechou o dicionário. — Está claro que trazer você para Cantão foi uma ideia errada. Eu esperava que isso pudesse lembrá-lo de como você teve sorte, mas tudo o que fez foi confundi-lo.

'Não estou confuso-'

'Reavaliaremos sua posição em Babel quando retornarmos.' O professor Lovell apontou para a porta. — Por enquanto, acho que você deveria reservar algum tempo para refletir.

Imagine passar o resto da sua vida em Newgate, Robin. Você pode protestar contra os males do comércio o quanto quiser, se fizer isso em uma cela de prisão. Você prefere isso?

As mãos de Robin formaram punhos. 'Diga o nome dela.'

A sobrancelha do professor Lovell se contraiu. Ele gesticulou novamente para a porta.

'Isso é tudo.'

'Diga o nome dela, seu covarde.'

' *Robin* .'

Este foi um aviso. Foi aqui que seu pai traçou o limite. Tudo o que Robin fez até agora ainda poderia ser perdoado, se ele recuasse; se ele apenas pedisse desculpas, se curvasse à autoridade e voltasse ao luxo ingênuo e ignorante.

Mas Robin estava curvado há muito tempo. E mesmo uma jaula dourada ainda era uma jaula.

Ele deu um passo à frente. 'Pai, *diga o nome dela* .'

O professor Lovell empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

As origens da palavra *raiva* estavam intimamente ligadas ao sofrimento físico. *A raiva* foi primeiro uma 'aflição', como entendida pelo antigo islandês *angr* , e depois um estado

'doloroso, cruel, estreito', como significado pelo antigo inglês *enge* , que por sua vez veio do latim *angor* , que significava 'estrangulamento, angústia, angústia'. A raiva era um estrangulamento. A raiva não fortaleceu você. Sentou-se em seu peito; apertava suas costelas até você se sentir preso, sufocado, sem opções. A raiva ferveu e depois explodiu. A raiva era uma constrição, e a raiva resultante, uma tentativa desesperada de respirar.

E *a raiva* , claro, veio da loucura. *

Depois disso, Robin se perguntou muitas vezes se o professor Lovell tinha visto

algo em seus olhos, um fogo que ele não sabia que seu filho possuía, e se isso – sua surpreendente compreensão de que seu experimento linguístico havia desenvolvido uma vontade própria

– teria levado Robin, por sua vez, a agir. Ele tentaria desesperadamente justificar o que havia feito em legítima defesa, mas tal justificativa se basearia em detalhes dos quais mal conseguia se lembrar, detalhes que ele não tinha certeza se havia inventado para se convencer de que não havia realmente assassinado seu pai. à sangue frio.

Repetidamente ele se perguntava quem havia agido primeiro, e isso o torturaria pelo resto de seus dias, pois ele realmente não sabia.

Isso ele sabia:

O professor Lovell levantou-se abruptamente. Sua mão foi para o bolso. E Robin, espelhando-o ou provocando-o, fez o mesmo. Ele enfiou a mão no bolso da frente, onde guardava a barra que matou Eveline Brooke. Ele não estava imaginando o que o bar poderia fazer – disso ele tinha certeza. Ele falou o par porque foram as únicas palavras que lhe vieram à mente para descrever esse momento, sua imensidão. Pensou no atiçador do professor Lovell estalando repetidamente contra suas costelas enquanto ele jazia encolhido no chão da biblioteca, assustado e confuso demais para gritar. Pensou em Griffin, o pobre

Griffin, levado para a Inglaterra ainda mais jovem do que antes; mastigado e jogado fora porque não se lembrava o suficiente de sua língua nativa. Pensou nos homens apáticos no antro de ópio. Ele pensou em sua mãe.

Ele não estava pensando em como a barra iria rasgar o peito de seu pai. Alguma parte dele devia saber, é claro, porque as palavras só ativavam as barras se você as quisesse dizer. Se você pronunciasse apenas as sílabas, elas não surtiriam efeito. E quando ele viu o personagem em sua mente, viu o ranhuras gravadas em prata brilhante e pronunciou a palavra e sua tradução em voz alta, ele deve ter pensado no que faria.

Bào : explodir, irromper com o que não pode mais ser contido.

Mas foi só quando o Professor Lovell caiu no chão, até que o cheiro inebriante e salgado de sangue encheu o ar, que Robin percebeu o que tinha feito.

Ele caiu de joelhos. 'Senhor?'

O professor Lovell não se mexeu.

'Pai?' Ele agarrou os ombros do professor Lovell. Sangue quente e úmido derramou sobre seus dedos. Isso não iria parar; estava por toda parte, uma fonte interminável jorrando daquele baú em ruínas.

' *Dié?* '

Ele não sabia o que o fez dizer isso, a palavra para *pai* . Talvez ele pensasse que isso surpreenderia o professor Lovell, que o choque por si só o traria de volta à vida, que ele poderia trazer a alma do pai de volta ao corpo, nomeando a única coisa que eles nunca haviam nomeado. Mas o professor Lovell estava mole, desaparecido, e por mais que Robin o sacudisse, o sangue não parava de jorrar.

“ *Diē* ”, ele disse novamente. Então uma risada escapou de sua garganta; histérica, desamparada, porque era tão engraçada, tão apropriada que a romanização de *pai* continha as mesmas letras para morte em inglês. E o professor Lovell estava claramente e incontestávelmente morto. Não havia como voltar atrás. Não poderia haver mais fingimento.

'Robin?'

Alguém bateu na porta. Atordoada, sem pensar, Robin levantou-se e destrancou-a.

Ramy, Letty e Victoire entraram cambaleando, um balbucio de vozes – 'Oh, Robin, você está. .'; 'O que está acontecendo-'; 'Ouvimos gritos, pensamos. .'

Então eles viram o corpo e o sangue. Letty soltou um grito abafado. As mãos de Victoire voaram para a boca. Ramy piscou várias vezes e depois disse, bem baixinho: — Ah.

Letty perguntou, muito fracamente: 'Ele está. .? . . ?'

— Sim — sussurrou Robin.

A cabine ficou muito silenciosa. Os ouvidos de Robin zumbiam; ele levou as mãos à cabeça e imediatamente as abaixou, pois eram de um vermelho brilhante

e pingavam.

'O que aconteceu . . . ?' Victória arriscou.

'Nós brigamos.' Robin mal conseguia pronunciar as palavras. Ele estava lutando agora para respirar. Black pressionou nos limites de sua visão. Dele os joelhos estavam muito fracos e ele queria muito sentar-se, só que o chão estava encharcado com uma poça de sangue que se espalhava. “Nós brigamos e. .” . .'

— Não olhe — instruiu Ramy.

Ninguém obedeceu. Todos ficaram congelados no lugar, os olhares fixos na forma imóvel do professor Lovell enquanto Ramy se ajoelhava ao lado dele e segurava dois dedos

em seu pescoço. Um longo momento se passou. Ramy murmurou uma oração baixinho – “

Inna lillahi wa inna ilayhi Raji'un ” – e depois passou as mãos sobre as pálpebras do professor Lovell para fechá-las.

Ele exalou muito lentamente, pressionou as mãos contra os joelhos por um momento e depois se levantou. 'E agora?'

Livro IV

Capítulo Dezenove

'Existe, em primeiro lugar', eu disse, 'a maior mentira sobre as coisas de maior preocupação, que não foi uma bela invenção daquele que contou como Urano fez o que Hesíodo diz ter feito com Cronos, e como Cronos, por sua vez, tomou seu poder. vingança; e depois há os feitos e sofrimentos de Cronos nas mãos de seu filho. Mesmo que fossem verdadeiras, não pensaria que deveriam ser contadas tão levianamente a jovens irrefletidos.'

PLATÃO , República , trad. Paulo Shorey

“ Mantenha-o na cabana”, disse Victoire com uma compostura incrível, embora as palavras que saíram de sua boca fossem bastante malucas. — Vamos apenas. . . . enrole-o naqueles lençóis e mantenha-o fora de vista até voltarmos para a

Inglaterra. .

— Não podemos manter um corpo escondido durante seis semanas — gritou Letty.

'Por que não?'

'Vai apodrecer!'

“É justo”, disse Ramy. 'Os marinheiros cheiram mal, mas não cheiram tão mal assim.'

Robin ficou surpreso ao saber que o primeiro instinto deles foi discutir como esconder o corpo. Isso não mudava o fato de ele ter acabado de matar o pai, ou de possivelmente ter implicado todos eles no assassinato, ou de o vermelho manchar as paredes, o chão, o pescoço e as mãos. Mas eles estavam falando como se isso fosse apenas um assunto a ser resolvido – uma tradução espinhosa que poderia ser resolvida, se eles conseguissem encontrar a frase certa.

'Tudo bem, olhe, eis o que faremos.' Victoire colocou as palmas das mãos nas têmporas e respirou fundo. 'Vamos nos livrar do corpo de alguma forma. Não sei como, vamos dar um jeito. Então, quando atracarmos. .

'Como podemos dizer à tripulação para deixá-lo sozinho por seis *semanas* ?' Letty exigiu.

“Nove semanas”, disse Victoire.

'O que?'

“Esta não é uma tesoura rápida”, disse Victoire. 'Vai demorar nove semanas.'

Letty pressionou as palmas das mãos contra os olhos. 'Pelo amor de Deus.'

'Como é isso?' perguntou Vitória. — Diremos a eles que ele está infectado. Não sei, alguma. . alguma doença assustadora. . Robin, você inventa algo exótico e nojento que vai assustá-los. Diga que é algo que ele pegou nas favelas e todos ficarão com muito medo de entrar.

Houve um breve silêncio. Esta era, todos tinham que admitir, uma lógica

bastante boa; ou pelo menos não ficou imediatamente evidente que isso era um absurdo.

'Multar.' Ramy começou a andar de um lado para outro no pequeno trecho de tábuas de madeira que não estava coberto de sangue. 'Oh, céus - Alá nos perdoe.' Ele esfregou os

olhos. 'Tudo bem, sim, isso poderia funcionar. Suponhamos que mantenhamos isto em segredo até voltarmos a Londres. E então?

“Fácil”, disse Victoire. — Diremos que ele morreu durante a viagem. Durante o sono, talvez. Só que não podemos deixar que o médico do navio venha fazer autópsia, porque o risco de contaminação é muito grande. Vamos pedir um caixão, que vamos encher um monte de. . não sei, livros enrolados em roupas. . e depois vamos carregá-lo e nos livrar dele.

“Isso é loucura”, disse Letty. 'Isso é absolutamente insano.'

'Você tem uma ideia melhor?' Victória perguntou.

Letty ficou em silêncio por um momento. Robin tinha certeza absoluta de que insistiria para que se entregassem, mas então levantou as mãos e disse: — Poderíamos simplesmente jogá-lo no mar em plena luz do dia, dizer que ele se afogou acidentalmente, e então todos o teriam visto morrer, então nós não vai parecer suspeito. .

— Ah, e isso não é suspeito? perguntou Ramy. 'Vamos simplesmente arrastar esse cadáver ensanguentado para cima do convés, fingir que ele está andando sozinho e depois jogá-lo nas ondas, onde qualquer um pode ver aquele buraco onde seu coração deveria estar? É assim que provamos a nossa inocência? Tenha um pouco *de criatividade* , Letty, precisamos fazer isso direito. .

Finalmente Robin encontrou a língua. 'Não. Não, isso é loucura, não posso deixar. .

Vocês todos não podem. . Ele continuou tropeçando nas palavras. Ele respirou fundo e acalmou a língua. 'Eu fiz isso. Vou contar ao capitão, vou me entregar e pronto.

Ramy zombou. 'Bem, isso está fora de questão.'

“Não seja idiota”, disse Robin. 'Você estará implicado se. .'

“Estamos todos implicados de qualquer maneira”, disse Victoire. 'Somos todos estrangeiros voltando de um país estrangeiro em um navio com um homem branco morto.'

Esta afirmação excluiu Letty, mas ninguém a corrigiu. 'Não existe nenhum mundo em que você vai para a prisão e o resto de nós sai livre. Você vê isso, certo? Ou nós protegemos você ou nos amaldiçoamos.

— Isso mesmo — disse Ramy com firmeza. — E nenhum de nós vai deixar você ir para a prisão, Birdie. Todos manteremos silêncio, certo?

Apenas Letty não falou. Victória a cutucou. — Letty?

Letty estava tão pálida que combinava com o cadáver exangue no chão. 'EU . . . sim.

Tudo bem.'

“Você pode ir, Letty”, disse Robin. 'Você não precisa ouvir. .'

“Não, eu quero estar aqui”, disse Letty. 'Eu quero saber o que acontece depois. Eu não posso simplesmente deixar todos vocês. . . Não.' Ela fechou os olhos com força e balançou a cabeça, depois reabriu os olhos e anunciou muito lentamente, como se tivesse acabado de tomar uma decisão: 'Estou nisso. Com você. Todos vocês.'

— Ótimo — disse Ramy rapidamente. Ele limpou as mãos nas calças e depois voltou a andar. 'Agora, aqui está o que estou pensando. Não deveríamos estar neste pacote.

Estávamos originalmente programados para retornar no dia 4, lembra? Ninguém nos espera de volta antes disso, o que significa que ninguém estará procurando por ele quando desembarcarmos.

'Certo.' Victoire assentiu e então retomou sua linha de pensamento. Foi muito assustador observar os dois. Eles ficaram mais confiantes enquanto falavam. Era como se

eles estivessem simplesmente colaborando em uma tradução em grupo, aproveitando o brilhantismo um do outro. “Está claro que a maneira mais fácil de ser pego é alguém ver o corpo. Portanto, a nossa primeira prioridade, como eu disse, deveria ser livrar-nos dele o mais rápido possível – assim que escurecer lá fora. Depois, durante o resto da viagem, contaremos a todos que ele está doente. Ninguém tem mais medo de doenças estrangeiras do que os marinheiros, não é mesmo? No momento em que deixarmos escapar que ele está com algo que eles podem pegar, garanto que ninguém se aproximará daquela porta por semanas. O que significa que só temos que nos preocupar em colocá-lo na água.

— Bom, e limpar todo esse sangue — disse Ramy.

Loucura, pensou Robin. Isso era uma loucura, e ele não conseguia entender por que ninguém estava rindo, por que todos pareciam estar pensando seriamente na ideia de arrastar o corpo do professor por dois lances de escada e jogá-lo no mar. Todos já haviam passado do ponto da incredulidade. O choque passou e o surreal tornou-se prático. Eles não estavam falando em termos de ética, mas de logística, e isso fez Robin se sentir como se tivessem entrado em um mundo de cabeça para baixo. onde nada fazia sentido e ninguém tinha nenhum problema com isso além dele.

'Robin?' Ramy perguntou.

Robin piscou. Todos estavam olhando para ele com expressões muito preocupadas. Ele percebeu que esta não era a primeira vez que ele era abordado. 'Desculpa, o que?'

'O que você acha?' Victória perguntou gentilmente. — Vamos jogá-lo no mar, certo?

— Eu. . bem, suponho que isso funcione, eu só. . . .' Ele balançou sua cabeça. Havia um zumbido muito alto em seus ouvidos e isso tornava difícil para ele organizar seus pensamentos. — Desculpe, eu só. . . . nenhum de vocês vai me perguntar por quê?

Blank olha ao redor.

— É só que. . vocês se inscreveram para me ajudar a esconder um assassinato? Robin não pôde evitar que todas as suas declarações se transformassem em perguntas. O mundo inteiro naquele momento parecia uma grande questão sem

resposta. — E você nem vai perguntar como ou por quê?

Ramy e Victoire trocaram um olhar. Mas foi Letty quem respondeu primeiro. 'Acho que todos nós entendemos o porquê.' Sua garganta pulsou. Ele não conseguiu decifrar a expressão no rosto dela – era algo que ele nunca tinha visto nela antes, uma estranha mistura de pena e determinação. — E para ser sincero, Robin, acho que quanto menos falarmos sobre isso, melhor.

A limpeza da cabana foi mais rápida do que Robin temia. Letty conseguiu um esfregão e um balde para a tripulação, alegando que havia vomitado de enjôo, e o restante deles contribuiu com várias peças de roupa para absorver a água ensanguentada.

Depois havia a questão do descarte. Eles decidiram que enfiar o professor Lovell em um baú era a melhor chance de levar seu corpo para o convés superior sem questionar. A migração para cima foi um jogo de respiração suspensa e progresso em centímetros.

Victoire avançava a cada poucos segundos, verificava se não havia ninguém à vista e depois fazia gestos freneticamente para Robin e Ramy arrastarem o baú mais alguns degraus.

Letty manteve guarda no convés superior, fingindo dar um passeio noturno para tomar um pouco de ar fresco.

De alguma forma, eles conseguiram colocar o baú na beirada da grade sem atrair suspeitas.

'Tudo bem.' Robin deslizou a tampa do porta-malas. Originalmente eles consideraram jogar fora todo o baú, mas Victoire astutamente apontou fora que a madeira flutuaria. Ele estava com medo de olhar para baixo; ele queria, se possível, fazer isso sem olhar para o rosto do pai. 'Rápido, antes que alguém veja. .'

“Espere aí”, disse Ramy. 'Temos que pesar, caso contrário ele vai balançar.'

Robin teve uma visão repentina do corpo do professor Lovell flutuando na esteira do navio, atraindo uma multidão de marinheiros e gaivotas. Ele lutou contra uma onda de náusea. 'Por que você não disse isso antes?'

— Fiquei um pouco em pânico, certo?

'Mas você parecia tão calmo. .'

'Sou bom em emergências, Birdie, mas não sou Deus.'

Os olhos de Robin percorreram o convés, procurando por qualquer coisa que pudesse servir de âncora – remos, baldes de madeira, tábuas sobressalentes – droga, por que tudo em um navio foi projetado para flutuar?

Por fim encontrou uma pilha de corda amarrada com o que pareciam ser pesos. Ele rezou para que não fosse necessário para nada importante e arrastou-o até o porta-malas.

Prender a corda em volta do Professor Lovell foi um pesadelo. Seus membros pesados e rígidos não se moviam com facilidade; o cadáver parecia de fato resistir-lhes ativamente. A corda, horrivelmente, ficou presa em costelas expostas e irregulares. As mãos de Robin, suadas de medo, escorregavam; vários minutos agonizantes se passaram antes que a corda ficasse bem apertada em volta dos braços e pernas do professor. Robin queria dar um nó rápido e acabar com isso, mas Ramy estava inflexível de que eles demorassem; ele não queria que as cordas se desfizessem assim que o corpo atingisse a água.

— Tudo bem — sussurrou Ramy finalmente, puxando a corda. 'Isso deve resolver.'

Cada um deles pegou uma extremidade do cadáver – Robin nos ombros e Ramy nos pés

– e içou-o para fora do porta-malas.

— Um — sussurrou Ramy. 'Dois . . .'

No terceiro balanço, ergueram o corpo do professor Lovell por cima da grade e o soltaram. Pareceu uma eternidade antes que ouvissem o barulho.

Ramy inclinou-se sobre a grade, examinando as ondas escuras.

“Desapareceu”, disse ele finalmente. 'Ele não vai subir.'

Robin não conseguia falar. Ele cambaleou vários passos para trás e vomitou no convés.

Agora, instruiu Ramy, eles simplesmente voltaram para seus beliches e agiram normalmente pelo resto da viagem. Simples, em teoria. Mas de todos os lugares para cometer um assassinato, um navio no meio da viagem tinha que ser um dos piores. Um assassino na rua poderia pelo menos largar a arma e fugir da cidade. Mas ficaram presos por mais dois meses na cena do crime, dois meses durante os quais tiveram que manter a ficção de que não haviam explodido o peito de um homem e jogado seu corpo no oceano.

Eles tentaram manter as aparências. Eles faziam seus passeios diários pelo convés, entretinham a Srta. Smythe e suas cansativas perguntas, e apareciam para comer no refeitório, três vezes por dia, sem parar, tentando ao máximo abrir o apetite.

— Ele está se sentindo indisposto — respondeu Ramy quando o cozinheiro perguntou por que ele não via o professor Lovell há vários dias. 'Ele diz que não está com muita fome -

algum tipo de problema de estômago - mas vamos levar algo para ele comer mais tarde.'

'Ele disse qual é exatamente o problema?' O cozinheiro era um homem sorridente e sociável; Robin não sabia se ele estava curioso ou apenas sendo amigável.

— Ah, é uma série de sintomas menores — mentiu Ramy suavemente. — Ele reclamou de dor de cabeça, alguma congestão, mas principalmente náusea. Ele fica tonto se fica em pé por muito tempo, então passa a maior parte dos dias na cama. Dormindo bastante. Pode ser enjôo, embora ele não tenha tido nenhum problema no caminho.

'Interessante.' O cozinheiro coçou a barba por um momento e depois virou-se. 'Você espera aqui.'

Ele saiu da bagunça rapidamente. Eles olharam para a porta, chocados. Ele ficou desconfiado? Ele estava alertando o capitão? Estaria ele verificando a cabine do professor Lovell para confirmar a história?

— Então — murmurou Ramy —, corremos agora ou. . . . ?'

'E ir para onde?' Victória sibilou. 'Estamos no meio de um oceano!'

— Poderíamos chegar antes dele à cabana de Lovell, talvez. .

'Mas não há nada lá, não há nada que possamos fazer. .'

'Silêncio.' Letty assentiu por cima do ombro. A cozinheira já estava voltando para a bagunça, segurando um pequeno sachê marrom em uma das mãos.

'Gengibre cristalizado.' Ele ofereceu a Robin. 'Bom para dores de estômago. Vocês, estudiosos, sempre se esquecem de trazer os seus.

'Obrigado.' Com o coração martelando, Robin pegou o sachê. Ele tentou o seu melhor para manter o nível de voz. — Tenho certeza de que ele ficará muito grato.

Felizmente, nenhum membro da tripulação questionou o paradeiro do professor Lovell.

Os marinheiros não estavam nada fascinados pelas relações diárias dos estudiosos que recebiam uma ninharia para transportar; eles eram mais do que feliz em fingir que eles não existiam. Senhorita Smythe era uma história diferente. Ela era, provavelmente por puro tédio, desesperadamente persistente em se tornar útil. Ela perguntava incessantemente sobre a febre do professor Lovell, o som de sua tosse e a cor e composição de suas fezes. “Já vi muitas doenças tropicais”, disse ela. — Seja o que for que ele tenha, certamente já vi entre os habitantes locais. Deixe-me dar uma olhada nele, vou consertá-lo imediatamente.

De alguma forma, eles a convenceram de que o professor Lovell era altamente contagioso e extremamente tímido. (“Ele não ficará sozinho com uma mulher solteira”, prometeu Letty solenemente. “Ele ficará furioso se deixarmos você entrar lá.”) Mesmo assim, a senhorita Smythe insistiu que eles se juntassem a ela em uma oração diária pela saúde dele, durante o qual Robin precisou de tudo o que tinha para não vomitar de culpa.

Os dias eram terrivelmente longos. O tempo se arrastou quando cada segundo continha uma contingência horrível, a questão *será que vamos escapar* ? Robin

estava constantemente doente. Sua náusea era totalmente diferente da inquietação do enjôo; era uma massa maligna de culpa roendo seu estômago e arranhando sua garganta, um peso venenoso que tornava difícil respirar. Tentar relaxar ou distrair-se não ajudava em nada; foi quando ele escorregou e perdeu a guarda que a doença redobrou. Então o zumbido em

seus ouvidos ficou cada vez mais alto e o preto penetrou nos limites de sua visão, reduzindo o mundo a uma alfinetada embaçada.

Comportar-se como uma pessoa exigia um foco tremendo. Às vezes, o máximo que ele conseguia fazer era lembrar de respirar, forte e uniforme. Ele teve que gritar um mantra em sua mente – *está tudo bem, está tudo bem, você está bem, eles não sabem, eles pensam que você é apenas um estudante e acham que ele está apenas doente* – mas até mesmo esse mantra ameaçou sair do controle; se ele relaxasse o foco por apenas um segundo, isso se transformaria na verdade - *você o matou, abriu um buraco no peito dele e o sangue dele está espalhado pelos livros, por todas as suas mãos, escorregadio, molhado, quente* -

Ele estava com medo do seu subconsciente; de deixá-lo vagar. Ele não conseguia pensar em nada. Cada pensamento que passava por sua mente se transformava em uma confusão caótica de culpa e horror; sempre solidificado no mesmo refrão sombrio:

Eu matei meu pai.

Eu matei meu pai.

Eu matei meu pai.

Ele se torturou imaginando o que poderia acontecer com eles se eles fossem pegos. Ele projetou as cenas com tanta nitidez que pareciam lembranças – o julgamento curto e condenatório, os olhares de desgosto dos jurados; as algemas nos pulsos e, se não a forca, então a longa, lotada e miserável viagem até uma colônia penal na Austrália.

O que ele não conseguia entender era o momento verdadeiramente fugaz que o assassinato em si havia sido – não mais do que uma fração de segundo de ódio impulsivo, uma única frase pronunciada, um único lance. Os Analectos de Confúcio fizeram a afirmação *sìbùjíshé* ; * que mesmo uma carruagem de quatro cavalos não poderia captar uma palavra depois de pronunciada, que a palavra

falada era irrevogável. Mas isso parecia um grande truque do tempo. Não parecia justo que uma ação tão minúscula pudesse ter consequências tão reverberantes. Algo que quebrou não apenas o seu mundo, mas o de Ramy, Letty e Victoire deveria ter levado pelo menos alguns minutos, ao que parecia; deveria ter exigido esforço repetido. A verdade do assassinato teria feito mais sentido se ele estivesse sobre o corpo de seu pai com um machado rombudo, batendo-o repetidamente em seu crânio e peito até que o sangue espirrou em ambos os rostos. Algo brutal, algo sustentado, uma verdadeira manifestação de intenções monstruosas.

Mas isso não descrevia o que havia acontecido. Não foi cruel. Não foi preciso esforço.

Tudo acabou tão rápido que ele nem teve tempo de deliberar. Ele não conseguia se lembrar de ter atuado. Você poderia planejar um assassinato se não se lembrasse de ter desejado isso?

Mas que tipo de pergunta foi essa? Qual era o maldito ponto de decidir se ele desejava ou não a morte do pai, quando seu cadáver em ruínas estava incontestável e irreversivelmente afundando no fundo do oceano?

As noites eram muito piores que os dias. Pelo menos os dias ofereciam as distrações temporárias do ar livre, o oceano agitado e a névoa pulverizada. À noite, confinado à sua rede, só havia a escuridão implacável. Noites significavam lençóis encharcados de suor, calafrios e tremores, e nem mesmo privacidade para gemer e gritar bem alto. Robin estava deitado com os joelhos dobrados contra o peito, abafando a respiração frenética com as duas mãos. Quando ele conseguia dormir, seus sonhos eram fragmentados e terrivelmente vívidos, revisitando cada batida daquela conversa final até o final devastador. Mas os

detalhes continuaram mudando. Quais foram as últimas palavras que o professor Lovell disse? Como ele olhou para Robin? Tive ele realmente se aproximou? Quem se mudou primeiro? Foi legítima defesa ou foi um ataque preventivo? Houve alguma diferença? Ele destruiu sua própria memória. Acordado e adormecido, ele examinou o mesmo momento de mil ângulos diferentes até que realmente não sabia mais o que havia acontecido.

Ele queria que todos os pensamentos parassem. Ele queria desaparecer. À noite, as ondas negras e intermináveis pareciam uma utopia, e ele não queria nada além

de se atirar para o mar, deixar o oceano engoli-lo e à sua culpa em suas profundezas devastadoras. Mas isso apenas condenaria os outros. Como seria isso, um aluno afogado e seu professor morto? Nenhuma desculpa, por mais criativa que seja, por mais verdadeira que seja, poderia livrá-los disso.

Mas se a morte não fosse uma opção, talvez a punição ainda fosse. “Tenho que confessar”, ele sussurrou para Ramy numa noite sem dormir. 'Essa é a única maneira, temos que acabar com isso-'

“Não seja idiota”, disse Ramy.

Ele saiu loucamente da rede. 'Estou falando sério, vou falar com o capitão. .'

Ramy deu um pulo e o pegou no corredor. 'Birdie, volte aí.'

Robin tentou empurrar Ramy para subir as escadas. Ramy prontamente deu um tapa no rosto dele. De alguma forma, isso o acalmou, mesmo que apenas devido ao choque – a dor cegante apagou tudo de sua mente, apenas por alguns segundos, apenas o tempo suficiente para acalmar seu coração acelerado.

— Estamos todos implicados agora — sibilou Ramy. 'Nós limpamos aquele quarto.

Escondemos o corpo para você. Para proteger *você* . Todos nós já mentimos uma dúzia de vezes; somos cúmplices neste crime, e se você for para o carrasco, você condenará todos nós. Você entende?'

Castigado, ele abaixou a cabeça e assentiu.

“Bom”, disse Ramy. 'Agora volte para a cama.'

A única fresta de esperança para todo esse caso grotesco foi que ele e Ramy finalmente se reconciliaram. O ato de assassinato preenchera a distância entre eles e acabara com as acusações de cumplicidade e covardia de Ramy. Não importava que tivesse sido um acidente, ou que Robin retirasse o assunto imediatamente, se pudesse. Ramy não tinha mais motivos ideológicos para se ressentir dele, pois, entre eles, apenas um deles havia matado um colonizador. Eles eram co-conspiradores agora, e isso os aproximou mais do que nunca. Ramy assumiu o papel de consolador e conselheiro, testemunha de suas confissões. Robin não sabia por que achava que falar o que pensava poderia

melhorar as coisas, pois dizer qualquer coisa em voz alta só servia para deixá-lo mais confuso, mas estava desesperadamente grato por Ramy estar pelo menos ali para ouvir.

'Você acha que eu sou mau?' ele perguntou.

'Não seja ridículo.'

— Você tem dito muito isso.

'Você tem sido muito ridículo. Mas você não é mau.

“Mas eu sou um assassino”, disse ele, e depois repetiu, porque as palavras eram tão absurdas que o próprio ato de formar as vogais parecia bizarro. 'Eu tirei uma vida. Com

total deliberação, com total intenção – eu sabia o que a barra faria com ele e a joguei, e a observei quebrar seu corpo, e um momento antes de me arrepender, fiquei satisfeito com o que tinha feito. Não foi um acidente. Não importa o quanto eu gostaria de poder voltar atrás agora – eu queria que ele morresse e o matei. Ele respirou fundo estremecendo. 'Eu sou. .

que tipo de pessoa você tem que ser para fazer isso? Um vilão. Um desgraçado de coração negro. De que outra forma isso acontece, Ramy? Não há meio-termo. Não existe nenhuma regra segundo a qual isso seja perdoável, existe?

Ramy suspirou. 'Quem tirar uma vida será como se tivesse matado toda a humanidade.

Assim diz o Alcorão.

— Obrigado — Robin murmurou. 'Isso é reconfortante.'

'Mas o Alcorão também fala da infinita misericórdia de Allah.' Ramy ficou quieto por um momento. 'E eu penso . . . bem, o professor Lovell era um homem muito mau, não era? Você agiu em legítima defesa, não foi? E as coisas que ele fez com você, com seu irmão, com suas mães. . . . talvez ele merecesse morrer. Talvez o fato de você tê-lo matado primeiro tenha evitado que danos imprevistos atingissem outras pessoas. Mas essa realmente não é uma decisão sua. Isso é de Deus.

'Então o que eu faço?' Robin perguntou miseravelmente. 'O que eu *faço* ?'

“Não há nada que você possa fazer”, disse Ramy. 'Ele está morto, você o matou, e não há nada que você possa fazer para mudar isso, exceto orar a Deus por perdão.' Ele fez uma pausa, batendo os dedos no joelho. “Mas a questão agora é como proteger Victoire e Letty. E

você se entregar não faz isso, Birdie. Nem você se tortura sobre seu valor como ser humano. Lovell está morto e você está vivo, e talvez seja isso que Deus quis. E isso é o máximo de conforto que posso oferecer.

Os quatro se revezaram enlouquecendo. Havia uma regra tácita nesse jogo: era permitido que um deles quebrasse de cada vez, mas não todos de uma vez, pois o dever dos cabeças mais sensatas era acalmar o louco.

A maneira favorita de Ramy entrar em pânico era expressar todas as suas ansiedades com detalhes extravagantes e incrivelmente específicos. “Alguém irá para a cabana dele”, declarou ele. “Eles precisarão fazer uma pergunta a ele – algo fútil, algo sobre a data de chegada ou sobre o pagamento da passagem. Só que ele não estará lá, e eles vão nos perguntar sobre isso, e finalmente alguém vai ficar desconfiado e eles vão revistar todo o navio, e nós vamos fingir que também não temos ideia de para onde ele foi e eles ganharão.

Se não acreditar em nós, eles encontrarão as manchas de sangue. .

“Por favor”, disse Victoire. 'Por favor, pelo amor de Deus, pare.'

“Então eles nos enviarão para Newgate”, Ramy continuou, entoando grandiosamente como se narrasse um poema épico, “e o sino do Santo Sepulcro tocará doze vezes, e uma grande multidão se reunirá do lado de fora, e na manhã seguinte seremos enforcados. , um por um . . .'

A única maneira de fazer Ramy parar era deixá-lo terminar de narrar toda a fantasia doentia, o que ele sempre fazia, com descrições cada vez mais ridículas de suas execuções.

Na verdade, eles trouxeram algum alívio para Robin – foi relaxante, de certa forma, imaginar o pior que poderia acontecer, já que isso tirou o terror do desconhecido. Mas isso só irritou Victoire. Sempre que essas conversas ocorriam, ela não conseguia dormir. Então

seria a vez dela perder a cabeça, e ela os cutucaria para acordá-los às quatro da manhã, sussurrando que se sentia mal por manter Letty acordada, e eles teriam que sentar-se no convés com ela, sussurrando histórias fúteis sobre o que quer que fosse. veio à mente – o canto dos pássaros, Beethoven, fofocas departamentais – até o suave adiamento do amanhecer.

Os maus momentos de Letty foram os mais difíceis de lidar. Pois Letty, a única entre eles, não entendia por que Ramy e Victoire tinham vindo tão prontamente em defesa de Robin. Ela presumiu que eles protegeram Robin porque eram amigos. O único motivo que ela entendeu foi ter visto o professor Lovell confiscar a coleira de Robin em Cantão, e pais abusivos eram algo que ela e Robin tinham em comum.

Mas como ela via a morte do professor Lovell como um incidente isolado, e não como a ponta de um iceberg, ela tentava constantemente consertar a situação. “Tem que haver maneiras de confessar tudo”, ela dizia. 'Podemos dizer que o professor Lovell estava machucando Robin, que foi em legítima defesa? Que ele perdeu a cabeça por causa do estresse, que foi ele quem começou tudo e que Robin estava apenas tentando fugir? Todos nós testemunharíamos, é tudo verdade, eles teriam que absolvê-lo. . Robin, o que você acha?

“Mas não foi isso que aconteceu”, disse Robin.

'Mas você poderia *dizer* que foi o que aconteceu. .'

— Não vai funcionar — insistiu Ramy. 'É muito perigoso e, mais ainda, é um risco que absolutamente não precisamos correr.'

Como eles poderiam dizer que ela estava delirando? Que era uma loucura imaginar que o sistema jurídico britânico fosse verdadeiramente neutro, que eles receberiam um julgamento justo, que pessoas que se pareciam com Robin, Ramy e Victoire poderiam matar um professor branco de Oxford, atirar o seu corpo ao mar, mentir sobre isso por semanas e depois sair ileso? Que o fato de ela acreditar claramente em tudo isso era apenas uma evidência dos mundos totalmente diferentes em que viviam?

Mas como não podiam lhe contar a verdade, Letty não se intimidou. “Tive uma ideia nova”, anunciou ela depois que eles rejeitaram sua proposta de autodefesa. — Então, como todos vocês provavelmente sabem, meu pai é um homem muito importante. .

“Não”, disse Ramy.

'Apenas deixe-me terminar. Meu pai foi bastante influente em sua época. .

'Seu pai é um almirante aposentado, colocado no pasto. .'

— Mas ele ainda conhece pessoas — insistiu Letty. 'Ele poderia cobrar alguns favores. .'

'Que tipo de favores?' exigiu Ramy. '“Olá, juiz Blathers, o problema é o seguinte: minha filha e seus amigos estrangeiros sujos tiveram seu professor assassinado - um homem crucial para o Império, tanto financeiramente quanto diplomaticamente - então, quando eles forem julgados, precisarei que você apenas vá em frente e proclame-os inocentes. .”'

— Não precisa ser assim — retrucou Letty. — O que estou dizendo é que se contarmos a ele o que aconteceu e explicarmos que foi um acidente. .

'Um *acidente* ?' Ramy repetiu. — Você já encobriu acidentes antes? Eles simplesmente olham para o outro lado quando garotas brancas ricas matam pessoas? É assim que funciona, Letty? Além disso, você não está brigando com o almirante?

As narinas de Letty dilataram-se. 'Só estou tentando ajudar.'

— Nós sabemos — disse Robin rapidamente, desesperado para dissipar a tensão. — E

estou grato, de verdade. Mas Ramy está certo. Acho que é melhor mantermos tudo isso em segredo.

Letty, olhando fixamente para a parede, não disse nada.

De alguma forma, eles conseguiram voltar para a Inglaterra. Dois meses se passaram e uma manhã eles acordaram com Londres no horizonte, envolta em seus familiares tons de cinza sombrios.

Fingir a doença do professor Lovell durante a viagem revelou-se mais simples do que Victoire esperava; aparentemente era muito fácil convencer um navio inteiro de que um professor de Oxford tinha uma constituição notavelmente

fraca. Jemima Smythe, apesar de todos os seus esforços, finalmente se cansou de sua companhia fechada e não fez nenhum esforço para prolongar a separação. Os marinheiros quase não disseram uma palavra de despedida quando desembarcaram. Ninguém prestava muita atenção aos quatro estudantes desgastados pela viagem que atravessavam o Legal Quays, não quando havia mercadorias para descarregar e pagar para recolher.

“Mandamos o professor na frente para consultar um médico”, disse Letty ao capitão quando passaram por ele nas docas. — Ele disse. . ah, para agradecer pela viagem tranquila.

O capitão pareceu um pouco confuso com essas palavras, mas encolheu os ombros e dispensou-as.

'Uma viagem tranquila?' Ramy murmurou. ' *Uma viagem tranquila?* '

'Não consegui pensar em mais nada para dizer!'

— Fique quieto e ande — sibilou Victoire.

Robin tinha certeza de que tudo o que eles faziam gritava *Assassinos!* enquanto arrastavam os baús pelas tábuas. A qualquer momento, pensou ele, tonto; mais um passo, e lá estaria – um olhar desconfiado, uma enxurrada de passos, um grito de 'Ei, você! Você para!' Certamente eles não os deixariam escapar da *Hélade* tão facilmente.

Na costa, a apenas quatro metros de distância, estava a Inglaterra, estava o asilo, estava a liberdade. Assim que chegassem àquela margem, assim que desaparecessem na multidão, estariam livres. Mas isso era certamente impossível – os elos que os ligavam àquela maldita sala não podiam ser cortados tão facilmente. Eles poderiam?

O calçadão deu lugar a terra firme. Robin olhou por cima do ombro. Ninguém os seguiu.

Ninguém estava sequer olhando em sua direção.

Eles embarcaram em um ônibus para o norte de Londres, de onde pegaram um táxi para Hampstead. Eles concordaram, sem muita discussão, que primeiro passariam a noite na residência do professor Lovell em Hampstead quando

chegassem - eles chegaram tarde demais para pegar qualquer trem para Oxford, e Robin sabia que a Sra. Piper ainda estaria em Jericó e que o a chave reserva da propriedade estava escondida sob o vaso de flores Ming no jardim. Na manhã seguinte embarcariam num trem para Paddington e voltariam para a escola conforme planejado.

Durante a viagem passou pela cabeça de todos que restava uma opção óbvia – fugir, largar tudo e fugir do continente; subindo em um pacote com destino à América ou Austrália, ou retornando aos países de onde foram retirados.

— Poderíamos fugir para o Novo Mundo — propôs Ramy. 'Vá para o Canadá.'

“Você nem fala francês”, disse Letty.

— É francês, Letty. Ramy revirou os olhos. 'A filha mais frágil do latim. Quão difícil poderia ser?

- Teríamos que encontrar trabalho. – Victoire apontou. 'Não teremos mais nossos estipêndios; como viveríamos?'

Este era um bom ponto, e que de alguma forma eles haviam esquecido. Anos recebendo um estipêndio confiável os fizeram esquecer que só tinham o suficiente para viver por vários meses; fora de Oxford, num local onde o alojamento e as refeições já não eram fornecidos, não teriam nada.

'Bem, como outras pessoas encontram emprego?' Ramy perguntou. — Suponho que você vá até uma loja e responda a um anúncio?

“Você deve ter sido um aprendiz”, dissera Letty. 'Há um período de treinamento, eu acho, embora isso custe dinheiro. .'

— Então como encontrar um comerciante para contratá-los?

“Não sei”, dissera Letty, frustrada. 'Como eu iria saber? Não faço ideia.'

Não, nunca houve qualquer possibilidade real de eles deixarem a universidade. Apesar de tudo, apesar do risco muito real de serem presos, investigados, presos ou enforcados se regressassem a Oxford, não conseguiam conceber uma vida que não estivesse ligada à universidade. Pois eles não tinham mais nada. Eles não tinham habilidades; eles não tinham força nem temperamento para o

trabalho manual e não tinham conexões para encontrar emprego. Mais importante ainda, eles não sabiam como viver. Nenhum deles tinha a menor ideia de quanto custaria alugar quartos, comprar mantimentos para uma semana ou instalar-se em uma cidade que não fosse a universidade. Até agora, tudo isso foi resolvido para eles. Em Hampstead, havia a Sra. Piper, e em Oxford, havia os escoteiros e as arrumadeiras. Robin, de fato, teria dificuldade em explicar exatamente como alguém lavava a roupa.

No final das contas, eles simplesmente não conseguiam pensar em si mesmos como outra coisa senão estudantes, não conseguiam imaginar um mundo onde não pertencessem a Babel. Babel era tudo o que eles conheciam. Babel estava em casa. E embora soubesse que era estúpido, Robin suspeitava que não era o único que, no fundo, acreditava que, apesar de tudo, havia um mundo onde, uma vez que este problema acabasse, uma vez que todos os arranjos necessários tivessem sido feitos e as coisas fossem varridas para debaixo do tapete. , ele ainda poderia voltar para seu quarto em Magpie Lane, poderia acordar com o canto suave dos pássaros e a luz quente do sol entrando pela janela estreita e mais uma vez passar seus dias debruçado sobre nada além de línguas mortas.

Capítulo Vinte

A assistência e a informação que o senhor e o senhor Jardine tão generosamente nos forneceram devem-se principalmente ao facto de termos conseguido dar aos nossos assuntos navais, militares e diplomáticos, na China, as instruções detalhadas que conduziram a estes resultados satisfatórios.

S ECRETÁRIO ESTRANGEIRO P ALMERSTON , carta a John Abel Smith

Chovia muito quando eles desceram do táxi em Hampstead. Eles encontraram a casa do professor Lovell mais por pura sorte do que por qualquer outra coisa. Robin pensou que se lembraria facilmente da rota, mas três anos fora fizeram mais à sua memória do que ele imaginava, e as fortes chuvas faziam com que todas as residências parecessem iguais: molhadas, bloqueadas, cercadas por folhagens escorregadias e gotejantes. . Quando finalmente encontraram a casa de tijolos e estuque branco, estavam encharcados e tremendo.

'Aguentar.' Victoire puxou Ramy de volta no momento em que ele se dirigia para a porta. — Não deveríamos dar a volta pelos fundos? Caso alguém nos veja?

'Se eles nos veem, então eles nos veem, não é crime estar em Hampstead. .'

'É, se for óbvio que você não mora aqui...'

'Olá!'

Todos viraram a cabeça ao mesmo tempo, como gatinhos assustados. Uma mulher acenou para eles na porta da casa do outro lado da rua. “Olá”, ela chamou novamente. —

Você está procurando o professor?

Eles se entreolharam, em pânico; eles não haviam discutido uma resposta para esta ocasião. Queriam evitar qualquer associação com um homem cuja ausência logo despertaria considerável interesse. Mas de que outra forma poderiam justificar a sua presença em Hampstead?

— Estamos — disse Robin rapidamente, antes que o silêncio deles se tornasse suspeito.

'Somos alunos dele. Acabamos de voltar do exterior – ele nos disse para encontre-o aqui quando voltarmos, só que está ficando tarde e não há ninguém na porta.

'Ele provavelmente está na universidade.' A expressão da mulher era bastante amigável; ela só parecia hostil porque estava gritando por cima da chuva. — Ele fica aqui apenas algumas semanas por ano. Fique ali mesmo.'

Ela se virou e correu de volta para dentro de sua casa. A porta se fechou atrás dela.

— Droga — murmurou Ramy. 'O que você está fazendo?'

‘Achei que seria melhor ficar perto da verdade. .’

— Um pouco perto *demais* da verdade, não acha? O que acontece se alguém a questionar?

— O que você quer fazer então? Correr?

Mas a mulher já havia voltado para fora. Ela atravessou a rua correndo em direção a eles, protegendo-se da chuva com o cotovelo. Ela estendeu a palma da

mão para Robin.

'Olha Você aqui.' Ela abriu os dedos, revelando uma chave. 'Essa é a reserva dele. Ele é tão desmiolado – eles me pediram para manter um à mão para quando ele perder o seu.

Coitadinhos.

— Obrigado — disse Robin, surpreso com a boa sorte deles. Então uma lembrança o atingiu e ele deu um palpite. — Você é a Sra. Clemens, não é?

Ela sorriu. 'Eu certamente estou!'

'Certo, está certo - ele disse para perguntar se não conseguimos encontrar a chave. Só que não conseguimos descobrir em que casa você estava.

— Ainda bem que eu estava observando a chuva, então. Ela tinha um sorriso largo e amigável; qualquer suspeita, se alguma vez existiu, desapareceu de seu rosto. “Gosto de olhar para o exterior quando toco piano. O mundo informa minha música.

“Certo”, ele disse novamente, muito tonto e aliviado para processar essa afirmação.

'Bem, muito obrigado.'

'Ah, não é nada. Ligue se precisar de alguma coisa. Ela acenou primeiro para Robin e depois para Letty (ela parecia nem ver Ramy ou Victoire, pelo que Robin supôs que eles só podiam estar gratos) e voltou para o outro lado da rua.

— Como você sabia? Victória murmurou.

“A Sra. Piper escreveu sobre ela”, disse Robin enquanto arrastava seu malão pelo jardim da frente. “Disse que uma nova família se mudou para cá e que a esposa é um tipo solitário e excêntrico. Acho que ela vem aqui quase todas as tardes para tomar chá, quando o professor está aqui.

“Bem, graças a Deus você escreve para sua governanta”, disse Letty.

— Verdade — disse Robin, e destrancou a porta.

Robin não voltara à casa em Hampstead desde que partira para Oxford, e tudo parecia ter mudado muito durante a sua ausência. Era bem menor do que ele se lembrava, ou talvez ele apenas tivesse ficado mais alto. A escada não era uma espiral tão interminável e os tetos altos não induziam uma sensação tão pesada de solidão. Estava muito escuro lá dentro; todas as cortinas estavam fechadas e lençóis puxados sobre os móveis para protegê-los da poeira. Eles tatearam um pouco no escuro – a Sra. Piper sempre acendia as luminárias e as velas, e Robin não tinha a menor ideia de onde ela guardava os fósforos. Por fim, Victoire encontrou algumas pederneiras e castiçais na sala e de lá conseguiram acender a lareira.

— Diga, Birdie — disse Ramy. 'O que é tudo isso? . . coisa?'

Ele se referia à chinoiserie. Robin olhou ao redor. A sala estava repleta de leques pintados, pergaminhos pendurados e vasos de porcelana, esculturas e bules. O efeito foi uma recriação berrante de uma casa de chá de Cantão justaposta sobre uma base de mobília inglesa. Eles sempre estiveram lá? Robin não sabia como ele não percebeu isso quando criança. Talvez, recém-chegado de Cantão, ele não tivesse achado tão óbvia a separação entre dois mundos; talvez tenha sido só agora, depois de uma imersão total na mais inglesa das universidades, que ele desenvolveu um sentido mais aguçado do estrangeiro e do exótico.

“Suponho que ele era um colecionador”, disse Robin. 'Ah, agora me lembro: ele adorava contar aos convidados sobre suas aquisições, de onde elas vieram e suas histórias específicas. Ele estava muito orgulhoso.

“Que estranho”, disse Ramy. 'Amar as coisas e a língua, mas odiar o país.'

“Não é tão estranho quanto você imagina”, disse Victoire. 'Afinal, existem pessoas e também existem coisas.'

Uma expedição às cozinhas não encontrou nada para comer. A Sra. Piper não teria estocado provisões enquanto ainda estivesse na casa de Oxford. A casa de Hampstead tinha um problema persistente com ratos, lembrou Robin, nunca resolvido porque o professor Lovell detestava gatos, e a Sra. Piper odiava deixar produtos perecíveis à sua mercê. Ramy encontrou uma lata de café moído e um pote de sal, mas nada de açúcar. Eles fizeram e beberam o café de qualquer maneira. Isso apenas aguçou a fome deles, mas pelo menos os manteve alertas.

Eles tinham acabado de lavar e secar as canecas vazias – Robin não sabia por

que eles estavam limpando quando o dono deste lugar iria nunca voltaram para casa, mas ainda assim parecia errado deixar uma bagunça – quando ouviram uma batida forte na porta.

Todos eles pularam. A aldrava parou e depois bateu novamente com firmeza, três vezes seguidas.

Ramy levantou-se de um salto e pegou o atiçador de fogo.

'O que você está fazendo?' Letty sibilou.

'Bem, supondo que eles entrem. .'

'Só não abra a porta, vamos fingir que não há ninguém aqui...'

'Mas todas as luzes estão acesas, seu idiota-'

'Então olhe pela janela primeiro. .'

'Não, então eles vão nos ver. .'

'Olá?' A aldrava gritou através da porta. 'Você pode me ouvir?'

Eles cederam de alívio. Era apenas a Sra. Clemens.

'Eu atendo.' Robin se levantou e lançou um olhar furioso para Ramy. 'Afaste isso.'

Seu gentil vizinho estava encharcado na soleira da porta, carregando um guarda-chuva frágil e ineficaz em uma das mãos e uma cesta coberta na outra. — Notei que você não trouxe provisões. Ele sempre deixa a despensa vazia quando sai, problema de rato.

'EU . . . Eu vejo.' A Sra. Clemens era muito tagarela. Robin esperava que ela não quisesse entrar.

Quando ele não disse mais nada, ela estendeu a cesta para ele. — Acabei de pedir à minha namorada, Fanny, que remende o que temos em mãos. Tem um pouco de vinho, um queijo duro e um queijo mole, o pão desta manhã – crocante, infelizmente – e algumas azeitonas e sardinhas. Se quiser pão

fresquinho, terá que tentar novamente pela manhã, mas se quiser vir me avisar para que Fanny mande buscar mais manteiga fresca, estamos quase acabando.

“Obrigado”, disse Robin, bastante surpreso com essa generosidade. 'É muita gentileza da sua parte.'

— Claro — disse a Sra. Clemens prontamente. 'Você pode me dizer quando o professor estará de volta? Preciso conversar com ele sobre suas sebes.

Robin ficou sem expressão. 'EU . . . não sei.

— Você não disse que chegaria na frente dele?

Robin não sabia o que dizer. Ele sentiu vagamente que quanto menos rastro oral eles deixassem, melhor - ele já havia dito ao capitão que o professor Lovell havia ido na frente deles, e eles pretendiam contar ao corpo docente de Babel que o professor Lovell ainda

estava em Hampstead, então era poderia ser muito perigoso se a senhora deputada Clemens apresentasse um relato completamente diferente. Mas quem iria questionar as três partes? Se a polícia tivesse chegado tão longe, os quatro já não estariam detidos?

Letty veio em seu socorro. - Pode ser já na segunda-feira - disse ela, empurrando-o para o lado. — Mas ouvimos nas docas que o navio dele poderia estar atrasado. . o mau tempo sobre o Atlântico, você sabe. . então ainda pode levar semanas.

“Que inconveniente”, disse a Sra. Clemens. — Você vai ficar tanto tempo, então?

'Oh, não, vamos voltar para a escola amanhã. Deixaremos um bilhete na mesa da sala de jantar antes de irmos.

'Muito prudente. Bem, boa noite - disse a Sra. Clemens alegremente, e voltou para a chuva.

Devoraram o queijo e as azeitonas em segundos. O pão estava duro e precisava ser mastigado, o que os deixava mais lentos, mas em minutos isso também acabou. Então eles olharam para a garrafa de vinho com grande desejo, divididos

entre saber que deveriam ficar atentos e querer desesperadamente ficar bêbados, até que Ramy assumiu a responsabilidade e a escondeu na despensa.

A essa altura já eram onze e meia. Em Oxford, todos ainda ficavam acordados por horas, debruçados sobre suas tarefas ou rindo nos quartos uns dos outros. Mas estavam todos exaustos e com muito medo de se separarem e irem para quartos separados, então revistaram a casa em busca de todos os cobertores e travesseiros que encontraram e os empilharam na sala de estar.

Decidiram dormir em turnos, com uma pessoa sempre acordada para vigiar. Nenhum deles realmente acreditava que a polícia pudesse invadir as portas – e não importava que houvesse pouco que pudessem fazer sobre isso se isso acontecesse – mas era bom ser pelo menos minimamente prudente.

Robin se ofereceu para ir primeiro. No início, nenhum deles conseguia ficar quieto, todos nervosos por causa do café e do nervosismo, mas logo o cansaço tomou conta deles e, em poucos minutos, suas ansiedades murmuradas deram lugar a uma respiração profunda e uniforme. Letty e Victoire estavam jogadas juntas no sofá, a cabeça de Victoire no braço de Letty. Ramy dormia no chão ao lado de Robin, o corpo enrolado no sofá como um parêntese protetor. A visão de todos eles juntos fez o peito de Robin doer.

Ele esperou meia hora, observando seus peitos subirem e descerem, antes de ousar se levantar. Ele argumentou que era seguro deixar seu posto. Se alguma coisa acontecesse, ele ouviria do outro lado da casa – a chuva agora havia diminuído e a casa estava em um silêncio mortal. Segurando o seu Sem fôlego, ele saiu da sala na ponta dos pés e subiu as escadas até o escritório do professor Lovell.

Estava tão apertado e bagunçado quanto ele se lembrava. Em Oxford, o professor Lovell mantinha seu escritório com certa aparência de ordem, mas em casa deixava que suas coisas evoluíssem para um estado de caos controlado. Papéis soltos estavam espalhados pelo chão; os livros estavam empilhados em volta das prateleiras, alguns abertos, outros fechados em torno de canetas enfiadas dentro para marcar as páginas.

Robin atravessou a sala até a mesa do professor Lovell. Ele nunca esteve por trás disso; ele só ficava sentado ali, com as mãos cruzadas nervosamente no colo. A mesa parecia

irreconhecível do outro lado. Uma pintura emoldurada estava apoiada no canto direito –

não, não era uma pintura, era um daguerreótipo. Robin tentou não olhar de perto, mas não pôde deixar de vislumbrar o contorno de uma mulher de cabelos escuros e dois filhos. Ele baixou o quadro.

Ele folheou os papéis soltos sobre a mesa. Não eram nada interessantes: notas sobre poemas da dinastia Tang e inscrições em ossos de oráculos, ambos projetos de pesquisa que Robin sabia que o professor Lovell estava realizando em Oxford. Ele experimentou a gaveta da direita. Ele esperava que estivesse trancado, mas abriu sem problemas.

Escondidos dentro havia maços e mais maços de cartas. Ele os puxou e os segurou contra a luz do lampião, um por um, sem saber o que estava procurando, ou mesmo o que esperava ver.

Ele só queria uma foto do homem. Ele só queria saber quem era seu pai.

A maior parte da correspondência do professor Lovell foi com professores de Babel e representantes de diversas empresas comerciais – um punhado com a Companhia das Índias Orientais, mais com representantes da Magniac & Co., mas a maior parte era de homens da Jardine & Matheson. Estes foram bastante interessantes. Ele leu cada vez mais rápido enquanto avançava pela pilha, folheando as sutilezas iniciais em busca de frases críticas enterradas nos parágrafos do meio——

. . . O bloqueio de Gützlaff pode funcionar. . . levaria apenas treze navios de guerra, embora a questão seja o tempo e as despesas. . . Simples demonstração de força. . .

Lindsay quer constrangê-los com uma retirada diplomática, mas certamente isso coloca em risco os únicos agentes alfandegários que ficaram para trás. . . traga-os até a borda e eles recuarão. . . não deve ser difícil dizimar uma frota dirigida por marinheiros que nem sabem o que são navios a vapor. . .

Robin exalou lentamente e recostou-se na cadeira.

Duas coisas estavam claras. Primeiro, não havia ambigüidade sobre quais eram esses documentos. Uma carta do reverendo Gützlaff de quatro meses atrás

continha um esboço detalhado das principais docas de Cantão. Do outro lado havia uma lista de todos os navios conhecidos da marinha chinesa. Estas não eram hipóteses da política britânica para a China. Estes eram planos de guerra. Estas cartas incluíam relatos completos das defesas costeiras do governo Qing, relatórios detalhando o número de juncos defendendo as estações navais, o número e localização dos fortes nas ilhas vizinhas e até mesmo o número preciso de tropas estacionadas em cada uma.

Em segundo lugar, a voz do Professor Lovell emergiu como uma das mais agressivas entre os seus interlocutores. Inicialmente, Robin concebera uma esperança tola e infundada de que talvez esta guerra não fosse ideia do professor Lovell, e que talvez ele estivesse insistindo para que parassem. Mas o Professor Lovell foi bastante eloquente, não só sobre os muitos benefícios de tal guerra (incluindo os vastos recursos linguísticos que então estariam à sua disposição), mas também sobre a facilidade com que os "chineses, lânguidos e preguiçosos, com um exército sem um pingo de bravura ou disciplina, pode ser derrotado". Seu pai não era simplesmente um estudioso envolvido em hostilidades comerciais. Ele ajudou a projetá-los. Uma carta não enviada, escrita com a letra minúscula e elegante do professor Lovell e endereçada a Lord Palmerston, dizia:

A frota chinesa consiste em juncos obsoletos cujos canhões são demasiado pequenos para serem apontados eficazmente. Os chineses têm apenas um navio digno de combater a

nossa frota, o navio mercante Cambridge, comprado aos americanos, mas não têm marinheiros que o possam manejar. Nossos agentes relatam que ela está parada na baía.

Faremos um trabalho rápido com ela com o Nemesis.

O coração de Robin batia muito rápido. Ele se sentiu tomado por uma súbita necessidade de descobrir tudo o que pudesse, de determinar toda a extensão dessa conspiração. Ele leu freneticamente a pilha; quando as cartas acabaram, ele puxou outra pilha de correspondência da gaveta esquerda. Revelou muito do mesmo. A conveniência da guerra nunca foi uma questão, apenas o seu timing e a dificuldade de persuadir o Parlamento a agir. Mas algumas dessas cartas datavam de 1837. Como é que Jardine, Matheson e Lovell sabiam que as negociações em Cantão iriam rebentar em hostilidades há mais de dois anos?

Mas isso era óbvio. Eles sabiam porque essa era a intenção deles junto. Eles queriam hostilidades porque queriam prata e, sem alguma mudança milagrosa na mente do Imperador Qing, a única maneira de conseguir isso era apontar suas armas contra a China.

Eles planejaram a guerra antes mesmo de partirem. Eles nunca quiseram negociar de boa fé com o comissário Lin. Essas conversações foram apenas um pretexto para hostilidades.

Esses homens financiaram a viagem do professor Lovell a Cantão como uma expedição final antes de apresentarem o projeto de lei ao Parlamento. Esses homens contavam com o professor Lovell para ajudá-los a vencer uma guerra curta, brutal e eficiente.

O que aconteceria quando soubessem que o professor Lovell nunca mais voltaria?

'O que é isso?'

Robin olhou para cima. Ramy estava parado na porta, bocejando.

“Você ainda tem uma hora antes da sua vez”, disse Robin.

'Não consegui dormir. E essas mudanças são um absurdo de qualquer maneira, ninguém virá nos buscar esta noite. Ramy juntou-se a Robin atrás da mesa do professor Lovell. — Estamos vasculhando, não é?

'Olhar.' Robin bateu nas letras. 'Leia isto.'

Ramy pegou uma carta do topo da pilha, folheou-a e sentou-se em frente a Robin para ver o resto mais de perto. 'Deus do céu.'

“São planos de guerra”, disse Robin. “Todos estão envolvidos nisso, todos que conhecemos em Cantão – vejam, aqui estão as cartas dos Reverendos Morrison e Gützlaff –

eles têm usado seus disfarces como missionários para espionar os militares Qing. Gützlaff tem até subornado informantes para que lhe contem detalhes sobre o envio de tropas chinesas, quais comerciantes chineses influentes estão contra os britânicos e até mesmo quais casas de penhores seriam bons lugares para atacar.

'Gützlaff?' Ramy bufou. 'Realmente? Eu não sabia que German tinha isso dentro dele.

«Há também panfletos para angariar o apoio público à guerra – vejam, aqui Matheson chama os chineses de “um povo caracterizado por um grau maravilhoso de imbecilidade, avareza, presunção e obstinação”. E aqui alguém chamado Goddard escreve que a implantação de navios de guerra seria uma “visita tranquila e criteriosa”. Imagine. *Uma visita tranquila e criteriosa* . Que maneira de descrever uma invasão violenta.'

'Incrível.' Os olhos de Ramy percorreram os documentos de cima a baixo enquanto ele folheava cada vez mais rápido. 'Faz você se perguntar por que eles nos enviaram em primeiro lugar.'

“Porque eles ainda precisavam de um pretexto”, disse Robin. Estava caindo lugar agora.

Era tudo tão claro, tão ridiculamente simples que ele teve vontade de se culpar por não ter percebido antes. “Porque eles ainda precisavam de algo para levar ao Parlamento para provar que a única maneira de conseguirem o que queriam era pela força pura. Eles queriam que Baylis humilhasse Lin, e não se comprometesse com ele. Eles queriam convencer Lin a declarar hostilidades primeiro.

Ramy bufou. "Só que eles não contavam com Lin explodindo todo aquele ópio no porto."

“Não”, disse Robin. — Mas suponho que, de qualquer maneira, eles estão conseguindo a causa justa que queriam.

“Aí está você”, disse Victoire.

Ambos pularam, assustados.

'Quem está vigiando a porta?' perguntou Robin.

'Vai ficar tudo bem, ninguém vai invadir às três da manhã. E Letty saiu como um tronco.

Victoire atravessou a sala e olhou para a pilha de cartas. 'Quem são esses?'

Ramy fez um gesto para que ela se sentasse. 'Você vai ver.'

Victoire, assim como Ramy, começou a ler cada vez mais rápido quando percebeu o que estava olhando. — Ah, meu Deus. Ela tocou os lábios com os dedos. 'Então você acha. . então eles nunca. .'

“Certo”, disse Robin. 'Foi tudo para mostrar. Não fomos feitos para negociar a paz.

Ela deu uma sacudida impotente nos papéis. 'Então o que fazemos com isso?'

'O que você quer dizer?' Robin perguntou.

Ela lançou-lhe um olhar perplexo. 'Estes são planos de guerra.'

“E nós somos estudantes”, ele respondeu. 'O que *podemos* fazer?'

Houve um longo silêncio.

'Ah, passarinho.' Ramy suspirou. 'O que estamos fazendo aqui? Para onde achamos que estamos voltando?

Oxford foi a resposta. Oxford, que era o que todos concordaram, porque quando ficaram presos na *Hélade* , com o cadáver do professor afundando nas profundezas do oceano atrás deles, a promessa de um retorno ao normal e familiar foi o que os manteve. calma, uma ilusão compartilhada de estabilidade que os impediu de enlouquecer. Todo o seu planejamento sempre terminava na chegada segura à Inglaterra. Mas não podiam continuar a contornar a questão, não podiam manter a fé cega e ridícula de que, se voltassem para Oxford, tudo ficaria bem.

Não havia como voltar atrás. Todos eles sabiam disso. Não havia mais como fingir, nem se esconder em seu canto supostamente seguro do mundo enquanto crueldade e exploração inimagináveis continuaram além. Havia apenas a vasta e assustadora teia do império colonial e as exigências da justiça para lhe resistir.

'Então o que?' perguntou Robin. 'Onde vamos?'

'Bem', disse Victoire, 'a Sociedade Hermes.'

Parecia tão óbvio quando ela disse isso. Somente Hermes poderia saber o que fazer com isso. A Sociedade Hermes, que Robin traíra, e que talvez nem estivesse disposta a aceitá-los de volta, foi a única entidade que encontraram que alguma vez professou preocupar-se com o problema do colonialismo. Aqui estava uma saída, uma segunda oportunidade rara e imerecida de fazer boas escolhas erradas – se ao menos conseguissem encontrar Hermes antes que a polícia os encontrasse.

— Estamos de acordo, então? Victoire olhou para frente e para trás entre eles. —

Oxford, depois Hermes. . e depois tudo o que Hermes precisar de nós, certo?

— Sim — disse Ramy com firmeza.

“Não”, disse Robin. 'Não, isso é uma loucura. Preciso me entregar, preciso ir à polícia o mais rápido possível. .

Ramy zombou. 'Já passamos por isso, indefinidamente. Você se entrega e o quê?

Esquecer que Jardine e Matheson estão tentando iniciar uma guerra? Isto é maior do que nós agora, Birdie. Maior que voce. Você tem obrigações.

— Mas é só isso — insistiu Robin. — Se eu me entregar, isso tirará a pressão de vocês dois. Isso separa esta guerra do ópio do assassinato, não percebe? Isso liberta você. .

“Pare com isso”, disse Victoire. 'Não vamos deixar você.'

— Claro que não — disse Ramy. 'Além disso, isso é egoísmo: você não pode escolher o caminho mais fácil.'

'Como isso é *fácil* ?'

“Você quer fazer a coisa certa”, disse Ramy, otimista. 'Você sempre faz. Mas você acha que a coisa certa é o martírio. Você acha que se sofrer o suficiente por quaisquer pecados que cometeu, então estará absolvido.

'Eu *não*- '

— Foi por isso que você assumiu a responsabilidade por nós naquela noite. Cada

vez que você se depara com algo difícil, você só quer fazer com que isso desapareça e pensa que a maneira de fazer isso é a autoflagelação. Você está obcecado com punição. Mas não é assim que funciona, Birdie. Você ir para a prisão não resolve nada. Você pendurado na forca não resolve nada. O mundo ainda está quebrado. Uma guerra ainda está por vir. A única maneira de fazer as pazes adequadamente é pará-lo, o que você não quer fazer, porque na verdade o que se trata é você ter medo.

Robin achou isso extremamente injusto. 'Eu só estava tentando salvar você naquela noite.'

— Você estava tentando se livrar da situação — disse Ramy, de maneira nada indelicada. 'Mas tudo o que o sacrifício faz é fazer você se sentir melhor. Isso não ajuda o resto de nós, então é um gesto sem sentido. Agora, se você terminou com as grandes tentativas de martírio, acho que deveríamos discutir. . .'

Ele parou. Victoire e Ramy seguiram seu olhar até a porta, onde Letty estava parada, com as mãos apertadas contra o peito. Nenhum deles sabia há quanto tempo ela estava lá.

Seu rosto estava muito pálido, exceto por duas manchas coloridas no alto das bochechas.

“Ah”, disse Ramy. — Achamos que você estava dormindo.

A garganta de Letty pulsou. Ela parecia prestes a explodir em soluços. 'O que', ela perguntou em um sussurro trêmulo, 'é a Sociedade Hermes?'

'Mas eu não entendo.'

Letty vinha repetindo isso nos últimos dez minutos em intervalos regulares. Não importava como explicassem – a necessidade da Sociedade Hermes e as inúmeras razões pelas quais tal organização tinha que existir nas sombras – ela continuava balançando a cabeça, os olhos vazios e sem compreender. Ela não parecia indignada ou chateada, mas

sim verdadeiramente perplexa, como se estivessem tentando convencê-la de que o céu era verde. 'Eu não entendo. Você não ficou feliz em Babel?

'Feliz?' Ramy repetiu. — Suponho que ninguém nunca lhe perguntou se sua pele

foi lavada com suco de nozes.

— Ah, Ramy, é mesmo? Seus olhos se arregalaram. 'Mas eu nunca ouvi... mas sua pele é linda. .'

— Ou disse que você não tinha permissão para entrar em uma loja, por motivos pouco claros — continuou Ramy. 'Ou faça um grande círculo ao seu redor na calçada, como se você tivesse pulgas.'

“Mas isso é apenas o fato de os oxfordianos serem estúpidos e provincianos”, disse Letty, “isso não significa. .”

— Eu sei que você não percebe — disse Ramy. — E eu não espero que você faça isso, esse não é o seu destino na vida. Mas a questão não é se fomos felizes em Babel. É sobre o que a nossa consciência exige.

'Mas Babel deu tudo a você.' Letty parecia incapaz de superar esse ponto. 'Você tinha tudo o que queria, você tinha tantos *privilégios*- '

'Não o suficiente para nos fazer esquecer de onde viemos.'

— Mas as bolsas. . quero dizer, sem essas bolsas todos vocês teriam ficado. . não entendo. .

— Você deixou isso bem claro — Ramy retrucou. — Você é uma verdadeira princesinha, não é? Grandes propriedades em Brighton, verões em Toulouse, porcelana nas prateleiras e Assam nas xícaras? Como você poderia entender? Seu povo colhe os frutos do Império. Os nossos não. Então cale a boca, Letty, e ouça o que estamos tentando lhe dizer. Não é certo o que estão fazendo aos nossos países.' Sua voz ficou mais alta, mais dura. 'E não é certo que eu seja treinado para usar as minhas línguas em seu benefício, para traduzir leis e textos para facilitar o seu governo, quando há pessoas na Índia, na China e no Haiti e em todo o Império e no mundo que estão com fome e morrendo de fome porque os britânicos prefeririam colocar prata em seus chapéus e cravos do que em qualquer lugar onde pudesse fazer algum bem.

Letty aceitou isso melhor do que Robin pensava. Ela ficou sentada em silêncio por um momento, piscando, os olhos arregalados. Então suas sobrancelhas franziram e ela perguntou: 'Mas. . . mas se a questão é a desigualdade, então você não poderia ter cursado a universidade? Existem todos os tipos de

programas de ajuda, grupos missionários. Existe *filantropia* , você sabe, por que não poderíamos simplesmente ir aos governos coloniais e. .

“Isso é um pouco difícil quando o objetivo da instituição é preservar o Império”, disse Victoire. 'Babel não faz nada que não seja benéfico para si mesma.'

“Mas isso não é verdade”, disse Letty. 'Eles contribuem para a caridade o tempo todo, eu sei, o professor Leblanc estava liderando pesquisas sobre o sistema hidráulico de Londres para que os cortiços não ficassem tão doentes, e há sociedades humanitárias em todo o mundo. . ' *

'Você sabia que Babel vende barras para traficantes de escravos?' Vitória interrompeu.

Letty piscou para ela. 'O que?'

“ *Capital* ”, disse Victoire. 'O latim *capitale* , derivado de *caput* , torna-se o francês antigo *chatel* , que em inglês se torna *bens móveis* . O gado e a propriedade tornam-se riqueza. Eles escrevem isso nas barras, amarram-no com a palavra *gado* e depois fixam essas barras em

correntes de ferro para que os escravos não possam escapar. Você sabe como? Isso os torna dóceis. Como animais.'

'Mas isso é . . .' Letty piscava muito rapidamente agora, como se tentasse tirar um grão de poeira do olho. — Mas, querida Victoire, o tráfico de escravos foi abolido em 1807. *

— E você acha que eles simplesmente pararam? Victoire fez um barulho que era meio risada, meio soluço. 'Você não acha que vendemos bares para a América? Você acha que os fabricantes britânicos ainda não lucram com algemas e ferros? Você não acha que há pessoas que ainda mantêm escravos na Inglaterra e que simplesmente conseguem esconder bem isso?

'Mas os estudiosos de Babel não iriam. .'

“É exatamente isso que os estudiosos de Babel fazem”, disse Victoire com maldade. 'Eu deveria saber. É o tipo de coisa em que nosso supervisor estava trabalhando. Cada vez que me encontrava com Leblanc, ele mudava de assunto para suas preciosas barras móveis. Ele disse que achava que eu poderia ter uma

visão especial. Ele até perguntou uma vez se eu os colocaria. Ele disse que queria ter certeza de que funcionava com os negros.

'Por que você não me contou?'

— Letty, eu tentei. A voz de Victoire falhou. Havia tanta dor em seus olhos. E isso deixou Robin profundamente envergonhado, pois só agora ele viu o padrão cruel da amizade deles.

Robin sempre teve Ramy. Mas no final das contas, quando eles se separaram, Victoire só tinha Letty, que sempre professava amá-la, adorá-la absolutamente, mas que não conseguia ouvir nada do que ela dizia se não estivesse de acordo com o que ela já via. o mundo.

E onde estavam ele e Ramy? Desviando o olhar, sem perceber, esperando secretamente que as meninas simplesmente parassem de brigar e seguissem em frente. Ocasionalmente, Ramy atacava Letty, mas apenas para sua própria satisfação. Nunca nenhum dos dois parou para considerar o quão profundamente sozinha Victoire deve ter se sentido durante todo esse tempo.

- Você não se importou – continuou Victoire. — Letty, você nem se importa que nossa senhoria não me deixe usar o banheiro interno. .

'O que? Isso é ridículo, eu teria notado. .

“Não”, disse Victória. — Você não fez isso. Você nunca fez isso, Letty, e esse é o ponto. E

estamos pedindo agora que finalmente, por favor, *ouça* o que estamos tentando lhe dizer.

Por favor, acredite em nós.

Letty, pensou Robin, estava perto do limite. Ela estava ficando sem argumentos. Ela tinha a aparência de um cachorro encurralado em um canto. Mas seus olhos dispararam ao redor, procurando desesperadamente uma fuga. Ela encontraria qualquer desculpa frágil, aceitaria qualquer lógica alternativa complicada antes de abandonar suas ilusões.

Ele sabia, porque não muito tempo atrás, ele tinha feito o mesmo.

“Então há uma guerra”, disse ela após uma pausa. 'Você tem certeza absoluta de que haverá uma guerra.'

Robin suspirou. — Sim, Letty.

'E é absolutamente obra de Babel.'

'Você mesmo pode ler as cartas.'

— E o que. . o que a Sociedade Hermes vai fazer a respeito?

“Não sabemos”, disse Robin. “Mas eles são os únicos que *podem* fazer algo a respeito.

Levaremos esses documentos para eles, contaremos tudo o que sabemos. .

'Mas por que?' Letty persistiu. 'Por que envolvê-los? Devíamos fazer isso nós mesmos.

Devíamos fazer panfletos, devíamos ir ao Parlamento – há milhares de opções que temos além de passar por algumas. . . algum círculo secreto de ladrões. Este grau de conluio, de corrupção – se o público soubesse, não estaria a favor disso, tenho a certeza. Mas operar clandestinamente, roubar da universidade – isso só dói sua causa, não é? Por que você não pode simplesmente ir a público?

Eles ficaram em silêncio por um momento, todos se perguntando quem contaria primeiro a Letty.

Victoire assumiu a tarefa. “Pergunto-me”, disse ela, muito lentamente, “se alguma vez leu alguma literatura sobre a abolição publicada antes de o Parlamento finalmente proibir a escravatura.”

Letty franziu a testa. 'Não vejo como.' . .'

“Os Quakers apresentaram a primeira petição antiescravatura ao Parlamento em 1783”, disse Victoire. 'Equiano publicou suas memórias em 1789. Acrescente isso às inúmeras histórias de escravos que os abolicionistas contavam ao público britânico – histórias das mais cruéis e terríveis torturas que você pode infligir a um ser humano. Porque o simples facto de a liberdade ser negada aos negros não era suficiente. Eles precisavam ver o quão grotesco aquilo era. E mesmo assim,

levaram décadas para finalmente proibir o comércio. E

isso é *escravidão* . Comparada a isso, uma guerra em Cantão pelos direitos comerciais não parecerá nada. Não é romântico. Não há romancistas escrevendo sagas sobre os efeitos do vício do ópio nas famílias chinesas. Se o Parlamento votar para forçar a abertura dos portos de Cantão, parecerá que o comércio livre funciona como deveria. Portanto, não me diga que o público britânico, se soubesse, faria qualquer coisa.

“Mas isto é uma guerra”, disse Letty. 'Certamente isso é diferente, certamente isso provocará indignação. .'

“O que você não entende”, disse Ramy, “é o quanto pessoas como você vão desculpar se isso significa apenas que podem colocar chá e café na mesa do café da manhã. Eles não se importam, Letty. Eles simplesmente não se importam.

Letty ficou quieta por um longo tempo. Ela parecia lamentável, abatida e frágil, como se tivesse acabado de ser informada de uma morte na família. Ela soltou um suspiro longo e trêmulo e olhou para cada um deles. — Entendo por que você nunca me contou.

— Ah, Letty. Victoire hesitou, depois estendeu a mão e colocou a mão no ombro de Letty. 'Não foi assim.'

Mas ela parou aí. Estava claro que Victoire não conseguia pensar em nada mais tranquilizador para dizer. Não havia mais nada a dizer, exceto a verdade, que era claro que eles não teriam confiado nela. Que apesar de toda a sua história, apesar de todas as suas declarações de amizade eterna, eles não tinham como saber que lado ela tomaria.

- Já decidimos - disse Victoire gentilmente, mas com firmeza. “Vamos levar isso para Hermes assim que chegarmos em Oxford. E você não tem que ir conosco – não podemos forçá-lo a correr esse risco; sabemos que você já sofreu muito. Mas se você não estiver conosco, pedimos que pelo menos guarde nossos segredos.

'O que você quer dizer?' Letty chorou. 'Claro que estou com você. Vocês são meus amigos, estou com vocês até o fim.'

Então ela abraçou Victoire e começou a chorar tempestuosamente. Victoire enrijeceu, parecendo perplexa, mas depois de um momento levantou os braços e

retribuiu o abraço cauteloso.

'Desculpe.' Letty fungou entre soluços. 'Sinto muito, sinto muito. . .'

Ramy e Robin assistiram, sem saber o que fazer com isso. Em outra pessoa teria sido performático, até repugnante, mas com Letty, eles sabiam que não era uma farsa. Letty não conseguia chorar sob comando; ela não conseguia nem fingir emoções básicas sob comando. Ela era muito rígida, muito transparente; eles sabiam que ela era incapaz de agir de outra forma senão como se sentia. Então foi catártico vê-la desmoronar daquele jeito, sabendo que finalmente ela entendia como todos se sentiam. Foi um alívio ver que nela eles ainda tinham uma aliada.

Ainda assim, algo não parecia certo, e Robin percebeu pelos rostos de Victoire e Ramy que eles também pensavam assim. Demorou um momento para ele perceber o que o irritava e, quando o fizesse, isso o incomodaria constantemente, agora e depois; pareceria um grande paradoxo o fato de que depois de tudo que contaram a Letty, de toda a dor que compartilharam, era ela quem precisava de conforto.

Capítulo Vinte e Um

Ó vós, torres de Oxford! Cúpulas e torres!

Jardins e bosques! Sua presença domina

A sobriedade da razão

W ILLIAM W ORDSWORTH , 'Oxford, 30 de maio de 1820'

O retorno deles a Oxford na manhã seguinte rapidamente se transformou em uma comédia de erros, muitos dos quais poderiam ter sido evitados se eles não estivessem exaustos demais, com fome ou irritados um com o outro para se comunicarem. Suas bolsas estavam acabando, então eles passaram uma hora discutindo se seria prudente pegar emprestada a carruagem da Sra. Clemens para a estação Paddington, até que desistiram e desembolsaram a passagem dos táxis. Mas era difícil encontrar táxis em Hampstead nas manhãs de domingo, o que significava que só chegavam à estação dez minutos depois da partida do trem de Oxford. O trem seguinte estava lotado e o seguinte foi atrasado por uma vaca que havia entrado nos trilhos, o que significava que eles só chegariam a Oxford depois da meia-noite.

Um dia inteiro, desperdiçado.

Eles passavam o tempo em Londres, migrando de cafeteria em cafeteria para não atrair suspeitas, ficando cada vez mais inquietos e paranóicos com as quantidades absurdas de café e doces que compravam para justificar manter suas mesas. De vez em quando, um deles mencionava o professor Lovell, ou Hermes, apenas para ser violentamente calado pelos outros; eles não sabiam quem poderia estar ouvindo, e Londres inteira estava cheia de bisbilhoteiros hostis. Foi ruim ficar calado, mas ninguém tinha coragem para conversas mais leves e, portanto, nenhum deles estava falando um com o outro quando arrastaram as malas para o trem lotado e atrasado.

Eles passaram pelo passeio em um silêncio ressentido. Estavam a dez minutos da estação de Oxford quando Letty de repente se sentou e começou a hiperventilar.

— Ah, meu Deus — ela sussurrou. 'Oh Deus, oh Deus, oh Deus. .'

Ela estava atraindo olhares. Letty agarrou o ombro de Ramy em algum apelo por conforto, mas Ramy, impaciente, puxou o braço dele. — Letty, *cale a boca* .

Isso foi cruel, mas Robin simpatizou. Letty também o estava usando; ela passou a maior parte do dia histérica e ele estava cansado disso. Todos os seus nervos estavam à flor da pele, ele pensou maldosamente, e Letty deveria apenas levantar a cabeça e se controlar como o resto deles.

Surpresa, Letty ficou em silêncio.

Por fim, o trem chegou à estação de Oxford. Bocejando e tremendo, elas arrastaram os baús sobre paralelepípedos esburacados durante os vinte minutos que levaram para caminhar de volta à faculdade – as meninas iriam primeiro ao alojamento do porteiro para

chamar um táxi, elas decidiram; estava escuro demais para caminhar sozinho até tão longe no norte. Por fim, a austera face de pedra do University College emergiu da escuridão, e Robin sentiu uma pontada de nostalgia ao ver aquele lugar mágico e contaminado que, apesar de tudo, ainda parecia um lar.

'Ei!' Era o porteiro-chefe, Billings, balançando uma lanterna diante dele. Ele os olhou de cima a baixo e, ao reconhecê-los, lançou-lhes um amplo sorriso. — Finalmente de volta do Oriente, não é?

Robin se perguntou como eles pareciam sob a luz do lampião – em pânico, esfarrapados e suados com as roupas do dia anterior. A exaustão deles devia ser óbvia, pois a expressão de Billings mudou para uma de pena. 'Oh, seus pobres queridos.' Ele se virou e acenou para que o seguissem. 'Venha comigo.'

Quinze minutos depois, eles estavam sentados ao redor de uma mesa no corredor, debruçados sobre xícaras de chá preto forte, enquanto Billings cuidava da cozinha. Eles protestaram que não queriam tirá-lo do caminho, mas ele insistiu em preparar uma fritada adequada para eles. Logo ele apareceu com pratos de ovos quentes, salsichas, batatas e torradas.

"E algo para levantar o ânimo." Billings colocou quatro canecas na frente deles. — Só um pouco de conhaque e água. Vocês não são os primeiros Babblers que vi do exterior. Isso sempre funcionou.

O cheiro de comida os lembrou de que estavam famintos. Eles caíram na colcha como lobos, mastigando em silêncio frenético enquanto Billings os observava, divertido.

“Então”, ele disse, “conte-me sobre esta viagem emocionante, hein? Cantão e Maurício, não é? Eles te alimentaram com algo engraçado? Viu alguma cerimônia local?

Eles se entreolharam, sem saber o que dizer. Letty começou a chorar.

'Ah, vamos lá.' Billings empurrou a caneca de conhaque para mais perto dela. 'Não pode ter sido tão ruim.'

Letty balançou a cabeça. Ela mordeu o lábio, mas um barulho choroso explodiu. Não foi uma simples fungada, mas um grito tempestuoso de corpo inteiro. Ela cobriu o rosto com as mãos e soluçou muito, os ombros tremendo, palavras incoerentes vazando por entre seus dedos.

– Ela estava com saudades de casa – disse Victoire, sem muita convicção. — Ela estava, ah, com muita saudade de casa.

Billings estendeu a mão para dar um tapinha no ombro de Letty. — Está tudo bem, criança. Você está de volta em casa, você está seguro.

Ele saiu para acordar o motorista. Dez minutos depois, um táxi parou no hall e as

meninas foram para seus alojamentos. Robin e Ramy arrastaram suas malas até Magpie Lane e se despediram. Robin sentiu uma ansiedade passageira quando Ramy desapareceu pela porta de seu quarto – ele havia se acostumado com a companhia de Ramy durante todas aquelas noites da viagem e estava com medo de ficar sozinho pela primeira vez em semanas, sem outra voz. para suavizar a escuridão.

Mas quando ele fechou a porta atrás de si, ficou surpreso ao ver como tudo parecia normal. Sua mesa, cama e estantes estavam exatamente como ele as havia deixado. Nada mudou em sua ausência. A tradução do *Shanhaijing* em que ele estava trabalhando para o professor Chakravarti ainda estava em sua mesa, pela metade, no meio de uma frase. O

batedor devia ter chegado recentemente, porque não havia uma partícula de poeira à vista.

Ao se sentar no colchão irregular e respirar o cheiro familiar e reconfortante de livros velhos e mofo, Robin sentiu que, se apenas se deitasse e fechasse os olhos, poderia acordar de manhã e ir para a aula como se nada tivesse acontecido antes. ocorrido.

Ele acordou com a visão de Ramy pairando acima dele. 'Bom Deus.' Ele se levantou, respirando com dificuldade. 'Não faça isso.'

— Você realmente deveria começar a trancar a porta. Ramy entregou-lhe uma xícara. —

Agora que estamos. . você sabe. Chá?'

'Obrigado.' Ele pegou a xícara com as duas mãos e bebeu. Era a mistura favorita de Assam, sombria, inebriante e forte. Por apenas um momento feliz, a luz do sol entrando pela janela e os pássaros cantando baixinho lá fora, tudo o que havia acontecido em Cantão parecia um sonho terrível antes que a memória fria e distorcida o atingisse. Ele suspirou. 'O

que está acontecendo?'

“As meninas estão aqui”, disse Ramy. 'Hora de levantar.'

'Aqui?'

'Na minha sala de estar. Vamos.'

Robin lavou o rosto e se vestiu. Do outro lado do corredor, Victoire e Letty estavam sentadas no sofá de Ramy enquanto Ramy distribuía chá, um saco de aniagem com scones e um pequeno pote de creme de leite. 'Presumi que ninguém tinha vontade de ir para o corredor, então esse é o café da manhã.'

“São muito bons”, disse Victoire, parecendo surpresa. 'Onde-'

'Cofres, pouco antes de serem abertos. Eles sempre oferecem os scones de ontem por uma fração do preço. Ramy não tinha faca, então raspou o bolinho diretamente no creme.

'Boa direita?'

Robin sentou-se em frente às meninas. — Como vocês dois dormiram?

— Tudo bem, considerando — disse Letty. 'É estranho estar de volta.'

– É muito confortável – concordou Victoire. 'Parece que o mundo deveria ser diferente agora, mas é. . . não.'

Foi assim que Robin também se sentiu. Parecia errado voltar ao seu conforto, sentar-se no sofá de Ramy e tomar seu chá favorito com scones em seu café favorito. A situação deles não parecia proporcional ao que estava em jogo. Pelo contrário, o que estava em jogo parecia exigir que o mundo estivesse em chamas.

'Então ouça.' Ramy sentou-se ao lado de Robin. 'Não podemos simplesmente esperar.

Cada segundo que passa é um momento em que não estamos na prisão, e por isso temos que usá-los. Temos que encontrar Hermes. Birdie, como você entra em contato com Griffin?

“Não posso”, disse Robin. 'Griffin foi muito inflexível sobre isso. Ele sabia como me encontrar, mas eu não tinha como alcançá-lo. Foi assim que sempre funcionou.

'Anthony era o mesmo', disse Victoire. — Embora. . ele nos mostrou vários

pontos de entrega, lugares onde deixamos coisas para ele. Suponhamos que fôssemos deixar mensagens lá. .

— Mas com que frequência ele os verifica? — Letty perguntou. 'Ele vai pelo menos verificar se não está esperando nada?'

“Não sei”, disse Victoire, frustrada. 'Mas é nossa única opção.'

“Acho que eles estarão cuidando de nós”, disse Robin. — Depois do que aconteceu naquela noite, fomos pegos. . quero dizer, há muitas pontas soltas, e agora que estamos todos de volta, presumo que eles vão querer entrar em contato.

Ele percebeu pelas expressões deles que isso não era uma grande garantia. Hermes era meticuloso e imprevisível. Hermes poderia bater à porta na próxima hora, ou eles poderiam ficar em silêncio por seis meses.

— Quanto tempo temos, afinal? Ramy perguntou após uma pausa. — Quero dizer, quanto tempo levará para eles perceberem que o querido e velho Richard não vai voltar?

Nenhum deles poderia saber com certeza. O período letivo só deveria começar dentro de uma semana, momento em que seria muito suspeito que o professor Lovell não tivesse retornado para lecionar. Mas suponha que os outros professores esperassem que todos voltassem mais cedo?

— Bem, quem mantém contato regular com ele? perguntou Letty. 'Teremos que contar algum tipo de história para o corpo docente, é claro. .'

— E lá está a Sra. Piper — disse Robin. — A governanta dele em Jericó. . ela deve estar se perguntando onde ele está, preciso visitá-la também.

“Aqui está uma ideia”, disse Victoire. — Poderíamos ir ao escritório dele e dar uma olhada em sua correspondência, ver se há algum compromisso que ele deveria cumprir. . ou até mesmo forjar algumas respostas, se isso nos der algum tempo.

— Para ser claro — disse Letty —, você acha que deveríamos invadir o escritório do homem cujo assassinato encobrimos e vasculhar suas coisas, esperando que ninguém nos pegue?

'A hora de fazer isso seria agora', apontou Victoire. 'Embora ninguém saiba que fizemos isso.'

— Como você sabe que eles ainda não o fizeram? A voz de Letty aumentou de tom. —

Como você sabe que não seremos acorrentados no momento em que entrarmos na torre?

— Santo Deus — murmurou Robin. De repente, pareceu absurdo que eles estivessem tendo aquela conversa, que estivessem em Oxford. 'Por que *voltamos* ?'

— Devíamos ir para Calcutá — declarou Ramy abruptamente. 'Vamos, vamos fugir para Liverpool, podemos reservar uma passagem de lá. .'

O nariz de Letty enrugou-se. 'Por que Calcutá?'

'Lá é seguro, tenho pais que podem nos proteger, há espaço no sótão. .'

'Não vou passar o resto da minha vida escondido no sótão dos seus pais!'

'Seria apenas *temporário*- '

‘Todos se acalmem.’ Victoire raramente levantava a voz, isso os silenciou imediatamente. — É como. . como uma tarefa, entendeu? Precisamos apenas de um plano.

Só temos que dividir isso em partes componentes, termine-os e ficaremos bem. Ela levantou dois dedos. 'Agora, parece que há duas coisas que precisamos fazer. Tarefa um: entre em contato com a Sociedade Hermes. Tarefa dois: acumular o máximo de informações possível para que, quando chegarmos a Hermes, eles possam fazer algo com elas.

“Você esqueceu a tarefa três”, disse Letty. 'Não seja pego.'

'Bem, isso é óbvio.'

'Quão expostos estamos?' perguntou Ramy. 'Quero dizer, se você pensar bem, estamos ainda mais seguros aqui do que estávamos no navio. As pessoas não

podem falar e ele não

vai se lavar em lugar nenhum. Parece-me que se todos ficarmos calados, estaremos bem, não estamos?

“Mas eles vão começar a fazer perguntas”, disse Letty. — Quero dizer, obviamente, em algum momento alguém vai perceber que o professor Lovell não está respondendo nenhuma carta.

“Então continuamos dizendo a mesma coisa a eles”, disse Victoire. “Ele está escondido em casa, está gravemente doente, e é por isso que não responde cartas nem recebe visitas, e nos disse para voltarmos sem ele. Essa é a história toda. Mantenha a simplicidade, não embeleze os detalhes. Se todos dermos a mesma conta, ninguém suspeitará. E se parecemos nervosos é porque estamos preocupados com nosso querido professor. Sim?'

Ninguém a desafiou. Eles estavam todos atentos a cada palavra dela. O mundo parou de girar fora de controle; tudo o que importava era o que Victoire dissesse em seguida.

Ela continuou. “O que penso, porém, é que quanto mais ficamos sentados – isto é, quanto mais cautelosos nos comportamos – mais desconfiados parecemos. Não podemos nos esconder e ficar fora de vista. Somos estudantes da Babel. Estamos ocupados. Estamos no quarto ano, perdendo a cabeça com todo o trabalho que nos foi atribuído. Não precisamos fingir que não estamos bravos, porque os alunos aqui estão sempre bravos, mas temos que fingir que estamos bravos pelos motivos certos.

De alguma forma, isso fazia total e absoluto sentido.

Victoire apontou para Robin. — Chame a governanta e depois vá buscar a correspondência do professor Lovell. Ramy e eu iremos aos pontos de entrega de Anthony e deixaremos tantas mensagens criptografadas quanto pudermos. Letty, você fará sua rotina diária e dará a impressão de que está tudo perfeitamente bem. Se lhe perguntarem sobre Cantão, comece a divulgar a história da doença do professor. Nos encontraremos aqui esta noite e espero por Deus que nada dê errado. Ela respirou fundo e olhou em volta, balançando a cabeça como se tentasse se convencer. 'Nós vamos superar isso, certo?

Simplesmente não podemos perder a cabeça.

Mas isto, pensou Robin, era uma conclusão precipitada.

Um por um, eles se dispersaram de Magpie Lane. Robin esperava que a Sra. Piper não estivesse em casa em Jericho, que ele pudesse simplesmente deixar uma mensagem na caixa de correio, mas ele mal bateu quando ela abriu a porta com um largo sorriso. 'Robin, querido!'

Ela o abraçou com força. Ela cheirava a pão quente. Os seios da face de Robin arderam, ameaçando chorar. Ele se afastou e esfregou o nariz, tentando fazer com que aquilo fosse um espirro.

'Você parece magro.' Ela deu um tapinha nas bochechas dele. 'Eles não alimentaram você em Cantão? Ou você perdeu o gosto pela comida chinesa?

“Canton estava bem”, ele disse fracamente. 'São as viagens onde a comida é escassa.'

'Que vergonha para eles. Vocês ainda são apenas crianças. Ela recuou e olhou ao redor.

— O professor também voltou, então?

– Na verdade, ele demorará um pouco para voltar. A voz de Robin vacilou. Ele limpou a garganta e tentou novamente. Ele nunca havia mentido para a Sra. Piper antes e a sensação

era muito pior do que ele esperava. — Ele. . bem, ele ficou gravemente doente na viagem de volta.

— Minha palavra, sério?

— E ele não se sentiu bem para a viagem de volta a Oxford e, além disso, estava preocupado em transmiti-lo, então está em quarentena em Hampstead por enquanto.

— Sozinho? A Sra. Piper pareceu alarmada. 'Aquele idiota, ele deveria ter escrito. Eu deveria ir lá hoje à noite, Deus sabe que o homem não consegue nem preparar chá para si...

— Por favor, não — Robin deixou escapar. 'Erm. . quero dizer, o que ele tem é

muito contagioso. Ele se espalha pelo ar em partículas quando ele tosse ou fala. Não poderíamos nem estar na mesma cabine que ele no navio. Ele está tentando ver o mínimo de pessoas possível. Mas ele está sendo cuidado. Chamamos um médico para examiná-lo. .

'Qual deles? Smith? Hastings?

Tentou lembrar o nome do médico que veio tratá-lo quando pegou gripe quando criança. — Hum. . Hastings?

“Bom”, disse a Sra. Piper. 'Sempre pensei que Smith fosse um charlatão. Eu tive uma febre terrível há vários anos e ele diagnosticou como simples histérica. Histeria! Eu não conseguia nem conter o caldo e ele achou que eu estava inventando tudo.

Robin respirou fundo. — Tenho certeza de que o Dr. Hastings cuidará bem dele.

— Ah, claro, ele estará de volta aqui exigindo seus bolinhos de sultana no fim de semana. A Sra. Piper sorriu amplamente. Era claramente falso; não chegou aos seus olhos, mas ela parecia determinada a animá-lo. — Bem, pelo menos posso cuidar de você. Posso preparar um almoço para você?

— Ah, não — disse ele rapidamente. — Não posso ficar, tenho. . preciso ir contar aos outros professores. Eles ainda não sabem, sabe.

— Você não vai ficar nem para tomar chá?

Ele queria. Ele queria tanto sentar-se à mesa dela, ouvir suas histórias desconexas e sentir, apenas por um momento fugaz, o caloroso conforto e a segurança de sua infância.

Mas ele sabia que não duraria cinco minutos, muito menos o tempo que levaria para servir, infundir e saborear uma xícara de Darjeeling. Se ele ficasse, se entrasse naquela casa, ele desabaria completamente.

'Robin?' A Sra. Piper examinou seu rosto, preocupada. 'Querido, você parece tão chateado.'

— É só. . — Lágrimas turvaram seus olhos; ele não conseguiu contê-los. Sua voz falhou.

'Estou com tanto medo.'

'Oh céus.' Ela passou os braços ao redor dele. Robin a abraçou de volta, os ombros tremendo com soluços reprimidos. Pela primeira vez ele percebeu que talvez nunca mais a visse – na verdade, ele não havia pensado duas vezes sobre o que poderia acontecer com ela quando se soubesse que o professor Lovell estava morto.

'Sra. Piper, eu estava pensando. . .' Ele se desembaraçou e deu um passo para trás. Ele se sentiu miserável pela culpa. 'Você é . . . você tem família ou algo assim? Algum outro lugar para ir?

Ela parecia confusa. 'O que você quer dizer?'

“Se o professor Lovell não sobreviver”, disse ele. — Só estou pensando. . porque se ele não sobreviver, você não terá. .

'Oh. Querido garoto. Seus olhos ficaram lacrimejantes. 'Não se preocupe comigo. Tenho uma sobrinha e um irmão em Edimburgo – não há nenhum amor perdido lá, mas eles terão que me acolher se eu bater à porta. Mas não chegaremos a isso. Richard já pegou sua cota de doenças estrangeiras antes. Ele estará de volta aqui para seus jantares mensais em pouco tempo, e eu vou presentear vocês dois com um ganso inteiro assado quando ele voltar. Ela apertou seus ombros. 'Você apenas concentre-se em seus estudos, certo? Faça um bom trabalho e não se preocupe com o resto.

Ele nunca mais a veria. Não importa como as coisas acontecessem, isso pelo menos parecia certo. Robin fixou os olhos no sorriso gentil dela, tentando memorizar esse momento. — Farei o meu melhor, Sra. Piper. Adeus.'

Ele teve que se recompor por um momento na rua antes de reunir coragem para entrar na torre.

Os escritórios do corpo docente ficavam no sétimo andar. Robin esperou na escada até ter certeza de que o corredor estava vazio antes de sair correndo e enfiar a chave do professor Lovell na fechadura. A correspondência no escritório era praticamente a mesma que encontrara em Hampstead: cartas para Jardine, Matheson, Gützlaff e outros sobre planos de guerra para a invasão que se aproximava. Ele embaralhou alguns em uma pilha e os enfiou em sua jaqueta. Ele não tinha a menor ideia do que Hermes poderia fazer com eles, mas alguma prova, ele presumiu, era melhor que nenhuma.

Ele tinha acabado de trancar a porta quando ouviu vozes vindas do escritório do professor Playfair. A primeira pertencia a uma mulher exigente e barulhenta. 'Ele perdeu três pagamentos consecutivos e eu não entro em contato com ele há meses. .'

“Richard é um homem muito ocupado”, disse o professor Playfair. — E ele ainda está no exterior, na viagem anual do quarto ano, e tenho certeza de que ele lhe contou. .

“Ele não fez isso”, disse a mulher. 'Você sabe que ele é péssimo com essas coisas, nunca sabemos para onde ele está indo. Ele não escreve, nem telegrafa, não manda nada para as crianças. Você sabe, eles estão começando a esquecer que têm pai.

Com o coração batendo forte, Robin rastejou até o canto do corredor, permanecendo ao alcance da voz. A escada estava a poucos metros atrás dele. Se a porta se abrisse, ele poderia fugir para o sexto andar antes que alguém o visse.

— Isso deve ser, ah, muito difícil — disse o professor Playfair, sem jeito. — Embora deva dizer que este não é um assunto sobre o qual Richard e eu conversamos com frequência. Seria melhor você conversar diretamente com ele. .

— Quando ele é esperado de volta?

'Semana que vem. Embora tenha havido alguns problemas em Cantão, ouvi dizer, então pode ser alguns dias antes. Mas realmente não sei, Sra. Lovell. Mandarei uma mensagem quando soubermos de alguma coisa, mas por enquanto sabemos tão pouco quanto a senhora.

A porta se abriu. Robin ficou tenso para fugir, mas a curiosidade mórbida o manteve aparafusado no lugar. Ele espiou pela esquina. Ele queria ver, saber com certeza.

Uma mulher alta e magra, com cabelos grisalhos, entrou no corredor. Com ela estavam duas crianças pequenas. A mais velha, uma menina, parecia ter uns dez anos e claramente estava chorando, embora escondesse os soluços com um punho enquanto apertava a mão

da mãe com o outro. O filho mais novo, um menino, era muito menor – talvez

apenas cinco ou seis anos. Ele cambaleou até o corredor enquanto a Sra. Lovell se despedia do professor Playfair.

A respiração de Robin ficou presa na garganta. Ele se viu inclinado ainda mais para o corredor, incapaz de desviar o olhar. O menino parecia muito com ele mesmo, com Griffin.

Seus olhos eram do mesmo castanho claro, seu cabelo igualmente escuro, embora fosse mais cacheado do que qualquer um deles.

O menino encontrou seus olhos. Então, para horror de Robin, ele abriu a boca e pronunciou em voz alta e clara: “Papai”.

Robin se virou e fugiu.

'O que é que foi isso?' A voz da Sra. Lovell foi transportada para a escada. — Dick, o que você disse?

O filho do professor Lovell balbuciou alguma coisa em resposta, mas Robin desceu as escadas rápido demais para ouvir.

— Caramba — disse Ramy. 'Eu nem sabia que o professor Lovell tinha família.'

— Eu lhe disse que ele tinha uma propriedade em Yorkshire!

“Pensei que você estava inventando isso”, disse Ramy. “Nunca o vi tirar férias nenhuma vez. Ele simplesmente não é – não é um homem de família. Como ele ficou em casa tempo suficiente para conceber?

“A questão é que eles existem e estão preocupados”, disse Robin. 'Ele aparentemente está faltando pagamentos ao seu patrimônio. E agora a Playfair sabe que algo está errado.

— E se nós os pagássemos? perguntou Vitória. — Falsificamos a caligrafia dele e enviamos o dinheiro nós mesmos, quero dizer. Quanto é necessário para manter uma casa durante um mês?'

'Se forem apenas os três?' Letty pensou por um momento. "Só cerca de dez libras."

Victória empalideceu. Ramy suspirou e esfregou as têmporas. Robin estendeu a mão para se servir de um copo de conhaque.

O clima naquela noite era decididamente sombrio. Além da pilha de cartas que Robin encontrou no escritório do professor Lovell, o dia rendeu nada. A Sociedade Hermes permaneceu em silêncio. A janela de Robin estava vazia. Victoire e Ramy estiveram em cada um dos antigos pontos de entrega de Anthony – um tijolo solto atrás da catedral da Igreja de Cristo, um banco escondido no Jardim Botânico, um barco tombado e raramente usado na margem do Cherwell – mas nenhum mostrou sinais de visitação recente. . Eles até andaram de um lado para o outro em frente ao Twisted Root por quase uma hora, esperando que Griffin pudesse avistá-los à espreita, mas só conseguiram atrair olhares dos clientes.

Pelo menos nada de desastroso aconteceu – nenhum colapso nervoso, nenhum encontro sinistro com a polícia de Oxford. Letty começou a hiperventilar de novo no Buttery durante o almoço, ou pelo menos foi o que Robin ouviu, mas Victoire deu um tapinha nas costas dela e fingiu que ela simplesmente havia se engasgado com uma uva.

(Letty, Robin pensou maldosamente, não estava ajudando o argumento feminista geral de que as mulheres não eram nervosas, histéricas.)

Eles estavam seguros, talvez, por enquanto. No entanto, eles não podiam deixar de se sentir como alvos fáceis. O tempo deles estava acabando; muitas pessoas estavam ficando desconfiadas e sua sorte não duraria para sempre. Mas para onde mais eles poderiam ir? Se eles fugissem, a Sociedade Hermes não teria como encontrá-los. Eles estavam presos pela obrigação.

— Ah, que inferno — disse Ramy. Ele estava examinando as pilhas de correspondência que havia recuperado de seus bate-papos, separando os panfletos sem sentido de tudo que era importante. 'Eu esqueci.'

'O que?' perguntou Letty.

'A festa do corpo docente.' Ramy acenou para eles um grosso cartão de convite creme.

'A maldita festa do corpo docente é nesta sexta-feira.'

“Bem, é claro que não vamos”, disse Robin.

“Não podemos deixar de ir”, disse Ramy. 'É a festa dos professores.'

Todos os anos, pouco antes do início de Hilary, o Royal Institute of Translation organizava uma festa no jardim do University College para professores, estudantes e bolsistas de pós-graduação. Eles já estavam no três. Foram acontecimentos longos e banais; como em todos os eventos de Oxford, a comida era quase insuportável e os discursos eram longos. O que Robin não conseguia entender era por que Ramy estava dando tanta importância a isso.

'E daí?' perguntou Vitória.

“Então todo mundo vai”, disse Ramy. 'É obrigatório. Todos eles já sabem que estamos de volta – encontramos o Professor Craft do lado de fora do Rad Cam esta manhã, e muitas pessoas viram Letty no Buttery. Temos que manter as aparências.

Robin não conseguia imaginar nada mais horrível do que comer aperitivos na companhia dos professores de Babel.

'Você está louco?' Victória exigiu. 'Essas coisas são infinitas; nunca conseguiremos.

“É apenas uma festa”, disse Ramy.

'Três cursos? Vinho? *Discursos?* Letty mal consegue se controlar e você quer plantá-la na Craft and Playfair e esperar que ela fale sobre os momentos maravilhosos que passou em Canton por mais de três horas?

— Vou ficar bem — disse Letty fracamente, sem convencer ninguém.

‘Eles vão começar a fazer perguntas se não estivermos lá. .’

— E eles não farão perguntas quando Letty vomitar na peça central?

“Ela pode fingir que está com intoxicação alimentar”, disse Ramy. — Podemos fingir que ela está doente desde esta manhã, o que explica por que ela está toda pálida e úmida e por que teve um ataque no Buttery. Mas você pode realmente argumentar que isso é mais suspeito do que nós quatro não comparecermos?

Robin olhou para Victoire, esperando que ela tivesse um contra-argumento. Mas ela estava olhando para ele, esperando o mesmo.

— A festa ganha tempo — disse Ramy com firmeza. “Se conseguirmos não parecer totalmente lunáticos, ganhamos um dia. Ou dois. É isso. Mais tempo. Esse é o único fator que importa.

Sexta-feira acabou sendo um dia excepcionalmente quente. Começou com um típico frio matinal de janeiro, mas no meio da tarde o sol já havia passado pelas nuvens e brilhava com força total. Todos superestimaram o frio quando se vestiram, mas, uma vez no pátio, não conseguiram tirar facilmente as camisetas de lã, o que significava que não tinham escolha a não ser suar.

A festa no jardim daquele ano foi a mais extravagante que Babel já organizou. O corpo docente estava nadando em moedas depois de uma visita do arquiduque russo Alexandre à universidade em maio anterior; o arquiduque, que ficara tão impressionado com a inteligência e habilidade dos seus intérpretes espontâneos na recepção, fizera a Babel um presente de mil libras para financiamento discricionário. Os professores fizeram um uso pródigo, embora imprudente, disso. Um quarteto de cordas tocava vigorosamente no meio do quadrilátero, embora todos se afastassem deles porque o barulho tornava a conversa impossível. Meia dúzia de pavões, supostamente importados do Zoológico de Londres, vagavam pelo gramado, incomodando qualquer pessoa vestida com cores brilhantes. Três longas mesas de comida e bebida ocupavam o centro do gramado. As ofertas incluíam sanduíches, tortas pequenas, uma variedade grotesca de chocolates e sete sabores diferentes de sorvete.

Os estudiosos de Babel circulavam segurando taças de vinho que esquentavam rapidamente, mantendo conversas mornas e mesquinhas. Como todas as faculdades de Oxford, o Instituto de Tradução estava repleto de rivalidades internas e ciúmes em relação a financiamento e nomeações, um problema agravado pelo facto de cada especialista regional pensar que a sua língua era mais rica, mais poética, mais literária e mais fértil para a prata. trabalhando do que outros. Os preconceitos departamentais de Babel eram tão arbitrários quanto confusos. Os românticos gozavam da maior parte do prestígio literário, *

embora o árabe e o chinês fossem altamente valorizados principalmente por serem estrangeiros e diferentes, enquanto as línguas mais próximas de casa, como o gaélico e o galês, quase não tinham respeito algum. Isso tornou a

conversa fiada muito perigosa; era muito fácil ficar ofendido se alguém demonstrasse muito ou pouco entusiasmo pela pesquisa. Caminhando no meio de tudo isso estava o Reverendo Doutor Frederick Charles Plumptre, Mestre do Colégio, e ficou entendido que em algum momento cada um deles teria que apertar sua mão, fingir que acreditavam que ele se lembrava deles quando era óbvio que ele não tinha ideia de quais eram seus nomes e sofreu uma conversa dolorosamente banal sobre de onde eles eram e o que estudaram antes de deixá-los ir.

Tudo isso durante três horas insuportáveis, pois ninguém poderia sair antes do final do banquete. As tabelas de assentos foram feitas; suas ausências seriam notadas. Eles teriam que ficar até o sol se pôr, até que todos os brindes tivessem sido feitos e até que todos os estudiosos presentes se cansassem de fingir que gostavam de socializar para o resto da vida.

Isto é um desastre , pensou Robin, olhando ao redor. Teria sido melhor não terem aparecido. Nenhum deles tinha o juízo sobre eles. Ele viu um colega de pós-graduação fazer uma pergunta a Victoire três vezes antes de ela finalmente registrou a presença dele. Letty estava parada no canto, engolindo copo após copo de água fria enquanto o suor escorria por sua testa. Ramy estava se saindo melhor, cortejando um grupo de alunos do primeiro ano, presenteando-o com perguntas sobre sua viagem, mas quando Robin passou por ele,

ele ouviu Ramy explodir em uma gargalhada tão abrupta e histérica que quase recuou de medo. .

Robin sentiu-se tonto ao olhar para o gramado lotado. Isto era uma loucura, pensou ele, pura loucura estar ali no meio do corpo docente, segurando uma taça de vinho, escondendo a verdade de que havia matado um deles. Ele caminhou em direção às mesas do bufê e encheu um pequeno prato com aperitivos, só para ter algo para fazer, mas a ideia de colocar qualquer uma das tortas que estragavam rapidamente na boca era nauseante.

'Sentindo-se bem?'

Ele pulou e se virou. Foram os professores De Vreese e Playfair. Eles ficaram um de cada lado dele como guardas de prisão. Robin piscou rapidamente, tentando organizar suas feições em algo parecido com um sorriso neutro. 'Professores. Senhores.

— Você está suando muito. O professor Playfair examinou seu rosto, parecendo preocupado. — E você tem olheiras enormes sob os olhos, Swift. Você tem dormido?

— Atraso de tempo — Robin deixou escapar. — Nós não. . erm, não ajustamos nossos horários de sono na viagem de volta tão bem quanto deveríamos. E, além disso, estamos exaustos com. . ah, com a leitura prematura.

Para sua surpresa, o professor Playfair assentiu com simpatia. 'Ah bem. Você sabe o que dizem. *Aluno* de *studere* , que significa “aplicação meticulosa e dedicada”. Se você não se sente como um prego atingido constantemente por um martelo, você está fazendo errado.'

“De fato”, disse Robin. Sua estratégia, ele decidiu, era parecer tão chato que eles perdessem o interesse e se afastassem.

'Você teve uma boa viagem?' perguntou o professor De Vreese.

— Foi... Robin pigarreou. “Foi mais do que esperávamos, pensamos. Estamos todos muito felizes por estar de volta.

'Eu não sei disso. Esses assuntos internacionais podem ser exaustivos. A professora Playfair acenou com a cabeça para o prato na mão de Robin. 'Ah, vejo que você encontrou minhas invenções. Vá em frente, coma alguma coisa.

Robin, sentindo-se pressionado, mordeu uma torta.

— Bom, não é? O professor Playfair observou-o enquanto mastigava. 'Sim, é aprimorado com prata. Um parzinho fantástico que criei nas férias em Roma. *Pomodoro* é uma descrição bastante fantasiosa para um tomate, você vê – significa literalmente “maçã de ouro”. Agora adicione o intermediário francês, *pomme d'amour* , e você terá uma riqueza que o inglês não tem. . .'

Robin mastigou, tentando parecer agradecida. Tudo o que ele conseguiu registrar foi o quão viscoso era; como os sucos salgados que explodiam em sua boca o faziam pensar em sangue e cadáveres.

“Você tem *pretoogjes* ”, observou o professor De Vreese.

'Desculpe?'

' *Pretoogjes* .' O professor De Vreese gesticulou para seu rosto. 'Olhos divertidos. Uma palavra holandesa. Olhos cintilantes, olhos inconstantes. Nós o usamos para descrever crianças que não fazem nada de bom.

Robin não tinha a menor ideia do que deveria dizer em resposta a isso. 'EU . . . que interessante.'

“Acho que vou cumprimentar o Mestre agora”, disse o professor De Vreese, como se Robin não tivesse falado. 'Bem-vindo de volta, Swift. Aproveita a festa.'

'Então.' A professora Playfair entregou a Robin um copo de clarete. — Você tem alguma ideia de quando o professor Lovell voltará de Londres?

'Não sei.' Robin tomou um gole, fazendo o possível para se recompor antes de responder. — Você provavelmente já ouviu falar que ele está envolvido em alguma coisa que contratou em Cantão. Ele parecia em péssimo estado quando o deixamos, não tenho certeza se ele voltará para o período letivo.

“Interessante”, disse o professor Playfair. — Foi uma sorte que não tenha se espalhado para nenhum de vocês.

— Ah, bem. . tomamos precauções quando ele começou a se sentir mal. Quarentena, panos de rosto, tudo isso. . você sabe.

— Venha agora, Sr. Swift. A voz do professor Playfair tornou-se severa. — Eu sei que ele não está doente. Enviei três mensageiros a Londres desde que vocês voltaram, e todos eles relataram que a casa em Hampstead está vazia.

'Realmente?' Os ouvidos de Robin começaram a zumbir. O que ele deveria fazer agora?

Haveria algum sentido em tentar manter a mentira? Ele deveria simplesmente cortar e correr? — Que estranho, isso é. . não sei por que ele faria isso. . .'

O professor Playfair deu um passo à frente e inclinou a cabeça conspiratoriamente em direção ao ouvido de Robin. "Sabe", ele sussurrou, "nossos amigos da Hermes gostariam muito de saber onde ele está."

Robin quase cuspiu o sangue. Sua garganta prendeu o vinho antes de fazer uma bagunça, mas ele engoliu pelo canal errado. Professor Playfair ficou parado

calmamente enquanto engasgava e engasgava, derrubando o prato e o copo no processo.

— Tudo bem, Swift?

Os olhos de Robin lacrimejaram. 'O que você-'

— Estou com Hermes — murmurou o professor Playfair, agradavelmente, com os olhos fixos no quarteto de cordas. 'O que quer que você esteja escondendo, você pode me contar com segurança.'

Robin não tinha ideia do que fazer com isso. Certamente ele não sentiu nenhum alívio.

Não confie em ninguém – Griffin praticamente gravou essa lição em seus ossos. O professor Playfair poderia facilmente estar mentindo – e esse também seria o truque mais simples, se seu objetivo fosse persuadir Robin a revelar tudo o que sabia. Ou o professor Playfair poderia ser o aliado, o salvador que eles esperavam. Ele sentiu uma pontada de frustração residual. Se ao menos Griffin tivesse contado mais a ele, se ao menos Griffin não tivesse ficado tão feliz em deixá-lo no escuro, isolado dos outros e tão completamente indefeso.

Ele não tinha nenhuma informação útil para agir, apenas um instinto de que algo estava muito errado. — Graças a Deus — disse ele, imitando o murmúrio secreto do professor Playfair. — Então você sabe sobre a conspiração de Griffin em Cantão?

“Claro”, disse o professor Playfair, um pouco ansioso demais. 'Funcionou?'

Robin fez uma pausa. Ele teve que interpretar a próxima parte com muito cuidado. Ele teve que se desenrolar apenas o suficiente para manter o professor Playfair na linha, curioso, mas ainda não pronto para atacar. E ele precisava de tempo – pelo menos tempo suficiente para reunir os outros e fugir.

O professor Playfair passou o braço em volta dos ombros de Robin, puxando-o para mais perto. 'Por que você e eu não vamos conversar?'

'Aqui não.' Os olhos de Robin percorreram o pátio. Letty e Victoire estavam olhando para ele por cima dos ombros. Ele piscou com força, olhou incisivamente para a saída da frente e depois de volta para eles. 'Não na frente do

corpo docente, você nunca sabe quem está ouvindo.'

“Claro”, disse o professor Playfair.

“Os túneis”, disse Robin, antes que a professora Playfair pudesse sugerir que eles abandonassem a festa naquele momento. 'Vou me encontrar com Griffin e os outros hoje à noite nos túneis Taylorianos à meia-noite, por que você não vem? Eu tenho . . . Tenho todos os documentos que eles estavam esperando.

Funcionou. A professora Playfair soltou os ombros de Robin e se afastou.

'Muito bem.' Seus olhos brilharam de alegria; ele parecia a um passo de esfregar as mãos como um vilão no palco. 'Bom trabalho, Swift.'

Robin assentiu e mal conseguiu manter uma cara séria até O professor Playfair passou a conversar com o professor Chakravarti do outro lado do gramado.

Então foi preciso tudo o que ele tinha para não sair correndo. Ele examinou o pátio em busca de Ramy, que estava preso em uma conversa com o Reverendo Doutor Plumptre.

Robin piscou freneticamente para ele. Imediatamente Ramy derramou a taça de vinho na própria barriga, exclamou em voz alta, consternado, deu desculpas e seguiu direto pelo jardim em direção a Robin.

“Playfair sabe”, Robin disse a ele.

'O que?' Ramy olhou ao redor. 'Tem certeza-'

'Temos de ir.' Para seu alívio, Robin viu que Victoire e Letty já estavam se dirigindo para o portão da frente. Ele queria segui-lo, mas havia muitos professores entre eles; ele e Ramy teriam que sair pelos fundos, perto da cozinha. 'Vamos.'

'Como-'

'Mais tarde.' Robin arriscou uma olhada por cima do ombro pouco antes de saírem do jardim. Seu estômago revirou – Playfair estava dizendo algo ao professor De Vreese, suas cabeças próximas uma da outra. De Vreese ergueu os olhos e olhou diretamente nos olhos de Robin. Robin desviou o olhar. —

Apenas. . vamos lá.

Victoire e Letty correram em direção a eles no momento em que saíram.

'O que aconteceu?' Letty respirou fundo. 'Por que-'

— Aqui não — disse Robin. 'Andar.'

Eles marcharam em passo apressado pela Kybald Street e depois viraram à direita na Magpie Lane.

“A Playfair está atrás de nós”, disse Robin. 'Foram realizadas.'

'Como você sabe?' — Letty perguntou. 'O que ele disse? Você contou a ele?

— Claro que não — disse Robin. 'Mas ele fingiu que estava com Hermes, tentou me fazer confessar tudo. .'

— Como você sabe que ele não está?

“Porque eu menti”, disse Robin. 'E ele caiu nessa. Ele não tem ideia do que Hermes faz, ele estava procurando informações.

'Então o que estamos fazendo?' Victória perguntou de repente. 'Meu Deus, *para onde estamos indo* ?'

Robin percebeu que eles estavam andando sem propósito. Eles estavam indo agora para a High Street, mas o que fariam lá? Se o professor Playfair chamasse a polícia, eles seriam

localizados em segundos. Eles não podiam volte para o número 4; eles ficariam presos. Mas eles não tinham dinheiro consigo e não tinham meios para pagar a passagem para qualquer outro lugar.

'Aí está você.'

Todos eles recuaram de medo.

Anthony Ribben saiu para a estrada principal e examinou-os, contando-os com um dedo como se fossem patinhos. 'Vocês estão todos aqui? Excelente. Venha comigo.'

Capítulo Vinte e Dois

Este grupo é notável, embora tenha desaparecido nas profundezas invisíveis que estão atrás de nós.

V ICTOR H UGO , *Os Miseráveis* , trad. Frederico Charles Lascelles Wraxall **O** choque deles foi passageiro. Anthony começou a correr e eles o seguiram sem questionar. Mas em vez de voltarem pela Magpie Lane até Merton Street, de onde poderiam escapar em direção à campina de Christ Church, ele os levou de volta para Kybald, em direção à faculdade.

'O que você está fazendo?' Ramy ofegou. 'É onde todo mundo-'

— Apenas se apresse — Anthony sibilou.

Eles obedeceram. Foi maravilhoso ter alguém lhes dizendo o que fazer. Anthony os conduziu pelas portas atrás da cozinha, passando pela Antiga Biblioteca e direto para o corredor. Do outro lado do muro, a festa no jardim continuava com força total; eles podiam ouvir instrumentos de corda e vozes através da pedra.

'Aqui.' Anthony acenou para que entrassem na capela.

Eles entraram correndo e fecharam as pesadas portas de madeira atrás deles. Fora do horário de culto, a capela parecia estranha: sobrenatural, silenciosa. O ar lá dentro estava repressivamente parado. Além da respiração ofegante, o único movimento eram as partículas de poeira flutuando nos prismas de luz que entravam pelas janelas.

Anthony parou diante do friso memorial de Sir William Jones.

— O que você está. . — começou Letty.

'Silêncio.' Anthony estendeu a mão para o epigrama, que dizia: *Ele formou um resumo das leis hindus e muçulmanas* . Ele tocou uma sucessão de letras por sua vez, que afundaram ligeiramente na pedra quando empurradas. *G, O, R. . .*

Ramy riu. Anthony tocou uma letra final na inscrição em latim, muito mais longa, acima do friso, uma celebração desconexa da vida e das realizações de William Jones. *B.* _

Gorasahi[b. *]

Houve um barulho de algo raspando, depois uma lufada de ar frio. O friso saltava vários centímetros da parede. Anthony enfiou os dedos na fenda na borda inferior e deslizou o painel para cima para revelar um buraco escuro na parede. 'Entrem.'

Um por um, eles se ajudaram lá dentro. O túnel revelou-se muito mais largo do que parecia visto de fora. Eles só tiveram que rastejar sobre as mãos e os joelhos por alguns segundos antes que o poço desembocasse em um corredor maior. Robin podia sentir a terra úmida roçando o topo de sua cabeça quando ele se levantou, embora Ramy tenha exclamado quando sua cabeça bateu no teto.

— Calma — Anthony grunhiu novamente enquanto fechava a porta atrás deles. 'As paredes são finas.'

O friso voltou ao lugar com um baque surdo. A luz na passagem desapareceu. Eles tatearam seu caminho, xingando enquanto tropeçavam um no outro.

— Ah, desculpe. Anthony riscou um fósforo e uma chama se materializou em sua palma.

Agora eles podiam ver que, a vários metros de distância, o poço apertado se expandia para fora, formando algo mais parecido com um corredor. 'Aqui vamos nós. Continue, há uma longa caminhada pela frente.

— Onde. . — começou Letty, mas Anthony balançou a cabeça, levou um dedo aos lábios e apontou para as paredes.

O túnel se alargava cada vez mais à medida que caminhavam. O ramal que levava à capela da Universidade era aparentemente um acréscimo novo, pois a passagem por onde andavam agora parecia muito maior e mais antiga. A lama seca deu lugar a paredes de tijolos e, em vários pontos, Robin viu arandelas fixadas nos cantos superiores. A escuridão deveria parecer claustrofóbica, mas na verdade parecia reconfortante. Engolidos no ventre da terra, verdadeiramente escondidos da vista pela primeira vez desde a viagem de regresso, todos descobriram que podiam finalmente respirar.

Depois de vários minutos de silêncio, Ramy perguntou: 'Há quanto tempo isso está aí?'

- Na verdade, apenas algumas décadas - disse Anthony. “Os túneis estão aqui desde sempre – não são um projeto da Hermes, apenas tiramos vantagem deles – mas aquela entrada é nova. Lady Jones mandou instalar o friso há não muitos anos, mas chegamos rápido antes que o trabalho de construção terminasse. Não se preocupe, ninguém mais sabe. Estão todos bem?

“Estamos bem”, disse Robin. — Mas, Anthony, há algo que você precisa. .

— Imagino que há muita coisa que você precisa me contar — disse Anthony. — Por que não começamos com o que você fez com o professor Lovell? Ele está morto? O corpo docente parece pensar assim.

— Robin o matou — disse Ramy alegremente.

Anthony virou-se para olhar Robin por cima do ombro. 'Oh sério?'

— Foi um acidente — insistiu Robin. — Estávamos brigando e ele. . não sei, de repente. .

. . Quer dizer, eu usei esse par, só que não sabia que estava fazendo isso até que acabou. .

“O que é mais importante é a guerra contra a China”, disse Victoire. — Estamos tentando encontrar você, para lhe contar. Eles estão planejando uma invasão. .

“Nós sabemos”, disse Anthony.

'Você faz?' perguntou Robin.

'Griffin tem medo disso há algum tempo. Ficamos de olho em Jardine e Matheson, acompanhando os desenvolvimentos nas fábricas. Embora nunca tenha ficado tão ruim antes. Até agora era tudo barulho. Mas eles realmente irão para a guerra, você acha?

— Tenho papéis. . Robin pegou o bolso da camisa como se ainda estivessem guardados no paletó, e então praguejou. 'Droga, eles estão todos no meu quarto. .'

'O que eles dizem?'

— São cartas, correspondência entre Lovell, Jardine e Matheson, ambos. . e Palmerston, e Gützlaff, todos eles. . ah, mas eu os deixei em Magpie Lane...

'O que eles *dizem* ?'

“São planos de guerra”, disse Robin, confuso. 'São planos que levaram meses, anos sendo elaborados. .'

"Eles são evidências de conluio direto?" Anthony pressionou.

'Sim, eles indicam que as negociações nunca foram de boa fé, que a última rodada foi apenas um pretexto. .'

“Bom”, disse Anthony. 'Isso é muito bom. Podemos trabalhar com isso. Enviaremos alguém para recuperá-los. Você está no antigo quarto de Griffin, correto? Número sete?'

'Eu sim.'

'Muito bom. Vou resolver isso. Enquanto isso, sugiro que todos se acalmem. Ele fez uma pausa, virou-se e deu-lhes um sorriso caloroso. Depois da semana que acabaram de passar, a visão do rosto de Anthony à luz suave das velas fez Robin querer chorar de alívio. 'Você está em boas mãos agora. Concordo que é terrível, mas não podemos resolver nada neste túnel. Você se saiu muito bem e imagino que esteja com bastante medo, mas pode relaxar agora. Os adultos estão aqui.

A passagem subterrânea revelou-se bastante longa. Robin perdeu a noção de quão longe eles caminharam; devia ser quase um quilômetro. Ele se perguntou quão vasta era a rede –

de vez em quando eles passavam por uma fenda no túnel ou por uma porta embutida na parede, sugerindo mais entradas escondidas pela universidade, mas Anthony os conduziu sem comentários. Esses eram, segundo Robin presumiu, um dos muitos segredos de Hermes.

Por fim, a passagem estreitou-se novamente até que só havia espaço para caminhar em fila única. Anthony assumiu a liderança, segurando a vela bem acima da cabeça como um farol. Letty seguiu logo atrás dele.

'Por que você?' ela perguntou baixinho. Robin não sabia se ela pretendia ser

discreta, mas o túnel era tão estreito que sua voz foi levada até o final da fila.

— O que você quer dizer? murmurou Anthony.

“Você adorou Babel”, disse Letty. 'Eu me lembro, você nos deu nosso tour de orientação.

Você adorou lá, e eles adoraram você.

“Isso é verdade”, disse Anthony. 'Babel me tratou melhor do que qualquer outra pessoa.'

'Então por que-'

— Ela acha que é uma questão de felicidade pessoal — interrompeu Ramy. — Mas Letty, já lhe dissemos, não importa o quão felizes estávamos pessoalmente, o que importa é a injustiça mais ampla. .

— Não foi isso que eu quis dizer, Ramy, eu só. .

- Deixe-me tentar explicar - disse Anthony gentilmente. 'Nas vésperas da abolição ao longo das colônias, meu mestre decidiu que queria fazer as malas e voltar para a América.

Eu não estaria livre lá, você vê. Ele poderia me manter em sua casa e me chamar de dele.

Este homem se autodenominou um abolicionista. Ele condenou o comércio em geral durante anos; ele simplesmente parecia pensar que nosso relacionamento era especial. Mas quando as propostas que ele apoiou publicamente se tornaram lei, ele decidiu que realmente não poderia suportar o sacrifício de me perder. Então fugi e procurei refúgio em Oxford. A faculdade acolheu-me e escondeu-me até que eu fosse legalmente declarado um homem livre – não porque se importassem muito com a abolição, mas porque os professores de Babel conheciam o meu valor. E eles sabiam que se eu fosse mandado de volta para a América, me perderiam para Harvard ou Princeton.

Robin não conseguia ver o rosto de Letty na escuridão, mas podia ouvir sua respiração cada vez mais superficial. Ele se perguntou se ela estava prestes a chorar novamente.

“Não existem mestres gentis, Letty”, continuou Anthony. 'Não importa quão tolerantes, quão gentis, quão investidos em sua educação eles pareçam ser. No final das contas, os mestres são mestres.

— Mas você realmente não acredita nisso em relação a Babel — sussurrou Letty. 'Você?

Simplesmente não é a mesma coisa – eles não estavam *escravizando* você – quero dizer, Cristo, você tinha uma *comunhão* ...

— Você sabe o que o mestre de Equiano lhe contou quando foi alforriado? Anthony perguntou suavemente. 'Ele disse a ele que em pouco tempo ele teria seus próprios escravos.'

Por fim, o túnel terminava num conjunto de degraus cobertos por uma tábua de madeira, onde a luz do sol entrava pelas ripas. Anthony encostou as orelhas nas ripas, esperou um momento, depois destrancou a tábua e empurrou. 'Suba.'

Eles emergiram em um pátio ensolarado, de frente para um velho prédio de tijolos de um andar, meio escondido atrás de uma massa de arbustos crescidos. Eles não poderiam ter se afastado muito do centro da cidade – estavam a apenas três quilômetros de distância, no máximo –, mas Robin nunca tinha visto aquele prédio antes. Suas portas pareciam enferrujadas e suas paredes quase foram engolidas pela hera, como se alguém tivesse construído este lugar e depois o abandonado há décadas.

'Bem-vindo à Antiga Biblioteca.' Anthony os ajudou a sair do túnel. 'O Durham College construiu este lugar no século XIV como uma sala lotada para livros antigos, mas esqueceu-se dele quando conseguiu financiamento para construir uma nova biblioteca mais perto do centro da cidade.'

'Apenas a Antiga Biblioteca?' perguntou Vitória. — Nenhum outro nome?

'Nada que usamos. Um nome marcaria a sua importância, e queremos que ele passe despercebido e seja esquecido – algo que você passa despercebido quando vê nos registros, algo facilmente confundido com outra coisa.' Anthony estendeu a palma da mão contra a porta enferrujada, murmurou algo baixinho e empurrou. A porta se abriu com um rangido.

'Entre.'

Como Babel, a Antiga Biblioteca era muito maior por dentro do que sugeria seu exterior.

Do lado de fora, parecia que poderia conter no máximo uma única sala de aula. Seu interior, entretanto, poderia ter sido o térreo da Biblioteca Radcliffe. Estantes de madeira irradiavam do centro, e mais paredes forradas que pareciam, mágica e contraditoriamente, circulares. Todas as prateleiras estavam meticulosamente etiquetadas, e um longo pergaminho amarelado listando o sistema de classificação estava pendurado na parede oposta. Perto da frente havia uma prateleira com novidades, na qual Robin reconheceu alguns dos títulos que ele havia dado para Griffin nos últimos anos. Todos eles tiveram seus números de série Babel riscados.

“Não gostamos do sistema de categorização deles”, explicou Anthony. 'Só faz sentido em caracteres romanos, mas nem todas as línguas são romanizadas tão facilmente, não é?' Ele apontou para um tapete perto da porta. 'Limpe os sapatos, não gostamos de deixar sujeira entre as prateleiras. E há uma barraca ali para seus casacos.

Uma chaleira de ferro enferrujada pendia inexplicavelmente do último degrau do cabide. Robin estendeu a mão para ele, curioso, mas Anthony disse bruscamente: — Deixe isso de lado.

'Desculpe, para que serve isso?'

"Não é chá, claro." Anthony balançou a chaleira na direção deles para revelar o fundo, que exibia um brilho prateado familiar. 'É um sistema de segurança. Ele apita quando alguém que não conhecemos chega perto da biblioteca.

'Com que par?'

'Você não gostaria de saber?' Anthony piscou. 'Nós fazemos segurança como Babel faz.

Cada um inventa suas próprias armadilhas e não contamos aos outros como isso é feito. A melhor coisa que criamos é o glamour – evita que o som escape do prédio, o que significa que nenhum transeunte pode escutar nossas conversas.'

“Mas este lugar é enorme”, disse Ramy. 'Quero dizer, você não é invisível – como diabos você fica escondido?'

'O truque mais antigo do mundo. Estamos escondidos à vista de todos. Anthony os conduziu ainda mais para dentro da biblioteca. 'Quando Durham foi extinto em meados do século XVI e Trinity assumiu sua propriedade, eles ignoraram a biblioteca suplementar na transferência da escritura. As únicas coisas listadas no catálogo daquela biblioteca eram materiais que ninguém usava há décadas e que têm duplicatas mais acessíveis no Bodleian.

Portanto, agora vivemos à beira da burocracia – todos que passam sabem que esta é uma biblioteca de armazenamento, mas todos presumem que pertence a alguma outra faculdade mais pobre. Essas faculdades são muito ricas, você vê. Isso faz com que eles percam o controle de suas posses.

'Ah, você encontrou os alunos de graduação!'

Figuras surgiram de dentro das prateleiras. Robin reconheceu todos eles – todos eram ex-alunos ou atuais bolsistas de pós-graduação que ele vira espreitando pela torre. Ele supôs que isso não deveria ter sido uma surpresa. Estavam Vimal Srinivasan, Cathy O'Nell e Ilse Dejima, que lhes deu um pequeno aceno ao se aproximar.

— Ouvi dizer que você teve uma semana ruim. Ela estava muito mais amigável agora do que nunca na torre. 'Bem-vindo ao Chez Hermes. Você chegou bem na hora do jantar.

“Eu não sabia que havia tantos de vocês”, disse Ramy. 'Quem mais aqui fingiu a morte?'

Anthony riu. 'Sou o único fantasma residente em Oxford. Temos alguns outros no exterior – Vaibhav e Frédérique, você já deve ter ouvido falar deles – eles fingiram se afogar em um veleiro vindo de Bombaim e têm operado na Índia desde então. Lisette simplesmente anunciou que estava voltando para casa para se casar, e todos os professores de Babel ficaram decepcionados demais com ela para dar seguimento à sua história.

Obviamente, Vimal, Cathy e Ilse ainda estão na Babel. É mais fácil para eles desviar recursos.'

— Então por que você foi embora? perguntou Robin.

'Alguém precisa ficar na Antiga Biblioteca em tempo integral. De qualquer

forma, eu estava cansado da vida no campus, então fingi minha morte em Barbados, comprei uma passagem no próximo pacote para casa e voltei para Oxford sem ser notado. Anthony piscou para Robin. — Pensei que você tivesse me pegado naquele dia na livraria. Não ousei sair da Antiga Biblioteca por uma semana. Vamos, deixe-me mostrar o resto.

Um rápido passeio pelos espaços de trabalho além das prateleiras revelou uma série de projetos em andamento, que Anthony apresentou com orgulho. Estes incluíram a compilação de dicionários entre línguas regionais ('Perdemos muito ao assumir que tudo deve primeiro passar pelo inglês'), pares de prata não ingleses ('Mesmo princípio – Babel não financiará pares de correspondência que não traduzir para o inglês já que todas as suas barras são para uso dos britânicos. Mas isso é como pintar com apenas uma cor ou tocar apenas uma nota no piano.'), e críticas às traduções existentes para o inglês de textos religiosos e clássicos da literatura ('Bem - você conhece minha opinião sobre literatura em geral, mas algo precisa ser feito. mantenha Vimal ocupado.') A Sociedade Hermes não era apenas um viveiro de Robin Hoods, como Griffin levou Robin a acreditar; era também um centro de investigação por direito próprio, embora os seus projectos tivessem de ser realizados em segredo, com recursos escassos e roubados. *

'O que você vai fazer com tudo isso?' perguntou Vitória. "Você não pode publicar, certamente."

“Temos parceiros em alguns outros centros de tradução”, disse Vimal. 'Às vezes, enviamos trabalhos para revisão.'

'Existem outros centros de tradução?' perguntou Robin.

“Claro”, disse Anthony. 'Só recentemente é que Babel alcançou preeminência em linguística e filologia. Foram os franceses que comandaram o espetáculo durante a maior parte do século XVIII, e depois os românticos alemães tiveram seu apogeu por um tempo. A diferença agora é que temos prata de sobra e eles não. *

“Mas eles são aliados inconstantes”, disse Vimal. 'Eles são úteis na medida em que eles também odeiam os britânicos, mas não têm nenhum compromisso real com a libertação global. Na verdade, toda essa pesquisa é apenas uma aposta no futuro. Ainda não podemos fazer bom uso disso. Não temos o alcance nem os recursos. Portanto, tudo o que podemos fazer é produzir o conhecimento, anotá-

lo e esperar que um dia exista um Estado que possa colocar tudo isso em uso adequado e altruísta.

No outro extremo da biblioteca, a parede dos fundos lembrava o resultado de diversas explosões de morteiros, carbonizada e com crateras no centro. Embaixo, duas mesas igualmente carbonizadas estavam lado a lado, ambas de alguma forma eretas, apesar das pernas enegrecidas e enrugadas.

“Certo”, disse Anthony. — Então essa é a nossa oficina de ourivesaria e, hum, de munições.

'Isso aconteceu ao longo do tempo ou de uma só vez?' Victoire perguntou secamente.

“Isso é inteiramente culpa de Griffin”, disse Vimal. 'Parece que não acho que a pólvora seja uma atividade ao ar livre.'

A parte intacta da parede dos fundos estava coberta por um enorme mapa-múndi, pontilhado com alfinetes de cores diferentes presos por barbantes a notas escritas em uma caligrafia minúscula e densa. Robin se aproximou, curioso.

'Esse é um projeto de grupo.' Cathy juntou-se a ele diante do mapa. 'Acrescentamos pouco a pouco quando voltamos do exterior.'

'Todos esses alfinetes representam idiomas?'

'Achamos que sim. Estamos tentando rastrear o número de línguas ainda faladas no mundo e onde elas estão desaparecendo. E há muitas línguas que estão morrendo, você sabe. Um grande evento de extinção começou no dia em que Cristóvão Colombo pisou no

Novo Mundo. Espanhol, português, francês, inglês – eles têm superado línguas e dialetos regionais como filhotes de cuco. Acho que não é inconcebível que um dia a maior parte do mundo fale apenas inglês.' Ela suspirou, olhando para o mapa. 'Eu nasci uma geração tarde demais. Não faz muito tempo que talvez eu tenha crescido em meio ao gaélico.

“Mas isso destruiria o trabalho com prata”, disse Robin. 'Não seria? Isso colapsaria a paisagem linguística. Não haveria nada para traduzir. Não há diferenças para distorcer.

'Mas essa é a grande contradição do colonialismo.' Cathy pronunciou isso como se fosse um simples fato. 'Foi construído para destruir aquilo que mais valoriza.'

'Vamos, vocês dois.' Anthony acenou para que eles se aproximassem de uma porta que dava para uma pequena sala de leitura que havia sido convertida em sala de jantar. 'Vamos comer.'

As ofertas no jantar eram globais: um curry de vegetais, um prato de batatas cozidas, um prato de peixe frito com um sabor surpreendentemente semelhante ao que Robin comera uma vez em Cantão e um pão achatado e mastigável que combinava bem com todo o resto. Os oito estavam sentados ao redor de uma bela mesa ornamentada que parecia incongruente com os painéis simples de madeira. Não havia cadeiras suficientes para todos eles, então Anthony e Ilse arrastaram bancos e banquetas pela biblioteca. Nenhum dos talheres combinava, nem os talheres. As chamas ardiam alegremente em uma lareira no canto, aquecendo o ambiente de maneira desigual, de modo que o lado esquerdo de Robin pingava suor enquanto o lado direito ficava frio. Toda a cena era essencialmente colegial.

'São só vocês?' Robin perguntou.

'O que você quer dizer?' perguntou Vimal.

— Bem, você está. . . .' Robin gesticulou ao redor da mesa. 'Vocês são todos muito jovens.'

“Necessariamente”, disse Anthony. 'É um negócio perigoso.'

'Mas não existem. . eu não sei...'

'Adultos de verdade? Reforços? Anthony assentiu. 'Alguns, sim. Eles estão espalhados por todo o globo. Não sei quem são todos eles – nenhum de nós sabe exaustivamente quem são todos, e isso é intencional. Provavelmente há até associados da Hermes em Babel que eu ainda não conheço, mas, quem quer que sejam, espero que comecem a se esforçar um pouco mais.’

“Isso e o desgaste são um problema”, disse Ilse. 'Pegue a Birmânia.'

'O que aconteceu na Birmânia?' perguntou Robin.

“Sterling Jones aconteceu”, Anthony disse com firmeza, mas não deu mais detalhes.

Este parecia um assunto delicado. Por um momento, todos olharam para a comida.

Robin pensou nos dois ladrões que conhecera na primeira noite em Oxford, a jovem e o homem louro, nenhum dos quais voltara a ver. Ele não se aventurou a perguntar. Ele sabia a resposta: atrito.

'Mas como você faz alguma coisa?' perguntou Ramy. 'Isto é, se você nem sabe quem são seus aliados?'

“Bem, não é tão diferente da burocracia de Oxford”, disse Anthony. 'A universidade, as faculdades e as faculdades nunca parecem concordar sobre quem é responsável pelo quê, mas eles fazem as coisas acontecerem, não é?'

“ *Langue de bœuf molho Madère* ”, anunciou Cathy, colocando uma panela pesada no centro da mesa. 'Língua de boi ao molho Madeira.'

- Cathy adora servir a língua - informou Vimal. 'Ela acha isso engraçado.'

“Ela está criando um dicionário de línguas”, disse Anthony. 'Língua fervida, língua em conserva, língua seca, língua defumada. .'

'Silêncio.' Cathy deslizou no banco entre eles. 'Língua é meu corte favorito.'

“É o corte mais barato”, disse Ilse.

“É nojento”, disse Anthony.

Cathy jogou uma batata nele. — Encha isso, então.

'Ah, *pommes de terre à l'anglaise* .' Anthony espetou uma batata com o garfo. 'Você sabe por que os franceses chamam batatas cozidas à l'anglaise? Porque eles acham que ferver coisas é chato, Cathy, assim como toda a culinária inglesa é mortalmente chata. .

— Então não coma, Anthony.

— Asse-os — insistiu Anthony. 'Refogue-os com manteiga ou asse-os com queijo - só não seja tão *inglês* .'

Observando-os, Robin sentiu uma pontada aguda na base do nariz. Ele sentiu o mesmo que sentiu na noite do baile comemorativo, dançando nas mesas sob as luzes das fadas. Que mágico, ele pensou; como é impossível que um lugar como este possa existir, uma destilação de tudo o que Babel prometeu. Ele sentiu que esteve procurando por um lugar como este durante toda a sua vida, e ainda assim o traiu.

Para seu horror, ele começou a chorar.

— Ah, pronto, pronto. Cathy deu um tapinha no ombro dele. — Você está seguro, Robin.

Você está com amigos.

“Sinto muito”, ele disse miseravelmente.

'Está tudo bem.' Cathy não perguntou por que ele estava se desculpando. 'Você está aqui agora. É isso que importa.'

Três batidas repentinas e violentas soaram na porta. Robin se encolheu, deixando cair o garfo, mas nenhum dos pós-graduados pareceu alarmado.

- Esse deve ser Griffin - disse Anthony alegremente. 'Ele esquece as senhas sempre que as alteramos, então, em vez disso, ele marca um ritmo.'

- Ele chegou tarde demais para jantar - disse Cathy, irritada.

'Bem, prepare um prato para ele.'

' *Por favor* .'

— Por favor, Cathy. António levantou-se. 'O resto de vocês, para a Sala de Leitura.'

O coração de Robin bateu forte quando ele saiu da sala de jantar com o outros. De repente ele se sentiu muito nervoso. Ele não queria ver seu irmão. O mundo tinha virado de cabeça para baixo desde a última vez que se falaram, e ele estava

apavorado com o que Griffin tinha a dizer sobre isso.

Griffin entrou pela porta parecendo magro, abatido e cansado da viagem como sempre.

Robin examinou seu irmão enquanto ele tirava o casaco preto surrado. Ele parecia um completo estranho, agora que Robin sabia o que ele tinha feito. Cada uma de suas características contava uma nova história; aquelas mãos magras e capazes; aqueles olhos penetrantes e penetrantes – seriam essas as características de um assassino? Como ele se sentiu quando jogou uma barra de prata em Evie Brooke, sabendo muito bem que isso rasgaria seu peito? Será que ele riu quando ela morreu, como fez ao ver Robin agora?

'Olá irmão.' Griffin sorriu com seu sorriso de lobo e estendeu a mão para apertar a mão de Robin. — Ouvi dizer que você matou o querido pai.

Foi um acidente , Robin quis dizer, mas as palavras ficaram presas em sua garganta. Eles nunca haviam soado verdadeiros antes; ele não conseguia pronunciá-las agora.

“Muito bem”, disse Griffin. — Nunca pensei que você tivesse isso dentro de você.

Robin não teve resposta. Ele achou difícil respirar. Ele teve uma vontade estranha de dar um soco no rosto de Griffin.

Griffin, indiferente, apontou para a Sala de Leitura. 'Vamos trabalhar?'

“A tarefa, tal como a vemos, é convencer o Parlamento e o público britânico de que seria contra os seus melhores interesses levar a Grã-Bretanha à guerra contra a China”, disse Anthony.

“O desastre da queima do ópio levou tudo ao auge”, disse Griffin. 'O comissário Lin emitiu uma proclamação proibindo totalmente o comércio inglês de Cantão. Jardine & Matheson, entretanto, consideraram essas hostilidades como justificativa para a guerra.

Dizem que a Inglaterra deve agir agora para defender a sua honra, ou enfrentará para sempre a humilhação no Leste. Bela maneira de irritar algumas penas nacionalistas. A Câmara dos Lordes começou a debater uma expedição militar na

semana passada.

Mas a votação ainda não havia acontecido. Os senhores do Parlamento ainda estavam hesitantes, incertos sobre a utilização dos recursos do país num empreendimento tão distante e sem precedentes. A questão em questão, no entanto, era a prata. Derrotar a China daria ao Império Britânico acesso à maior reserva de prata do mundo, prata que faria com que os seus navios de guerra navegassem mais rápido e os seus canhões disparassem mais longe e com mais precisão. Se O Parlamento escolheu a guerra, o futuro do mundo colonizado era inimaginável. A Grã-Bretanha, repleta de riquezas da China, poderia implementar uma série de agendas em relação a África, Ásia e América do Sul que até agora tinham permanecido sonhos irrealizáveis.

“Mas não podemos fazer nada sobre essas conspirações neste momento”, disse Griffin.

«E não podemos pensar na escala de uma revolução global, porque é impossível. Não temos os números. Aquilo em que devemos concentrar-nos agora, antes de podermos recorrer a qualquer outra coisa, é impedir a invasão de Cantão. Se a Inglaterra vencer – pois ela certamente vencerá, não há dúvida – ela obterá um suprimento quase infinito de prata no futuro próximo. Se não o fizer, o seu abastecimento de prata esgota-se e as suas capacidades imperiais diminuem consideravelmente. É isso. Todo o resto é irrelevante.

Ele bateu no quadro-negro, onde os nomes de vários senhores estavam classificados em diferentes colunas. 'A Câmara dos Comuns ainda não votou. Ainda é um debate aberto. Há uma forte facção anti-guerra, liderada por Sir James Graham, Visconde Mahon e William Gladstone. E Gladstone é um homem muito bom para se ter ao nosso lado – ele odeia o ópio mais do que ninguém; ele tem uma irmã viciada em láudano, eu acho.

“Mas também há políticas internas em jogo”, explicou Cathy. “O ministério de Melbourne enfrenta uma crise política interna. Os Whigs sobreviveram por pouco a um voto de desconfiança, por isso agora estão caminhando numa corda bamba impossível entre conservadores e radicais, exacerbado pelo fato de terem sido fracos no comércio exterior no México, na Argentina e na Arábia. .

“Sinto muito”, disse Ramy. 'E agora?'

Cathy acenou com a mão com impaciência. «O resultado final é que os Radicais

e os seus círculos eleitorais do Norte precisam de um comércio exterior saudável e os Whigs precisam de manter o seu apoio para contrabalançar os Conservadores. Uma demonstração de força em relação à crise do ópio é precisamente a forma de o fazer. De qualquer forma, será uma votação apertada.

Anthony acenou com a cabeça para o quadro. 'Nossa missão agora, então, é obter votos suficientes para que a proposta de guerra seja rejeitada.'

— Só para ficar claro — disse Ramy lentamente —, seu plano agora é se tornar *lobista* ?

“De fato”, disse Anthony. «Teremos de convencê-los de que a guerra é contra os melhores interesses dos seus eleitores. Agora, esse é um argumento complicado de se argumentar, porque afeta diferentes classes de maneira diferente. Obviamente, desviar toda a prata da China será um enorme benefício para qualquer um. quem já tem dinheiro.

Mas também existe um movimento que acredita que o aumento do uso da prata é a pior coisa que pode acontecer aos trabalhadores. Um tear reforçado com prata deixa uma dúzia de tecelões sem trabalho; é por isso que eles estão sempre marcantes. Esse é um argumento decente para um Radical votar não.'

— Então você está apenas mirando na Câmara dos Lordes? perguntou Robin. 'Não é o público em geral?'

“Boa pergunta”, disse Anthony. «Os senhores são os decisores, sim, mas uma certa pressão da imprensa e do público pode influenciar aqueles que ainda estão em cima do muro. O truque é como deixar o londrino médio preocupado com uma guerra da qual provavelmente nunca ouviram falar.

“Apelo à sua natureza humana e simpatia pelos oprimidos”, disse Letty.

“Ah”, disse Ramy. 'Ah, ah, ah.'

“Parece-me simplesmente que toda esta agressão é bastante preventiva”, insistiu Letty.

— Quero dizer, você nem sequer tentou apresentar seu caso ao público. Você já pensou que seria melhor demonstrar seu ponto de vista sendo gentil?

' *Agradável* vem da palavra latina para “estúpido” ' * disse Griffin. 'Não queremos ser legais.'

“Mas a opinião pública sobre a China *é* maleável”, interveio Anthony. «Para começar, a maior parte dos londrinos opõe-se ao comércio do ópio e há bastante cobertura simpática ao Comissário Lin nos jornais. Você pode ir muito longe com os moralistas e os conservadores religiosos neste país. A questão que se coloca é como incomodá-los o suficiente para exercerem pressão sobre o Parlamento. Guerras impopulares foram travadas por menos.

“Em termos de provocar protestos públicos, tivemos uma ideia”, disse Griffin. 'A *polêmica* dos pares e a raiz grega *polemikós* , que, claro, significa. .'

“Guerra”, disse Ramy.

'Correto.'

'Então você tem uma guerra de ideias.' Ramy franziu a testa. 'O que o par faz?'

'Isso é um trabalho em andamento; ainda estamos brincando com isso. Se nós Se pudermos simplesmente conectar essa distorção semântica ao meio certo, poderemos chegar a algum lugar. Mas a questão é que não poderemos alcançar nada até que mais pessoas entendam de onde viemos. A maioria dos britânicos não entende que há uma luta a ser travada. Para eles, esta guerra é algo imaginário – algo que só poderia beneficiá-los,

algo que não têm de olhar nem de se preocupar. Eles não sabem a crueldade envolvida ou a violência contínua que isso possibilitará. Eles não sabem o que o ópio faz com as pessoas.

“Você não vai chegar a lugar nenhum com esse argumento”, disse Robin.

'Por que não?'

“Porque eles não se importam”, disse Robin. 'É uma guerra acontecendo em uma terra estrangeira que eles nem conseguem imaginar. É muito distante para eles se importarem.

— O que faz você ter tanta certeza disso? perguntou Cathy.

“Porque eu não fiz isso”, disse Robin. — Não, apesar de já terem me dito repetidas vezes como as coisas eram horríveis. Foi preciso testemunhar isso pessoalmente para perceber que todas as abstrações eram reais. E mesmo assim, tentei ao máximo desviar o olhar. É

difícil aceitar o que você não quer ver.

Houve um breve silêncio.

— Bem, então — disse Anthony, com alegria forçada —, teremos que ser criativos com nossas persuasões, não é?

Então esse era o objetivo da noite: mudar os motores da história para um rumo diferente.

As coisas não eram tão indefesas quanto pareciam. A Sociedade Hermes já tinha vários planos em andamento, a maioria incluindo diversas formas de suborno e chantagem, e um deles incluindo a destruição de um estaleiro em Glasgow.

“A votação a favor da guerra depende da crença do Parlamento de que será facilmente vencida”, explicou Griffin. — E, tecnicamente, sim, nossos navios poderiam tirar a marinha de Cantão da água. Mas eles usam prata para trabalhar. Há alguns meses, Thomas Peacock. .

— Ah — Ramy fez uma careta. 'Ele. ' *

'De fato. Ele é um entusiasta fanático da tecnologia a vapor e fez um pedido de seis barcos a vapor de ferro para os construtores navais Laird's. William Laird e Son, isto é, eles moram em Glasgow. Esses navios são mais assustadores do que qualquer coisa que as águas da Ásia já tenham visto. Eles têm foguetes Congreve, e seu calado raso e sua potência a vapor os tornam mais móveis do que qualquer coisa na frota chinesa. Se o Parlamento votar sim, pelo menos um deles irá direto para Cantão.

“Então presumo que você esteja indo para Glasgow”, disse Robin.

“Amanhã de manhã logo cedo”, disse Griffin. “Vai levar dez horas de trem. Mas espero que o Parlamento receba uma resposta ainda hoje, quando eu chegar lá.

Ele não detalhou exatamente o que faria em Glasgow, embora Robin não

duvidasse que seu irmão fosse capaz de demolir um estaleiro inteiro.

“Bem, isso parece muito mais eficaz”, disse Ramy alegremente. 'Por que não estamos colocando todos os nossos esforços na sabotagem?'

“Porque somos estudiosos, não soldados”, disse Anthony. “Uma coisa é o estaleiro, mas não vamos enfrentar toda a Marinha britânica. Temos que alavancar a influência onde pudermos. Deixe a teatralidade violenta para Griffin. .

Griffin se irritou. 'Eles não são mera *teatralidade*- '

- As brincadeiras violentas - corrigiu Anthony, embora Griffin também se irritasse com isso. 'E vamos nos concentrar em como influenciar a votação em Londres.'

Então eles voltaram para o quadro-negro. Uma guerra pelo destino do mundo não poderia ser vencida da noite para o dia – isto todos sabiam em teoria – mas não

conseguiam parar e adormecer. Cada hora que passava trazia novas ideias e táticas, embora à medida que as horas se arrastassem para além da meia-noite, os seus pensamentos começassem a perder alguma coerência. Suponhamos que eles enredaram Lord Palmerston num escândalo de prostituição, enviando Letty e Cathy para seduzi-lo disfarçados.

Suponhamos que convenceram o público britânico de que o país China não existia de facto e era na verdade uma elaborada farsa de Marco Polo. Em algum momento, eles caíram na gargalhada enquanto Griffin descrevia em detalhes intrincados uma conspiração para sequestrar a Rainha Vitória nos jardins do Palácio de Buckingham, sob o disfarce de uma rede criminosa clandestina chinesa e mantê-la como refém em Trafalgar Square.

A missão deles era angustiante e impossível, sim, mas Robin também encontrou um certo prazer estimulante neste trabalho. Esta solução criativa de problemas, esta divisão de uma missão importante em uma dúzia de pequenas tarefas que, combinadas com uma enorme sorte e possivelmente com a intervenção divina, poderiam levá-los à vitória – tudo isso o lembrou de como era a sensação de estar na biblioteca trabalhando em uma tradução espinhosa às quatro da manhã, rindo histericamente porque estavam incrivelmente cansados, mas de alguma

forma vibrando de energia porque era uma grande emoção quando uma solução inevitavelmente se unia a partir de sua confusão de notas rabiscadas e descontroladas. debate.

Descobriu-se que desafiar o império foi divertido.

Por alguma razão, eles continuaram a regressar ao par *polemikós* , talvez porque de facto parecesse que estavam a travar uma guerra de ideias, uma batalha pela alma da Grã-Bretanha. As metáforas discursivas, observou Letty, giravam em torno de imagens de guerra com bastante frequência. “Pense nisso”, disse ela. “A posição deles é indefensável.

Devemos atacar seus pontos fracos. Devemos derrubar suas instalações.

“Fazemos isso em francês também”, disse Victoire. ' *Cheval de batalha* . ' *

— Cavalo de guerra — disse Letty, sorrindo.

'Bem, então', disse Griffin, 'já que estamos falando de soluções militares, ainda acho que deveríamos prosseguir com a Operação Fúria Divina.'

‘O que é a Operação Fúria Divina?’ perguntou Ramy.

“Não importa”, disse Anthony. 'É um nome estúpido e uma ideia ainda mais estúpida.'

' *Quando Deus viu isso, Ele não permitiu, mas os feriu com cegueira e confusão de fala, e os tornou como você vê* ', * Griffin disse grandiosamente. 'Olha, é uma boa ideia. Se pudéssemos destruir a torre. .

— Com o quê, Griffin? Anthony perguntou, exasperado. 'Com que exército?'

“Não precisamos de um exército”, disse Griffin. 'Eles são estudiosos, não soldados. Você pega uma arma ali, balança-a e grita um pouco, e você toma a torre inteira como refém. E

então você tomou o país inteiro como refém. Babel é o ponto crucial, Anthony; é a fonte de todo o poder do Império. Só precisamos aproveitá-lo.

Robin olhou para ele, alarmado. Em chinês, a frase *huǒyàowèi* * significava

literalmente

'o sabor da pólvora'; figurativamente, 'beligerância, combatividade'. Seu irmão cheirava a pólvora. Ele cheirava a violência.

“Espere”, disse Letty. 'Você quer invadir a torre?'

'Eu quero *ocupar* a torre. Não seria tão difícil. Griffin encolheu os ombros. — E é uma solução mais direta para os nossos problemas, não é? Tenho tentado convencer esses caras, mas eles estão com muito medo de conseguir.

'O que você precisa para fazer isso?' Victória perguntou.

'Essa é a pergunta certa.' Griffin sorriu. — Corda, duas armas, talvez nem isso. . algumas facas, pelo menos. .

'Armas?' Letty repetiu. ' *Facas?* '

'Eles são apenas para intimidação, querido, na verdade não machucaríamos ninguém.'

Letty cambaleou. 'Você *honestamente* ...'

'Não se preocupe.' Cathy olhou para Griffin. 'Deixamos nossos pensamentos sobre isso bem claros.'

“Mas pense no que aconteceria”, insistiu Griffin. 'O que este país faz sem prata encantada? Sem pessoas para mantê-lo? A energia do vapor acabou. Lâmpadas perpétuas, desapareceram. Construindo reforços, foi-se. As estradas iriam deteriorar-se, as carruagens iriam funcionar mal – esqueçam Oxford, toda a Inglaterra desmoronaria em meses. Eles seriam colocados de joelhos. Paralisado.

“E dezenas de pessoas inocentes morreriam”, disse Anthony. 'Não estamos considerando isso.'

'Multar.' Griffin recostou-se e cruzou os braços. 'Faça do seu jeito. Sejamos lobistas.'

Eles encerraram às três da manhã. Anthony mostrou-lhes uma pia no fundo da biblioteca onde eles poderiam se lavar – “Sem banheira, desculpe, então vocês

terão que ensaboar as axilas em pé…” e então puxou uma pilha de colchas e travesseiros de um armário.

“Só temos três camas”, disse ele, desculpando-se. — Não é frequente passarmos todos a noite aqui. Senhoras, por que não seguem a Ilse até a sala de leitura? E, senhores, vocês podem ficar sozinhos no beliche entre as estantes. Cria um pouco de privacidade.

Robin estava tão exausta que um espaço de madeira entre as prateleiras parecia maravilhoso. Era como se ele estivesse acordado há um longo dia desde que chegaram a Oxford; que ele havia experimentado o suficiente para uma vida inteira. Ele aceitou uma colcha de Anthony e caminhou em direção às estantes, mas Griffin se materializou ao seu lado antes que ele pudesse se acalmar. 'Tem um momento?'

'Você não vai dormir?' Robin perguntou. Griffin estava completamente vestido, abotoado com aquele sobretudo preto.

“Não, vou sair cedo”, disse Griffin. — Não há linha direta para Glasgow. Vou até Londres e tomo o primeiro trem pela manhã. Venha para o quintal comigo.

'Por que?'

Griffin deu um tapinha na arma que trazia no cinto. 'Vou mostrar a você como disparar isso.'

Robin abraçou a colcha mais perto do peito. 'Absolutamente não.'

“Então você vai me ver disparar uma arma”, disse Griffin. — Acho que já deviamos ter uma conversa, não é?

Robin suspirou, largou a colcha e seguiu Griffin porta afora. O quintal estava muito claro sob a lua cheia. Griffin devia tê-lo usado com frequência para praticar tiro, pois Robin percebeu que as árvores do outro lado do quintal estavam crivadas de buracos de bala.

'Você não tem medo que alguém ouça?'

“Toda esta área está protegida pelo glamour”, disse Griffin. 'Trabalho muito inteligente.

Ninguém pode ver ou ouvir muito quem já não sabe que estamos aqui. Você sabe alguma coisa sobre armas?

'Nem um pouco.'

'Bem, nunca é tarde para aprender.' Griffin colocou a arma nas mãos de Robin. Como barras de prata, era mais pesado do que parecia e muito fresco ao toque. Havia uma certa elegância indiscutível na curva do cabo de madeira, na facilidade com que ele se ajustava à sua mão. Ainda assim, Robin sentiu uma onda de repulsa ao segurá-lo. Parecia cruel, como se o metal estivesse tentando mordê-lo. Ele queria muito jogá-lo no chão, mas tinha medo de detoná-lo acidentalmente.

“Este é um revólver de caixa de pimenta”, disse Griffin. 'Muito popular entre os civis. Ele usa um mecanismo caplock, o que significa que pode disparar quando está molhado – não olhe para baixo no cano, seu idiota, nunca olhe diretamente para baixo no cano. Tente mirar.

“Não vejo sentido”, disse Robin. 'Eu nunca vou disparar isso.'

'Não importa que você vá dispará-lo. É importante que alguém pense que você o fará.

Veja, meus colegas ainda mantêm essa fé inacreditável na bondade humana. Griffin engatilhou a arma e apontou para uma bétula do outro lado do quintal. “Mas sou cético.

Penso que a descolonização deve ser um processo violento.'

Ele puxou o gatilho. A explosão foi muito alta. Robin pulou para trás, mas Griffin não se incomodou. “Não é ação dupla”, disse ele, ajustando os canos. 'Você tem que engatilhar o martelo após cada tiro.'

Sua mira era muito boa. Robin semicerrou os olhos e viu um entalhe no centro da bétula que não existia antes.

'Veja, uma arma muda tudo. Não se trata apenas do impacto, trata-se do que ele sinaliza.' Griffin passou os dedos pelo cano e depois virou-se para apontar a arma para Robin.

Robin deu um pulo para trás. 'Jesus-'

'Assustador, não é? Pense, por que isso é mais assustador do que uma faca?' Griffin não moveu o braço. — Diz que estou disposto a matar você e tudo o que preciso fazer é puxar o gatilho. Posso matar à distância, sem esforço. Uma arma elimina todo o trabalho duro do assassinato e o torna elegante. Isso diminui a distância entre a decisão e a ação, entende?

'Você já atirou em alguém?' Robin perguntou.

'Claro.'

'Você bateu neles?'

Griffin não respondeu à pergunta. 'Você tem que entender onde eu estive. Nem tudo são bibliotecas e teatros de debate por aí, irmão. As coisas parecem diferentes em um campo de batalha.

'Babel é um campo de batalha?' Robin perguntou. 'Evie Brooke era uma combatente inimiga?'

Griffin baixou a arma. — Então é nisso que estamos presos?

'Você matou uma garota inocente.'

'Inocente? Foi isso que nosso pai lhe contou? Que eu matei Evie a sangue frio?

“Já vi aquele bar”, disse Robin. 'Está no meu bolso, Griffin.'

— Evie não era uma espectadora inocente — zombou Griffin. “Estávamos tentando recrutá-la há meses. Foi complicado, porque ela e Sterling Jones eram muito próximos, mas se algum deles tivesse consciência, certamente seria ela. Ou assim pensamos. Passei meses e meses conversando sobre coisas com ela no Twisted Root até que uma noite ela decidiu que estava pronta, que estava dentro. Só que era tudo uma armação - ela estava conversando com os policiais e os professores o tempo todo , e eles traçaram um plano para me pegar em flagrante.

“Ela era uma atriz brilhante, você vê. Ela tinha esse jeito de olhar para você, com os olhos arregalados, balançando a cabeça como se você tivesse toda a sua simpatia. Claro, eu não sabia que era tudo uma performance. Achei que tinha

feito uma aliada – fiquei emocionado quando ela parecia estar se recuperando – e com todos que perdemos Birmânia, me senti muito sozinho. E Evie foi tão esperta nisso. Fez todas essas perguntas, muito mais do que você – fez parecer que ela só queria saber porque estava muito emocionada em se juntar à causa, porque queria aprender todas as maneiras pelas quais poderia ajudar.

— Então como você descobriu?

— Bem, ela não era tão inteligente. Se ela fosse mais esperta, não teria desistido do disfarce até estar segura.

— Mas ela contou a você. O estômago de Robin revirou. "Ela queria se gabar."

“Ela sorriu para mim”, disse Griffin. “Quando a sirene tocou, ela sorriu para mim e disse que estava tudo acabado. E então eu a matei. Eu não queria. Você não vai acreditar em mim, mas é a verdade. Eu pretendia assustá-la. Mas eu estava com raiva e com medo – e Evie era cruel, você sabe. Se eu tivesse dado a ela uma oportunidade, ainda acho que ela poderia ter me machucado primeiro.

'Você realmente acredita nisso?' Robin sussurrou. — Ou é uma mentira que você invoca para poder dormir à noite?

'Eu durmo muito bem.' Griffin zombou. — Mas você precisa de suas mentiras, não é?

Deixe-me adivinhar: você está dizendo a si mesmo que foi um acidente? Que você não quis dizer isso?

— Eu não fiz isso — insistiu Robin. 'Simplesmente *aconteceu* - e não foi de propósito, eu nunca quis. .'

“Não”, disse Griffin. 'Não se esconda, não finja – isso é tão covarde. Diga como você se sente. Foi bom, admita. O poder absoluto foi tão bom. .

— Eu retiraria tudo se pudesse — insistiu Robin. Ele não sabia por que era tão importante que Griffin acreditasse nele, mas esta parecia ser a última frase que ele tinha que manter, a última verdade que ele tinha que manter sobre sua identidade. Caso contrário, ele não se reconheceu. 'Eu gostaria que ele tivesse vivido. .'

— Você não está falando sério. Ele mereceu o que recebeu.

'Ele não merecia morrer.'

“Nosso pai”, Griffin disse em voz alta, “era um homem cruel e egoísta que pensava que qualquer pessoa que não fosse branca e inglesa era menos que humana. Nosso pai destruiu a vida da minha mãe e deixou a sua morrer. Nosso pai é um dos principais engenheiros de uma guerra em nossa pátria. Se ele tivesse voltado vivo de Cantão, o Parlamento não estaria debatendo agora. Eles já teriam votado. Você nos comprou dias, talvez semanas. E daí se você é um assassino, irmão? O mundo está melhor sem o professor nele. Pare de murchar

sob o peso da sua consciência e receba o maldito crédito. Ele virou a arma e ofereceu-a primeiro para Robin. 'Pegue.'

'Eu disse não.'

'Você ainda não entende.' Impacientemente, Griffin agarrou os dedos de Robin e os forçou ao redor da maçaneta. — Saímos do reino das ideias agora, irmão. Estamos em guerra.

'Mas se isto é uma guerra, então você perdeu.' Mesmo assim, Robin se recusou a pegar a arma. 'Não há como você vencer no campo de batalha. Suas fileiras são o quê, algumas dúzias? No máximo? E você vai enfrentar todo o exército britânico?

“Ah, mas é aí que você está errado”, disse Griffin. “O problema da violência, veja bem, é que o Império tem muito mais a perder do que nós. A violência perturba a economia extractiva. Você causa estragos em uma linha de abastecimento e há uma queda nos preços do outro lado do Atlântico. Todo o seu sistema de comércio é tenso e vulnerável a choques porque assim o fizeram, porque a ganância voraz do capitalismo é punitiva. É por isso que as revoltas de escravos têm sucesso. Eles não podem disparar contra a sua própria fonte de trabalho – seria como matar os seus próprios gansos dourados.

'Mas se o sistema é tão frágil, por que aceitamos tão facilmente a situação colonial? Por que achamos que é inevitável? Por que Man Friday nunca consegue um rifle ou corta o pescoço de Robinson Crusoe durante a noite? O problema é que estamos sempre vivendo como se tivéssemos perdido. Estamos todos vivendo como *você* . Vemos suas armas, sua prataria e seus navios, e

pensamos que já acabou para nós. Não paramos para considerar até que ponto o campo de jogo realmente pode ser. E nunca consideramos como seriam as coisas se pegássemos a arma. Mais uma vez, Griffin ofereceu a arma a Robin. 'Cuidado, é pesado na frente.'

Desta vez Robin aceitou. Ele apontou experimentalmente para as árvores. O cano realmente tombou para baixo; ele inclinou a mão contra o pulso para mantê-lo nivelado.

“A violência mostra-lhes o quanto estamos dispostos a desistir”, disse Griffin. 'A violência é a única linguagem que eles entendem, porque o seu sistema de extração é inerentemente violento. A violência choca o sistema. E o sistema não consegue sobreviver ao choque. Você não tem ideia do que é capaz, de verdade. Você não pode imaginar como o mundo poderá mudar a menos que você aperte o gatilho. Griffin apontou para a bétula do meio. 'Puxe o gatilho, garoto.'

Robin obedeceu. O estrondo partiu seus ouvidos; ele quase deixou cair a arma. Ele tinha certeza de que não tinha mirado certo. Ele não estava preparado para a força do contragolpe e seu braço tremia do pulso ao ombro. A bétula estava intocada. A bala voou inutilmente para a escuridão.

Mas ele tinha que admitir que Griffin estava certo – a emoção daquele momento, a explosão de força contida em suas mãos, o poder absoluto que ele poderia desencadear com apenas um movimento do dedo – era bom.

Capítulo Vinte e Três

Oh, aqueles brancos têm corações pequenos que só conseguem sentir por si mesmos.

M ARY P RINCE , *A História de Mary Prince*

Robin não conseguiu dormir depois que Griffin partiu para Glasgow. Ele ficou sentado no escuro, vibrando de energia nervosa. Ele sentiu uma vertigem ofegante, a sensação de olhar para um penhasco íngreme um momento antes de pular. O mundo inteiro estava à beira de alguma mudança cataclísmica, ao que parecia, e ele só conseguia se agarrar ao que estava ao seu redor enquanto todos avançavam em direção ao ponto de ruptura.

Uma hora depois, a Antiga Biblioteca começou a agitar-se. Assim que o relógio

bateu sete horas, uma sinfonia de canto de pássaros ecoou pelas estantes. O barulho era alto demais para vir de fora; em vez disso, parecia que um bando inteiro de pássaros estava empoleirado de forma invisível entre os livros.

'O que é aquilo?' Ramy perguntou, esfregando os olhos. — Você tem um zoológico em um armário nos fundos?

'Está vindo daqui.' Anthony mostrou-lhes um relógio de madeira decorado com pássaros canoros esculpidos nas bordas. 'Um presente de um dos nossos associados suecos.

Ela traduziu *gökatta* como “acordar ao amanhecer”, só que em sueco, *gökatta* tem o significado particular de acordar cedo para ouvir o canto dos pássaros. Há algum mecanismo de caixa de música dentro, mas a prata realmente imita o verdadeiro canto dos pássaros. É lindo, não é?

“Poderia ser um pouco mais silencioso”, disse Ramy.

'Ah, o nosso é um protótipo. Está ficando velho. Você pode comprar isso nas boutiques de Londres agora, você sabe. Eles são muito populares, os ricos os adoram.

Um por um, eles se revezaram lavando-se com água fria na pia. Depois juntaram-se às meninas na Sala de Leitura em torno das anotações agrupadas do dia anterior para retomarem o trabalho.

Letty também parecia não ter pregado o olho. Ela tinha grandes olheiras escuras sob os olhos e abraçou os braços miseravelmente contra o peito enquanto bocejava.

'Você está bem?' Robin perguntou.

'Parece que estou sonhando.' Ela piscou ao redor da sala, seu olhar desfocado. 'Está tudo de cabeça para baixo. Está tudo ao contrário.

É justo , pensou Robin. Letty estava se comportando muito bem, considerando tudo. Ele não sabia como formular educadamente o que queria dizer em seguida, então perguntou indiretamente: 'O que você acha?'

— Sobre o quê, Robin? ela perguntou, exasperada. — O assassinato que estamos

encobrindo, a queda do Império Britânico ou o fato de sermos fugitivos pelo resto da vida?

— Tudo isso, suponho.

'A justiça é exaustiva.' Ela esfregou as têmporas. 'Isso é o que eu acho.'

Cathy trouxe um bule fumegante de chá preto e eles estenderam suas canecas em agradecimento. Vimal tropeçou bocejando do banheiro em direção à cozinha. Poucos minutos depois, o aroma maravilhoso de fritura invadiu a Sala de Leitura. “Ovos de masala”, ele anunciou, colocando ovos mexidos em uma massa de tomate nos pratos. 'Tem torradas chegando.'

— Vimal — gemeu Cathy. 'Eu poderia me casar com você.'

Eles devoraram a comida em um silêncio rápido e mecânico. Minutos depois a mesa foi retirada, os pratos sujos voltaram para a cozinha. A porta da frente se abriu com um rangido. Era Ilse, de volta do centro da cidade com os jornais daquela manhã.

— Alguma notícia sobre os debates? — perguntou Antônio.

“Eles ainda estão em desacordo”, disse ela. 'Então ainda temos algum tempo. Os Whigs estão inseguros quanto aos seus números e não votarão até que estejam confiantes. Mas ainda queremos esses panfletos em Londres hoje ou amanhã. Leve alguém para o trem do meio-dia e depois imprima-o na Fleet Street.

— Ainda conhecemos alguém em Fleet Street? Vimal perguntou.

'Sim, Theresa ainda está no *Standard* . Eles vão para impressão às sextas-feiras. Posso entrar e usar as máquinas, tenho certeza, se você tiver algo para mim esta noite. Ela tirou um jornal amassado da bolsa e deslizou-o sobre a mesa. — A propósito, aqui estão as últimas novidades de Londres. Achei que você gostaria de ver.

Robin esticou o pescoço para ler o texto invertido. **PROFESSOR DE OXFORD**

ASSASSINADO EM CANTÃO , dizia. **"PERPETRADORES EM CONSPIRAÇÃO COM**

LOBISTAS CHINESES " .

'Bem.' Ele piscou. — Acho que a maioria dos detalhes está correta.

Ramy abriu o papel. 'Veja. Tem desenhos dos nossos rostos.

“Isso não se parece com você”, disse Victoire.

— Não, eles ainda não capturaram meu nariz — concordou Ramy. 'E eles tornaram os olhos de Robin muito pequenos.'

— Também imprimiram isto em Oxford? Anthony perguntou a Ilse.

'Surpreendentemente, não. Eles mantiveram tudo em segredo.

'Interessante. Bem, Londres ainda está cancelada para vocês – disse Anthony. Todos começaram a protestar ao mesmo tempo, mas ele ergueu a mão. 'Não fique bravo. É muito perigoso, não vamos arriscar. Você está se escondendo na Antiga Biblioteca até que isso acabe. Você não pode ser reconhecido.

— Nem você — retrucou Ramy.

'Eles acham que estou morto. Eles acham que você é um assassino. São coisas muito diferentes. Ninguém vai publicar meu rosto nos jornais.

“Mas eu quero estar lá”, disse Ramy, infeliz. 'Eu quero fazer algo, eu quero ajudar-'

'Você pode ajudar não sendo jogado na prisão. Isto não é uma guerra aberta, por mais que o querido Griffin queira fingir que é. Esses assuntos exigem sutileza. Anthony apontou para o quadro negro. 'Concentre-se na agenda. Vamos continuar de onde paramos. Penso que apresentámos a questão de Lord Arsenault ontem à noite. Letty?

Letty tomou um longo gole de chá, fechou os olhos e pareceu se recompor. 'Sim.

Acredito que Lorde Arsenault e meu pai se dão muito bem. Eu poderia escrever para ele, tentar marcar uma reunião. .

— Você não acha que seu pai vai se distrair com a notícia de que você é um

assassino?

perguntou Robin.

'Isso não nomeia Letty como perpetradora.' Victoire examinou a coluna. 'Somos apenas nós três. Ela não é mencionada aqui.

Houve um silêncio breve e constrangedor.

- Não, isso é muito bom para nós - disse Anthony suavemente. 'Dá-nos alguma liberdade de movimento. Agora vocês começam a escrever para seu pai, Letty, e o resto de vocês cumpre suas tarefas.

Um por um, eles saíram da Sala de Leitura para realizar as tarefas designadas. Ilse partiu para Babel para obter mais notícias sobre os acontecimentos em Londres. Cathy e Vimal foram à oficina consertar com match-pairs usando *polemikós* . Ramy e Victoire foram colocados para trabalhar escrevendo cartas para líderes radicais proeminentes, personificando apoiadores radicais brancos de meia-idade. Robin sentou-se com Anthony na sala de leitura, extraindo as mais contundentes evidências de conluio das cartas do professor Lovell como citações de panfletos curtos e inflamados. A esperança deles era que tais provas pudessem ser suficientemente escandalosas para serem divulgadas pelos jornais de Londres.

“Tenha cuidado com sua linguagem”, Anthony disse a ele. 'Você vai querer evitar a retórica sobre o anticolonialismo e o respeito à soberania nacional. Use termos como *escândalo* , *conluio* , *corrupção* , *falta de transparência* e outros enfeites. Coloque as coisas em termos que deixem o londrino médio preocupado e não faça disso uma questão de raça.

“Você quer que eu traduza coisas para pessoas brancas”, disse Robin.

‘Precisamente.’

Eles trabalharam em um silêncio confortável por cerca de uma hora, até que a mão de Robin ficou dolorida demais para continuar. Ele recostou-se, segurando uma caneca de chá em silêncio, até parecer que Anthony havia chegado ao fim de um parágrafo. 'Anthony, posso te perguntar uma coisa?'

Anthony largou a caneta. 'O que está em sua mente?'

'Você honestamente acha que isso vai funcionar?' Robin acenou com a cabeça para a pilha de rascunhos de panfletos. 'Ganhar no domínio da opinião pública, quero dizer.'

Anthony recostou-se e flexionou os dedos. — Vejo que seu irmão pegou você.

“Griffin passou a noite passada me ensinando como usar uma arma”, disse Robin. “Ele acha que a revolução é impossível sem uma insurreição violenta. E ele é bastante persuasivo.

Anthony pensou um pouco, balançando a cabeça e batendo a caneta no tinteiro. 'Seu irmão gosta de me chamar de ingênuo.'

'Não foi isso que eu. .'

'Eu sei eu sei. Só quero dizer que não sou tão mole quanto Griffin pensa. Deixe-me lembrá-lo de que vim para este país antes de decidirem que eu não poderia mais ser legalmente chamado de escravo. Vivi a maior parte da minha vida num país que está profundamente confuso sobre se sou totalmente humano. Acredite em mim, não sou um otimista alegre quanto aos escrúpulos éticos da Grã-Bretanha branca.

“Mas suponho que eles concordaram com a abolição”, disse Robin. 'Eventualmente.'

Anthony riu gentilmente. 'Você acha que a abolição foi uma questão de ética? Não, a abolição ganhou popularidade porque os britânicos, depois de perderem a América,

decidiram que a Índia seria a sua nova galinha dos ovos de ouro. Mas o algodão, o índigo e o açúcar da Índia não iriam dominar o mercado a menos que a França pudesse ser eliminada, e a França não seria eliminada, veja você, enquanto o comércio de escravos britânico tornasse as Índias Ocidentais tão lucrativas. para eles.'

'Mas-'

'Mas nada. O movimento abolicionista que você conhece é cheio de pompa. Apenas retórica. Pitt apresentou a moção pela primeira vez porque viu a necessidade de interromper o comércio de escravos para a França. E o

Parlamento aderiu aos abolicionistas porque eles tinham muito medo da insurreição negra nas Índias Ocidentais.'

'Então você acha que é puramente risco e economia.'

'Bem, não necessariamente. Seu irmão gosta de argumentar que a revolta dos escravos jamaicanos, por mais fracassada que tenha sido, foi o que impulsionou os britânicos a legislar a abolição. Ele está certo, mas apenas parcialmente certo. Veja, a revolta conquistou a simpatia britânica porque os líderes faziam parte da igreja batista e, quando fracassou, os brancos pró-escravidão na Jamaica começaram a destruir capelas e a ameaçar missionários. Esses batistas voltaram para a Inglaterra e angariaram apoio com base na religião, não nos direitos naturais. O que quero dizer é que a abolição aconteceu porque os brancos encontraram razões para se preocuparem – sejam elas económicas ou religiosas.

Você apenas precisa fazê-los pensar que foram eles mesmos que tiveram a ideia. Você não pode apelar para a bondade interior deles. Nunca conheci um inglês em quem confiasse para fazer a coisa certa por simpatia.

'Bem', disse Robin, 'lá está Letty.'

“Sim”, disse Anthony após uma pausa. — Suponho que seja Letty. Mas ela é um caso raro, não é?

'Então qual é o nosso caminho a seguir?' perguntou Robin. — Então qual é o sentido de tudo isso?

“A questão é construir uma coligação”, disse Anthony. “E precisa incluir simpatizantes improváveis. Podemos desviar tantos recursos de Babel quanto quisermos, mas ainda assim não será suficiente para mover alavancas de poder tão firmemente enraizadas como Jardine e Matheson. Se quisermos mudar o rumo da história, precisamos que alguns destes homens – os mesmos homens que não têm qualquer problema em vender a mim e aos da minha espécie em leilão – se tornem nossos aliados. Precisamos de os convencer de que uma expansão global britânica, fundada em pirâmides de prata, não é do seu próprio interesse. Porque os seus próprios o interesse é a única lógica que eles ouvirão. Nem a justiça, nem a dignidade humana, nem as liberdades liberais que eles tanto professam valorizar. Lucro.'

'Você também pode convencê-los a andar nus pelas ruas.'

'Ah. Não, as sementes para uma coligação estão aí. Chegou a hora de uma revolução na Inglaterra, você sabe. Há décadas que toda a Europa tem estado febril por reformas; eles pegaram dos franceses. Devemos simplesmente fazer disto uma guerra de classes em vez de raça. E esta é, de fato, uma questão de classe. Parece um debate sobre o ópio e a China, mas os chineses não são os únicos que têm a perder, pois não? Está tudo relacionado. A revolução industrial prateada é um dos maiores impulsionadores da desigualdade, poluição e desemprego neste país. O destino de uma família pobre em Cantão está, na verdade, intrinsecamente ligado ao destino de um tecelão desempregado de Yorkshire. Nenhum dos

dois se beneficia da expansão do império. Ambos só ficam mais pobres à medida que as empresas ficam mais ricas. Então, se eles pudessem formar uma aliança. . .' Anthony entrelaçou os dedos. — Mas esse é o problema, você vê. Ninguém está focado em como estamos todos conectados. Só pensamos em como sofremos, individualmente. Os pobres e a classe média deste país não percebem que têm mais em comum connosco do que com Westminster.'

“Existe uma expressão chinesa que capta a essência”, disse Robin. ' *Tùsīhúbēi*. * O coelho morre e a raposa sofre, pois eles são uma espécie de animal.

“Exatamente”, disse Anthony. — Só precisamos convencê-los de que não somos suas presas. Que há um caçador na floresta e que estamos todos em perigo.

Robin olhou para os panfletos. Eles pareciam tão inadequados naquele momento; apenas palavras, apenas rabiscos de tinta em papel branco e frágil. — E você realmente acha que pode convencê-los disso?

'Temos que.' Anthony flexionou os dedos mais uma vez, depois pegou a caneta e voltou a folhear as cartas do professor Lovell. 'Não vejo outra saída.'

Robin se perguntou então quanto da vida de Anthony havia sido gasto traduzindo-se cuidadosamente para pessoas brancas, quanto de seu polimento genial e afável era uma construção engenhosa para se adequar a uma ideia específica de um homem negro na Inglaterra branca e para permitir-se o máximo acesso dentro de um mundo. instituição como Babel. E ele se perguntou se algum dia chegaria um dia em que tudo isso seria desnecessário, em que os brancos olhariam para ele e para Anthony e simplesmente ouviriam, em que suas palavras teriam valor e valor porque foram proferidas, quando não teriam

esconder quem eles eram, quando não teriam que passar por intermináveis distorções apenas para serem compreendidos.

Ao meio-dia reuniram-se na Sala de Leitura para almoçar. Cathy e Vimal estavam bastante entusiasmados com o que tinham feito com o par de *polemikós* , que, fiel às previsões de Griffin, fazia com que panfletos voassem e continuassem a agitar-se em torno dos espectadores se fossem atirados ao ar. Vimal complementou isso com a origem latina da palavra *discutir* : *discutire* pode significar 'espalhar' ou 'dispersar'.

“Suponhamos que aplicamos ambas as barras a uma pilha de panfletos impressos”, disse ele. “Eles voariam por toda Londres, com vento ou não. Que tal chamar a atenção das pessoas?

Gradualmente, as ideias que pareciam tão ridículas na noite anterior, aqueles rabiscos caóticos de mentes privadas de sono, fundiram-se num plano de ação bastante impressionante. Anthony resumiu seus numerosos esforços no quadro-negro. Durante os próximos dias, semanas se necessário, a Sociedade Hermes tentaria influenciar os debates de todas as maneiras que pudessem. A ligação de Ilse na Fleet Street publicaria em breve um artigo de sucesso sobre como William Jardine, que tinha provocado toda aquela confusão, estava a passar os seus dias numa cidade termal em Cheltenham. Vimal e Cathy, através de vários intermediários brancos mais respeitáveis, tentariam convencer os Whigs tagarelas de que o restabelecimento de boas relações com a China manteria pelo menos abertas as avenidas para o comércio de bens legais, como chás e ruibarbos. Depois houve os esforços de Griffin em Glasgow, bem como os panfletos prestes a voar por toda Londres.

Através de chantagem, lobby e pressão pública, concluiu Anthony, eles poderiam conseguir votos suficientes para derrotar a moção de guerra.

“Isso pode funcionar”, disse Ilse, piscando para o quadro-negro, como se estivesse surpresa.

“ *Poderia* funcionar”, concordou Vimal. 'Puta merda.'

— Tem certeza de que não podemos ir com você? Ramy perguntou.

Anthony deu-lhe um tapinha simpático no ombro. 'Você fez sua parte. Vocês foram muito corajosos, todos vocês. Mas é hora de deixar as coisas para os

profissionais.'

“Você mal tem cinco anos a mais”, disse Robin. 'Como isso faz de você um profissional?'

“Não sei”, disse Anthony. 'Simplesmente faz.'

'E devemos apenas esperar sem saber de nada?' — Letty perguntou. 'Não conseguimos nem conseguir os papéis aqui.'

“Estaremos todos de volta depois da votação”, disse Anthony. — E voltaremos ocasionalmente para ver como você está, dia sim, dia não, se você estiver tão nervoso.

'Mas e se algo acontecer?' Letty persistiu. 'E se você precisar da nossa ajuda? E se precisarmos *da sua* ajuda?

Todos os bolsistas trocaram olhares entre si. Parecia que eles estavam tendo uma conversa silenciosa – uma repetição, Robin imaginou, de uma conversa que tiveram muitas vezes antes, pois estava claro qual era a posição de todos. Anthony ergueu as sobrancelhas.

Cathy e Vimal assentiram. Ilse, com os lábios franzidos, parecia relutante, mas finalmente suspirou e encolheu os ombros.

“Vá em frente”, disse ela.

“Griffin diria não”, disse Anthony.

'Bem', disse Cathy, 'Griffin não está aqui.'

Anthony levantou-se, desapareceu por um momento entre as estantes e voltou trazendo um envelope lacrado. "Isto", disse ele, colocando-o sobre a mesa, "contém as informações de contato de uma dúzia de associados da Hermes em todo o mundo."

Robin ficou surpreso. — Você tem certeza de que deveria nos mostrar isso?

“Não”, disse Anthony. 'Nós realmente não deveríamos. Vejo que a paranóia de Griffin passou para você, e isso não é uma coisa ruim. Mas suponha que vocês

sejam os únicos que sobraram. Não há nomes ou endereços aqui – apenas pontos de entrega e instruções de contato. Se você acabar sozinho, terá pelo menos alguns meios para manter Hermes vivo.’

“Você está falando como se fosse não voltar”, disse Victoire.

'Bem, há uma chance diferente de zero de não fazermos isso, não é?'

A biblioteca ficou em silêncio.

De repente, Robin se sentiu tão jovem, tão infantil. Parecia um jogo muito divertido, conspirar até altas horas com a Sociedade Hermes, brincar com a arma do irmão mais velho. A situação deles era tão bizarra e as condições de vitória tão inimagináveis que parecia mais um exercício do que a vida real. Agora percebi que as forças com as quais eles estavam jogando eram na verdade bastante aterrorizantes, que as empresas comerciais e os lobbies políticos que eles tentavam manipular não eram os bichos-papões ridículos que eles faziam parecer, mas organizações incrivelmente poderosas com interesses profundos e arraigados. no comércio colonial, interesses que eles matariam para proteger.

“Mas você vai ficar bem”, disse Ramy. 'Você não vai? Babel nunca pegou você antes. .

- Eles nos pegaram muitas vezes - disse Anthony gentilmente. 'Daí a paranóia.'

“Daí o desgaste”, disse Vimal enquanto enfiava uma pistola no cinto. 'Conhecemos os riscos.'

— Mas vocês estarão seguros aqui, mesmo que estejamos comprometidos — Cathy os tranquilizou. 'Não vamos desistir de você.'

Ilse assentiu. 'Vamos morder a língua e sufocar primeiro.'

'Desculpe.' Letty levantou-se abruptamente. Ela parecia muito pálida; ela levou os dedos à boca, como se fosse vomitar. — Eu só. . eu só preciso de um pouco de ar.

'Você quer um pouco de água?' Victória perguntou, preocupada.

'Não, eu vou ficar bem.' Letty passou apressada pelas cadeiras lotadas até a

porta. 'Eu só preciso respirar por um momento, se estiver tudo bem.'

Antônio apontou. 'O quintal é por ali.'

“Acho que vou dar uma volta pela frente”, disse Letty. 'O quintal parece um pouco.' . . um pouco fechado.

— Então, mantenha-se no quarteirão — disse Anthony. 'Não seja visto.'

'Sim Sim claro.' Letty parecia bastante angustiada; sua respiração era tão rápida e superficial que Robin ficou preocupada com a possibilidade de desmaiar. Ramy empurrou a cadeira para trás para dar espaço para ela se libertar. Letty parou na porta e olhou por cima do ombro – seus olhos permaneceram em Robin, e ela parecia prestes a dizer alguma coisa

– mas então ela franziu os lábios e saiu correndo porta afora.

Nos últimos minutos antes da saída dos pós-graduados, Anthony discutiu questões domésticas com Robin, Ramy e Victoire. A cozinha abastecia provisões suficientes para uma semana, ou mais, se estivessem satisfeitos com mingau e peixe curado com sal. Água potável era mais difícil de adquirir – a Antiga Biblioteca recebia o abastecimento de água das bombas da cidade, mas as torneiras não podiam abrir as torneiras muito tarde da noite ou por muito tempo, pois a drenagem em outros lugares poderia chamar a atenção. Fora isso, havia livros mais que suficientes na biblioteca para mantê-los ocupados, embora eles tivessem ordens estritas de não mexer em nenhum projeto em andamento na oficina.

– E tente ficar dentro de casa o máximo que puder – disse Anthony enquanto terminava de arrumar a mala. “Vocês podem se revezar no quintal, se quiserem, mas falem baixo – o glamour aparece de vez em quando. Se precisar tomar um pouco de ar fresco, faça-o após o pôr do sol. Se você ficar com medo, tem um rifle naquele armário de vassouras. . espero que vocês nunca precisem fazer isso, mas se precisarem, algum de vocês pode. .

“Eu consigo”, disse Robin. 'Eu penso. É o mesmo princípio de uma pistola, certo?

“Está perto o suficiente.” Anthony amarrou as botas. 'Brinque com isso em seu tempo livre; a ponderação é um pouco diferente. Quanto ao conforto, você

encontra sabonetes e outras coisas no armário do banheiro. Certifique-se de tirar as cinzas da lareira todas as manhãs, ou ela ficará abafada. Ah, costumávamos ter um tanque para lavar roupa, mas Griffin o destruiu brincando com bombas caseiras. Você pode passar alguns dias sem se trocar, não é?

Ramy bufou. — Essa é uma pergunta para Letty.

Houve uma pausa. Então Anthony perguntou: 'Onde está Letty?'

Robin olhou para o relógio. Ele não percebeu o tempo passando; já fazia quase meia hora desde que Letty saiu de casa.

Vitória levantou-se. 'Talvez eu devesse. .'

Algo gritou perto da porta da frente. O som era tão agudo e cru, tão parecido com um grito humano, que Robin levou um momento para perceber que era a chaleira.

'Caramba.' Anthony puxou o rifle para baixo. 'Para o quintal, rápido, todos vocês. .'

Mas era tarde demais. Os gritos ficaram cada vez mais altos, até que as paredes da biblioteca pareceram vibrar. Segundos depois, a porta da frente bateu para dentro e policiais de Oxford entraram.

'Mãos ao ar!' alguém gritou.

Os pós-graduados pareciam ter treinado para isso. Cathy e Vimal vieram correndo da oficina, cada um segurando barras de prata. Ilse jogou o seu peso contra uma prateleira alta; ele tombou para frente, iniciando uma reação em cadeia que destruiu o caminho na frente da polícia. Ramy avançou para ajudar, mas Anthony gritou: — Não, esconda-se. . a Sala de Leitura. .

Eles tropeçaram para trás. Anthony chutou a porta atrás deles. Lá fora, ouviram estrondos e estrondos – Anthony gritou algo que soava como “O farol”, e Cathy gritou algo em resposta – os pós-graduados estavam lutando, lutando para defendê-los.

Mas qual era o objetivo? A Sala de Leitura era um beco sem saída. Não havia outras portas, nem janelas. Eles só conseguiam se amontoar atrás da mesa,

estremecendo com os tiros do lado de fora. Ramy fez barulho sobre barricar a porta, mas no momento em que moveram as cadeiras para frente, a porta se abriu.

Letty estava no quadro. Ela segurava um revólver.

— Letty? Victoire perguntou incrédula. — Letty, o que você está fazendo?

Robin sentiu uma onda de alívio muito breve e ingênua antes de ficar claro que Letty não estava ali para resgatá-los. Ela ergueu o revólver, apontado para cada um deles. Ela parecia bastante experiente com a arma. Seu braço não tremeu sob seu peso. E a visão era tão absurda – a Letty deles, a rosa inglesa empertigada, empunhando uma arma com uma precisão tão calma e mortal – que ele se perguntou por um momento se estaria tendo alucinações.

Mas então ele se lembrou: Letty era filha de um almirante. Claro que ela sabia atirar.

“Coloquem as mãos acima da cabeça”, disse ela. A voz dela era alta e clara, como cristal polido. Ela parecia uma completa estranha. 'Eles não vão machucar ninguém, contanto que você venha em silêncio. Se você não resistir. Eles mataram o resto, mas vão pegar você vivo.

Ileso.'

Victoire olhou para o envelope sobre a mesa e depois para a lareira crepitante.

Letty seguiu seu olhar. 'Eu não faria isso.'

Victoire e Letty ficaram olhando uma para a outra, respirando com dificuldade, só por um momento.

Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Victoire se lançou para pegar o envelope.

Letty girou a arma. Por instinto, Robin correu em sua direção – ele não sabia o que pretendia, apenas que tinha certeza de que Letty machucaria Victoire – mas assim que ele se aproximou dela, Ramy o empurrou para o lado. Ele caiu para frente, tropeçando na perna da mesa. .

E então Letty quebrou o mundo.

Um clique; um estrondo.

Ramy desmaiou. Vitória gritou.

— Não. . Robin caiu de joelhos. Ramy estava mole e imóvel; ele lutou para virá-lo de costas. — Não, Ramy, por favor. . Por um momento ele pensou que Ramy estava fingindo, pois como isso era possível? Ele estava de pé, em movimento e vivo, apenas um segundo atrás. O mundo não poderia acabar tão abruptamente; a morte não poderia ser tão rápida.

Robin deu um tapinha na bochecha de Ramy, em seu pescoço, em qualquer coisa que pudesse para provocar uma reação, mas não adiantava, seus olhos não abriam – *por que não abriam?* Certamente isso foi uma piada; ele não conseguia ver nenhum sangue – mas então o viu, um minúsculo ponto vermelho sobre o coração de Ramy que rapidamente floresceu até encharcar sua camisa, seu casaco, através de tudo.

Victoire afastou-se da lareira. Os papéis estalaram por dentro as chamas, enegrecendo até virar cinzas. Letty não fez nenhum movimento para recuperá-los. Ela ficou atordoada, com os olhos arregalados, o revólver pendurado ao seu lado.

Ninguém se mexeu. Todos estavam olhando para Ramy, que estava inegavelmente, irreversivelmente imóvel.

'Eu não fiz.' . .' Letty levou os dedos à boca. Ela havia perdido a calma. Agora a voz dela era muito estridente e aguda, como a de uma menina. 'Oh meu Deus . . .'

— Ah, Letty. Victoire gemeu baixinho. 'O que é que você *fez* ?'

Robin colocou Ramy no chão e se levantou.

Um dia Robin se perguntaria como seu choque se transformara tão facilmente em raiva; por que sua primeira reação não foi de descrença diante dessa traição, mas de ódio negro e consumidor. E a resposta iria iludi-lo e perturbá-lo, pois andava na ponta dos pés em torno de um complicado emaranhado de amor e ciúme que os enredava a todos, para a qual não tinham nome ou explicação, uma

verdade para a qual apenas começavam a despertar e agora, depois de isso, nunca reconheceria.

Mas naquele momento, tudo o que ele sabia era que o vermelho borrava os limites de sua visão, impedindo tudo, menos Letty. Ele sabia agora como era realmente querer uma pessoa morta, querer despedaçá-la membro por membro, ouvi-la gritar, fazê-la sofrer. Ele agora entendia como era o assassinato, como era a raiva, pois era isso, a intenção de matar que ele deveria ter sentido quando matou o pai.

Ele se lançou sobre ela.

- Não faça isso - gritou Victoire. 'Ela é-'

Letty se virou e fugiu. Robin correu atrás dela no momento em que ela recuava para trás de uma massa de policiais. Ele empurrou contra eles; ele não se importava com o perigo, com os cassetetes e as armas; ele só queria chegar até ela, queria arrancar a vida de seu pescoço, despedaçar a cadela branca.

Braços fortes o puxaram para trás. Ele sentiu uma força contundente contra suas costas.

Ele tropeçou. Ele ouviu Victoire gritando, mas não conseguiu vê-la além do emaranhado de policiais. Alguém jogou um saco de pano em sua cabeça. Ele se debateu violentamente; seu braço atingiu algo sólido, e a pressão contra suas costas diminuiu um pouco, mas então algo duro acertou sua maçã do rosto, e a explosão de dor foi tão cegante que o fez ficar flácido.

Alguém algemou suas mãos atrás das costas. Dois pares de mãos agarraram seus braços, ergueram-no e arrastaram-no para fora da Sala de Leitura.

A luta acabou. A Antiga Biblioteca estava silenciosa. Ele balançou a cabeça freneticamente, tentando se livrar da sacola, mas tudo o que conseguiu foram vislumbres de prateleiras viradas e carpetes enegrecidos antes que alguém puxasse a sacola com mais

força sobre sua cabeça. Ele não viu nada de Vimal, Anthony, Ilse ou Cathy. Ele não conseguia mais ouvir os gritos de Victoire.

— Vitória? ele ofegou, aterrorizado. — Vitória?

“Quieto”, disse uma voz profunda.

'Vitória!' ele gritou. 'Onde-'

' *Quieto* , você.' Alguém puxou o capuz apenas o tempo suficiente para enfiar um pano na boca. Então ele foi mergulhado de volta na escuridão. Ele não viu nada, não ouviu nada; apenas um silêncio sombrio e terrível enquanto o tiravam das ruínas da Antiga Biblioteca e o colocavam em um táxi que o esperava.

Capítulo Vinte e Quatro

Você não nasceu para a morte, pássaro imortal!

Nenhuma geração faminta te pisará.

J OHN K EATS , 'Ode a um Rouxinol'

acidentados , empurrões dolorosos. *Saia, caminhe* . Ele obedeceu, sem pensar. Eles o tiraram da carruagem, jogaram-no em uma cela e o deixaram entregue aos seus pensamentos.

Horas ou dias podem ter se passado. Ele não sabia dizer – ele não tinha noção do tempo.

Ele não estava em seu corpo, não nesta cela; ele se enrolou miseravelmente nos ladrilhos de pedra e deixou para trás o presente machucado e dolorido. Ele estava na Antiga Biblioteca, indefeso, observando repetidamente enquanto Ramy se sacudia e cambaleava para a frente como se alguém o tivesse chutado entre as omoplatas, enquanto Ramy permanecia flácido em seus braços, enquanto Ramy, apesar de tudo que tentava, não se mexia novamente.

Ramy estava morto.

Letty os traiu, Hermes caiu e Ramy estava morto.

Ramy estava morto.

A dor sufocada. A dor paralisada. A dor era uma bota cruel e pesada pressionada com tanta força contra seu peito que ele não conseguia respirar. A dor o tirou de seu corpo, tornou seus ferimentos teóricos. Ele estava sangrando, mas não sabia

de onde. Ele doía por causa das algemas cravadas em seus pulsos, do chão duro de pedra contra seus membros, da maneira como a polícia o jogou no chão, como se tentasse quebrar todos os seus ossos.

Ele registrou essas mágoas como factuais, mas não conseguia senti-las realmente; ele não conseguia sentir nada além da dor singular e cegante da perda de Ramy. E ele não queria sentir mais nada, não queria afundar em seu corpo e registrar suas dores, porque aquela dor física significaria que ele estava vivo, e porque estar vivo significava que ele tinha que seguir em frente. Mas ele não podia continuar. Não disto.

Ele estava preso no passado. Ele revisitou aquela memória mil vezes, da mesma forma que revisitou a morte do pai. Só que desta vez, em vez de se convencer de que não pretendia matar, tentou convencer-se da possibilidade de Ramy estar vivo. Ele realmente assistiu Ramy morrer? Ou ele apenas ouviu o tiro, viu o sangue explodir e a queda? Ainda havia fôlego nos pulmões de Ramy, vida em seus olhos? Parecia tão injusto. Não, parecia impossível que Ramy pudesse deixar este mundo tão abruptamente, que pudesse estar tão vivo num momento e tão quieto no seguinte. Parecia desafiar as leis da física que Ramiz Rafi Mirza pudesse ser silenciado por algo tão pequeno como uma bala.

E, certamente, Letty não poderia estar mirando em seu coração. Isso também era impossível. Ela o amava, ela o amava quase como Robin o amava – ela disse isso a ele, ele

lembrou, e se isso fosse verdade, então como ela poderia olhar nos olhos de Ramy e atirar para matar?

O que significava que Ramy ainda poderia estar vivo, poderia ter sobrevivido contra todas as probabilidades, poderia ter se arrastado para fora da carnificina da Antiga Biblioteca e encontrado algum lugar para se esconder, poderia ainda se recuperar se alguém o encontrasse a tempo, estancasse o ferimento a tempo. Improvável, mas talvez, talvez, talvez. . .

Talvez quando Robin escapasse deste lugar, quando eles se reunissem, eles rissem tanto de tudo isso que suas costelas doeriam.

Ele esperava. Ele esperou até que a esperança se tornasse sua própria forma de tortura.

O significado original de *esperança* era “desejar”, e Robin queria com cada grama de seu ser um mundo que não existia mais. Ele esperou até pensar que estava enlouquecendo, até começar a ouvir fragmentos de seus pensamentos como se fossem falados fora dele, palavras baixas e ásperas que ecoavam ao redor da pedra.

Eu desejo-

Lamento-

E então uma enxurrada de confissões que não eram dele.

Eu gostaria de tê-la amado melhor.

Eu gostaria de nunca ter tocado naquela faca.

Esta não era sua imaginação. Ele ergueu a cabeça latejante, a bochecha pegajosa de sangue e lágrimas. Ele olhou ao redor, surpreso. As pedras conversavam, sussurravam mil testemunhos diferentes, cada um também abafado pelo próximo para ele entender qualquer coisa além de frases passageiras.

Se ao menos , eles disseram.

Não é justo , disseram eles.

Eu mereço isso , eles disseram.

E ainda assim, em meio a todo esse desespero:

Espero-

Espero-

Espero contra a esperança -

Estremecendo, ele se levantou, pressionou o rosto contra a pedra e desceu lentamente pela parede até encontrar o brilho prateado revelador. A barra estava inscrita com uma margarida clássica do grego ao latim e ao inglês. O *epitáfio* grego significava “uma oração fúnebre” – algo falado, algo destinado a ser ouvido; o latim *epitaphium* , da mesma forma, referia-se a um elogio. Foi apenas

o epitáfio inglês moderno que se referiu a algo escrito e silencioso. A tradução distorcida deu voz ao escrito. Ele estava cercado pelas confissões dos mortos.

Ele afundou e segurou a cabeça entre as mãos.

Que tortura excepcionalmente terrível. Que gênio pensou nisso? O objetivo era, certamente, inundá-lo com o desespero de todas as outras pobres almas que haviam sido aprisionadas aqui, enchê-lo de uma tristeza tão insondável que, quando questionado, ele desistiria de qualquer pessoa e de qualquer coisa para fazer com que aquilo acabasse.

Mas esses sussurros eram redundantes. Eles não obscureceram seus pensamentos; eles apenas os ecoaram. Ramy estava morto; Hermes estava perdido. O mundo não poderia

continuar. O futuro era apenas uma vasta extensão negra, e a única coisa que lhe dava um pingo de esperança era a promessa de que um dia tudo isso acabaria.

A porta se abriu. Robin acordou de repente, assustada com o rangido das dobradiças.

Entrou um jovem gracioso, cabelos loiros presos em um coque logo acima do pescoço.

“Olá, Robin Swift”, disse ele. Sua voz era gentil, musical. 'Você se lembra de mim?'

Claro que não , Robin quase disse, mas então o homem se aproximou e as palavras morreram em sua língua. Ele tinha as mesmas feições do friso da capela do University College: o mesmo nariz reto e aristocrático e olhos profundos e inteligentes. Robin tinha visto esse rosto há pouco uma vez, há mais de três anos, na sala de jantar do professor Lovell. Ele nunca esqueceria isso.

'Você é Sterling.' O brilhante e famoso Sterling Jones, sobrinho de Sir William Jones, o maior tradutor da época. Sua aparição aqui foi tão inesperada que por um momento Robin só conseguiu piscar para ele. 'Por que-'

'Por que estou aqui?' Sterling riu. Até sua risada era graciosa. 'Eu não poderia perder.

Não depois de me contarem que tinham capturado o irmão mais novo de Griffin Lovell.

Sterling puxou duas cadeiras para a sala e sentou-se em frente a Robin, cruzando as pernas na altura dos joelhos. Ele puxou a jaqueta para baixo para endireitá-la e depois inclinou a cabeça para Robin. 'Minha palavra. Vocês realmente cresceram parecidos. Você é um pouco mais agradável aos olhos, no entanto. Griffin era todo zombador e irritado. Como um cachorro molhado. Ele colocou as mãos nos joelhos e se inclinou para frente. — Então você matou seu pai, não foi? Você não parece um assassino.

— E você não parece um policial municipal — disse Robin.

Mas mesmo enquanto dizia isto, o último falso binário que construíra na sua cabeça –

aquele entre os académicos e as lâminas do império – desapareceu. Ele se lembrou das palavras de Griffin. Ele se lembrou das cartas de seu pai. Comerciantes de escravos e soldados. Assassinos prontos, todos eles.

'Você é tão parecido com seu irmão.' Sterling balançou a cabeça. 'Qual é a expressão chinesa? Texugos do mesmo monte ou chacais da mesma tribo? Atrevido, atrevido e tão insuportavelmente hipócrita. Ele cruzou os braços sobre o peito e recostou-se, avaliando-o.

'Ajude-me a entender. Eu nunca consegui descobrir isso com Griffin. Simplesmente – *por quê* ? Você tem tudo o que poderia desejar. Você nunca terá que trabalhar um dia em sua vida – pelo menos não um trabalho de verdade; não conta quando é bolsa de estudos. Você está nadando em riquezas.

“Meus compatriotas não são”, disse Robin.

'Mas vocês não são seus compatriotas!' exclamou Sterling. 'Você é a exceção. Você é o sortudo, o elevado. Ou você realmente tem mais coisas em comum com aqueles pobres idiotas de Cantão do que com seus colegas de Oxford?

— Sim — disse Robin. 'Seu país me lembra todos os dias que eu faço isso.'

'É esse o problema, então? Alguns britânicos brancos não foram muito legais com você?

Robin não via sentido em discutir mais. Foi uma tolice concordar. Sterling Jones era igual a Letty, só que sem a simpatia superficial de uma suposta amizade. Ambos pensaram isso era uma questão de sorte individual em vez de opressão sistemática, e nenhum dos

dois conseguia ver fora da perspectiva de pessoas que se pareciam e falavam exatamente como eles.

— Ah, não me diga. Sterling suspirou. — Você formou a ideia incompleta de que o império é, de certa forma, uma coisa ruim, não é?

— Você sabe que o que eles fazem é errado — disse Robin, cansado. Chega de eufemismos; ele simplesmente não podia e não iria acreditar que homens inteligentes como Sterling Jones, o professor Lovell e o Sr. Baylis realmente acreditassem que suas desculpas frágeis fossem tudo menos isso. Só homens como eles poderiam justificar a exploração de outros povos e países com retórica inteligente, respostas verbais e raciocínio filosófico complicado. Só homens como eles pensavam que isto ainda era uma questão de debate. 'Você sabe.'

“Suponha que você consiga o que quer”, disse Sterling, sem conceder nada.

“Suponhamos que não vamos à guerra e Cantão fica com toda a sua prata. O que você acha que eles estão fazendo com isso?

'Talvez', disse Robin, 'eles gastem.'

Sterling zombou. 'Este mundo pertence àqueles que entendem. Você e eu sabemos disso, foi assim que chegamos a Babel. Enquanto isso, sua pátria é governada por aristocratas indolentes e preguiçosos, que ficam aterrorizados só de mencionar uma ferrovia.

'Uma coisa que temos em comum.'

— Muito engraçado, Robin Swift. Você acha que a Inglaterra deveria ser punida, então, por ousar usar aqueles dons naturais que nos foram dados por Deus? Deveremos deixar o Oriente nas mãos de denegridos corruptos que desperdiçariam as suas riquezas em sedas e concubinas?' Sterling se inclinou para frente. Seus olhos azuis brilharam. 'Ou devemos *liderar* ? A Grã-Bretanha avança rumo a um futuro vasto e brilhante. Você pode fazer parte desse futuro. Por que jogar tudo fora?

Robin não disse nada. Não fazia sentido; este não foi um diálogo de boa fé. Sterling não queria nada além de conversão.

Sterling jogou as mãos para o alto. 'O que há de tão difícil de entender, Swift? Por que lutar contra a corrente? Por que esse impulso absurdo de morder a mão que te alimenta?'

'A universidade não é minha dona.'

'Bah. A universidade deu tudo a você.

“A universidade arrancou-nos das nossas casas e fez-nos acreditar que o nosso futuro só poderia consistir em servir a Coroa”, disse Robin. 'A universidade nos diz que somos especiais, escolhidos, selecionados, quando na verdade somos separados de nossas pátrias e criados a uma curta distância de uma classe da qual nunca poderemos realmente fazer parte. A universidade nos colocou contra os nossos e nos fez acreditar que nossas únicas opções eram a cumplicidade ou as ruas. Isso não foi nenhum favor, Sterling. Foi uma crueldade. Não me peça para amar meu mestre.

Sterling olhou para ele. Ele estava respirando com muita dificuldade. Foi muito estranho, pensou Robin, o quanto ele se exaltou. Suas bochechas estavam coradas e sua testa começava a brilhar de suor. Por que, perguntou-se ele, os brancos ficavam tão chateados quando alguém discordava deles?

— Sua amiga, Srta. Price, me avisou que você se tornaria um pouco fanático.

Esta foi uma isca bastante aberta. Robin segurou a língua.

— Continue — Sterling zombou. — Você não quer perguntar sobre ela? Você não quer saber por quê?

'Eu sei porque. Seu tipo é previsível.

A raiva torceu o rosto de Sterling. Ele se levantou e arrastou a cadeira para mais perto até que seus joelhos quase se tocaram.

— Temos maneiras de descobrir a verdade. A palavra *acalmar* deriva de uma raiz protogermânica que significa “verdade”. Nós o encadeamos com a *areia sueca* . Isso acalma você, deixa você baixar a guarda, conforta você até você

começar a cantar. Sterling se inclinou para frente. — Mas sempre achei isso muito chato.

'Você sabe de onde vem a palavra *agonia* ?' Ele procurou dentro do bolso do casaco e tirou um par de algemas de prata, que colocou sobre os joelhos. 'Grego, através do latim e mais tarde, francês antigo. O grego *agōnia* significa competição – originalmente, um encontro esportivo entre atletas. Ganhou a conotação de sofrimento muito mais tarde. Mas estou traduzindo do inglês para o grego, para que o bar saiba como induzir sofrimento, e não removê-lo. Inteligente, não?

Ele deu às algemas um sorriso satisfeito. Não havia malícia naquele sorriso – apenas um triunfo alegre de que línguas antigas poderiam ser desmembradas e retrabalhadas para o propósito pretendido. “Foram necessárias algumas experiências antes de acertarmos, mas agora aperfeiçoamos o efeito. Vai doer, Robin Swift. Vai doer como o inferno. Já tentei antes, só por curiosidade. Não é uma dor superficial, veja; não é como ser esfaqueado por uma lâmina, ou mesmo como ser queimado pelas chamas. Está dentro de você. Como se seus pulsos estivessem quebrando repetidamente, só que não há limite máximo para a agonia, porque fisicamente você está bem – está tudo na sua cabeça. É horrível. Você vai se esforçar contra isso, é claro. O corpo não pode evitar, não contra uma dor como essa. Mas cada vez que você luta, a dor duplicará e duplicará novamente. Você gostaria de ver por si mesmo?

Estou cansado , pensou Robin; *Eu estou tão cansado; Prefiro que você atire na minha cabeça.*

'Aqui, deixe-me.' Sterling levantou-se e ajoelhou-se atrás dele. 'Experimente isso.'

Ele fechou as algemas. Robin gritou. Ele não pôde evitar. Ele queria ficar em silêncio, recusar a satisfação de Sterling, mas a dor era tão avassaladora que ele não tinha controle, nenhuma sensação de seu corpo, exceto a dor, que era muito pior do que Sterling havia descrito. Não parecia que seus pulsos estavam quebrando. Era como se alguém estivesse martelando grossos espinhos de ferro em seus ossos, direto na medula, e cada vez que ele se contorcia, lutando para se libertar, a dor se intensificava.

Controle , disse uma voz dentro de sua cabeça, uma voz que parecia Griffin.

Controle-se, pare, vai doer menos—

Mas a dor só aumentou. Sterling não mentiu; não havia limite. Cada vez que ele pensava que era isso, que se sofresse mais um momento disso morreria, de alguma forma isso se amplificava. Ele não sabia que a carne humana pudesse sentir tanta dor.

Controle , disse Griffin novamente.

Depois outra voz, terrivelmente familiar: *Isso é uma coisa boa sobre você. Quando você apanha, você não chora* .

Restrição. Repressão. Ele não praticou isso durante toda a sua vida? *Deixe a dor escorrer como gotas de chuva, sem reconhecimento, sem reação, porque fingir que não está acontecendo é a única maneira de sobreviver.*

O suor escorria pela sua testa. Ele lutou para superar a agonia cegante, para sentir seus braços e mantê-los imóveis. Foi a coisa mais difícil que ele já fez; parecia que ele estava forçando os próprios pulsos sob um martelo.

Mas a dor diminuiu. Robin caiu para frente, ofegante.

“Impressionante”, disse Sterling. 'Veja quanto tempo você consegue continuar assim.

Enquanto isso, tenho mais uma coisa para lhe mostrar. Ele tirou outra barra do bolso e segurou-a sobre o rosto de Robin. O lado esquerdo dizia: φρήν. — Suponho que você não aprendeu grego antigo? O Griffin's era muito pobre, mas me disseram que você é o melhor aluno. Você saberá então a que *phren* se refere – a sede do intelecto e da emoção. Só os gregos não achavam que residia na mente. Homero, por exemplo, descreve o *fren* como estando localizado no peito. Ele colocou a barra no bolso da frente de Robin. 'Imagine o que isso faz, então.'

Ele recuou o punho e bateu contra o esterno de Robin.

A tortura física não foi tão ruim – mais uma pressão forte do que uma dor aguda. Mas no momento em que os nós dos dedos de Sterling tocaram seu peito, a mente de Robin explodiu: sentimentos e memórias vieram à tona, tudo o que ele escondeu, tudo o que temia e temia, todas as verdades que não ousava reconhecer. Ele era um idiota tagarela, não tinha ideia do que estava dizendo;

palavras em chinês e inglês saíram dele sem razão ou ordem. *Ramy* , disse ele, ou pensou, não sabia; *Ramy, Ramy, culpa minha, pai, meu pai –*

meu pai, minha mãe, três pessoas que testemunhei morrerem e nem uma vez pude levantar um dedo para ajudar –

Vagamente ele estava ciente de Sterling o incentivando, tentando guiar sua fonte de tagarelice. 'Hermes', Sterling continuou dizendo. 'Conte-me sobre Hermes.'

“Mate-me”, ele ofegou. Ele quis dizer isso; ele nunca quis mais nada no mundo. Uma mente não foi feita para sentir tanto. Somente a morte silenciaria o refrão. 'Santo Deus, *me mate* ...'

— Ah, não, Robin Swift. Você não sai tão facilmente. Não queremos você morto; isso desafia o ponto. Sterling tirou um relógio do bolso, examinou-o e depois inclinou o ouvido em direção à porta, como se estivesse ouvindo alguma coisa. Segundos depois, Robin ouviu Victoire gritar. 'Não posso dizer o mesmo dela.'

Robin juntou as pernas e se lançou na cintura de Sterling. Sterling deu um passo para o lado. Robin caiu no chão, seu rosto batendo dolorosamente contra a pedra. Seus pulsos puxaram as algemas e seus braços mais uma vez explodiram em dor que não parou até que ele se encolheu, ofegante, dedicando cada grama de seu foco para ficar parado.

'É assim que funciona.' Sterling pendurou a corrente do relógio sobre os olhos de Robin.

'Conte-me tudo o que você sabe sobre a Sociedade Hermes e tudo isso acaba. Retirarei as algemas e libertarei seu amigo. Tudo ficará bem.'

Robin olhou para ele, ofegante.

“Diga-me e isso acaba”, disse Sterling mais uma vez.

A Antiga Biblioteca havia desaparecido. Ramy estava morto. Anthony, Cathy, Vimal e Ilse – todos provavelmente mortos. *Eles mataram o resto* , dissera Letty. O que mais havia para desistir?

Ali está Griffin , falou uma voz. *Tem aqueles que estavam no envelope, tem*

inúmeros outros que você não conhece . E esse era o ponto – ele não sabia quem ainda estava lá fora ou o que estavam fazendo, e ele não podiam arriscar revelar nada que os colocasse em

perigo. Ele já havia cometido esse erro uma vez; ele não poderia falhar com Hermes novamente.

— Diga-me ou atiraremos na garota. Sterling balançou o relógio de bolso sobre o rosto de Robin. — Daqui a um minuto, meia hora depois, vão enfiar uma bala na cabeça dela. A menos que eu lhes diga para pararem.

— Você está mentindo — Robin engasgou.

'Eu não sou. Cinquenta segundos.

— Você não faria isso.

'Só precisamos de um de vocês vivo, e ela é mais teimosa para trabalhar.' Sterling balançou o relógio novamente. 'Quarenta segundos.'

Foi um blefe. Tinha que ser um blefe; eles não poderiam ter cronometrado as coisas com tanta precisão. E eles deveriam querer os dois vivos – duas fontes de informação eram melhores do que uma, não eram?

'Vinte segundos.'

Ele pensou freneticamente em uma mentira aceitável, qualquer coisa que fizesse o tempo parar. 'Existem outras escolas', ele respirou, 'existem contatos em outras escolas, pare. .'

‘Ah.’ Sterling guardou o relógio de bolso. 'Acabou o tempo.'

No final do corredor, Victoire gritou. Robin ouviu um tiro. O grito parou.

“Graças a Deus”, disse Sterling. 'Que grito.'

Robin se jogou nas pernas de Sterling. Desta vez funcionou; ele pegou Sterling de surpresa. Eles caíram no chão, Robin acima de Sterling, as mãos algemadas acima da cabeça. Ele bateu os punhos na testa de Sterling, nos ombros, em qualquer lugar que pudesse alcançar.

— Agonia — Sterling engasgou. ' *Agônia* .'

A dor nos pulsos de Robin redobrou. Ele não conseguia ver. Ele não conseguia respirar.

Sterling lutou para sair debaixo dele. Ele caiu de lado, sufocando. Lágrimas escorreram por seu rosto. Sterling ficou de pé sobre ele por um momento, respirando com dificuldade.

Então ele puxou a bota para trás e deu um chute violento no esterno de Robin.

Dor; dor incandescente e cegante. Robin não conseguia perceber mais nada. Ele não tinha fôlego para gritar. Ele não tinha nenhum controle corporal, nenhuma dignidade; seus olhos estavam vazios, sua boca frouxa, vazando baba no chão.

'Bom Deus.' Sterling ajustou a gravata enquanto se endireitava. 'Ricardo estava certo.

Animais, todos vocês.

Então Robin ficou sozinho novamente. Sterling não disse quando retornaria ou o que aconteceria com Robin a seguir. Havia apenas a vasta extensão de tempo e a dor negra que a envolveu. Ele chorou até ficar vazio. Ele gritou até doer respirar.

Às vezes, as ondas de dor diminuíam levemente e ele pensava que poderia organizar seus pensamentos, fazer um balanço de sua situação, ponderar sobre seu próximo passo. O

que veio a seguir? A vitória já estava em jogo ou havia apenas sobrevivência? Mas Ramy e Victoire permearam tudo. Cada vez que via o mais leve vislumbre do futuro, lembrava-se de que eles não estariam nele, e então as lágrimas corriam novamente e a bota sufocante da dor descia novamente sobre seu peito.

Ele considerou morrer. Não seria tão difícil; ele só precisava bater a cabeça na pedra com esforço suficiente ou descobrir um jeito de se estrangular com as algemas. A dor disso não o assustou. Todo o seu corpo estava entorpecido; parecia impossível que ele voltasse a sentir qualquer coisa, exceto a sensação avassaladora de afogamento - e talvez, pensou ele, a morte fosse a única maneira de emergir.

Ele pode não ter que fazer isso sozinho. Depois de arrancarem tudo o que podiam de sua mente, não iriam julgá-lo no tribunal e depois enforcá-lo? Em sua juventude, certa vez ele viu um enforcamento em Newcastle; ele viu a multidão reunida em torno da forca durante um de seus passeios pela cidade e, sem saber o que estava vendo, aproximou-se da multidão. Havia três homens alinhados na plataforma. Ele se lembrou da pancada no painel cedendo, do estalo abrupto de seus pescoços. Ele se lembrou de ter ouvido alguém murmurar seu desapontamento por as vítimas não terem chutado.

A morte por enforcamento pode ser rápida – talvez até fácil, indolor. Ele se sentiu culpado por sequer considerar isso – *isso é egoísmo* , Ramy havia dito, *você não pode escolher o caminho mais fácil.*

Mas por que, em nome de Deus, ele ainda estava vivo? Robin não conseguia ver como qualquer coisa que ele fizesse de agora em diante importasse. Seu desespero era total. Eles perderam, perderam com uma plenitude tão esmagadora, e não sobrou nada. Se ele se agarrou à vida durante os dias ou semanas que lhe restavam, foi apenas por causa de Ramy, porque ele não merecia o que era fácil.

O tempo passou. Robin oscilava entre a vigília e o sono. A dor e a tristeza tornaram impossível descansar verdadeiramente. Mas ele estava cansado, muito cansado, e seus pensamentos giravam em espiral, transformando-se em lembranças vívidas e de pesadelo.

Ele estava ligado a *Hélade* novamente, pronunciando as palavras que colocaram tudo isso em movimento; ele estava olhando para o pai, observando o sangue borbulhar sobre aquele baú em ruínas. E foi uma tragédia tão perfeita, não foi? Uma história antiga, parricídio. Os gregos adoravam o parricídio, dizia o Sr. Chester; eles o adoraram por seu infinito potencial narrativo, suas invocações de legado, orgulho, honra e domínio. Eles adoraram a maneira como isso atingiu todas as emoções possíveis, porque inverteu de maneira tortuosa o princípio mais básico da existência humana. Um ser cria outro, molda-o e influencia-o à sua própria imagem. O filho torna-se e depois substitui o pai; Cronos destrói Urano, Zeus destrói Cronos e, eventualmente, se torna ele. Mas Robin nunca invejou o pai, nunca quis nada dele exceto o seu reconhecimento, e odiava ver-se refletido naquele rosto frio e morto. Não, não morto – reanimado, assustador; O professor Lovell olhou para ele com malícia e, atrás dele, o ópio queimava nas costas de Cantão, quente, estrondoso e doce.

“Levante-se”, disse o professor Lovell. ' *Levantar* .'

Robin acordou de repente. O rosto de seu pai tornou-se o de seu irmão. Griffin apareceu acima dele, coberto de fuligem. Atrás dele, a porta da cela estava em pedaços.

Robin ficou olhando. 'Como-'

Griffin brandiu uma barra de prata. 'O mesmo velho truque. *Wuxíng* .'

— Achei que não funcionaria para você.

'Coisa mais engraçada, não é? Sente-se.' Griffin se ajoelhou atrás dele e começou a trabalhar nas algemas de Robin. 'Depois que você disse isso pela primeira vez, eu

finalmente entendi. Como se eu estivesse esperando que alguém dissesse essas palavras durante toda a minha vida. Cristo, garoto, quem fez isso com você?

'Sterling Jones.'

'Claro. Desgraçado.' Ele mexeu na fechadura por um momento. Metal cravou-se nos pulsos de Robin. Robin estremeceu, tentando ao máximo não se mover.

— Ah, droga. Griffin vasculhou sua bolsa e tirou uma grande tesoura. 'Estou cortando, fique quieto.' Robin sentiu uma pressão agonizante e intensa – e depois nada. Suas mãos se libertaram – ainda algemadas, mas não mais presas.

A dor desapareceu. Ele cedeu com o adiamento. — Pensei que você estivesse em Glasgow.

— Eu estava a oitenta quilômetros de distância quando recebi a notícia. Então saltei, esperei e peguei o primeiro trem que pude voltar.

— Recebeu notícias?

'Nós temos nossos métodos.' Robin notou então que a mão direita de Griffin brilhava, manchada de pálida, vermelha e irritada. Parecia uma cicatriz de queimadura. “Anthony não deu mais detalhes, apenas enviou um sinal de emergência, mas achei que era ruim.

Então todos os rumores vindos da torre diziam que eles haviam trazido todos vocês para cá, então eu evitei a Antiga Biblioteca – teria sido perigoso, de qualquer maneira – e vim para cá. Boa aposta. Onde está Anthony?

“Ele está morto”, disse Robin.

'Eu vejo.' Algo ondulou no rosto de Griffin, mas ele piscou e suas feições recuperaram a calma. 'E o resto-?'

'Acho que estão todos mortos.' Robin sentiu-se infeliz; ele não conseguia olhar nos olhos de Griffin. 'Cathy, Vimal, Ilse. . todos na casa. . eu não os vi cair, mas ouvi o tiroteio e depois não os vi novamente.'

'Nenhum outro sobrevivente?'

“Lá está Vitória. Eu sei que eles trouxeram Victoire, mas. .

'Onde ela está?'

— Não sei — disse Robin, infeliz. Ela poderia estar morta em sua cela. Eles já poderiam ter arrastado o corpo para fora e jogado-o em uma cova rasa. Ele não conseguia falar as palavras para explicar; isso iria despedaçá-lo.

'Então vamos dar uma olhada.' Griffin agarrou seus ombros e deu-lhe uma forte sacudida. — Suas pernas estão bem, não estão? Venha, levante-se.

O corredor estava milagrosamente vazio. Robin olhou para a esquerda e para a direita, perplexo. 'Onde estão todos os guardas?'

'Livrei-me deles.' Griffin bateu em outra barra do cinto. 'Um riff em cadeia na palavra *explodir* .' O latim *explōdere* é um termo teatral – refere-se a tirar um ator do palco batendo palmas. Daí vem o inglês antigo que significa “rejeitar ou afastar com barulho”. Só no inglês moderno é que conseguimos uma detonação. Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo.

'Meu latim é melhor que meu chinês.'

— Então isso não destruiu a porta?

— Não, só faz um som tão horrível que afasta todos os ouvintes. Mandei todos

correrem para o segundo andar, depois subi até aqui e tranquei as portas atrás de mim.

'Então o que fez aquele buraco?'

'Apenas pólvora negra.' Griffin arrastou Robin junto. 'Não posso confiar na prata para tudo. Vocês, estudiosos, sempre se esquecem disso.

Eles revistaram todas as celas do corredor em busca de Victoire. A maioria estava vazia, e Robin sentiu um pavor crescente enquanto desciam as portas. Ele fez não quero olhar; ele não queria ver o chão manchado de sangue – ou pior, o corpo inerte dela caído onde o haviam deixado, com um ferimento de bala na cabeça.

— Aqui — gritou Griffin do fim do corredor. Ele bateu na porta. 'Acorde, querida.'

Robin quase desmaiou de alívio quando ouviu a resposta abafada de Victoire. 'Quem é aquele?'

'Você pode andar?' Griffin perguntou.

Dessa vez a voz de Victoire estava mais clara; ela deve ter se aproximado da porta. 'Sim.'

'Você está machucado?'

'Não, estou bem.' Victoire parecia confusa. — Robin, isso é. .?

'É Griffin. Robin também está aqui. Não se preocupe, vamos tirar você daqui. Griffin enfiou a mão no bolso e tirou o que parecia ser uma granada de mão improvisada – uma esfera de cerâmica com um quarto do tamanho de uma bola de críquete com um fusível saindo de uma das pontas.

Parecia bastante pequeno para Robin. 'Isso pode explodir ferro?'

'Não precisa. A porta é de madeira. Griffin levantou a voz. — Victoire, vá até o canto mais distante e coloque a cabeça entre os braços e os joelhos. Preparar?'

Victoire gritou concordando. Griffin colocou a granada no canto da porta,

acendeu-a com um fósforo e arrastou Robin apressadamente por vários passos pelo corredor. O

estrondo veio segundos depois.

Robin tirou a fumaça do rosto, tossindo. A porta não tinha explodido – qualquer explosão tão grande certamente teria matado Victoire. Mas havia feito um buraco no fundo, grande o suficiente para uma criança passar por ele. Griffin chutou a madeira carbonizada até que vários pedaços grandes caíram. 'Victoire, você pode. .'

Ela se arrastou para fora, tossindo. Griffin e Robin agarraram-na pelos braços e puxaram-na pelo resto do caminho. Quando finalmente ela se libertou, ficou de joelhos e abraçou Robin. 'Eu pensei-'

— Eu também — murmurou ele, abraçando-a com força. Ela estava, graças a Deus, praticamente ilesa. Seus pulsos estavam um pouco machucados, mas sem algemas, e não havia sangue nela, nem ferimentos de bala abertos. Sterling estava blefando.

— Eles disseram que atiraram em você. Ela pressionou contra o peito dele, tremendo.

'Oh, Robin, ouvi um tiro. .'

'Você fez-?' Ele não conseguiu terminar a pergunta. Imediatamente ele se arrependeu de ter perguntado; ele não queria saber.

— Não — ela sussurrou. “Sinto muito, pensei... já que eles nos pegaram, pensei. . .' Sua voz falhou; ela desviou o olhar.

Ele sabia o que ela queria dizer. Ela escolheu deixá-lo morrer. Isso não doeu tanto quanto deveria. Pelo contrário, esclareceu as coisas; o que estava em jogo diante deles, a insignificância de suas vidas em relação à causa que escolheram. Ele a viu começar a pedir desculpas e então se conter – bom, ele pensou; ela não tinha nada do que se desculpar, pois entre eles apenas um se recusara a romper.

'Para que lado fica a porta?' Victória perguntou.

“Quatro andares abaixo”, disse Griffin. ‘Os guardas estão todos presos na

escada, mas logo conseguirão passar.’

Robin olhou pela janela no final do corredor. Eles estavam bem longe, ele percebeu. Ele pensou que eles estavam na prisão municipal de Gloucester Green, mas aquele prédio tinha apenas dois andares. O chão parecia muito distante de onde eles estavam. 'Onde estamos?'

“Castelo de Oxford”, disse Griffin, puxando uma corda da mochila. 'Torre Norte.'

'Não há outra escada?'

'Nenhum.' Griffin acenou com a cabeça em direção à janela. 'Quebre o vidro com o cotovelo. Estamos subindo.

Griffin desceu primeiro, depois Victoire e depois Robin. Descer foi muito mais difícil do que Griffin fez parecer; Robin deslizou rápido demais pelos últimos três metros, pois seus braços cederam e a corda deixou queimaduras em suas palmas. Lá fora, era evidente que Griffin tinha causado muito mais do que uma simples diversão. Toda a fachada norte do Castelo de Oxford estava em chamas e as chamas e a fumaça se espalhavam rapidamente pelo edifício.

Será que Griffin fez tudo isso sozinho? Robin olhou de soslaio para o irmão e foi como ver um estranho. Griffin tornava-se novo na sua imaginação cada vez que o encontrava, e esta versão era muito assustadora, este homem duro e afiado que atirava, matava e queimava sem pestanejar. Foi a primeira vez que ele relacionou os compromissos abstratos de seu irmão com a violência com seus efeitos materiais. E eles foram incríveis. Robin não sabia se o temia ou se admirava sua habilidade.

Griffin jogou para eles duas capas pretas simples de sua mochila – à distância, elas se pareceriam vagamente com as capas dos policiais – e então os conduziu até lá. ao longo da lateral do castelo em direção à rua principal. “Mova-se rapidamente e não olhe para trás”, ele murmurou. 'Eles estão todos distraídos – tenham calma, sejam rápidos, sairemos daqui sem problemas.'

E por um momento, parecia que escapar realmente poderia ser assim tão fácil. Toda a praça do castelo parecia deserta; todas as sentinelas estavam preocupadas com as chamas e os altos muros de pedra lançavam muitas sombras para se esconderem.

Apenas uma figura estava entre eles e o portão.

' *Explodere* .' Sterling Jones cambaleou na direção deles. Seu cabelo estava queimado, seu rosto principesco arranhado e ensanguentado. 'Esperto. Não pensei que você tivesse latim para fazer isso.

Griffin estendeu a mão diante de Robin e Victoire como se estivesse protegendo-as de uma fera que atacava. 'Olá, Sterling.'

'Vejo que você atingiu novos patamares de destruição.' Sterling gesticulou vagamente para o castelo. À luz fraca da lamparina, com sangue cobrindo seu cabelo claro e poeira branco-acinzentada por todo o casaco, ele parecia bastante perturbado. 'Não foi o suficiente para você matar Evie?'

— Evie escolheu seu destino — rosnou Griffin.

'Palavras ousadas de um assassino.'

' *Eu sou* o assassino? Depois da Birmânia?

'Ela estava desarmada-'

“Ela sabia o que tinha feito. Você também.'

Havia história aqui, Robin percebeu. Algo além de pertencer à mesma coorte. Griffin e Sterling conversaram com a intimidade de velhos amigos presos em algum complicado emaranhado de amor e ódio do qual ele não tinha conhecimento, algo que havia sido fermentado ao longo de muitos anos. Ele não conhecia a história deles, mas era óbvio que Griffin e Sterling já esperavam esse confronto há algum tempo.

Sterling ergueu a arma. 'Eu levantaria suas mãos agora.'

“Três alvos”, disse Griffin. 'Uma arma. Quem você está mirando, Sterling?

Sterling teve que perceber que estava em menor número. Ele parecia não se importar.

— Ah, acho que você sabe.

Acabou tão rápido que Robin mal percebeu o que estava acontecendo. Griffin sacou seu revólver. Sterling apontou a arma para o peito de Griffin. Deviam ter puxado os gatilhos simultaneamente, pois o barulho que dividiu a noite soou como um único tiro. Ambos desabaram ao mesmo tempo.

Vitória gritou. Robin caiu de joelhos, puxando o casaco de Griffin, batendo freneticamente em seu peito até encontrar a mancha de sangue úmida e crescente sobre seu ombro esquerdo. Ferimentos nos ombros não foram fatais, foram? Robin tentou se lembrar do pouco que havia aprendido nas histórias de aventuras – alguém poderia sangrar até a morte, mas não se conseguisse ajuda a tempo, não se alguém estancasse o sangramento por tempo suficiente para curar o ferimento, ou suturá-lo, ou o que quer que fosse. os médicos fizeram para acertar uma bala no ombro -

“Bolso”, Griffin engasgou. 'Bolso frontal-'

Robin vasculhou o bolso da frente e tirou uma fina barra de prata.

'Tente isso - eu escrevi, não sei se vai-'

Robin leu a barra e depois pressionou-a contra o ombro do irmão. ' *Xiu* ', ele sussurrou.

'Curar.'

Você . Consertar. Não apenas para curar, mas para reparar, para remendar o dano; desfazer a ferida com reparação mecânica bruta. A distorção era sutil, mas estava lá, poderia funcionar. E alguma coisa estava acontecendo – ele sentiu sob a mão, o entrelaçamento de carne quebrada, um estalido de osso crescendo novamente. Mas o sangue não parava; derramou-se sobre suas mãos, cobrindo o bar, cobrindo a prata. Algo estava errado – a carne estava se movendo, mas não se ajustava; a bala estava no caminho e era profunda demais para ele conseguir retirá-la. — Não — implorou Robin. 'Não, por favor. .' De novo não; não três vezes; quantas vezes ele foi condenado a se curvar sobre um corpo moribundo, vendo uma vida escapar, incapaz de recuperá-la?

Griffin se contorceu embaixo dele, o rosto contorcido de dor. “Pare”, ele implorou. 'Pare, apenas deixe-'

“Alguém está vindo”, disse Victoire.

Robin sentiu-se paralisado. 'Griffin-'

'Ir.' O rosto de Griffin ficou branco como papel, quase verde. χλωρός, Robin pensou estupidamente; era a única coisa que sua mente conseguia processar, a lembrança de um debate frívolo sobre a tradução da cor. Ele se pegou lembrando em detalhes como o professor Craft questionara por que continuavam traduzindo χλωρός como “verde”, quando Homer também o aplicara a galhos frescos, ao mel, a rostos pálidos de medo. O

bardo estava apenas cego, então? Não. Talvez, propôs o professor Craft, fosse simplesmente

a cor da natureza fresca, da vida verdejante – mas isso não poderia estar certo, pois o verde doentio do corpo de Griffin nada mais era do que o início da morte.

'Estou tentando-'

— Não, Robin, escute. Griffin teve um espasmo de dor; Robin o segurou com força, incapaz de fazer mais nada. 'Há mais do que você pensa. Hermes. . o quarto seguro, Victoire sabe onde, ela sabe o que fazer. . e na minha mochila, *wúxíng* , há. .

– Eles estão vindo – insistiu Victoire. 'Robin, os policiais, eles nos verão. .'

Griffin o empurrou. 'Vá, corra-'

'Não.' Robin deslizou os braços sob o torso de Griffin. Mas Griffin era tão pesado e seus braços tão fracos. O sangue derramou por todas as suas mãos. O cheiro disso, salgado; sua visão ficou confusa. Ele tentou puxar seu irmão para cima. Eles cambalearam para o lado.

Griffin gemeu. 'Parar . . .'

'Robin.' Victoire agarrou seu braço. 'Por favor, temos que nos esconder. .'

Robin enfiou a mão na mochila e vasculhou até sentir o frio arder da prata. “ *Wúxíng* ”, ele sussurrou. ' *Invisível* .'

Robin e Victoire piscaram e desapareceram no momento em que três policiais desciam correndo a praça.

“Cristo”, alguém disse. 'É Sterling Jones.'

'Morto?'

'Ele não está se movendo.'

'Este ainda está vivo.' Alguém se inclinou sobre o corpo de Griffin. Um farfalhar de tecido – uma arma em punho. Uma risada aguda e surpresa; uma declaração indiferente,

'Não - ele é-'

O clique de um gatilho.

— Não — Robin quase gritou, mas Victoire tapou-lhe a boca com a mão.

O tiro explodiu como um canhão. Griffin teve convulsões e ficou imóvel. Robin dobrou-se, gritando, mas não havia som na sua angústia, nem forma na sua dor; ele era incorpóreo, sem voz e, embora sofresse o tipo de dor devastadora que exigia gritos, espancamentos, uma destruição do mundo – e se não do mundo, então de si mesmo – ele não conseguia se mover; até que a praça ficasse limpa, tudo o que ele podia fazer era esperar e observar.

Quando finalmente os guardas foram embora, o corpo de Griffin ficou branco e medonho. Seus olhos estavam abertos, vidrados. Robin pressionou os dedos contra seu pescoço, procurando pulso e sabendo que não encontraria nenhum; a explosão foi tão direta, de tão curta distância.

Victoire estava de pé sobre ele. 'É ele-'

'Sim.'

— Então temos que ir — disse ela, fechando os dedos em volta do pulso dele. 'Robin, não sabemos quando eles voltarão.'

Ele ficou. Que quadro horrível, pensou ele. Os corpos de Griffin e Sterling jaziam adjacentes no chão, o sangue acumulando-se embaixo de cada um, correndo juntos sob a chuva. Algum tipo de história de amor havia terminado nesta praça – algum triângulo vicioso de desejo, ressentimento, ciúme e ódio havia se aberto com a morte de Evie e fechado com a de Griffin. Seus detalhes

eram obscuros e nunca seriam conhecidos por Robin por completo; * tudo o que ele sabia, com certeza, era que esta não era a primeira vez

que Griffin e Sterling tentaram se matar, apenas a primeira vez que um deles conseguiu.

Mas todos os personagens principais estavam mortos agora e o círculo estava fechado.

'Vamos', Victoire insistiu novamente. 'Robin, não há muito tempo.'

Parecia tão errado deixá-los assim. Robin queria pelo menos afastar o corpo do irmão, colocá-lo em algum lugar calmo e privado, fechar os olhos e colocar as mãos sobre o peito.

Mas agora só havia tempo para correr, para deixar para trás o cenário do massacre.

Capítulo Vinte e Cinco

E só eu fiquei de tudo o que viveu,

Preso nesta convicção estreita e horrível.

T HOMAS L OVELL B EDDOES , *Livro de brincadeiras da morte*

Robin não se lembrava de como eles escaparam despercebidos do Castelo de Oxford.

Sua mente fugiu com a morte de Griffin; ele não podia tomar decisões; ele mal conseguia registrar onde estava. O máximo que ele podia fazer era colocar um pé na frente do outro, seguindo cegamente Victoire onde quer que ela os levasse: nas florestas, através de arbustos e arbustos, descendo a margem de um rio onde esperavam, amontoados na lama, enquanto os cães passavam correndo, Latidos; depois subimos por uma estrada sinuosa até o centro da cidade. Somente quando voltaram a um ambiente familiar, quase nas sombras de Babel e da Biblioteca Radcliffe, ele encontrou autocontrole para avaliar para onde estavam indo.

‘Isso não é um pouco próximo?’ ele perguntou. 'Não deveríamos tentar o canal.' . . ?'

“Não é o canal”, sussurrou Victoire. — Isso nos levará direto para a delegacia.

— Mas por que não vamos para Cotswolds? Ele não sabia por que sua mente se concentrara nas colinas de Cotswold, a noroeste de Oxford, repletas de planícies e florestas onduladas e vazias. Eles pareciam o lugar natural para onde fugir. Talvez ele o tenha lido uma vez por um preço horrível e desde então presumiu que Cotswolds era um lugar para fugitivos. Certamente pareciam melhores que o coração de Oxford.

“Eles estarão nos procurando em Cotswolds”, disse Victoire. 'Eles estarão esperando que nós corramos, eles terão cães vasculhando a floresta. Mas há uma casa segura perto do centro da cidade. .

'Não, não podemos – eu desisti disso; Lovell sabia, e Playfair também deve. .

'Há outro. Anthony me mostrou – bem perto da Biblioteca Radcliffe, há uma entrada de túnel na parte de trás dos Vaults. Apenas me acompanhe.'

Robin podia ouvir cães latindo ao longe enquanto se aproximavam do quadrilátero de Radcliffe. A polícia deve ter lançado uma caçada humana por toda a cidade; certamente havia homens e cães vasculhando todas as ruas em busca deles. No entanto, de repente, absurdamente, ele não sentiu urgência em fugir. Eles tinham a barra *wúxíng* de Griffin em mãos; eles poderiam desaparecer a qualquer momento.

E Oxford à noite ainda era tão serena, ainda parecia um lugar onde eles estavam seguros, onde a prisão era impossível. Ainda parecia uma cidade esculpida no passado; de antigas torres, pináculos e torres; do luar suave em pedras velhas e estradas de paralelepípedos desgastadas. Seus edifícios ainda eram tranquilizadoramente pesados, sólidos, antigos e eternos. As luzes que brilhavam através das janelas em arco ainda prometiam calor, livros velhos e chá quente lá dentro; ainda sugeria uma vida idílica de

estudioso, onde as ideias eram entretenimentos abstratos que podiam ser divulgados sem consequências.

Mas o sonho foi destruído. Esse sonho sempre foi fundado em uma mentira. Nenhum deles jamais teve a chance de realmente pertencer a esse lugar, pois Oxford queria apenas um tipo de estudioso, o tipo nascido e criado para percorrer cargos de poder que havia criado para si. Todos os outros foram

mastigados e descartados. Esses edifícios imponentes foram construídos com moedas provenientes da venda de escravos, e a prata que os mantinha funcionando vinha manchada de sangue das minas de Potosí. Foi fundido em forjas sufocantes onde os trabalhadores nativos recebiam uma ninharia, antes de seguir em navios através do Atlântico até onde foi moldado por tradutores arrancados dos seus países, roubados para esta terra distante e nunca verdadeiramente autorizados a regressar a casa.

Ele foi tão tolo ao pensar que poderia construir uma vida aqui. Não havia como ultrapassar a linha; ele sabia disso agora. Nada de ir e voltar entre dois mundos, nada de ver e não ver, nada de colocar a mão sobre um olho ou outro como uma criança brincando.

Ou você fazia parte desta instituição, era um dos tijolos que a sustentavam, ou não fazia.

Os dedos de Victoire envolveram os dele.

— Não há como redimir isso, não é? ele perguntou.

Ela apertou a mão dele. 'Não.'

O erro deles foi tão óbvio. Eles presumiram que Oxford não poderia traí-los. A dependência deles de Babel estava arraigada e inconsciente. Em algum nível, eles ainda acreditavam que a universidade, e seu status como seus estudiosos, poderia protegê-los.

Eles presumiram, apesar de todas as indicações em contrário, que aqueles que tivessem mais a ganhar com a expansão contínua do Império poderiam encontrar dentro de si a capacidade de fazer a coisa certa.

Panfletos. Eles pensaram que poderiam ganhar isso com panfletos.

Ele quase riu do absurdo. O poder não estava na ponta de uma caneta. O poder não funcionou contra os seus próprios interesses. O poder só poderia ser dominado por atos de desafio que não pudesse ignorar. Com força bruta e inabalável. Com violência.

— Acho que Griffin estava certo — murmurou Robin. “Tinha que ser a torre o tempo todo. Temos que tomar a torre.

'Hum.' Os lábios de Victoire se curvaram; os dedos dela apertaram os dele. 'Como você quer fazer isso?'

“Ele disse que seria fácil. Ele disse que eles eram estudiosos, não soldados. Ele disse que tudo que você precisa é de uma arma. Talvez uma faca.

Ela riu amargamente. 'Eu acredito nisso.'

Foi apenas uma ideia, um desejo mais do que qualquer coisa, mas foi um começo. E

criou raízes e cresceu dentro deles, desenrolando-se até se tornar menos uma fantasia ridícula e mais uma questão de logística, de como e quando.

Do outro lado da cidade, os estudantes dormiam profundamente. Ao lado deles, tomos de Platão, Locke e Montesquieu esperavam para serem lidos, discutidos, gesticulados; direitos teóricos como liberdade e liberdade seriam debatidos entre aqueles que já os desfrutavam, conceitos obsoletos que, nas cerimônias de formatura de seus leitores, seriam prontamente esquecidos. Aquela vida, e todas as suas preocupações, pareciam-lhe agora uma loucura; ele não conseguia acreditar que alguma vez houve um tempo em que suas

maiores preocupações fossem que cor de gravata pedir ao Randall's ou que insultos gritar para as casas flutuantes que monopolizavam o rio durante o treino de remo. Eram distrações tão banais, fúteis e triviais construídas sobre uma base de crueldade contínua e inimaginável.

Robin olhou para a curva de Babel contra o luar, para o fraco brilho prateado emitido por seus muitos reforços. Ele teve uma visão repentina e muito clara da torre em ruínas. Ele queria que isso quebrasse. Ele queria que, pela primeira vez, sentisse a dor que tornara possível sua existência rarefeita. 'Eu quero que desmorone.'

A garganta de Victoire pulsou, e ele sabia que ela estava pensando em Anthony, nos tiros, nos destroços da Antiga Biblioteca. 'Eu quero que queime.'

Livro V

Interlúdio

Letty

Letitia Price não era uma pessoa má.

Duro, talvez. Frio, direto, severo: todas as palavras que alguém poderia usar para descrever uma garota que exigia do mundo as mesmas coisas que um homem exigiria. Mas só porque a severidade era a única forma de fazer com que as pessoas a levassem a sério, porque era melhor ser temida e odiada do que ser considerada um animal de estimação doce, bonito e estúpido; e porque a academia respeitava o aço, podia tolerar a crueldade, mas nunca poderia aceitar a fraqueza.

Letty lutou e lutou por tudo o que tinha. Oh, ninguém saberia disso olhando para ela, esta bela rosa inglesa, a filha deste almirante criada numa propriedade em Brighton com meia dúzia de criados disponíveis e duzentas libras por ano para quem quer que se casasse com ela. *Letitia Price tem tudo* , diziam as garotas feias e ciumentas nos bailes de Londres.

Mas Letty nasceu em segundo lugar, depois de um menino, Lincoln, a menina dos olhos de seu pai. Enquanto isso, seu pai, o almirante, mal conseguia olhar para ela, pois quando fez isso tudo o que viu foi uma sombra da frágil e falecida Sra. Amelia Price, morta no parto, num quarto úmido de sangue que cheirava a oceano.

“Certamente não culpo você”, ele disse a ela, certa noite, depois de muito vinho. — Mas você entenderá, Letitia, se eu preferir que você desapareça na minha presença.

Lincoln estava destinado a Oxford, Letty, a um casamento precoce. Lincoln recebeu o rodízio de tutores, todos recém-formados em Oxford que não haviam conseguido uma paróquia em outro lugar; as canetas sofisticadas, os papéis de carta cremosos e os livros grossos e brilhantes em aniversários e natais. Quanto a Letty – bem, a opinião do seu pai sobre a alfabetização das mulheres era que elas só precisavam assinar a certidão de casamento.

Mas era Letty quem tinha talento para línguas, que absorvia o grego e o latim com a mesma facilidade com que absorvia o inglês. Ela aprendeu lendo sozinha

e sentando-se com o ouvido pressionado contra a porta durante as sessões de tutoria de Lincoln. Sua mente formidável retinha informações como uma armadilha de aço. Ela mantinha as regras gramaticais da mesma forma que outras mulheres guardavam rancor. Ela abordou a linguagem com um rigor matemático determinado e quebrou a mais espinhosa das construções latinas por pura força de vontade. Era Letty quem treinava o irmão, tarde da noite, quando ele não conseguia se lembrar das listas de vocabulário, quem terminava as traduções e corrigia as redações quando ele ficava entediado e saía para cavalgar, caçar ou o que quer que os meninos fizessem ao ar livre.

Se seus papéis tivessem sido trocados, ela teria sido aclamada como um gênio. Ela teria sido o próximo Sir William Jones.

Mas isso não estava em suas estrelas. Ela tentou ficar feliz por Lincoln, projetar suas esperanças e sonhos em seu irmão, como tantas mulheres daquela época fizeram. Se Lincoln se tornasse um professor de Oxford, então talvez ela pudesse se tornar sua secretária. Mas a sua mente era simplesmente uma parede de tijolos. Ele odiava suas aulas; ele desprezava seus tutores. Ele achava suas leituras chatas. Tudo o que ele sempre quis foi estar ao ar livre; ele não conseguia ficar parado diante de um livro por mais de um minuto antes de começar a ficar inquieto. E ela simplesmente não conseguia entender por que alguém com tais oportunidades rejeitaria a chance de *usá* -las.

“Se eu estivesse em Oxford, leria até meus olhos sangrarem”, ela disse a ele.

'Se você estivesse em Oxford', disse Lincoln, 'o mundo saberia tremer.'

Ela amava seu irmão, ela amava. Mas ela não suportava a ingratidão dele, a maneira como ele desprezava todos os presentes que o mundo lhe dera. E pareceu quase justiça quando se descobriu que Oxford combinava muito mal com Lincoln. Seus tutores em Balliol escreveram ao almirante Price reclamando de bebida, jogos de azar e de ficar fora de casa depois do toque de recolher. Lincoln escreveu para casa pedindo dinheiro. Suas cartas para Letty eram breves, tentadoras, oferecendo vislumbres de um mundo que ele claramente não apreciava — *aulas uma soneca, não se preocupe em ir — pelo menos não durante a temporada de remo, você deveria vir nos ver no Bumps na próxima primavera* . . No início, o almirante Price considerou isso natural, como uma dor de crescimento. Os jovens, que vivem fora de casa pela primeira vez, sempre demoram algum tempo para se adaptarem – e por que não deveriam começar a

se aventurar? Lincoln pegaria seus livros com o tempo.

Mas as coisas só pioraram. As notas de Lincoln nunca melhoraram. As cartas dos seus tutores eram agora menos pacientes, mais ameaçadoras. Quando Lincoln voltou para casa nas férias durante seu terceiro ano, algo mudou. Uma podridão se instalou, Letty percebeu.

Algo permanente, escuro. O rosto de seu irmão estava inchado, sua fala era lenta, mordaz e amarga. Ele mal disse uma palavra a nenhum dos dois durante as férias. Ele passava as tardes sozinho em seu quarto, bebendo continuamente uma garrafa de uísque. À noite, ou ele saía e só voltava de madrugada, ou brigava com o pai e, embora os dois trancassem a porta do escritório, suas vozes iradas perfuravam todos os cômodos da casa. *Você é uma vergonha* , disse o almirante Price. *Eu odeio isso lá* , disse Lincoln. *Eu não estou feliz. E é o seu sonho, não o meu* .

Finalmente Letty decidiu confrontá-lo. Quando Lincoln saiu do escritório naquela noite, ela estava no corredor, esperando.

'O que você está olhando?' ele olhou maliciosamente. 'Está aqui para se gabar?'

“Você está partindo o coração dele”, disse ela.

'Você não se importa com o coração dele. Você está com ciúmes.'

'Claro que estou com ciúmes. Você tem tudo. *Tudo* , Lincoln. E não entendo o que o levou a desperdiçá-lo. Se seus amigos são uma chatice, interrompa-os. Se os cursos forem difíceis, eu ajudo você. . irei com você, examinarei cada trabalho que você escrever. .

Mas ele estava cambaleando, os olhos desfocados, mal ouvindo-a. — Vá e traga-me um conhaque.

'Lincoln, *o que há de errado com você* ?'

'Ah, não me julgue.' Seu lábio se curvou. 'A justa Letty, a brilhante Letty, deveria estar em Oxford, exceto pelo espaço entre as pernas. .'

'Você me dá nojo.'

Lincoln apenas riu e se virou.

“Não volte para casa”, ela gritou para ele. — É melhor você ir embora. É melhor você morrer.

Na manhã seguinte, um policial bateu à porta deles e perguntou se aquela era a residência do almirante Price e se ele poderia ir com eles, por favor, para identificar um corpo. O motorista nunca o viu, disseram. Nem sabia que ele estava debaixo da carroça até hoje de manhã, quando os cavalos se assustaram. Estava escuro, chovia e Lincoln estava bêbado, atravessando a estrada - o almirante poderia processar, como era seu direito, mas duvidavam que o tribunal estivesse do seu lado. Foi um acidente.

Depois disso, Letty sempre temeria e ficaria maravilhada com o poder de um única palavra. Ela não precisava de barras de prata para provar como dizer algo poderia torná-lo verdade.

Enquanto seu pai se preparava para o funeral, Letty escreveu aos tutores de Lincoln. Ela incluiu algumas composições de sua autoria.

Depois de internada, ainda sofreu mil e uma humilhações em Oxford. Os professores falavam mal dela como se ela fosse estúpida. Os balconistas continuavam tentando olhar através de sua camisa. Ela fazia uma caminhada irritantemente longa até todas as aulas porque o corpo docente obrigava as mulheres a morar em um prédio a quase três quilômetros ao norte, onde a senhoria parecia confundir seus inquilinos com empregadas domésticas e gritava se eles se recusassem a varrer. Os estudiosos passavam por ela nas festas da faculdade para apertar a mão de Robin ou Ramy; se ela falasse, eles fingiam que ela não existia. Se Ramy corrigisse um professor, ele era ousado e brilhante; se Letty fizesse o mesmo, ela seria irritante. Se ela quisesse pegar um livro do Bodleian, ela precisava da presença de Ramy ou Robin para dar permissão. Se quisesse andar no escuro, sozinha e sem medo, tinha que se vestir e andar como um homem.

Nada disso foi uma surpresa. Afinal, ela era uma estudiosa em um país cuja palavra para loucura derivava da palavra para útero. Foi irritante. Seus amigos sempre falavam da discriminação que enfrentavam como estrangeiros, mas por que ninguém se importava com o fato de Oxford ser igualmente cruel com as mulheres?

Mas apesar de tudo isso, olhe para eles – eles estavam aqui, estavam prosperando, desafiando as probabilidades. Eles entraram no castelo. Eles tinham um lugar aqui, onde poderiam transcender o seu nascimento. Eles teriam, se aproveitassem, a oportunidade de se tornarem algumas das louvadas exceções. E por que eles estariam tudo menos infalivelmente e desesperadamente gratos?

Mas de repente, depois de Cantão, todos estavam falando numa língua que ela não conseguia entender. De repente, Letty estava do lado de fora e não aguentou mais. Ela não conseguia decifrar o código, por mais que tentasse, porque toda vez que ela perguntava, a resposta era sempre. *Não é óbvio, Letty? Você não vê?* Não, ela *não* viu. Ela achava seus princípios absurdos, o cúmulo da tolice. Ela achava que o Império era inevitável. O futuro imutável. E a resistência é inútil.

Suas convicções a deixavam perplexa – por que, ela se perguntou, você se chocaria contra uma parede de tijolos?

Ainda assim, ela os ajudou, os protegeu e guardou seus segredos. Ela os amava. Ela teria matado por eles. E ela tentou não acreditar nas piores coisas sobre eles, nas coisas que sua educação teria tido. ela pensa. Eles não eram selvagens. Eles não eram inferiores, nem

ingratos de mente branda. Eles estavam apenas – infelizmente, terrivelmente –

equivocados.

Mas, ah, como ela odiava vê-los cometendo os mesmos erros que Lincoln cometeu.

Por que eles não conseguiam ver o quão afortunados eram? Ser autorizado a entrar nestes salões sagrados, ser elevado de sua educação miserável para as alturas deslumbrantes do Instituto Real de Tradução! Todos eles lutaram com unhas e dentes para ganhar uma vaga em uma sala de aula em Oxford. Ela ficava deslumbrada com sua sorte todos os dias em que se sentava no Bodleian, folheando livros que, sem seus Privilégios de Tradutora, ela não poderia ter solicitado das estantes. Letty desafiou o destino para chegar aqui; todos eles tinham.

Então, por que isso não foi suficiente? Eles venceram o sistema. Por que, em nome de Deus, eles queriam tanto quebrá-lo também? Por que morder a mão que te alimentou? Por que jogar tudo fora?

Mas há coisas maiores em jogo , disseram-lhe (condescendente, condescendente; como se ela fosse uma criança, como se não soubesse de nada). *É uma questão de injustiça global, Letty. A pilhagem do resto do mundo.*

Ela tentou novamente deixar de lado seus preconceitos, manter a mente aberta, descobrir o que os incomodava tanto. Repetidamente ela viu sua ética questionada e reiterou suas posições, como se provasse que não era de fato uma pessoa má. É claro que ela não apoiou esta guerra. Claro que ela era contra todo tipo de preconceito e exploração.

É claro que ela ficou do lado dos abolicionistas.

É claro que ela poderia apoiar o lobby pela mudança, desde que fosse pacífico, respeitável e civilizado.

Mas então eles estavam falando sobre chantagem. Sobre sequestro, tumultos, explosão de um estaleiro. Isso foi vingativo, violento, horrível. E ela não conseguia suportar – ver aquele horrível Griffin Lovell falar, aquele brilho encantado nos olhos, e observar Ramy, o seu Ramy, acenando com a cabeça. Ela não podia acreditar no que ele havia se tornado. O

que todos eles se tornaram.

Não era horrível o suficiente terem encoberto um assassinato? Ela teve que ser cúmplice de vários outros?

Foi como acordar, como ser encharcado com água fria. O que ela estava fazendo aqui? O

que ela estava *entretendo* ? Esta não foi uma luta nobre, apenas uma ilusão compartilhada.

Não havia futuro nesse caminho. Ela viu isso agora. Ela estava enganado, enrolado nesta charada repugnante, mas isso só terminou de duas maneiras: na prisão ou no carrasco. Ela era a única ali que não estava muito brava para ver isso. E embora isso a matasse, ela teve que agir com determinação – pois se não pudesse salvar seus amigos, ela teria pelo menos que salvar a si mesma.

Capítulo Vinte e Seis

O colonialismo não é uma máquina capaz de pensar, um corpo dotado de razão. É uma violência nua e crua e só cede quando confrontada com uma violência maior.

FRANTZ F ANON , Os *Condenados da Terra* , trad. Richard Philcox

Uma porta escondida perto do porão de suprimentos do Vaults & Garden revelou um túnel de terra apertado, grande o suficiente para eles passarem apoiados nas mãos e nos joelhos. Parecia interminável. Eles avançaram, tateando cegamente. Robin desejou uma luz, mas eles não tinham vela, gravetos ou pederneira; eles só podiam confiar na palavra de Anthony e rastejar, suas respirações superficiais ecoando ao redor deles. Por fim, o teto do túnel inclinou-se para cima e uma lufada de ar fresco banhou a pele pegajosa. Eles vasculharam a parede de terra até encontrar uma porta e depois uma maçaneta; eles abriram para encontrar uma pequena sala de teto baixo, iluminada pela luz da lua que penetrava por uma pequena grade acima.

Eles entraram e piscaram.

Alguém esteve aqui recentemente. Sobre a mesa havia um pão, ainda tão fresco que era macio ao toque, e ao lado uma vela meio derretida. Victoire vasculhou as gavetas até encontrar uma caixa de fósforos e então ergueu a vela acesa para o quarto. 'Então foi aqui que Griffin se escondeu.'

A sala segura parecia estranhamente familiar para Robin, embora ele demorasse um momento para perceber o porquê. A disposição do quarto – a escrivaninha sob a janela gradeada, a cama cuidadosamente arrumada no canto, as estantes duplas na parede oposta

– combinava perfeitamente com os dormitórios da Magpie Lane. Aqui, abaixo de Oxford, Griffin – conscientemente ou não – tentou recriar os seus tempos de faculdade.

— Você acha que estamos seguros aqui esta noite? Robin perguntou. 'Quero dizer. .

você acha. .'

'Não parece perturbado.' Victoire sentou-se cautelosamente na beirada da cama. 'Acho que se eles soubessem, teriam destruído este lugar.'

'Eu acho que você está certo.' Ele sentou-se ao lado dela. Só agora ele sentiu a exaustão subindo pelas pernas e chegando ao peito. Toda a adrenalina da fuga havia diminuído, agora que estavam seguros, escondidos no ventre da terra. Ele queria desmaiar e nunca mais acordar.

Victoire se inclinou para o lado da cama, onde havia um barril com o que parecia ser água doce. Ela derramou um pouco sobre uma camisa arregaçada e entregou a Robin.

'Limpar.'

'O que?'

— Há sangue — ela disse suavemente. 'Há sangue em você.'

Ele ergueu os olhos e olhou para ela, corretamente, pela primeira vez desde a fuga. 'Há sangue em *você* .'

Sentaram-se lado a lado e se limparam em silêncio. Eles estavam cobertos por uma quantidade surpreendente de sujeira; eles passaram por uma camisa cada e depois por outra. De alguma forma, o sangue de Griffin não só havia caído nas mãos e nos braços de Robin, mas também nas bochechas, atrás das orelhas e nas cavidades onde o pescoço encontrava as orelhas, coberto por camadas de poeira e sujeira.

Eles se revezaram limpando o rosto um do outro. O ato simples e tátil foi bom; isso lhes dava algo em que se concentrar, distraídos de todas as palavras pesadas e não ditas. Foi bom não tentar dar-lhes voz. De qualquer forma, eles não conseguiam articulá-los; não eram pensamentos discretos, mas nuvens negras e sufocantes. Ambos estavam pensando em Ramy e Griffin e Anthony e todos os outros que foram abrupta e brutalmente arrancados deste mundo. Mas eles não podiam tocar naquele abismo de dor. Ainda era muito cedo para dar-lhe um nome, moldá-lo e domesticá-lo com palavras, e qualquer tentativa iria esmagá-los. Eles só podiam limpar o sangue da pele e tentar continuar respirando.

Por fim, largaram os trapos sujos no chão e encostaram-se na parede, um contra o outro. O ar úmido estava frio e não havia lareira. Eles se sentaram perto, puxando o cobertor fino em volta dos ombros. Demorou muito até que qualquer um deles falasse.

— O que você acha que faremos agora? perguntou Vitória.

Uma pergunta tão pesada, proferida em voz tão baixa. O que eles *poderiam* fazer agora?

Eles haviam falado em fazer Babel queimar, mas, em nome de Deus, como isso estava em seu poder? A Antiga Biblioteca foi destruída. Deles amigos estavam mortos. Todos mais ousados e melhores do que eles estavam mortos. Mas os dois ainda estavam aqui e era seu dever garantir que os seus amigos não tivessem morrido em vão.

– Griffin disse que você saberia o que fazer – disse Robin. 'O que ele quis dizer?'

- Só que encontraríamos aliados. – Victoire sussurrou. 'Que tínhamos mais amigos do que imaginávamos, se pudéssemos chegar à sala segura.'

'Estava aqui.' Robin gesticulou inutilmente. 'Está vazio.'

Vitória levantou-se. 'Ah, não seja assim.'

Eles começaram a procurar pistas na sala. Victoire ficou com o armário e Robin com a mesa. Dentro das gavetas da escrivaninha havia pilhas e mais pilhas de anotações e cartas de Griffin. Ele as ergueu diante da vela tremeluzente, semicerrando os olhos. O peito de Robin doeu ao ler a caligrafia de Griffin em inglês – um estilo apertado e aracnídeo que parecia tão parecido com o de Robin e com o de seu pai. Essas cartas, todas aquelas linhas estreitas, ousadas e lotadas, falavam de um escritor frenético, mas meticuloso, eram um vislumbre de uma versão de Griffin que Robin nunca conhecera.

E a rede de Griffin era muito mais vasta do que ele suspeitava. Viu correspondência endereçada a destinatários em Boston, em Nova Iorque, no Cairo, em Singapura. Mas os nomes eram sempre codificados, sempre referências literárias óbvias como “Sr. Pickwick” e

“Rei Ahab” ou nomes tão genericamente ingleses como “Sr. Brown” e “Sr. Pink” que não podiam ser reais.

'Hum.' Victoire segurou um pequeno quadrado de papel até os olhos, franzindo a testa.

'O que é isso?'

'É uma carta. Dirigido a você.

'Entendo?'

Ela hesitou por um momento antes de entregá-lo. O envelope era fino e lacrado. No verso estava seu nome, *Robin Swift* , rabiscado nos garranchos vigorosos de Griffin. Mas quando ele encontrou tempo para escrever isso? Não poderia ter sido depois que Anthony os trouxe para Hermes; Griffin não sabia onde eles estavam naquela época. Só poderia ter sido escrito depois que Robin cortou relações com Hermes, depois que Robin declarou que não queria nada com ele.

'Você vai ler?' Victória perguntou.

— Eu. . eu não acho que posso. Ele devolveu para ela. Ele ficou apavorado com o conteúdo; sua respiração acelerou até mesmo segurá-lo na mão. Ele não poderia enfrentar o julgamento de seu irmão. Agora não. 'Você vai guardar para mim?'

'E se for algo que possa ajudar?'

“Não creio que seja”, disse Robin. 'Eu penso . . . tem que ser outra coisa. Por favor, Victoire, você pode ler mais tarde, se quiser, mas não posso dar uma olhada agora.

Ela hesitou, depois colocou-o no bolso interno. 'Claro.'

Eles voltaram a vasculhar os pertences de Griffin. Além das cartas, Griffin guardava um impressionante conjunto de armas – facas, garrotes, diversas barras de prata e pelo menos três pistolas. Robin recusou-se a tocá-los; Victoire examinou a coleção, os dedos percorrendo os barris, antes de selecionar um e enfiá-lo no cinto.

'Você sabe como usar isso?' ele perguntou.

'Sim', ela disse, 'Anthony me ensinou.'

'Garota maravilhosa, você. Cheio de surpresas.'

Ela bufou. 'Oh, você simplesmente não estava prestando atenção.'

Mas não havia lista de contatos, nem pistas de outras casas seguras ou possíveis aliados.

Griffin envolveu tudo em código, criou uma rede tão invisível que, após sua morte, nunca poderia ser reconstruída.

'O que é isso?' Vitória apontou.

Em cima da estante, tão afastada que quase ficava escondida, havia uma luminária.

Robin estendeu a mão para pegá-lo, esperando desesperadamente – sim, lá estava ele, o familiar brilho prateado incrustado no fundo. *O farol* , Anthony gritou. Ele pensou na queimadura na mão de Griffin, em como Griffin sabia, mesmo a quilômetros de distância, que algo terrível havia acontecido.

Ele virou-o, apertando os olhos . *Lião* .

Griffin fez isso. *Liáo* , em mandarim, pode significar 'queimar' ou 'iluminar'. Também pode se referir a uma lâmpada de sinalização. Havia uma segunda barra de prata menor inscrita acima da primeira. *Bēacen* , dizia. Parecia latim, mas Robin, vasculhando a memória, não conseguiu descobrir seu significado ou origem precisos. Germânico, talvez? *

Ainda assim, ele conseguia adivinhar vagamente a função da lâmpada. Foi assim que Hermes se comunicou. Eles enviaram sinais através do fogo.

'Como você acha que funciona?' perguntou Vitória.

'Talvez eles estejam todos ligados, de alguma forma.' Ele passou para ela. 'Foi assim que Griffin soube que estávamos em apuros - ele devia estar carregando um consigo.'

'Mas quem mais tem um desses?' Ela o virou nas mãos e passou os dedos pelo pavio enrugado. 'Quem você acha que está do outro lado?'

— Amigos, espero. O que você acha que deveríamos dizer a eles?

Ela pensou por um momento. 'Um apelo aos braços.'

Ele olhou para ela. 'Estamos realmente fazendo isso?'

'Não vejo que outra escolha temos.'

'Sabe, existe uma expressão chinesa que diz *sǐ zhū bú pà kāi shuǐ tàng* . * Porcos mortos não temem água escaldante.'

Ela deu-lhe um sorriso pálido. 'Ganhe um centavo, ganhe uma libra.'

'Somos homens mortos andando.'

'Mas é isso que nos torna assustadores.' Ela colocou a lâmpada entre eles. 'Não temos mais nada a perder.'

Eles vasculharam a mesa em busca de caneta e papel e começaram a redigir sua mensagem. O óleo restante na lamparina parecia perigosamente baixo; o pavio foi queimado até virar um toco. A sua mensagem teria de ser tão sucinta e inequívoca quanto possível. Não poderia haver dúvidas sobre o que eles queriam dizer. Quando eles concordaram sobre o que dizer, Victoire apontou a vela para a lâmpada. Houve um lampejo hesitante, depois um súbito assovio, até que chamas de mais de trinta centímetros de altura saltaram e dançaram diante de seus olhos.

Eles não tinham certeza sobre a mecânica do farol. Robin havia falado o par em mandarim em voz alta, mas eles só podiam esperar que o segundo e misterioso par fosse projetado para durar. Eles elaboraram uma lista exaustiva de todos os métodos que poderiam tentar. Eles recitaram a mensagem na chama. Eles bateram palmas em código Morse. Eles repetiram o código, desta vez enfiando uma haste de metal na chama, de modo que ela tremeluzisse a cada ponto e traço. Finalmente, quando o óleo começou a borbulhar, eles colocaram o papel na lamparina.

O efeito foi imediato. O incêndio triplicou de tamanho; longas línguas atacavam para fora e depois voltavam ao redor do papel, como alguma criatura demoníaca devorando suas palavras. O papel não queimou nem amassou; simplesmente desapareceu. Um momento depois, o óleo acabou, as chamas diminuíram e a sala escureceu.

— Você acha que foi isso? Victória perguntou.

'Não sei. Não sei se alguém está ouvindo. Robin pousou a lâmpada. Ele se sentia insuportavelmente cansado, seus membros pareciam chumbo. Ele não sabia o que eles tinham acabado de colocar em ação. Parte dele nunca quis descobrir, queria se aconchegar naquele espaço fresco e escuro e desaparecer. Ele sabia que tinha o dever de terminar o trabalho e, quando o amanhã chegasse, reuniria todas as forças que lhe restavam para enfrentá-lo. Mas, por enquanto, ele queria dormir como um morto. — Suponho que veremos.

Ao amanhecer, eles atravessaram a cidade às escondidas até a Antiga Biblioteca. Dezenas de policiais estavam estacionados ao redor do prédio – talvez estivessem à espreita, para ver se alguém era tolo o suficiente para retornar. Robin e Victoire saíram cautelosamente da floresta atrás do quintal. Isso foi estúpido, sim, mas eles não conseguiram resistir ao impulso de contabilizar os danos. Eles esperavam ter a chance de entrar e recuperar alguns suprimentos, mas a presença da polícia era densa demais para que conseguissem.

Então, em vez disso, vieram testemunhar, pois, apesar dos riscos, alguém tinha de se lembrar da visão da traição. Alguém teve que registrar a perda.

A Antiga Biblioteca foi totalmente destruída. As costas inteiras foram destruídas, uma ferida aberta expondo o interior nu da biblioteca de uma forma que parecia cruel e humilhante. As prateleiras estavam meio vazias. Os livros que não foram queimados nas explosões foram empilhados em carrinhos de mão espalhados por todo o prédio para serem transportados, presumiu Robin, para análise pelos próprios estudiosos de Babel. Ele duvidava que a maior parte desse trabalho algum dia veria a luz do dia.

Toda aquela pesquisa maravilhosa e original, escondida nos arquivos imperiais por medo do que poderia inspirar.

Só quando se aproximou é que viu que os corpos ainda estavam nos escombros. Ele viu um braço pálido, meio enterrado sob tijolos caídos. Ele viu uma fivela de sapato presa a uma canela carbonizada. Perto da lateral da Antiga Biblioteca ele viu uma massa de cabelos pretos e cobertos de poeira. Ele se virou antes que pudesse vislumbrar o rosto abaixo.

"Eles não retiraram os corpos." Ele se sentiu tonto.

Victoire levou a mão à boca. — Ah, meu Deus.

'Eles não retiraram os corpos. .'

Ele levantou-se. Ele não sabia o que pretendia fazer – puxá-los para a floresta um por um? Cavar suas sepulturas perto da biblioteca? Colocar um pano, pelo menos, sobre os olhos abertos e fixos? Ele não sabia, só parecia tão errado deixá-los ali, expostos e vulneráveis.

Mas Victoire já o estava puxando para trás das árvores. 'Não podemos, você sabe que não podemos. .'

'Eles estão simplesmente deitados lá - Anthony, Vimal, *Ramy*- '

Eles não os levaram para o necrotério. Nem os tinha coberto. Eles simplesmente deixaram os mortos onde haviam caído, sangrando pelos tijolos e páginas, e estavam simplesmente contornando-os no caminho para escavar a biblioteca. Seria esta a sua vingança mesquinha, uma retribuição por uma vida inteira de inconveniências? Ou eles simplesmente não se importaram?

O mundo tem que quebrar , ele pensou. *Alguém tem que responder por isso. Alguém tem que sangrar* . Mas Victoire o puxou para baixo pelo caminho por onde vieram, e seu aperto forte foi a única coisa que o impediu de entrar na briga.

“Não há nada aqui para nós”, ela sussurrou. 'Está na hora, Robin. Temos que ir.

Eles escolheram um bom dia para a revolução.

Era o primeiro dia do semestre letivo e um dos raros dias em Oxford em que o tempo estava enganosamente maravilhoso; quando seu calor prometia mais sol e alegria do que a chuva e o granizo implacáveis que Hilary inevitavelmente trazia. Tudo era um céu azul claro e toques picantes de ventos primaveris. Todos estariam lá dentro hoje – professores, bolsistas de pós-graduação e estudantes – e o saguão da torre estaria vazio de clientes, pois este ano a Babel estava fechada para novas estantes e reformas durante a primeira semana do semestre. Nenhum civil seria pego no fogo cruzado.

A questão, então, era como entrar na torre.

Eles não podiam simplesmente ir até a porta da frente e entrar. Seus rostos estavam estampados em jornais por toda Londres; certamente alguns estudiosos sabiam, mesmo que tudo tivesse sido encoberto em Oxford. A porta da frente ainda estava ocupada por

meia dúzia de policiais. E agora, certamente, o Professor Playfair já havia destruído os frascos de sangue que marcavam a sua pertença.

Ainda assim, eles tinham três vantagens à sua disposição: *a explosão de Griffin* distração, a barra de invisibilidade e o fato de que as proteções ao redor da porta foram projetadas para manter os materiais dentro, e não fora. Este último fato era apenas uma teoria, mas uma teoria forte. Até onde eles sabiam, as proteções só eram ativadas na saída, não na entrada. Os ladrões sempre se saíam bem, desde que alguém mantivesse a porta aberta; foi embora que foi um problema. *

E se fizessem o que se propuseram fazer aqui hoje, não sairiam da torre por muito tempo.

Victória respirou fundo. 'Preparar?'

Não havia outra maneira. Eles quebraram a cabeça a noite toda e não conseguiram.

Nada a fazer agora a não ser agir.

Robin assentiu.

“ *Explōdere* ”, ele sussurrou, e jogou a barra de Griffin no gramado.

O ar quebrou. O bar era inofensivo, Robin sabia em teoria, mas ainda assim o seu barulho era terrível, era o som de cidades quebrando, pirâmides desabando. Ele sentiu um instinto de fugir, de encontrar segurança e, embora soubesse que era apenas a prata que se manifestava em sua mente, teve que superar todos os impulsos para não correr na outra direção.

— Vamos — insistiu Victoire, puxando seu braço.

Como esperado, a polícia atravessou o gramado; a porta estava se fechando atrás de um punhado de estudiosos. Robin e Victoire correram pela calçada, contornando a foca, e abriram caminho atrás deles. Robin prendeu a respiração

quando ultrapassaram a soleira, mas nenhuma sirene soou; nenhuma armadilha foi acionada. Eles estavam em; eles estavam seguros.

O saguão parecia mais lotado do que o normal. Será que a mensagem deles foi vista, então? Algumas dessas pessoas vieram atender seu chamado? Ele não tinha como saber quem estava com Hermes e quem não estava; todos que encontraram seu olhar deram-lhe o mesmo aceno desinteressado e educado antes de prosseguir com seus negócios. Tudo parecia tão absurdamente normal. Ninguém aqui sabia que o mundo havia quebrado?

Do outro lado da rotunda, o Professor Playfair encostou-se na varanda do segundo andar, conversando com o Professor Chakravarti. Professor Chakravarti deve ter feito uma piada, pois o professor Playfair riu, balançou a cabeça e olhou para o saguão. Ele encontrou o olhar de Robin. Seus olhos se arregalaram.

Robin pulou em uma mesa no centro do saguão no momento em que o professor Playfair corria para a escada.

'Escute-me!' ele gritou.

A movimentada torre não lhe prestou atenção. Victoire subiu ao lado dele, empunhando o sino cerimonial que o professor Playfair usava para anunciar os resultados dos exames.

Ela ergueu-o acima da cabeça e deu-lhe três sacudidas furiosas. A torre ficou em silêncio.

“Obrigado”, disse Robin. 'Ah. Então. Preciso dizer uma coisa. Sua mente imediatamente ficou em branco ao ver tantos rostos olhando. Durante vários segundos ele apenas piscou, mudo e assustado, até que finalmente as palavras voltaram à sua língua. Ele respirou fundo.

'Estamos fechando a torre.'

A professora Craft abriu caminho até a frente do saguão. — Sr. Swift, o que, em nome de Deus, você está fazendo?

“Espere aí”, disse o professor Harding. 'Você não deveria estar aqui, Jerome disse. .'

— Há uma guerra acontecendo — Robin deixou escapar. Ele estremeceu quando as palavras saíram de sua boca; eles eram tão desajeitados e pouco convincentes. Ele tinha um discurso preparado, mas de repente só conseguia se lembrar dos destaques, e eles pareciam ridículos mesmo quando ele os pronunciava em voz alta. Do outro lado do saguão e ao longo das varandas dos andares superiores, ele viu expressões alternadas de ceticismo, diversão e aborrecimento. Até o professor Playfair, agora ofegante na base da escada, parecia mais perplexo do que agitado. Robin sentiu-se tonto. Ele queria vomitar.

Griffin saberia como obrigá-los. Griffin era o contador de histórias, o verdadeiro revolucionário; ele poderia pintar o quadro necessário de expansão imperial, cumplicidade, culpa e responsabilidade com um punhado de frases devastadoras. Mas Griffin não estava aqui, e o melhor que Robin pôde fazer foi canalizar o espírito de seu irmão morto.

'O Parlamento está debatendo uma ação militar em Cantão.' Ele forçou sua voz a crescer, a ocupar mais espaço na sala do que nunca. «Não existe um pretexto justo, a não ser a ganância das empresas comerciais. Eles estão planejando forçar o ópio aos chineses sob a mira de uma arma, e causar um fiasco diplomático durante a viagem da minha coorte foi a desculpa para fazê-lo.

Pronto, ele disse algo que fazia sentido. Ao redor da torre, a impaciência transformou-se em curiosidade, confusão.

'O que o Parlamento tem a ver conosco?' perguntou um dos bolsistas do Departamento Jurídico – Coalbrook ou Conway, ou algo parecido.

“O Império Britânico não faz nada sem a nossa ajuda”, disse Robin. 'Nós escrevemos as barras que alimentam suas armas, seus navios. Polimos as facas da dominação. Nós redigimos seus tratados. Se retirarmos a nossa ajuda, o Parlamento não poderá agir em relação à China. .

“Ainda não vejo como isso é problema nosso”, disseram Coalbrook ou Conway.

- O problema é nosso porque são os nossos professores que estão por trás disso -

interrompeu Victoire. Sua voz estava trêmula, mas ainda mais alta, mais segura do que a de Robin. “Estão a ficar sem prata, todo o país está a ter um défice, e alguns dos nossos professores pensam que a maneira de resolver isso é injetando ópio num mercado estrangeiro. Eles farão qualquer coisa para levar isso adiante;

eles estão assassinando pessoas que estão tentando vazar isso. Eles mataram Anthony Ribben..

“Anthony Ribben morreu no mar”, disse o professor Craft.

“Não, ele não fez isso”, disse Victoire. 'Ele está escondido, trabalhando para impedir o Império de fazer exatamente isso. Eles atiraram nele na semana passada. E Vimal Srinivasan, Ilse Dejima e Cathy O'Nell – vão até Jericó, vão até o velho prédio atrás da floresta, depois da ponte, e vocês verão os escombros, os corpos. . .'

Isso provocou murmúrios. Vimal, Ilse e Cathy eram todos queridos na faculdade. Os sussurros aumentaram; era evidente agora que eles não estavam presentes e ninguém conseguia explicar onde estavam.

“Eles são loucos”, retrucou o professor Playfair. Ele recuperou a compostura, como um ator que se lembra de suas falas. Ele apontou um dedo dramático e acusador para os dois.

'Eles são loucos, estão trabalhando com um bando de ladrões rebeldes, deveriam estar na prisão. .'

Mas isso parecia ainda mais difícil para a sala engolir do que a história de Robin. A voz estrondosa do professor Playfair, geralmente tão envolvente, teve o efeito contrário de fazer com que tudo parecesse mera teatralidade. Ninguém mais tinha ideia do que os três estavam falando; do lado de fora, parecia que todos estavam dando um show.

— Por que você não nos conta o que aconteceu com Richard Lovell? O professor Playfair exigiu. 'Onde ele está? O que você fez com ele?

“Richard Lovell é um dos arquitetos desta guerra”, gritou Robin. 'Ele foi a Cantão para obter informações militares de espiões britânicos, ele está em contato direto com Palmerston.. '

“Mas isso é ridículo”, disse o professor Craft. 'Isso não pode ser verdade, isso é-'

“Temos documentos”, disse Robin. Passou-lhe pela cabeça, então, que esses papéis estavam agora certamente destruídos ou confiscados, mas ainda assim, como retórica, funcionou. 'Temos citações, provas – está tudo lá. Ele vem

planejando isso há anos. A Playfair está envolvida nisso, pergunte a ele. .

“Ele está mentindo”, disse o professor Playfair. — Ele está divagando, Margaret, o menino enlouqueceu. .

'Mas a loucura é incoerente.' O professor Craft franziu a testa, olhando para frente e para trás entre os dois. 'E mentiras são egoístas. Esta história. . não beneficia ninguém, certamente não estes dois — disse ela, apontando para Robin e Victoire — e é coerente.

— Garanto-lhe, Margaret...

'Professor.' Robin apelou diretamente para o professor Craft. 'Professor, por favor - ele quer uma guerra, ele vem planejando isso há anos. Vá e dê uma olhada em seu escritório.

No escritório do professor Lovell. Examine seus papéis. Está tudo aí.

— Não — murmurou o professor Craft. Suas sobrancelhas franziram. Seus olhos passaram por Robin e Victoire, e ela pareceu registrar algo – a exaustão oca, talvez, a curvatura de seus ombros ou a dor que se infiltrava em seus ossos. 'Não, eu acredito em você.' . .' Ela virou. 'Jerônimo? Você sabia?'

O professor Playfair parou por um momento, como se estivesse pensando se valia a pena tentar manter o fingimento. Então ele bufou. 'Não fique tão chocado. Você sabe o que comanda esta torre. Você sabia que o equilíbrio de poder precisava mudar, você sabia que precisávamos fazer algo em relação ao déficit..

'Mas declarar guerra a pessoas inocentes. .'

“Não finja que é aqui que você estabelecerá o limite”, disse ele. 'Você estava bem com todo o resto - não é como se a China tivesse muito a oferecer ao mundo além dos seus consumidores. Por que nós não. . Ele parou. Ele parecia ter percebido seu erro, que acabara de validar a história deles.

Era tarde demais. A atmosfera na torre mudou. O ceticismo evaporou. A irritação transformou-se na compreensão de que aquilo não era uma farsa, nem um ataque de histeria, mas algo real.

O mundo real raramente interferia na torre. Eles não sabiam o que fazer com

isso.

'Usamos as línguas de outros países para enriquecer este.' Robin olhou ao redor da torre enquanto falava. Ele não estava tentando convencer o professor Playfair, lembrou a si

mesmo; ele teve que apelar para a sala. 'Pegamos tanto conhecimento que não é nosso. O

mínimo que podemos fazer é impedir que isso aconteça. É a única coisa ética.

— Então o que você está planejando? perguntou Matthew Houndslow. Ele não parecia hostil; apenas hesitante, confuso. — Está nas mãos do Parlamento agora, como você disse, então como. .

'Entraremos em greve.'

Sim, ele estava em uma situação sólida agora; aqui estava uma pergunta para a qual ele sabia a resposta. Ele ergueu o queixo e tentou injetar em sua voz toda a autoridade de Griffin e Anthony. 'Fechamos a torre. Deste dia em diante, nenhum cliente entra no lobby.

Ninguém cria, vende ou mantém barras de prata. Negamos à Grã-Bretanha todos os serviços de tradução até que eles capitulem – e eles capitularão, porque *precisam* de nós.

Eles precisam de nós mais do que tudo. É assim que vencemos. Ele fez uma pausa. A sala estava em silêncio. Ele não sabia se os havia convencido, não sabia se estava vendo expressões de compreensão relutante ou de incredulidade. 'Olha, se todos nós apenas. .'

— Mas você precisaria proteger a torre. A professora Playfair deu uma risada curta e maldosa. 'Quero dizer, você teria que subjugar todos nós.'

“Suponho que sim”, disse Victoire. 'Suponho que estamos fazendo isso agora.'

Em seguida veio uma pausa muito engraçada quando lentamente se deu conta de um grupo de estudiosos de Oxford que o que quer que viesse a seguir era uma questão de força.

'Você.' O professor Playfair apontou para o aluno mais próximo da porta. 'Vá e chame os policiais, deixe-os entrar. .'

O aluno não se mexeu. Ele estava no segundo ano – Ibrahim, lembrou Robin, um estudioso de árabe do Egito. Ele parecia incrivelmente jovem, um menino com cara de bebê; os segundanistas sempre foram tão jovens? Ibrahim olhou para Robin e Victoire, depois de volta para o professor Playfair, franzindo a testa. — Mas, senhor. . .'

— Não faça isso — disse-lhe o professor Craft, no exato momento em que dois alunos do terceiro ano partiram repentinamente para a saída. Um empurrou Ibrahim contra uma prateleira. Robin atirou uma barra de prata na porta. ' *Explodere* , exploda.' Um barulho grande e horrível encheu o saguão; desta vez um uivo estridente. Os terceiros anos fugiram da porta como coelhos assustados.

Robin tirou outra barra de prata do bolso da frente e acenou-a acima da cabeça.

'Eu matei Richard Lovell com isso.' Ele não conseguia acreditar que essas palavras saíam de sua boca. Não era ele quem estava falando; este era o fantasma de Griffin, o irmão mais corajoso e mais louco, alcançando através do submundo para puxar as cordas. 'Se alguém der um passo em minha direção e tentar pedir ajuda, eu os destruirei.'

Todos pareciam tão aterrorizados. Eles acreditaram nele.

Isso o preocupou. Tudo isso foi muito fácil. Ele tinha certeza de que enfrentaria mais resistência, mas a sala parecia totalmente subjugada. Mesmo os professores não se mexeram; na verdade, os professores Leblanc e De Vreese amontoavam-se debaixo de uma mesa, como se estivessem se preparando para o tiro de canhão. Ele poderia dizer-lhes para dançarem, para arrancarem as páginas dos livros uma por uma, e eles obedeceriam.

Eles obedeceriam porque ele ameaçava com violência.

Ele não conseguia se lembrar por que a ideia de atuar o assustara tanto antes. Griffin tinha razão – o obstáculo não era a luta, mas sim a incapacidade de imaginar que era possível, a compulsão de se agarrar ao cofre, ao status quo passível de sobrevivência. Mas o

mundo inteiro estava fora de controle agora. Todas as portas estavam abertas.

Eles já haviam passado do domínio das ideias para o domínio da ação, e isso era algo para o qual os estudantes de Oxford estavam totalmente despreparados.

“Pelo amor de Deus”, retrucou o professor Playfair. 'Alguém os prenda.'

Um punhado de bolsistas de pós-graduação deu um passo à frente, parecendo incertos.

Todos europeístas, todos brancos. Robin inclinou a cabeça. 'Bem, vamos lá.'

O que aconteceu a seguir não foi digno, nunca seria arquivado ao lado de grandes épicos de valor e bravura. Pois os estudiosos de Oxford eram teóricos protegidos e mimados, que escreviam sobre campos de batalha manchados de sangue com mãos suaves e delicadas. A tomada de Babel foi um choque desajeitado e tolo entre o abstrato e o material. Os sujeitos se aproximaram da mesa, estendendo os braços hesitantes. Robin os chutou para longe. E

era como chutar crianças, pois elas tinham muito medo de serem cruéis e não estavam desesperadas ou com raiva o suficiente para realmente machucá-lo. Eles pareciam inseguros sobre o que queriam fazer – puxá-lo para baixo, agarrar-lhe as pernas ou simplesmente roçar-lhe os tornozelos – e por isso os seus golpes de retaliação foram, da mesma forma, superficiais. Eles estavam representando uma luta, todos eles, atores amadores que receberam uma direção de palco: *luta* .

'Vitória!' ele gritou.

Um dos estudiosos subiu na mesa atrás dela. Ela se virou. O estudioso hesitou por um momento, olhou-a de cima a baixo e depois deu um soco. Mas ele bateu como se só conhecesse a ação em teoria, como se só conhecesse suas partes componentes – *plantar pés, puxar braço para trás, estenda o punho* . Ele calculou mal a distância – o efeito não foi nada além de um leve tapinha no ombro de Victoire. Ela atacou com o pé esquerdo. Ele se dobrou sobre as canelas, choramingando.

'Parar!'

A briga cessou. De alguma forma, o professor Playfair adquiriu uma arma.

'Pare com essa bobagem.' Ele apontou para Robin. 'Pare com isso agora.'

— Vá em frente — Robin respirou. Ele não tinha ideia de onde vinha essa fonte ridícula de coragem, mas não sentia um pingo de medo. A arma, de alguma forma, parecia mais abstrata do que real, a bala totalmente incapaz de atingi-lo. 'Vá em frente. Eu o desafio.'

Ele estava apostando na covardia do professor Playfair, no fato de que ele poderia empunhar uma arma, mas não puxaria o gatilho. O professor Playfair, como qualquer outro estudioso de Babel, odiava sujar as mãos. Ele projetou armadilhas letais – ele nunca empunhou as lâminas. E ele não sabia quanta vontade, ou pânico, era necessário para realmente matar um homem.

Robin não se virou, não olhou para ver o que Victoire estava fazendo. Ele sabia. Ele abriu os braços, mantendo os olhos fixos nos do professor Playfair. 'O que será?'

O rosto do professor Playfair se contraiu. Seus dedos se moveram e Robin ficou tenso, no momento em que soou um tiro.

O professor Playfair cambaleou para trás, o escarlate explodindo em sua cintura. Gritos irromperam ao redor da torre. Robin olhou para trás por cima do ombro. E Victoire baixou um dos revólveres de Griffin, fios de fumaça enrolando-se em volta de seu rosto, seus olhos enormes.

— Pronto — ela respirou, com o peito arfando. 'Agora todos nós sabemos como é.'

O professor De Vreese atravessou repentinamente o corredor. Ele estava indo pegar a arma do Professor Playfair. Robin pulou da mesa, mas estava muito longe – mas então o professor Chakravarti se jogou ao lado do professor De Vreese. Eles caíram no chão com um *baque* e começaram a lutar – uma visão desajeitada e deselegante, dois professores barrigudos de meia-idade rolando no chão, os vestidos balançando sobre a cintura. Robin observou, surpreso, enquanto o professor Chakravarti arrancava a arma das mãos do professor De Vreese e o imobilizava com força.

'Senhor?'

“Recebi sua mensagem”, ofegou o professor Chakravarti. 'Muito bem feito.'

O professor De Vreese deu uma cotovelada no professor Chakravarti nariz. O

professor Chakravarti cambaleou para trás. O professor De Vreese se soltou e a luta recomeçou.

Robin pegou a arma do chão e apontou para o professor De Vreese.

“Levante-se”, ele ordenou. 'Coloque as mãos acima da cabeça.'

“Você não sabe como usar isso”, zombou o professor De Vreese.

Robin apontou a arma para o lustre e puxou o gatilho. O lustre explodiu; cacos de vidro espalhados pelo saguão. Foi como se ele tivesse atirado na multidão; todos gritaram e se encolheram. O professor De Vreese se virou e correu, mas seu tornozelo prendeu na perna da mesa e ele caiu para trás, de bunda. Robin reiniciou a câmara, exatamente como Griffin lhe havia mostrado, e então apontou a arma para o professor De Vreese mais uma vez.

“Isto não é um debate”, anunciou ele. Todo o seu corpo tremia, cheio da mesma energia maligna que sentiu quando aprendeu a atirar. 'Isso é uma aquisição. Alguém mais gostaria de tentar?

Ninguém se mexeu. Ninguém falou. Todos recuaram, aterrorizados. Alguns estavam chorando; alguns tapavam a boca com as mãos, como se essa fosse a única forma de conter os gritos. E todos o observavam, esperando que ele ditasse o que viria a seguir.

Por um momento, o único som na torre foi o gemido do professor Playfair.

Ele olhou por cima do ombro para Victoire. Ela parecia tão confusa quanto se sentia; sua arma estava pendurada ao seu lado. No fundo, nenhum deles esperava chegar tão longe. As suas visões de hoje envolviam o caos: uma última resistência violenta e devastadora; uma briga que, com toda probabilidade, terminou em morte. Eles estavam preparados para o sacrifício; eles não estavam preparados para vencer.

Mas a torre foi tomada com muita facilidade, tal como Griffin sempre previra. E agora eles tinham que agir como vencedores.

“Nada sai de Babel”, declarou Robin. 'Colocamos um bloqueio nas ferramentas de trabalho em prata. Paramos a manutenção de rotina na cidade. Esperamos que a máquina pare e esperamos que eles capitulem antes de nós. Ele não sabia de

onde vinham essas palavras, mas soavam bem. 'Este país não pode durar um mês sem nós. Nós atacamos até que eles se dobrem.

“Eles vão mandar as tropas contra você”, disse o professor Craft.

“Mas eles não podem”, disse Victoire. 'Eles não podem nos tocar. Ninguém pode nos tocar. Eles precisam muito de nós.

E essa, a chave para a teoria da violência de Griffin, era a razão pela qual eles poderiam vencer. Eles finalmente resolveram isso. Foi por isso que Griffin e Anthony estavam tão confiantes na sua luta, que estavam convencidos de que as colónias poderiam enfrentar o Império. O Império precisava de extração. A violência chocou o sistema, porque o sistema

não poderia canibalizar-se e sobreviver. As mãos do Império estavam atadas, porque não podia arrasar aquilo de que lucrava. E tal como aqueles campos de açúcar, tal como aqueles mercados, tal como aqueles grupos de trabalho relutante, Babel era uma vantagem. A Grã-Bretanha precisava do chinês, precisava do árabe e do sânscrito e de todas as línguas dos territórios colonizados para funcionar. A Grã-Bretanha não poderia prejudicar Babel sem prejudicar a si mesma. E assim só Babel, um trunfo negado, poderia paralisar o Império.

'Então o que você vai fazer?' exigiu o professor De Vreese. ‘Manter-nos reféns o tempo todo?’

“Espero que você se junte a nós”, disse Robin. 'Mas se não fizer isso, você pode sair da torre. Mande a polícia embora primeiro e então você poderá sair um por um. Ninguém recupera nada da torre – você sai com o que está com você. * Ele fez uma pausa. — E tenho certeza de que você entende que teremos que destruir seus frascos de sangue se você for.

Assim que ele terminou, uma multidão de corpos se moveu em direção à porta. O

coração de Robin afundou enquanto ele contava os números. Dezenas de pessoas estavam saindo – todos os classicistas, todos os europeístas e quase todos os docentes. O professor Playfair foi carregado ainda gemendo, jogado ignominiosamente entre o professor De Vreese e o professor Harding.

Restaram apenas seis acadêmicos: o professor Chakravarti, o professor Craft, dois alunos de graduação – Ibrahim e uma garotinha chamada Juliana – e dois bolsistas de pós-graduação chamados Yusuf e Meghana, que trabalhavam em Direito e Literatura respectivamente. Rostos negros, rostos das colônias, exceto o Professor Craft.

Mas isso poderia funcionar. Eles poderiam sacrificar seu domínio sobre o talento se mantivessem o controle da torre. Babel continha a maior concentração de recursos da prata no país: Grammaticas, canetas de gravação, livros de correspondência e materiais de referência. E mais do que isso, a *prata* . O professor Playfair e os outros poderiam estabelecer um centro de tradução secundário em outro lugar, mas mesmo que conseguissem reconstruir de memória tudo o que precisavam para manter a prataria do país, levariam semanas, talvez meses, para adquirir materiais na escala necessária para replicar. as funções da torre. A essa altura a votação já teria acontecido. Nessa altura, se tudo corresse como planeado, o país já teria ficado de joelhos.

'E agora?' murmurou Vitória.

O sangue subiu à cabeça de Robin quando ele saiu da mesa. 'Agora contamos ao mundo o que está por vir.'

Ao meio-dia, Robin e Victoire subiram até a varanda norte do oitavo andar. A varanda era em grande parte decorativa, projetada para estudiosos que nunca haviam internalizado o conceito de necessidade de ar fresco. Ninguém nunca saiu de lá e a porta estava quase enferrujada. Robin empurrou, apoiando-se com força na moldura. Quando a porta se abriu de repente, ele cambaleou e se viu inclinado sobre a borda por um breve e aterrorizante momento antes de recuperar o equilíbrio.

Oxford parecia tão pequena embaixo dele. Uma casa de bonecas, uma pequena aproximação do mundo real para meninos que nunca teriam que se envolver verdadeiramente com ele. Ele se perguntou se era assim que homens como Jardine e

Matheson viam o mundo – minúsculo, manipulável. Se as pessoas e os lugares se movessem em torno das linhas que traçaram. Se as cidades se despedaçassem quando pisassem.

Abaixo, os degraus de pedra na frente da torre estavam em chamas. Os frascos

de sangue de todos, exceto os oito estudiosos que permaneceram dentro da torre, foram esmagados contra os tijolos, encharcados com óleo derramado de lâmpadas não utilizadas e incendiados. Isto não era estritamente necessário; tudo o que importava era que os frascos fossem removidos da torre – mas Robin e Victoire insistiram na cerimônia. Tinham aprendido com o professor Playfair a importância do desempenho, e esta exibição macabra era uma declaração, um aviso. O castelo foi invadido e o mago expulso.

'Preparar?' Victoire colocou uma pilha de papéis na borda. Babel não possuía uma gráfica própria, então eles passaram a manhã copiando laboriosamente cada um daqueles cem panfletos. A declaração inspirou-se tanto na retórica de construção de uma coligação de Anthony como na filosofia de violência de Griffin. Robin e Victoire uniram suas vozes –

uma delas um desejo eloquente de unir braços numa luta pela justiça, o outro uma ameaça intransigente para aqueles que se lhes opuseram – num anúncio claro e sucinto das suas intenções.

Nós, os estudantes do Royal Institute of Translation, exigimos que a Grã-Bretanha cesse a consideração de uma guerra ilegal contra a China. Dada a determinação deste governo em iniciar as hostilidades e a sua brutal repressão daqueles que trabalham para expor os seus motivos, não temos outra opção para fazer ouvir as nossas vozes do que cessar todos os serviços de tradução e ourivesaria do Instituto, até que as nossas exigências sejam conheceu. De agora em diante declaramos nossa greve.

Que palavra tão interessante, pensou Robin, *ataque* . * Lembrou-se de martelos contra espinhos, de corpos atirando-se contra uma força imóvel. Continha em si o paradoxo do conceito; que através da não-ação e da não-violência, alguém poderia provar as consequências devastadoras de se recusar a acomodar aqueles em quem se confiava.

Abaixo deles, os oxfordianos seguiam seu caminho alegre. Ninguém ergueu os olhos; ninguém viu os dois estudantes debruçados sobre o ponto mais alto da cidade. Os tradutores exilados não estavam à vista; se a Playfair procurou a polícia, ainda não decidiu agir. A cidade permaneceu serena, sem noção do que estava por vir.

Oxford, pedimos que você fique conosco. A greve causará grandes dificuldades

para a cidade nos próximos dias. Pedimos-lhe que direcione a sua ira para o governo que fez de tal greve o nosso único recurso. Pedimos que você fique do lado da justiça e da imparcialidade.

A partir daí, os panfletos articulavam os perigos claros de um influxo de prata para a economia britânica, não apenas para a China e as colónias, mas para a classe trabalhadora de Inglaterra. Robin não esperava que alguém lesse tão longe. Ele não esperava que a cidade apoiasse a greve; pelo contrário, assim que a prataria começasse a desmoronar, ele esperava que eles a odiassem.

Mas a torre era impenetrável e o ódio deles não importava. Tudo o que importava era que eles entendessem a causa da sua inconveniência.

— Quanto tempo você acha até chegarem a Londres? perguntou Vitória.

“Horas”, disse Robin. 'Acho que isso chega ao primeiro trem que vai daqui para Paddington.'

Eles escolheram os lugares mais improváveis para uma revolução. Oxford não era o centro de actividade, era um refúgio, décadas atrás do resto da Inglaterra em todos os domínios, excepto o académico. A universidade foi projetada para ser um bastião da antiguidade, onde os estudiosos poderiam imaginar-se em qualquer um dos últimos cinco séculos, onde os escândalos e a turbulência eram tão escassos que chegava ao boletim informativo da University College se um peito vermelho começasse a cantar perto do final de um sermão exaustivamente longo na Igreja de Cristo.

Mas embora Oxford não fosse a sede do poder, ela produziu os seus ocupantes. Seus ex-alunos governaram o Império. Alguém, talvez neste momento, estava correndo para a estação de Oxford com notícias da ocupação. Alguém reconheceria o seu significado, veria que não se tratava de um jogo mesquinho de estudantes, mas de uma crise de importância nacional. Alguém levaria isso ao Gabinete e à Câmara dos Lordes. Então o Parlamento escolheria o que aconteceria a seguir.

'Prossiga.' Robin acenou com a cabeça para Victoire. A pronúncia clássica dela era melhor que a dele. 'Vamos vê-los voar.'

“ *Polemikós* ”, ela murmurou, segurando uma barra sobre a pilha. 'Polêmica. *Discuta* .

Discutir.'

Ela empurrou a pilha para fora da borda. Os panfletos voaram. O vento os levou pelos ares da cidade; sobre torres e torres que descem para ruas, pátios e jardins; voando pelas chaminés, passando pelas grades, escorregando pelas janelas abertas. Eles abordavam todos que encontravam, agarrando-se aos casacos, batendo os rostos, agarrando-se persistentemente às mochilas e pastas. A maioria os rejeitaria, irritados. Mas alguns os pegariam, leriam o manifesto dos grevistas e registrariam lentamente o que isso significava para Oxford, para Londres e para o Império. E então ninguém seria capaz de ignorá-los.

Então o mundo inteiro seria forçado a olhar.

'Você está bem?' Robin perguntou.

Victoire ficou imóvel como uma estátua, os olhos fixos nos panfletos, como se pudesse se tornar um pássaro, voar entre eles. 'Por que eu não estaria?'

— Eu. . você sabe.

'É engraçado.' Ela não se virou para encará-lo. 'Estou esperando que aconteça, mas simplesmente – nunca acontece. Não é como você.

'Não foi a mesma coisa.' Ele tentou encontrar palavras que confortassem, que fizessem parecer algo diferente do que era. 'Foi legítima defesa. E ele ainda pode sobreviver, pode. .

quero dizer, não será. .

“Era para Anthony”, ela disse com uma voz muito dura. — E essa é a última vez que quero falar sobre isso.

Capítulo Vinte e Sete

A semente que você semeia, outro colhe;

A riqueza que você encontra, outro guarda;

As vestes que vocês tecem, outro as veste;

As armas que você forja, outro carrega.

P ERCY B YSSHE SHELLEY , 'Canção para os Homens da Inglaterra '

O clima naquela tarde era de apreensão nervosa. Como crianças que haviam chutado um formigueiro, agora observavam com medo para ver quão terríveis seriam as ramificações.

As horas se passaram. Certamente os professores fugitivos já tinham contactado com os decisores políticos da cidade. Certamente Londres já tinha lido esses panfletos. Que forma assumiria a reação? Todos passaram anos confiando na impenetrabilidade da torre; suas proteções, até agora, os protegeram de tudo. Ainda assim, parecia que estavam contando os minutos para uma retaliação cruel.

— Eles têm de enviar os policiais — disse o professor Craft. — Mesmo que não consigam entrar. Haverá alguma tentativa de prisão, com certeza. Se não fosse pela greve, então por. . Ela olhou para Victoire, piscou e parou.

Houve um breve silêncio.

“A greve também é ilegal”, disse o professor Chakravarti. 'A Lei de Combinação de Trabalhadores de 1825 suprime o direito à greve dos sindicatos e corporações.'

“Mas não somos uma guilda”, disse Robin.

“Na verdade, estamos”, disse Yusuf, que trabalhava no Departamento Jurídico. “Está nos documentos de fundação. Ex-alunos e estudantes da Babel compõem o Sindicato dos Tradutores em virtude de sua afiliação institucional, portanto, ao realizar uma greve, estamos violando a lei, se você quiser ser mais técnico sobre isso.'

Eles se entreolharam e, de repente, começaram a rir.

Mas o bom humor deles desapareceu rapidamente. A associação entre a sua greve e os sindicatos deixou um gosto amargo na boca de todos, pois as agitações dos trabalhadores da década de 1830 – provocadas directamente como resultado da revolução industrial prateada – encontraram um fracasso retumbante. Os luditas acabaram mortos ou exilados na Austrália. Os fiandeiros

de Lancashire foram forçados a voltar ao trabalho para evitar a fome dentro de um ano. Os Swing Rioters, ao destruir máquinas debulhadoras e incendiar celeiros, garantiram uma melhoria temporária nos salários e nas condições de trabalho, mas estas foram prontamente rejeitadas; mais de uma dúzia de manifestantes foram enforcados e centenas foram enviados para colônias penais na Austrália.

Os grevistas neste país nunca conquistaram um amplo apoio público, pois o público apenas queria todas as conveniências da vida moderna, sem a culpa de saber como essas

conveniências foram obtidas. E por que deveriam os tradutores ter sucesso onde outros grevistas – nada menos que grevistas brancos – falharam?

Havia pelo menos um motivo para ter esperança. Eles estavam correndo com força. As forças sociais que levaram os luditas a destruir máquinas não desapareceram. Eles só pioraram. Os teares e máquinas de fiar movidos a prata estavam a tornar-se mais baratos e mais omnipresentes, enriquecendo apenas os proprietários de fábricas e os financiadores.

Todos os anos, deixavam mais homens sem trabalho, deixavam mais famílias na miséria e mutilavam e matavam mais crianças em máquinas que funcionavam mais rapidamente do que o olho humano conseguia detectar. A utilização da prata criou desigualdade, e ambas aumentaram exponencialmente em Inglaterra durante a última década. O país estava se desintegrando. Isso não poderia durar para sempre.

E o ataque deles, Robin estava convencido, era diferente. Seu impacto foi maior e mais difícil de corrigir. Não havia alternativas a Babel, nem feridas. Ninguém mais poderia fazer o que eles fizeram. A Grã-Bretanha não poderia funcionar sem eles. Se o Parlamento não acreditasse, logo aprenderiam.

Ainda nenhum policial apareceu à noite. Essa falta de resposta os deixou perplexos. Mas rapidamente os problemas logísticos – nomeadamente, abastecimento e alojamento –

tornaram-se os assuntos mais prementes. Estava claro agora que eles ficariam na torre por algum tempo, sem uma data clara para o fim da greve. Em algum momento eles ficariam sem comida.

Havia uma cozinha minúscula e raramente usada no porão, onde os empregados moravam antes de o Instituto parar de abrigar gratuitamente sua equipe de zeladoria.

Ocasionalmente, os estudiosos desciam para fazer um lanche quando trabalhavam até tarde. Uma incursão nos armários produziu uma quantidade razoável de produtos não perecíveis – nozes, conservas, biscoitos de chá indestrutíveis e aveia seca para mingau. Não era muito, mas eles não morreriam de fome durante a noite. E encontraram muitas, muitas garrafas de vinho, sobras de anos de eventos docentes e festas no jardim.

“Absolutamente não”, disse o professor Craft quando Juliana e Meghana propuseram levar as garrafas para cima. 'Coloque isso de volta. Precisamos manter o bom senso.

“Precisamos de algo para passar o tempo”, disse Meghana. 'E se vamos morrer de fome, é melhor sairmos bêbados.'

“Eles não vão nos matar de fome”, disse Robin. 'Eles não podem permitir que morramos.

Eles não podem nos machucar. Essa é a questão.'

“Mesmo assim”, disse Yusuf. 'Acabamos de declarar nossa intenção de destruir a cidade.

Acho que não podemos simplesmente sair para tomar um café da manhã quente, não é?

Nem poderiam simplesmente colocar a cabeça para fora e fazer um pedido para a mercearia. Eles não tinham amigos na cidade, ninguém que pudesse atuar como seu elo de ligação com o mundo exterior. O professor Craft tinha um irmão em Reading, mas não havia como enviar-lhe uma carta, nem uma maneira segura de ele entregar alimentos na torre. E

o professor Chakravarti, descobriu-se, tinha um relacionamento muito limitado com Hermes – ele só foi recrutado depois de sua promoção para o corpo docente júnior, depois que seus vínculos com o corpo docente superior o tornaram muito arriscado para um envolvimento mais profundo – e ele conheceu Hermes apenas através de contatos

anônimos. letras e pontos de queda. Ninguém mais respondeu ao seu sinal. Pelo que sabiam, eles eram os únicos que restavam.

— Vocês dois não pensaram nisso antes de invadirem a torre e começarem a brandir armas? perguntou o professor Chakravarti.

“Estávamos um pouco distraídos”, disse Robin, envergonhado.

“Nós. . na verdade, estávamos inventando à medida que avançávamos”, disse Victoire.

"E não tivemos muito tempo."

'Planejar uma revolução não é um dos seus pontos fortes.' O professor Craft fungou.

'Vou ver o que posso fazer com a aveia.'

Muito em breve surgiram vários outros problemas. Babel foi abençoada com água corrente e banheiros internos, mas não havia lugar para tomar banho. Ninguém tinha uma muda extra de roupa e, claro, não havia instalações para lavar roupa – todos tinham a roupa lavada por batedores invisíveis. Além de uma única cama no oitavo andar, que era usada como local de descanso não oficial pelos bolsistas de pós-graduação, não havia camas, travesseiros, lençóis ou qualquer coisa que pudesse servir de cama confortável à noite, exceto os próprios casacos.

“Pense assim”, disse o professor Chakravarti, numa tentativa corajosa de melhorar o humor deles. 'Quem não sonha em morar em uma biblioteca? Não há um certo romance em nossa situação? Quem entre nós recusaria uma vida mental completamente desimpedida?'

Parecia que ninguém compartilhava dessa fantasia.

'Não podemos simplesmente sair à noite?' perguntou Juliana. 'Podemos fugir depois da meia-noite e voltar de manhã, ninguém vai notar. .'

“Isso é um absurdo”, disse Robin. 'Isso não é algum tipo de. . atividade diurna opcional. .'

“Vamos cheirar”, disse Yusuf. 'Vai ser nojento.'

‘Mesmo assim, não podemos simplesmente continuar entrando e saindo. .’

— Só uma vez, então — disse Ibrahim. 'Só para suprimentos-'

“Pare com isso”, retrucou Victoire. — Parem com isso, todos vocês, sim? Todos nós escolhemos a traição contra a Coroa. Ainda ficaremos desconfortáveis por algum tempo.

Às dez e meia, Meghana saiu correndo do saguão e anunciou sem fôlego que Londres estava enviando um telegrama. Eles se aglomeraram em volta da máquina, observando nervosamente o professor Chakravarti anotar a mensagem e transcrevê-la. Ele piscou por um momento e depois disse: 'Eles mais ou menos nos disseram para empurrar isso'.

'O que?' Robin pegou o telegrama. 'Não há mais nada?'

' **FAVOR REABRIR A TORRE PARA PARADA DE NEGÓCIOS REGULAR** ', leu o professor Chakravarti. "É tudo o que diz."

'Não está nem assinado?'

“Só posso presumir que vem diretamente do Ministério das Relações Exteriores”, disse o professor Chakravarti. 'Eles não recebem mensagens privadas tão tarde.'

— Não há nenhuma palavra sobre a Playfair? Victória perguntou.

“Apenas uma linha”, disse o professor Chakravarti. 'É isso.'

Assim, o Parlamento recusou-se a satisfazer as suas exigências – ou mesmo a levá-las a sério. Talvez fosse tolice esperar que a greve produziram uma resposta tão cedo, antes que a falta de prata tivesse efeito, mas esperavam que pelo menos o Parlamento reconhecesse a

ameaça. Será que os deputados pensaram que tudo isto iria desaparecer por si só? Eles estavam tentando evitar um pânico geral? Seria por isso que nenhum policial batera à porta, por que o verde lá fora estava tão sereno e vazio como sempre?

'E agora?' Juliana perguntou.

Ninguém teve uma resposta. Eles não podiam deixar de se sentir um tanto petulantes, como crianças que tiveram acessos de raiva, mas não foram recompensadas por seus esforços. Todo aquele trabalho para uma resposta tão curta – tudo parecia tão patético.

Eles permaneceram em volta da máquina telegráfica por mais alguns momentos, esperando que ela ganhasse vida com notícias melhores – que o Parlamento estava muito preocupado, que haviam convocado um debate à meia-noite, que multidões de manifestantes haviam inundado Trafalgar Square para exigir que a guerra fosse encerrada.

cancelado. Mas a agulha permaneceu imóvel. Um por um, eles voltaram escada acima, famintos e desanimados.

Durante o resto da noite, Robin ocasionalmente subia ao telhado para espiar a cidade, procurando qualquer indicação de mudança ou agitação. Mas Oxford permaneceu tranquilo, imperturbável. Seus panfletos ficavam pisoteados na rua, presos em grades, balançando inutilmente na suave brisa noturna. Ninguém se preocupou em limpá-los.

Eles tinham pouco a dizer um ao outro naquela noite enquanto arrumavam as camas entre as pilhas, aconchegando-se sob casacos e vestidos extras. A atmosfera de convívio daquela tarde havia desaparecido. Todos sofriam do mesmo medo tácito e particular, um medo arrepiante de que esse ataque não pudesse fazer nada além de se condenarem e de que seus gritos não fossem ouvidos na escuridão implacável.

A Torre Magdalen caiu na manhã seguinte.

Nenhum deles havia previsto isso. Eles só descobriram o que havia acontecido depois de verificarem os registros das ordens de serviço e perceberem o que poderiam ter feito para evitá-lo. A Magdalen Tower, o segundo edifício mais alto de Oxford, dependia desde o século XVIII de truques de engenharia facilitados pela prata para suportar o seu peso, depois de séculos de erosão do solo terem corroído as suas fundações. Os estudiosos da Babel faziam manutenção de rotina em seus suportes a cada seis meses, uma vez em janeiro e novamente em junho.

Nas horas que se seguiram ao desastre, eles descobririam que fora o professor

Playfair quem supervisionara esses reforços semestrais durante os últimos quinze anos, e cujas anotações sobre tais procedimentos estavam trancadas em seu escritório, inacessíveis aos exilados professores de Babel, que não haviam até me lembrei da próxima nomeação de Magdalen Tower. Encontrariam em sua caixa de correio uma enxurrada de mensagens dos membros do conselho municipal em pânico que esperavam o professor Playfair na noite anterior e que só no dia seguinte descobriram que ele estava internado no hospital, cheio de láudano e inconsciente. Eles descobririam que um membro do conselho havia passado as primeiras horas da manhã batendo freneticamente na porta de Babel; apenas nenhum deles o ouviu ou viu, pois as proteções mantinham afastada toda ralé que pudesse perturbar os estudiosos lá dentro.

Enquanto isso, o tempo acabou na Torre Magdalen. Às nove em ponto, um estrondo começou em sua base e se espalhou por toda a cidade. Em Babel, as xícaras de chá

começaram a fazer barulho no café da manhã. Eles pensaram que estavam passando por um terremoto, até que correram para as janelas e viram que nada tremia visivelmente, exceto um único prédio à distância.

Então eles correram para o telhado e se aglomeraram em torno da professora Craft, que narrou o que viu do telescópio. 'Está. . está se desintegrando.'

A essa altura, as mudanças eram tão grandes que podiam ser vistas a olho nu. As telhas pingavam do telhado como gotas de chuva. Enormes pedaços de torres se soltaram e caíram no chão.

Victoire perguntou o que ninguém mais ousou. — Você acha que tem alguém lá dentro?

Se estivessem, pelo menos teriam tempo suficiente para sair. O prédio estava tremendo há uns bons quinze minutos. Esta foi a sua defesa ética; eles não se permitiram considerar as alternativas.

Às nove e vinte, todos os dez sinos da torre começaram a tocar ao mesmo tempo, sem ritmo nem harmonia. Eles pareciam ficar mais altos, atingindo um nível terrível; eles atingiram um crescendo com uma urgência que fez o próprio Robin querer gritar.

Então a torre desabou, tão simples e limpa quanto um castelo de areia chutado na

base.

Demorou menos de dez segundos para o prédio cair, mas quase um minuto para o estrondo cessar. Então, onde antes ficava a Torre Magdalen, havia um grande monte de tijolos, poeira e pedra. E era de alguma forma adorável, enervantemente adorável porque era horrível, porque violava as regras de como as coisas deveriam se mover. Que a cidade o horizonte poderia, em um instante, ser mudado, isso dramaticamente foi de tirar o fôlego e incrível.

Robin e Victoire observaram, com as mãos entrelaçadas.

— Conseguimos isso — murmurou Robin.

“Isso não é o pior”, disse Victoire, e ele não sabia dizer se ela estava encantada ou assustada. 'Isso é apenas o começo.'

Então Griffin estava certo. Foi isso que foi necessário: uma demonstração de força. Se o povo não pudesse ser conquistado pelas palavras, seria persuadido pela destruição.

A capitulação do Parlamento, raciocinaram, estava a apenas algumas horas de distância.

Pois isso não era prova de que a greve era intolerável? Que a cidade não conseguiria resistir à recusa de serviço da torre?

Os professores não estavam tão otimistas.

“Isso não vai acelerar as coisas”, disse o professor Chakravarti. “Na verdade, isso irá abrandar a destruição – eles sabem que têm de estar vigilantes agora.”

“Mas é um prenúncio do que está por vir”, disse Ibrahim. 'Certo? O que vem a seguir? A Biblioteca Radcliffe? O Sheldoniano?

“A Torre Magdalen foi um acidente”, disse o professor Craft. 'Mas o professor Chakravarti está certo. Isso colocará o resto deles em guarda, cobrindo os efeitos que interrompemos. Agora é uma corrida contra o tempo. Eles certamente se reagruparam em outro lugar e tentarão construir um novo centro de tradução enquanto falamos. .

'Eles podem fazer isso?' perguntou Vitória. 'Tomamos a torre. Temos todos os registros de manutenção, as ferramentas. .

— E a prata — disse Robin. 'Temos toda a prata.'

“Isso irá doer, com o tempo, mas a curto prazo eles conseguirão preencher a pior das lacunas”, disse o professor Craft. — Eles vão nos esperar. Temos mingau por uma semana, no máximo, Swift, e depois? Estamos morrendo de fome?

“Então aceleramos as coisas”, disse Robin.

— Como você pretende fazer isso? perguntou Vitória.

'Ressonância.'

O Professor Chakravarti e o Professor Craft trocaram um olhar.

'Como ele sabe disso?' perguntou o professor Craft.

O professor Chakravarti deu de ombros, culpado. "Poderia ter mostrado a ele."

'Ananda!'

— Ah, qual foi o problema?

'Bem, *isso* , claramente-'

'O que é ressonância?' Victória exigiu.

“No oitavo andar”, disse Robin. 'Vamos, vou te mostrar. É assim que se mantêm as barras distantes, aquelas que não são feitas para resistência. Do centro para a periferia. Se removermos o centro, certamente eles começarão a falhar, não é?

“Bem, há uma linha moral”, disse o professor Craft. “Reter serviços, recursos – isso é uma coisa. Mas sabotagem deliberada. .

Robin zombou. 'Estamos dividindo questões éticas por causa disso? *Esse?* '

“A cidade pararia de funcionar”, disse o professor Chakravarti. 'O país. Seria o Armagedom.

'Mas é isso que *queremos*- '

“Você quer danos suficientes para tornar a ameaça credível”, disse o professor Chakravarti. 'E nada mais.'

'Então removeremos apenas alguns de uma vez.' Robin levantou-se. Ele estava decidido.

Ele não queria debater mais o assunto e percebeu que nenhum deles também o queria; eles estavam muito ansiosos e com muito medo. Eles só queriam que alguém lhes dissesse o que fazer. 'Um por um, até que tenham uma ideia geral. Você gostaria de escolher quais?

Os professores recusaram. Robin suspeitava que seria demais para eles desconstruirem sozinhos as hastes de ressonância, pois sabiam muito bem as consequências do que faziam.

Eles precisavam preservar a ilusão de inocência, ou pelo menos de ignorância. Mas não manifestaram mais oposição e, naquela noite, Robin e Victoire subiram juntas ao oitavo andar.

— Uma dúzia ou mais, você acha? Victória sugeriu. 'Uma dúzia por dia, e veremos se precisamos aumentar a escala?'

“Talvez duas dúzias para começar”, disse Robin. Devia haver centenas de varas na sala.

Ele teve o impulso de chutar todos eles, apenas pegar um e usá-lo para derrubar os outros.

'Não queremos ser dramáticos?'

Victoire lançou-lhe um olhar divertido. 'Há algo dramático e depois há imprudência.'

'Todo esse esforço é imprudente.'

'Mas nem sabemos o que *alguém* faria. .'

'Quero dizer apenas que precisamos chamar a atenção deles.' Robin apertou o

punho na palma da mão. 'Eu quero um espetáculo. Eu *quero* o Armagedom. Quero que pensem que uma dúzia de Torres Madalena cairão todos os dias até que nos ouçam.

Victória cruzou os braços. Robin não gostou do modo como seus olhos o examinavam, como se ela tivesse se apoderado de alguma verdade que ele não queria admitir em voz alta.

'Não é vingança o que estamos fazendo aqui.' Ela ergueu as sobrancelhas. — Só para ficarmos claros.

Ele optou por não mencionar o professor Playfair então. – Eu sei disso, Victoire.

'Tudo bem então.' Ela assentiu brevemente. 'Duas dúzias.'

'Duas dúzias para *começar.* Robin se abaixou e puxou a haste de ressonância mais próxima do suporte. Deslizou para fora com uma facilidade surpreendente. Ele esperava alguma resistência, algum ruído ou transformação simbolizando a ruptura. 'É tão simples assim?'

Quão delgadas e frágeis são as fundações de um império. Tire o centro e o que resta?

Uma periferia ofegante, sem fundamento, impotente, cortada pela raiz.

Victoire estendeu a mão aleatoriamente e puxou uma segunda vara, e depois uma terceira. — Suponho que veremos.

E então, como um castelo de cartas, Oxford começou a desmoronar.

A rapidez da sua deterioração foi impressionante. No dia seguinte, todos os relógios da torre sineira pararam de funcionar, todos congelados precisamente às 6h37 da manhã.

Mais tarde naquela tarde, um forte fedor pairou sobre a cidade. Descobriu-se que a prata tinha sido usada para facilitar o fluxo de esgoto, que agora estava preso no lugar, uma massa imóvel de lodo. Naquela noite, Oxford escureceu. Primeiro um poste começou a piscar, depois outro, e depois outro, até que todas as luzes da High Street se apagaram. Pela primeira vez nas duas décadas desde que lâmpadas a gás foram instaladas em suas ruas, Oxford passou a noite envolta em

preto.

— O que vocês dois *fizeram* lá em cima? Ibrahim ficou maravilhado.

“Só tiramos duas dúzias”, disse Victoire. 'Só duas dúzias, então como. .'

“É assim que Babel foi projetado para funcionar”, disse o professor Chakravarti.

'Tornamos a cidade o mais dependente possível do Instituto. Projetamos barras para durar apenas algumas semanas em vez de meses, porque as consultas de manutenção geram dinheiro. Este é o custo de inflacionar os preços e criar artificialmente a procura. Tudo funciona lindamente, até que não funciona.

Na manhã do terceiro dia, o transporte começou a falhar. A maioria dos carrinhos na Inglaterra usava uma variedade de pares que jogavam com o conceito de velocidade. A palavra *velocidade* no inglês moderno era específica para um sentido de rapidez, mas como uma série de frases comuns - *Godspeed* , *boa velocidade para você* - provaram, o significado da raiz, derivado do latim *spēs* , que significa 'esperar', foi associado com boa sorte e sucesso, com o sentido mais amplo de buscar o destino, de percorrer grandes distâncias para alcançar o objetivo. Pares baseados na velocidade usando latim ou, em casos raros, eslavo antigo, permitiam que as carruagens viajassem mais rapidamente sem risco de acidente.

Mas os motoristas estavam muito acostumados com as barras e, portanto, não corrigiam quando falhavam. Os acidentes se multiplicaram. As estradas de Oxford ficaram bloqueadas com carroças e táxis capotados que faziam curvas muito fechadas. Lá em Cotswolds, uma pequena família de oito pessoas caiu direto em uma ravina porque o motorista estava acostumado a sentar e deixar os cavalos assumirem o controle durante curvas complicadas.

O sistema postal também parou. Durante anos, os correios do Royal Mail com cargas particularmente pesadas usaram barras gravadas com o par francês-inglês " *parcelle* -

parcel" . Tanto o francês como o inglês já usaram *parcela* para se referir a pedaços de terra que constituíam uma propriedade, mas quando evoluiu para implicar um item de negócio em ambos, manteve a sua conotação de pequena fragmentação em francês, enquanto em inglês significava simplesmente um pacote. Fixar esta barra no carrinho postal fazia com que os pacotes parecessem

ter uma fração do seu peso real. Mas agora essas carruagens, com os cavalos esforçando-se três vezes mais que a carga a que estavam habituados, desabavam a meio do caminho.

'Você acha que eles já perceberam que isso é um problema?' Robin exigiu no quarto dia.

'Quero dizer, quanto tempo vai demorar para as pessoas perceberem que isso não vai desaparecer sozinho?'

Mas era impossível dizer de dentro da torre. Eles não tinham como avaliar a opinião pública nem em Oxford nem em Londres, exceto através dos jornais que, hilariantemente, ainda eram entregues na porta da frente todas as manhãs. Foi assim que souberam da tragédia da família Cotswold, dos acidentes de trânsito e da desaceleração do correio em todo o país. Mas os jornais de Londres quase não fizeram qualquer menção à guerra contra a China ou à greve, excepto um breve anúncio sobre alguns “distúrbios internos” no

“prestigiado Royal Institute of Translation”.

“Estamos sendo silenciados”, disse Victoire severamente. 'Eles estão fazendo isso de propósito.'

Mas durante quanto tempo pensou o Parlamento que conseguiria manter a calma?

Sobre na quinta manhã, foram acordados por um barulho terrivelmente discordante. Foi preciso vasculhar os livros para descobrir o que estava acontecendo. A Igreja Great Tom of Christ, o sino mais barulhento de Oxford, sempre cantou uma nota si bemol ligeiramente imperfeita. Mas qualquer que fosse o trabalho em prata que regulasse seu som, havia parado de funcionar, e Grande Tom agora soltava um gemido devastador e sinistro.

Naquela tarde, juntaram-se a ele os sinos de St Martin's, St Mary's e Osney Abbey, um coro contínuo, miserável e gemido.

As proteções de Babel bloquearam um pouco o som, embora naquela noite todos tivessem aprendido a conviver com um murmúrio constante e terrível que vazava pelas paredes. Eles usavam algodão nas orelhas para dormir.

Os sinos eram um canto fúnebre para uma ilusão. A cidade das torres dos sonhos não existia mais. A degradação de Oxford era visível – podia-se vê-la desmoronando a cada hora, como uma casa de pão de gengibre apodrecida. O que ficou claro foi quão profundamente Oxford dependia da prata, como sem o trabalho constante do seu corpo de tradução, do talento que atraiu do estrangeiro, desmoronou-se imediatamente. Revelou mais do que o poder da tradução. Revelou a absoluta dependência dos britânicos, que, surpreendentemente, não conseguiam fazer coisas básicas como assar pão ou deslocar-se em segurança de um lugar para outro sem palavras roubadas de outros países.

E ainda assim isso foi apenas o começo. Os livros de manutenção eram intermináveis e havia centenas de hastes de ressonância ainda a serem desenraizadas.

'Até onde eles vão deixar isso ir?' era a pergunta que eles faziam dentro da torre. Pois todos ficaram surpresos e um tanto horrorizados com o fato de a cidade ainda não ter

reconhecido a verdadeira razão por trás desta greve; que o Parlamento ainda não tinha tomado medidas.

Particularmente, Robin não queria que isso acabasse. Ele nunca confessaria isso aos outros, mas no fundo, onde residiam os fantasmas de Griffin e Ramy, ele não queria uma resolução rápida, um acordo nominal que apenas encobrisse décadas de exploração.

Ele queria ver até onde poderia levar isso. Ele queria ver Oxford destruída até os alicerces, queria que sua opulência gorda e dourada desaparecesse; por seus tijolos claros e elegantes se desintegrarem; para suas torres se chocarem contra os paralelepípedos; para que suas estantes desabassem como dominós. Ele queria que todo o lugar fosse desmantelado tão completamente que seria como se nunca tivesse sido construído. Todos aqueles edifícios montados por escravos, pagos por escravos e recheados de artefatos roubados de terras conquistadas, aqueles edifícios que não tinham direito de existir, cujos a existência contínua exigia extração e violência contínuas – destruídas, desfeitas.

No sexto dia, finalmente chamaram a atenção da cidade. Uma multidão se reuniu na base da torre por volta do meio da manhã, gritando para que os estudiosos saíssem.

– Ah, olhe – Victoire disse sarcasticamente. 'É uma milícia.'

Reuniram-se em volta de uma janela do quarto andar e espiaram lá embaixo. Muitos dos presentes eram estudantes de Oxford – jovens vestidos de preto que marchavam em defesa da sua cidade; carrancudo, peito estufado. Robin reconheceu Vincy Woolcombe pelos cabelos ruivos e depois Elton Pendennis, agitando uma tocha acima da cabeça e gritando para os homens atrás dele como se estivesse liderando tropas para um campo de batalha.

Mas também havia mulheres, e crianças, e donos de bares, lojistas e agricultores: uma rara aliança entre cidade e vestido.

“Provavelmente devíamos ir falar com eles”, disse Robin. — Caso contrário, eles ficarão lá o dia todo.

'Você não está com medo?' perguntou Meghana.

Robin zombou. 'Você é?'

'Há muitos deles. Você não sabe o que eles farão.

“Eles são estudantes”, disse Robin. 'Eles não sabem o que querem fazer.'

Na verdade, parecia que os agitadores não tinham pensado em como iriam realmente atacar a torre. Eles nem estavam gritando em uníssono. A maioria apenas andava pelo gramado, confusa, olhando ao redor como se esperasse que alguém desse ordens. Esta não foi a multidão enfurecida de trabalhadores desempregados que ameaçou os estudiosos de Babel durante o ano passado; eram estudantes e moradores da cidade para quem a violência era um meio totalmente desconhecido de conseguir o que queriam.

— Você vai simplesmente dar uma volta por aí? — perguntou Ibrahim.

'Por que não?' Robin perguntou. 'É melhor gritar de volta.'

“Meu Deus”, disse o professor Chakravarti de repente, com a voz tensa. 'Eles estão tentando colocar fogo neste lugar.'

Eles se voltaram para a janela. Agora que a multidão se aproximava, Robin percebeu que haviam trazido carroças com pilhas altas de gravetos. Eles tinham

tochas. Eles tinham petróleo.

Eles iriam queimá-los vivos? Estúpido, isso seria tão estúpido – certamente eles entenderam que a questão toda era que Babel não poderia ser perdida, pois Babel e o conhecimento nela contido eram precisamente aquilo que eles lutavam para readquirir.

Mas talvez a racionalidade tenha fugido. Talvez houvesse apenas a multidão, alimentada pela pura fúria de que algo que eles pensavam ser deles lhes tivesse sido tirado.

Alguns estudantes começaram a empilhar gravetos ao pé da torre. Robin sentiu a primeira pontada de preocupação. Esta não foi uma ameaça inútil; eles realmente queriam incendiar o lugar.

Ele abriu a janela e enfiou a cabeça para fora. 'O que você está fazendo?' ele gritou. 'Você nos queima e nunca conseguirá que sua cidade funcione.'

Alguém jogou uma garrafa de vidro em seu rosto. Ele estava muito alto e a garrafa desceu em espiral antes de chegar perto, mas mesmo assim o professor Chakravarti puxou Robin para trás e bateu a janela.

“Tudo bem”, ele disse. — Não faz sentido argumentar com loucos, eu acho.

'Então o que vamos fazer?' Ibrahim exigiu. 'Eles vão nos queimar vivos!'

"A torre é feita de pedra", disse Yusuf com desdém. 'Nós ficaremos bem.'

'Mas a *fumaça* ...'

“Temos uma coisa”, disse o professor Chakravarti abruptamente, como se estivesse apenas se lembrando. 'Lá em cima, sob os arquivos da Birmânia. .'

'Ananda!' Exclamou o professor Craft. 'Eles são civis.'

“É legítima defesa”, disse o professor Chakravarti. "Justificado, eu acho."

O professor Craft olhou para a multidão. Sua boca se comprimiu em uma linha fina. 'Oh muito bem.'

Sem maiores explicações, os dois subiram a escada. Os demais se entreolharam por um momento, sem saber o que fazer.

Robin estendeu a mão para abrir a janela com uma mão, remexendo no bolso interno da frente com a outra. Victoire agarrou seu pulso. 'O que você está fazendo?'

— Bar do Griffin — ele murmurou. 'Você sabe, aquele. .'

'Você está louco?'

'Eles estão tentando nos queimar vivos, não vamos debater a moral. .'

'Isso poderia incendiar todo o petróleo.' Seu aperto aumentou tanto que doeu. — Isso matará meia dúzia de pessoas. Acalme-se, sim?

Robin colocou a barra de volta no bolso, respirou fundo e ficou imaginando o latejar em suas veias. Ele queria uma briga. Ele queria pular lá e ensanguentar seus rostos com os punhos. Queria que eles sabiam exatamente o que ele era, qual era o seu pior pesadelo –

incivilizado, brutal, violento.

Mas tudo acabou antes de começar. Tal como o professor Playfair, Pendennis e os seus semelhantes não eram soldados. Eles gostavam de ameaçar e fazer barulho. Gostavam de fingir que o mundo obedecia a todos os seus caprichos. Mas no final das contas, eles não foram feitos para a luta material. Eles não tinham a menor ideia de quanto esforço seria necessário para derrubar uma torre, e Babel era a torre mais fortificada do planeta.

Pendennis baixou a tocha e acendeu os gravetos. A multidão aplaudiu enquanto as chamas subiam pelas paredes. Mas o fogo não durou. As chamas saltaram avidamente, alcançando gavinhas alaranjadas como se procurassem um ponto de apoio, mas caíram novamente inutilmente. Vários estudantes correram para as paredes da torre numa

tentativa mal pensada de escalá-las, mas mal tocaram nos tijolos antes que alguma força invisível os atirasse de volta contra o relvado.

O professor Chakravarti desceu as escadas ofegante, carregando uma barra de

prata onde se lia . * ' Sânscrito', explicou ele. 'Isso vai dividi-los.'

Inclinou-se para fora da janela, observou a confusão por um momento e depois atirou a barra no centro da multidão. Em segundos, a multidão começou a se dissipar. Robin não sabia exatamente o que estava acontecendo, mas parecia haver uma discussão no local, e os agitadores exibiam expressões alternadas de irritação e confusão enquanto andavam como patos circulando uns aos outros em um lago. Então, um por um, afastaram-se da torre; para casa, para jantar, para esposas, maridos e filhos que esperam.

Um pequeno número de estudantes permaneceu por um tempo. Elton Pendennis ainda pontificava no gramado, agitando a tocha acima da cabeça, gritando maldições que não conseguiam ouvir através das enfermarias. Mas a torre, claramente, nunca iria pegar fogo.

Os gravetos queimaram inutilmente contra a pedra e depois explodiram. As vozes dos manifestantes ficaram roucas com os gritos; seus gritos vacilaram e finalmente desapareceram completamente. Ao pôr do sol, o último membro da turba voltou para casa.

Os tradutores só jantaram perto da meia-noite; mingau sem tempero, conservas de pêssego e dois biscoitos de chá cada. Depois de muito implorar, o Professor Craft cedeu e permitiu que trouxessem várias garrafas. de vinho tinto da adega. “Bem”, ela disse, servindo copos generosos com a mão trêmula. 'Não foi tão emocionante.'

Na manhã seguinte, os tradutores iniciaram a fortificação de Babel.

Eles nunca tinham estado em perigo real no dia anterior; até Juliana, que havia chorado silenciosamente até dormir, agora ria da lembrança. Mas esse tumulto pré-natal foi apenas o começo. Oxford continuaria a desmoronar e a cidade os odiaria ainda mais. Eles tiveram que se preparar para a próxima vez.

Eles se jogaram no trabalho. De repente, a torre parecia exatamente como durante a temporada de exames. Eles se sentavam em filas no oitavo andar, as cabeças curvadas sobre seus textos, e os únicos sons na sala eram as páginas folheadas e a exclamação ocasional quando alguém tropeçava em uma pepita promissora de etimologia. Isso foi bom.

Aqui finalmente havia algo para fazer, algo que os impedia de ficarem nervosos

enquanto aguardavam notícias do exterior.

Robin vasculhou pilhas de anotações que encontrara no escritório do professor Lovell, que continham muitos pares potenciais preparados para a campanha na China. Um deles o excitou muito: o caractere chinês (lì) poderia significar afiar a arma, embora também carregasse conotações de lucro e vantagem, e seu logograma representasse grãos sendo cortados com uma faca. Facas afiadas com fósforos *afiados* tinham lâminas assustadoramente finas e acertavam seus alvos com precisão.

'Como isso é útil?' perguntou Victoire quando ele mostrou a ela.

“Isso ajuda na luta”, disse Robin. 'Não é esse o ponto?'

'Você acha que vai brigar com alguém?'

Ele encolheu os ombros, irritado e agora um pouco envergonhado. 'Poderia se resumir a isso.'

Ela estreitou os olhos. — Você quer, não é?

— Claro que não, eu nem. . claro que não. Mas se eles entrarem, se for estritamente necessário. .

“Estamos tentando defender a torre”, ela disse gentilmente. “Estamos apenas tentando nos manter seguros. Não deixar um campo de sangue atrás de nós.

Eles começaram a viver como defensores sitiados. Consultaram textos clássicos –

histórias militares, manuais de campo, tratados estratégicos – para obter ideias sobre como gerir a torre. Eles instituíram refeições e rações rigorosas; nada de mordiscar os biscoitos à meia-noite, como Ibrahim e Juliana haviam feito pego fazendo. Eles transportaram o resto dos antigos telescópios astronômicos para o telhado para que pudessem vigiar a cidade em deterioração. Eles estabeleceram uma série de turnos rotativos de vigilância de duas horas nas janelas do sétimo e oitavo andares para que, quando os próximos tumultos começassem, eles pudessem vê-los vindo de longe.

Um dia passou assim, e depois outro. Finalmente percebi que eles haviam

ultrapassado o ponto sem retorno, que não se tratava de uma divergência temporária; não haveria retomada da vida normal. Eles emergiram daqui como vencedores, os arautos de uma Grã-Bretanha irreconhecível, ou deixaram esta torre morta.

"Eles estão em greve em Londres." Victoire balançou os ombros. 'Robin, acorde.'

Ele se endireitou. O relógio marcava meia-noite e dez; ele tinha acabado de adormecer, preparando-se para uma vigília no cemitério. 'O que? Quem?'

'Todos.' Victoire parecia atordoada, como se ela mesma não pudesse acreditar. “Os panfletos de Anthony devem ter funcionado, quero dizer, aqueles que se dirigem aos Radicais, aqueles sobre o trabalho, porque, veja bem. .” Ela acenou para ele um telegrama.

— Até o escritório do telégrafo. Dizem que houve multidões em torno do Parlamento durante todo o dia, exigindo que retirassem a proposta de guerra. .

'Quem são *todos* ?'

«Todos os grevistas de há alguns anos atrás – os alfaiates, os sapateiros, os tecelões.

Eles estão todos atacando novamente. E há mais – há estivadores, empregados de fábricas, foguistas de fábricas de gás – quero dizer, na verdade, *todo mundo* . Olhar.' Ela sacudiu o telegrama. 'Olhar. Amanhã estará em todos os jornais.

Robin semicerrou os olhos para ler a missiva na penumbra, tentando compreender o que isso significava.

A 160 quilómetros de distância, operários brancos britânicos lotavam o Westminster Hall para protestar contra uma guerra num país onde nunca tinham pisado.

Anthony estava certo? Teriam eles forjado a mais improvável das alianças? A revolta deles não foi a primeira das revoltas antiprata daquela década, apenas a mais dramática. Os motins de Rebecca no País de Gales, os motins da praça de touros em Birmingham e as revoltas cartistas em Sheffield e Bradford no início daquele ano tentaram, sem sucesso, deter a revolução industrial da prata. Os jornais os consideraram explosões isoladas de descontentamento. Mas agora

estava claro que todos estavam conectados, todos apanhados na mesma teia de coerção e exploração. O que estava acontecendo com os fiandeiros de Lancashire aconteceu primeiro com os tecelões indianos. Trabalhadores têxteis suados e exaustos em fábricas britânicas revestidas de prata fiavam algodão colhido por escravos na América. Em toda a parte, a revolução industrial prateada causou pobreza, desigualdade e

sofrimento, enquanto os únicos beneficiados foram aqueles que estavam no poder no coração do Império. E a grande realização do projeto imperial foi levar apenas um pouco de tantos lugares; fragmentar e distribuir o sofrimento para que em nenhum momento ele se tornasse demais para toda a comunidade suportar. Até que aconteceu.

E se os oprimidos se unissem, se se unissem em torno de uma causa comum – aqui, agora, estava um dos pontos de articulação impossíveis de que Griffin tantas vezes falara.

Ali estava a oportunidade de desviar a história do seu curso.

A primeira oferta de cessar-fogo chegou de Londres uma hora depois:
RETOMAR

SERVIÇOS BABEL. ANISTIA COMPLETA MESMO PARA PARADA DE SWIFT E

DESGRAVES. CASO CONTRÁRIO, PARADA NA PRISÃO .

“Esses termos são muito ruins”, disse Yusuf.

“São termos absurdos”, disse o professor Chakravarti. 'Como devemos responder?'

“Acho que não”, disse Victoire. 'Acho que os deixamos suar, que continuamos empurrando-os até o limite.'

“Mas isso é perigoso”, disse o professor Craft. 'Eles abriram espaço para o diálogo, não é? Não podemos saber quanto tempo permanecerá aberto. Suponha que nós os ignoremos e ele feche. .

— Há mais uma coisa — disse Robin bruscamente.

Eles observaram a máquina telegráfica bater com medo e apreensão silenciosa enquanto Victoire a recolhia. “ **EXÉRCITO A CAMINHO, PARADA** ”, ela leu. '**PARE PARA BAIXO** .'

“Meu Deus”, disse Juliana.

'Mas que bem isso lhes traz?' Robin perguntou. 'Eles não conseguem passar pelas enfermarias. .'

“Presumimos que sim”, disse o professor Chakravarti severamente. 'Pelo menos, isso eles farão. Temos que presumir que Jerome os está ajudando.

Isso desencadeou uma rodada de balbucios assustados.

“Precisamos conversar com eles”, disse o professor Craft. 'Perderemos a janela de negociação. .'

Disse Ibrahim: “Mas suponha que eles nos ponham todos na prisão. .”

— Não se nos rendermos. . — começou Juliana.

E Victoire, firme, veemente: 'Não podemos nos render. Não teremos ganhado nada. .

'Aguentar.' Robin levantou a voz acima do barulho. 'Não - esta ameaça, o Exército - tudo isso significa que está funcionando, você não vê? Isso significa que eles estão com medo. No primeiro dia eles ainda pensaram que poderiam nos dar ordens. Mas eles sentiram as consequências agora. Eles estão *aterrorizados* . O que significa que se conseguirmos aguentar um pouco, se conseguirmos continuar assim, venceremos.

Capítulo Vinte e Oito

O que você diz, então,

Às vezes, quando metade da cidade explodirá

Cheio de paixão, vingança, raiva ou medo?

W ILLIAM W ORDSWORTH , *O Prelúdio*

Na manhã seguinte, eles acordaram e descobriram que um conjunto de barricadas havia surgido misteriosamente ao redor da torre durante a noite. Grandes obstruções cambaleantes bloquearam todas as ruas principais que levavam a Babel – High Street, Broad Street, Cornmarket. Esse foi o trabalho do Exército? Eles se perguntaram. Mas tudo parecia demasiado descuidado, demasiado aleatório para ser uma operação do Exército. As barricadas eram feitas de materiais cotidianos – carroças viradas, barris cheios de areia, postes de iluminação caídos, grades de ferro arrancadas das cercas ao redor dos parques de Oxford e os escombros de pedra que se acumulavam em cada esquina como evidência da lenta deterioração da cidade. E que benefício o Exército obteve ao cercar suas próprias ruas?

Eles perguntaram a Ibrahim, que estava de plantão, o que ele tinha visto. Mas Ibrahim adormeceu. — Acordei um pouco antes do amanhecer — disse ele, na defensiva. 'A essa altura eles já estavam no lugar.'

O professor Chakravarti veio correndo do saguão. 'Tem um homem lá fora que quer falar com vocês dois.' Ele acenou para Robin e Victoire.

'Que homem?' perguntou Vitória. 'Por que nós?'

“Não está claro”, disse o professor Chakravarti. “Mas ele foi bastante inflexível em falar com quem está no comando. E tudo isso é o seu circo, não é?

Eles desceram juntos para o saguão. Da janela eles viram um homem alto, barbudo e de ombros largos esperando nos degraus. Ele não parecia estar armado, nem particularmente hostil, mas mesmo assim sua presença era desconcertante.

Ele já tinha visto esse homem antes, percebeu Robin. Ele não carregava sua placa, mas estava do mesmo jeito que sempre fazia durante os protestos dos trabalhadores da usina: punhos cerrados, queixo erguido, olhando com determinação para a torre, como se pudesse derrubá-la com a mente.

'Pelo amor de Deus.' O professor Craft espiou pela janela. 'É um daqueles loucos. Não vá lá, ele irá atacar você.

Mas Robin já estava vestindo o casaco. 'Não, ele não vai.' Ele suspeitava do que estava acontecendo e, embora ainda estivesse com medo de ter esperança, seu coração disparou de excitação. 'Acho que ele está aqui para ajudar.'

Quando abriram a porta, * o homem recuou cortesmente, com os braços erguidos para mostrar que não tinha arma.

'Qual o seu nome?' perguntou Robin. — Já vi você aqui antes.

'Abel.' A voz do homem era muito profunda; sólido, como pedra de construção. 'Abel Goodfellow.'

“Você jogou um ovo em mim”, acusou Victoire. 'Era você, em fevereiro passado. .'

“Sim, mas era apenas um ovo”, disse Abel. 'Nada pessoal.'

Robin apontou para as barricadas. O mais próximo obstruía quase toda a largura da High Street, bloqueando a entrada principal da torre. 'Este é o seu trabalho?'

Abel sorriu. Era uma visão estranha, através daquela barba; isso o fez parecer brevemente um garotinho alegre. 'Você gosta deles?'

“Não tenho certeza de qual é o objetivo”, disse Victoire.

— O Exército está a caminho, você não ouviu?

“E não vejo como isso os impede”, disse Victoire. — A menos que você esteja me dizendo que também trouxe um exército para guarnecer aquelas muralhas.

“Será um trabalho melhor para afastar as tropas do que você pensa”, disse Abel. “Não se trata apenas das paredes – embora elas aguentem, você verá. É psicológico. As barricadas criam a impressão de que existe uma resistência real, enquanto o Exército atualmente pensa que marchará sobre a torre sem oposição. E encoraja os nossos manifestantes – cria um porto seguro, um lugar para recuar.'

— E por que você está protestando aqui? Victoire perguntou cautelosamente.

'A revolução industrial da prata, é claro.' Abel ergueu um panfleto amassado e encharcado. Um deles. 'Acontece que estamos do mesmo lado.'

Victória inclinou a cabeça. 'Nós somos?'

«Certamente no que diz respeito à indústria. Estamos tentando convencê-lo do mesmo.

Robin e Victoire trocaram um olhar. Ambos se sentiam bastante envergonhados pelo desdém que demonstraram pelos grevistas no ano passado. Eles acreditaram nas afirmações do professor Lovell de que os grevistas eram simplesmente preguiçosos, patéticos e indignos de dignidades económicas básicas. Mas quão diferentes eram realmente as suas causas?

“Nunca foi por causa da prata”, disse Abel. — Você percebe isso agora, não é? Era sobre o corte salarial. O trabalho de má qualidade. As mulheres e crianças ficavam o dia todo em quartos quentes e sem ar, o perigo de máquinas não testadas que os olhos não conseguem rastrear. Estávamos sofrendo. E nós só queríamos que você visse isso.

— Eu sei — disse Robin. 'Nós sabemos disso agora.'

— E não estávamos lá para prejudicar nenhum de vocês. Bem, não é sério.

Victoire hesitou, depois assentiu. 'Posso tentar acreditar nisso.'

“De qualquer forma.” Abel apontou para as barricadas atrás dele. O movimento foi extremamente estranho, como um pretendente exibindo suas rosas. — Descobrimos o que você estava fazendo e pensamos que poderíamos vir ajudar. Pelo menos podemos impedir que aqueles palhaços incendeiem a torre.

'Bem, obrigado.' Robin não tinha certeza do que fazer com isso; ele ainda não conseguia acreditar que isso estava acontecendo. — Você. . você quer entrar? Conversar sobre as coisas?

“Bem, sim”, disse Abel. 'É por isso que estou aqui.'

Eles voltaram pela porta e o convidaram a entrar.

E assim as linhas de batalha foram traçadas. Naquela tarde começou a colaboração mais estranha que Robin já havia testemunhado. Homens que semanas atrás gritavam obscenidades para os estudantes de Babel agora estavam sentados no saguão entre eles, conversando sobre táticas de guerra de rua e integridade de barreiras. O professor Craft e um atacante chamado Maurice Long estavam com as cabeças inclinadas sobre um mapa de Oxford, discutindo locais

ideais para mais barreiras para bloquear os pontos de entrada do Exército. “As barricadas são a única coisa boa que importamos dos franceses”, dizia Maurice. * 'Sobre o estradas largas, queremos obstruções de baixo nível – pedras de calçada, árvores derrubadas, esse tipo de coisa. Leva tempo para limpar e os impede de trazer cavalos ou artilharia pesada. E aqui, se cortarmos os pontos de acesso mais estreitos ao redor do quadrilátero, podemos mantê-los restritos à High Street. . . ' *

Victoire e Ibrahim estavam sentados à mesa com vários outros atacantes, anotando obedientemente que tipo de barras de prata poderiam ajudar melhor em suas defesas. A palavra *barris* surgiu bastante; Robin, escutando, concluiu que eles planejavam invadir algumas adegas em busca de reforços estruturais. *

'Quantas noites você vai ficar aqui?' Abel gesticulou ao redor do saguão.

“O tempo que for preciso”, disse Robin. 'Essa é a chave; eles podem tentar tudo o que puderem, mas ficarão paralisados enquanto tivermos a torre.

— Você tem camas aqui?

'Na verdade. Há uma cama que usamos alternadamente, mas na maioria das vezes apenas nos enrolamos nas pilhas.

'Não posso estar confortável.'

'De jeito nenhum.' Robin deu-lhe um sorriso irônico. 'Continue sendo pisado quando alguém desce para usar o banheiro.'

Abel cantarolou. Seus olhos percorreram o amplo saguão, as prateleiras de mogno polido e o piso de mármore imaculado. 'Bastante sacrifício.'

O exército britânico marchou para Oxford naquela noite.

Os estudiosos observaram do telhado enquanto as tropas de casacas vermelhas rolavam em uma única coluna ao longo da High Street. A chegada de um pelotão armado deveria ter sido uma grande ocasião, mas era difícil sentir qualquer medo real. As tropas pareciam bastante deslocadas entre as moradias e lojas do centro da cidade, e os habitantes da cidade que compareceram para aplaudir a sua chegada fizeram com que parecessem mais um desfile do que uma força militar punitiva. Eles marcharam lentamente, abrindo caminho para os civis que

atravessavam a rua. Foi tudo bastante singular e educado.

Eles pararam quando chegaram às barricadas. O comandante, um sujeito de bigode e adornado com medalhas, desmontou do cavalo e caminhou até a primeira carroça virada.

Ele parecia profundamente confuso com isso. Ele olhou ao redor para as pessoas da cidade que observavam, como se esperasse alguma explicação.

— Você acha que é Lorde Hill? Juliana se perguntou.

“Ele é o comandante-chefe”, disse o professor Chakravarti. 'Eles não vão enviar o Comandante-em-Chefe para lidar conosco.'

“Eles deveriam fazer isso”, disse Robin. 'Somos uma ameaça à segurança nacional.'

'Não seja tão dramático.' Victoire os silenciou. 'Olha, eles estão conversando.'

Abel Goodfellow saiu sozinho de trás da barricada.

O comandante encontrou Abel no meio da rua. Eles trocaram palavras. Robin não conseguia ouvir o que diziam, mas a conversa parecia acalorada. Tudo começou de maneira civilizada, mas então os dois homens começaram a gesticular descontroladamente; em vários momentos ele teve medo de que o comandante estivesse prestes a algemar Abel.

Finalmente chegaram a algum acordo. Abel recuou para trás da barricada, andando para trás, como se certificasse de que ninguém atirasse nas costas dele. O comandante bigodudo voltou ao seu batalhão. Então, para espanto de Robin, o Exército começou a recuar.

— Ele nos deu quarenta e oito horas para sairmos — relatou Abel ao retornar ao saguão da torre. 'Depois disso, ele diz que vão remover as barricadas à força.'

“Então só temos dois dias”, disse Robin. 'Isso não é tempo suficiente.'

“Mais do que isso”, disse Abel. 'Isso tudo vai acontecer aos trancos e barrancos. Eles darão outro aviso. Então outro. Depois, um terceiro, desta vez com palavras fortes. Eles vão arrastar os pés o máximo que puderem. Se eles estivessem

planejando nos atacar, teriam feito isso ali mesmo.

“Eles ficaram perfeitamente felizes atirando nos Swing Rioters”, disse Victoire. "E os Cobertores."

“Aqueles não foram tumultos por território”, disse Abel. “Aqueles foram motins por causa de políticas. Os desordeiros não precisavam se manter firmes; quando foram alvejados, eles se espalharam. Mas estamos inseridos no coração de uma cidade.

Apostamos a nossa reivindicação na torre e na própria Oxford. Se algum desses soldados acidentalmente atingir um espectador, isso ficará fora de seu controle. Eles não podem quebrar as barricadas sem destruir a cidade. E penso que isso o Parlamento não pode permitir-se.' Ele se levantou para sair. — Vamos mantê-los afastados. Você continua escrevendo seus panfletos.

Portanto, este impasse entre os grevistas e o Exército nas barricadas da High Street tornou-se o seu novo status quo.

No final das contas, a própria torre forneceria uma proteção muito melhor do que as obstruções de Abel Goodfellow. Mas as barricadas tinham mais do que um mero valor simbólico. Eles cobriram uma área grande o suficiente para permitir a entrada e saída de linhas de abastecimento cruciais da torre. Isso significava que os estudiosos agora tinham comida e água fresca (o jantar naquela noite era uma fartura de pãezinhos brancos fofos e frango assado) e significava que eles tinham uma fonte confiável de informações sobre o que estava acontecendo além das muralhas da torre.

Apesar de todas as expectativas, o número de apoiadores de Abel cresceu nos dias seguintes. Os trabalhadores grevistas foram melhores em transmitir a mensagem do que qualquer um dos panfletos de Robin. Afinal, eles falavam a mesma língua. Os britânicos conseguiam identificar-se com Abel de uma forma que não conseguiam com os tradutores estrangeiros. Trabalhadores em greve de toda a Inglaterra vieram juntar-se à sua causa. Os jovens garotos de Oxford, entediados de ficarem confinados em casa e procurando algo para fazer, recorreram às barricadas simplesmente porque parecia excitante. As mulheres também se juntaram às fileiras, costureiras desempregadas e operárias.

Que visão, esse afluxo de defensores à torre. As barricadas tiveram o efeito peculiar de construir comunidade. Todos eram camaradas de armas atrás

daqueles muros, independentemente de suas origens, e as entregas regulares de alimentos para a torre

vinham acompanhadas de mensagens de encorajamento escritas à mão. Robin esperava apenas violência, não solidariedade, e não sabia o que fazer com esta demonstração de apoio. Isso desafiava o que ele esperava do mundo. Ele estava com medo de deixar que isso o fizesse ter esperança.

Certa manhã, ele descobriu que Abel havia deixado um presente para eles: uma carroça depositada diante das portas da torre, repleta de colchões, travesseiros, e cobertores feitos em casa. Uma nota rabiscada estava fixada no topo. *Isto está emprestado* , dizia. *Vamos querer isso de volta quando você terminar.*

Entretanto, dentro da torre, dedicaram-se a fazer Londres temer os custos de uma greve prolongada.

Silver proporcionou a Londres todas as suas conveniências modernas. Silver alimentava as máquinas de fazer gelo nas cozinhas dos ricos de Londres. A prata alimentava os motores das cervejarias que abasteciam os pubs de Londres e dos moinhos que produziam a farinha de Londres. Sem prata, as locomotivas deixariam de funcionar. Nenhuma nova ferrovia poderia ser construída. A água ficaria suja; o ar ficaria espesso com sujeira.

Quando todas as máquinas que mecanizavam os processos de fiação, tecelagem, cardação e mecha parassem, a indústria têxtil britânica entraria em colapso total. O país inteiro enfrentava uma possível fome, pois havia prata nos arados, nas semeadoras, nas debulhadoras e nos canos de drenagem em todo o interior da Grã-Bretanha. *

Esses efeitos não seriam totalmente sentidos durante meses. Ainda havia centros regionais de ourivesaria em Londres, Liverpool, Edimburgo e Birmingham, onde estudiosos de Babel que não se deslumbraram o suficiente durante seus anos de graduação para ganhar bolsas de estudo ganhavam a vida mundana mexendo nas barras inventadas por seus colegas mais talentosos. Esses centros funcionariam como uma solução provisória nesse ínterim. Mas eles não podiam compensar totalmente o défice – especialmente porque, o que é crucial, não tinham acesso aos mesmos livros de manutenção.

— Você não acha que eles vão se lembrar? perguntou Robin. ‘Pelo menos, os estudiosos que saíram com o professor Playfair?’

“Eles são acadêmicos”, disse o professor Craft. 'Tudo o que conhecemos é a vida da mente. Não nos lembramos de nada, a menos que esteja escrito em nossos diários e circulado várias vezes. Jerome fará o possível, supondo que ainda não esteja drogado da cirurgia, mas muita coisa escapará. Este país vai desmoronar em meses.

“E a economia irá falir ainda mais rapidamente do que isso”, disse Yusuf, que, entre eles, era o único que sabia alguma coisa sobre mercados e serviços bancários. 'É tudo especulação, veja bem - as pessoas têm enlouquecido comprando ações em ferrovias e outras indústrias movidas a prata na última década porque todos pensam que estão prestes a ficar ricos. O que acontece quando eles percebem que todas essas ações darão em nada? A indústria ferroviária pode levar meses para vacilar. Os próprios mercados irão falhar dentro de semanas.'

Falha de mercado. O pensamento era absurdo, mas tentador. Poderiam vencer isto com a ameaça de um colapso do mercado de ações e da inevitável corrida aos bancos?

Pois essa era a chave, não era? Para que isto funcionasse, eles tiveram que assustar os ricos e poderosos. Sabiam que a greve teria um impacto desproporcional sobre os

trabalhadores pobres; aqueles que viviam nas áreas mais sujas e populosas de Londres, que não podiam simplesmente fazer as malas e fugir para o campo quando o ar escurecia e a água ficava suja. Mas, num outro sentido importante, a escassez de prata atingiria de forma mais aguda aqueles que mais tinham a ganhar com o seu desenvolvimento. Os edifícios mais recentes – os clubes privados, os salões de dança, os teatros recentemente renovados

– ruiriam primeiro. Os precários cortiços de Londres foram construídos com madeira comum, e não com fundações reforçadas com prata para suportar um peso muito maior do que os materiais naturais. O arquiteto Augustus Pugin foi um colaborador frequente do corpo docente de Babel e fez grande uso de barras de prata em seus projetos recentes -

Scarisbrick Hall em Lancashire, a renovação das Alton Towers e, mais notavelmente, a reconstrução do Palácio de Westminster após o incêndio de 1834. . De acordo com os livros de ordens de serviço, todos estes edifícios iriam

falhar até ao final do ano. Mais cedo, se as hastes certas fossem arrancadas.

Como reagiriam os ricos de Londres quando o chão cedesse sob os seus pés?

Os grevistas deram um aviso justo. Eles anunciaram em voz alta essa informação. Eles escreveram panfletos intermináveis, que Abel comunicou a associados em Londres. *Suas estradas irão falhar* , escreveram eles. *Sua água secará. Suas luzes apagarão, sua comida apodrecerá e seus navios afundarão. Tudo isso acontecerá, a menos que você escolha a paz.*

“É como as Dez Pragas”, observou Victoire.

Robin não abria uma Bíblia há anos. 'As Dez Pragas?'

“Moisés pediu ao Faraó que libertasse o seu povo”, disse Victoire. 'Mas o coração do Faraó era inflexível e ele recusou. Então o Senhor lançou dez pragas na terra do Faraó. Ele transformou o Nilo em sangue. Ele enviou gafanhotos, rãs e pestes. Ele lançou todo o Egito nas trevas e, por meio dessas façanhas, fez com que o Faraó conhecesse seu poder.

'E o Faraó os deixou ir?' Robin perguntou.

“Ele fez isso”, disse Victoire. — Mas só depois da décima praga. Só depois de ter sofrido a morte do filho primogénito.

Ocasionalmente, os efeitos da greve se reverteram. Às vezes, as luzes voltavam a piscar durante uma noite, ou uma colcha de retalhos de estradas ficava mais limpa, ou se espalhava a notícia de que trabalhos em prata com água potável estavam agora disponíveis e sendo vendidos a preços exorbitantes em certos bairros de Londres. Ocasionalmente, o desastre previsto pelos livros contábeis não acontecia.

Isto não foi uma surpresa. Os académicos exilados – Professor De Vreese, Professor Harding e todos os professores e bolsistas que não tinham permanecido na torre –

reagruparam-se em Londres e estabeleceram uma sociedade de defesa para neutralizar os grevistas. O país estava agora no meio de uma batalha invisível de palavras e significados; seu destino oscilou entre o centro universitário e a periferia desesperada e em luta.

Os grevistas não estavam preocupados. Os exilados não conseguiram vencer; eles simplesmente não tinham os recursos da torre. Eles poderiam enfiar os dedos na lama. Eles não conseguiram impedir que o rio corresse, nem que a barragem rompesse.

“É muito embaraçoso”, observou Victoire uma tarde durante o chá, “o quanto tudo depende de Oxford, no final das contas. Você pensaria que eles teriam pensado melhor antes de colocar todos os ovos na mesma cesta.

“Bem, é tão engraçado”, disse o professor Chakravarti. «Tecnicamente, essas estações suplementares existem, precisamente para aliviar esta crise de dependência. Cambridge, por exemplo, vem tentando estabelecer um programa rival há anos. Mas Oxford não partilharia quaisquer recursos.

'Por causa da escassez?' Robin perguntou.

“Por causa do ciúme e da avareza”, disse o professor Craft. 'A escassez nunca foi um problema. * Simplesmente não gostamos dos acadêmicos de Cambridge. Arrivistas desagradáveis, pensando que podem sobreviver sozinhos.

“Ninguém vai para Cambridge a menos que não consiga encontrar um emprego aqui”, disse o professor Chakravarti. 'Triste.'

Robin lançou-lhes um olhar surpreso. 'Você está me dizendo que este país vai cair por causa da territorialidade acadêmica?'

'Bem, sim.' A professora Craft levou a xícara de chá aos lábios. 'É Oxford, o que você esperava?'

Mesmo assim, o Parlamento recusou-se a cooperar. Todas as noites o Ministério das Relações Exteriores lhes enviava o mesmo telegrama, sempre redigido exatamente da mesma maneira, como se gritar uma mensagem repetidas vezes pudesse induzir à obediência: CESSE A ATAQUE AGORA PARE. Em uma semana, essas ofertas deixaram de incluir uma oferta de anistia. Pouco depois disso, eles vieram com uma ameaça bastante redundante: CESSE O ATAQUE AGORA, PARE OU O EXÉRCITO RETIRE A PARADA DA TORRE.

Muito em breve os efeitos do seu ataque tornaram-se mortais. * Descobriu-se que um dos principais pontos de ruptura foram as estradas. Em Oxford, mas ainda mais em Londres, o trânsito era o problema dominante enfrentado pelas

autoridades municipais –

como gerir o fluxo de carroças, cavalos, peões, diligências, carruagens de aluguel e carroças sem engarrafamentos ou acidentes. A prataria manteve os engarrafamentos sob controle, reforçando estradas de madeira, regulamentando rodovias, reforçando pedágios e pontes, garantindo curvas suaves para carroças, reabastecendo as bombas de água destinadas a suprimir a poeira e mantendo cavalos dóceis. Sem a manutenção do Babel, todos esses ajustes minuciosos começaram a falhar, um por um, e dezenas de pessoas morreram como resultado.

O transporte derrubou o dominó que levou a uma série de outras misérias. As mercearias não conseguiam estocar suas prateleiras. Os padeiros não conseguiam obter farinha. Os médicos não podiam ver seus pacientes. Os advogados não puderam comparecer ao tribunal. Uma dúzia de carruagens nos bairros mais ricos de Londres usaram um par de fósforos do professor Lovell que tocava o caracter chinês (*fǔ*), que significa "ajudar" ou "ajudar". O personagem originalmente se referia às barras laterais protetoras de uma carruagem. O professor Lovell deveria estar em Londres para retocá-los em meados de janeiro. As barras falharam. As carruagens eram agora perigosas demais para serem conduzidas. *

Tudo o que sabiam que iria acontecer em Londres já estava a acontecer em Oxford, pois Oxford, pela proximidade de Babel, era a cidade mais dependente da prata no mundo. E

Oxford estava apodrecendo. A sua população estava falida, tinha fome, o seu comércio tinha

sido interrompido, os seus rios estavam bloqueados, os seus mercados tinham fechado.

Eles enviaram comida e suprimentos para Londres, mas as estradas tornaram-se perigosas e a linha Oxford-Paddington não funcionava mais.

Os ataques à torre redobraram. Os habitantes da cidade e os soldados lotavam as ruas, gritando obscenidades nas janelas, lutando com os homens nas barricadas. Mas não fez diferença. Eles não poderiam prejudicar os tradutores, que eram as únicas pessoas que poderiam acabar com sua miséria. Eles não conseguiam passar pelas proteções da torre, não podiam incendiá-la ou colocar explosivos em sua base. Eles só podiam implorar aos estudiosos que parassem.

Temos apenas duas exigências , escreveu Robin numa série de panfletos, que se tornaram a sua forma de responder aos protestos da cidade. *O Parlamento sabe disso.*

Recusa em ir à guerra e anistia. Seu destino está nas mãos deles.

Ele pediu que Londres capitulasse antes que todas essas coisas acontecessem. Ele esperava e sabia que isso não aconteceria. Ele havia se convertido totalmente à teoria da violência de Griffin, de que o opressor nunca se sentaria à mesa de negociações quando ainda pensasse que não tinha nada a dizer. perder. Não; as coisas tinham que ficar sangrentas. Até agora, todas as ameaças eram hipotéticas. Londres teve que sofrer para aprender.

Victória não gostou disso. Cada vez que subiam ao oitavo andar, discutiam sobre quais barras de ressonância retirar e quantas. Ele queria desativar duas dúzias; ela queria apenas dois. Normalmente, eles decidiam por cinco ou seis.

“Você está empurrando as coisas rápido demais”, disse ela. 'Você nem deu a eles a chance de responder.'

“Eles podem responder quando quiserem”, disse Robin. 'O que os impede? Enquanto isso, o Exército já está aqui...

"O Exército está aqui porque você os pressionou."

Ele fez um barulho impaciente. 'Me desculpe, não vou ser melindroso-'

'Não estou sendo *melindroso* ; Estou sendo prudente. Victória cruzou os braços. — É

muito rápido, Robin. É muita coisa de uma vez. Você precisa deixar os debates se resolverem. Você precisa deixar a opinião pública se voltar contra a guerra. .

“Não é suficiente”, ele insistiu. 'Eles não vão argumentar para fazer justiça agora, quando nunca o fizeram antes. O medo é a única coisa que funciona. Isso é apenas *tática* ...

'Isso não vem de táticas.' Sua voz ficou afiada. 'Vem da dor.'

Ele não conseguia se virar. Ele não queria que ela visse sua expressão. — Você

mesmo disse que queria que este lugar queimasse.

'Mas ainda mais', disse Victoire, colocando a mão em seu ombro, 'eu quero que sobrevivamos.'

Era impossível dizer, no final, quanta diferença o ritmo da sua destruição realmente fez. A escolha permaneceu com o Parlamento. Os debates continuaram em Londres.

Ninguém sabia o que estava acontecendo dentro da Câmara dos Lordes, exceto que nem os Whigs nem os Radicais se sentiam suficientemente bem com seus números para convocar uma votação. Os jornais revelaram mais sobre o sentimento público. Os jornais mainstream expressaram a opinião que Robin esperava, que era a de que a guerra contra a

China era uma questão de defesa do orgulho nacional, que a invasão nada mais era do que um castigo justo pelas indignidades impostas pelos chineses à bandeira britânica, que a ocupação de A Babel cometida por estudantes estrangeiros foi um acto de traição, que as barricadas em Oxford e as greves em Londres foram obra de brutais descontentes e que o governo deveria manter-se firme contra a sua demandas. Os editoriais do Prowar enfatizaram a facilidade com que a China seria derrotada. Seria apenas uma pequena guerra, e nem sequer uma guerra propriamente dita; bastou a ignição de vários canhões e os chineses admitiriam a derrota dentro de um dia.

Os jornais pareciam não conseguir decidir-se sobre os tradutores. As publicações pró-guerra ofereceram uma dúzia de teorias. Eles estavam em conluio com o corrupto governo chinês. Eles eram co-conspiradores de amotinados na Índia. Eram ingratos maliciosos, sem qualquer objectivo, excepto o desejo de magoar a Inglaterra, de morder a mão que os alimentara – e isto não exigia maiores explicações, pois era um motivo em que o público britânico estava demasiado disposto a acreditar. *Não negociaremos com Babel* , prometeram membros do Parlamento de ambos os lados. *A Grã-Bretanha não se curva diante dos estrangeiros* . *

No entanto, nem todos os jornais eram contra Babel ou a favor da guerra. Na verdade, para cada manchete que apelava a uma acção rápida em Cantão, havia outra de uma publicação (embora mais pequena, mais especializada, mais radical) que chamava a guerra de um ultraje moral e religioso. O *Spectator*

acusou o partido pró-guerra de ganância e especulação; o *Examinador* chamou a guerra de criminosa e indefensável. **A GUERRA DO**

ÓPIO DE JARDINE É UMA DESGRAÇA , dizia uma manchete do *Campeão* . Outros não foram tão diplomáticos: **DRUGGY MCDRUGGY QUER SEUS POLEGARES NA CHINA** leia o *Registro Político* .

Cada facção social na Inglaterra tinha uma opinião. Os abolicionistas divulgaram declarações de apoio aos grevistas. O mesmo fizeram as sufragistas, embora não tão ruidosamente. Organizações cristãs imprimiram panfletos criticando a propagação de um vício ilegal a um povo inocente, embora os evangelistas pró-guerra tenham respondido com o argumento supostamente cristão de que seria de facto obra de Deus expor o povo chinês ao livre comércio.

Entretanto, as publicações Radicais argumentaram que a abertura da China era antitética aos interesses dos trabalhadores no norte de Inglaterra. Os cartistas, um movimento de trabalhadores industriais e artesanais desiludidos, manifestaram-se mais fortemente em apoio aos grevistas; a circular cartista *The Red Republican* , de fato, publicou uma manchete chamando os tradutores de heróis da classe trabalhadora.

Isso deu esperança a Robin. Afinal de contas, os Radicais eram o partido que os Whigs precisavam de apaziguar, e se tais manchetes conseguissem convencer os Radicais de que a guerra não era do seu interesse a longo prazo, então talvez tudo isto pudesse ser resolvido.

E, de facto, a conversa sobre os perigos da ourivesaria teve um desempenho melhor no tribunal da opinião pública do que a conversa sobre a China. Aqui estava uma questão que estava perto de casa, que afectava o britânico médio de uma forma que ele conseguia compreender. A revolução industrial da prata dizimou as indústrias têxtil e agrícola. Os jornais publicaram peça por peça expondo as horríveis condições de trabalho dentro das fábricas movidas a prata (embora estas tivessem suas refutações, incluindo uma refutação de Andrew Ure, que argumentou que os trabalhadores da fábrica se sentiriam muito

melhor se consumissem menos gim e tabaco). . Em 1833, o cirurgião Peter Gaskell publicou um manuscrito exaustivamente pesquisado intitulado *The Manufacturing Population of England* , concentrando-se principalmente no custo moral, social e físico das máquinas de trabalho da prata sobre os

trabalhadores britânicos. Na altura, isso tinha passado despercebido, exceto pelos Radicais, que eram conhecidos por exagerarem em tudo. Agora, os jornais anti-guerra publicavam trechos dele todos os dias, relatando com detalhes terríveis o pó de carvão inalado por crianças pequenas forçadas a se contorcer em túneis que os adultos não conseguiam, os dedos das mãos e dos pés perdidos para máquinas movidas a prata que trabalhavam em velocidades desumanas, as meninas que foram estrangulados pelos próprios cabelos presos em fusos e teares.

O *Spectator* publicou uma ilustração em desenho animado de crianças emaciadas sendo esmagadas até a morte sob as rodas de alguma engenhoca nebulosa, que eles legendaram **ESCRAVOS BRANCOS DA REVOLUÇÃO DE PRATA** . Na torre, eles riram muito dessa comparação, mas o público em geral parecia genuinamente horrorizado. Alguém perguntou a um membro da Câmara dos Lordes por que apoiava a exploração de crianças nas fábricas; ele respondeu com bastante leviandade que empregar crianças menores de nove anos havia sido proibido em 1833, o que gerou protestos mais gerais sobre o sofrimento das crianças de dez e onze anos no país.

'É realmente tão ruim assim?' Robin perguntou a Abel. "As fábricas, quero dizer."

“Pior”, disse Abel. “Esses são apenas os acidentes estranhos que eles estão relatando.

Mas não dizem como é trabalhar dia após dia naqueles pisos apertados. Acordar antes do amanhecer e trabalhar até as nove, com poucos intervalos entre eles. E essas são as condições que *desejamos* . Os empregos que gostaríamos de poder recuperar. Imagino que eles não façam você trabalhar nem metade do esforço na universidade, não é?

“Não”, disse Robin, sentindo-se envergonhado. 'Eles não.'

A história *do Spectator* pareceu afetar muito o Professor Craft em particular. Robin a encontrou sentada à mesa de chá, com os olhos vermelhos, muito depois de os outros terem terminado o café da manhã. Ela rapidamente enxugou os olhos com um lenço quando o viu se aproximar.

Ele sentou-se ao lado dela. — Você está bem, professor?

'Oh sim.' Ela limpou a garganta, fez uma pausa e depois cutucou o papel. 'É apenas . . . é um lado da história em que não pensamos com frequência, não é?

'Acho que todos nós aprendemos a escolher não pensar em certas coisas.'

Ela parecia não ouvi-lo. Ela olhou pela janela para o gramado abaixo, onde o local de protesto dos grevistas havia sido transformado no que parecia ser um acampamento militar. “Meu primeiro par patenteado melhorou a eficiência do equipamento em uma mina em Tyneshire”, disse ela. “Isso manteve os carrinhos carregados de carvão firmemente em seus trilhos. Os proprietários das minas ficaram tão impressionados que me convidaram para uma visita e, claro, eu fui; Fiquei muito animado em contribuir com algo para o país.

Lembro-me de ter ficado chocado com todas as crianças nos boxes. Quando perguntei, os mineiros disseram que estavam completamente seguros e que ajudar nas minas os evitava de problemas quando os pais estavam no trabalho.

Ela respirou fundo. 'Mais tarde me disseram que a prataria impossibilitava que os carrinhos saíssem dos trilhos, mesmo quando havia gente no caminho. Houve um acidente.

Um garotinho perdeu ambas as pernas. Eles pararam de usar o match-pair quando não

conseguiram descobrir uma solução alternativa, mas não pensei duas vezes. A essa altura eu já havia recebido minha bolsa. Eu tinha um cargo de professor em vista e passei para outros projetos maiores. Eu não pensei sobre isso. Simplesmente não pensei nisso durante anos, e anos e anos.

Ela se virou para ele. Seus olhos estavam úmidos. — Só que isso aumenta, não é? Não desaparece simplesmente. E um dia você começa a cutucar o que suprimiu. E é uma massa de podridão negra, interminável, horrível, e você não consegue desviar o olhar.

“Meu Deus”, disse Robin.

Victória olhou para cima. 'O que é?'

Eles estavam escondidos em um escritório no sexto andar, examinando os livros em busca de presságios de desastres futuros. Eles já haviam passado pelas

nomeações da cidade de Oxford até o ano seguinte. Os horários de manutenção de Londres eram mais difíceis de encontrar – a contabilidade de Babel era surpreendentemente má, e o sistema de categorização utilizado pelos seus funcionários parecia não ser organizado por data, o que teria sido lógico, ou por idioma, o que teria feito menos, mas pelo menos algum sentido. , mas pelo código postal do bairro londrino em questão.

Robin bateu em seu livro-razão. 'Acho que podemos estar perto de um ponto de ruptura.'

'Por que?'

— A manutenção da ponte de Westminster deverá ser feita dentro de uma semana. Eles contrataram trabalhos em prata ao mesmo tempo em que a New London Bridge foi construída em 1825, e as barras deveriam expirar após quinze anos. Isso é agora.

'Então o que acontece?' perguntou Vitória. 'As catracas travam?'

'Acho que não, foi bastante importante.' . . *F* é o código para *fundação* , não é? Robin parou de falar e depois ficou em silêncio. Seus olhos percorreram o livro de cima a baixo, tentando confirmar o que estava à sua frente. Era uma entrada bastante grande, uma lista de barras prateadas e pares em vários idiomas que se estendia por quase meia página. Um bom número deles tinha números correspondentes em uma coluna subsequente – uma indicação de que empregavam links de ressonância. Ele virou a página e piscou. A coluna continuou nas duas páginas seguintes. 'Acho que cai direto no rio.'

Victoire recostou-se e expirou muito lentamente, desinflando.

As implicações foram enormes. A Ponte de Westminster não foi a única ponte a cruzar o Tâmisa, mas foi a que teve o tráfego mais intenso. E se a ponte de Westminster caísse no rio, nenhum navio a vapor, nenhuma casa flutuante, nenhum remo ou canoa seria capaz de contornar os destroços. Se a Ponte de Westminster caísse, toda a cidade pararia de se mover.

E nas semanas seguintes, quando as barras que mantinham o Tâmisa limpo de esgotos e poluição proveniente de fábricas de gás e fábricas de produtos químicos finalmente expirassem, as águas voltariam a um estado de fermentação doentia e pútrida. Os peixes flutuavam de barriga para cima até a superfície,

mortos e fedorentos. A urina e as fezes, que já se movimentavam lentamente pelos esgotos, solidificariam.

O Egito sofreria suas dez pragas.

Mas enquanto Robin explicava isso, o rosto de Victoire não refletia nada de sua alegria.

Em vez disso, ela estava olhando para ele com uma expressão muito estranha, sobrancelhas franzidas e lábios franzidos, e isso revirou seu interior com desconforto.

“É o Armagedom”, ele insistiu, espalhando as mãos no ar. Como ele poderia fazê-la ver?

'É a pior coisa que poderia acontecer.'

“Eu sei”, ela disse. 'Exceto que depois de você jogar, não nos resta mais nada.'

“Não precisaremos de mais nada”, disse ele. ‘Só precisamos apertar os parafusos uma vez, para empurrá-los até o limite. .’

'Um limite que você sabe que eles irão ignorar? Por favor, Robin. .

'Então qual é a alternativa? Nos desfigurando?

'É dar-lhes *tempo* , é deixá-los ver as consequências. .'

'O que mais há para ver?' Ele não pretendia gritar. Ele respirou fundo. 'Victoire, por favor, só acho que precisamos intensificar, caso contrário. .'

— Acho que você quer que ele caia — ela acusou. 'Acho que isso é apenas uma retribuição para você, porque você quer vê-lo cair.'

'E porque *não* ?'

Eles já tiveram essa discussão antes. Os fantasmas de Anthony e Griffin pairavam entre eles: um guiado pela convicção de que o inimigo agiria pelo menos no interesse próprio racional, se não no altruísmo, e o outro guiado menos pela convicção, menos pelo telos, e mais pela pura e desenfreada raiva.

'Eu sei que dói.' A garganta de Victoire pulsou. 'Eu sei – eu sei que parece impossível seguir em frente. Mas seu objetivo motivador não pode ser juntar-se a Ramy.'

Um silêncio. Robin considerou negar isso. Mas não adiantava mentir para Victoire ou para si mesmo.

'Isso não mata você?' Sua voz falhou. 'Sabendo o que eles fizeram? Vendo seus rostos?

Não consigo imaginar um mundo onde coexistimos com eles. Isso não separa você?

“Claro que sim”, ela gritou. 'Mas isso não é desculpa para não continuar vivendo.'

'Eu não estou tentando morrer.'

— O que você acha que causa o colapso desta ponte, então? O que você acha que eles farão conosco?

'O que você faria?' ele perguntou. 'Acabar com esta greve? Abrir a torre?

'Se eu tentasse', ela disse, 'você poderia me impedir?'

Ambos olharam para o livro-razão. Nenhum deles falou por muito tempo. Eles não queriam seguir essa conversa até onde ela pudesse levar. Nenhum deles poderia suportar mais sofrimento.

- Uma votação - propôs Robin por fim, incapaz de aguentar mais. “Não podemos. . não podemos simplesmente acabar com a greve desta forma. Não depende de nós. Não vamos decidir, Victoire.

Os ombros de Victoire cederam. Ele viu tanta tristeza em seu rosto. Ela ergueu o queixo e, por um momento, ele pensou que ela poderia discutir mais, mas tudo o que ela fez foi assentir.

A votação saiu por pouco a favor de Robin. Victoire e os professores foram contra; todos os alunos eram a favor. Os estudantes concordaram com Robin que tinham de levar o

Parlamento ao limite, mas não ficaram entusiasmados com isso. Ibrahim e Juliana abraçaram o peito enquanto votavam, como se fugissem da ideia. Até mesmo Yusuf, que geralmente sentia grande prazer em ajudar Robin a redigir panfletos ameaçadores para Londres, olhou para seus pés.

“Então é isso”, disse Robin. Ele havia vencido, mas não parecia uma vitória tão grande.

Ele não conseguia olhar nos olhos de Victoire.

'Quando isso acontece?' Professor Chakravarti perguntou.

“Este sábado”, disse Robin. 'O momento é maravilhoso.'

'Mas o Parlamento não vai capitular até sábado.'

— Então suponho que ouviremos sobre a ponte quando ela desabar.

— E você se sente confortável com isso? O professor Chakravarti olhou em volta, como se tentasse avaliar a temperatura moral da sala. 'Dezenas de pessoas morrerão. Há multidões tentando entrar nos barcos a qualquer hora do dia; o que acontece quando. .

“Essa não é nossa escolha”, disse Robin. 'É deles. É inação. É matar deixando morrer.

Não vamos nem tocar nas hastes de ressonância, ela vai cair sozinha. .

“Você sabe muito bem que isso não importa”, disse o professor Chakravarti. 'Não meça a ética. A queda da Ponte de Westminster é sua escolha. Mas pessoas inocentes não podem determinar os caprichos do Parlamento.

“Mas é dever do governo cuidar deles”, disse Robin. — Esse é o objetivo do Parlamento, não é? Entretanto, não temos a opção da civilidade. Ou graça. É uma tocha indiscriminada, admito, mas é o que as apostas exigem. Você não pode colocar a culpa moral em mim. Ele engoliu em seco. 'Você não pode.'

“Você é a causa imediata”, insistiu o professor Chakravarti. 'Você pode fazer isso parar.'

— Mas isso é precisamente um truque do diabo — insistiu Robin. “É assim que funciona o colonialismo. Convence-nos de que as consequências da resistência são inteiramente culpa nossa, que a escolha imoral é a própria resistência e não as circunstâncias que a exigiram.'

'Mesmo assim, existem limites que você não pode ultrapassar.'

'Linhas? Se seguirmos as regras, eles já venceram. .

“Você está tentando vencer punindo a cidade”, disse o professor Chakravarti. “Isso significa toda a cidade, todos os que nela vivem – homens, mulheres, crianças. Há crianças doentes que não conseguem obter os medicamentos. Há famílias inteiras sem renda e sem fonte de alimentação. Isto é mais do que um inconveniente para eles, é uma ameaça de morte.'

— Eu sei — disse Robin, frustrado. 'Essa é a questão.'

Eles se entreolharam e Robin pensou que agora entendia o modo como Griffin uma vez olhara para ele. Isto foi uma falta de coragem. Uma recusa em levar as coisas ao limite. A violência foi a única coisa que trouxe o colonizador à mesa; a violência era a única opção. A arma estava ali, sobre a mesa, esperando que eles a pegassem. Por que eles estavam com tanto medo de olhar para isso?

O professor Chakravarti levantou-se. 'Não posso seguir você por esse caminho.'

— Então você deveria sair da torre — disse Robin prontamente. 'Isso ajudará a manter sua consciência limpa.'

'Senhor Swift, por favor, ouça a razão. .'

'Vire os bolsos.' Robin levantou a voz, falando acima do zumbido em seus ouvidos. 'Não leve nada com você - nem prata, nem livros contábeis, nem anotações que você escreveu para si mesmo.' Ele ficou esperando que alguém o interrompesse; para que Victoire interviesse, para lhe dizer que ele estava errado, mas ninguém falou. Ele interpretou esse silêncio como uma aprovação tácita. — E se você for embora, tenho certeza que você sabe que não poderá voltar.

“Aqui não há caminho para a vitória”, alertou o professor Chakravarti. 'Isso só vai fazer com que eles odeiem você.'

Robin zombou. 'Eles não podem nos odiar mais do que eles.'

Mas não, isso não era verdade; ambos sabiam disso. Os britânicos não os odiavam, porque o ódio estava ligado ao medo e ao ressentimento, e ambos exigiam ver o adversário como um ser moralmente autónomo, digno de respeito e rivalidade. A atitude que os britânicos tinham em relação aos chineses era paternalista, desdenhosa; mas não era ódio.

Ainda não.

Isso pode mudar depois que a ponte cair.

Mas então, pensou Robin, invocar o ódio poderia ser bom. O ódio pode forçar o respeito.

O ódio poderia forçar os britânicos a olhá-los nos olhos e ver não um objeto, mas uma pessoa. *A violência choca o sistema* , Griffin lhe dissera. *E o sistema não consegue sobreviver ao choque* .

“ *Oderint dum metuant* ”, disse ele. * 'Esse é o nosso caminho para a vitória.'

“Esse é Calígula”, disse o professor Chakravarti. — Você está invocando *Calígula* ?

"Calígula conseguiu o que queria."

'Calígula foi assassinado.'

Robin encolheu os ombros, totalmente despreocupado.

'Sabe', disse o professor Chakravarti, 'sabe, um dos conceitos sânscritos mais comumente mal compreendidos é *ahimsa* . Não-violência.

“Não preciso de um sermão, senhor”, disse Robin, mas o professor Chakravarti falou por cima dele.

'Muitos pensam que *ahimsa* significa pacifismo absoluto e que o povo indiano é, portanto, um povo tímido e submisso, que dobrará os joelhos a qualquer coisa. Mas no *Bhagavad Gita* , são feitas exceções para um *dharma yuddha* . Uma guerra justa. Uma guerra em que a violência é aplicada como último recurso,

uma guerra travada não por ganhos egoístas ou por motivos pessoais, mas por um compromisso com uma causa maior.' Ele balançou sua cabeça. “Foi assim que justifiquei esta greve, Sr. Swift. Mas o que você está fazendo aqui não é legítima defesa; ele invadiu a malícia. A sua violência é pessoal, é vingativa e não posso apoiar isto.'

A garganta de Robin pulsou. — Então pegue seu frasco de sangue antes de ir, senhor.

O professor Chakravarti examinou-o por um momento, assentiu e depois começou a despejar o conteúdo dos seus bolsos sobre a mesa do meio. Um lápis. Um caderno. Duas barras de prata em branco.

Todos assistiram, em silêncio.

Robin sentiu uma pontada de irritação. 'Alguém mais gostaria de fazer uma reclamação?' ele perdeu a cabeça.

Ninguém mais disse uma palavra. O professor Craft levantou-se e subiu as escadas. Um momento depois, Ibrahim juntou-se a ela, depois Juliana; e depois o resto, até que apenas

Robin e Victoire ficaram no saguão, observando o professor Chakravarti descer os degraus da frente em direção às barricadas.

Capítulo Vinte e Nove

Como choram os limpa-chaminés

Toda Igreja enegrecida é horrorizada,

E os infelizes soldados suspiram

Corre em sangue pelas paredes do palácio

W ILLIAM B LAKE , 'Londres'

O clima na torre ficou sombrio depois que o professor Chakravarti saiu.

Nos primeiros dias da greve, eles estavam demasiado ocupados com as

exigências da sua situação – com panfletagem, pesquisa de livros e fortificações de barricadas – para prestar atenção ao enorme perigo que corriam. unificador. Eles adoraram a companhia um do outro. Eles conversaram noite adentro, aprendendo um sobre o outro, maravilhados com o quão surpreendentemente semelhantes eram suas histórias. Eles foram arrancados de sua terra natal ainda muito jovens, jogados na Inglaterra e instruídos a prosperar ou seriam deportados. Muitos deles eram órfãos, todos os laços com os seus países cortados, excepto o da língua. *

Mas os preparativos frenéticos daqueles primeiros dias deram lugar a horas sombrias e sufocantes. Todas as peças foram colocadas no tabuleiro; todas as mãos foram mostradas.

Eles não tinham mais ameaças a fazer além daquelas que já haviam gritado dos telhados. O

que se estendia diante deles agora era apenas o tempo, um tique-taque até o colapso inevitável.

Eles emitiram seu ultimato, enviaram seus panfletos. A Ponte de Westminster caiu em sete dias, a menos que . A menos que.

Esta decisão deixou um gosto ruim em suas bocas. Eles disseram tudo o que havia a dizer e ninguém queria analisar as implicações. A introspecção era perigosa; eles só queriam passar o dia. Agora, na maioria das vezes, eles iam para cantos separados da torre, lendo, pesquisando ou fazendo o que quer que fizessem para fazer o tempo passar. Ibrahim e Juliana passavam todas as horas juntos. Às vezes, o resto deles especulava se os dois poderiam estar se apaixonando, mas descobriram que nunca conseguiriam manter essa conversa; isso os fez pensar no futuro, em como tudo isso poderia acabar, e isso os deixou muito tristes. Yusuf manteve-se reservado. Meghana ocasionalmente tomava chá com Robin e Victoire, e eles trocavam histórias sobre seus conhecidos – ela se formou recentemente e era próxima de Vimal e Anthony – mas com o passar dos dias ela também começou a se isolar. E Robin às vezes se perguntava se ela e Yusuf estavam agora arrependidos da decisão de ficar.

A vida na torre, a vida em greve – a princípio tão nova e estranhamente excitante –

assumiu um ar rotineiro e monótono. As coisas estavam difíceis no começo. Era

ao mesmo tempo engraçado e embaraçoso o quão pouco eles aprenderam sobre como manter seus

aposentos em ordem. Ninguém sabia onde as vassouras eram guardadas, então o chão permanecia empoeirado e cheio de migalhas. Ninguém sabia lavar roupa - eles tentaram produzir um par de fósforos usando a palavra *alvejante* e palavras derivadas da raiz proto-indo-européia *bhel* ('branco brilhante, brilhar, queimar'), mas tudo o que isso fez foi temporariamente tornam suas roupas brancas e escaldantes ao toque.

Eles ainda se reuniam para as refeições três vezes ao dia, de hora em hora, até porque isso tornava o racionamento mais simples. Seus itens de luxo desapareceram rapidamente.

Não houve café depois da primeira semana; eles estavam perto de ficar sem chá a cada segundo. A solução para isso foi diluir o chá cada vez mais até que bebessem pouco mais do que água levemente descolorida. Não havia leite ou açúcar digno de menção. Meghana argumentou que eles deveriam apenas saborear as últimas colheres de chá em uma xícara bem preparada, mas o professor Craft discordou veementemente.

“Posso desistir do leite”, disse ela. 'Mas não posso desistir do chá.'

Victoire foi a âncora de Robin naquela semana.

Ela estava furiosa com ele, ele sabia. Os primeiros dois dias que passaram juntos em um silêncio relutante – mas juntos, ainda assim, porque precisavam um do outro para se consolar. Passaram horas perto da janela do sexto andar, sentados ombro a ombro no chão.

Ele não insistiu em seu ponto. Ela não fez recriminações. Não havia mais nada a dizer. O

curso estava definido.

No terceiro dia o silêncio tornou-se insuportável e começaram a conversar; pequenas coisas no início, e depois tudo o que veio à mente. Às vezes relembravam Babel, os anos dourados antes de tudo virar de cabeça para baixo. Às vezes, eles suspendiam a realidade, conseguiam esquecer tudo o que havia acontecido e fofocavam sobre seus tempos de faculdade, como se o assunto mais

importante em questão fosse se Colin Thornhill e os gêmeos Sharp iriam brigar por causa da linda e visitadora irmã de Bill Jameson.

Passaram-se quatro dias até que pudessem abordar o assunto Letty.

Robin fez isso primeiro. Letty permaneceu no fundo de suas memórias como uma ferida purulenta que eles não ousavam tocar, e ele não podia mais continuar circulando em torno dela. Ele queria pegar uma faca em chamas e cavar a podridão.

— Você acha que ela sempre iria se voltar contra nós? ele perguntou. 'Você acha que foi difícil para ela o que ela fez?'

Victoire não precisou perguntar a quem ele se referia. “Foi como um exercício de esperança”, disse ela após uma pausa. — Amá-la, quero dizer. Às vezes eu pensava que ela mudaria de ideia. Às vezes eu olhava nos olhos dela e pensava que estava olhando para um verdadeiro amigo. Então ela dizia alguma coisa, fazia algum comentário improvisado e todo o ciclo recomeçava. Foi como colocar areia em uma peneira. Nada preso.

— Você acha que poderia ter dito alguma coisa que pudesse tê-la feito mudar de ideia?

“Não sei”, disse Victoire. 'Você?'

Sua mente fez o que sempre fazia: invocar um caracter chinês no lugar do pensamento que ele temia. 'Quando penso em Letty, penso na personagem *xì* .' Ele desenhou no ar para ela:. 'É mais comumente usado para significar “uma rachadura ou fissura”. Mas nos textos clássicos chineses, também significa “um rancor ou uma rivalidade”. Segundo rumores, o Imperador Qing usa uma barra gravada com o *xì* - *feud* match-pair instalada sob um mural

de pedra da linhagem imperial. E quando aparecem rachaduras, isso mostra que alguém está conspirando contra ele. Ele engoliu em seco. “Acho que essas rachaduras sempre estiveram lá. Eu não acho que haja algo que possamos fiz sobre eles. E bastou pressão para que tudo desmoronasse.

— Você acha que ela se ressentia tanto de nós?

Ele fez uma pausa, ponderando o peso e o impacto de suas palavras. 'Acho que

ela o matou de propósito.'

Victoire o observou por um longo momento antes de responder simplesmente: 'Por quê?'

— Acho que ela o queria morto — continuou ele, com a voz rouca. 'Você podia ver em seu rosto - ela não estava com medo, ela sabia o que estava fazendo, ela poderia ter mirado em qualquer um de nós e ela sabia que era Ramy que ela queria.'

'Robin. . .'

“Ela o amava, você sabe”, disse ele. As palavras saíram dele como uma torrente agora; as comportas foram quebradas e as águas não puderam ser detidas. Por mais devastador e trágico que fosse, ele tinha que dizer isso em voz alta, tinha que sobrecarregar alguém com essa terrível, terrível suspeita. “Ela me contou, na noite do baile comemorativo, que passou quase uma hora chorando em meu ombro porque queria dançar com ele, e ele nem olhava para ela. Ele nunca olhou para ela, ele não. . .' Ele teve que parar; suas lágrimas ameaçaram sufocá-lo.

Victoire agarrou seu pulso. — Ah, Robin.

“Imagine isso”, disse ele. 'Um homem moreno recusa uma rosa inglesa. Letty não poderia suportar isso. A humilhação. Ele limpou a manga nos olhos. 'Então ela o matou.'

Victoire não disse nada por um longo tempo. Ela olhou para a cidade em ruínas, pensando. Por fim, ela tirou um pedaço de papel amassado do bolso e colocou-o na mão dele. 'Você deveria ficar com isso.'

Robin o desdobrou. Era o retrato em daguerreótipo dos quatro, dobrado e redobrado tantas vezes que finas linhas brancas cruzavam a imagem. Mas seus rostos estavam impressos com muita clareza. Letty, olhando com orgulho, o rosto um pouco tenso depois de tanto tempo. As mãos de Ramy carinhosamente nos ombros dela e de Victoire. O meio sorriso de Victoire; queixo inclinado para baixo, olhos levantados e luminosos. Sua própria timidez estranha. O sorriso de Ramy.

Ele respirou fundo. Seu peito apertou, como se suas costelas estivessem contraindo, apertando seu coração como um torno. Ele não tinha percebido que

ainda poderia doer tanto.

Ele queria rasgá-lo em pedaços. Mas era a única imagem que restava de Ramy.

— Eu não sabia que você o tinha guardado.

“Letty ficou com ele”, disse Victoire. “Ela o manteve emoldurado em nosso quarto.

Tirei-o na noite anterior à festa no jardim. Acho que ela não percebeu.

'Parecemos tão jovens.' Ele ficou maravilhado com suas expressões. Parecia que uma vida inteira havia se passado desde que posaram para aquele daguerreótipo. 'Parecemos crianças.'

'Estávamos felizes então.' Victoire olhou para baixo, os dedos traçando seus rostos desbotados. — Pensei em queimá-lo, você sabe. Eu queria a satisfação. No Castelo de Oxford, continuei tirando-o, estudando seu rosto, tentando ver. . . para ver a pessoa que

faria isso conosco. Mas quanto mais eu olho, mais eu. . . Eu só sinto pena dela. É distorcido, mas do ponto de vista dela, ela deve pensar que foi ela quem perdeu tudo. Ela estava tão sozinha, você sabe. Tudo o que ela queria era um grupo de amigos, pessoas que pudessem entender o que ela havia passado. E ela pensou que finalmente havia encontrado isso em nós. Ela respirou fundo. — E suponho que quando tudo desmoronou. . suponho que ela se sentiu tão traída quanto nós.

Eles notaram que Ibrahim passava muito tempo escrevendo em um caderno com capa de couro.

“É uma crônica”, ele disse quando questionado. 'Do que aconteceu dentro da torre. Tudo o que foi dito. Todas as decisões que foram tomadas. Tudo o que defendemos. Você gostaria de contribuir?'

'Como coautor?' perguntou Robin.

'Como sujeito de entrevista. Diga-me o que você pensa. Vou anotá-los.

'Talvez amanhã.' Robin sentiu-se muito cansado e, por alguma razão, a visão daquelas páginas de rabiscos o encheu de pavor.

“Só quero ser minucioso”, disse Ibrahim. — Já tenho as declarações do professor Craft e dos bolsistas de pós-graduação. Eu apenas pensei – bem, se tudo isso virar de cabeça para baixo. . .'

“Você acha que vamos perder”, disse Victoire.

“Acho que ninguém sabe como isto vai acabar”, disse Ibrahim. — Mas sei o que dirão sobre nós se tudo acabar mal. Quando aqueles estudantes em Paris morreram nas barricadas, todos os chamaram de heróis. Mas se morrermos aqui, ninguém vai pensar que somos mártires. E eu só quero ter certeza de que exista algum registro nosso, um registro que não nos torne os vilões. Ibrahim olhou para Robin. — Mas você não gosta deste projeto, não é?

Ele estava olhando feio? Robin rapidamente reorganizou seu rosto. 'Eu não disse isso.'

— Você parece enojado.

— Não, sinto muito, eu só. . . .' Robin não sabia por que achava tão difícil juntar as palavras. 'Suponho que simplesmente não gosto de pensar em nós como história quando ainda nem deixamos uma marca no presente.'

“Deixamos a nossa marca”, disse Ibrahim. 'Já estamos nos livros de história, para o bem ou para o mal. Esta é uma oportunidade de intervir contra os arquivos, não?

'Que tipo de coisas estão acontecendo nele?' Victória perguntou. 'Apenas traços largos?

Ou observações pessoais?

“O que você quiser”, disse Ibrahim. — O que você comeu no café da manhã, se quiser.

Como você passa o tempo. Mas estou mais interessado, claro, em saber como todos chegamos aqui.

“Suponho que você queira saber sobre Hermes”, disse Robin.

— Quero saber tudo o que você gostaria de me contar.

Robin sentiu um peso muito grande no peito. Ele queria começar a falar, contar tudo o que sabia e mantê-lo preservado em tinta, mas as palavras morreram em sua língua. Ele não sabia como articular que o problema não era a existência do documento em si, mas o

facto de não ser suficiente, de ser uma intervenção tão insuficiente contra os arquivos que parecia inútil.

Havia muito a dizer. Ele não sabia por onde começar. Ele nunca havia pensado antes na lacuna da história escrita em que eles existiam e na faixa opressiva de narrativas denigrantes contra as quais lutavam, e agora que o fez, parecia intransponível. O registro estava tão em branco. Não existia nenhuma crônica da Sociedade Hermes, exceto esta. A Hermes funcionou como a melhor das sociedades clandestinas, apagando a sua própria história ao mesmo tempo que mudava a da Grã-Bretanha. Ninguém celebraria suas conquistas. Ninguém sequer saberia o que eles eram.

Pensou na Antiga Biblioteca, destruída e desmantelada, com todas aquelas montanhas de pesquisas trancadas e escondidas para sempre da vista. Pensou naquele envelope perdido nas cinzas; das dezenas de associados da Hermes que nunca foram contatados, que talvez nunca soubessem o que havia acontecido. Ele pensou em todos aqueles anos que Griffin passou no exterior – lutando, lutando, protestando contra um sistema que era infinitamente mais poderoso do que ele. Robin nunca saberia toda a extensão do que seu irmão tinha feito, do que tinha sofrido. Tanta história, apagada.

“Isso simplesmente me assusta”, disse ele. 'Não quero que isso seja tudo o que sempre fomos.'

Ibrahim acenou com a cabeça para seu caderno. — Vale a pena anotar um pouco, então.

'É uma boa ideia.' Victória sentou-se. 'Eu vou jogar. Pergunte-me qualquer coisa. Vamos ver se conseguimos mudar a opinião de algum futuro historiador.

“Talvez seremos lembrados como os mártires de Oxford”, disse Ibrahim. 'Talvez consigamos um monumento.'

“Os mártires de Oxford foram julgados por heresia e queimados na fogueira”, disse Robin.

“Ah”, disse Ibrahim, com os olhos brilhando. 'Mas Oxford é uma universidade anglicana agora, não é?'

Robin se perguntou nos dias que se seguiram se o que eles sentiram naquela noite foi um sentimento compartilhado de mortalidade, semelhante ao que os soldados sentiam sentados nas trincheiras durante a guerra. Pois era a guerra o que estava acontecendo naquelas ruas. A ponte de Westminster ainda não havia caído, mas os acidentes continuaram e a escassez piorou. A paciência de Londres estava esgotada. O público exigia retribuição, exigia ação, de uma forma ou de outra. E como o Parlamento não votou não à invasão da China, simplesmente aumentaram a pressão sobre o Exército.

Parecia que os guardas tinham ordens de deixar a torre em paz, mas tinham permissão para mirar em estudiosos individuais quando tivessem oportunidade. Robin parou de se aventurar lá fora quando um encontro com Abel Goodfellow foi interrompido por uma onda de tiros de rifle. Certa vez, uma janela quebrou perto da cabeça de Victoire quando ela procurava um livro nas estantes. Todos caíram no chão e rastejaram de joelhos até o porão, onde foram protegidos por paredes por todos os lados. Mais tarde, encontraram uma bala alojada na prateleira logo atrás de onde ela estava.

'Como isso é possível?' exigiu o professor Craft. 'Nada penetra nestas janelas. Nada atravessa estas paredes.

Curioso, Robin examinou a bala: grossa, deformada e estranhamente fria ao toque. Ele o ergueu contra a luz e viu uma fina faixa prateada revestindo a base do invólucro. 'Suponho que o professor Playfair pensou em alguma coisa.'

Isso aumentou as apostas. Babel não era impenetrável. Isto não era mais uma greve, mas um cerco. Se os soldados rompessem as barricadas, se os soldados empunhando as invenções do professor Playfair chegassem à porta da frente, o ataque estaria efetivamente encerrado. O Professor Craft e o Professor Chakravarti substituíram as proteções do Professor Playfair em sua primeira noite na torre, mas até eles admitiram que não eram tão bons nisso. como foi o professor Playfair; eles não tinham certeza de quão bem suas próprias defesas resistiriam.

'Vamos ficar longe das janelas de agora em diante', sugeriu Victoire.

Por enquanto as barricadas resistiam, embora lá fora a escaramuça tivesse se

tornado violenta. Inicialmente, os atacantes de Abel Goodfellow travaram uma guerra puramente defensiva por trás das barricadas. Reforçaram as suas estruturas, operaram linhas de abastecimento, mas não provocaram os guardas. Agora as ruas ficaram sangrentas. Os soldados disparavam regularmente contra as barricadas, e os barricadas contra-atacavam.

Eles fizeram dispositivos incendiários com pano, óleo e garrafas e os atiraram nos acampamentos do Exército. Eles escalaram os telhados da Biblioteca Radcliffe e do Bodleian, de onde atiraram pedras do pavimento e derramaram água fervente sobre as tropas abaixo.

Não deveria ter sido tão equilibrado, civis contra guardas. Em teoria, eles não deveriam ter durado uma semana. Mas muitos dos homens de Abel eram veteranos, homens dispensados de um exército que estava em ruínas após a derrota de Napoleão. Eles sabiam onde encontrar armas de fogo. Eles sabiam o que fazer com eles.

Os tradutores ajudaram. Victoire, que lia furiosamente a literatura dissidente francesa, compôs o par élan *-energy* , o último dos quais trazia conotações de um zelo revolucionário francês particular, e que remonta ao latim *lancea* , que significa 'lança'. . Realizada foi uma associação com arremesso e impulso, e foi essa distorção latente na *energia inglesa* que ajudou os projéteis dos barricadores a voar mais longe, acertar com mais força e causar mais impacto do que tijolos e paralelepípedos deveriam ter sido capazes de fazer.

Eles tiveram algumas ideias mais malucas que não deram frutos. A palavra *seduzir* veio do latim *seducere* , que significa “desviar-se”, de onde surgiu a definição do final do século XV “persuadir alguém a abandonar sua lealdade”. Isto parecia promissor, mas não conseguiam pensar numa forma de o manifestar sem enviar as raparigas para a linha da frente, o que ninguém estava disposto a sugerir, ou vestir os homens de Abel com roupas femininas, o que parecia pouco provável que funcionasse. Havia também a palavra alemã *Nachtmahr* , uma palavra agora raramente usada para “pesadelo”, que também se referia a uma entidade maliciosa que se sentava sobre o peito da pessoa adormecida. Algumas experiências provaram que esse par piorava os pesadelos quando alguém os tinha, mas parecia incapaz de induzi-los em primeiro lugar.

Certa manhã, Abel apareceu no saguão com vários pacotes longos e finos embrulhados em pano. 'Algum de vocês pode atirar?' ele perguntou.

Robin imaginou apontar um daqueles rifles para um corpo vivo e puxar o gatilho. Ele não tinha certeza se conseguiria fazer isso. 'Nada bem.'

“Não com esses”, disse Victoire.

“Então deixe alguns dos meus homens entrarem lá”, disse Abel. 'Você tem o melhor ponto de vista da cidade. Pena que você não use.

Dia após dia, as barricadas resistiram. Robin achou incrível que eles não se despedaçassem sob o peso dos tiros quase constantes dos canhões, mas Abel estava confiante de que eles poderiam resistir indefinidamente, desde que continuassem reunindo novos materiais para reforçar as seções danificadas.

“É porque os construímos em estruturas em forma de V”, explicou. 'As balas de canhão atingiram a saliência, o que apenas compacta os materiais com mais força.'

Robin estava cético. 'Mas eles não podem durar para sempre.'

'Não, talvez não.'

— E o que acontece quando eles chegam? Robin perguntou. 'Você vai fugir? Ou você vai ficar e lutar?

Abel ficou quieto por um momento. Depois disse: "Nas barricadas francesas, os revolucionários marchavam até aos soldados com as camisas abertas e gritavam-lhes para dispararem, se tivessem coragem".

'Eles fizeram?'

'Às vezes. Às vezes, eles os matavam a tiros à primeira vista. Mas outras vezes – bem, pense nisso. Você está olhando alguém nos olhos. Eles têm mais ou menos a sua idade ou menos. Da mesma cidade. Possivelmente no mesmo bairro. Possivelmente você os conhece ou vê em seu rosto alguém que você poderia conhecer. Você puxaria o gatilho?

— Suponho que não — admitiu Robin, embora uma pequena voz em sua mente sussurrasse: *Letty sim* .

“A consciência de todo soldado tem um limite”, disse Abel. — Suponho que vão

tentar nos prender. Mas atirar nas pessoas da cidade? Realizando um massacre? Eu não tenho tanta certeza. Mas vamos forçar essa divisão. Veremos o que acontece.'

Tudo acabará em breve. Eles tentavam se tranquilizar à noite, quando olhavam para a cidade, viam a luz das tochas e os tiros dos canhões brilhando intensamente. Eles só precisavam aguentar até sábado. O Parlamento não conseguiu sustentar isto durante mais tempo do que pôde. Eles não podiam deixar a Ponte de Westminster cair.

Depois, sempre, a estranha e hesitante imaginação de como seria um cessar-fogo. Eles deveriam redigir um contrato com termos de anistia? Yusuf se encarregou disso, redigindo um tratado que os salvou da forca. Quando a torre voltasse a funcionar normalmente, eles fariam parte dela? Como eram os estudos na era pós-império, quando se sabia que as reservas de prata da Grã-Bretanha se reduziriam a nada? Nunca tinham considerado estas questões antes, mas agora, quando o resultado deste ataque estava no fio da navalha, o seu único conforto era prognosticar o futuro com tantos detalhes que parecia possível.

Mas Robin não teve coragem de tentar. Ele não suportava aquelas conversas; ele se desculpava sempre que ocorriam.

Não havia futuro sem Ramy, sem Griffin, sem Anthony e Cathy e Ilse e Vimal. Para ele, o tempo parou quando a bala de Letty saiu da câmara. Tudo o que havia agora eram as consequências. O que aconteceu depois foi que outra pessoa lutasse. Robin só queria que tudo acabasse.

Victoire o encontrou no telhado, abraçando os joelhos contra o peito, balançando para frente e para trás ao som de tiros. Ela sentou-se ao lado dele. 'Entediado com a terminologia jurídica?'

“Parece um jogo”, disse ele. 'Parece ridículo - e eu sei que isso, tudo isso, foi ridículo no início, mas isso - falar sobre isso depois - parece apenas um exercício de fantasia.'

“Você tem que acreditar que há um depois”, ela murmurou. 'Eles fizeram.'

'Eles eram melhores que nós.'

'Eles eram.' Ela se enrolou em seu braço. — Mas tudo ainda acabou em nossas

mãos, não foi?

Capítulo Trinta

A ponte de Westminster caiu. *

Capítulo Trinta e Um

de Westminster caiu e Oxford entrou em guerra aberta.

Eles estavam amontoados em volta da máquina telegráfica, esperando ansiosamente por uma atualização, quando um dos homens armados veio correndo do andar de cima e recuperou o fôlego antes de anunciar: "Eles mataram uma garota".

Eles o seguiram até o telhado. A olho nu, Robin pôde ver uma comoção no norte de Jericó, um movimento frenético da multidão, mas demorou um pouco para se atrapalhar com um telescópio antes de perceber para onde os homens armados estavam apontando.

Soldados e trabalhadores da barricada de Jericó tinham acabado de trocar tiros, disselhes o atirador. Normalmente, isso não levava a nada – tiros de alerta ecoavam por toda a cidade o tempo todo, e os lados geralmente se revezavam nos disparos antes de recuar para trás das barricadas. Simbólico; tudo deveria ser simbólico. Mas desta vez um corpo caiu.

A lente do telescópio revelou uma quantidade surpreendente de detalhes. A vítima era jovem, branca, tinha cabelos louros e era bonita, e o sangue que brotava de seu estômago manchava o chão com um escarlate vívido e inconfundível. Contra os paralelepípedos cinza-ardósia, parecia uma bandeira.

Ela não estava usando calças. As mulheres que se juntaram às barricadas geralmente usavam calças. Ela usava um xale e uma saia esvoaçante, e uma cesta virada de cabeça para baixo ainda pendia de seu braço esquerdo. Ela poderia estar indo comprar mantimentos.

Ela poderia estar voltando para casa, para o marido, para os pais, para os filhos.

Robin se endireitou. 'Foi isso-'

“Não fomos nós”, disse o outro atirador. 'Olha o ângulo. Ela se afastou das

barricadas.

Não foi um dos nossos, eu lhe garanto.

Gritos de baixo. Tiros assobiaram acima de suas cabeças. Assustados, eles desceram as escadas correndo para a segurança da torre.

Eles se reuniram no porão, amontoados nervosamente, os olhos disparando por aí como crianças assustadas que acabaram de fazer algo muito perverso. Esta foi a primeira vítima civil das barricadas e foi importante. A linha foi violada.

“Acabou”, disse o professor Craft. «Isto é uma guerra aberta em solo inglês. Tudo isso precisa acabar.

Um debate se abriu então.

“Mas não foi nossa culpa”, disse Ibrahim.

“Eles não se importam se a culpa é nossa”, disse Yusuf. 'Nós começamos isso-'

'Então nos rendemos?' exigiu Meghana. 'Depois de tudo isso? Nós simplesmente paramos?

“Nós não paramos”, disse Robin. A força de sua voz o surpreendeu. Veio de algum lugar além dele. Parecia mais velho; parecia o de Griffin. E deve ter ressoado, pois as vozes se acalmaram e todos os rostos se voltaram para ele, assustados, expectantes, esperançosos.

'É quando a maré muda. Esta foi a coisa mais tola que eles poderiam ter feito. O sangue

trovejou em seus ouvidos. 'Antes a cidade toda estava contra nós, não vê? Mas agora o Exército está confuso. Eles atiraram em um dos moradores da cidade. Não há como voltar atrás. Você acha que Oxford apoiará o Exército agora?

— Se você estiver certo — disse lentamente o professor Craft —, então as coisas estão prestes a piorar muito.

“Bom”, disse Robin. "Enquanto as barricadas resistirem."

Victoire o observava com os olhos semicerrados, e ele sabia o que ela suspeitava – que isso não pesava em sua consciência, que ele não estava tão angustiado quanto os outros.

Bem, por que não admitir isso? Ele não tinha vergonha. Ele estava certo. Essa garota, quem quer que fosse, era um símbolo; ela provou que o império não tinha restrições, que o império faria qualquer coisa para se proteger. *Vá em frente* , ele pensou; *faça isso novamente; mate mais deles; torne as ruas vermelhas com o seu próprio sangue. Mostre a eles quem você é. Mostrar a eles que sua brancura não os salvará* . Aqui, finalmente, estava uma ofensa imperdoável com um autor claro. O Exército matou essa garota. E se Oxford queria vingança, só havia uma maneira de consegui-la.

Naquela noite, as ruas de Oxford explodiram em violência adequada. A luta começou no extremo da cidade, em Jericó, onde o primeiro sangue foi derramado, e gradualmente se espalhou à medida que mais e mais pontos de conflito se desenvolviam. O fogo dos canhões era constante. A cidade inteira acordou com gritos e tumultos, e Robin viu naquelas ruas mais pessoas do que ele jamais imaginou que viviam em Oxford.

Os estudiosos agruparam-se perto das janelas, espiando por entre ondas de tiros de franco-atiradores.

“Isso é uma loucura”, o professor Craft continuou sussurrando. 'Absolutamente insano.'

Loucura não bastava para disfarçar, pensou Robin. O inglês era insuficiente para descrever tudo isso. Sua mente vagou por antigos textos chineses, as expressões idiomáticas que eles empregavam sobre o colapso e a mudança dinástica.; *tianfāndìfù* . Os céus caíram e a terra desabou sobre si mesma. O mundo virou de cabeça para baixo. A Grã-Bretanha estava a derramar o seu próprio sangue, a Grã-Bretanha estava a arrancar a sua própria carne, e nada depois disto poderia voltar a ser como era antes.

À meia-noite, Abel chamou Robin ao saguão.

“Acabou”, disse ele. 'Estamos chegando ao fim da estrada.'

'O que você quer dizer?' Robin perguntou. 'Isso é bom para nós – eles provocaram a cidade inteira, não foi?'

“Não vai durar”, disse Abel. 'Eles estão com raiva agora, mas não são soldados. Eles não têm resistência. Eu já vi isso antes. Nas primeiras horas da noite, eles começarão a voltar para casa. E acabei de receber a notícia do Exército de que, ao amanhecer, começarão a atirar em quem ainda estiver por aí.

"Mas e as barricadas?" Robin perguntou, desesperado. 'Eles ainda estão acordados-'

“Chegamos ao último círculo de barreiras. High Street é tudo o que temos. Não há mais pretensão de civilidade. Eles vão romper; não é uma questão de se, mas de quando. E o facto é que somos uma revolta civil e eles são um batalhão treinado e armado com reforços de sobra. Se a história servir de referência, se isso realmente se tornar uma batalha, então

seremos esmagados. Não estamos interessados em repetir Peterloo. * Abel suspirou. 'A ilusão de restrição só poderia durar um certo tempo. Espero que tenhamos ganhado tempo para você.

— Suponho que, afinal, eles ficaram felizes em atirar em você — disse Robin.

Abel lançou-lhe um olhar triste. 'Suponho que não seja bom estar certo.'

'Bem então.' Robin sentiu uma onda de frustração, mas se conteve; não foi era justo culpar Abel por estes acontecimentos, nem era justo pedir-lhe que ficasse por mais tempo, quando tudo o que enfrentaria seria a morte quase certa ou a prisão. — Obrigado, suponho.

Obrigado por tudo.'

“Espere aí”, disse Abel. — Não vim só para anunciar que estávamos abandonando você.

Robin encolheu os ombros. Ele tentou não parecer ressentido. 'Vai acabar muito rapidamente sem essas barricadas.'

— Estou lhe dizendo que esta é sua chance de sair. Começaremos a transportar as pessoas antes que o tiroteio se torne violento. Alguns de nós ficarão para defender as barricadas, e isso irá distraí-los por tempo suficiente para que o restante chegue a Cotswolds, pelo menos.

— Não — disse Robin. — Não, obrigado, mas não podemos. Vamos ficar na torre.

Abel arqueou uma sobrancelha. 'Todos vocês?'

O que ele quis dizer: *você pode tomar essa decisão? Você pode me dizer que todo mundo aí quer morrer?* E ele estava certo em perguntar, porque não, Robin não poderia falar por todos os sete acadêmicos restantes; na verdade, ele percebeu, não tinha ideia do que escolheriam fazer a seguir.

— Vou perguntar — disse ele, castigado. 'Quanto tempo-'

“Dentro de uma hora”, disse Abel. — Mais cedo, se você puder. Prefiro não demorar.

Robin se preparou por um momento antes de voltar para cima. Ele não sabia como dizer-lhes que este era o fim. Seu rosto ameaçava desmoronar, revelando o menino assustado escondido atrás do fantasma de seu irmão mais velho. Ele havia amarrado todas essas pessoas nesta última resistência; ele não suportou ver seus rostos quando lhes disse que tudo estava acabado.

Todos estavam no quarto andar, agrupados na janela leste. Ele se juntou a eles. Lá fora, os soldados marchavam pelo gramado, avançando num ritmo estranhamente hesitante.

'O que eles estão fazendo?' perguntou o professor Craft. 'Isso é uma acusação?'

“Você pensaria que eles atacariam com mais deles”, disse Victoire.

Ela tinha razão. Mais de uma dúzia de soldados pararam na High Street, mas apenas cinco soldados prosseguiram o resto do caminho em direção à torre. Enquanto observavam, os soldados se separaram e uma figura solitária atravessou suas fileiras até a última barricada restante.

Victoire respirou fundo.

Era Letty. Ela agitou uma bandeira branca.

Capítulo Trinta e Dois

Ela sentou-se em seu Dobie,

Para assistir a Estrela Vespertina,

E todos os Punkahs enquanto passavam

Gritei: 'Meu Deus! Como você é justo!

E DWARD L EAR , 'A Faixa'

Eles mandaram todo mundo para cima antes de abrirem a porta. Letty não estava ali para negociar com a multidão; eles não teriam enviado um estudante de graduação para fazer isso. Isso era pessoal; Letty estava aqui para um acerto de contas.

— Deixe-a passar — disse Robin a Abel.

'Perdão?'

'Ela está aqui para conversar. Diga-lhes para deixá-la passar.

Abel falou uma palavra ao seu homem, que correu pelo gramado para informar os barricadores. Dois homens subiram na barricada e se abaixaram. Um momento depois, Letty foi erguida por cima e depois baixada sem muito cuidado para o outro lado.

Ela atravessou o gramado, os ombros curvados, a bandeira arrastando-se atrás dela na calçada. Ela não ergueu os olhos até encontrá-los na soleira.

“Olá, Letty”, disse Victoire.

— Olá — murmurou Letty. 'Obrigado por me receber.'

Ela parecia infeliz. Ela claramente não estava dormindo; suas roupas estavam sujas e amarrotadas, suas bochechas encovadas e seus olhos vermelhos e inchados de tanto chorar. A maneira como ela encolheu os ombros, como se estivesse se encolhendo com um golpe, fez com que ela parecesse muito pequena. E apesar de tudo, tudo o que Robin queria era dar-lhe um abraço.

Esse instinto o assustou. Quando ela se aproximou da torre, ele cogitou,

brevemente, a ideia de matá-la – se ao menos a morte dela não condenasse todos eles, se ao menos ele pudesse colocar sua própria vida na barganha. Mas era tão difícil olhar para ela agora e não ver uma amiga. Como você pôde amar alguém que te machucou tanto? De perto, olhando-a nos olhos, ele tinha dificuldade em acreditar que essa Letty, a Letty deles, tinha feito as coisas que ela fez. Ela parecia angustiada, vulnerável, a heroína miserável de um terrível conto de fadas.

Mas essa, lembrou a si mesmo, era a vantagem da imagem que Letty ocupava. Neste país, ela tinha o rosto e a cor que inspiravam simpatia. Entre eles, não importa o que acontecesse, só Letty poderia sair daqui inocente.

Ele acenou com a cabeça para a bandeira dela. 'Está aqui para se render?'

“Estou aqui para negociar”, disse ela. 'Isso é tudo.'

“Então entre”, disse Victoire.

Letty, convidada, entrou pela porta. Fechou-se atrás dela.

Por um momento os três apenas se entreolharam. Eles ficaram incertos no meio do saguão, um triângulo desequilibrado. Parecia tão fundamentalmente errado. Sempre houve quatro deles; eles sempre vinham em pares, em pares, e tudo em que Robin conseguia pensar era na ausência aguda de Ramy entre eles. Eles não eram eles mesmos sem ele; sem sua risada, seu raciocínio rápido e fácil, suas mudanças repentinas de conversa que os faziam sentir como se estivessem girando pratos. Eles não eram mais uma coorte. Agora eles eram apenas um velório.

Victoire perguntou, com uma voz monótona e monótona: 'Por quê?'

Letty se encolheu, mas por pouco. “Eu tive que fazer isso”, disse ela, com o queixo erguido e inabalável. — Você sabe que foi tudo que eu poderia ter feito.

“Não”, disse Victória. 'Eu não.'

'Eu não poderia trair meu país.'

'Você não precisava nos trair.'

“Você estava sob o domínio de uma organização criminosa violenta”, disse Letty. As palavras saíram tão suavemente que Robin só pôde presumir que haviam sido ensaiadas.

— E a menos que eu fingisse que concordava com você, a menos que concordasse, não via como sairia vivo de lá.

Ela realmente acreditava nisso? Robin se perguntou. Foi assim que ela sempre os viu?

Ele não conseguia acreditar que essas palavras saíam da boca dela, que aquela era a mesma garota que uma vez ficou acordada até tarde com eles, rindo tanto que suas costelas doíam.

Somente os chineses tinham personagem que resumia o quanto palavras simples podem machucar:, *cì* , o personagem dos espinhos, das facadas, das críticas. Um personagem tão flexível. Numa frase , Então , , significava 'palavras farpadas e pungentes'. poderia significar 'incitar'. também poderia significar 'assassinar'.

— Então, o que é isso? Robin perguntou. 'O Parlamento já está farto?'

— Ah, Robin. Letty lançou-lhe um olhar queixoso. 'Você precisa se render.'

— Receio que não seja assim que a negociação funciona, Letty.

'Quero dizer. Estou tentando avisar você. Eles nem querem que eu esteja aqui, mas eu implorei, escrevi para meu pai, puxei todos os cordelinhos que tinha.

'Avisar-nos sobre o quê?' Victória perguntou.

— Eles vão atacar a torre ao amanhecer. E eles vão destruir a sua resistência com armas. Não há mais espera. Acabou.'

Robin cruzou os braços. 'Boa sorte em recuperar a cidade deles, então.'

— Mas é só isso — disse Letty. — Eles se seguraram porque pensaram que poderiam matar você de fome. Eles não querem você morto. Acredite ou não, eles não gostam de atirar em acadêmicos. Vocês são todos muito úteis, têm razão nisso. Mas o país não aguenta mais. Você os levou ao limite.

“Parece que o lógico então seria concordar com nossas exigências”, disse Victoire.

'Você sabe que eles não podem fazer isso.'

'Eles vão destruir sua própria cidade?'

'Você acha que o Parlamento se importa com o que você destrói?' Letty exigiu, impaciente. — Esses homens não estão preocupados com o que você está fazendo em

Oxford ou em Londres. Eles riram quando as luzes se apagaram e riram quando a ponte caiu. Esses homens *querem* a cidade destruída. Acham que já se tornou demasiado grande e difícil de manejar, que os seus bairros de lata escuros e miseráveis estão a tomar conta de todos os seus bairros civilizados. E você sabe que são os pobres que sofrerão mais. Os ricos podem viajar para o campo e ficar em suas propriedades de verão, onde terão ar puro e água limpa até a primavera. Os pobres morrerão em massa. Ouçam, vocês dois. As pessoas que governam este país preocupam-se mais com o orgulho do Império Britânico do que com pequenos inconvenientes, e deixarão a cidade ruir antes de se curvarem às exigências do que consideram um punhado de. . de tagarelas.

“Diga o que você quer dizer”, disse Victoire.

'De estrangeiros.'

“Isso é um grande sentimento de orgulho”, disse Robin.

— Eu sei — disse Letty. 'É com isso que eu cresci. Eu sei o quão profundo isso é.

Acredite em mim. Você não tem ideia do quanto eles estão dispostos a sangrar pelo bem do seu orgulho. Esses homens deixaram a ponte de Westminster cair. Com o que mais você pode ameaçá-los?

Silêncio, então. A Ponte de Westminster foi o trunfo. Que refutação eles poderiam oferecer?

– Então você pretende nos convencer a morrer – disse Victoire finalmente.

— Eu não — disse Letty. 'Eu pretendo salvar você.'

Ela piscou e de repente lágrimas traçaram duas linhas finas e claras em seu rosto. Isto não foi uma atuação; eles sabiam que Letty não poderia atuar. Ela estava com o coração partido, verdadeiramente com o coração partido. Ela os amava; Robin não duvidou disso; pelo menos ela realmente acreditava que os amava. Ela os queria sãos e salvos, mas sua versão de uma resolução bem-sucedida era colocá-los atrás das grades.

“Eu não queria nada disso”, disse ela. 'Eu só quero que as coisas voltem a ser como eram. Tínhamos um futuro juntos, todos nós.

Robin reprimiu uma risada. 'O que você imaginou?' ele perguntou baixinho. 'Que continuaríamos comendo biscoitos de limão juntos enquanto este país declarava guerra à nossa pátria?'

“Essas não são suas pátrias”, disse Letty. 'Eles não precisam ser.'

“Eles *têm* que ser”, disse Victoire. 'Porque nunca seremos britânicos. Como você ainda não entende? Essa identidade está excluída para nós. Somos estrangeiros porque esta nação nos marcou assim, e enquanto formos punidos diariamente pelos nossos laços com a nossa terra natal, podemos muito bem defendê-la. Não, Letty, não podemos manter esta fantasia. A única pessoa que pode fazer isso é você.

O rosto de Letty se contraiu.

A trégua acabou; as paredes estavam levantadas; eles a lembraram por que ela os abandonou, que ela nunca poderia realmente, adequadamente, ser um deles. E Letty, se não pudesse pertencer a um lugar, preferiria demolir tudo.

'Você percebe que se eu sair daqui com um não, eles virão preparados para matar todos vocês.'

'Mas eles não podem fazer isso.' Victoire olhou para Robin como se quisesse confirmar.

“O objetivo desta greve é que eles precisam de nós; eles não podem nos arriscar.

'Por favor entenda.' A voz de Letty endureceu. 'Você deu a eles um dor de

cabeça. Bem feito você. Mas você é, no final das contas, dispensável. Todos vocês. Perdê-lo seria um pequeno revés, mas o projeto imperial envolve mais do que alguns estudiosos. E isso se estenderá por mais de algumas décadas. Esta nação está tentando alcançar o que nenhuma outra civilização conseguiu ao longo da história, e se derrubar você significa um atraso temporário, então eles o farão. Eles treinarão novos tradutores.

“Eles não vão”, disse Robin. 'Ninguém trabalhará para eles depois disso.'

Letty zombou. 'Claro que vão. Sabíamos muito bem o que eles estavam tramando, não é? Eles nos contaram logo no primeiro dia. E ainda amamos isso aqui. Eles *sempre* poderão encontrar novos tradutores. Eles reaprenderão o que perderam. E eles continuarão, porque não haverá mais ninguém para detê-los. Ela agarrou a mão de Robin. O gesto foi tão repentino, tão chocante que ele não teve tempo de se afastar. Sua pele estava gelada, seu aperto tão forte que ele teve medo que ela pudesse quebrar seus dedos. — Você não pode mudar as coisas se estiver morto, Birdie.

Violentamente, ele a sacudiu. 'Não me chame de passarinho.'

Ela fingiu não ouvir isso. 'Não perca de vista seu objetivo final. Se você quer consertar o Império, o melhor a fazer é trabalhar dentro dele.

'Como você faz?' perguntou Robin. — Como fez Sterling Jones?

— Pelo menos não somos procurados pela polícia. Pelo menos temos liberdade para agir.

— Você acha que o estado vai mudar algum dia, Letty? Quero dizer, você já pensou no que acontece se você vencer?

Ela encolheu os ombros. 'Venceremos uma guerra rápida e sem corpo. E depois disso, toda a prata do mundo.

'E então o que? Suas máquinas ficam mais rápidas. Os salários caem. A desigualdade aumenta. A pobreza aumenta. Tudo o que Anthony previu acontecerá. As festas serão insustentáveis. E então?

— Suponho que cruzaremos aquela ponte quando chegarmos lá. Os lábios de Letty se curvaram. 'Por assim dizer.'

— Você não vai — disse Robin. 'Não há solução. Você está em um trem do qual não pode pular, não vê? Isso não pode acabar bem para ninguém. Libertação para nós significa libertação para você também.'

“Ou”, disse Letty, “ele simplesmente continuará andando cada vez mais rápido, e nós deixaremos isso acontecer, porque se o trem estiver passando por todos os outros, é melhor estarmos andando nele.”

Não havia como discutir isso. Mas, se fossem honestos consigo mesmos, nunca houve qualquer discussão com Letty.

“Isso não vale a pena”, continuou Letty. 'Todos aqueles corpos nas ruas – e para quê?

Fazer *um ponto* ? A justiça ideológica está muito bem, mas por Deus, Robin, você está deixando as pessoas morrerem por uma causa que você deve saber que está fadada ao fracasso. E você *irá* falhar”, ela continuou, implacavelmente. 'Você não tem os números.

Você não tem o apoio público, não tem os votos e não tem o impulso. Você não entende o quão determinado o Império está em recuperar sua prata. Você acha que está preparado para fazer sacrifícios? Eles farão *de tudo* para acabar com você. Você deve saber que eles

não planejam perder tudo de você. Eles só precisam matar alguns de vocês. Eles farão o resto como prisioneiros e então quebrarão seu ataque.

'Diga-me: se você tivesse acabado de ver seus amigos morrerem, se você tivesse uma arma apontada para sua cabeça, você não voltaria a trabalhar? Eles já prenderam Chakravarti, você sabe. Eles vão torturá-lo até que ele coopere. Vá em frente, diga-me: quando a situação chegar, quantas pessoas nesta torre vão manter seus princípios?

“Não somos todos tão covardes quanto você”, disse Victoire. — Eles estão aqui, não estão? Eles estão conosco.

'Eu pergunto de novo. Quanto tempo você acha que isso vai durar? Eles ainda não perderam um dos seus. Como você acha que eles se sentirão quando o primeiro corpo da sua revolução cair no chão? Quando há uma arma apontada para a têmpora *deles* ?

Victoire apontou para a porta. 'Sair.'

— Estou tentando salvar você — insistiu Letty. 'Eu sou sua última chance de salvação.

Rendam-se agora, saiam pacificamente e cooperem com a restauração. Você não ficará na prisão por muito tempo. Eles precisam de você, você mesmo disse: em pouco tempo você estará de volta à Babel, fazendo o trabalho que sempre sonhou. É a melhor oferta que você receberá. Isso é tudo que vim aqui dizer. Pegue ou você morrerá.

Então morreremos , Robin quase disse, mas se conteve. Ele não poderia condenar todos lá em cima à morte. Ela sabia disso.

Ela os derrotou. Não havia como sair dessa situação. Ela os encurralou totalmente; não havia nada que ela não tivesse previsto, não havia mais truques para tirar da manga.

A ponte de Westminster havia caído. O que mais eles poderiam ameaçar?

Ele odiou o que saiu de seus lábios em seguida. Parecia uma rendição, uma reverência.

'Não podemos decidir por todos eles.'

'Então convoque uma reunião.' Os lábios de Letty se curvaram. 'Faça uma pesquisa e chegue a um consenso sobre qualquer pequena forma de democracia que exista aqui.' Ela colocou a bandeira branca sobre uma mesa. — Mas tenha uma resposta para nós ao amanhecer.

Ela se virou para ir embora.

Robin correu para frente. — Letty, espere.

Ela fez uma pausa, uma mão na porta.

'Por que Ramy?' ele perguntou.

Ela congelou. Ela parecia uma estátua; sob o luar, suas bochechas brilhavam com um branco pálido como mármore. Era assim que ele sempre deveria tê-la

visto, pensou. Frio.

Sem sangue. Desprovida de qualquer coisa que fizesse dela um ser humano vivo, que respira, ama e sofre.

“Você mirou”, disse ele. 'Você puxou o gatilho. E você é uma ótima atiradora, Letty. Por que ele? O que Ramy fez com você?

Ele sabia o quê. Ambos sabiam; não houve dúvida. Mas Robin queria dar um nome a isso, queria ter certeza de que Letty sabia o que ele sabia, queria trazer a memória entre eles, nítida e cruel, porque ele podia ver a dor que isso causava nos olhos de Letty e porque ela merecia.

Letty olhou para ele por um longo tempo. Ela não se moveu, exceto pela rápida subida e descida de seu peito. Quando ela falou, sua voz era alta e fria.

“Eu não fiz isso”, ela disse; e Robin percebeu, pela maneira como ela estreitava os olhos e arrastava as palavras, pontuando-as exatamente como punhais, o que viria a seguir. Suas próprias palavras, jogadas de volta em seu rosto. 'Eu não pensei nada. Eu entrei em panico.

E então eu o matei.

“Assassinato não é tão simples”, disse ele.

— Acontece que sim, Birdie. Ela lançou-lhe um olhar de desdém. 'Não foi assim que chegamos aqui?'

- Nós amamos você. – Victoire sussurrou. — Letty, teríamos morrido por você.

Letty não respondeu. Ela virou-se, abriu a porta e fugiu noite adentro.

A porta se fechou e então houve silêncio. Eles não estavam prontos para levar a notícia para cima. Eles não sabiam o que poderiam dizer.

— Você acha que ela está falando sério? Robin perguntou finalmente.

“Ela com certeza quer”, disse Victoire. 'Letty não recua.'

'Então vamos deixá-la vencer?'

'Como', Victoire perguntou lentamente, 'você acha que vamos fazê-la perder?'

Um peso terrível pairava entre eles. Robin sabia a resposta, mas não sabia como pronunciá-la. Victoire sabia tudo em seu coração, exceto isso. Foi a única coisa que ele escondeu dela – em parte porque não queria que ela compartilhasse esse fardo, e em parte porque tinha medo de como ela poderia reagir.

Seus olhos se estreitaram. 'Robin.'

“Destruímos a torre”, disse ele. 'E nós nos destruímos.'

Ela não vacilou; ela apenas pareceu desanimar, como se estivesse esperando uma confirmação. Ele não fingiu tão bem quanto pensava; ela esperava isso dele. 'Você não pode.'

'Existe um jeito.' Robin interpretou mal suas palavras de propósito, esperando, em vez disso, que sua objeção fosse de logística. — Você sabe que existe. Eles nos mostraram logo no início.

Victoire ficou muito quieta então. Robin sabia o que ela estava imaginando. A barra estridente e vibrante nas mãos do professor Playfair, gritando como se estivesse com dor, quebrando-se em mil pedaços afiados e brilhantes. Multiplique isso indefinidamente. Em vez de um bar, imagine uma torre. Imagine um país.

“É uma reação em cadeia”, ele sussurrou. 'Vai terminar o trabalho sozinho. Lembrar? A Playfair nos mostrou como isso é feito. Se tocar outra barra, o efeito é transmitido através do metal. Ele não para, apenas continua, até inutilizar toda a prata.

Quanta prata revestia as paredes de Babel? Quando isso acabasse, todas aquelas barras seriam inúteis. Então a cooperação dos tradutores não teria importância. Suas instalações desapareceriam. A biblioteca deles desapareceu. As Grammaticas, desapareceram. Suas hastes de ressonância, sua prata, inúteis, desapareceram.

— Há quanto tempo você está planejando isso? Victória exigiu.

“Desde o início”, disse ele.

'Te odeio.'

'É a única maneira que nos resta de vencer.'

“É o seu plano de suicídio”, ela disse com raiva. — E não me diga que é tudo menos isso.

Você quer isso; você sempre quis isso.

Mas era só isso, pensou Robin. Como ele explicava o peso esmagando seu peito, a constante incapacidade de respirar? 'Eu acho que - desde Ramy e Griffin - não, desde Canton, eu. . .' Ele engoliu em seco. 'Senti que não tinha o direito.'

'Não diga isso.'

'É verdade. Eles eram homens melhores e morreram. .

'Robin, não é assim que funciona. .'

'E o que eu fiz? Vivi uma vida que não deveria ter tido, tive o que milhões de pessoas não tiveram. . todo aquele sofrimento, Victoire, e o tempo todo em que bebi champanhe. .

'Não se atreva.' Ela ergueu a mão como se fosse dar um tapa nele. 'Não me diga que você é apenas um acadêmico frágil que não consegue lidar com o peso do mundo agora que o viu

- isso é uma *bobagem absoluta* , Robin. Você não é um dândi petulante que desmaia à primeira menção de sofrimento. Você sabe o que são esses homens? Eles são covardes, românticos, idiotas que nunca fizeram nada para mudar o mundo que consideravam tão perturbador, escondendo-se porque se sentiam tão culpados. .

“Culpado”, ele repetiu. 'Culpado, é exatamente isso que eu sou. Ramy me disse uma vez que eu não me importava em fazer a coisa certa, que só queria seguir o caminho mais fácil.

“Ele estava certo”, ela disse ferozmente. 'É o jeito dos covardes, você sabe disso. .'

'Não, escute.' Ele agarrou as mãos dela. Eles estavam tremendo. Ela tentou se afastar, mas ele apertou os dedos dela entre os dele. Ele precisava dela com ele. Precisava fazê-la entender, antes que ela o odiasse para sempre por abandoná-la na escuridão. 'Ele tem razão. Você tem razão. Eu sei, estou tentando dizer – ele estava certo. Eu sinto muito. Mas não sei como continuar.

'Dia após dia, passarinho.' Seus olhos se encheram de lágrimas. 'Você continua, dia após dia. Assim como temos feito. Não é díficil.'

'Não, é. . Victoire, eu não posso.' Ele não queria chorar; se começasse a chorar, todas as suas palavras desapareceriam e ele nunca conseguiria dizer o que precisava. Ele avançou antes que suas lágrimas pudessem alcançá-lo. 'Quero acreditar no futuro pelo qual estamos lutando, mas ele não existe, simplesmente *não existe* , e não posso encarar as coisas dia após dia quando estou muito horrorizado com a ideia do amanhã. Estou debaixo d'água. E

estou submerso há tanto tempo e queria uma saída, mas não consegui encontrar uma que não parecesse uma grande abdicação de responsabilidade. Mas esta. . esta é a minha saída.

Ela balançou a cabeça. Ela estava chorando muito agora; ambos eram. 'Não diga isso para mim.'

'Alguém tem que falar as palavras. Alguém tem que ficar.

— Então você não vai me pedir para ficar com você?

— Ah, Vitória.

O que mais havia para dizer? Ele não podia pedir isso a ela, e ela sabia que ele nunca ousaria. No entanto, a questão pairava entre eles, sem resposta.

O olhar de Victoire estava fixo na janela, no gramado preto lá fora, nas barricadas iluminadas por tochas. Ela chorou, constante e silenciosamente; as lágrimas continuavam escorrendo por seu rosto e ela continuava enxugando-as, inutilmente. Ele não sabia o que ela estava pensando. Esta foi a primeira vez, desde que tudo isso começou, que ele não conseguiu ler o coração dela.

Por fim, ela respirou fundo e levantou a cabeça. Sem se virar, ela perguntou: 'Você já leu aquele poema que os abolicionistas adoram? Aquele de Bicknell e

Day. Chama-se *O negro moribundo* .

Na verdade, Robin leu isso num panfleto abolicionista que comprou em Londres. Ele achou isso impressionante; ele ainda se lembrava disso em detalhes. Descreveu a história de um homem africano que, enfrentando a perspectiva de ser capturado e regressar à escravatura, em vez disso se suicidou. * Robin achou isso romântico e comovente na época, mas agora, vendo a expressão de Victoire, ele percebeu que era tudo menos isso.

“Eu fiz”, disse ele. 'Foi... trágico.'

“Temos que morrer para conseguir a pena deles”, disse Victoire. 'Temos que morrer para que eles nos considerem nobres. As nossas mortes são, portanto, grandes actos de rebelião, um lamento miserável que realça a sua desumanidade. Nossas mortes se tornam seu grito de guerra. Mas não quero morrer, Robin. Sua garganta engatou. 'Eu não quero morrer. Não quero ser a Imoinda deles, o Oroonoko deles. * Não quero ser a trágica e adorável figura de laca deles. Eu quero viver.'

Ela caiu contra o ombro dele. Ele passou os braços em volta dela e segurou-a com força, balançando para frente e para trás.

“Quero viver”, ela repetiu, “e viver, prosperar e sobreviver a eles. Eu quero um futuro.

Não acho que a morte seja um adiamento. Eu acho que é – é apenas o fim. Exclui tudo – um futuro onde eu possa ser feliz e livre. E não se trata de ser corajoso. É sobre querer outra chance. Mesmo que tudo o que eu fizesse fosse fugir, mesmo que nunca levantasse um dedo para ajudar ninguém enquanto vivesse – pelo menos conseguiria ser feliz. Pelo menos o mundo pode ficar bem, só por um dia, só para mim. Isso é egoísmo?

Seus ombros se dobraram. Robin a segurou com força contra ele. O que ela era uma âncora, pensou ele, uma âncora que ele não merecia. Ela era sua rocha, sua luz, a única presença que o fazia continuar. E ele desejou, ele desejou, que isso fosse suficiente para ele se agarrar.

“Seja egoísta”, ele sussurrou. 'Seja corajoso.'

Capítulo Trinta e Três

Chegou a hora da partida e seguimos nossos caminhos – eu para morrer e você para viver. O que é melhor só Deus sabe.

PLATÃO , Apologia , trad . Benjamin Jowett

— A torre inteira? perguntou o professor Craft.

Ela foi a primeira a falar. O resto deles olhou para Robin e Victoire em vários estados de descrença, e até mesmo a Professora Craft parecia ainda estar pensando na ideia enquanto falava em voz alta sobre suas implicações. 'São décadas - *séculos* - de pesquisa, isso é tudo, enterrado - perdido - ah, mas quem sabe quantos. . .' Ela parou.

“E as consequências para a Inglaterra serão muito piores”, disse Robin. 'Este país funciona com prata. A prata bombeia em seu sangue; A Inglaterra não pode viver sem isso.

'Eles reconstruiriam tudo. .'

“Eventualmente, sim”, disse Robin. 'Mas não antes que o resto do mundo tenha tempo para reunir uma defesa.'

'E a China?'

'Eles não irão para a guerra. Eles não conseguirão. Silver alimenta os helicópteros, você vê. A prata alimenta a Marinha. Durante meses, talvez anos, deixarão de ser a nação mais forte do mundo. E o que acontece a seguir ninguém sabe.

O futuro seria fluido. Foi exatamente como Griffin havia previsto. Uma escolha individual, feita na hora certa. Foi assim que eles desafiaram o impulso. Foi assim que eles alteraram os rumos da história.

E no final, a resposta foi tão óbvia – simplesmente recusar-se a participar. Para remover o seu trabalho – e os frutos do seu trabalho – permanentemente da oferta.

“Não pode ser isso”, disse Juliana. A voz dela sumiu no final; foi uma pergunta, não uma declaração. 'Tem que haver. . deve haver alguma outra maneira. .'

“Eles estão nos atacando ao amanhecer”, disse Robin. “Eles atirarão em alguns de nós para servir de exemplo e depois manterão o resto de nós sob a mira de uma arma até começarmos a reparar os danos. Eles vão nos acorrentar e nos colocarão para trabalhar.

'Mas as barricadas. .'

“As barricadas vão cair”, sussurrou Victoire. “São apenas paredes, Juliana. Paredes podem ser destruídas.

Silêncio primeiro; depois a resignação, depois a aceitação. Já viviam no impossível; o que mais foi a queda da coisa mais eterna que eles já conheceram?

— Então suponho que teremos de sair rápido — disse Ibrahim. 'Logo após o início da reação em cadeia.'

Mas você não pode sair rápido , Robin quase disse antes de se conter. A réplica foi óbvia.

Eles não conseguiam sair rápido, porque não conseguiam sair de jeito nenhum. Um único

encantamento não serviria. Se não fossem minuciosos, a torre poderia desabar parcialmente, mas seus restos seriam recuperáveis e facilmente reaproveitados. As únicas coisas que teriam infligido seriam despesas e frustração. Eles teriam sofrido por nada.

Não; para que este plano funcionasse – para desferir um golpe contra o império do qual este não pudesse recuperar – eles tiveram que ficar, e dizer as palavras uma e outra vez, e activar tantos nós de destruição quanto pudessem.

Mas como ele disse a uma sala cheia de pessoas que elas precisavam morrer?

'EU . . .' ele começou, mas as palavras ficaram presas em sua garganta.

Ele não precisou explicar. Todos eles descobriram; todos estavam chegando à mesma conclusão, um após o outro, e a mudança em seus olhos foi dolorosa.

“Estou indo em frente com isso”, disse ele. — Não estou pedindo a todos vocês que venham comigo. Abel pode tirá-los de lá, se não quiserem, mas tudo o que

quero dizer é. . . .

Eu só. . eu não consigo fazer isso sozinho.

Victoire desviou o olhar, com os braços cruzados.

“Não precisaremos de todos”, continuou ele, desesperado para preencher o silêncio com palavras, porque, talvez quanto mais ele falava, menos terrível soava. 'Suponho que uma diversidade de línguas seria boa, para amplificar o efeito – e, claro, vamos querer pessoas em todos os cantos da torre, porque. . .' Sua garganta pulsou. 'Mas não precisamos de todos.'

“Eu ficarei”, disse o professor Craft.

'EU . . . obrigado professor.'

Ela deu-lhe um sorriso vacilante. 'Suponho que, de qualquer forma, eu não conseguiria estabilidade do outro lado disso.'

Ele viu todos eles fazendo o mesmo cálculo: a finalidade da morte contra a perseguição, a prisão e a possível execução que enfrentariam no exterior. Sobreviver a Babel não significava necessariamente sobrevivência. E ele podia vê-los se perguntando se conseguiriam aceitar, agora, suas próprias mortes; se isso fosse, no final, mais fácil.

'Você não está com medo', Meghana disse a ele, perguntou-lhe.

“Não”, disse Robin. Mas isso foi tudo que ele conseguiu dizer. Ele mesmo não entendia seu coração. Ele se sentiu resolvido, mas talvez fosse apenas a adrenalina; talvez seu medo e hesitação tenham sido empurrados apenas temporariamente para trás de uma parede frágil, que se despedaçaria após um exame mais detalhado. — Não, não estou, eu. . . apenas

– estou pronto. Mas não precisaremos de todos.

'Possivelmente os estudantes mais jovens.' . .' A professora Craft pigarreou. — Aqueles que não conhecem nenhum trabalho com prata, quero dizer. Não há razão-'

'Eu quero ficar.' Ibrahim lançou a Juliana um olhar ansioso. 'Eu não . . . Eu não

quero correr.

Juliana, pálida como papel, não disse nada.

'Há uma saída?' Yusuf perguntou a Robin.

'Há. Os homens de Abel podem transportá-lo para fora da cidade, eles prometeram; eles estão esperando por nós. Mas você terá que ir assim que puder. E então você terá que correr. Acho que você nunca conseguirá parar de correr.

'Não há termos de anistia?' Meghana perguntou.

“Existem, se você trabalhar para eles”, disse Robin. — Se você os ajudar a restaurar as coisas como eram. Letty fez essa oferta, ela queria que você soubesse. Mas você sempre

estará sob o controle deles. Eles nunca vão deixar você ir. Ela insinuou isso: eles serão seus donos e farão você se sentir grato por isso.

Com isso, Juliana estendeu a mão e pegou a mão de Ibrahim. Ele apertou os dedos dela.

Os nós dos dedos ficaram brancos, e a visão disso foi tão íntima que Robin piscou e desviou o olhar.

“Mas ainda podemos fugir”, disse Yusuf.

“Você ainda pode correr”, disse Robin. 'Você não estaria seguro em nenhum lugar deste país. .'

— Mas poderíamos ir para casa.

A voz de Victoire era tão suave que eles mal conseguiam ouvi-la. 'Podemos ir para casa.'

Yusuf assentiu, pensou por um momento e depois foi ficar ao lado dela.

E foi simples assim, a determinação de quem fugiu e quem morreu. Robin, Professor Craft, Meghana, Ibrahim e Juliana de um lado. Yusuf e Victoire do outro. Ninguém implorou ou implorou e ninguém mudou de ideia.

'Então.' Ibrahim parecia muito pequeno. 'Quando-'

“Amanhecer”, disse Robin. 'Eles estão vindo de madrugada.'

“Então é melhor empilharmos as barras”, disse o professor Craft. — E é melhor colocá-los corretamente, se conseguirmos apenas uma vez.

'Qual é a palavra?' Abel Goodfellow exigiu. "Eles estão se aproximando de nós."

— Mande seus homens para casa — disse Robin.

'O que?'

'O mais rápido que você puder. Saia das barricadas e fuja. Não há muito tempo. Os Guardas. . eles não se importam mais com as baixas.

Abel registrou isso e depois assentiu. 'Quem vem conosco?'

'Só dois. Yusuf. Vitória. Eles estão se despedindo, logo estarão prontos. Robin tirou um pacote embrulhado de dentro da jaqueta. ‘Também tem isso.’

Abel deve ter lido algo em seu rosto, ouvido algo em sua voz, porque seus olhos se estreitaram. — E o que vocês estão fazendo aí?

'Eu não deveria te contar.'

Abel ergueu o pacote. 'Isso é uma nota de suicídio?'

“É um registro escrito”, disse Robin. 'De tudo o que aconteceu nesta torre. O que defendemos. Há uma segunda cópia, mas caso ela se perca – sei que você encontrará uma maneira de divulgá-la. Imprima em toda a Inglaterra. Diga a eles o que fizemos. Faça com que eles se lembrem de nós. Abel parecia querer discutir, mas Robin balançou a cabeça. —

Por favor, estou decidido e não há muito tempo. Não posso explicar isso e acho que é melhor você não perguntar.

Abel observou-o por um momento, depois pareceu pensar melhor no que estava prestes a dizer. 'Você vai acabar com isso?'

'Vamos tentar.' O peito de Robin estava muito apertado. Ele estava tão exausto;

ele queria se enrolar no chão e dormir. Ele queria que isso acabasse. — Mas não posso contar mais nada esta noite. Só preciso que você vá.

Abel estendeu o braço. — Então isso, suponho, é um adeus.

'Adeus.' Robin agarrou a palma da mão dele e apertou-a. 'Ah. . e os cobertores, esqueci. .'

'Pensar nada disso.' Abel colocou a outra mão sobre a de Robin. Seu aperto era tão quente e sólido. Robin sentiu um nó na garganta; ele estava grato por Abel ter facilitado as coisas, por não tê-lo forçado a se justificar. Ele teve que ir rapidamente, resoluto até o fim.

'Boa sorte, Robin Swift.' Abel apertou sua mão. 'Deus esteja com você.'

Eles passaram as horas antes do amanhecer organizando centenas de barras de prata em pirâmides em pontos vulneráveis ao redor da torre – ao redor dos suportes da base, sob as janelas, ao longo das paredes e estantes, e em verdadeiras pirâmides ao redor das Grammaticas. Eles não podiam prever o alcance e a escala da destruição, mas preparar-se-iam para ela o melhor que pudessem, o que tornaria quase impossível resgatar qualquer material dos restos mortais.

Victoire e Yusuf partiram uma hora depois da meia-noite. Suas despedidas foram breves e constrangidas. Foi uma separação impossível; havia muito, mas nada a dizer, e havia uma sensação de que todos estavam se contendo por medo de abrir as comportas. Se dissessem muito pouco, se arrependeriam para sempre. Se falassem demais, nunca se separariam.

— Boa viagem — sussurrou Robin, abraçando Victoire.

Ela sufocou uma risada. 'Sim. Obrigado.'

Eles se agarraram um ao outro por um longo tempo, tempo suficiente para que, finalmente, depois que todos saíram para lhes dar privacidade, eles fossem os únicos que estavam no saguão. Finalmente ela recuou, olhou em volta, os olhos indo de um lado para o outro como se não tivesse certeza se deveria falar.

“Você não acha que isso vai funcionar”, disse Robin.

'Eu não disse isso.'

— Você está pensando nisso.

'Estou com medo de que façamos essa grande declaração.' Ela levantou as mãos e as deixou cair. “E eles verão isso apenas como um revés temporário, algo do qual se recuperar.

Que eles nunca entenderão o que queremos dizer.

'Se vale de alguma informação, acho que eles nunca iriam ouvir.'

— Não, acho que não. Ela estava chorando novamente. — Ah, Robin, não sei o que. .

“Vá”, ele disse. — E escreva para os pais de Ramy, sim? Eu só. . eles deveriam saber.

Ela assentiu, deu-lhe um último aperto e saiu correndo pela porta em direção ao gramado onde os homens de Yusuf e Abel estavam esperando. Um último aceno – a expressão abalada de Victoire sob o luar – e então eles foram embora.

Então não havia nada a fazer senão esperar pelo fim.

Como alguém fez as pazes com a própria morte? De acordo com os relatos do *Críton* , do *Fédon* e da *Apologia* , Sócrates foi para a morte sem angústia, com uma calma tão sobrenatural que recusou múltiplas súplicas para escapar. Na verdade, ele estava tão alegremente blasé, tão convencido de que morrer era a coisa certa a fazer, que bateu na cabeça dos amigos com seu raciocínio, daquele seu jeito insuportavelmente justo, mesmo quando eles começaram a chorar. Robin ficou muito impressionado, na sua primeira incursão nos textos gregos, pela total indiferença de Sócrates para com o seu fim.

E certamente era melhor, mais fácil morrer com tanto ânimo; sem dúvidas, sem medos, com o coração em repouso. Ele poderia, em teoria, acreditar. Muitas vezes, ele pensava na

morte como um adiamento. Ele não parava de sonhar com isso desde o dia em que Letty atirou em Ramy. Ele se divertia com ideias do céu como um paraíso, de colinas verdes e céus brilhantes onde ele e Ramy poderiam sentar e conversar

e observar um pôr do sol eterno. Mas essas fantasias não o confortavam tanto quanto a ideia de que tudo o que a morte significava era nada, que tudo simplesmente iria parar: a dor, a angústia, a dor terrível e sufocante. No mínimo, certamente a morte significava paz.

Ainda assim, diante do momento, ele estava aterrorizado.

Eles acabaram sentados no chão do saguão, confortando-se com o silêncio do grupo, ouvindo a respiração um do outro. A professora Craft tentou, hesitantemente, confortá-los, examinando sua memória em busca de palavras antigas sobre esse dilema tão humano. Ela lhes falou das *Troadas de Sêneca* , do Vulteius de Lucano, do martírio de Catão e Sócrates.

Ela citou para eles Cícero, Horácio e Plínio, o Velho. *A morte é o maior bem da natureza. A morte é um estado melhor. A morte liberta a alma imortal. A morte é transcendência. A morte é um ato de bravura, um glorioso ato de desafio* .

Sêneca, o Jovem, descrevendo Catão: *una manu latam libertati viam faciet* . *

Virgílio, descrevendo Dido: *Sic, sic iuvat ire sub umbras* . *

Nada disso realmente foi absorvido; nada disso os comoveu, pois teorizar sobre a morte nunca poderia. Palavras e pensamentos sempre esbarravam no limite imóvel do fim iminente e permanente. Ainda assim, a voz dela, firme e inabalável, era um conforto; eles deixaram isso passar por seus ouvidos, embalando-os nessas horas finais.

Juliana olhou pela janela. 'Eles estão atravessando o gramado.'

“Não amanheceu”, disse Robin.

“Eles estão se mudando”, ela disse simplesmente.

'Bem, então', disse o professor Craft, 'é melhor continuarmos com isso.'

Eles ficaram.

Eles não enfrentariam seus fins juntos. Cada homem e mulher para a sua posição – para as pirâmides de prata distribuídas em diferentes pisos e diferentes alas por todo o edifício, posicionadas desta forma para reduzir as hipóteses de qualquer

parte da torre permanecer intacta. Quando as paredes caíssem sobre eles, ficariam sozinhos, e era por isso que, à medida que o momento se aproximava, parecia tão impossível separar-se.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Ibrahim.

“Eu não quero morrer”, ele sussurrou. 'Deve haver algum outro - eu não quero morrer.'

Todos sentiam o mesmo, uma esperança desesperada por alguma chance de fuga.

Nestes últimos momentos, os segundos não foram suficientes. Em teoria, essa decisão que tomaram foi algo lindo. Em teoria seriam mártires, heróis, aqueles que desviaram a história do seu caminho. Mas nada disso foi um conforto. No momento, tudo o que importava era que a morte era dolorosa, assustadora e permanente, e nenhum deles queria morrer.

Mas mesmo enquanto tremiam, nenhum deles quebrou. Afinal, era apenas um desejo. E

o Exército estava a caminho.

“Não vamos demorar”, disse o professor Craft, e eles subiram as escadas para seus respectivos andares.

Robin permaneceu no centro do saguão, sob o lustre quebrado, cercado por oito pirâmides de barras de prata da mesma altura que ele. Ele respirou fundo, observando o ponteiro dos segundos bater no relógio acima da porta.

As torres sineiras de Oxford estavam mudas há muito tempo. À medida que o minuto se aproximava, a única indicação da hora era o tique-taque sincronizado dos relógios de pêndulo, todos posicionados no mesmo lugar em todos os andares. Eles escolheram seis horas em ponto; um tempo arbitrário, mas precisavam de um momento final, de um facto inabalável sobre o qual fixar a sua vontade.

Um minuto para as seis.

Ele soltou um suspiro trêmulo. Seus pensamentos voaram, procurando desesperadamente por algo em que pensar que não fosse isso. Ele não se deteve

em memórias coerentes, mas em detalhes hiperespecíficos – o peso salgado do ar no mar, o comprimento dos cílios de Victoire, o engasgo na voz de Ramy pouco antes de ele explodir em gargalhadas. Ele se agarrou a eles, permaneceu lá o máximo que pôde, recusou-se a deixar sua mente ir para qualquer outro lugar.

Vinte segundos.

A coragem calorosa de um bolinho no Vaults. Os abraços doces e farinhentos da Sra.

Piper. Biscoitos amanteigados de limão derretendo em néctar em sua língua.

Dez.

O gosto amargo da cerveja e a picada da risada de Griffin. O cheiro azedo do ópio. Jantar na Antiga Biblioteca; curry perfumado e o fundo queimado de batatas salgadas demais.

Risos altos, desesperados e histéricos.

Cinco.

Ramy, sorrindo. Ramy, alcançando.

Robin colocou a mão na pirâmide mais próxima, fechou os olhos e respirou: ' *Fānyì* .

Traduzir.'

O toque agudo ecoou pela sala, o grito de uma sirene, reverberando através de seus ossos. Um estertor de morte, ressoando por toda a torre, pois todos haviam cumprido seu dever; ninguém recusou.

Robin exalou, tremendo. Não há espaço para hesitação. Não há tempo para medo. Ele moveu a mão para as barras da próxima pilha e sussurrou novamente. ' *Fanyì* . Traduzir.'

De novo. ' *Fanyì* . Traduzir.' E de novo. ' *Fanyì* . Traduzir.'

Ele sentiu uma mudança sob seus pés. Ele viu as paredes tremendo. Os livros

caíram das prateleiras. Acima dele, algo gemeu.

Ele pensou que ficaria com medo.

Ele pensou que estaria fixado na dor; sobre como seria a sensação quando oito mil toneladas de escombros caíssem sobre ele de uma só vez; sobre se a morte poderia ser instantânea, ou poderia ocorrer em incrementos terrivelmente pequenos quando suas mãos e membros fossem esmagados, quando seus pulmões lutassem para se expandir em um espaço cada vez menor.

Mas o que mais o impressionou naquele momento foi a beleza. As barras cantavam, tremiam; tentando, pensou ele, expressar alguma verdade indizível sobre eles mesmos, que era que a tradução era impossível, que o reino do significado puro que eles capturaram e manifestaram seria e não poderia ser conhecido, que o empreendimento desta torre tinha sido impossível desde o início.

Pois como poderia haver uma linguagem Adâmica? O pensamento agora o fez rir. Não existia uma linguagem inata e perfeitamente compreensível; não havia candidato, nem inglês, nem francês, que pudesse intimidar e absorver o suficiente para se tornar um. A

linguagem era apenas diferença. Mil maneiras diferentes de ver, de se movimentar pelo mundo. Não; mil mundos dentro de um. E a tradução – um esforço necessário, embora fútil, para transitar entre eles.

Ele voltou para sua primeira manhã em Oxford: escalando uma colina ensolarada com Ramy, cesta de piquenique na mão. Cordial de flor de sabugueiro. Brioche quente, queijo picante e torta de chocolate de sobremesa. O ar naquele dia cheirava a uma promessa, toda Oxford brilhava como uma iluminação e ele estava se apaixonando.

“É tão estranho”, disse Robin. Naquela época eles já haviam ultrapassado o ponto da honestidade; eles falavam um com o outro sem filtros, sem medo das consequências. 'É

como se eu te conhecesse desde sempre.'

— Eu também — disse Ramy.

“E isso não faz sentido”, disse Robin, já bêbado, embora não houvesse álcool no cordial.

— Porque conheço você há menos de um dia, e ainda assim. . . .'

'Acho', disse Ramy, 'que é porque quando eu falo, você escuta.'

— Porque você é fascinante.

'Porque você é um bom tradutor.' Ramy se apoiou nos cotovelos. “Isso é tradução, eu acho. Isso é tudo que falar é. Ouvir o outro e tentar enxergar além de seus próprios preconceitos para vislumbrar o que eles estão tentando dizer. Mostrando-se ao mundo e esperando que alguém entenda.

O teto estava começando a desmoronar; primeiro fluxos de seixos, depois pedaços inteiros de mármore, expondo tábuas, quebrando vigas. As prateleiras desabou. A luz do sol iluminava a sala onde antes não havia janelas. Robin olhou para cima e viu Babel caindo sobre ele e, além disso, o céu antes do amanhecer.

Ele fechou os olhos.

Mas ele esperou que a morte chegasse antes. Ele se lembrava disso agora – ele conhecia a morte. Não tão abruptamente, não, não tão violentamente. Mas a lembrança de esperar desaparecer ainda estava trancada em seus ossos; lembranças de um quarto velho e quente, de paralisia, de sonhar com o fim. Ele se lembrou da quietude. A paz. Quando as janelas se quebraram, Robin fechou os olhos e imaginou o rosto da mãe.

Ela sorri. Ela diz o nome dele.

Epílogo

Vitória

Victoire Desgraves sempre foi boa em sobreviver.

A chave, ela aprendeu, é recusar-se a olhar para trás. Mesmo enquanto ela corre para o norte a cavalo através de Cotswolds, com a cabeça inclinada contra os galhos chicoteados, uma parte dela quer estar na torre, com seus amigos, sentindo as paredes caírem ao seu redor. Se eles morrerem, ela quer que sejam

enterrados juntos.

Mas a sobrevivência exige cortar o cordão umbilical. A sobrevivência exige que ela olhe apenas para o futuro. Quem sabe o que vai acontecer agora? O que aconteceu hoje em Oxford é impensável e as suas ramificações inimagináveis. Não há precedente histórico para isso. A conjuntura está baleada. A história, pela primeira vez, é fluida.

Mas Victoire conhece o impensável. A libertação da sua pátria era impensável mesmo no momento em que aconteceu, pois ninguém em França ou em Inglaterra, nem mesmo os proponentes mais radicais da liberdade universal, acreditava que os escravos – criaturas que nunca pensaram que se enquadrassem nas suas categorias de seres racionais, detentores de direitos e esclarecidos. homens – exigiriam a sua própria libertação. Dois meses após a notícia da revolta de Agosto de 1791, Jean Pierre Brissot, ele próprio membro fundador dos Amis des Noirs, anunciou à Assembleia Francesa que esta notícia devia ser falsa, pois como todos sabiam, os escravos eram simplesmente incapazes de uma acção tão rápida, ação coordenada e desafiadora. Um ano após o início da revolução, muitos ainda acreditavam que em breve a agitação seria reprimida, que as coisas voltariam ao normal, pois *normal* significava domínio branco sobre os negros.

Eles estavam, é claro, errados.

Mas quem, na história viva, alguma vez compreendeu o seu papel na tapeçaria? Durante a maior parte de sua vida, Victoire nem sabia que vinha da primeira república negra do mundo.

Aqui está tudo o que ela sabia, antes de Hermes:

Ela nasceu no Haiti, Ayiti, em 1820, mesmo ano em que o rei Henry Christophe, temendo um golpe, tirou a própria vida. Sua esposa e filhas fugiram para a casa de um benfeitor inglês em Suffolk. A mãe de Victoire, uma empregada da rainha exilada, foi com eles. Ela sempre se referiu a isso como o seu grande voo e, assim que pôs os pés em Paris, recusou-se a pensar novamente no Haiti como seu lar.

A compreensão de Victoire da história haitiana é de maldições noturnas; de um magnífico palácio chamado Sans Souci, lar do primeiro rei negro do Novo Mundo; de homens armados; de vagas divergências políticas ela não entende

que, de alguma forma, desenraizaram a sua vida e a enviaram para o outro lado do Atlântico. Quando criança, ela conhecia a sua pátria como um lugar de violência e de lutas bárbaras pelo poder, pois era assim que se falava dela em França, e foi nisso que a sua mãe exilada escolheu acreditar.

'Tivemos sorte', sussurrou a mãe, 'por termos sobrevivido.'

Mas a mãe dela não sobreviveu à França. Victoire nunca soube como sua mãe, uma mulher nascida livre, foi enviada de Suffolk para trabalhar na casa de um acadêmico parisiense aposentado, o professor Emile Desjardins. Ela não sabe quais promessas os amigos de sua mãe lhe fizeram, se o dinheiro mudou de mãos ou não. Ela sabe apenas que em Paris, na propriedade dos Desjardins, eles não foram autorizados a sair – pois aqui ainda existiam formas de escravidão, como existiam em todo o mundo; uma condição crepuscular, as regras não escritas, mas implícitas. E quando a mãe dela adoeceu, os Desjardins não mandaram chamar um médico. Eles simplesmente fecharam a porta do quarto dela e esperaram do lado de fora até que uma empregada entrasse, sentisse sua respiração e pulso e anunciasse que ela havia morrido.

Depois trancaram Victoire num armário e não a deixaram sair, com medo de que a doença se espalhasse. Mas o contágio atingiu o resto da família de qualquer maneira, e mais uma vez os médicos foram impotentes para fazer qualquer coisa a não ser observar o seu curso.

Vitória sobreviveu. A esposa do professor Desjardins sobreviveu. Suas filhas sobreviveram. O próprio professor morreu e, com ele, a única ligação de Victoire com as pessoas que supostamente amavam sua mãe, mas que de alguma forma a venderam.

A casa ficou em mau estado. Madame Desjardins, uma mulher loura e de rosto tenso, mantinha contas ruins e gastava prodigiosamente. O dinheiro estava apertado. Despediram a empregada – por que ficar com uma, argumentaram, quando tinham Victoire? Da noite para o dia, Victoire tornou-se responsável por dezenas de tarefas: manter o fogo, polir a prataria, tirar o pó dos quartos, servir o chá. Mas estas não eram tarefas para as quais ela tivesse sido treinada. Ela foi criada para ler, compor e interpretar, e não para administrar uma casa, e por isso eles a repreendiam e batiam.

Ela não encontrou conforto nas duas filhinhas de Madame Desjardins, que

tiveram grande prazer em anunciar aos convidados que Victoire era uma órfã que haviam resgatado da África. “De Zanzibar”, cantavam em uníssono. ' *Zaanzibar!* '

Mas não foi tão ruim.

Não era assim tão mau, disseram-lhe, em comparação com o seu país natal, o Haiti, que estava infestado de crime, que estava a ser levado à pobreza e à anarquia por um regime incompetente e ilegítimo. Você tem sorte, disseram eles, de estar aqui conosco, onde as coisas são seguras e civilizadas.

Nisto ela acreditava. Ela não tinha como saber de mais nada.

Ela poderia ter fugido, mas o Professor e Madame Desjardins a mantiveram tão protegida, tão isolada do mundo exterior, que ela não tinha ideia de que tinha o direito legal de ser livre. Victoire cresceu na grande contradição da França, cujos cidadãos em 1789 emitiram uma declaração dos direitos do homem, mas não aboliram a escravatura e preservaram o direito à propriedade, incluindo bens móveis.

A libertação foi uma série de coincidências, de engenhosidade, desenvoltura e sorte.

Victoire examinou as cartas do professor Desjardins, procurando uma escritura, alguma prova de que ele era o dono dela e de sua mãe. Ela nunca encontrou. Mas ela soube de um lugar chamado Royal Institute of Translation, um lugar onde ele estudou na juventude, um lugar para onde ele escreveu sobre ela, na verdade. Ele lhes contou sobre a garotinha brilhante de sua casa, sobre sua memória prodigiosa e seu talento para grego e latim. Ele

pretendia mostrar-lhe a Europa durante a turnê. Talvez eles possam estar interessados em uma entrevista?

E assim ela criou as condições para sua própria liberdade. Quando os amigos do professor Desjardins em Oxford finalmente responderam, expressando que ficariam muito felizes em ter a talentosa Srta. Desgraves no Instituto e que pagariam a passagem, pareceu uma grande fuga.

Mas a verdadeira libertação de Victoire Desgraves não aconteceu até ela conhecer Anthony Ribben. Foi somente após sua admissão na Sociedade Hermes

que ela aprendeu a se chamar de haitiana. Ela aprendeu a se orgulhar de seu Kreyòl, irregular, meio lembrado, mal distinguível de seu francês. (Madame Desjardins costumava esbofeteá-la sempre que ela falou em Kreyòl. 'Cale a boca', ela dizia, 'eu te disse, você deve falar francês, o francês do francês.') Ela também aprendeu que, para grande parte do resto do mundo, a Revolução Haitiana não foi uma experiência fracassada, mas um farol de ter esperança.

Ela aprendeu que a revolução é, na verdade, sempre inimaginável. Isso destrói o mundo que você conhece. O futuro não está escrito e está repleto de potencial. Os colonizadores não têm ideia do que está por vir e isso os deixa em pânico. Isso os aterroriza.

Bom. Deveria.

Ela não tem certeza para onde está indo agora. Ela tem alguns envelopes no bolso do casaco: conselhos de despedida de Anthony e codinomes de vários contatos. Amigos nas Maurícias, nas Seychelles e em Paris. Talvez um dia ela volte para a França, mas ainda não está pronta. Ela sabe que há uma base na Irlanda, mas no momento gostaria muito de estar fora do continente. Talvez um dia ela volte para casa e veja, com os seus próprios olhos, a impossibilidade histórica de um Haiti livre. Neste momento ela está embarcando em um navio para a América, onde pessoas como ela ainda não são livres, porque foi o primeiro navio em que ela conseguiu reservar passagem e porque precisava sair da Inglaterra o mais rápido possível.

Ela tem a carta de Griffin que Robin nunca abriu. Enquanto isso, ela leu tantas vezes que o memorizou. Ela conhece três nomes – Martlet, Oriel e Rook. Ela consegue ver mentalmente a frase final, rabiscada antes das assinaturas como uma reflexão tardia: *Não somos os únicos.*

Ela não sabe quem são esses três. Ela não sabe o que esta frase significa. Ela descobrirá, um dia, e a verdade a deixará deslumbrada e horrorizada. Mas por enquanto são apenas sílabas encantadoras que significam todos os tipos de possibilidades, e possibilidades –

esperança – são as únicas coisas às quais ela pode se agarrar agora.

Ela tem prata nos bolsos, prata nas costuras do vestido, tanta prata em seu corpo que ela se sente rígida e pesada quando se move. Seus olhos estão inchados de lágrimas, sua garganta dolorida com soluços abafados. Ela tem os rostos de seus

amigos mortos gravados em sua memória. Ela continua imaginando seus últimos momentos: seu terror, sua dor enquanto as paredes desabavam ao seu redor.

Ela não se *deixa* pensar nos amigos como eles eram, vivos e felizes. Não Ramy, destruído em seu auge; não Robin, que derrubou uma torre sobre si mesmo porque não conseguia pensar em uma maneira para continuar vivendo. Nem mesmo Letty, que continua viva; que, se souber que Victoire também vive, irá caçá-la até os confins da terra.

Letty, ela sabe, não pode permitir que ela ande livremente. Até a ideia de Victoire é uma ameaça. Isso ameaça o âmago do seu ser. É a prova de que ela está, e sempre esteve, errada.

Ela não se permitirá lamentar essa amizade, por mais verdadeira, terrível e abusiva que seja. Chegará um momento de tristeza. Haverá muitas noites na viagem em que a tristeza será tão grande que ameaça despedaçá-la; quando ela se arrepende de sua decisão de viver; quando ela amaldiçoa Robin por colocar esse fardo sobre ela, porque ele estava certo: ele não estava sendo corajoso, não estava escolhendo o sacrifício. A morte é sedutora. Vitória resiste.

Ela não pode chorar agora. Ela deve continuar se movendo. Ela deve correr o mais rápido que puder, sem saber o que há do outro lado.

Ela não tem ilusões sobre o que encontrará. Ela sabe que enfrentará uma crueldade imensurável. Ela sabe que o seu maior obstáculo será a fria indiferença, nascida de um investimento profundo num sistema económico que privilegia alguns e esmaga outros.

Mas ela pode encontrar aliados. Ela pode encontrar um caminho a seguir.

Anthony chamou a vitória de uma inevitabilidade. Anthony acreditava que as contradições materiais da Inglaterra iriam despedaçá-la, que o seu movimento teria sucesso porque as folias do Império eram simplesmente insustentáveis. Foi por isso, argumentou ele, que eles tiveram uma chance.

Victória sabe melhor.

A vitória não está garantida. A vitória pode estar nos presságios, mas deve ser promovida pela violência, pelo sofrimento, pelos mártires, pelo sangue. A vitória é conquistada pela engenhosidade, persistência e sacrifício. A vitória é um jogo

de centímetros, de contingências históricas onde tudo dá certo porque eles fizeram dar certo.

Ela não pode saber que forma essa luta assumirá. Há tantas batalhas a travar, tantas lutas em tantas frentes – na Índia, na China, nas Américas – todas ligadas entre si pelo mesmo impulso de explorar aquilo que não é branco e inglês. Ela sabe apenas que estará presente em cada situação imprevisível e que lutará até o último suspiro.

“ *Mande mwen yon ti kou ankò ma di ou* ”, ela dissera a Anthony certa vez, quando ele lhe perguntara pela primeira vez o que ela achava de Hermes, se ela achava que eles poderiam ter sucesso.

Ele tentou o seu melhor para comparar Kreyòl com o que sabia de francês, então desistiu. 'O que isso significa?'

“Não sei”, disse Victoire. 'Pelo menos dizemos isso quando não sabemos a resposta ou não nos importamos em compartilhá-la.'

'E o que isso significa literalmente?'

Ela piscou para ele. 'Pergunte-me um pouco mais tarde e eu lhe direi.'

Reconhecimentos

Babel trata de mundos infinitos de línguas, culturas e histórias – muitas das quais não conheço – e a sua escrita não teria sido possível sem os amigos que partilharam os seus conhecimentos comigo. Muitos, muitos agradecimentos são necessários:

Primeiro, a Peng Shepherd, Ehigbor Shultz, Farah Naz Rishi, Sarah Mughal e Nathalie Gedeon por me ajudarem a garantir que Robin, Ramy e Victoire fossem escritos com detalhes e compaixão. A Caroline Mann e Allison Resnick pela sua experiência em Clássicos; a Sarah Forssman, Saoudia Ganiou e De'Andre Ferreira pela ajuda nas traduções; e aos meus queridos professores em Yale – em particular Jing Tsu, Lisa Lowe e Denise Ho – por moldarem o meu pensamento sobre a colonialidade, a pós-colonialidade e a influência da linguagem no poder.

Sou apoiado pelas equipes mais maravilhosas da Harper Voyager em ambos os lados do lago. Obrigado aos meus editores, David Pomerico e Natasha Bardon;

bem como para Fleur Clarke, Susanna Peden, Robyn Watts, Vicky Leech, Jack Renninson, Mireya Chiriboga, Holly Rice-Baturin e DJ DeSmyter.

Obrigado aos artistas que fizeram *Babel* ter essa aparência: Nico Delort, Kimberly Jade McDonald e Holly Macdonald.

Obrigado também a Hannah Bowman, sem a qual nada disto seria possível, e a toda a equipa da Liza Dawson Associates – especialmente Havis Dawson, Joanne Fallert, Lauren Banka e Liza Dawson.

Obrigado a Julius Bright-Ross, Taylor Vandick, Katie O'Nell e ao café Vaults & Garden, que tornaram suportáveis aqueles meses estranhos e tristes em Oxford. E obrigado aos manos de New Haven – Tochi Onyebuchi, Akanksha Shah e James Jensen – pelas pizzas e pelas risadas. Todos saudam o Grande Ovo.

Obrigado a Tiff e Chris por ajudarem a administrar o Coco's Cocoa, um maravilhoso café interdimensional mágico de propriedade de cães, onde a maior parte deste manuscrito foi escrita.

Obrigado a Bennett, que foi a melhor companhia que eu poderia ter pedido durante aquele ano longo, solitário e terrível em que *Babel* se reuniu, e cujos conselhos moldaram tantos detalhes desta história. Ele gostaria que todos soubessem que ele deu nome ao livro, assim como à Sociedade Hermes, pois embora eu tenha um senso para o literário, ele tem um senso para o incrível.

Por fim, obrigado à mamãe e ao papai, a quem devo tudo.

Sobre o autor

REBECCA F. KUANG é Marshall Scholar, tradutora e autora indicada ao prêmio Hugo, Nebula, Locus e World Fantasy da trilogia Poppy War e do romance *Babel* . Ela possui um mestrado em Estudos Chineses por Cambridge e um mestrado em Estudos Chineses Contemporâneos por Oxford; ela agora está fazendo doutorado em Línguas e Literaturas do Leste Asiático em Yale.

Descubra grandes autores, ofertas exclusivas e muito mais em hc.com .

Também por RF Kuang

A Guerra da Papoula

A República do Dragão

O Deus Ardente



Sign up for Bookperk and get e-book bargains, sneak peeks, special offers, and more—delivered straight to your inbox.

SIGN UP NOW

direito autoral

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia e não devem ser interpretados como reais. Qualquer semelhança com eventos, locais, organizações ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

BABEL . Copyright © 2022 por RF Kuang. Todos os direitos reservados pelas Convenções Internacionais e Pan-Americanas de Direitos Autorais. Mediante o pagamento das taxas exigidas, você recebeu o direito não exclusivo e

intransferível de acessar e ler o texto deste e-book na tela. Nenhuma parte deste texto pode ser reproduzida, transmitida, baixada, descompilada, submetida a engenharia reversa ou armazenada ou introduzida em qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, agora conhecido ou futuramente inventado. , sem a permissão expressa por escrito dos e-books da HarperCollins.

Harper Voyager e design são marcas registradas da HarperCollins Publishers LLC.

Design da capa por Richard L. Aquan

Ilustração da capa @ Nicolas Delort

Direitos autorais da ilustração do brasão © 2022 HarperCollinsPublishers
Ilustração do mapa e da torre com direitos autorais © 2022 Nicolette Caven
PRIMEIRA EDIÇÃO

Edição digital AGOSTO 2022 ISBN: 978-0-06-302144-0

Versão 06062022

Imprimir ISBN: 978-0-06-302142-6

Sobre a editora

Austrália

HarperCollins Publishers Australia Pty.

Nível 13, Rua Elizabeth 201

Sydney, NSW 2000, Austrália

www.harpercollins.com.au

Canadá

HarperCollins Editora Ltda

Bay Adelaide Centre, Torre Leste

Rua Adelaide, 22 Oeste, 41º andar

Toronto, Ontário, M5H 4E3

www.harpercollins.ca

Índia

HarperCollins Índia

A 75, Setor 57

Noida

Utar Pradesh 201 301

www.harpercollins.co.in

Nova Zelândia

Editora HarperCollins Nova Zelândia

Unidade D1, 63 Apollo Drive

Rosedale 0632

Auckland, Nova Zelândia

www.harpercollins.co.nz

Reino Unido

HarperCollins Publishers Ltd.

1 Rua da Ponte de Londres

Londres SE1 9GF, Reino Unido

www.harpercollins.co.uk

Estados Unidos

HarperCollins Publishers Inc.

195 Broadway

Nova York, NY 10007

www.harpercollins.com

* Por exemplo, nunca ouvi ninguém referir-se à High Street como “The High” quando estava em Oxford, mas GV Cox diz-nos o contrário.

* No Livro IV, Capítulo VII de *A Riqueza das Nações* , Adam Smith argumenta contra o colonialismo alegando que a defesa das colónias é um dreno de recursos e que os ganhos económicos do comércio colonial monopolista são uma ilusão. Ele escreve: 'A Grã-Bretanha não obtém nada além de perdas com o domínio que assume sobre suas colônias.' Essa visão não foi amplamente compartilhada na época.

* *E u matei Cock Robin.*

Quem o viu morrer?

* William Blake, 'Jerusalém', 1804.

* Como a família de Robin havia migrado recentemente para o sul, ele cresceu falando mandarim e cantonês. Mas o seu cantonês, informou-lhe o professor Lovell, poderia agora ser esquecido. O mandarim era a língua da corte imperial Qing em Pequim, a língua dos funcionários e estudiosos e, portanto, o único dialeto que importava.

Esta visão é um efeito colateral da dependência da Academia Britânica em relação à escassa investigação ocidental anterior. O dicionário português-chinês de Matteo Ricci era do dialeto mandarim que ele aprendeu na corte Ming; Os dicionários chineses de Francisco Varo, Joseph Prémare e Robert Morrison também eram de mandarim. Os sinólogos britânicos daquela época, portanto, estavam muito mais focados no mandarim do que em outros dialetos. E então Robin foi convidado a esquecer sua língua nativa preferida.

* 'Roubo, carnificina e furto - eles chamam essas coisas de império, e onde criam um deserto, chamam isso de paz.'

* *H ampstead Heath* rima com *dentes* . Exemplo: 'Ela ainda tem todas as suas cabanas para bebês.'

* Jantar, pecador.

* Um erro razoável. Por *estupro* , Pope quis dizer 'arrebatar, tomar à força', que é um significado mais antigo derivado do latim *rapere* .

* Porque ele possuía escravos.

* Este seria o último título de Marryat que Robin leu. Foi tão bem. Os romances de Frederick Marryat, embora repletos de aventuras em alto mar e de coragem que os tornavam queridos pelos jovens ingleses, também retratavam os negros como escravos felizes e satisfeitos e os índios americanos como nobres selvagens ou bêbados dissolutos. Descreveu chineses e indianos como “raças de estatura inferior e de pessoa efeminada”.

* Enquanto os jornais semanais registravam o aumento do número de mortes, Robin perguntou à Sra. Piper por que os médicos não podiam simplesmente sair por aí curando os doentes com prata, como o professor Lovell havia feito com ele.

“A prata é cara”, respondeu a Sra. Piper, e foi a última vez que falaram sobre isso.

* Aqui o Sr. Hallows esquece que a escravatura de bens móveis, em que os escravos eram tratados como propriedade e não como pessoas, é uma invenção totalmente europeia.

* Na verdade, na sequência da libertação do Haiti, os britânicos começaram a brincar com a ideia de importar trabalhadores de outras raças, como os chineses (“um povo sóbrio, paciente e trabalhador”), como uma possível alternativa ao trabalho escravo africano. A experiência *Fortitude* de 1806 tentou estabelecer uma colónia de duzentos trabalhadores chineses em Trinidad para criar uma “barreira entre nós e os negros”. A colônia fracassou e a maioria dos trabalhadores logo retornou à sua China natal. Ainda assim, a ideia de substituir a mão-de-obra africana pela mão-de-obra chinesa permaneceu atractiva para os empresários britânicos e seria continuamente reavivada ao longo do século XIX.

* Anteriormente conhecida como Gropecunt Lane, Magpie Lane era

originalmente, como o nome sugere, uma rua de bordéis. Isto não foi mencionado no guia de Robin.

* Houve uma vez um menino chamado Henry Little que visitou Hampstead com o pai, um dos colegas do professor Lovell na Royal Asiatic Society. Robin tentou iniciar uma conversa com ele sobre scones, que ele considerou uma salva de abertura tão boa quanto qualquer outra, mas Henry Little simplesmente estendeu a mão e esticou as pálpebras de Robin com tanta força que Robin, assustado, deu-lhe um chute na canela. Robin foi banido para o seu quarto e Henry Little para o jardim; O professor Lovell não convidou seus colegas para trazerem os filhos desde então.

* Isso era verdade. O University College produziu, entre outros, um Chefe de Justiça de Bengala (Sir Robert Chambers), um Chefe de Justiça de Bombaim (Sir Edward West) e um Chefe de Justiça de Calcutá (Sir William Jones). Todos eram homens brancos.

* (*wú*) significa 'negativo, não, sem';(*xíng*) significa 'aparência, forma, formato'. significa não apenas invisível, mas intangível. Para ilustrar: o poeta Zhang Shunmin, da dinastia Song do Norte, escreveu certa vez que ',

'; que os poemas eram pinturas incorpóreas (*wúxíng*) e as pinturas eram poemas corpóreos.

* (*bāngmáng*), 'ajudar, dar uma mão'.

* Sarah Stickney Ellis, uma autora conhecida, publicou vários livros (incluindo *The Wives of England* , *The Mothers of England* e *The Daughters of England*) argumentando que as mulheres tinham um imperativo moral para melhorar a sociedade através da propriedade doméstica e da conduta virtuosa. Robin não tinha uma opinião forte sobre o assunto; ele pegou o trabalho dela por acidente.

* Esta é, francamente, uma descrição bastante generosa do Departamento Jurídico. Poderíamos também argumentar que o negócio dos tradutores no setor jurídico era manipular a linguagem para criar condições favoráveis para os partidos europeus. Um exemplo é a alegada venda de terras pelo rei Paspehay aos ingleses na Virgínia “por cobre”, apesar da dificuldade óbvia de traduzir com precisão as noções de realeza europeia ou de terra como propriedade para as línguas algonquinas. A solução jurídica para estas questões foi simplesmente declarar que os Algonquins eram demasiado selvagens para terem desenvolvido

esses conceitos, e foi bom que os ingleses estivessem lá para os ensinar.

* Ele não era. O oitavo andar do Instituto foi reconstruído sete vezes desde a construção inicial do prédio.

* Uma boa quantidade de estudos ocidentais fundamentais sobre sânscrito foi feita por românticos alemães como Herder, Schlegel e Bopp. Nem todas as suas monografias tinham sido traduzidas para o inglês – pelo menos não bem – e por isso a maioria dos estudantes que estudavam sânscrito em Babel também eram obrigados a aprender alemão.

* Cf. o relacionado *unheimlich alemão* .

* Isto é verdade. A matemática não está divorciada da cultura. Tomemos como exemplo os sistemas de contagem – nem todas as línguas usam a base dez. Ou geometria – a geometria euclidiana pressupõe uma concepção de espaço não partilhada por todos. Uma das maiores mudanças intelectuais da história envolve a transição dos algarismos romanos para os algarismos arábicos mais elegantes, cuja notação de valor posicional e conceito de zero, que não significa nada, tornaram possíveis novas formas de aritmética mental. Velhos hábitos são difíceis de morrer; em 1299, os mercadores de Florença foram proibidos pela Arte del Cambio florentina de usar zero e algarismos arábicos: 'Ele escreverá aberta e completamente por carta.'

* Assim como Robin, Ilse era conhecida pelos ingleses não pelo nome de nascimento, mas por um nome adotado; uma combinação de um nome anglicizado escolhido (Ilse) e a ilha de onde ela veio (Dejima).

* Os meninos ficaram de fora dessa. Particularmente, Ramy achava que Letty tinha razão de que, como mulher, ela não tinha o direito de herdar nada do patrimônio de Price, para começar. Robin achou um pouco estranho ela se chamar de

“empobrecida”, quando todos recebiam uma quantia considerável o suficiente para poderem jantar fora sempre que quisessem.

* Robin, Victoire e Ramy ficaram muito desapontados ao saber que a carne enlatada não tinha nada a ver com milho, mas com o tamanho dos cristais de sal-gema usados para curar a carne.

* Um vigarista, um vigarista.

* Gíria de ladrão para carcereiro (*jigger* significa 'porta' e *dubber* significa 'mais perto').

* .

* 'Sobre Agricultura'.

* Estas recepções foram divertidas no início, mas rapidamente se tornaram cansativas quando se tornou evidente que os estudiosos de Babel estavam lá menos como convidados ilustres e mais como animais de zoológico em exibição, esperados para dançar e se apresentar para doadores ricos. Robin, Victoire e Ramy sempre foram tratados como representantes nacionais dos países de onde pareciam vir. Robin teve que aguentar conversas excruciantes sobre jardins botânicos chineses e artigos de laca; Esperava-se que Ramy elaborasse o funcionamento interno da “raça hindu”, fosse lá o que isso significasse; e Victoire, estranhamente, sempre recebia pedidos de conselhos especulativos no Cabo.

* Através de Colin Thornhill e dos irmãos Sharp, Robin tomou conhecimento de vários 'conjuntos' de pessoas com quem se poderia conviver, que incluíam 'homens rápidos', 'homens lentos', 'homens que leem', 'cavalheiros', 'cads', ' pecadores',

'sorridentes' e 'santos'. Ele pensou que talvez se qualificasse como um “homem leitor”. Ele esperava não ser um 'cad'.

* Muitos estudantes românticos da Universidade se imaginavam sucessores de Percy Bysshe Shelley, que raramente assistia às palestras, foi expulso por se recusar a admitir a autoria de um panfleto intitulado 'A Necessidade do Ateísmo', casou-se com uma bela garota chamada Mary e mais tarde se afogou em uma violenta tempestade. ao largo do Golfo de Larici.

* Robin, apesar de sua antipatia geral por Shelley, ainda leu seus pensamentos sobre tradução, que ele respeitava de má vontade: 'Daí a vaidade da tradução; seria tão sensato lançar uma violeta num cadinho para descobrir o princípio formal de sua cor e odor, quanto tentar transfundir de uma língua para outra as criações de um poeta. A planta deve brotar novamente de sua semente, ou não produzirá nenhuma flor – e este é o peso da maldição de Babel.'

* Por exemplo: 'Você sabe como os franceses se referem a uma situação infeliz? *Triste como un repas sans fromage* . Triste como uma refeição sem queijo. Qual é, na verdade, o estado de todos os queijos ingleses.

* Karl Wilhelm von Humboldt é talvez mais famoso por escrever em 1836 'Sobre a diferença estrutural das línguas humanas e sua influência no desenvolvimento intelectual da raça humana', no qual argumenta, entre outras coisas, que a língua de uma cultura está profundamente ligada às capacidades e características mentais daqueles que os falam, o que explica por que o latim e o grego são mais adequados para o raciocínio intelectual sofisticado do que, digamos, o árabe.

* As aplicações militares deste par não foram tão úteis quanto o professor Playfair fez parecer. Era impossível especificar *quais* conhecimentos se desejava remover, e muitas vezes o par apenas fazia com que os soldados inimigos se esquecessem de como amarrar as botas ou de como falar o inglês fragmentado que conheciam. O duque de Wellington não ficou impressionado.

* No final do século XVIII, houve uma breve mania do potencial de trabalho com prata de línguas criadas, como a mística Lingua Ignota da abadessa Hildegard de Bingen, que tinha um glossário de mais de mil palavras; a linguagem da verdade de John Wilkins, que envolvia um elaborado esquema de classificação para todas as coisas conhecidas no universo; e Sir Thomas Urquhart, da 'Linguagem Universal' de Cromarty, que tentou reduzir o mundo a uma expressão perfeitamente racional da aritmética. Todos estes vacilaram num obstáculo comum que mais tarde foi aceite como verdade básica em Babel: que as línguas são mais do que meras cifras e devem ser usadas para nos expressarmos aos outros.

* .

* .

* ' *Estranho* ', dizia Victoire, apontando para Robin, 'vem do nórdico antigo *aufgr* , que significa “virado para o lado errado, como uma tartaruga de costas”.'

'Então *Victoire* deve derivar de *vicioso* , não de *Victoria* , pois você não passa de vício', retrucava Robin.

* .

* .

* Um eufemismo. Poucas décadas depois da “descoberta” de Potosí em 1545, a cidade prateada tornou-se uma armadilha mortal para africanos escravizados e trabalhadores indígenas recrutados para trabalhar no meio de vapor de mercúrio, água suja e resíduos tóxicos. O “Rei das Montanhas e Inveja dos Reis” de Espanha era uma pirâmide construída sobre corpos perdidos devido a doenças, marchas forçadas, subnutrição, excesso de trabalho e um ambiente envenenado.

* Duas semanas depois do início de Michaelmas, vários calouros em Balliol alugaram vários barcos de passeio e, em suas folias bêbadas, criaram um engarrafamento no meio do Cherwell que amontoou três barcaças e uma casa flutuante, custando libras incalculáveis em danos. Como punição, a universidade suspendeu todas as corridas até o ano que vem.

* Foi preciso muito rigor e escrutínio para contribuir com qualquer coisa para uma Grammatica. Oxford ainda sofria com os constrangimentos enfrentados por um ex-professor visitante chamado George Psalmanazar, um francês que, alegando ser de Formosa, fingia ter a pele pálida dizendo que os formosanos viviam no subsolo. Ele deu palestras e publicou sobre as línguas Formosanas durante décadas antes de ser denunciado como uma fraude completa.

* Omar ibn Said foi um estudioso islâmico da África Ocidental capturado como escravo em 1807. Quando escreveu seu ensaio autobiográfico em 1831, ele ainda era escravizado pelo político americano James Owen na Carolina do Norte. Ele permaneceria escravizado pelo resto da vida.

* Este foi apenas o começo das múltiplas falhas do trabalho de Schlegel. Ele considerava o Islã um “teísmo vazio e morto”.

Ele também presumiu que os egípcios eram descendentes dos indianos e argumentou que o chinês e o hebraico eram inferiores ao alemão e ao sânscrito porque lhes faltava inflexão.

* Muitos dos clientes de Babel estavam prontos a acreditar que o seu trabalho em prata fazia uso de línguas estrangeiras, mas não que a sua manutenção envolvesse estudiosos estrangeiros, e mais de uma vez o professor Chakravarti teve que recrutar um dos quartos brancos do quarto ano para acompanhá-lo. e Robin em viagens apenas para levá-los até a porta.

* O manuscrito em questão – denominado Códice Baresch em homenagem ao alquimista que o trouxe à atenção do público – é um códice encadernado em pergaminho do que parece ser magia, ciência ou botânica. Está escrito em um alfabeto que combina alguns símbolos latinos e símbolos totalmente desconhecidos; este alfabeto não usa letras maiúsculas nem sinais de pontuação. A escrita parece mais próxima do latim e, de fato, faz uso de abreviações latinas, mas o propósito e o significado do manuscrito permaneceram um mistério desde a sua descoberta. O manuscrito foi adquirido por Babel em meados do século XVIII, e muitos estudiosos de Babel desde então não conseguiram traduzi-lo; o alfabeto usado para ligações de ressonância se inspira nos símbolos do manuscrito, mas não representa nenhum progresso na decifração do original.

* E mesmo esse ritual de exame era bastante inofensivo em comparação com a forma como as coisas eram feitas no final do século XVIII. Naquela época, o quarto ano estava sujeito ao que era chamado de “teste da porta”, no qual os examinandos recentes faziam fila para passar pela entrada na manhã seguinte ao término da avaliação. Aqueles que tivessem passado passariam pela porta sem problemas; aqueles que falhassem seriam tratados pela torre como invasores e sofreriam qualquer punição violenta que as proteções atuais foram projetadas para infligir. Esta prática foi finalmente abolida, alegando que a mutilação não era uma punição proporcional para o mau desempenho académico, mas o professor Playfair ainda fazia lobby anualmente para trazê-la de volta.

* Embora muitos graduados da Babel gostassem de trabalhar em Literatura ou Jurídico, o exame de trabalho prateado tinha riscos mais elevados para acadêmicos de origem estrangeira, que achavam difícil encontrar cargos de prestígio em departamentos que não fossem o oitavo andar, onde sua fluência em não- As línguas europeias eram mais valiosas. Griffin, ao ser reprovado no teste de ourivesaria, recebeu uma oferta de continuação em Direito. Mas o professor Lovell sempre expressou a crença de que nada, exceto o trabalho com prata, importava e que todos os outros departamentos eram para tolos sem imaginação e sem talento. O pobre Griffin, que cresceu sob seu teto desdenhoso e exigente, concordou.

* A *n oite* inglesa e *a noche* espanhola , por exemplo, são ambas derivadas do latim *nox.*

* Uma armadilha tão complicada quanto os falsos amigos são as etimologias populares: etimologias incorretas atribuídas pela crença popular a palavras que

na verdade tiveram origens diferentes. A palavra *handiron* , por exemplo, significa uma ferramenta de metal para apoiar toras em uma lareira. Ficamos tentados a presumir que sua etimologia envolvia as palavras *mão* e *ferro* separadamente. Mas *handiron* é verdadeiramente derivado do francês *andier* , que se tornou *andire* em inglês.

* *J īxīn* :; *jìxing* :.

* Um erro razoável. Os caracteres em *yànshǐ* são ., *shǐ* , significa 'história'. , *yàn* , pode significar tanto 'colorido'

quanto 'sexual, romântico'.

* .

* Gabriel Shire Tregear, um vendedor de impressos radicado em Londres e racista inflamado, publicou uma série de gravuras caricaturadas conhecidas como 'Piadas Negras de Tregear' na década de 1830, que visavam ridicularizar a presença de pessoas negras em situações sociais às quais Tregear pensava que não pertenciam. .

* Em meados do século XVIII, os estudiosos de Babel foram brevemente dominados por uma moda astrológica, e vários telescópios de última geração foram encomendados para o telhado em nome de estudiosos que pensavam que poderiam derivar pares úteis dos nomes de signos estelares. Esses esforços nunca renderam nada de interessante, pois a astrologia é falsa, mas observar as estrelas era agradável.

* Milton, 1645:

'Venha e viaje enquanto viaja,

No dedo do pé leve e fantástico.

* Naquela época, as autoridades de Oxford, assim como as de Londres, pareciam pensar que os pobres eram mais parecidos com crianças ou animais do que com adultos inteligentes e crescidos.

* Tal como acontece com todas as coisas valiosas e caras, havia um enorme mercado subterrâneo de barras de prata falsificadas e amadoras. Na New Cut, era

possível comprar amuletos para banir roedores, curar doenças comuns e atrair jovens cavalheiros ricos. A maioria foi composta sem uma compreensão básica dos princípios do trabalho com prata e envolvia feitiços elaborados em línguas inventadas, muitas vezes imitando línguas orientais. No entanto, algumas eram, ocasionalmente, aplicações bastante incisivas da etimologia popular. Por esta razão, o Professor Playfair conduziu uma pesquisa anual sobre pares de prata contrabandeados, embora o uso desta pesquisa fosse uma questão de extremo sigilo.

* Ao fazer isso, Babel e Morse perturbaram muito os inventores William Cooke e Charles Wheatstone, cuja própria máquina telegráfica havia sido instalada na Great Western Railway apenas dois anos antes. No entanto, o telégrafo de Cooke e Wheatstone usava agulhas móveis para apontar para um quadro predefinido de símbolos, que não oferecia nem de longe o alcance de comunicação que o telégrafo mais simples e baseado em cliques de Morse proporcionava.

* Num acto de incrível generosidade académica, permitiram que este sistema melhorado também fosse referido como Código Morse.

* Uma lista de ofensas cometidas por alunos de graduação de Babel no passado incluía intoxicação pública, brigas, brigas de galos e adição intencional de vulgaridades a um recital da graça latina antes do jantar no salão.

* O caracter é composto por dois radicais : e .

* Ramy estava, embora não soubesse disso, no centro de um debate entre os orientalistas, incluindo Sir Horace Wilson, que defendia o ensino de sânscrito e árabe para estudantes indianos, e os anglicistas, incluindo o Sr. Trevelyan, que acreditava que os estudantes indianos de promessa deveria ser ensinada em inglês.

Este debate cairia firmemente do lado dos anglicistas, melhor representados pelo infame 'Minuto sobre Educação' de Lord Thomas Macaulay, de Fevereiro de 1835: 'Devemos neste momento fazer o nosso melhor para formar uma classe que possa ser intérprete entre nós e os milhões que nós governamos – uma classe de pessoas indianas no sangue e na cor, mas inglesas nos gostos, nas opiniões, na moral e no intelecto.'

* A eleição de Wilson para este cargo levantou uma certa controvérsia. Ele estava em uma competição acirrada com o reverendo WH Mill para a eleição, e

os apoiadores do reverendo Mill espalharam o boato de que Wilson não tinha caráter suficiente para o cargo, pois tinha oito filhos ilegítimos. Os apoiadores de Wilson o defenderam alegando que, na verdade, ele tinha apenas dois.

* 'Adeus; que Deus seja seu protetor.

* A proliferação das ferrovias britânicas aconteceu muito rapidamente após a invenção das máquinas a vapor movidas a prata. A linha de 56 quilômetros de Liverpool a Manchester, construída em 1830, foi a primeira ferrovia construída para uso geral, e quase 11 mil quilômetros de trilhos foram instalados em toda a Inglaterra desde então. A linha de Oxford a Londres teria sido construída muito mais cedo, mas os professores de Oxford atrasaram-na durante quase quatro anos, alegando que um acesso tão fácil às tentações da capital causaria estragos morais nos jovens e ingénuos cavalheiros deixados aos seus cuidados. E por causa do barulho.

* Baynes acabou colocando um canhão em frente à Fábrica Inglesa para impedir que os chineses prendessem sua esposa, e tudo foi muito emocionante durante duas semanas, até que a senhora foi finalmente persuadida pacificamente a partir.

* Esta sociedade, fundada em Novembro de 1834, foi criada com o objectivo de induzir o Império Qing a tornar-se mais aberto aos comerciantes e missionários ocidentais através da utilização de “artilharia intelectual”. Foi inspirado pela Sociedade de Londres, que generosamente elevou os pobres e dissuadiu o radicalismo político através do dom da educação.

* O reverendo Gützlaff costumava ser conhecido pelo nome de Ai Han Zhe, que se traduz como “Aquele que ama os chineses”. Esse apelido não era irônico; Gützlaff realmente se via como o defensor do povo chinês, a quem se referia na correspondência como um povo gentil, amigável, aberto e intelectualmente curioso que, infelizmente, estava sob o

“escravo de Satanás”. O facto de ele ter conseguido conciliar esta atitude com o seu apoio ao comércio de ópio continua a ser uma contradição interessante.

* sim .

* , *qīngtian* ; *qīng* significa 'claro', *tiān* significa 'os céus ou céus'.

* *G uǐ* () pode significar 'fantasma' ou 'demônio'; neste contexto, é mais comumente traduzido como 'diabo estrangeiro'.

* Isso era verdade, embora Ramy tenha feito isso apenas porque de outra forma não teria permissão para se matricular.

A religião sempre foi um ponto de discórdia entre os quatro. Embora todos fossem obrigados pelo colégio a assistir aos cultos dominicais, apenas Letty e Victoire o fizeram de boa vontade; Ramy, é claro, ressentiu-se a cada minuto, e Robin foi criado pelo professor Lovell para ser um ateu devoto. “O cristianismo é bárbaro”, opinou o professor Lovell. “É tudo autoflagelação, repressão declarada e rituais sangrentos e supersticiosos como forma de fazer o que se quer. Vá à igreja, se eles obrigarem você, mas aproveite a oportunidade para praticar suas recitações em voz baixa.

* Horace, sobre a educação dos jovens para afastar a corrupção. 'Um barril reterá por muito tempo o sabor daquilo com que foi enchido pela primeira vez.'

* Do latim *rabere* : 'delirar, ficar louco'.

* .

* Aqui Letty estava se referindo ao estabelecimento de sociedades humanitárias para a proteção dos povos indígenas nos territórios britânicos, como os autores evangélicos do 'Relatório do Comitê Seleto Parlamentar sobre Tribos Aborígenes'

de 1837, que, embora reconhecendo a presença britânica, foi um 'fonte de muitas calamidades para nações incivilizadas', recomendou a expansão contínua da colonização branca e a disseminação de missionários britânicos na Austrália e na Nova Zelândia em nome de uma sagrada 'missão civilizadora'. Os aborígenes, argumentavam eles, não sofreriam tanto se aprendessem a vestir-se, falar e comportar-se como cristãos adequados. A grande contradição, claro, é que não existe colonização humana. A contribuição de Babel para tal missão, entretanto, foi fornecer materiais de ensino de inglês às escolas missionárias e traduzir as leis de propriedade inglesas para os povos deslocados pelos assentamentos coloniais.

* Esta é uma grande mentira, e na qual os britânicos brancos ficam felizes em acreditar. Apesar do seguinte argumento de Victoire, a escravidão continuou na

Índia sob a Companhia das Índias Orientais por muito tempo depois. Na verdade, a escravatura na Índia estava especificamente isenta da Lei de Emancipação dos Escravos de 1833. Apesar da crença dos primeiros abolicionistas de que a Índia, sob o EIC, era um país de trabalho livre, o EIC foi cúmplice, lucrou directamente e, em muitos casos, encorajou uma série de de tipos de servidão, incluindo trabalho forçado nas plantações, trabalho doméstico e servidão contratada. A recusa em chamar tais práticas de escravidão simplesmente porque não correspondiam precisamente ao modelo de escravidão das plantações transatlânticas foi um ato profundo de cegueira semântica.

Mas, afinal de contas, os britânicos eram surpreendentemente bons a manter as contradições na cabeça. Sir William Jones, um abolicionista virulento, ao mesmo tempo admitiu sobre sua própria família: 'Tenho escravos que resgatei da morte e da miséria, mas os considero como servos.'

* Os pobres germanistas sempre perdiam para os linguistas românicos nessas disputas verbais, pois tinham de lidar com o fato de ouvirem as palavras de seu próprio rei Frederico II da Prússia, atiradas contra eles. Frederick ficou tão intimidado pelo domínio literário do francês que escreveu em 1780 um ensaio, em francês, criticando seu alemão nativo por soar meio bárbaro, pouco refinado e desagradável ao ouvido. Ele então propôs melhorar o som do alemão adicionando *-a* como sílaba final a uma grande quantidade de verbos para fazê-los soar mais italianos.

* *Gora* – 'branco, pálido', em referência à cor da pele. *Sahib* – uma saudação de respeito. Somado, com o tom certo de sarcasmo e veemência, significa algo completamente diferente. Não devemos esquecer que, embora Jones professasse um grande amor e admiração pelas línguas indianas ao longo da sua carreira, inicialmente voltou as suas atenções académicas para o sânscrito porque suspeitava que os tradutores indígenas eram desonestos e pouco fiáveis.

* Outros projetos incluídos, entre outros:

1. Uma análise comparativa da quantidade de notas de rodapé adicionadas às traduções de textos europeus versus textos não europeus. Os textos não europeus, descobriu Griffin, tendiam a ser carregados com uma quantidade surpreendente de contexto explicativo, no sentido de que o texto nunca era lido como uma obra por si só, mas sempre através das lentes guiadas do (branco, europeu) tradutor.

2. Uma investigação sobre o potencial prateador de palavras originadas em cants e criptoletos.

3. Planos para o roubo e posterior retorno da Pedra de Roseta ao Egito.

* A Sociedade Hermes também tinha ligações com centros de tradução em universidades americanas, mas estes eram ainda mais repressivos e perigosos do que Oxford. Por um lado, foram fundadas por proprietários de escravos, construídas e mantidas com trabalho escravo, e as suas dotações foram sustentadas pelo comércio de escravos. Por outro lado, estas universidades americanas, desde a sua fundação, estavam preocupadas com o projeto de evangelizar, erradicar e apagar os nativos; o Indian College, fundado em 1655 na Universidade de Harvard, prometia mensalidades e moradia gratuitas para estudantes nativos que, por sua vez, eram obrigados a falar apenas latim e grego, converter-se ao cristianismo e assimilar-se à sociedade branca ou retornar às suas aldeias para evangelizar a cultura inglesa e religião. Um programa semelhante no College of William and Mary foi descrito pelo seu presidente, Lyon G. Tyler, como uma prisão onde as crianças nativas “serviam como reféns pelo bom comportamento do resto”.

* Isto é verdade. *Nice* chega até nós por meio do francês antigo *nice* ('fraco, desajeitado, bobo'), do latim *nescius* ('ignorante, sem saber').

* Thomas Love Peacock, ensaísta, poeta e amigo de Percy Bysshe Shelley, também teve uma longa carreira na Índia como funcionário da Companhia das Índias Orientais. Ele foi, naquele ano, o examinador-chefe da correspondência indiana.

* Significa o tropo ou linha de argumento favorita de alguém.

* Esta não é uma citação do Livro do Gênesis, que relata a dispersão das línguas em Babel em termos muito mais moderados. É antes do Terceiro Apocalipse de Baruch, falsamente atribuído ao escriba Baruch ben Neriah. Griffin, num acesso de desilusão, prosseguiu brevemente com um projeto que recontava várias versões da queda de Babel.

*.

*.

* Ele nunca saberia, por exemplo, que houve um tempo em que Griffin, Sterling, Anthony e Evie se consideravam um grupo tão eternamente ligado quanto o de Robin; ou que Griffin e Sterling brigaram uma vez por causa de Evie, a brilhante e vibrante e brilhante e bela Evie, ou que Griffin realmente não quis dizer isso quando a matou. Em suas narrativas daquela noite, Griffin se apresentou como um assassino calmo e deliberado. Mas a verdade é que, tal como Robin, ele agiu sem pensar, por raiva, por medo, mas não por maldade; ele nem mesmo acreditava que funcionaria, pois Silver respondia apenas esporadicamente ao seu comando, e ele não sabia o que tinha feito até que Evie estava sangrando no chão. Nem ele jamais saberia que Griffin, ao contrário de Robin, não tinha nenhum companheiro em quem se apoiar depois de seu ato, ninguém para ajudá-lo a absorver o choque dessa violência. E então ele engoliu-o, enrolou-se em torno dele, tornou-o parte de si mesmo – e enquanto para outros este poderia ter sido o primeiro passo no caminho para a loucura, Griffin Lovell tinha, em vez disso, reduzido esta capacidade de matar a uma forma afiada e arma necessária.

* Esta barra de prata suplementar é um dos raros pares de inglês antigo para inglês, criado por um estudioso de Hermes, John Fugues, que participou de um projeto na década de 1780 em que os estudiosos se trancavam em um castelo e falavam apenas inglês antigo para um ao outro por três meses. (Essas experiências não foram repetidas desde então, embora não por falta de financiamento; Babel simplesmente não conseguiu encontrar voluntários dispostos a passar pelo mesmo isolamento extremo, agravado pela incapacidade de se expressar adequadamente aos outros.) O inglês antigo *bēacen* refere-se a audível sinais, presságios e sinais – em vez do significado bastante plano do inglês, que se refere apenas a um grande sinal de fogo.

* .

* Essa lacuna foi, na verdade, deliberada. Em seus primeiros dias, a torre atacava violentamente tanto os que entravam quanto os que fugiam, mas as medidas eram imprecisas e o número de mutilações injustas aumentou até que o governo da cidade insistiu que deveria haver algum tipo de devido processo. A resposta do professor Playfair foi pegar os ladrões apenas na partida, quando as evidências incriminatórias estariam em seus bolsos ou espalhadas pelas pedras do calçamento ao seu redor.

* Esta decisão foi motivo de debate acirrado entre Robin e Victoire. Robin queria manter todos os estudiosos como reféns; Victoire, em vez disso,

apresentou o argumento convincente de que várias dezenas de acadêmicos eram muito mais propensos a aceitar serem forçados a sair de um prédio sob a mira de uma arma do que ficarem presos em um porão por semanas a fio, sem ter onde tomar banho, lavar roupa ou cagar.

* A palavra *greve* , em relação ao trabalho, originalmente tinha a conotação de submissão. Os navios largavam ou atacavam suas velas ao se renderem às forças inimigas ou saudarem seus superiores. Mas quando os marinheiros, em 1768, levantaram as velas em protesto para exigir melhores salários, transformaram *a greve* de um acto de submissão num acto estratégico de violência; ao suspenderem o seu trabalho, provaram que eram de facto indispensáveis.

* O verbo (*bhintte*) faz uso da raiz sânscrita (*bhid*), que significa 'quebrar, perfurar, golpear ou destruir'. tem uma variedade de significados, incluindo 'fraturar, distrair, dissolver e desunir'.

* O professor Craft tirou o sangue de Robin e Victoire e recolocou seus frascos na parede; eles estavam agora tão livres para entrar e sair da torre como sempre.

* As táticas de revolta se espalharam rapidamente. Os trabalhadores têxteis britânicos aprenderam essas técnicas de barricada nas revoltas de Canut de 1831 e 1834, levadas a cabo pelos trabalhadores da seda em Lyon. Essas revoltas foram brutalmente reprimidas – mas, o que é crucial, não mantiveram como refém a espinha dorsal de toda a nação.

* Se esta competência organizacional nos parece surpreendente, lembremo-nos de que tanto Babel como o governo britânico cometeram um grande erro ao presumir que todos os movimentos antiprata do século eram motins espontâneos levados a cabo por pessoas sem instrução e descontentes. Por exemplo, os luditas, tão difamados como destruidores de máquinas tementes à tecnologia, eram um movimento insurreccional altamente sofisticado, composto por grupos pequenos e bem disciplinados que usavam disfarces e palavras de ordem, angariavam fundos e reuniam armas, aterrorizavam os seus oponentes e executavam bem -ataques planejados e direcionados. (E, embora seja verdade que o movimento ludita acabou por fracassar, foi só depois de o Parlamento ter mobilizado doze mil soldados para o reprimir – mais soldados do que os que lutaram na Guerra Peninsular.) Foi este nível de treino e profissionalismo que os homens de Abel levado à greve de Babel.

* *Barricada* vem do espanhol *barrica* , que significa 'barril', o alicerce básico das primeiras barricadas. Além de seu significado histórico, os barris eram um bom material para barricadas por vários motivos: eram fáceis de transportar, fáceis de encher com areia ou pedras e fáceis de empilhar de maneira que deixavam vigias para os atiradores posicionados atrás deles.

* Crucialmente, tudo que funcionava com energia a vapor estava com problemas. Descobriu-se que o professor Lovell fez a maior parte da sua fortuna transformando a energia a vapor, de uma tecnologia exigente e complicada, numa fonte fiável de energia que abastecia quase toda a frota britânica. Na verdade, sua grande inovação foi bastante simples: em chinês, o caractere para *vapor* era (*qì*), que também trazia conotações de espírito e energia. Quando instalado nos motores concebidos por Richard Trevithick algumas décadas antes, produziu uma quantidade chocante de energia por uma fração do custo do carvão. (Os pesquisadores da década de 1830 exploraram as aplicações desse par no transporte aéreo, mas não foram muito longe, pois os balões continuavam explodindo ou disparando para a estratosfera.) Esta única invenção, argumentaram alguns, explicou a vitória da Grã-Bretanha em Trafalgar. Agora toda a Inglaterra funcionava a todo vapor. As locomotivas a vapor substituíram muitos veículos puxados por cavalos; os navios com motor a vapor deslocaram principalmente as velas. Mas a Grã-Bretanha tinha, de facto, muito poucos tradutores chineses e, com excepção de Robin e do professor Chakravarti, todos os outros tradutores estavam, inutilmente, mortos ou no estrangeiro.

Sem manutenção programada, a energia a vapor não deixaria de funcionar inteiramente, mas perderia a sua potência única; é uma eficiência incrível que coloca os navios britânicos em uma categoria acima de qualquer coisa que as frotas americana ou espanhola pudessem alcançar.

* O alfabeto de Baresch utilizado nas hastes de ressonância, por exemplo, não é estritamente necessário ao seu funcionamento; foi criado por estudiosos de Babel apenas para que sua tecnologia de ressonância proprietária permanecesse inescrutável para estranhos. É surpreendente, na verdade, quanto da percepção da escassez de recursos no meio académico é construída artificialmente.

* Abel trouxe para eles uma série de atualizações horríveis. No Cherwell, uma casa-barco colidiu com uma barcaça de transporte quando os sistemas de navegação de ambas falharam, causando um engavetamento fumegante no meio do rio.

Três pessoas morreram, presas em cabines submersas. Em Jericó, uma criança de quatro anos foi esmagada pelas rodas de uma carruagem que ficou descontrolada. Em Kensington, uma menina de dezessete anos e seu amante foram enterrados vivos quando as ruínas da torre de uma igreja desabaram sobre eles durante um encontro à meia-noite.

* Numa quarta-feira, duas carroças colidiram, uma delas carregada com barris de aguardente fina. Quando a fumaça doce vazou para a rua, uma pequena multidão de transeuntes correu para pegar o conhaque com as mãos, e foi tudo muito divertido até que um homem com um cachimbo aceso entrou na briga, transformando a rua em um incêndio. de pessoas, cavalos e barris explodindo.

* Os jornais sempre se referiram aos grevistas como estrangeiros; como chineses, indianos, árabes e africanos. (Não importa o professor Craft.) Eles nunca foram oxfordianos, nunca foram ingleses, eram viajantes estrangeiros que se aproveitaram das boas graças de Oxford e que agora mantinham a nação como refém. *Babel* tornou-se sinônimo de *estrangeiro* , e isso era muito estranho, porque antes disso, o Royal Institute of Translation sempre foi considerado um tesouro nacional, uma instituição essencialmente inglesa.

Mas a Inglaterra e a língua inglesa sempre tiveram mais dívidas com os pobres, os humildes e os estrangeiros do que gostariam de admitir. A palavra *vernáculo* veio do latim *verna* , que significa 'escravo doméstico'; isso enfatizou a natureza nativa, a domesticidade da língua vernácula. Mas a raiz *verna* também indicava as origens humildes da língua falada pelos poderosos; os termos e frases inventados por escravos, trabalhadores, mendigos e criminosos – os palavrões vulgares, por assim dizer – infiltraram-se no inglês até se tornarem apropriados. E o vernáculo inglês também não poderia ser chamado de doméstico, porque a etimologia inglesa tinha raízes em todo o mundo. *Almanaques* e *álgebra* vieram do árabe; *pijamas* em sânscrito, *ketchup* em chinês e *arroz* em malaio. Foi somente quando o modo de vida da elite inglesa foi ameaçado que os verdadeiros ingleses, quem quer que fossem, tentaram extirpar tudo o que os havia criado.

* 'Deixe-os odiar, desde que temam.'

* Mas isso fazia parte da genialidade de Babel. Ao mantê-los isolados, ao distraí-los com cursos para que nunca tivessem a oportunidade de formar laços fora do seu grupo, isso cortou todos os caminhos para uma solidariedade

significativa, fez-os acreditar durante tanto tempo que eram os únicos apanhados na sua rede específica.

*

London was sleeping when the bridge fell. London was still and unaware; was as Wordsworth wrote, 'all bright and glittering in the smokeless air'; was wearing like a garment 'the beauty of the morning; silent, bare'.

Later, Oxford residents would claim that they, too, knew the moment that Westminster Bridge had fallen – this despite the cities being over a hundred miles apart, and there being no building tall enough to see London from that distance. Regardless, dozens of witnesses claimed – perhaps due to group hallucination, or perhaps an invisible effect of the resonance rods – that they heard it breaking before it collapsed.

'It was this terrible feeling that gnawed at your gut,' said Professor Harrison Lewis, Merton College, Natural Philosophy. 'The most intense dread. You knew something was about to happen, and you only later learned what.'

Eyewitness accounts from London herself described it as a great rumbling.

'Like the stones were screaming,' said Mrs Sarah Harris, washerwoman. 'They seemed to be telling you to get away, and Heaven knows I listened.'

This was a city used to bridges falling into disrepair, mind. London Bridge had become unusable at least thrice in her history – once by ice, and many times by fire. But London Bridge, despite the songs, had only ever partially collapsed. It had never fallen plumb into the water.

Westminster Bridge did.

'It was so very clean,' said Mr Monks Creedy, chimney sweep. 'One

moment it was in the air. And then it wasn't.'

It did not fall without warning. Eyewitnesses reported that the stones grumbled for twenty minutes before, and this gave most pedestrians time to flee to either end. Two steamships were crossing beneath when the rumbling began, and both tried to clear the bridge – one by reversing, and the other by accelerating ahead. The result was a traffic pile-up that trapped both ships, and many other boats, right beneath the bridge.

'It was like Jericho when the walls came down,' said Mr Martin Green Esq., solicitor. 'It was so neat. Like it all fell at the call of some invisible trumpet.'

The human toll remains under debate, for there is the uncertain number of pedestrians on the bridge at the moment of collapse (at least sixty-three, including one MP who had in fact been against the war), the victims on the ships below, and those who died in the river accidents that followed.

'I saw a lady yelling by the bank,' said Mrs Sue Sweet, housekeeper. 'She was screaming for this houseboat to come and fetch her. Only the houseboat was too far away, and by the time she thought to run, the stones were upon her.'

When asked if she thought the fall of Westminster Bridge might advance the translators' cause, Mrs Sweet said, 'No. I don't think they did this. No man could do this. Something like this could only be an act of God.

* O Massacre de Peterloo de 1819, cujo maior efeito imediato foi provocar uma repressão governamental às organizações radicais. A cavalaria atacou uma multidão que agitava pela representação parlamentar, esmagando homens, mulheres e crianças sob os seus cascos. Onze morreram.

* 'Armado com teu triste último presente - o poder de morrer! / Tuas flechas, severa fortuna, agora posso desafiar.'

(Thomas Day e John Bicknell, 1775)

* No romance romântico *Oroonoko de 1688 (da inglesa branca) Aphra Behn* , o príncipe africano Oroonoko mata sua amante Imoinda para salvá-la de ser violada pelas forças militares inglesas contra as quais estão se revoltando. Oroonoko é posteriormente capturado, amarrado a um poste, esquartejado e desmembrado. *Oroonoko* , e sua adaptação teatral de Thomas Southerne, foram recebidos na época como um grande romance.

* 'Com uma mão ele abrirá um caminho para a liberdade.'

* 'Assim, assim ajuda ir além das sombras.'

Document Outline

- Índice
- Livro eu
  - Capítulo um
  - Capítulo dois
  - Capítulo três
  - Capítulo quatro
- Livro II
  - Capítulo Cinco
  - Capítulo Seis
  - Capítulo Sete
  - Capítulo Oito
  - Capítulo Nove
  - Capítulo Dez
  - Capítulo Onze
  - Capítulo Doze
- Livro III
  - Capítulo Treze
  - Capítulo Quatorze
  - Capítulo Quinze
  - Interlúdio
  - Capítulo Dezesseis
  - Capítulo Dezessete
  - Capítulo Dezoito
- Livro IV
  - Capítulo Dezenove
  - Capítulo Vinte
  - Capítulo Vinte e Um
  - Capítulo Vinte e Dois
  - Capítulo Vinte e Três
  - Capítulo Vinte e Quatro
  - Capítulo Vinte e Cinco
- Livro V
  - Interlúdio
  - Capítulo Vinte e Seis

- Capítulo Vinte e Sete
- Capítulo Vinte e Oito
- Capítulo Vinte e Nove
- Capítulo Trinta
- Capítulo Trinta e Um
- Capítulo Trinta e Dois
- Capítulo Trinta e Três